



Universidade de Brasília
Programa de Pós-Graduação em História

**(RE)CANTO DE MEMÓRIAS:
histórias do Recanto das Emas e suas moradoras (1993-2017)**

Jorge Artur Caetano Lopes dos Santos

BRASÍLIA

2018



Universidade de Brasília
Programa de Pós-Graduação em História

Jorge Artur Caetano Lopes dos Santos

**(RE)CANTO DE MEMÓRIAS: histórias do Recanto das Emas e suas moradoras
(1993-2017)**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília (PPGHIS/UnB), como requisito parcial para obtenção do título de doutor em História.

Área de Concentração: Sociedade, Cultura e Política
Linha de Pesquisa: História Cultural, Memórias e Identidades

Orientadora: Profa. Dra. Diva do Couto Gontijo Muniz

BRASÍLIA
2018

SANTOS, Jorge Artur Caetano Lopes do.

(RE)CANTO DE MEMÓRIAS: histórias do Recanto das Emas e suas moradoras (1993-2017) / Jorge Artur Caetano Lopes do Santos – 2018.

570 folhas.

Orientadora: Profa. Dra. Diva do Couto Gontijo Muniz

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília (PPGHIS-UnB), 2018.

1. História - Cidade; 2. Ensino de História; 3. Memória, Espacialidade, História urbana.

Jorge Artur Caetano Lopes dos Santos

**(RE)CANTO DE MEMÓRIAS: histórias do Recanto das Emas e suas moradoras
(1970-2005)**

Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em História, nível doutorado, do Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília (UnB). Aprovado em: 09 de março de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Diva do Couto Gontijo Muniz (UnB)
Presidente

Dr. Daniel Barbosa Andrade de Faria (UnB)
(Membro Examinador)

Dra. Elane Ribeiro Peixoto (UnB)
(Membro Examinador)

Dra. Viviane Gomes de Ceballos (UFCG)
(Membro Examinador)

Dra. Eloisa Pereira Barroso (UnB)
(Suplente)

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Dra. Diva do Couto Gontijo Muniz, pelas infindáveis aprendizagens, diálogos e problematizações instigadas não só na orientação da presente tese, mas também ao longo de todos esses anos de convivência desde a minha graduação em História. Uma mestra que inspirou muito do professor que sou e ainda desejo ser.

Ao Prof. Dr. Daniel Faria e à Prof. Dra. Elane Peixoto, pelos ensinamentos em sala de aula, pelos diálogos que me permitiram repensar as possibilidades das histórias e das cidades. Por acompanharem uma parte do desenvolvimento de minha pesquisa e por aceitarem integrar essa banca examinadora

Às professoras Dra. Viviane Ceballos e Dra. Eloísa Barroso, por aceitarem o convite para integrarem essa banca examinadora.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História, por tantos debates instigantes para a reflexão crítica e atenta à diversidade dos sujeitos.

À professora Dra. Cléria Botelho da Costa, que me fez repensar a memória, tendo contribuído para minha formação desde a primeira disciplina de Introdução aos Estudos da História. Saudades eternas.

Às avós entrevistadas, por me receberem em suas casas e compartilharem comigo as narrativas de suas histórias de vida e da cidade do Recanto das Emas.

Às alunas e alunos do CEF 308, que me ensinaram tanto quanto aprenderam comigo, em especial, às educandas Sarah Sousa e Luana Alves, hoje alunas da UnB, que realizaram a leitura e análise dessa tese para discutí-la comigo.

À direção da escola e à equipe de professores e demais funcionários, por contribuírem com minha atuação pedagógica e acreditarem nos projetos desenvolvidos em nossa escola.

À comunidade escolar de pais e familiares das alunas e alunos, por apoiarem a busca por uma escola articulada e articuladora da história local.

À minha esposa Débora Pompeu Martins, pelo amor sem fim, pela parceria, pelos nossos filhos Ana e João e pela paciência inigualável.

À minha mãe Maria do Rosário Caetano, por semear em mim a paixão por contar histórias.

Ao meu pai Hélio Lopes dos Santos, por ter me ensinado a fazer tudo com amor. Falar em saudade não dá conta de expressar tanta falta.

À minha avó Hilda Lopes dos Santos, por ter sido tudo aquilo que um neto poderia sonhar de uma avó.

Aos meus avós Mariana Cruvinel, Geraldo Figueiredo e Valdemar dos Santos, pelo amor e cuidados.

Aos amigos Thiago Perpétuo e Ivana Cavalcante, pela companhia e diálogo, pelas leituras, cervejas e tragos.

Ao amigo Martiniano Neto, pela revisão técnica e leitura atenta da presente tese.

À Secretaria de Educação do Distrito Federal, pela licença remunerada para estudos garantida pelo plano de carreira do magistério do DF.

Viver é melhor que sonhar
Eu sei que o amor é uma coisa boa
Mas também sei que qualquer canto
É menor do que a vida de qualquer pessoa
Belchior, Como Nossos Pais

RESUMO

Estudar a cidade do Recanto das Emas e contar histórias desse espaço, em diálogo com a memória de suas moradoras é objetivo da presente pesquisa. Tal objetivo surgiu da prática de ensino-aprendizagem de história em escola da cidade, bem como envolve e transforma essa prática. Trato das análises e reflexões sobre os trabalhos escolares das alunas e alunos, que entrevistaram suas avós, e das narrativas memorialísticas autobiográficas das mesmas. Dessa forma, dar a ver e a ler a cidade do Recanto das Emas, as inúmeras possibilidades de repensá-la e narrá-la entre alguns eixos temáticos estruturantes do que foi contado. São possibilidades para escrever uma história do Recanto das Emas a partir das narrativas de algumas de suas moradoras, suas netas e netos, enfim, de pessoas que conferem sentido a esse espaço em suas experiências cotidianas.

Palavras-chave: Cidade, Ensino de história, Memória, Espacialidade, História urbana.

ABSTRACT

Studying the city of Recanto das Emas (Brazil, city in the region of Brasília D.C.) and telling stories of this space, in dialogue with the memory of its residents: it is the objective of this research. This objective arose from my teaching-learning practice of history in a school of this city, as well as involving and transforming this practice. It is done a treatment of the school paperworks of some students, who interviewed their grandmothers, and also of the written autobiographical memorialistic narratives of the same students, narratives based upon the grandmother's interviews. In this way, we can see and read the city of Recanto das Emas in the innumerable possibilities, in the way we can rethink and narrate it among some structuring thematics. They are possibilities to write a story of Recanto das Emas from the narratives of some of its inhabitants and their grandchildren or, in short, from people who give meaning to this space in their daily experiences.

Keywords: City, History teaching, Memory, Espaciality, Urban history.

SUMÁRIO

Introdução	11
Capítulo 1 - História e memória: tensões, diálogos e possibilidades para contar a cidade.....	20
Capítulo 2 - Um centro de ensino que é fundamental: histórias e memórias de avós... 65	
Capítulo 3 - Recanto de Brasília: cidades.....	102
Cidade-satélite do DF.....	104
Espaço de morar.....	139
Expectativas.....	174
Violência.....	182
Ser tão periferia.....	203
Espaço político.....	216
(Re)Canto de memórias.....	236
Capítulo 4 - De vagar pelo Recanto: espacialidade.....	243
Escolas públicas.....	245
Supermercados.....	265
Hospital.....	268
Cima/baixo.....	276
As emas.....	285
Ruas.....	292
Considerações finais	301
Referências bibliográficas	308
Anexo 1 - Entrevistas	
Maria Eustáquia	330
Dasdores.....	349
Maria João.....	371
Maria Joana.....	392
Maria Alcinda.....	414
Maria das Benções.....	447
Ana.....	465
Arlete.....	490
Maria Cândida.....	516
Antônio.....	542

INTRODUÇÃO

É. Eles aqui são testemunhas também, eu contei, eu conto, às vezes, eu conto, não a minha história toda, que nem a minha filha não sabe da minha vida, minha história ainda toda, como que, o que eu passei na vida, nem ela, nem minhas irmãs, né.
Arlete, moradora do Recanto das Emas, 2016.

Ora, o que os intelectuais descobriram recentemente é que as massas não necessitam deles pra saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas o dizem muito bem. Mas existe um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber. Poder que não se encontra somente nas instâncias superiores da censura, mas que penetra muito profundamente, muito sutilmente em toda a trama da sociedade. Os próprios intelectuais fazem parte deste sistema de poder, a ideia de que eles são agentes da "consciência" e do discurso também faz parte desse sistema. O papel do intelectual não é mais o de se colocar "um pouco na frente ou um pouco de lado" para dizer a muda verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento: na ordem do saber, da "verdade", da "consciência", do discurso.
Michel Foucault, *Microfísica do Poder*, p. 71.

Estudar a cidade do Recanto das Emas em diálogo com a memória de suas moradoras foi um trabalho escolhido por mim, que se misturou com minha prática de professor de história em duas escolas dessa cidade, desde meu ingresso na Secretaria de Educação do Distrito Federal (SE-DF), em 09 de fevereiro de 2009. Estudo, esse, pautado em um trabalho de pesquisa cujos resultados são apresentados sob a forma de uma narrativa historiográfica. Nela, procuro dar a ver e a ler o Recanto das Emas¹, atento às articulações entre escola e cidade. Trata-se de uma escrita da história atravessada pelo meu lugar de fala, pela minha prática em sala de aula, especialmente, no Centro de Ensino Fundamental 308² do Recanto das Emas ao longo de seis anos.

¹ Ao fazer uso da expressão "dar a ver e a ler", pretendo conferir visibilidade e dizibilidade, ou seja, inteligibilidade historiográfica, aquilo que comunica, aos objetos e sujeitos aqui abordados, bem como às suas visões e leituras do mundo.

² O antigo Centro de Ensino Fundamental 308 (CEF 308) localiza-se na quadra 308 do Recanto das Emas e compõe a Coordenação Regional de Ensino do Recanto das Emas, uma das 14 coordenações regionais que formam a SE-DF e que conta com um total de vinte e três escolas para educação infantil, ensinos fundamental e médio, em turnos matutino, vespertino e, em alguns casos, noturno. A escola recebia alunos de todos os anos do ensino fundamental até 2011, passando a atender apenas os anos finais (6o ao 9o ano) a partir de 2012. Em 2016, tornou-se Centro Educacional (CED 308) para poder receber turmas de ensino médio. Mesmo assim, manterei a denominação de CEF 308, por ser o modo que a Escola é denominada tanto nas entrevistas com as moradoras quanto nos trabalhos escolares das estudantes. A Escola atende um público de cerca de mil estudantes por ano, distribuídos em quinze turmas no período matutino e quinze turmas no período vespertino, não tendo mais ensino noturno desde 2013. Leciono nessa Escola desde 2010, tendo ingressado por concurso público na SE-DF, em 09 de fevereiro de 2009, para lecionar no CEM 111.

Nessa escola da rede pública, educandas e educandos foram convidados a pensar e a construir as relações entre história e memória nas atividades práticas da disciplina história, traduzidas em um projeto desenvolvido por mim, incluso no Projeto Político Pedagógico³ (PPP) da Escola. As alunas e alunos da disciplina, na condição de netas e netos, entrevistaram suas avós⁴, entrando, assim, em contato com as narrativas memorialísticas autobiográficas, material a partir do qual produziram um trabalho escolar sobre a experiência. Nesse exercício, deparam-se com a cidade. Entre as várias cidades que (re)compõem a cidade do Recanto das Emas, inúmeras possibilidades emergiram para repensá-la e narrá-la na execução da tarefa proposta. Além disso, esse material produzido pelas alunas e alunos foi também um dos aportes empíricos que utilizei para escrever histórias do Recanto das Emas. A partir das narrativas de algumas de suas moradoras, suas netas e netos, enfim, as pessoas que conferem sentido ao espaço vivido cotidianamente, eu construí minha narrativa sobre a cidade.

Meu objetivo, a partir da análise de mil quinhentos e quarenta e nove trabalhos, foi o de tecer, por meio do diálogo atento, histórias do Recanto das Emas em sala de aula, que extrapolavam os limites desse espaço. Assim sendo, foram realizadas por mim dez entrevistas com as avós selecionadas e que se dispuseram a participar⁵. As entrevistas foram realizadas de acordo com o método de história oral. Em sintonia com Verena Alberti, entendo que a história oral tem o grande mérito de “ser um terreno

³ Segundo os Cadernos da Escola Candanga, documento produzido pela Fundação Educacional do Distrito Federal (FE-DF), "a elaboração do Projeto Político Pedagógico constitui-se num elemento orientador cujos objetivos são assumidos, coletivamente, pela comunidade escolar em cada unidade de ensino. (...) Defendemos que é importante existir, nas escolas, um espaço no qual a discussão, a reflexão e a problematização da prática pedagógica resultem na construção de um projeto verdadeiramente coletivo da ação docente e que tenha como consequência a sua avaliação e constante atualização numa perspectiva transformadora" (Fundação Educacional do Distrito Federal. Departamento de Pedagogia. *Projeto político pedagógico da escola candanga*. Brasília: FE-DF, 1997: 23). Um projeto verdadeiramente orientado por esses objetivos deve, portanto, ser articulado no espaço escolar em diálogo com os sujeitos do processo de ensino-aprendizagem da comunidade escolar. A conquista do direito de elaborar seu próprio PPP deveria ser uma das grandes conquistas das escolas permitidas pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB), pois como destaca Alcir Caria, "a possibilidade de a escola assumir a condição de núcleo gestor responsável pelo seu próprio projeto e revelar níveis mais consistentes de autonomia administrativa, política e pedagógica, foi legitimada pela atual LDB" (CARIA, Alcir de Souza. *Projeto político-pedagógico em busca de novos sentidos*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2011: 27). É o mesmo que indica José Mário Azanha, para quem "a Lei nº 9.394/96 representa um extraordinário progresso, já que pela primeira vez autonomia escolar e projeto pedagógico aparecem vinculados num texto legal." (AZANHA, José Mário. "Proposta pedagógica e autonomia da escola". In: *Cadernos de História e Filosofia da Educação*, v. II, n. 4. São Paulo, 1998: 14).

⁴ Ao longo desse obra, todas as concordâncias serão feitas no feminino, mesmo que as regras da gramática normativa da língua portuguesa indiquem o contrário, conforme será melhor desenvolvido no segundo capítulo, ver p. 68.

⁵ Foram nove avós e dois avôs que participaram do conjunto das dez entrevistas conforme será melhor explicitado nos capítulos seguintes, bem como a razão de manter as concordâncias linguísticas no feminino.

propício para o estudo da subjetividade e das representações do passado tomados como dados objetivos, capazes de incidir (de agir, portanto) sobre a realidade e sobre o nosso entendimento do passado” (ALBERTI, 2004: 42). Talvez dados objetiváveis seja um termo melhor do que objetivos, lembrando que o esforço crítico com as fontes torna os dados orais controláveis e mensuráveis. Esse entendimento da história oral como metodologia – e não como uma disciplina – também é proposto por Marieta Ferreira e Janaína Amado, para quem:

Em nosso entender, a história oral, como todas as metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho – tais como os diversos tipos de entrevista e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho – funcionando como ponte entre teoria e prática (FERREIRA & AMADO, 2006: XVI).

Essas duas autoras estão preocupadas com a prática de pesquisa com história oral, na qual ressaltam a dimensão metodológica de suas técnicas e procedimentos. Entretanto, para Alice Lang, para além de uma metodologia de pesquisa, é importante destacar que a história oral envolve mais do que técnicas e procedimentos. Essa autora entende que a história oral "compreende também uma postura, na medida em que seu objetivo não se limita à ampliação de conhecimentos e informações sobre o passado, mas visa conhecê-lo através da visão de pessoas que o viveram" (LANG, 2006: 455)⁶. Essa posição, defendida por Lang, sublinha que o conhecimento do passado é operacionalizado a partir da visão, da representação, de quem viveu a experiência, direta ou indiretamente. Como se vê e lê, a autora destaca a especificidade da interação entre entrevistador / pesquisador e quem é entrevistado / testemunha na produção da documentação. Enfim, articulam-se visões de quem viveu e relata a experiência e de quem a recolheu, transformou-a em documento e a analisou.

Entre tantas escolhas necessárias para trabalhar com depoimentos orais e efetuar as transcrições, eu optei por respeitar o ritmo das falas orais mesmo que em alguns momentos, para garantir a fluência, haja um tensionamento da norma ortográfica. Dessa forma, é possível encontrar alguns períodos excessivamente longos ou pausas

⁶ Alguns autores defendem que a postura de quem trabalha com história oral deva ser ainda mais transformadora, como é o caso de José Carlos Meihy, para quem se "buscarmos o sentido social do conhecimento, chegaremos a uma postura, política e até militante, que vê a história oral como um recurso de transformação e não apenas de acesso ao conhecimento. É evidente que a busca do conhecimento como meio de transformação é o objetivo do que estou convencendo chamar de história oral, mas como fim, não como meio" (MEIHY, José Carlos. "Os novos rumos da história oral", In: COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Caminhos da História: coletânea de trabalhos apresentados no Simpósio Internacional Os Rumos da História*. São Paulo: Xamã, 2006: 445). A postura defendida por Meihy fica bastante destacada no conceito de transcrição que será discutido no segundo capítulo, ver p. 85.

abruptas, bem como contrações de palavras, o que não é recomendado por Verena Alberti para quem é mais interessante garantir a correção ortográfica na transcrição (Cf ALBERTI, 2004: 178). Além de me pautar por tal escolha, destaco que apenas identifiquei diretamente os falantes, pelo parentesco, quando há a presença de uma terceira pessoa falante além de entrevistador e entrevistada.

Atento às especificidades da metodologia de história oral, valorizo o diálogo e reconheço as tensões existentes entre documentos orais e escritos. Há em minhas reflexões uma atenção especial na leitura desses documentos orais produzidos a partir das entrevistas com os trabalhos escolares de minhas alunas e alunos, que também foram por elas analisados. Dessa forma, busquei articular as narrativas orais das moradoras do Recanto das Emas com outras narrativas, documentos escritos sobre essa cidade, dentre estes, os Planos Diretores de Ordenamento Territorial (PDOT) do DF, dossiês sobre planejamentos que visam ordenar "a política de desenvolvimento urbano do Distrito Federal e de orientação dos agentes públicos e privados que atuam na produção e gestão das cidades e do território" conforme o artigo 1º da Lei nº 353/98 (DISTRITO FEDERAL, 1998). Além destes, também utilizei um relatório de pesquisa produzido pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN), em 1996, cujo propósito era o de traçar um perfil da população do Recanto das Emas. Somam-se a esses ainda outros documentos oficiais, como decretos, projetos de lei, licitações e outras publicações de órgãos do Governo do Distrito Federal (GDF), todos os quais devidamente citados na bibliografia. Também pesquisei algumas reportagens de periódicos diversos do DF e outros de circulação nacional, além de alguns sítios da internet⁷, no entendimento de que são discursos produzidos sobre cidades do DF.

É fundamental destacar que não tenho por objetivo contar uma história de viés totalizante sobre o Recanto das Emas, pois também tratei de romper com essa visão redutora e limitante das possibilidades de compreender a cidade. Busquei muito mais do

⁷ Os periódicos utilizados na pesquisa foram os jornais Correio Braziliense, Jornal de Brasília, Jornal do Brasil, Folha de São Paulo, Jornal do Comércio (Rio de Janeiro), Jornal do Comércio (Amazonas), Diário do Grande ABC, Carta Capital, A Gazeta do Povo e Jornal do Paranoá. Além destes, também foram utilizadas reportagens de sítios da SE-DF, Coordenação Regional de Ensino - Recanto das Emas (DRE-RE), Controladoria Geral da União (CGU), Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios (TJDFT), Tribunal de Contas do Distrito Federal (TCDF), G1, R7, DF em Destaque, Mais Comunidade, Contas Abertas, Coletivo, Política do Cerrado e Metrôpoles. Foram analisadas também matérias jornalísticas de televisão de programas do DF TV e Bom Dia DF. Por fim, alguns sítios da internet como o Blog do Carlos Honorato (jornalista), Blog do Washington Dourado (professor e sindicalista), Blog da EC 401, perfil do CEF 101 na rede social facebook e uma entrevista da série Gente de Brasília no sítio youtube. Todos os periódicos consultados puderam ser acessados pelo sítio da Biblioteca Nacional Digital Brasil, mantido pela Fundação Biblioteca Nacional ou por meio de pesquisa direta em sítios de busca na internet.

que a materialidade fria do concreto e do ordenamento temporal. Meu objetivo sempre foi aprender as histórias do Recanto das Emas, que envolve atentar para suas dinâmicas, para suas redes sociais, para as múltiplas memórias e histórias em meio às quais a cidade se (re)constrói. Aprender para poder ensinar. Aprender, como Walter Benjamin diz fazer o escritor Franz Hessel, sobre quem ele destaca que:

O segundo capítulo traz o título "Aprendendo", outra das palavras preferidas do autor. A maior parte dos escritores fala de "estudar", quando se aproximam de uma cidade para sobre ela escrever. Há um mundo entre essas duas palavras. Estudar é coisa que qualquer um pode fazer, aprender, só aqueles que estão dispostos a persistir" (BENJAMIN, 2015: 210).

Nesse esforço histórico de aprender sobre o Recanto das Emas, me deixei guiar e perder pelas marcas e sinais (re)construídos por quem vive essa cidade, por suas moradoras e moradores que narram a partir de suas lembranças, de suas histórias de vida, o espaço ao qual conferem sentido. Uma história local, percebida por meio do diálogo aberto com a memória das moradoras da cidade, avós das estudantes, com suas formas de (re)construir a cidade, da apropriação que dela fazem, dos sentidos que lhe conferem em suas vivências e no relembrar dessas vivências. Nesses exercícios de memória acerca de suas histórias de vida encontrei, assim, narrativas de uma cidade que "comporta muitas" (CALVINO, 1990: 84).

No primeiro capítulo, "História e memória: tensões, diálogos e possibilidades para contar a cidade", meu objetivo foi discutir a relação entre história e memória a partir do diálogo com algumas autoras e autores cuja produção tem sido recorrentemente interpelada por quem trata do tema. Nessa produção, há a questão do envolvimento da história e da memória com o esquecimento, que foi fundamental para pensar o Recanto das Emas a partir das narrativas das memórias de algumas de suas moradoras e, também, das biografias produzidas por suas netas e netos em salas de aula de uma escola dessa mesma cidade. Procurei responder a algumas questões que norteiam minha pesquisa: quais cidades do Recanto das Emas circulam nessa relação de aproximação e distanciamento entre história e memória? Como a cidade se relaciona com o esquecimento? Como é (re)construída pelas lembranças narradas?

O esforço por historicizar essa intensa relação demandou considerar duas formas específicas do que "circula como verdade" (FOUCAULT, 2007: 13) sobre a relação entre memória e história, dimensões que se integram aos discursos e práticas das historiadoras e historiadores e ao ensino de história. Destaco duas delas, em especial, que são definidas por Paul Ricoeur como "história da memória e historicização da memória" (RICOEUR, 2012: 403). Sob tal baliza, procurei explicitar as tensões,

diálogos e contradições entre história e memória, considerando as reflexões contidas em três conferências proferidas por historiadoras durante o XXVIII Simpósio Nacional de História (SNH) de 2015, em Florianópolis, realizado pela Associação Nacional de História (ANPUH). Esse exercício crítico possibilitou-me articular as memórias narradas pelas moradoras do Recanto das Emas, bem como seus esquecimentos, com as representações por elas veiculadas sobre o Recanto das Emas.

No segundo capítulo, "Um centro de ensino que é fundamental: histórias e memórias de avós", enfoquei os trabalhos escolares de biografias das avós, que foram produzidos por estudantes do Recanto das Emas e que se relacionam com as entrevistas realizadas por mim com as moradoras da cidade, que eram justamente avós das alunas e alunos. Discuto a importância dos estudos biográficos e de histórias de vida pelas possibilidades que encerram para a formação identitária das pessoas e grupos e seu reconhecimento como sujeitos históricos no tempo.

Ao longo de meus seis anos de trabalho no CEF 308, foram produzidas mil e quinhentas e quarenta e nove biografias de avós entrevistadas pelas suas netas e netos⁸, material que foi por mim utilizado não com sentido de comprovação, mas como possibilidade de enriquecer os diálogos estabelecidos com as narrativas das avós por mim entrevistadas. Foi um diálogo que me permitiu pensar a cidade em constante fluxo, diversidade e movimento, ou seja, que Recanto das Emas é dado a ver e a ler conforme suas moradoras narram suas histórias de vida e suas netas e netos constroem as biografias delas. Em sintonia com as reflexões de Walter Benjamin, busquei perceber as marcas das narrativas que articulam as experiências das avós e das netas e netos (Cf. BENJAMIN, 1985). Essas marcas, como as das mãos do oleiro na argila do vaso, compõem uma rede de significados⁹ capaz de reverberar alguns traços comuns na pluralidade e diversidade

⁸ Tais entrevistas partem de um roteiro de dez perguntas elaboradas por mim e passadas em sala de aula para orientar alunas e alunos no interpelar suas avós e avôs: 1. Onde nasceu? Por que mudou (ou não) de lá? Como era a vida lá? 2. Quando nasceu? Como era a vida naquele tempo? 3. Como foi a infância? Como era ser criança nessa época? 4. Frequentou a escola? Estudou? Por que? 5. Trabalhou de que? De qual trabalho mais gostou? 6. Como foi ter filhos? Como foi ter netos? 7. Como é envelhecer? Os jovens respeitam os mais velhos? Era assim no seu tempo? 8. Que coisas existiam no seu tempo e não existem mais? E quais não existiam e agora existem? 9. O mundo é melhor hoje ou era melhor antigamente? Por que? 10. Conte uma história interessante ou importante sobre o Recanto das Emas. Para elaboração do trabalho escolar era exigido ainda, de cada estudante, além da entrevista com a avó ou avô, um mínimo de trinta linhas escritas.

⁹ O antropólogo Clifford Geertz definiu a cultura não como uma rede, mas como uma "teia de significados". De acordo com este autor, "o conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir

das experiências narradas. Experiências sociais plenas de múltiplos significados, mas que se integram em alguns sentidos compartilhados, dentre eles, a experiência migratória comum dessas avós; ou mesmo, em meio à mais singular das experiências cotidianas de cada uma delas, a prática comum que as identifica como moradoras da cidade, mulheres pobres e fortes, provedoras de seus lares, na luta diária por "correr atrás" (MARIA JOANA, 2016: 403), para viver, para sobreviver, para crescer.

O capítulo 3, "Recanto de Brasília: cidades", foi construído a partir de sete eixos-temáticos, norteadoras da análise feita sobre as lembranças narradas pelas moradoras. Atento à rede de significados que envolve as moradoras da cidade, passei a explorar o Recanto das Emas considerando as diversas representações presentes nas narrativas: a cidade-satélite de Brasília; o espaço de morar; as expectativas; o sertão na periferia; o espaço da violência; o espaço político; o espaço de contar (ou não). Nos diferentes relatos e representações da cidade, a percepção de que as histórias de vidas e as histórias da cidade se entrecruzam. Quando as moradoras narraram e significaram suas histórias de vida, elas também narraram e significaram as histórias da cidade. A cidade sentida, vivida, experimentada, é (re)composta nas narrativas.

Em sintonia com as reflexões de Michel de Certeau, além das questões suscitadas pelo debate da relação entre história e memória, foi possível esmiuçar esses relatos do espaço, essas narrativas que fazem do espaço "singularidades aumentadas" em um momento, "ilhas separadas" em outro (Cf. CERTEAU, 2014: 168). Muitas vezes, a pequena parte que vale por um todo, em outras tantas vezes, o pulverizar de muito em pontos que se distanciam. Para Michel de Certeau, ao buscarmos essas experiências do espaço, seu percurso traçado e narrado, produz-se "um relato bricolado com elementos tirados de lugares-comuns, uma história alusiva e fragmentária cujos buracos se encaixam nas práticas sociais que simbolizam" (CERTEAU, 2014: 168).

No quarto e último capítulo, "De vagar pelo Recanto: espacialidade", abordo mais um eixo-temático possível para orientar a análise da cidade do Recanto das Emas: sua espacialidade. Detive-me em alguns espaços saturados de sentidos pelas moradoras, tais como: as escolas públicas; os supermercados; o hospital; o espaço de cima ou o espaço de baixo; o monumento das emas; as ruas. O propósito foi o de identificar as formas como essas moradoras percorrem e relatam sua cidade, como se apropriam desse

expressões sociais enigmáticas na sua superfície" (GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008: 4). Também é o exercício interpretativo que tenho por objetivo na análise desse rede de significados (re)produzidos nas biografias produzidas pelas estudantes e nas entrevistas realizadas por mim com as avós.

espaço e o (re)significam com suas práticas, tal como é indicado por Michel de Certeau (Cf. CERTEAU, 2014: 184).

Finalmente, a pesquisa mostrou-me algumas outras possibilidades do reverberar das reflexões feitas, do aprender, quando retornar à minha prática docente no Recanto das Emas, particularmente no momento da elaboração de um novo PPP, em que as propostas para o ensino de história não poderão estar desarticuladas das reflexões e aprendizagens resultantes da pesquisa feita. Em um momento como o atual, com a controversa aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em 20 de dezembro de 2017, com o fim da obrigatoriedade do ensino de história no ensino médio¹⁰ e com a atuação contundente de um movimento como o Escola "Sem Partido"¹¹, é necessário que historiadoras e historiadores defendam e valorizem importantes conquistas para a prática de ensino-aprendizagem de história (e outras disciplinas) e da diversidade presentes na LDB, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)¹² e nas possibilidades do BNCC. Através da ideia de

¹⁰ Medida Provisória (MP) nº 746, de 22 de setembro de 2016.

¹¹ As aspas são minhas pela impossibilidade de compactuar com a esse ideal de pretensa neutralidade, de não se ter partido. Esse movimento, assim como outros grupos e agentes políticos, tem atuado para aprovar Projetos de Lei (PL) e bases curriculares que limitem a liberdade de atuação de docentes em diversos níveis. Essa questão tem sido um dos assuntos mais debatidos nos dois últimos SNHs da ANPUH em Florianópolis, em 2015, e Brasília, em 2017. Exemplos da atuação desses grupos são quatro projetos de lei, que tramitam no Congresso Nacional e pretendem constranger e limitar a atividade docente. O PL nº 7180/14, do deputado Elivelton Santana, do PSC/BA, trata de "respeito às convicções do aluno, de seus pais ou responsáveis, tendo os valores de ordem familiar precedência sobre a educação escolar nos aspectos relacionados à educação moral, sexual e religiosa, vedada a transversalidade ou técnicas subliminares no ensino desses temas." No PL nº 7181/14, do mesmo deputado, lê-se: "Os parâmetros curriculares nacionais respeitarão as convicções dos alunos, de seus pais ou responsáveis, tendo os valores de ordem familiar precedência sobre a educação escolar nos aspectos relacionados à educação moral, sexual e religiosa, vedada a transversalidade ou técnicas subliminares no ensino desses temas". Esses dois projetos receberam pareceres contrários na Comissão de Educação na legislatura anterior, mas como não foram votados, eles foram desarquivados na atual legislatura e já receberam pareceres favoráveis. No atual momento, aguardam a realização de audiências públicas para serem votados. Os dois estão apensados (tramitando em conjunto) com mais dois outros projetos: o PL nº 867/15, do deputado Izalci do PSDB/DF, em que lê-se que: "Art.1º. Esta lei dispõe sobre a inclusão entre as diretrizes e bases da educação nacional do 'Programa Escola sem Partido'". O projeto de lei foi entregue por essa ONG Escola Sem Partido criada pelo advogado Miguel Nagib e que pretende intimidar professores. Ele acrescenta que: "§ 1º. Para o fim do disposto no caput deste artigo, as escolas afixarão nas salas de aula, nas salas dos professores e em locais onde possam ser lidos por estudantes e professores, cartazes com o conteúdo previsto no Anexo desta Lei, com, no mínimo, 70 centímetros de altura por 50 centímetros de largura, e fonte com tamanho compatível com as dimensões adotadas". Nesse cartazes estarão presentes informações como: "V - O Professor respeitará o direito dos pais a que seus filhos recebam a educação moral que esteja de acordo com suas próprias convicções." O PL nº 1859/15 do deputado Izalci do PSDB/DF e mais dezesseis outros deputados, altera a LDB acrescentando que: "Parágrafo único: A educação não desenvolverá políticas de ensino, nem adotará currículo escolar, disciplinas obrigatórias, ou mesmo de forma complementar ou facultativa, que tendam a aplicar a ideologia de gênero, o termo 'gênero' ou 'orientação sexual'".

¹² Em minha dissertação de mestrado, "Concepções de história e de cidadania nos livros didáticos e nas diretrizes curriculares: leituras e sentidos (1996 – 2005)", eu analisei essas duas concepções nos PCN e no PNLD de 2005, além de sete livros didáticos de 60 ano do ensino fundamental. Através da análise crítica

transversalidade proposta pelos PCN é possível, inclusive redimensionar a atuação das próprias disciplinas escolares sem a necessidade de reafirmar conteúdos e compartimentações. Afinal de contas, finda o tempo, materializa-se a tese, o texto, dá-se essa "inversão da ordem", de que trata Certeau, que analisa como "o encerramento do texto" vem substituir "um trabalho de lacuna por uma presença de sentido" (CERTEAU, 2002, p. 94). A pesquisa não finda, essa se estende e se multiplica.

e das reflexões foi possível perceber como existem importantes conquistas nesses documentos, articuladas à valorização da diversidade e do ensino crítico e transformador. No entanto, essas possibilidades convivem com outras perspectivas mais tradicionais, como acontece, por exemplo, com o conceito de cidadania, que ora é valorizada como cidadania pela ampliação dos direitos (civis, políticos, sociais) ora como direito a diferença (SANTOS, Jorge. *Concepções de história e cidadania nos livros didáticos e nas diretrizes curriculares: leituras e sentidos* (1996-2005). Dissertação de mestrado em História. Brasília: Universidade de Brasília, 2009.: 132). Sobre essa questão, ver: MAGALHÃES, Marcelo. "História e cidadania: por que ensinar história hoje?". In: ABREU, Martha & SOIHET, Rachel. *Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003, p. 168-185.

Capítulo 1 - História e memória: tensões, diálogos e possibilidades para contar a cidade

Suspeito, contudo, que não era muito capaz de pensar. Pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair. No mundo abarrotado de Funes não havia senão detalhes, quase imediatos.

Jorge Luís Borges, Funes: o memorioso. p. 54.

Eu creio que a memória tem uma força gravitacional. Sempre nos atrai. Os que tem memória são capazes de viver no frágil tempo presente. Os que não tem não vivem em nenhuma parte.

Patrício Guzman, A Nostalgia da Luz, 2010.

Entre esquecimento e memória, os descaminhos de viver. Entre história e memória, as possibilidades de representar o passado. Essa relação não pode ser ignorada na abordagem do tema dessa tese, a cidade do Recanto das Emas na memória de suas moradoras. Meu objetivo nesse capítulo é discutir a relação entre história e memória com base nas leituras de autoras e autores que trataram do tema, sem esquecer o envolvimento de ambas com o esquecimento. Tal discussão é fundamental para minha análise do Recanto das Emas nas narrativas das memórias de algumas de suas moradoras, além das narrativas produzidas por suas netas e netos em salas de aula de uma escola dessa mesma cidade. Busquei identificar quais cidades do Recanto das Emas circulam nessa relação entre história e memória. Além disso, procurei como a cidade se perde no esquecimento e se (re)constrói nas lembranças. Enfim, instigou-me apreender os sentidos que formam e informam as memórias da cidade, atentando para o que foi dito e também para os silêncios nas narrativas ouvidas.

A relação entre história e memória pode ser definida como tensa e inevitável, uma vez que são duas formas de produzir discursos¹³ relacionados de alguma forma com o passado. Tanto nos discursos da história quanto da memória, há um movimento no presente de se referir àquilo que já não é, onde demandas subjetivas e objetivas se misturam. O historiador François Hartog historiciza essa relação nos seguintes termos:

Se história e memória tiveram, de saída, um projeto comum, suas relações efetivas foram complexas, mutáveis e conflitantes. Assim, em sua pretensão

¹³ Assim como Michel Foucault, “chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva” (FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007: 132). Para Foucault, “o termo discurso poderá ser fixado: conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação” (idem: 122).

de comprovar que só a história do presente pode ser científica, Tucídides concluía que a história se faz amplamente contra a memória (sempre falível). E seus longínquos colegas do século XIX são, por sua vez, favoráveis a uma estrita separação entre história e memória, mas desta vez em nome do ideal de uma história no passado e apenas no passado: a história termina onde começa a memória. Somente há pouco tempo é que ocorreu uma reviravolta: a invasão do campo da história pela memória. Daí a obrigação de repensar a articulação das duas (HARTOG, 2011: 26).

Nesse exercício de repensar a articulação entre história e memória, através das leituras dos discursos acerca do passado e suas relações, foi possível perceber a presença de alguns regimes de verdade dando a ler a relação entre eles. Uso esse conceito de regimes de verdade na acepção dada por Michel Foucault, pois entendo que a existência de regras para se escrever a história é um indicativo dos diferentes níveis das disputas de poder¹⁴ que atravessam a escrita da história. Segundo aquele filósofo, esta operação da escrita está submetida a “leis silenciosas que organizam o espaço produzido como texto” e instituem uma verdade, fazem-na funcionar como um regime de verdade. Sobre o conceito de verdade, Michel Foucault define que:

Há um combate “pela verdade” ou, ao menos, “em torno da verdade” – entendendo-se, mais uma vez, que por verdade não quero dizer “o conjunto das coisas verdadeiras a descobrir ou fazer aceitar”, mas o “conjunto das coisas verdadeiras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e das regras se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder”; entendendo-se também que não se trata de um combate “em favor” da verdade, mas em torno do estatuto da verdade e do papel econômico-político que ela desempenha. É preciso pensar os problemas políticos dos intelectuais não em termos de “ciência / ideologia”, mas em termos de “verdade / poder” (FOUCAULT, 2007: 13).

Nesse sentido, a verdade, como reflete Foucault, envolve uma operacionalidade, “um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados”. Para o autor, ela está “circularmente ligada a sistemas de poder que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem” (FOUCAULT, 2007: 14). Trata-se, portanto, de regimes de verdade, que são produzidos e produtores de saberes, de discursos / práticas historiográficas e dos limites induzidos e indutores da relação entre história e memória. Para que pudesse me aproximar das narrativas das moradoras sobre o Recanto das Emas, assim como para o correspondente exercício crítico e de análise, impôs-se a abordagem da relação entre história e memória. Isso inclui a análise à luz da concepção

¹⁴ De acordo com Foucault, deve-se ter um conceito positivo do poder. Segundo o autor, "o que faz com que o poder se mantenha e seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem a função de reprimir". (FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007: 8).

de regime de verdade, pois meu interesse foi de desconstruir e reconstruir as possibilidades da cidade narrada, mas também da cidade que não foi narrada.

Sob tal perspectiva, identifiquei alguns regimes de verdade informando a relação entre memória e história, que se integram aos discursos e práticas dos historiadores e ao ensino de história. Destaco dois deles em especial, apesar de reconhecer que isso está longe de esgotar as possibilidades de análise. O primeiro regime de verdade nos discursos sobre história e memória, estabelece a posição da história como “crítica da memória”, emergindo das disputas entre memórias. Ele é resultado de “uma rede complexa” que confere outros significados ao passado, mas sempre marcando sua posição desnaturalizada e desnaturalizante. Autores, como Manoel Luiz Salgado Guimarães, defendem que:

A história emerge como parte da memória cultural com caráter eminentemente social e coletivo, diferindo, portanto, da arte da memória. Se os documentos continuam a ser condição central para a produção de um conhecimento sobre o passado, não são suficientes para que se possa falar em história. Podem também estar a serviço da construção de uma memória. É como parte do exercício de escrita do passado, portanto da produção de uma narrativa, que vestígios podem se transformar em fontes, adquirindo significado numa rede complexa capaz de produzir o passado como história. Assim, a historiografia para realizar seus objetivos deveria necessariamente considerar suas relações com uma história da cultura como condição indispensável para cumprir sua tarefa de crítica às memórias sistematicamente construídas e por vezes naturalizadas (GUIMARÃES, 2003: 23).

A preocupação de Guimarães é de crítica da memória através de sua historicização, desnaturalizar a memória. O autor marca a diferença da história enquanto uma narrativa onde existe crítica dos vestígios para se tornarem fontes, além de ter de adquirir significado numa “rede complexa capaz de produzir o passado como história”. Nesse gesto, a ideia é desnaturalizar constructos mostrando sua dimensão histórica, cultural e linguística, retirar aquilo que é lembrado como inerente à ordem das coisas e colocar no palco da história. As pretensões científicas da história marcam, segundo essa orientação, a fronteira entre história e memória. Os procedimentos que envolvem toda escrita da história, como a análise crítica das fontes, as regras e técnicas compartilhadas entre os pares, produzem esse efeito de verdade de que fala Foucault.

Em outro regime de verdade se inscrevem autores como Walter Benjamin. Para ele, é preciso perceber "como o tempo passado é vivido na rememoração: nem como vazio, nem como homogêneo" (BENJAMIN, 1985: 232), ou seja, perceber como a memória é uma forma de reconstruir o passado, pois a própria história, segundo o autor, "é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas

um tempo saturado de 'agoras'" (BENJAMIN, 1985: 229). Segundo Benjamin, ao analisar a relação do pensamento de Proust (e de Bergson) com a obra de Baudelaire, "a permanente disponibilidade da lembrança voluntária, discursiva, favorecida pela técnica de reprodução, reduz o âmbito da imaginação" (BENJAMIN, 2015: 142), enquanto que para a memória involuntária, e aqui Benjamin cita Proust, "o passado 'está escondido, fora do domínio e do alcance de nossa inteligência, em algum objeto material [...] de que não suspeitamos. Depende do acaso encontrarmos esse objeto antes de morrermos, ou não encontrarmos'" (PROUST, 1954: 44 em BENJAMIN, 2015: 108).

De acordo com Cléria Botelho da Costa, para quem nesse gesto de "reconstrução das memórias, não podemos nos ater exclusivamente ao olhar sequencial das datas, ao tempo cronológico, homogêneo e vazio, que ofusca as temporalidades históricas. Precisamos pacientemente observar o que está submerso" (COSTA, 2002: 7). A autora, seguindo a perspectiva benjaminiana, apresenta a memória não como fonte ou objeto para a história, mas como dotada de ritmos próprios, ritmos estes que conferem visibilidade e dizibilidade às temporalidades históricas. Nesse sentido, a memória se imporia como um campo do saber, uma área de estudos interdisciplinar e transversal, onde teria lugar uma "fenomenologia hermenêutica da memória" (RICOEUR, 2012: 403).

Embora existam aproximações e distanciamentos entre os dois regimes de verdade, eles funcionaram como verdades para pensar a relação entre memória e história no presente estudo. Foi possível identificar também um terceiro regime de verdade, sobre o qual não pretendo me deter aqui, onde a memória não seria sequer digna da atenção da história. Diante dos modelos estritamente metódicos de operacionalização das narrativas históricas, a memória surge como volúvel, fugidia, subjetiva e incontrolável. Não seria um objeto, mas apenas fonte e, mesmo assim, uma fonte de menor importância.

Esse terceiro regime de verdade pode ser percebido, por exemplo, na análise do historiador Carlos Fico, ao se deter sobre a historiografia brasileira dos anos 1990. Para Fico, ocorria uma tendência que estava a se consolidar, o uso de fontes orais. Nessa tendência, observa-se o uso de "entrevistas que vão sendo feitas para embasar todo tipo de pesquisa, sobre uma infinidade de temas, no que talvez se possa prenunciar como exagero, mormente em função da velha discussão sobre as diferenças entre História e memória" (FICO, 2000: 35). Embora dê visibilidade à "velha discussão", o autor pensa a memória apenas como fonte, vendo "exagero" e pulverização temática em seu uso. Na

análise de Fico, enquanto a imprensa já ascendera a objeto de estudo, a memória ainda era apenas uma fonte. Assim como o uso de documentos orais mostra-se muito mais do que uma tendência exagerada, a valorização da relação entre história e memória para pensar a cidade do Recanto das Emas me afastou de um aprofundamento deste regime de verdade.

Um autor que se deteve em estudar a memória foi o filósofo Henri Bergson. Sua obra *Matéria e Memória* (1896) permanece sendo uma referência para inúmeros trabalhos e pesquisas sobre a relação entre história e memória. São muitas as referências ao seu esquema do cone invertido, onde a base do cone representa o conjunto total de lembranças da memória e o vértice do cone representa o ponto do presente, a ação do ato de lembrar-se. De acordo com Paul Ricoeur, Bergson "continua a ser o filósofo que mais se aproximou do entendimento do vínculo estreito que existe entre o que chama de 'sobrevivência das imagens' e o fenômeno chave do reconhecimento" (RICOEUR, 2012: 438). Isso se dá porque é central na teoria da memória de Bergson a conservação do passado na memória, bem como a relação entre memória e experiência. Walter Benjamin analisa que na obra de Bergson:

A estrutura da memória é por ele considerada como decisiva para a estrutura filosófica da experiência. De fato, a experiência é matéria da tradição, na vida coletiva como na vida privada. Constitui-se menos a partir de dados isolados rigorosamente fixados na memória, e mais a partir de dados acumulados, muitas vezes não conscientes que afluem à memória. Aliás, de modo nenhum é intenção de Bergson atribuir um lugar histórico específico à memória. Pelo contrário, rejeita toda e qualquer determinação histórica da experiência (BENJAMIN, 2015: 107).

Essas questões de sobrevivência e reconhecimento, experiência e memória podem ser vistas, lidas e analisadas, por exemplo, em uma memória de uma experiência do passado que se conserva como uma cerca branca que já não existe mais, narrada entre um posto de saúde que viria a existir e a moradia que está aqui hoje. Envolve, com efeito, a memória da experiência de caminhar, de praticar esse espaço, como narra a senhora Maria João:

E eu trabalhava no comércio, eu vinha, eu descia ali onde é o posto de saúde hoje, e de lá pra cá eu descia a pé, aqui onde essa moradia aqui, era uma cerca, era pra lá era chácara e tinha uma cerca branca. Então, me identificava pelo início da cerca branca e vinha descendo até achar meu lote (MARIA JOÃO, 2016: 371).

Outro ponto chave da reflexão de Henri Bergson é a distinção entre duas memórias: a memória-rememoração e a memória-hábito¹⁵. Para o autor, "a memória que

¹⁵ Para Walter Benjamin, essa distinção de duas memórias se articula àquela que é feita por Marcel Proust, entre uma memória voluntária e uma memória involuntária, já que Benjamin analisa que Proust foi, "de fato, um poeta que pôs à prova a teoria da experiência em Bergson. A obra de Proust *À la*

imagina e aquela que repete vão lado a lado e se apoiam mutuamente" (BERGSON, 1999: 168). Embora, para Ecléa Bosi, a relação entre as duas memórias seja muitas vezes conflitiva (BOSI, 2010: 48), para mim, não há como desconhecer os diálogos entre essas duas memórias. Isso se dá quando uma avó conta sobre sua relação com sua neta, ambas moradoras do Recanto das Emas. De acordo com a narrativa dessa moradora:

Sim. Meio mãe. É séria, a história né... E não posso, né... Então, é, é mãe, eu digo pra todo mundo até que eu sou mãe mesmo, né, porque peguei com três meses e foi uma luta muito grande, muito grande, ainda tô, tenho né, porque esse problema que ela tá em tratamento, ontem foi lá pro hospital e tomou remédio, hoje ela tá aí meio passando mal, porque dá vontade de vomitar, sempre vai direto, né (DASDORES, 2016: 364).

Sua luta muito grande para cuidar da saúde delicada da neta tanto é imaginada quanto repetida, continua, "ainda tô, tenho né", "ontem", "vai direto". Uma memória que se imagina no narrar e se repete no cuidar de quem assinala, ao falar, que "não posso", pela presença da neta no local da entrevista. Quanto de involuntário lhe vem à lembrança e é silenciado em razão de suas próprias interdições acerca do que pode ou não pode falar? Se uma história não pode ser contada por quem narra sua memória, é silenciada, há ainda assim o que Bergson trata como um reconhecimento do que passou. Segundo Ricoeur, Bergson valoriza essa problemática do reconhecimento e da sobrevivência das imagens, que é fundamental para a fenomenologia da memória. Em meio aos reconhecimentos e sobrevivências da memória das entrevistadas vai sendo desconstruída e reconstruída a cidade do Recanto das Emas.

Maurice Halbwachs é um autor que enfrenta a questão da memória destacando a dimensão coletiva, que preside a função social da reconstrução do passado no ato de lembrar. Segundo Paul Ricoeur, Halbwachs teve a "audaciosa decisão de pensamento que consiste em atribuir a memória diretamente a uma entidade coletiva que ele chama de grupo ou sociedade" (RICOEUR, 2012: 130). Uma memória que constrói e é construída por grupos e que pode ser percebida no que narram aquelas pessoas que se sentem pertencentes a tais coletividades. Tal dimensão pode ser percebida na narrativa de uma moradora da quadra 309 do Recanto das Emas:

Exatamente, apesar que as 500s, foram quadras: 508, 509, 510 e 511, foram umas quadras que elas tiveram saneamento básico mais rápido do que nós aqui né, por exemplo, a 309, nós demoramos mais ter o saneamento básico, foi o que, a água e a energia, eles foram mais rápido. Mas eu acho que pela questão de as pessoas que vem prali, são mais pessoas, mais pessoas mais

recherche du temps perdu pode ser lida como a tentativa de reconstituir por via sintética a experiência, tal com Bergson a entende, nas condições sociais de hoje" (BENJAMIN, Walter. *Baudelaire e a modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015: 108).

carentes mesmo. Acho que parece que quanto mais pra baixo fica, as pessoas são carentes e isso né desenvolve uma clientela, uma sociedade carente, vamos dizer assim né, então isso pode ser que venha trazendo problemas pra cidade também, eu acho que essa questão da carência financeira. Mas em questão de saneamento básico, as 500s foram atendidas com menos tempo que as 300s, sabe. Então, desenvolveu, assim, desenvolveu uma população grande com uma situação de carência, vamos dizer assim né (MARIA JOÃO, 2016: 387).

Maria João conta sobre dois espaços da cidade, localiza em sua narrativa essa "sociedade carente", que ela percebe nas chamadas "500s". Ao mesmo tempo a contrapõe à área que ela mesma ocupa na cidade, pois "nós demoramos mais ter o saneamento". Essa memória social também pode ser percebida na narrativa de outro morador do Recanto das Emas quando destaca que:

Até que o asfalto aqui foi bem mais rápido do que nessas quadras de cima aqui na 308. Porque quando eu mudei pra cá, na 308, não, tinha algumas ruas que não tinha asfalto ainda. Essa principal mesmo aqui não tinha. E eu ouvia até muito comentário, quando ia pra parada, o pessoal revoltado, porque, porque eles chamam aqui embaixo de Taubaté, né. Porque eram uns barracos de madeira. Revoltado, falando "é, porque o Taubaté começou agora e foi asfaltado primeiro do que pra gente aqui em cima". Mas é claro, tem que começar de baixo pra cima, né? E eu ouvia sempre esses comentários na parada, quando eu ia pegar ônibus, eu ouvia eles comentando isso, ficaram revoltados, porque asfaltou primeiro aqui pra depois subir (ANTÔNIO, 2017: 552).

Antônio trata da insatisfação de quem morava nas quadras 300s com o asfaltamento iniciado pelas quadras 500s, como já era perceptível na narrativa da primeira moradora. Aqui também são reforçadas as distinções entre esses dois grupos de moradores, os de baixo, o "Taubaté"¹⁶, que começa agora, e os de cima, "pessoal revoltado", o grupo dos moradores mais antigos. Grupos que lembram e narram entre diálogos e confrontos esse caráter coletivo e social da memória de que fala Halbwachs. Seu trabalho, desde meados dos anos 20, com a publicação de *Os Quadros Sociais da Memória* (1925), influenciou as análises posteriores de diversos autores. Maurice Halbwachs destacava a história como uma "forma da memória coletiva", questionando suas pretensões de cientificidade ao destacar que:

Por história é preciso entender então não uma sucessão cronológica de acontecimentos e de datas, mas tudo aquilo que faz com que um período se distinga dos outros, e cujos livros e narrativas não nos apresentam em geral senão um quadro bem esquemático e incompleto. (HALBWACHS, 1990: 64)

Atentando para as limitações das pretensões da história de dar conta da totalidade do passado (e da memória), o sociólogo Halbwachs acaba por identificar a história a um "quadro de acontecimentos" e a memória a um "centro de tradições". Importante destacar que a historiografia a que se refere o autor é ainda o modelo da

¹⁶ Essa questão da denominação das quadras 500s como Taubaté será melhor explorado no capítulo 2 e, principalmente, no capítulo 3.

história metódica do século XIX, assim como tal debate se trava em torno da institucionalização dos próprios campos da sociologia e da história como disciplinas¹⁷. Ao opor e distanciar história e memória, o autor assinala que a primeira se “interessaria sobretudo pelas diferenças, feita a abstração das semelhanças, sem as quais todavia não haveria memória”. A memória surge como marca de pertencimento, “uma vez que nos lembramos apenas dos fatos que tenham por traço comum pertencer a uma mesma consciência” (HALBWACHS, 1990: 90).

Nesse sentido, Maurice Halbwachs destaca como história e memória são “dois termos que se opõem em mais de um ponto”, sendo que a “a história começa somente no ponto onde acaba a tradição, momento em que se apaga ou se decompõe a memória social” (HALBWACHS, 1990: 85). Estaria, portanto, a memória à frente nas necessidades imediatas da sociedade, relegando a história para um segundo momento para salvar a memória do esquecimento. Não obstante as ressalvas feitas por Halbwachs às possibilidades da historiografia, a historiadora Jacy Seixas destaca que este tem sido a "base teórica fundamental" para o trabalho de muitos historiadores contemporâneos. De acordo com a autora:

Ao redebruçar-se sobre a memória, a historiografia contemporânea pouco tem recorrido às reflexões da filosofia ou da literatura, mas tem estabelecido com a sociologia seu diálogo preferencial. De fato, é a sociologia da memória de Maurice Halbwachs que se constitui na base teórica fundamental à maioria dos trabalhos historiográficos (SEIXAS, 2004: 40).

Os historiadores se apropriam da teoria do sociólogo, evitam o diálogo com a filosofia e a literatura, mas buscam instituir a história como senhora da memória, segundo Seixas. Michael Pollak foi outro sociólogo que analisou as relações entre memória, história e identidade, ressaltando os problemas aí envolvidos. Para Pollak, os historiadores trabalham no sentido de “enquadrar a memória”. Ainda que destaque que é um trabalho “parcialmente realizado pelos historiadores”, o autor afirma que “o trabalho de enquadramento da memória pode ser analisado em termos de investimento. Eu poderia dizer que, em certo sentido, uma história social da história seria a análise desse trabalho de enquadramento da memória” (POLLAK, 1992: 206). A memória enquadrada pelos historiadores é definida como “essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar”; uma memória que teria por funções essenciais “manter a coesão interna e defender as

¹⁷ Sobre o estabelecimento da história e da sociologia como campos definidos no fim do século XIX ver: BURKE, Peter. *A escola do Annales* (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: Martins Fontes, 1990; DELACROIX, Christian, DOSSE, François, GARCIA, Patrick. *Correntes históricas na França – Séculos XIX e XX*. São Paulo: EdUNESP, FGV, 2012.

fronteiras daquilo que um grupo tem em comum” (POLLAK, 1989: 9). Em outras palavras, a memória vista como um fenômeno instituinte e constituinte das identidades coletivas. Essa dimensão pode ser percebida nas identidades das moradoras das quadras 300s e 500s do Recanto das Emas, que foram dadas a ler nas narrativas de Maria João e Antônio, bem como em várias outras que circulam pelas narrativas memorialísticas sobre essa cidade. Pollak destaca a importância da história como crítica que permite não só enquadrar a memória, mas ir além desta com seus investimentos.

A historiografia com a qual dialoga Pollak possui significativas diferenças em relação àquela considerada por Maurice Halbwachs. Trata-se de um outro momento do percurso historiográfico, que já vinha se constituindo desde meados nos anos 70, de repensar o próprio campo. No caso da historiografia francesa, ocorre também esse esforço de repensar as relações entre memória e história, o questionamento de um projeto de uma história total e a valorização de novos problemas, novos objetos e novas abordagens (Cf. LE GOFF & NORA, 1995).

Nesse sentido, o historiador Jacques Le Goff destacou como a memória está imbricada na questão da identidade, seja individual ou coletiva, fazendo de sua busca “uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente conquista, é também um instrumento e um objeto de poder” (LE GOFF, 2003: 469). A memória coletiva envolve em laços comuns de pertencimento moradoras e invasoras, entre outras identidades, cuja força coletiva foi mobilizada e canalizada politicamente, por exemplo, para construir espaços na cidade do Recanto das Emas, dentre eles, o asfaltamento das ruas ou o saneamento básico.

Além dessa questão, Le Goff defende que “o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento” (LE GOFF, 2003: 422). Seu livro *Memória e História* (1977) – definido por Paul Ricoeur como obra “exemplar” da valorização da memória como objeto da história – apresenta a história como meio para ir além da manipulação da memória coletiva.

Peter Burke, historiador inglês ligado à historiografia francesa dos Annales, lembra que “a visão tradicional da relação entre a história e a memória é relativamente simples. A função do historiador é ser o guardião da memória dos acontecimentos públicos” (BURKE, 2000: 67). O autor problematiza o conceito de memória coletiva, preferindo o conceito de memória social. Para Burke, cabe ao historiador se interessar

pela memória tanto como fonte histórica, quanto como fenômeno histórico. Defende, assim, os atos de lembrar como fontes para a história, cabendo também ao historiador atentar para a história social do ato de lembrar. É preciso identificar os princípios de seleção, suas variações e transformações nesse exercício de historicização da memória. Prática, essa, que fez uso no exercício de pensar seleções que se repetem nas narrativas das moradoras, como a de um tempo do "não tinha nada", que é citado em várias das entrevistas para tratar do início das ocupações dos lotes.

Outro autor que contribuiu para o debate sobre memória é o historiador dos Annales Pierre Nora. Seu texto *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*, publicado em 1984, é basilar, pois enfoca a noção de lugares de memória, esse “jogo da memória e da história, uma sobredeterminação recíproca” (NORA, 1993: 22). O historiador francês percebe na valorização e busca contemporânea por memórias, um interesse que deveria ser pela história, que orienta o dever de memória. Nora marca bem seu entendimento do fenômeno da memória:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam, ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quanto grupos existem, que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo” (NORA, 1993: 9).

O autor, como Halbwachs, polariza ao extremo a relação entre memória e história, define a memória como refúgio do afetivo, do mágico, do vivido, enquanto a história seria “uma representação do passado”. Nesse sentido, a história opera como libertadora da memória, por ser uma “operação intelectual e laicizante”, analítica e crítica. Uma história com vocação para o universal, ainda que só conheça o relativo. Nora elabora a história como a operação científica, não obstante ser problemática e incompleta, capaz de vencer a natureza inconsciente, deformada, vulnerável, manipulável da memória. A história se afirma como atividade meio para relacionar as

coisas; seu discurso funciona como regime de verdade que organiza a pretensa universalidade em que a memória apenas se enraíza.

Jacy Seixas identifica essa polarização entre memória e história nos estudos de Nora e destaca a relação deste com o trabalho de Halbwachs. Para a autora, "a influência da sociologia de Halbwachs – que elabora, em 1925, uma sociologia da memória coletiva – sobre Pierre Nora, que no terreno historiográfico elaborará a divisão e oposição entre memória e história" (SEIXAS, 2004: 40). A noção de "lugares de memória" pode ser percebida como um símbolo da repercussão historiográfica da proposta de Nora. No entanto, Paul Ricoeur ao identificar a divisão e oposição entre memória e história na obra de Nora, é crítico da noção de "lugares de memória" e destaca o que a mesma tem de "insólito desde o começo" (RICOEUR, 2012: 412).

Para o historiador François Hartog, a obra de Nora é uma referência que marca a "abertura de um campo novo: o de uma história da memória", onde através de seus lugares de memória "a memória coletiva pode também fazer parte desse 'território' do historiador ou, melhor ainda, tornar-se instrumento da escalada da história contemporânea" (HARTOG, 2013: 160). Para os dois historiadores franceses é fundamental a incumbência do historiador em lidar com o passado.

A grande preocupação de Pierre Nora em seu texto, ao contrário de Halbwachs, são os riscos dos excessos de memória. Para Nora é preocupante que esse momento de passagem "de uma história que era procurada na continuidade de uma memória a uma memória que se projeta na descontinuidade de uma história" (NORA, 1993: 19). Os "lugares de memória" de Nora servem para denunciar a hegemonia da memória, colocada no centro da história, o que lhe vem como uma incursão literária (Cf. NORA, 1993: 28). O autor deixa claro seu desconforto com a pulverização das identidades e das memórias em meio às descontinuidades e rupturas que marcam as novas formas do fazer historiográfico. Mesmo assim, para Paul Ricoeur, ao longo do processo de estabelecimento desse conceito de "lugares de memória", nos anos seguintes, ele viu-se sujeito a um contra-senso, pois "de instrumento simbólico, cujo interesse heurístico era imaterializar o 'lugar', a noção tornou-se presa da comemoração de tipo patrimonial" (RICOEUR, 2012: 420). No último capítulo, trato de alguns espaços por onde circulam as memórias das moradoras do Recantos das Emas. São espaços narrados que dialogam com essa possibilidade de imaterializar o lugar, mas que não são ritualizados ou celebrados de maneira especial como entende Nora.

Walter Benjamin entende que a memória é a responsável por fundar a cadeia da tradição, aquela que passa os acontecimentos de uma geração a outra. De acordo com este autor, "ela tece a rede que em última instância todas as histórias constituem entre si" (BENJAMIN, 1994: 211). Crítico da informação, esse esvaziamento da experiência, Benjamin valoriza a narrativa, mergulhada na experiência, pois para ele "o contador de histórias deixa na experiência as suas marcas, tal como o oleiro deixa as das suas mãos no vaso de barro" (BENJAMIN, 2015: 109)¹⁸. Ele afirma que é íntima a relação entre a experiência e a memória, como ele mesmo analisara na filosofia de Bergson, o que dá a ver e a ler a importância da memória, uma vez que, "nas situações em que domina a experiência no sentido estrito do termo, conjugam-se na memória determinados conteúdos do passado individual e coletivo" (BENJAMIN, 2015: 110).

Nesse sentido, essa relação íntima entre experiência e memória, envolve outra, a relação entre a memória e o tempo. Benjamin propõe que é justamente a memória que permite lidar com as três dimensões da temporalidade: passado, presente e futuro. Ele rompe com entendimentos do tempo como vazio ou homogêneo. Ele escreve em um momento de crise marcado pelas Guerras Mundiais e pela ascensão do nazismo na Alemanha. A história pensada por esse autor é fortemente marcada pelo judaísmo e pelo marxismo, além de combater o historicismo e sua sequência causal de acontecimentos como "as contas de um rosário". Falando sobre o próprio pensamento em uma carta, Benjamin lembra que "não é mistério algum que minha vida, de modo similar ao meu pensamento, se move entre posições extremas" (BENJAMIN in WIZISLA, 2013: 28)¹⁹. Para esse autor, "o historiador consciente" é aquele que "capta a configuração em que sua própria época entrou em contato com uma época anterior, perfeitamente determinada. Com isso, ele funda um conceito do presente como um 'agora' no qual se infiltram estilhaços messiânicos" (BENJAMIN, 1985: 232). Esse é um exercício que aproxima esse "historiador consciente" dos ritmos e tempos dessa memória que se infiltra pelos agoras, saturada de experiência, como no que é narrado por Maria Joana, também moradora do Recanto das Emas:

Ai, graças a Deus, tá bom demais, água encanada dentro de casa, é, tem esgoto, tem tudo agora, agora, eu nunca tive vida boa igual eu tenho agora,

¹⁸ A relação entre memória e narrativa será melhor discutida no capítulo 2 ao longo da análise dos trabalhos das estudantes e seu envolvimento com as narrativas das avós-moradoras.

¹⁹ No período em que viveu, Walter Benjamin era considerado como um "outsider", sendo assim definido por Scholem ao descrevê-lo em sua biografia "Benjamin foi, em um duplo sentido, um outsider. (...) Face à ciência, em cujo domínio continua a sê-lo em grande medida até hoje, e até também no âmbito literário" (SCHOLEM in WIZISLA, Erdmut. *Benjamin e Brecht: história de uma amizade*. São Paulo: USP, 2013.).

porque depois de tanto quebrar cabeça no mundo e, graças a Deus, agora eu tenho meu canto. Eu vou é pra descansar o resto dos dias, de vida que Deus me der. Eu falei pros meus filhos assim que eu mudei pra cá, eu falei pros meus filhos "meus filhos, não tem uma vida melhor, melhor do que que a que eu tô vivendo agora, eu sozinha, na minha, no meu cantinho", porque tem o ditado, é melhor viver sozinho do que mal acompanhado (MARIA JOANA, 2016: 410).

Entre tantos "agora", esse presente fundado por historiadoras e historiadores, infiltrado pelos estilhaços messiânicos, se encontra com um tempo passado em que se quebrava a cabeça no mundo, onde não havia água encanada ou esgoto, onde não se tinha um canto, que também se confunde com o tempo passado em que se mudou para cá, assim como se encontra com um futuro, esse "resto dos dias, de vida que Deus me der" em que a moradora pretende descansar. Para a historiadora Cléria Botelho da Costa, a ideia é buscar a memória como uma forma de reconstruir o passado, onde interessa um conceito de história que se alie ao conceito de memória para expressar as diferentes temporalidades. Tributária das reflexões de Benjamin, a autora sustenta que a memória é uma representação das experiências, além de uma reconstrução do que perdura na memória e é rememorado.

Diante dessas possibilidades e nesse mesmo sentido, Costa define e defende uma "poética da memória", pois esta "possibilita à literatura, ou qualquer outro trabalho artístico, transmitir ou evocar as memórias fragmentadas do *ethos* da comunidade" (COSTA, 2002: 155). A autora entende que só através da memória é possível a reconstrução do passado que acesse as temporalidades passado, presente e futuro como na memória narrada por Maria Joana e outras moradoras. A memória surge como garantia de possibilidade da história, assim como para a literatura ou para a arte. Nesse sentido, Cléria Costa ressalta que sua preocupação "é argumentar que as sensibilidades, a memória afetiva são partes constitutivas do ser humano; portanto, não devem ser excluídas do conhecimento histórico e enquanto tais elas devem ser incorporadas no conhecimento produzido pela historiografia" (COSTA, 2013: 19). Ao mesmo tempo que Maria Joana destaca o sentimento de satisfação que transmite aos filhos para narrar seu canto no Recanto das Emas, essa memória afetiva constitui os laços de pertencimento familiar, como também a cidade. Esse entendimento das relações entre memória e história sintoniza-se com as ideias da historiadora francesa Arlette Farge, para quem:

A memória, bem o sabemos, é um teatro pessoal e se fabrica através de reconstituições íntimas ou míticas que podem embarçar o historiador. Com efeito (e o debate nesse momento é atual) a memória não é a história; sua irrupção é frequentemente julgada embarçante pelos profissionais de uma

história que deve dar o relato coerente, ordenado e verídico do que se passou (FARGE, 2011: 78).

Para Farge, o historiador deve dar ouvidos às testemunhas, para ela, é “preciso saber fazer falar a irregularidade original” (FARGE, 2011: 81), surpreender-se com os acontecimentos e não ficar preso ao “relato coerente, ordenado e verídico do que se passou”. Para ir além desse relato informativo, devemos mergulhar as mãos na argila das narrativas tal como indicado por Walter Benjamin, para quem “se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 1994: 205). Atentos a essas marcas, é possível pensar e escrever a história da cidade do Recanto das Emas a partir das possibilidades de reconstituições íntimas e míticas formuladas por algumas de suas moradoras. Como no caso da moradora Maria João, que conta que:

– Assim, um teve uma vez, eu nunca muito fui de me ligar em vizinho, assim, tratava bom dia, como vai, a pessoa chegar até mim, saber o nome, por exemplo, eu sei, o senhor Abílio, a Cacilda, os filhos dela que é a... Qual o nome da menina dela? Moço, esqueci? Sei que o marido é Marcos, que o neto é Júnior, é Marcos mas chama de Júnior né. A Gláucia que mora ali na outra esquina, a dona... Ai meu Deus, dona Cotinha, que essa casa de andar aqui também, ela não veio pra cá no início, no início, mas começou a construir a casa dela, ela fez assim também um barraco no fundo, mas como ela era funcionária do ministério e aposentou, ela tem um casarão aí, mora sozinha no casarão, então as pessoas me conhecem, eu posso às vezes não conhecer todo mundo, mas as pessoas me conhecem, porque tem um senhor... (MARIA JOÃO, 2016: 378).

Entre os “bom dia” e “como vai” do cotidiano, essa experiência de viver no espaço da cidade, entre os vizinhos, cujos nomes de alguns se sabe, mas de outros se esquece. As memórias de Maria João sobre a vizinhança contam do início do Recanto das Emas, do momento de sua chegada, bem como do início, que não é tão início assim, da chegada da dona Cotinha. Essa vizinha representa marcas comuns, que Maria João percebe como o comum a quem mora ali, um barraco de fundo, bem como marcas distintas, como a de ser funcionária pública e aposentada, o que lhe permitiu construir uma “casa de andar”, ou melhor, “um casarão”. A narrativa sobre essa vizinha, que vinha marcada pelos nomes que a narradora se lembra e pelos que se esquece, dá lugar a um episódio vivenciado pela moradora e que surge como exemplo da sua relação com quem vive por ali, mais um elemento de identificação. Ela prossegue narrando que:

Eu hoje eu sou testemunha de Jeová, eu comecei a estudar a Bíblia em 95... É... Aí, me tornei uma testemunha de Jeová. E eu um dia pregando aqui na quadra 310, um senhor me atendeu, recebeu e disse assim “eu acredito que a Bíblia muda mesmo as pessoas”, aí, eu falei “ah, mas muda”, fiquei toda empolgada né, falei “mas muda mesmo”, ele disse “é, pra quem conheceu a senhora dando tiro em bandido e vê a senhora hoje pregando a palavra de Deus, eu só tenho que dizer que a Bíblia muda as pessoas”. Eu falei... Aí, eu fiquei com uma vergonha danada, sabe porque, isso é uma coisa né. Aí eu falei “olha, naquela época eu era muito ignorante, hoje eu não sou

totalmente sábia, mas hoje eu tenho um pouco de compreensão né, aquilo era estupidez. Não aconselho ninguém a fazer isso". Ele disse "não, pois eu vejo na senhora uma mulher de guerra". Então, o pessoal me conhece né, as pessoas me conhecem, porque viram que eu vim pra cá, nunca, nunca me viram como diz do lado errado né, que tem pessoa que morou aqui de frente que era do lado errado (...).(MARIA JOÃO, 2016: 379).

Para que se compreenda o que vai ser narrado, a moradora sente a necessidade de situar sua identidade religiosa de Testemunha de Jeová, uma vez que o episódio se dá durante uma pregação. Nessa passagem, a transição vivida pela moradora é definida pela fala do outro morador. Ele (e ela mesma como narradora) a define como uma "mulher de guerra", que defende seu espaço de morar lutando contra bandido e se contrapõe a essa mulher que começou "a estudar a Bíblia em 95" e que hoje entende ter "um pouco de compreensão". Entre sentimentos de vergonha, conhecimento e estupidez, Maria João identifica na narrativa suas diferentes Marias, os papéis que entende como necessários na experiência cotidiana pessoal e coletiva que circula pelo Recanto das Emas. A narrativa prossegue para tratar de relações agressivas com vizinhos, pessoas que "era do lado errado" e contrapõe o lado certo da identidade da narradora. Nesse exercício de lembrar, a narradora retorna ao ponto em quem interrompera o relato sobre a vizinhança ao contar que:

Então, eu sempre vivi assim. Eu não vou lá na casa do vizinho, se o vizinho vier até eu, eu tô pronta pra servir. É, e dona Cotinha, ela mudou pra cá em 95, 96 né... Seu Abílio veio também, já tinha ônibus, já tinha água né, mas quando ele, não, ele veio, ele construiu o barraco dele né, que foi o que caiu e ele teve que dar um tempo, porque a pessoa não tem dinheiro né, aí teve que dar um tempo, depois ele levantou, mas são os mesmos vizinhos. É, quem morava ali? Em cima? Que aqui era a cerca. Aonde aquele que é um bar, uma igreja hoje ali, indo pro 308 aqui tem uma igreja aqui né, quer dizer, tem várias né, mas uma mais próxima daqui, é acho que, o senhor até, não sei se o senhor conhece, seu Edson, ele tem problema, ele tem uma perna mecânica (MARIA JOÃO, 2016: 379).

A memória permite aqui acompanhar as mudanças na paisagem urbana, a cerca próxima que houve e ainda é uma referência, assim como os dois inícios do seu Abílio, que teve que dar um tempo. O segundo início de dona Cotinha. Um segundo momento da cidade na narrativa da moradora, em que "já tinha ônibus, já tinha água", em que ela mesma já se identificava de maneira diferente, como uma outra Maria, uma pessoa mudada, uma estudiosa da Bíblia, uma Testemunha de Jeová. Surge a referência da igreja que fica no caminho para o CEF 308, próxima a um bar para localizar uma casa que, por fim, é identificada por seu morador, seu Edson. Um Recanto das Emas de várias igrejas, de vários inícios, de barracos, casas e bares vai sendo narrado a partir da memória pela moradora. Essa narrativa embora possa ser desconstruída, problematizada e recontada pelo historiador, não exclui, porém, o exercício de reflexão que deve

valorizar as subjetividades e as sensibilidades das narrativas memorialísticas. Essa valorização, fundamental para Cléria Costa, é vista pela historiadora Jacy Seixas como importante, embora não seja suficiente. Para essa autora:

Se buscamos refletir sobre as relações entre memória e história, penso ser necessário iluminar a memória também a partir de seus próprios refletores e prismas; necessário, portanto, incorporar tanto o papel desempenhado pela afetividade e sensibilidade na história quanto o da memória involuntária (SEIXAS, 2004: 44).

Estabelecendo diálogos com Bergson e Proust, um filósofo e um literato, assim como fez Benjamin, Seixas define a memória involuntária como "instável e descontínua", que "supõe as lacunas e constrói-se com elas", "carregada de afetividade" (SEIXAS, 2004: 47). Para ela, trata-se de memória desconsiderada pela historiografia, que se mostra interessada na memória voluntária. Interessa para Jacy Seixas, "a sugestão de uma outra maneira de proceder para entender as relações tecidas entre memória e história, procedimento que incorpore as discontinuidades e, sobretudo, a importância da função de atualização das experiências passadas inscrita no ato da memória" (SEIXAS, 2004: 51). Na narrativa sobre os vizinhos da senhora Maria João, que são lembrados, nomeados ou não, e esquecidos, irrompe a "vergonha danada" da moradora, que atualiza a experiência passada ao interromper o que ela estava narrando para narrar esse sentimento. Esse sentimento, "isso é uma coisa né", difícil de definir para a moradora, mais do que recuperar o acontecido, o recria, o atualiza, na perspectiva proposta por Seixas. É uma marca desse descontínuo e da sensibilidade da memória.que também interessa à história da moradora do Recanto das Emas em sua experiência de habitar a cidade.

Beatriz Sarlo, em entrevista em 2014, ao ser interpelada sobre como escrever uma história a partir da memória, respondeu que via com otimismo a intensificação das relações entre história e memória. Segundo a autora, "eu sou otimista em relação à construção de uma história mais influenciada pela subjetividade e pela memória nesse período de 84 até agora. E eu sou otimista em poucas coisas" (SARLO, 2014: 55). Ainda assim, Beatriz Sarlo considera que as relações entre história e memória são de desconfiança, "porque nem sempre a história consegue acreditar na memória e a memória desconfia de uma reconstituição que não coloque em seu centro os direitos da lembrança (direitos de vida, de justiça, de subjetividade)" (SARLO, 2007: 17). Mas não é possível uma crítica atenta que respeite esses direitos em sua reconstituição? Entendo que sim, ainda que não seja simples, a desconfiança pode dar lugar ao diálogo. Há espaço para analisar as narrativas da memória das moradoras do

Recanto das Emas e ainda assim valorizá-las como centrais para a narrativa historiográfica aqui produzida.

O historiador François Hartog apresenta os riscos de uma solução – que ele classifica como “tentação pós-moderna” – onde “no limite não haveria mais história, mas apenas usos do passado. Múltiplos e multiformes, estes se produzem a título de memória e em nome da identidade: a cada um a sua memória” (HARTOG, 2011: 16). O autor, portanto, se opõe à memória como uma alternativa à história. Para Hartog é mais interessante a ideia de conexões, trocas, histórias conectadas que tomam a memória como seu objeto

Walter Benjamin defendia uma tarefa de "escovar a história à contrapelo", já que segundo ele "o inimigo não tem cessado de vencer" (BENJAMIN, 1985: 225), o que significa uma história que tantas vezes atentou para os vencedores, que desconsiderou as experiências das pessoas comuns, deu prioridade ao enfoque das classes dominantes e ao conformismo que apodera-se da tradição. Nesse sentido, Benjamin propõe a construção de uma trama com as memórias e histórias das experiências de vida, uma aliança para expressar as subjetividades e sensibilidades dos vencidos, dos marginais, dos excluídos, dos infâmes. Uma trama que valoriza tanto a multiplicidade quanto o esforço crítico desse exercício de análise de escovar a história à contrapelo.

O temor de Hartog desses "usos do passado", desse limite de infindáveis memórias e sem história, se liga ao entendimento de que houve uma crise do regime moderno de historicidade²⁰ e do regime futurista de temporalidade nas últimas décadas. O autor defende uma "postura reflexiva" das historiadoras e historiadores ante os excessos do presentismo que se consolidou ao longo desse processo. Para Hartog, “o futurismo deteriorou-se sob o horizonte e o presentismo o substituiu. O presente tornou-se o horizonte” (HARTOG, 2013: 148). De acordo com o autor, mais do que soluções simples, é fundamental um exercício crítico, pois “o que tenho definido por postura reflexiva, mescla de epistemologia e de historiografia, é um fenômeno de grande amplitude no sentido em que não está limitado a um tipo de história, nem sobretudo unicamente à história” (HARTOG, 2011: 251).

²⁰ Para Hartog, “por regimes de historicidade entendo os diferentes modos de articulação das categorias passado, presente e futuro. Conforme a ênfase seja colocada no passado, no futuro ou no presente, a ordem do tempo não é, com efeito, a mesma. O regime de historicidade não é uma realidade pronta, mas um instrumento heurístico”. HARTOG, François. *Experiências do tempo: da história universal a história global?*. Conferência proferida na UnB, 2010: 2.

Manoel Guimarães é outro historiador atento à questão do dever de memória. Ele lembra como os historiadores são sempre convocados “a fixar a justa memória”, a apaziguar os conflitos do passado ao sabor do presente (GUIMARÃES, 2006: 56). Nesse sentido, Guimarães entende que a própria história pode se tornar um lugar de memória, de acordo com a definição de Nora. Caberia às historiadoras e historiadores o esforço crítico de analisar a historiografia, a escrita da história, de interrogar-se acerca dos procedimentos que formam e informam a constituição da escrita da história em um lugar de memória. Para o historiador:

Trata-se de assumir a escrita como uma operação, que aciona procedimentos e procede a escolhas, pondo em disputa versões e significações para o passado. Como sugerem as colocações de Pierre Nora, a escrita da história pode também vir a se constituir num lugar de memória, cabendo ao praticante do ofício interrogar-se acerca dos procedimentos que instauram a escrita da História nesses lugares do sagrado (GUIMARÃES, 2003: 13).

As reflexões de Guimarães aproximam-se das de Michel de Certeau, quando este destaca a função crítica da história, embora pareça valorizar mais um dos efeitos apontados. Certeau destaca que são dois os efeitos da história nesse sentido:

A operação historiográfica tem um efeito duplo. Por um lado, historiciza o atual. Falando mais propriamente, ela presentifica uma situação vivida. Obriga a explicitar a relação da razão reinante com um lugar próprio que, por oposição a um “passado” se torna o presente. Uma relação de reciprocidade entre a lei e seu limite engendra, simultaneamente, a diferenciação de um presente e de um passado. Mas por outro lado, a imagem do passado mantém o seu valor primeiro de representar aquilo que falta (CERTEAU, 2002: 93).

Manoel Guimarães destaca a importância do exercício de historicizar ao defender ser necessária a prática constante de investigar a “memória disciplinar” da história, que “tende a sacralizar procedimentos, autores e obras como parte de um exercício de escrita da história da própria disciplina” (GUIMARÃES, 2006a: 70). Esse exercício de investigação, de historicização, proposto pelo autor é parte do que procurei realizar e expor no presente capítulo, quando considere algumas possibilidades de relação entre história e memória, percebidas nas narrativas sobre o Recanto das Emas. Guimarães relaciona a cultura histórica à cultura da lembrança e, para ele, o exercício é sempre de historicizar inclusive o próprio discurso histórico, pois isso é “um exercício que chamaria de natureza historiográfica” (GUIMARÃES, 2006a: 70).

Creio ser ainda importante destacar, como o fazem Fernando Catroga e Rebeca Gontigo, como a autoridade científica da história serve para produzir e legitimar memórias, consolidar tradições, instituir continuidades e rupturas, conformar identidades e subjetividades. Segundo Fernando Catroga, “a historiografia também

funciona como fonte produtora (e legitimadora) de memórias e tradições” (CATROGA, 2001: 50). Rebeca Gontijo, em diálogo com aquele historiador português, afirma que:

Isso pode ser pensado em relação à própria história da história, capaz de produzir memórias e legitimar tradições, estabelecendo marcos de ruptura capazes de distinguir a “velha” e a “nova” historiografia; sustentando a autoridade de determinados grupos, instituições e indivíduos na produção do conhecimento e na escrita da história (GONTIJO, 2011: 279).

Tanto Gontijo quanto Catroga atentam que apesar e por conta de sua busca por afirmar a própria cientificidade, a historiografia está envolvida nos e pelos meandros da história e da memória. Isso serve para destacar a importância de crítica do próprio fazer historiográfico, para reintroduzir a dinâmica entre memória e história, que não se esgota na imposição de uma sobre a outra e abre caminho para a interlocução que priorizei para narrar o Recanto das Emas. Como afirma Gontijo, “investigar a tessitura dessa memória é uma das tarefas da historiografia, cujo objetivo, entre outros, é compreender as tramas da sacralização de determinados objetos, de modo que esses possam ser vistos como resultantes de certas escolhas entre outras possíveis” (GONTIJO, 2011: 280). Historicizar, portanto, o próprio discurso historiográfico e as memórias por ele instituídas, interpretando de maneira crítica, investigando suas leituras e releituras. Nesse sentido, para a historiadora Diva Muniz, no exame crítico da historiografia, “a memória da escrita da história apresenta-se, assim, como o relato das disputas pelo controle da leitura do passado e, a partir disso, o controle da visão e orientação dadas ao presente” (MUNIZ, 2013: 226).

A historiadora Márcia Motta abriga-se sob aquele mesmo regime de verdade em que se localizam Burke e Nora, uma vez que ela compartilha a noção de que as memórias são fontes históricas, que “merecem passar por uma análise crítica” (MOTTA, 2012: 26). Além disso, que as memórias são também fenômenos históricos, definida como a história social da recordação por Burke. Para Motta, “a história do tempo presente²¹ é, sem dúvida, o lugar mais visível e privilegiado para a análise do

²¹ Segundo Márcia Motta, “a definição de tempo presente implica um continuidade temporal entre o período estudado e a redação do objeto” (MOTTA, Márcia M. “História, memória e tempo presente”. In: CARDOSO, Ciro F. & VAIFAS, Ronaldo. *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.: 34). O historiador François Dosse ao historicizar a história do tempo presente nos indica que há um redimensionar da mesma após o trabalho de Pierra Nora e seu conceito de lugares de memória. De acordo com Dosse, “o historiador deve, desse modo, renunciar a uma postura de domínio que era muitas vezes a sua e que o permitia acreditar que ele podia definitivamente ‘fechar’ os registros históricos. Dessa mudança historiográfica resulta uma ampliação do conceito de ‘tempo presente’ que não é mais considerado um simples período adicional mais próximo. O conceito remete em sua acepção extensiva ao que é do passado e nos é ainda contemporâneo, ou ainda, apresenta um sentido para nós do contemporâneo não contemporâneo” (DOSSE, François. “História do tempo presente e historiografia”. In: *Tempo e Argumento*, v. 4, n. 1. Florianópolis: jan/jun. 2012: 11). O historiador Henry Rousso acompanha essa posição e acrescenta que “a própria definição da história do tempo presente é ser a história de um

embate entre história e memória” (MOTTA, 2012: 30). A valorização desse lugar privilegiado para a análise do "embate" é também defendida por François Dosse. O historiador sublinha a preocupação entre historiadoras e historiadores do tempo presente de marcarem sua distinção em relação à história oral ao ressaltarem que "a História do tempo presente não é sinônimo de história oral". Também negam a subordinação da história do tempo presente à memória, já que, de acordo com Dosse, "os historiadores do tempo presente recusam reduzir a operação historiográfica a uma simples extensão e expressão da memória" (DOSSE, 2012: 16).

Márcia Motta defende que é através da “erudição factual e historiográfica” que o historiador se torna apto a “filtrar o documento” (MOTTA, 2012: 31) e lidar com as fronteiras de seu lugar. A autora indica uma concepção do documento como reflexo do real, a ser revelado por historiadoras e historiadores, que esta articulada à "narrativa científica" que propõe construir²². Ela conclui que “a história do tempo presente é o lugar autorizado para se construir uma narrativa científica acerca do que vivemos, de como vivemos, do que estamos consagrando como memória e, por contraste, do que estamos esquecendo” (MOTTA, 2012: 34).

Arlette Farge defende que esse é um problema da história do tempo presente, porém a autora valoriza outras formas de refletir e fazer história. Ela destaca que “uma história que não levasse em conta a testemunha e a irrupção da singularidade de sua situação seria uma história que recusaria o excesso, o desvio, o deslocamento, as paixões sangrentas, grandiosas ou infames” (FARGE, 2011: 22). Se toda história é produzida no presente como já indicava Marc Bloch²³ (Cf. BLOCH, 2001: 62), a questão que me interessa aqui é valorizar os diálogos e tensões possíveis e não as

passado que não está morto, de um passado que ainda se serve da palavra e da experiência de indivíduos vivos” (ROUSSO, Henry. *La hantise du passé*. Paris: Textuel, 1998: 63), o que indica a aproximação da história do tempo presente com a memória e a história oral.

²² As orientações teóricas de Motta estão pautadas por uma tradição positivista ou "metódica" (Cf. DELACROIX, Christian, DOSSE, François, GARCIA, Patrick. *Correntes históricas na França – Séculos XIX e XX*. São Paulo: EdUNESP, FGV, 2012), que analisa o documento como um reflexo do real e não como uma (re)construção que representa o real, ou seja, um outro acontecimento, uma representação construída por camadas sedimentadas de interpretações, um monumento, como define Jacques Le Goff (Cf. LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, Ed. Unicamp, 2003: 525).

²³ Marc Bloch destaca em sua obra *Apologia da História*, após lembrar-se dos alertas de seu bravo diretor de liceu sobre os perigos de aproximar-se muito do presente, que "na verdade, quem, uma vez diante de sua mesa de trabalho, não tiver a força de poupar seu cérebro do vírus do momento será capaz de destilar suas toxinas até num comentário sobre a *Ilíada* ou *Ramayana*" (BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001: 62). Importante destacar que "o vírus do momento" de Bloch ao escrever essas palavras era a Segunda Guerra Mundial e a luta na resistência francesa até a morte pela Gestapo, a polícia nazista em 1944, mas que o autor valoriza "o presente humano perfeitamente suscetível de conhecimento científico" (idem: 62).

recusas para conferir visibilidade e dizibilidade ao Recanto das Emas através das narrativas das memórias de suas moradoras.

Diante desse objetivo, é possível perceber a história do tempo presente como um espaço capaz de ir além das recusas e, justamente, ser um local estruturado e estruturante de diálogos, que não excluem as tensões. De acordo com Dosse:

Essa história do tempo presente contribuiu para inverter a relação história/memória. A oposição tradicional entre uma história crítica, situada do lado da ciência, e uma memória relacionada a fontes flutuantes e em parte fantasiosas está se transformando. Enquanto a história perde uma parte de sua cientificidade, a problematização da memória leva a atribuir um elemento crítico à abordagem da noção de memória. As duas noções se aproximam, e a proporção de fontes orais na escrita do tempo presente torna possível uma história da memória (DOSSE, 2004: 166).

Embora indique que a "oposição tradicional" entre história e memória esteja mudando, Dosse valoriza justamente a história enquanto ciência, assim como Márcia Motta, sem a mesma valorização dos desvios e deslocamentos apontados por Farge. Dosse vê, nessa transformação, que a história do tempo presente possibilita uma história da memória, ou seja, a memória como objeto da história, tratada, portanto, "cientificamente". Através da análise dos trabalhos de Michel de Certeau e de Paul Ricoeur, Dosse aposta, nesse movimento de transformação da relação entre história e memória, no "jogo interdisciplinar" para evitar armadilhas como a superposição ou a separação total entre história e memória. O historiador francês define esse jogo interdisciplinar como:

Essa perspectiva abre uma possível história social da memória cujos efeitos sobre a historiografia são postular a renúncia a qualquer posição de superioridade. Pelo contrário, tal intenção apoia-se na heterogeneidade de perspectivas sempre em movimento como uma série de postos de observação que criam um movimento da escrita da história cuja finalidade, em última instância, é restituir a pluralidade dos olhares possíveis (DOSSE, 2004: 219).

Tal perspectiva de uma história social da memória de Dosse foi interessante em minha análise tanto por essa renúncia a pretensões de superioridade, como por essa valorização da "pluralidade dos olhares possíveis", o que permitiu viabilizar os diálogos e tensões buscados para narrar o Recanto das Emas. Também é interessante a articulação com as reflexões de Michel de Certeau, uma vez que esse autor lida abertamente com a questão da história e da memória. Para ele, existiriam duas dimensões da memória. Uma "memória-saber", mas um saber que ele define da seguinte forma:

Um saber que tem por forma a duração de sua aquisição e a coleção interminável de seus conhecimentos particulares. Questão de "idade", dizem os textos: à "irreflexão da juventude" eles opõem "a experiência do ancião". Este saber se faz de muitos momentos e de muitas coisas heterogêneas. Não

tem enunciado geral e abstrato, nem lugar próprio. É uma memória, cujos conhecimentos não se podem separar dos tempos de sua aquisição e vão desfiando suas singularidades (CERTEAU, 2014: 146).

Além desse saber múltiplo, heterogêneo, sem lugar próprio, para Certeau, a memória teria também a dimensão "memória-prática", das circunstâncias, da alteração, do outro. Esta memória, para o autor, é assim definida: "não possui uma organização já pronta de antemão que ela apenas encaixaria ali. Ela se mobiliza relativamente ao que acontece – uma surpresa, que ela está habilitada a transformar em ocasião. Ela só se instala num encontro fortuito, no outro" (CERTEAU, 2014: 150). É, portanto, uma memória do possível.

As concepções de Certeau podem, nesse sentido, serem referências para a crítica à noção de história social da memória de Dosse, pois lembram que "incessantemente, a escritura científica, constituição de um lugar próprio, reconduz o tempo, este fugitivo, à normalidade de um sistema observável e legível" (CERTEAU, 2014: 153). Assim, busca-se eliminar os rodeios da memória, acabar com suas surpresas, enquadrá-la nessa cientificidade normalizante, como também foi alertado por Arlette Farge. Valorizar a relação entre história e memória, segundo Certeau, deve explorar suas possibilidades, não se contentar em enquadrá-la, nem tampouco ignorar que as surpresas sempre retornam. Retornam, pois, segundo Certeau:

Mas elas retornam sempre, não apenas sub-reptícias e silenciosas, na própria atividade científica, não apenas nas práticas do dia a dia que, por não terem mais discurso, nem por isso deixam de ter existência, mas nas histórias também, tagarelas, cotidianas e astuciosas. Basta, para reconhecê-las aí, não se contentar (trabalho no entanto necessário) com examinar as suas formas ou estruturas repetitivas (CERTEAU, 2014: 153)

Finalmente, uma das análises mais cuidadosas e extensas sobre o tema das relações entre história e memória é a do filósofo francês Paul Ricoeur, um dos autores em que busca se apoiar François Dosse. Para o citado autor, é preciso reconhecer na memória não apenas uma fonte, mas também um conhecimento / campo, uma capacidade de (re)significar o mundo e o sujeito. Interessam aqui esses três aspectos da memória definidos por Ricoeur, que orientam minha análise das memórias das moradoras do Recanto das Emas. Além de serem as fontes principais, essas memórias envolvem um saber e suas práticas discursivas²⁴, bem como essa capacidade

²⁴ Assim como indicado inicialmente, entendo aqui a memória (assim como a história) como um saber formador e formado por práticas discursivas com base nos conceitos de Michel Foucault. Para Foucault, "esse conjunto de elementos formados de maneira regular por uma prática discursiva e indispensáveis à constituição de uma ciência, apesar de não se destinarem necessariamente a lhe dar lugar, pode-se chamar saber" (FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007: 204). Além disso, o autor define que "não há saber sem uma prática discursiva definida, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma" (idem: 205).

fundamental para a orientação no mundo. Isso pode ser enunciado²⁵, por exemplo, na forma de um barraco na memória narrada pela senhora Dasdores sobre as quadras 500s, chamadas de Taubaté, que ela conta: "e aí fizeram esse Taubaté, que até pouco tempo também, vim saber, que o Taubaté, a história do Taubaté é porque 'tábua até', era tanta da tábua que barraco só se acha com tábua e maderite, era meu barraco né, também aqui né, era meu barraco, aliás sou eu" (DASDORES, 2016: 369). Uma memória que enuncia a cidade que cresce, marca um contorno desse crescimento, um lá e um aqui que se aproximam pelo signo do barraco. Um barraco que é como a cidade e que é a moradora em sua própria narrativa, (re)significa seu mundo e sua identidade²⁶.

Em sua obra dedicada à memória, à história e ao esquecimento, Ricoeur destaca e valoriza a complexidade da memória, "o que significa a prova da memória na presença viva de uma imagem das coisas passadas" (RICOEUR, 2012: 105), seus momentos como o da recordação e do reconhecimento, além de sempre valorizar sua relação com a experiência. Assim sendo, o autor conclui que:

No final de nossa investigação, e a despeito das ciladas que o imaginário arma para a memória, pode-se afirmar que uma busca específica de verdade está implicada na visão da "coisa" passada, do que anteriormente visto, ouvido, experimentado, aprendido. Essa busca de verdade específica a memória como grandeza cognitiva. Mais precisamente, é no momento do reconhecimento, em que culmina o esforço da recordação, que essa busca de verdade se declara enquanto tal. Então, sentimos e sabemos que alguma coisa se passou, que alguma coisa teve lugar, a qual nos implicou como agentes, como pacientes, como testemunhas. Chamemos de fidelidade essa busca de verdade (RICOEUR, 2012: 70).

A busca específica da memória pela verdade, que Ricoeur define como fidelidade, bem como esses sentimentos que a envolvem, ganham contornos nas experiências dessas moradoras no ato em que narram suas memórias. Pode ser algo sutil e breve, como quando Arlete relata que "mas, é, agora que você falou, eu tô lembrando" (ARLETE, 2016: 508) ou algo mais dilatado como no caso da senhora Ana. Em sua narrativa, esse sentir o que passou, a atuação, a satisfação com a lembrança podem ser percebidos. Essa moradora busca recordar o nome de uma área rural próxima, que remete à experiência das invasões na cidade. Ela convida as filhas a atuarem e a auxiliarem nessa empreitada ante o esquecimento do nome. De acordo com esse momento da entrevista:

²⁵ Michel Foucault define o enunciado não como uma estrutura, mas sim como "uma função da existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles 'fazem sentido' ou não" (FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007: 98).

²⁶ A importância do barraco para Dasdores e outras moradoras será analisada no capítulo 3, ver p. 144. Sobre o barraco como lugar-evento do Recanto das Emas ver ainda: BORGES, Antonádia. *Tempo de Brasília : etnografando lugares-eventos da política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

– *E prali que parece uma chácara, como que chama lá, Brenda?*
 (Filha) – *Um?*
 – *Prali que parece que é uma chácara, como que chama lá?*
 (Filha) – *Não sei, qual é o nome Carla?*
 (Filha 2) – *Lá embaixo ali?*
 – *Que parece chácara.*
 (Eu) – *Ali perto da rua Monjolo, ali da avenida Monjolo.*
 (Filha 2) – *Ah, eu não tô lembrada mais.*
 – *Que a gente foi, que disse que tava saindo lote lá.*
 (Filha 2) – *Eu lembro, mas eu não tô lembrada o nome não.*
 – *Gente, como é que chama? Ponte Alta!*
 (Filha 2) – *Isso.*
 (Eu) – *Ah...*
 – *Ponte Alta!*
 (Eu) – *Que é a parte nova que tão loteando?*
 – *É, é, prali, que tem umas casinhas, que eu conheço é essa Ponte Alta (ANA, 2016: 477).*

A frieza da escrita não abarca toda a satisfação com que a moradora verbaliza esse nome que define esse lugar "que parece uma chácara". A escrita não dá conta da insatisfação que transborda na pergunta que antecede à lembrança, que não se tranquiliza como a filha que lembra, mesmo sem lembrar o nome. Emaranhada nessa trama encontra-se também a atuação de mãe e filhas na busca de oportunidades para morar: "a gente foi", pois "tava saindo lote lá", esse lugar onde "tem umas casinhas". O nome é repetido, marca e alonga o sabor dessa satisfação antes que o interesse do entrevistador devolva a narrativa da moradora ao que vinham construindo.

Além dessa importante questão da exigência de fidelidade, Paul Ricoeur explora os usos e abusos da memória. Ele lembra que o dever de memória vai além da fenomenologia da memória ou da epistemologia da história. Para o autor, "o dever de memória se inscreve numa problemática moral que a presente obra apenas resvala" (RICOEUR, 2012: 104). Para ele, o dever moral de memória também tem de se haver com o direito moral de esquecimento. Tanto um quanto o outro atravessam o trabalho aqui realizado, uma vez que as moradoras tanto empreendem esse esforço, esse dever moral que as impulsiona a lembrar e narrar, como também o direito moral ao esquecimento, quando afirmam seu direito de não narrar o que é lembrado. Tal foi o caso de Ana, que ao final de sua entrevista afirma "a gente nunca conta tudo, né" (ANA, 2016: 489). Entre o que os sujeitos selecionam que deve ser lembrado e o que precisa ser esquecido transitam silêncios, que também enunciam a cidade, conferem sentidos a ela, podem ser confrontados na análise das narrativas. Assim como os direitos da lembrança, evocados por Beatriz Sarlo, há, em Ricoeur, uma preocupação com o direito moral de esquecimento, dimensão importante para dar a ver e a ler o Recanto das Emas.

Ricoeur trata também do par memória pessoal / memória coletiva, que acaba por ampliar a “uma tríplice atribuição da memória: a si, aos próximos, aos outros” (RICOEUR, 2012: 141). Atribuição, essa, fundamental para a apreensão das relações entre as memórias de si produzidas pelas moradoras nas narrativas sobre suas vidas nas entrevistas comigo, um outro, e aquelas produzidas nas entrevistas com suas netas e netos, pessoas próximas, para os trabalhos escolares analisados no capítulo 2. Embora seja possível relativizar esses termos, me oriento aqui pela proximidade afetiva entre familiares em relação a um professor das netas, que em alguns casos nem mesmo se conhecia.

O referido autor ainda tece reflexões em torno da epistemologia da história, destacando que “a autonomia do conhecimento histórico com relação ao fenômeno mnemônico continua sendo o principal pressuposto de uma epistemologia coerente da história enquanto disciplina científica e literária” (RICOEUR, 2012: 146). Esse é um pressuposto do filósofo, que apresenta a filosofia crítica da história em sua análise da operação historiográfica e tem o objetivo declarado de “discernir a capacidade do discurso histórico de representar o passado, capacidade que chamamos de representância²⁷” (RICOEUR, 2012: 250).

Da análise da epistemologia da história, Paul Ricoeur passa a uma análise da hermenêutica da condição histórica, onde além da filosofia crítica da história, analisa a relação história e tempo, destacando que “a coerência do empreendimento repousa, portanto, na necessidade da dupla passagem do saber histórico à hermenêutica crítica, e desta à hermenêutica ontológica” (RICOEUR, 2012: 300). A hermenêutica crítica trata de impor limites às pretensões totalizantes do saber histórico, além de validar as operações objetivantes da escrita da história. A hermenêutica ontológica aborda a condição histórica onde “fazemos a história e fazemos história porque somos históricos” (RICOEUR, 2012: 300).

²⁷ Paul Ricoeur define representância como essa capacidade de representar o passado ou, de maneira mais densa, na seguinte passagem: “daremos o nome de representância (ou de lugar-tenência) à relação entre as construções da história e seus *vis-à-vis*, a saber, um passado ao mesmo tempo abolido e preservado nos seus rastros” (RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2012: 260). De acordo com François Dosse, “o conceito de Paul Ricoeur de ‘representância’ é importante para lembrar que se a História é narração, discurso, escrita, ela carrega uma intencionalidade, que é aquela de seu horizonte veritativo. Uma vez que esse trabalho sobre a verdade documental é estabelecida por meio da tradicional crítica interna e externa das fontes, resta ao historiador a tarefa de construir uma História reflexiva que leva em conta a âncora discursiva” (DOSSE, François. “História do tempo presente e historiografia”. In: *Tempo e Argumento*, v. 4, n. 1. Florianópolis: jan/jun. 2012: 12).

Ricoeur recusa o termo historicidade e prefere condição histórica, pois considera o primeiro conceito problemático "em razão dos equívocos resultantes de sua história relativamente longa" (RICOEUR, 2012: 299). Ainda assim, considero que o conceito de historicidade explicita tanto essa rede relacional em que cada da sujeito está implicado, quanto suas condições de possibilidade de ser no mundo. Um pequeno exemplo disso pode ser percebido no que conta Ana. Ela narra sua experiência como empregada doméstica quando da chegada a Brasília. Segundo ela:

*– Não, é, com filho, só que eu pagava. Naquela época, no tempo do João Figueiredo era muito difícil pra empregada doméstica, não ganhava quase nada, sabe, qualquer coisinha a mulher era criticada, a empregada, e se percebesse que tava grávida, botava pra rua. Nessa época, era assim.
– E sem ter direito a nada?
– Sem ter direito a nada (ANA, 2016: 466).*

Entre essas lembrança narradas por Ana, é possível interpretar de forma crítica algumas imagens por ela (re)construídas, como: o "tempo do João Figueiredo", último presidente da ditadura militar; as dificuldades de empregadas domésticas, durante longo tempo à margem de muitos direitos trabalhistas de outras categorias²⁸; a relação entre as mulheres, a maternidade e o trabalho, tendo ela sido demitida do primeiro emprego pela gravidez, além de ter de pagar no segundo para permanecer com o filho. Além de serem questões instigantes, cuja abordagem é desenvolvida nos próximos capítulos²⁹, interessa aqui destacar que sua interpretação crítica permite tanto esse relativizar quanto validar o saber histórico de minha narrativa. Além disso, tudo isso simboliza a historicidade dessa moradora do Recanto das Emas, sua condição histórica, sua feitura histórica e seu fazer história.

Finalmente, o autor explicita de maneira adensada a terceira dimensão de sua obra, o esquecimento. Para Ricoeur, “o esquecimento continua a ser a inquietante ameaça que se delineia no pano de fundo da fenomenologia da memória e da epistemologia da história” (RICOEUR, 2012: 423). A análise do esquecimento proposta pelo autor se dará pela grade de leitura dos usos e abusos da memória, culminando não com o dever de esquecimento (ao invés do dever de memória), mas com o direito de

²⁸ Apenas em 2 de abril de 2013, um Projeto de Emenda Constitucional (PEC) nº 72 equiparou empregadas e empregados domésticos ao demais trabalhadores. De acordo com o texto da emenda, esta "altera a redação do parágrafo único do art. 7º da Constituição Federal para estabelecer a igualdade de direitos trabalhistas entre os trabalhadores domésticos e os demais trabalhadores urbanos e rurais" (Diário Oficial da União (DOU), 2013: 1).

²⁹ Sobre a relação das moradoras do Recanto das Emas com as questões do trabalho doméstico e da maternidade, que pode ser sintetizada nessas figuras de mãe provedoras contadas e recontadas, ver capítulo 2, p. 70. Sobre a questão do "tempo do" relacionado a figura políticas no imaginário dessas moradoras, ver capítulo 3, p. 216.

esquecimento³⁰. Dessa forma, interessa a Paul Ricoeur ir além do esquecimento como um inimigo da memória e da história, mas percebê-lo também como um recurso para as duas. O autor defende, na esteira de Bergson, a "persistência da impressão originária", que passa pelo nascimento da lembrança "desde o exato momento da impressão" (RICOEUR, 2012: 426). A partir disso, Ricoeur entende como positivo um "esquecimento de reserva", que seria esse "tesouro do esquecimento que recorro quando tenho o prazer de me lembrar do que, certa vez, vi, ouvi, experimentei, aprendi, adquirir" (RICOEUR, 2012: 427). Um esquecimento que pode ser percebido justamente quando se afasta, como Arlete dá a ver e a ler ao dizer que "mas, é, agora que você falou, eu tô lembrando" (ARLETE, 2016: 508). Isso alia-se ao temor de esquecer, à felicidade do que se recupera e ao esquecimento que se exerce.

A senhora Maria Alcinda transmite essa felicidade, em sua narrativa, ao lembrar das crianças na época em que começaram a viver em seu lote no Recanto das Emas, pois narra que "aí, começaram a brincar, ave Maria, bom demais naquele tempo, Nossa Senhora" (MARIA ALCINDA, 2016: 446). Ao mesmo tempo, essa satisfação que também se expressa com o sorriso, os braços jogados para cima, a mão que se leva ao peito em seguida, passa por um deixar de lado dificuldades como ter vivido na invasão nessa cidade, por ter vivido sob uma lona nesse mesmo lote, o medo de deixar as filhas e filhos sozinhos nas jornadas de trabalho exaustivas e outras tantas dificuldades contadas por ela mesma anteriormente. Muitos outros esquecimentos, sejam eles de reserva ou exercidos, além dos tantos não percebidos, marcaram as narrativas das memórias e as histórias contadas sobre o Recanto das Emas.

Para Hartog, a reflexão de Paul Ricoeur é importante, porque procede a uma "exploração dos 'níveis médios' entre tempo e narrativa", e abrangente, pois envolve desde a "questão da verdade da história à da fidelidade da memória, sem renunciar a nenhuma delas" (HARTOG, 2013: 19). Segundo aquele historiador, há uma mudança no "regime de memória" que faz da memória um instrumento do presentismo. Lamenta,

³⁰ O autor Andreas Huyssen é crítico da análise de Ricoeur, valorizando um dever de esquecimento como algo positivo. Para Huyssen, "o brevíssimo capítulo sobre o esquecimento no livro de Ricoeur é apenas um adendo à obra dedicada à história e à memória" (HUYSSSEN, Andreas. *Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas de memória*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014: 158). Para o crítico literário e da cultura, "um discurso público onipresente e até excessivo da memória, somado à sua comercialização em massa, pode gerar outra forma de esquecimento, um olvido por exaustão que é diferente da memória manipulada de Ricoeur, como um não querer saber" (idem: 174). Embora acredite explorar as complexidades e efeitos do esquecimento público, Huyssen não deixa de se apoiar nas fenomenologias da memória e do esquecimento do filósofo francês Paul Ricoeur, mesmo se este autor entende que "não se pode falar de modo algum de dever de esquecimento" (RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2012: 427).

porém, o fato de que “o passado atrai mais do que a história; a presença do passado, a evocação e a emoção sobrepujam o distanciamento e a mediação” (HARTOG, 2013: 244). Todavia, para Hartog, isso é não apenas uma exacerbação da memória – seja demanda, dever ou direito –, mas uma resposta e sintoma desse presentismo que enxerga tudo em função do presente.

De acordo com a historiadora Sabina Loriga, numa análise da relação entre memória e história especialmente atenta às reflexões de Paul Ricoeur, a relação entre memória e história, construída como apartada por interesses historiográficos, pode e deve mudar. Em sua conclusão, a autora ressalta que:

É claro que a possibilidade de escutar e compreender intimamente as vozes do passado é parcial, fragmentária, insuficiente. Mas só temos essa possibilidade. Para ser inquietante, a história deve buscar descobrir o passado que a memória carrega em si sem saber, aquele que, como escreveu Marcel Proust, se esconde “fora do seu campo” (LORIGA, 2009: 32).

Como já indicado anteriormente, não acredito ser o caso de "descobrir" o passado que a memória carrega, mas de buscar perceber como suas práticas discursivas permitem acessar algumas possibilidades das experiências do passado e como esse narrar se relaciona com as práticas discursivas da história. Nesse sentido, também interessado em uma história inquietante, atentei, na narrativa da memória da senhora Arlete, para suas lembranças, contradições, esquecimentos, que vão e voltam. Entendo que é justamente essa dinâmica, com suas interrupções, sua contradições, seus retornos, que ampliam as possibilidades da história para tornar inteligível o Recanto das Emas. De acordo com o que conta essa moradora:

Acho que eu costumo falar assim, eu acho que eu nem mereço tanto, porque, sem mentira nenhuma, por esse solzinho que tá iluminando, meus filhos não precisaram de médico e viviam assim ó, eram criados pelo tempo. Porque eu saía pra trabalhar, hoje em dia, você ver, a gente tá aqui, toda hora tá "entra pra dentro, fecha o portão, entra pra dentro", e lá não tinha portão, a gente morava num barraquinho de dois cômodos, né, e eles moravam é na rua, ali, no meio da rua, porque não tinha, onde sair de dentro do barraquinho era rua, né. Então, eu saía pra trabalhar, deixava uma criança de oito cuidando dos outros de até dois anos, até um ano e meio de idade, né. O de oito cuidando de uma de sete, que era, de seis, que era Valéria, que era uma pimenta malagueta, e mais um de três anos pra quatro e um de um ano e meio e ele é quem cuidava (ARLETE, 2016: 504).

Arlete narra as marcas dessas experiências vividas no espaço do Recanto das Emas. Ela se lembra do "barraquinho de dois cômodos", que era como morar na rua, um prolongamento da rua, "no meio da rua". Lembra-se do filho mais velho que tinha que olhar os três irmãos menores mesmo tendo apenas oito anos. Lembra-se que os filhos "eram criados pelo tempo", o que dá a ver e a ler essa rotina de deslocamento dessa trabalhadora para o Plano Piloto para trabalhar como empregada doméstica e

diarista. Mesmo "sem mentira nenhuma" e se o mesmo sol de todo dia é testemunha, ela se esquece do problema de anemia que teve o filho mais novo, quando lembra que "meus filhos não precisaram de médico". Ela também se esquece do portãozinho que acaba por aparecer nesse "lá não tinha portão". Ela esquece também suas dores e labores, ao lembrar que "eu acho que eu nem mereço tanto", como costuma falar.

A partir de enunciados como esse, de quem viveu e vive o Recanto das Emas, foi possível construir uma narrativa sobre essa cidade, marcada principalmente por barraquinhos de dois cômodos, habitações inseguras e instáveis, muitas vezes em lotes sem cercamento, que confundiam-se com as ruas. A cidade foi sendo delineada a partir de uma política institucionalizada de expulsão da população de baixa renda no DF para lotes em periferias distantes dos principais centro de trabalho, como o Plano Piloto e Taguatinga, praticada desde os anos 1960. Nessa imagem, as marcas e traçados das táticas e estratégias criadas pelas moradoras em suas lutas diárias pela sobrevivência. Compostas também por relações sociais desiguais, machistas e patriarcais que sobrecarregam as mulheres com o serviço doméstico, a criação dos filhos e a função de provedoras da família diante de pais ausentes, inexistentes, indiferentes, exploradores. Ainda, nessa imagem, a marcas da insegurança, da instabilidade, da violência que perpassam a todo o tempo esse espaço. Finalmente, as marca da expectativa de dias melhores, da esperança resignada que alimenta o imaginário de suas moradoras, amálgama identitário de sentimento de pertencimento.

Tal dinâmica remete às reflexões de Sabina Loriga ao questionar Paul Ricoeur pela problematização que este faz das demandas por memória, fugindo ao entendimento tradicional do dever de memória. Para ela, Ricoeur escapa da questão de quanta história precisamos para a de qual história precisamos. Critica ainda Paul Ricoeur por negligenciar a historiografia do passado e tratar mal a imaginação histórica. A autora, após exaustiva análise, sustenta que a posição defendida por Ricoeur é a de que "o historiador age como uma espécie de agente prudente, encarregado de regular o tráfego de diferentes memórias a partir do princípio de equidade" (LORIGA, 2009: 31). Isso para Loriga significa uma ambiguidade quanto à imaginação histórica. Porém, em minha leitura, entendo que Ricoeur valoriza a imaginação histórica ao abordar a epistemologia da história, a representância da história, bem como na ontologia da condição histórica. Através do exemplo de situações limite como o Holocausto, o filósofo francês valoriza o papel da hermenêutica da crítica historiográfica e destaca sua importância para marcar os limites do saber histórico ao enfatizar que:

A tarefa do historiador frente aos acontecimentos "nos limites" não se limita à habitual caça à falsificação que, desde o caso da Doação de Constantino, tornou-se a grande especialidade da história erudita. Estende-se à discriminação dos testemunhos em função de sua origem: diferentes são os testemunhos de sobreviventes, diferentes os de executantes, diferentes os de espectadores envolvidos, a títulos e graus diversos, nas atrocidades de massa; cabe então à crítica histórica explicar por que não se pode escrever a história abrangente que anularia a diferença intransponível entre as perspectivas (RICOEUR, 2012: 271).

Nessa tarefa e desafio colocados ao historiador, há a relação do próprio cidadão com a memória coletiva. Ricoeur valoriza ambas e deixa seu entendimento de como historiadoras e historiadores podem atuar, sem que isso signifique limitar a imaginação histórica ou ser ambíguo em relação a ela. Pelo contrário, erodir essas histórias que se afirmam como totalizantes, que buscam anular as diferenças, que são e serão sempre intranponíveis, deve ser um imperativo historiográfico e cidadão. Além disso, o autor também deixa claro seu posicionamento na seção que ele chama de "a memória, encarregada da história?" Para Ricoeur:

O processo de historicização da memória, versado em benefício de uma fenomenologia hermenêutica da memória, mostra-se, assim, estritamente simétrico ao processo pelo qual a história exerce sua função corretiva de verdade em relação a uma memória que exerce incessantemente, a seu respeito, sua função matricial (RICOEUR, 2012: 403).

Ao invés de preocupar-se que a memória atraia mais do que a história, como é o caso de Hartog, Ricoeur explicita a simetria de dois procedimentos, a historicização da memória e a crítica da história às memórias. O filósofo mostra como não há valor intrínseco na oposição entre as duas posições, essa *hubris*, constituintes dos regimes de verdade, que representam “as pretensões rivais da história e da memória de cobrir a totalidade do campo aberto, por trás do presente, pela representação do passado” (RICOEUR, 2012: 403). Dessa forma, conclui Paul Ricoeur:

Assim emolduradas, história da memória e historicização da memória podem se confrontar numa dialética aberta, que as preserva dessa passagem no limite, dessa hubris que seriam, de um lado, a pretensão da história de reduzir a memória à categoria de um de seus objetos, de outro, a pretensão da memória coletiva de avassalar a história pelo viés desses abusos de memória, nos quais podem se transformar as comemorações impostas pelo poder político ou pelos grupos de pressão (RICOEUR, 2012: 403).

Sob tal perspectiva, me parecem operacionais algumas regras e alguns efeitos específicos de poder de que fala Foucault, que destaca que "o poder, longe de impedir o saber, o produz" (FOUCAULT, 2007: 148). Esses regimes de verdade acerca da "história da memória" e da "historicização da memória" podem ser apreendidos nos posicionamento das autoras e autores tratados, historiadoras ou não. O primeiro, que Ricoeur define como “a pretensão de história de reduzir a memória à categoria de um de seus objetos”, ao qual se alinham, mais ou menos aproximados, alguns dos autores

analisados, como Guimarães, Le Goff, Burke, Norra, Pollak, Hartog, Dosse, Motta. Todos eles identificam a memória como objeto da história, demandam o exercício crítico da história sobre a memória, que inclui a memória historiográfica, e defendem a representância da história. O segundo regime de verdade, que Ricoeur define como “a pretensão da memória coletiva de avassalar a história pelo viés desses abusos de memória” preside as reflexões de autoras como Benjamin, Farge, Costa, Seixas, Loriga, Sarlo. Essas autoras, no entanto, não inferiorizam a história, mas sim identificam a memória como uma área do saber aberta às sensibilidades à qual a história é convidada a participar. Elas defendem que essa participação demanda uma imersão da história nas possibilidades de reconstituição íntima da memória e a representância da memória.

Mais uma vez, é importante destacar que longe de estabelecer aqui dicotomias ou enfoques binários simplistas, procurei fazer uma leitura atenta dessas autoras e autores, bem como sua análise crítica, balizado pelas reflexões de Paul Ricoeur, no esforço de (re)construir histórias do Recanto das Emas a partir das memórias de suas moradoras. A ideia foi jutamente envolver as práticas discursivas da história e da memória e de sua relação para conferir inteligibilidade e dizibilidade à histórias do Recanto das Emas. Nesse fazer, não só é possível pensar em outros regimes de verdade, como mencionado no início do capítulo³¹, como é possível perceber nuances, tensões e resistências nesses dois regimes, que estão em ininterrupta disputa e diálogo entre si e com outros. Nessa dinâmica, emergem outras possibilidades para a análise, como as que identifiquei ao abordar as conferências de duas historiadoras e a de um historiador em um simpósio de sua associação.

Em sua conferência de abertura “O lugar da História na sociedade brasileira: desafios”, o então presidente da ANPUH, Rodrigo Motta, preocupou-se em chamar a atenção das historiadoras e historiadores presentes no XXVIII SNH, de 2015, em Florianópolis, para a desestabilização dos lugares tradicionais ocupados pela história e seus praticantes na escola, no mercado editorial e na academia. O historiador chega a falar em uma crise da história, que ficaria evidenciada pela “queda na vendagem de livros, o desinteresse dos jovens em seguir a profissão e a falta de cargos nas universidades”, recorrendo então à análise de François Hartog sobre a crise do moderno regime de historicidade e à afirmação do presentismo como sintomas maiores dessa crise. Para Motta:

³¹ Ver p. 22.

De acordo com tal análise, ao contrário da história que perscruta a experiência humana no tempo com base num afastamento crítico e na preocupação de perceber mudanças, a febre comemoracionista e a onda memorialista nutridas pelo presentismo disseminam um olhar que sugere identificação e atemporalidade. Na inspirada imagem evocada por Hartog, a musa da história Clio está a ser superada por sua mãe, Mnemosine, a deusa da memória, que vem assumindo ou reassumindo o seu lugar de proeminência. Enfim, parecem haver de fato algumas nuvens ameaçadoras no horizonte do nosso campo de saber, tanto aqui como alhures. Por isso, reiterando, é necessário levantar questões que ajudem a pensar nosso lugar na sociedade (MOTTA, 2015).

A preocupação central do historiador, compartilhada com seus pares, é da possibilidade de um deslocamento da posição de proeminência da história pela memória, o afastamento de um saber crítico acerca das "experiências humana no tempo", em favor de sentimentos e práticas celebrativos e memorialistas. Rodrigo Motta propõe a resistência de historiadoras e historiadores às possibilidades disseminadas pela "onda memorialista nutridas pelo presentismo", que sugere "identificação e atemporalidade".

A concepção de história defendida por Rodrigo Motta é de uma ciência sobre o passado que se distingue de outros discursos que pretendem representar o passado. Nessa sua visão, a memória é apenas um objeto da história e não um saber, um campo próprio de conhecimento. Segundo o autor:

A propósito, vale a pena lembrar a distinção clássica entre o conhecimento histórico e outras formas de representar o passado ou a experiência no tempo. A distinção está no fato da história operar com procedimentos científicos, seguir um método, pautar-se pela crítica das fontes e buscar evidências diversificadas. O historiador deve desconfiar de suas fontes, inquiri-las em busca da verdade, uma meta que é inalcançável em sentido puro, mas que ainda permanece objetivo principal. Portanto, o ponto diferencial é que o historiador pode levar ao público um conhecimento mais crítico, mais reflexivo. Nós também podemos atender a curiosidade e a necessidade de divertimento do grande público, mas com a peculiaridade de incluir no pacote o biscoito fino, ou seja, levar o leitor à reflexão" (MOTTA, 2015).

Os historiadores, para Motta, também podem ser curiosos e divertidos, mas apenas estes poderiam oferecer a crítica e a reflexão necessárias acerca da representação do passado. Estaria aí a garantia de valor da história, de seu sentido, sua importância para a formação de cidadãos críticos. Afinal de contas, a "busca da verdade", embora meta "inalcançável em sentido puro", ainda "permanece objetivo principal". Essa história que pretende marcar seu lugar enquanto ciência não está disposta a perder sua posição de centralidade, de proeminência na relação com as representações do passado ou com a experiência no tempo. Nesse entendimento, a memória é coadjuvante. Para Motta, a história como saber "é indispensável para compreender o mundo e

fundamentar as decisões atuais, na medida em que coloca em perspectiva a experiência humana no tempo” (MOTTA, 2015).

Tal posicionamento de Rodrigo Motta já havia sido apresentado em artigo anterior. Neste caso, o autor busca apresentar "esses dois campos" sem hierarquizações à princípio. Todavia, ele não deixa de valorizar as características que entende como próprias da história e que constroem-se pela contraposição à memória. O historiador dá as seguintes definições de história e memória;

Memória e História são formas distintas de representação do passado, sem que se possa considerar uma superior à outra. A distinção está no fato da História operar com procedimentos científicos, um método, a crítica das fontes e a busca de evidências as mais amplas e diversificadas. O historiador deve desconfiar das suas fontes, inquiri-las em busca da verdade. Se o objetivo e a ambição da historiografia é a verdade, a Memória, por seu turno, tem como compromisso maior a fidelidade ao passado de que oferece testemunho (MOTTA, 2013: 61).

Nesse sentido, a posição de Motta aproxima-se do primeiro regime de verdade. Essa posição dialoga com alguns pontos das formulações defendidas por Ângela de Castro Gomes na mesa Diálogos Contemporâneos intitulada “História, memória e temporalidade”. A proposta da mesa encontra-se explicitada no caderno de resumos do evento do XXVIII SNH da ANPUH de 2015:

O objetivo é debater alguns temas fundamentais para a nossa área, que têm implicações marcantes na epistemologia da História. Os integrantes da mesa são convidados a refletir, sobretudo, sobre as relações entre História e Memória, um tema clássico que assumiu novas dimensões no período recente. Sugere-se atenção especial às aproximações e afastamentos que conformam as relações entre essas duas formas de representar a experiência no tempo, colocando em perspectiva também os diferentes regimes de historicidade (SNH, 2015: 6)

Para Gomes, a diferença entre essas duas “formas de representar a experiência no tempo”, como definido na proposta, é bem marcada. Enquanto a memória serviria para tornar o passado presente, para a estabilidade do grupo, para capturar o tempo e monumentalizar o passado, a história seria o conhecimento crítico e compreensivo do passado, que serve para desmonumentalizar o passado. Ela classifica ambas como “formas de gestão do passado” e defende a necessidade, cada vez mais presente, de se proceder a análise da memória pela história, no esforço para desmonumentalizar o passado. Para a historiadora, existem possibilidades estimulantes em se refletir sobre essa relação:

Trata-se, então, de esclarecer que estou assumindo como ponto de partida suas aproximações – o presentismo, a seletividade, a busca da verdade, o trabalho com representações – e seus distanciamentos – como muitos historiadores postulam cabe à memória tornar o passado presente, garantindo a continuidade e a estabilidade de um grupo social, qualquer que seja seu tamanho. Para tanto, a memória procura capturar o tempo por meio de estratégias que o revivem e comemoram. Por isso, cabe à memória

encenar e monumentalizar o passado. Em especial, o passado histórico, que por estar mais distante, que por não ter sido vivido diretamente, devendo ser apreendido de diversas formas, precisa ser aproximado e experimentado pelos grupos sociais, o que se faz através de estratégias cuidadosamente implementadas por determinados atores, muitos deles vinculados ao campo intelectual e político de seu tempo, entre os quais os historiadores (GOMES, 2015).

A autora propõe uma perspectiva de análise atenta às aproximações e distanciamentos entre história e memória para falar da relação entre ambas. Assim, dimensões que Rodrigo Motta identifica como próprias da memória (o presentismo, a seletividade) ou da história (busca pela verdade e a questão da representação) são vistas por Ângela Gomes justamente como aquilo que aproxima a memória e a história, sem que isso confunda uma com a outra. Em sua análise, o papel postulado para a memória não é menor ou secundário em relação à história, mas sim atento às suas especificidades. Para a autora, a memória cuida de monumentalizar o passado, em especial, o passado histórico, o que envolve a busca dos grupos sociais por estabilidade e continuidade, na construção identitária que fazem de si e de seu grupo. Operação, essa, que envolve os esforços inclusive dos próprios historiadores. Em sua análise, a historiadora aborda também a relação de distanciamento entre história e memória:

Já à história caberia produzir conhecimento sobre esse tempo passado por meio de um exercício que precisa ser crítico e compreensivo, operando um instrumental teórico metodológico cujo objeto é justamente desnaturalizar e desmonumentalizar o passado histórico ou mítico, não importa. Memória e história são nessa dinâmica, reconhecidamente, formas de gestão do passado. Nesse sentido, a história seria um tipo de forma de gestão do passado capaz de permitir cada vez mais a análise dos processos de construção da própria memória (GOMES, 2015).

Ângela Gomes não parece nutrir os mesmos temores de Motta de um deslocamento da posição de proeminência e de sentido da história. A autora propõe a aproximação da história com a memória nas formas diferenciadas de gestão do passado, não sua exclusão, desvalorização ou desautorização. A memória não é em si o objeto da história, mas a ela se relaciona por conta de também operar a gestão do passado. Nesse sentido, caberia à história a análise do processo de construção da própria memória, que envolve o exercício crítico de desnaturalização e desmonumentalização do passado histórico ou mítico. Apesar e por conta de atentar para a dinâmica das relações, Gomes se aproxima do primeiro regime de verdade ao defender a história como um conhecimento crítico e compreensivo, capaz de analisar as construções da memória. A memória não é excluída, sendo necessária uma aproximação com a história para essa análise dos processos de sua construção. Para a autora, a história é que seria o saber crítico, desnaturalizante, instado ao dever de desmonumentalizar o passado no exercício

que faz de historicizar as práticas e lugares de memória. Sob esta lógica, a historiadora define a relação entre história e memória como “indecisa”, onde as duas “implicam-se mutuamente”, sem que se confundam, pois “se a história faz uso da memória tornando-a um objeto privilegiado de estudo, a memória também faz uso da história incorporando-a como um de seus materiais para fabricação de passados” (GOMES, 2015). Ou seja, para Gomes não haveria uma competição entre deusa e musa, entre mãe e filha, disputa que simboliza a preocupação de Motta, mas sim uma relação indecisa, sem ser imprecisa, operando um movimento de aproximação e distanciamento nas formas de gestão do passado, onde à história caberia a análise dos processos de construção da própria memória e à memória, o uso da história na fabricação de passados.

Essa posição, portanto, se relaciona com os dois regimes de verdade apresentados. Embora não abra mão de um “exercício da cientificidade” para o fazer da história, por outro lado, não descarta certo nível de subjetividade nesse exercício, “tirando proveito das orientações que ela pode apontar para a escrita da história” (GOMES, 2015). Isso indica a possibilidade de um terceiro regime de verdade, atento à coexistência e também às tensões e disputas entre história e memória nas diferentes formas de gestão do passado. Certamente, a posição da Ângela Gomes valoriza mais os ritmos próprios da memória e da história, onde esta busca ter com aquela uma relação sem sujeição, mas com autonomia e também de trocas. É o que defende Gomes ao propor pensar a relação da memória com a história como possibilidade “frutífera para o historiador pensar teoricamente a partir de sua própria experiência de pesquisa e interlocução com categorias e teorias presentes no campo historiográfico de seu tempo, delas se apropriando de forma a melhor se adequarem ao fenômeno que investiga” (GOMES, 2015).

Eliana Dutra é outra historiadora que estabelece um contraponto às posições destacadas por Motta, apresentando em seu discurso um viés valorativo da memória, inscrito, portanto, no segundo regime de verdade de uma fenomenologia hermenêutica da memória. Em “A memória em cena e cenas da memória”, ela utiliza como suporte um documentário chamado “Nostalgia da luz” (GUZMAN, 2010) a partir do qual tece suas considerações:

Para o prisioneiro entrevistado, como também pros outros entrevistados, a memória é fato, é transfiguração do acontecimento, é transparência do vivido, é entrada e domínio do tempo, é conquista do passado humano, é certeza do presente. A esse homem, o cineasta como a reconhecer o direito de uma função social para a memória, dá a designação, ele chama esse homem de transmissor de história, não é? E essa designação que é

considerada a condição de atestação, e aqui eu lembro muito de Ricoeur (com quem confesso me identifico muito nessas leituras), do passado por parte da memória e que pode ser corroborado por aqueles que como ele crêem num estatuto próprio da memória enquanto conhecimento. De que a memória tem o seu próprio estatuto teórico, como a história também tem o seu. A exigência da atestação de existência mesmo de um passado, esse é um dos estatutos teóricos da memória (DUTRA, 2015).

Para Dutra, é a memória quem passa à história, quem transmite seu conhecimento do passado, quem atesta sua existência, sendo essa exigência um de seus estatutos teóricos. O esforço de Dutra é também o de estabelecer um diálogo entre memória e história, pois entende que somos seres de memória e de história. Ressalta, assim, os estatutos teóricos de cada campo, mas sem hierarquizá-los. Nesse sentido, além de aproximar-se de Ricoeur, como anuncia, entendo que também se aproxima de Michel de Certeau, autor que valoriza uma "memória-saber" e "uma memória-prática" (Cf. CERTEAU, 2014: 146). Tal possibilidade não implica na negação do estatuto de inteligibilidade da história, muito pelo contrário. A autora entende que "essas relações nos obrigam a pensar na dimensão humana da disciplina histórica" (DUTRA, 2015).

Embora Eliana Dutra destaque "preocupações importantes" no início de sua fala, tal como Ângela Gomes, também essa historiadora pensa a relação entre história e memória sem receios, sem os temores de Rodrigo Motta. Assim como outras autoras e autores que valorizam as possibilidades da memória em suas relações com a história, Dutra também defende não só as especificidades do discurso histórico, como as potencialidades de sua articulação com a memória. Segundo a autora:

O tempo da história com sua arquitetura construída pelos historiadores na captura no interior da vida social e política dos seus múltiplos movimentos, das suas durações, dos seus vários ritmos, das suas rupturas e continuidades, das suas linhas inter cruzadas, ambos comportam para além de variados itinerários, diferentes formas de apreensão. As experiências temporais da história vivenciadas pelos homens no seu presente vão construir diferentes relações entre o passado e o futuro, as quais não prescindem da memória e das formas de lembrar. No documentário de Guzman, a força das imagens e os depoimentos que invocam a materialidade dos traços do passado como evidência em si mesmo não esbateram a realidade de sua construção e sua condição de representação (DUTRA, 2015).

Para Dutra, não há hierarquização entre os estatutos da memória e da história, nem a busca do domínio de um saber pela outro. Há o reconhecimento de ambas como saberes distintos, cada qual com seu estatuto teórico. É visível o interesse em pluralizar as possibilidades do debate, onde a história não teme a memória e por isso a engessa, nem a memória desconfia da história e por isso a evita. O que propõe Eliana Dutra é uma sinfonia, onde historiadores, testemunhas, cineastas, astrônomos, arqueólogos, arquitetos, entre tantos outros, podem compor a melodia, cada qual com a sua visão, seu lugar de fala, seu discurso, seu estatuto de inteligibilidade. Em outro

artigo de sua autoria, a historiadora conclui ser possível "no contraste entre diferentes percepções e manuseios da memória, enriquecer as análises no campo da história e dotá-las de maior complexidade" (DUTRA, 2013: 75).

Eliana Dutra introduz esse mesmo artigo afirmando que sua abordagem tratará de "uma hermenêutica, ancorada na questão da representação do passado e na constituição de uma forma de conhecimento, que é a memória, e de outra forma de conhecimento, que é a história" (DUTRA, 2013: 71). Assim como Ângela Gomes tensiona as possibilidades do primeiro regime de verdade e o desloca, também Dutra desloca o segundo regime de verdade. Entendo que os dois regimes de verdade disputam a posição de centralidade nessa relação entre memória e história quanto à forma de gestão do passado, sem que nenhum deles se estabeleça de forma plena. Os campos da memória e da história, assim como os demais, podem enriquecer as análises acerca do passado, nos termos já propostos por Paul Ricoeur. Não há valor intrínseco na oposição entre os dois regimes de verdade. Mas há benefício mútuo no diálogo entre essas duas formas de gestão do passado não obstante suas tensões. Delimitar essa posição como um terceiro regime de verdade é uma possibilidade de abordagem, assim como vê-la como deslocamentos dos dois primeiros regimes de verdade de história da memória e de historicização da memória. Em qualquer dos casos, é essa a posição que orienta a (re)construção do Recanto das Emas ao longo do presente estudo.

Essa possibilidade de diálogo entre história e memória me parece o melhor caminho para contar e recontar a cidade do Recanto das Emas. Assim como Ecléa Bosi encontrou na memória de seus entrevistados, a cidade de São Paulo, entendo que é possível contar a história do Recanto das Emas (e outras cidades) nos compassos e descompassos da memória de suas moradoras. De acordo com aquela autora:

Cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que permanecem como pontos de demarcação em sua história. O caudal das lembranças, correndo sobre o mesmo leito – a cidade de São Paulo –, guarda esses episódios notáveis, que ouvimos sempre retomados na fabulação de seus moradores (BOSI, 2010: 418).

A cidade surge portanto como um eixo estruturante das lembranças. Não se trata simplesmente de transpor as memórias sobre a cidade como história da cidade, mas sim realizar o que propõe Ângela Gomes ao definir que a história, como forma de gestão do passado, permite a análise dos processos de construção da memória, sendo esta outra forma de gestão do passado. A memória das moradoras e moradores sobre a cidade cumpre aqui um papel de "atestação de existência mesmo de um passado"

conforme proposto por Eliana Dutra, assim como uma orientação para quem se perde pela cidade. Ao tentar me localizar na narrativa de Maria João, essa orientação ocorre:

– *Nós temos a... a... aquela lá em cima que eu nem sei qual o nome dela.*

– *Eu lembro que tinha a Faculdade da Terra, mas que fechou.*

– *Faculdade da Terra. Fechou, a Faculdade da Terra fechou.*

(Neta) – Tem a JK.

– *Tem a JK, é, tem a JK, e tem aquela outra lá em cima, como é o nome dela? É a? É JK e tem uma que tá aqui pra baixo, aonde era um mercadão ali pra baixo.*

(Neta) – Essa é a JK, a da Terra fechou.

– *A da Terra fechou? E aquela que é lá perto da clínica onde a Valdete trabalhava? Que é perto da CAES... da CEB³², subindo ali pro rumo da UPA³³? Tem uma faculdade ali.*

– *Não conheço...*

– *Não né. Eu não sei, mas eu acho que ali ou é um curso né, um curso assim que faz curso assim esses negócios assim, então muita coisa, ó, mercado, padaria né, tudo. A... A... Como é que a gente fala quando desenvolve uma cidade? Infra-estrutura né... (MARIA JOÃO, 2016: 384).*

A inserção da cidade nesse debate se dá, portanto, através da valorização do modos pelos quais é representada pelos cidadãos em suas memórias, pelo modo como estes podem conduzir com suas lembranças para cima ou lá para baixo, até perto do mercadão, da clínica que a Valdete trabalhou, perto da CEB ou seria da CAESB? A cidade gera representações de si mesma que sustentam a memória e também é reorientada pelas memórias no refazer que é lembrar. Nos dizeres de Bosi, "as lembranças se apoiam nas pedras da cidade" (BOSI, 2010: 439), as memórias lembram e repõem nos espaços da cidade as faculdades como símbolos da infra-estrutura que narra o desenvolvimento urbano e, assim, as pedras da cidade cedo ou tarde são lembradas. As dimensões da cidade, que podem parecer dadas para quem vem de fora, podem muito bem ser, e são, redimensionadas e contadas pelas moradoras nos espaços da memória. Assim o faz a senhora Maria das Benções ao narrar que:

– *A Administração ajudou só umas caçambas de terra, que a gente, que eu fui lá, pedi eles lá pra arrumarem umas caçambas de terra, pra gente poder aterrar aqui, pra gente poder fazer o piso aqui.*

– *E aí eles davam sem problemas? Era só ir lá e pedir?*

– *Nesse tempo, eles davam mas agora não tá, dá mais não.*

– *Hoje em dia, a senhora ainda vai lá ou só nessa época?*

– *Não, eu não vou lá mais não.*

– *Só naquela época do começo?*

– *Foi, foi.*

– *Entendi. Até porque é longe, né? A Administração daqui.*

– *Até que não é muito longe não.*

– *Não?*

– *Não. Fica ali, não tem o Euro ali, lá em cima? É descendo assim do Euro, assim, pro lado de baixo.*

³² Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal e Companhia Energética de Brasília, respectivamente.

³³ Unidade de Pronto-Atendimento.

- *Só ir reto pra baixo?*
- *É.*
- *Eu tentei ir ali outro dia, mas eu não achei, é ali perto nas chácaras, ali embaixo?*
- *É, ali descendo, lá pros lados do mato.*
- *Eu acho que é porque eu comecei a descer, aí eu vi uma clínica assim, aí acabou e eu desisti, aí eu voltei pra trás.*
- *Pois é, lá embaixo a Administração (MARIA DAS BENÇÃOS, 2016: 455).*

A Administração Regional do Recanto das Emas³⁴, onde não mais se vai, que fica "lá embaixo", "lá pros lados do mato", "até que não é muito longe não" para essa moradora da cidade, mesmo se parece longe para mim, o entrevistador, que me perdi procurando o local na época. Maria das Benções mora na quadra 115 e a Administração se localiza a aproximadamente seis quilômetros de sua casa³⁵, em uma área de chácaras abaixo da quadra 103, próxima ao núcleo rural Vargem da Benção. É um espaço que além de sede do representante do governo, surge como um espaço de onde veio apoio que não mais há. Um espaço próximo ao supermercado Euro hoje em dia, mas que atravessa a formação do Recanto das Emas e do espaço de morar desde a terra "pra fazer o piso aqui".

Paul Ricoeur lembra que "a cidade se dá ao mesmo tempo a ver e a ler" (RICOEUR, 2012: 159). Essas memórias impregnadas da cidade passam a contá-la em suas narrativas, erigindo-a através de suas quadras, seus habitantes, suas carências, seus altos e baixos. As moradoras que lembram vão (des)construindo a cidade enquanto a (re)constróem em suas narrativas que dão a ver e a ler seu recanto. É o que faz a senhora Maria Clara:

- (...) *E também, né, não tem o hospital, muito difícil pra população. Então, não é fácil, a gente até tava até pensando em vender aqui, porque não tá fácil aqui, principalmente aqui pra baixo, né. As coisas aqui não é...*
- (Filha) – *Mais esquecido.*
- *Mais, muito mais esquecido.*
- *A senhora acha, por exemplo, que aqui a situação das 500s é mais difícil que a das 300s? Ou é mais ou menos a mesma coisa?*
- (Filha) – *Ná, eu acho que sim, é mais difícil.*
- *Mais difícil.*
- (Filha) – *Tem mais preconceito.*
- *E eles não olha presse lado de cá (MARIA CLARA, 2017: 518).*

A moradora narra, a partir de suas lembranças, dois espaços dentro de sua cidade. A narrativa vem mapeada por esse "aqui pra baixo", que se refere às quadras 500s, um aqui que ela até pensa em vender. Esse espaço é contraposto às quadras 300s

³⁴ De acordo com a antropóloga Antonádia Borges, "o Recanto das Emas é uma 'Região Administrativa' do Distrito Federal. A categoria cidade, no entanto, perpassa a vida local, a ponto de a 'Administração Regional', no que diz respeito ao seu espaço físico e às suas funções, ser percebida e referida pelos moradores do Recanto das Emas como uma espécie de prefeitura" (BORGES, Antonádia. *Tempo de Brasília : etnografando lugares-eventos da política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003: 51).

³⁵ Essa distância foi medida através do sítio *Google Maps*, [www. maps.google.com](http://www.maps.google.com), acesso em out. 2017.

próximas, contraste que é reforçado pela opinião da filha e pela pergunta do entrevistador que se segue. Em sua narrativa, Maria Clara vai adensando os contornos desses espaços, sejam eles muito mais ou menos esquecidos. São baixos e altos ou números dos endereços que simbolizam mais do que uma localização geográfica, pois além de mapear lugares, reconstroem experiências, constroem narrativas, atribuem sentidos e identificam pessoas. Pessoas, essas, que veem e leem essa cidade, que vivem e contam esse lugar. Recanto que é visto e lido, vivido e contado pela senhora Maria Eustáquia:

Precisa também aqui assim de muita, assim, eu creio assim, mais mercados né, é... É... Como é que fala assim, um banco, mais perto pra gente né, porque é tudo lá em cima. Mais difícil né pra gente ir lá. Tudo é lá né. Mas assim, tudo agora aqui tudo que coloca também é muito difícil, porque fica pouco tempo, eles roubam muito né aqui. Roubava né. A gente fala assim roubava, porque pra ver se Deus não deixa tanto. Mas é muito difícil. Às vezes coloca farmácia aqui mais perto, mas logo eles tem que fechar. Eu penso assim que se tivesse mais policiamento aqui né, é como tinha ali o posto, o posto fiscal... Como é que é? O posto de polícia ali né, aquele postinho. Eles ficaram ali pouco tempo. Já saíram, com três dias que eles tinham saído, eles puseram fogo lá né. Mas assim, eu penso se eles permanecessem mesmo, ficassem mais mesmo, pusessem mais posto espalhado aqui mais pra baixo né, eu penso que melhoraria mais né (MARIA EUSTÁQUIA, 2015: 335).

Essa moradora também percebe mais dificuldade no seu "aqui", onde faltam comércio, um banco, mais mercados e até mesmo as farmácias, que permanecem por pouco tempo por conta dos roubos. Roubos colocados no passado para ver se Deus protege o presente de Maria Eustáquia. Seu aqui, "aqui mais pra baixo", é marcado pela falta de policiamento, pelo posto policial que foi incendiado, enquanto que "é tudo lá em cima", "tudo é lá né". Por meio da memória, essa moradora dá a ver e a ler a cidade, a transformação do espaço ao seu redor ao mesmo tempo que representa esse espaço. Ela conta e reconta, canta e recanta. É nesse sentido que José D'Assunção Barros afirma que a cidade deve ser explorada "na perspectiva de sua construção na imaginação do próprio cidadão. Como o homem cidadão representa a cidade – seja a cidade em geral ou a sua cidade em especial – para si mesmo?" (BARROS, 2011: 112). As moradoras Maria Clara e Maria Eustáquia, nesses trechos de entrevistas, lembram e representam o Recanto das Emas como polarizado entre o aqui e o lá, o baixo e o alto, tudo e nada, ao mesmo tempo, elas permeiam essas representações com desejos de vender a casa ou "aquele postinho" incendiado.

Recorrendo a Bergson e Sartre, Paul Ricoeur discute a complexa relação entre imaginário e memória. O autor destaca que quando se lembra de algo, não se está simplesmente imaginando a lembrança, "mas eis agora a reviravolta. Ela se produz no

terreno do imaginário" (RICOEUR, 2012: 69). Essa definição é melhor explicitada quando o autor define que:

Uma fenomenologia da memória não pode ignorar aquilo que acabamos de chamar de cilada do imaginário, na medida em que essa composição em imagens, que se aproxima da função alucinatória da imaginação, constitui uma espécie de fraqueza, de descrédito, de perda de confiabilidade para a memória. (...) A escrita da história partilha dessa forma das aventuras da composição em imagens da lembrança sob a égide da função ostensiva da imaginação" (RICOEUR, 2012: 70).

Sandra Pesavento analisa a cidade em suas relações com a história e a memória atentando para essa dimensão instituinte do imaginário social. Segundo a autora "todos nós, que vivemos em cidades, temos nelas pontos de ancoragem da memória" (PESAVENTO, 2007: 3), lugares familiares pelas experiências que vivemos ali ou pelas narrativas de nossos parentes a lhes atribuir importância. De qualquer forma, os sujeitos experienciam esses lugares, de modo que "estes espaços dotados de significado fazem, de cada cidade, um território urbano qualificado, a integrar esta comunidade simbólica de sentidos, a que se dá o nome de imaginário" (PESAVENTO, 2007: 4). Para Pesavento, esses são lugares de memória, mas são também lugares de história, uma vez que tanto a memória como a história são maneiras de representar e significar o passado, presentificando uma ausência em suas práticas discursivas e não-discursivas. A cidade, suas representações e significações devem ser tratadas como objeto tanto da história quanto da memória. Assim, segundo a autora:

O tempo passado não é irrecuperável, uma vez que, através do imaginário, se faz presente no espírito, dando-se a ler e ver através de discursos e imagens. Uma cidade é, pois, detentora de história e memória, assim como também o é desta comunidade simbólica de sentido a que se dá o nome de identidade (PESAVENTO, 2007: 4).

Walter Benjamin analisou a Paris representada por Baudelaire por meio de figuras centrais na obra desse poeta da modernidade como a boemia, o *flâneur* e a multidão, uma vez que o poeta sempre a evoca, porém, sem nunca se deter em descrevê-la, o que se explica pelo verdadeiro fascínio que tinha pela grande cidade. Para Benjamin, a cidade é um livro de pedra. Além disso, ele entende que "a descrição de uma cidade por um dos seus habitantes tem outras motivações, mais profundas", em oposição ao que fazem os estrangeiros que buscam o superficial, exótico ou pitoresco. Segundo o autor, essas motivações mais profundas são aquelas "de quem viaja para o passado, e não para lugares distantes", além de terem sempre "afinidades com as memórias" (BENJAMIN, 2015: 205).

Nesse sentido, acredito que as reflexões dos autores acima dialogam com as propostas de Eduardo Coutinho. O cineasta, em seus documentários, sempre teve

ouvidos atentos ao tempo construído pela memória. Em um depoimento, o documentarista ressaltou que "a necessidade de ser ouvido é uma das mais profundas, ou senão a mais profunda necessidade humana. Ser ouvido é ser legitimado" (COUTINHO in NADER, 2013).

Para pensar a cidade do Recanto das Emas, procurei ouvir as histórias e as memórias de suas moradoras. As representações e significados conferidos a essa cidade-satélite do Distrito Federal (DF) foram buscadas nas narrativas de histórias de vida de suas moradoras, que vão sendo recontadas a partir de suas vivências do lugar onde moram. Afinal, como Dasdores destaca, "já passei muitos pedaços, a Denise diz que se admira de mim e eu contar minha história, dá pra escrever um livro, que eu acho que muita gente se ler vai chorar" (DASDORES, 2016: 361). Na leitura desses depoimentos, procurei ouvi-los e me aproximei de Michel de Certeau, quando este sublinha que "os relatos de lugares são bricolagens", estes "são feitos com resíduos ou detritos do mundo" (CERTEAU, 2014: 174). É certo que há uma racionalidade geométrica, uma cidade concreta imbricada nos relatos, nessas existências humanas e suas narrativas sobre a cidade. Essa relação é dinâmica e intensa. Não há uma determinação da cidade sobre como é representada, pois no momento em que se segue um rumo, como o fazia a moradora, logo se toma outro, já que "mas tem história maravilhosa, é, assim, voltando um pouco atrás de casa de família, que eu gosto de contar, professor Jorge" (DASDORES, 2016: 361). Certeau auxilia a identificar as brechas no concreto, ao ressaltar que:

As relíquias verbais de que se compõe o relato, ligadas a histórias perdidas e a gestos opacos, são justapostas numa colagem em que suas relações não são pensadas e formam, por esse fato, um conjunto simbólico. Elas se articulam por lacunas. Produzem portanto, no espaço estruturado do texto, antítextos, efeitos de dissimulação e de fuga, possibilidades de passagem a outras paisagens, como subterrâneos e arbustos (CERTEAU, 2014: 174).

Esse "conjunto simbólico" de que fala Certeau compõe um imaginário urbano. Essas memórias que todos (re)constróem acerca dos lugares são os verdadeiros arquivos do espaço urbano para este autor. Com efeito, como lembra a moradora Arlete, "era bom, era assim, não era bonito, porque não tinha nada, mas logo logo também foi barraquinho prum lado, casa pro outro, pra outro e rapidinho o Recanto... Evoluiu" (ARLETE, 2016: 492). Observa-se que aquilo que uma moradora narra como evolução rápida, outra já conta como crescimento, como no caso de Maria João: "eu, por exemplo, vi o Recanto crescendo né" (MARIA JOÃO, 2016: 372). O que é rapidinho para uma, se dá aos poucos para outra, como narra Dasdores, para quem "a

cidade começou assim né, aos poucos vai crescendo né, porque a cidade, toda cidade tem que crescer" (DASDORES, 2016: 367). Mas um crescimento que não cessa, já que, segundo o relato de Maria Alcinda, "cresceu. E como tá crescendo, até hoje né. Cresceu e tá crescendo cada vez mais" (MARIA ALCINDA, 2016: 422). Crescimento que atravessa esse espaço também para Maria das Benções, para quem a cidade "cresceu muito. Desde lá do começo até aqui" (MARIA DAS BENÇÕES, 2016: 451). Crescimento que significa melhoria, simbolizada no asfalto, para a moradora Ana, que ao relembrar, dilata esse tempo da narrativa: "eu acho que quando eu comecei a morar aqui, eu acho que tá melhor assim. Porque morei aqui, num sei se foi dois anos, logo dois anos, três anos mais ou menos, assim, mais ou menos uns quatro anos, asfaltou, né" (ANA, 2016: 470). Crescimento contado como melhora também nas lembranças narradas por Maria Eustáquia, que avalia que "como cidade melhorou muito. Assim, eu posso até dizer, assim, que melhorou oitenta por cento né, da época que eu vim pra agora. Melhorou muito mesmo" (MARIA EUSTÁQUIA, 2016: 338). Embora a melhoria também possa ser relativizada, como na narrativa de Maria Clara, para quem "em vista do que entregou, melhorou, né, não foi, não melhorou lá essas coisas que é pra ser melhor igual é, mas não, né, teve uma melhora muito pouco, mas teve" (MARIA CLARA, 2017: 535). Enfim, uma melhora que precisa melhorar segundo o morador Antônio, já que para ele "o Recanto, bom, tá bom, mas tem que melhorar algumas coisas, né (ANTÔNIO, 2017: 547). Nesses sentidos, a cidade do Recanto das Emas evolui, cresce, melhora, não melhora, mas conta como um canto e um recanto, como assim a representa Maria Joana, ao dizer que "depois de tanto quebrar cabeça no mundo e, graças a Deus, agora eu tenho meu canto" (MARIA JOANA, 2016: 410).

Todas essas cidades confluindo no leito dessa cidade são como as "cidades invisíveis" de Ítalo Calvino (CALVINO, 1990), quando se atenta para um imaginário que permite ver e ler a cidade. A análise crítica que passeia pelo Recanto das Emas, que busca se perder na cidade orientada por essas memórias, corrobora com o entendimento de François Dosse que, atento ao pensamento de Certeau, define: "a cidade é o campo fechado de uma verdadeira guerra de narrativas, das quais cada um de nós é o portador de uma memória específica e cuja tessitura constitui a densidade histórica de cada cidade" (DOSSE, 2004: 88).

Para analisar as memórias específicas e a densidade histórica do Recanto das Emas considere a possibilidade de narrativas em guerra, em disputa, em tensão, mas também em contato, em diálogo, em sintonia. Acredito ser preciso saber ouvir, ter

ouvidos atentos aos relatos das vivências das moradoras. Isso é o que defende Antônio Montenegro ao propor que “refletir acerca de uma história de vida a partir do relato de memória é debruçar-se sobre fragmentos que o narrador – ainda que com a participação do entrevistador – selecionou para construir uma imagem, uma identidade” (MONTENEGRO, 2010: 63). Não só uma imagem de si, mas também do espaço, uma imagem da cidade onde e sobre a qual corre o relato.

Desse modo, assim como foi possível tensionar e relativizar os regimes de verdade identificados, que marcam as relações entre história e memória, também lido com as concepções daquilo que foi vivido pelos atores e suas representações dessas experiências, como estas se apoiam nas pedras da cidade, de como a cidade se dá a ver e a ler nas memórias narradas. Portanto, a história oral é aqui um método que envolve essa postura de valorização dos sujeitos, como destaca Montenegro, uma "história oral como um meio privilegiado para o resgate da vida cotidiana" (MONTENEGRO, 2013: 16). Trata-se de um cotidiano que inunda as narrativas, essas artes de fazer que narrativizam o concreto das cidades.

Montenegro sublinha que há "grande dificuldade de aliar as fontes históricas tradicionais ao depoimento oral" (MONTENEGRO, 2013: 20). Em sua ótica, isso se dá por haverem diferenças marcantes na constituição das mesmas. Acredito que essa questão precisa ser redimensionada, uma vez que as relações entre oralidade e escrita são muito mais intensas do que pode fazer pensar essa reflexão do autor. Para Ítalo Calvino, por exemplo, este é "um mundo com pesada crosta de discurso", ou seja, para ele "os fatos de nossas vidas já estão classificados, julgados, comentados antes mesmo de ocorrer. Vivemos num mundo onde tudo já foi lido, antes mesmo de existir" (CALVINO, 1998: 143). Nesse mesmo sentido, Durval Albuquerque pensa essa relação e apresenta o oral e o escrito como "formas plurais que se contaminam permanentemente" (ALBUQUERQUE, 2007: 230).

Ainda que pautado por essa contaminação recíproca e permanente entre documentos orais e escritos indicada por Calvino e Albuquerque, valorizo as particularidades dos documentos orais, pois, como destaca Paul Thompson, “a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história, (...) transformando os ‘objetos’ de estudo em ‘sujeitos’” (THOMPSON, 1992: 137).

Compartilhando as reflexões de Paul Ricoeur, o trabalho por mim desenvolvido passou por esse tensionar e relativizar os regimes de verdade que operacionalizam a relação entre história e memória. Isso foi fundamental para trabalhar

com a metodologia e a postura de história oral e para dar a ver e a ler a cidade do Recanto das Emas (re)construída nas narrativas de suas moradoras, tantas vezes anunciada, nos próximos capítulos. Eu entendo que esse caminho me afasta dos perigos dos limites estreitos. Acredito ser possível afirmar o caráter científico da história garantido pela operação historiográfica, exercer a função crítica das memórias narradas, mas também explorar os ritmos, as cadências, as formas “como o tempo da experiência vivida se refletem na maneira como se fala do tempo”, onde a história e a memória “se entrelaçam neste discurso a muitas vozes sobre a memória histórica local” como sugere Tânia Gandon (GANDON, 2001: 139). Esse exercício de compreensão e interpretação das falas das moradoras traduz-se nas narrativas apresentadas no capítulos seguintes da presente tese.

Capítulo 2 - Um centro de ensino que é fundamental: histórias e memórias de avós

*A pessoa idosa
não cabe no poema
com suas rugas e dores
sua fala desautorizada
seu espaço limitado
sua experiência recusada
sua presença tolerada
sua localização discriminada
sua existência ignorada
sua vida invisível
(...)*

*O poema, senhores
não fede nem cheira
tem idade*

a idade dos não-idosos

Diva do Couto Gontijo Muniz - Poema inspirado em "Não há Vagas" de Ferreira Gullar

*Neste país sem memória
Também vou construir um memorial
Em memória de todos os
Construtores de cidades*

Memorial JKLMNOPQRSTUVWXYZ

Nicolas Behr - Plano Pilotis.

A entrevista com a moradora Dasdores foi realizada na biblioteca do Centro de Ensino Fundamental 308³⁶ no Recanto das Emas, escola onde ela e eu trabalhamos. Foi nesse momento que começamos a entrecruzar as memórias que permitiram percorrer os recantos das histórias das moradoras e o Recanto das Emas. Nessa escola, durante seis anos desenvolvi um projeto com as turmas do 6º ano, antiga 5ª série do ensino fundamental. Nas discussões iniciais sobre o conceito de história, como principal trabalho do primeiro bimestre, as educandas e educandos realizaram uma entrevista com uma avó ou um avô e, a partir desta, produziram uma biografia da pessoa entrevistada. Meu papel, após as correções e discussões, era costurar aquele material para juntos, em sala, escrevermos possíveis histórias do Recanto das Emas. Histórias construídas com base nas histórias de vida de suas moradoras e moradores, mas também de pessoas de outros locais, mais ou menos distantes, que tinham uma neta ou neto naquela localidade.

³⁶Centro de Ensino Fundamental 308 do Recanto das Emas no qual trabalho desde 2010. A escola tem um total de trinta turmas, sendo quinze no período matutino e quinze no vespertino, das quais dez são de 6º ano (até 2012, denominado 5ª série).

Nesse exercício, a relação entre a historiografia e a biografia permite refletir sobre algumas formas possíveis de conferir sentido ao passado. Como destaca Jacques Revel, "a biografia se tornou um gênero histórico de larga atividade, ou antes, ela deu origem a uma família de subgêneros que compõem uma parte importante da produção historiográfica" (REVEL, 2010: 239). Essa percepção da biografia como "gênero histórico", identificada por Revel, não é, porém, consensual. Sabina Loriga é uma autora que discorda dessa definição. Na análise de Loriga, não interessa perder-se nos meandros de afirmar a biografia como campo ou ciência, mas parece-lhe ser "mais fecundo meditar sobre essa fronteira fluida que separa a biografia da história e da literatura, e analisar as proibições, os abalos, as incursões recíprocas que a transpõem" (LORIGA, 2011: 19). Haveria, portanto, uma especificidade própria da biografia, ainda que os diálogos (ou incursões) possam aproximá-la da história (e da literatura).

Vale destacar que uma linha de críticas e rejeição da biografia é a de Pierre Bourdieu, em seu artigo, "A Ilusão Biográfica". Para o autor, deve-se evitar a aproximação das ciências sociais com o senso comum, já que, segundo esse autor, a biografia:

Descreve a vida como um caminho, uma estrada, uma carreira, com suas encruzilhadas (Hércules entre o vício e a virtude), seus ardis, até mesmo suas emboscadas (Jules Romains fala das 'sucessivas emboscadas dos concursos e dos exames'), ou como um encaminhamento, isto é, um caminho que percorremos e que deve ser percorrido, um trajeto, uma corrida, um cursus, uma passagem, uma viagem, um percurso orientado, um deslocamento linear, unidirecional (a 'mobilidade'), que tem um começo ('uma estréia na vida'), etapas e um fim, no duplo sentido, de término e de finalidade ('ele fará seu caminho' significa ele terá êxito, fará uma bela carreira), um fim da história. Isto é aceitar tacitamente a filosofia da história no sentido de sucessão de acontecimentos históricos, Geschichte, que está implícita numa filosofia da história no sentido de relato histórico, Historie, em suma, numa teoria do relato, relato de historiador ou romancista, indiscerníveis sob esse aspecto, notadamente biografia ou autobiografia" (BOURDIEU, 2006: 183).

A análise de Bourdieu critica o caráter narcísico da biografia, sua rigidez e coerência fictícias, que não dão conta do caráter fragmentado dos sujeitos (Cf. LORIGA, 2011: 217). Porém, ao atentar para os diálogos e tensões entre história e biografia é possível perceber que ambas não mais afirmam as histórias de vida como a pequena parte que representa o todo, o caso que explica o contexto. Ainda que realizem cruzamentos e paralelos, há uma valorização do que é singular, específico, diferente. Não se busca mais a biografia como o caso exemplar, mas as possibilidades do múltiplo. Como destaca Jacques Revel:

O que está doravante no coração do projeto biográfico é a importância de uma experiência singular mais que a de uma exemplaridade destinada a encarar uma verdade ou um valor geral, ou ainda a convergir com um destino

comum. O que se busca apreciar é precisamente a singularidade de uma trajetória (REVEL, 2010: 242).

Essa mudança do "projeto biográfico" identificada por Revel também é analisada por Loriga, embora essa autora o defina como "reflexão biográfica". Após um longo período de desprezo da biografia pela historiografia, em que a primeira era associada à história das grandes figuras políticas³⁷, ela volta a ser retomada com novo fôlego na segunda metade do século XX. Segundo a análise de Loriga:

É precisamente nessa óptica, tão distante da abordagem tradicional da história política, que se dissipou pouco a pouco a desconfiança para com a dimensão individual. Esteja ela ligada à memória dos marginais, dos vencidos e dos perdedores, ou ainda daqueles que, mais simplesmente, não contaram (na esteira da história oral, dos estudos sobre cultura popular e das histórias das mulheres), a reflexão biográfica progressivamente retornou em toda historiografia (LORIGA, 2011: 212).

Esse dissipar da desconfiança e intensificação das relações entre historiografia e biografia passa pela valorização de sujeitos até então excluídos da historiografia, como as mulheres, os populares, os marginais. Segundo a autora, essa inclusão deu-se pelas possibilidades de contar da história oral, da história vista de baixo e dos estudos feministas. É um processo de (re)aproximação que passa por questões metodológicas comuns, conforme é proposto por Giovanni Levi:

A meu ver, a maioria das questões metodológicas da historiografia contemporânea diz respeito à biografia, sobretudo as relações com as ciências sociais, os problemas da escala de análise e das relações entre regras e práticas, bem como aqueles, mais complexos, referentes ao limite da liberdade e da racionalidade humanas (LEVI, 2006: 168).

São questões que também se relacionam com a história que é ensinada, a meu ver. No ensino de história, os currículos e as práticas, de modo geral, ainda estão articulados fortemente a essa "abordagem tradicional da história política" de que fala Loriga. A biografia funciona, nesse sentido, como possibilidade de contrapor essa

³⁷ São críticas que vão ao encontro do pensamento de autores como Foucault e Derrida. De acordo com Durval Albuquerque, "Foucault recusou o gesto biográfico não por indiossincrasia, mas por entendê-lo como uma prática de saber e poder que visa criar, no Ocidente, a figura do indivíduo" (ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Campinas: Unicamp, 2007: 116). Nesse sentido, de crítica da figura do sujeito, desse "eu", que a biografia tentaria dar a ver e a ler, para Derrida, segundo Albuquerque, "a biografia não é um meio de unir a vida e a obra; há sempre uma distância entre elas que é apenas dramatizada no texto biográfico. A biografia é apenas um gênero literário que instaura uma figura de leitura desta relação e que permanentemente reescreve seus dois pólos, produzindo vidas e obras diferenciadas" (idem: 117). Apesar dessas questões, Giovanni Levi entende que esse indivíduo pretensamente coerente, sem contradições, é uma identidade que apenas mascara "uma miríade de fragmentos e estilhaços", o que potencializa as possibilidades do trabalho biográfico, pois, para esse autor, "de modo sintomático, a própria complexidade da identidade, sua formação progressiva e não linear e suas contradições se tornaram os protagonistas dos problemas biográficos com que se deparam os historiadores" (LEVI, Giovanni. "Usos da biografia". In: FERREIRA, Marieta & AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006: 173). Sobre a questão da fragmentação da identidade e do descentramento dos sujeitos ver HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006; BHABHA, Homi K. Interrogando a identidade. In.: BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2003, p. 70-104.

tradição por meio do diálogo com outras ciências sociais, novas escalas de análise e relacionando regras e práticas no espaço da sala de aula. Portanto, a biografia pode atuar como, nas palavras de Loriga, "a ocasião de apreender a densidade social de uma vida" (LORIGA, 2011: 219), a começar pela vida de cada estudante, seguida pela de alguém familiar.

No caso das biografias de uma avó ou de um avô realizadas pelas alunas e alunos, antes desses trabalhos escolares, as estudantes realizaram antes uma autobiografia em que narraram as próprias experiências. Esse uso da biografia teve em vista levar à reflexão histórica, que permite ao mesmo tempo refletir sobre essas mesmas subjetividades. Como defende Elza Nadai, “deve-se menos ensinar quantidades e mais ensinar a pensar (refletir) historicamente” (NADAI, 1992: 159).

Ao longo dos seis anos de trabalho, foram produzidas mil e quinhentas e quarenta e nove biografias de avós entrevistadas pelas suas netas e netos, alunas e alunos do CEF 308. Em alguns casos existe mais de uma biografia de uma mesma avó, pois haviam várias irmãs, irmãos, primas e primos estudando na mesma escola, o que já serve para relativizar os números, assim como alguns casos de trabalhos de um mesmo estudante por ser repetente. Longe de trazerem certezas estatísticas, eles devem ser pensados como possibilidades problematizantes. Esta não foi uma pesquisa pautada por um objetivo quantitativo, embora o contemple, mas sim pelo olhar qualitativo, pela atenção aos depoimentos, pelo cuidado no ouvir, no ler e no escrever, pelo envolvimento com as falas dos sujeitos.

Acredito que essas biografias das avós produzidas pelas alunas e alunos podem contribuir para mostrar o reverberar do Recanto das Emas nas narrativas de suas avós, que cidade elas dão a ver e a ler conforme narram suas histórias de vida. Os trabalhos escolares também podem explicitar a importância da história e da memória na relação entre netas, netos e avós, estimulando o repensar a história ensinada nas salas de aula, que costumeiramente é orientada para além dos muros da escola e da cidade, com pouca atenção à história local. Circe Bittencourt destaca como é importante que as escolas valorizem a história local e sua relação com a memória pela articulação que estas mantêm com a identidade dos sujeitos. De acordo com a autora:

O papel do ensino de História na configuração identitária dos alunos é um dos aspectos relevantes para considerar ao proporem-se estudos da história local. (...) A questão da memória impõe-se por ser a base da identidade, e é pela memória que se chega à história local (BITTENCOURT, 2004: 168).

Para Bittencourt, a memória é definida como “a base da identidade”. Para Walter Benjamin, tem-se na memória “não um instrumento para exploração do passado, mas seu palco” (BENJAMIN, 2004: 10). Através das narrativas em que encontra-se tecidas as relações entre história e memória, as estudantes e suas avós podem dar a ver e a ler seus próprios entendimentos e concepções de mundo, suas lembranças e seus imaginários sobre a cidade. Atentando para as ruas da cidade e os lares no espaço, há nesses trabalhos escolares algumas possibilidades para pensar o Recanto das Emas e quem vive nele.

Nesse sentido, é possível perceber como a aluna Velma narra o que lhe contou a avó: “depois da juventude, veio para Brasília trabalhar, aqui ela sofreu, pois uma cidade grande era bem diferente daquela cidadezinha humilde”. Nesse relato, Brasília é o objetivo inicial dessa migrante e um lugar marcado pela possibilidade do trabalho. Mas não é só a cidade de Brasília que reverbera das memórias da avó, pois a estudante acrescenta que “depois de muitos anos, minha avó se separou e veio morar no Recanto das Emas”³⁸. Há espaço para a cidadezinha que ficava para trás, para a cidade grande onde tanto se sofreu e para o Recanto das Emas onde se conseguiu um espaço de morar. Ainda que a narrativa construída pela neta inclua e sintetize elementos trabalhados na narrativa da avó, ela dá a ver e a ler experiências vividas no espaço, tanto quanto a narrativa que construo ao dizer que a avó da aluna Velma, a moradora Ana, deixou Aurora do Norte no norte de Goiás (atual Tocantins) rumo a Brasília para trabalhar como empregada doméstica aos dezessete anos, passando por Lago Sul, Ceilândia, Samambaia até chegar ao Recantos das Emas. De acordo com a narrativa da própria moradora:

Eu fui criada sem mãe, sem pai. Aí, uma amiga minha, quando eu ia já tinha dezessete anos, me trouxe pra Brasília né, pra poder eu trabalhar, porque eu sou de Tocantins, Palmas, mas o nome do lugar onde eu nasci, eu fui registrada em Aurora do Norte, que hoje é Tocantins, né. Aí, uma amiga minha, eu tava com dezessete anos, me trouxe pra trabalhar e eu vim pra Brasília trabalhar, né. Aí, aqui eu comecei a trabalhar, não tinha filho nenhum, né, nessa época, comecei a trabalhar de empregada doméstica. Sofri muito, porque não tinha ninguém, não conhecia ninguém, né, não sabia trabalhar bem, aí, aos poucos, eu fui aprendendo, né. Aí, depois de muitos anos, eu casei. Tive meus quatro filhos. Meu, meu filho mais velho, que é o pai da Velma e da Luzia. Aí, eu tenho essa casinha aqui no Recanto, geralmente eu conheci aqui no Recanto era só mato (ANA, 2016: 465).

Nessa narrativa também há a condução por um itinerário, como o foi a neta Velma, que passa pela cidade pequena de Tocantins, pela cidade grande até chegar à "casinha" no Recanto das Emas. A referência que muda é a separação do avô narrada à neta, que também vivencia tal questão por ser da família, em relação ao casamento, experiência que é narrada ao professor da neta, um estranho. São referências diferentes

³⁸ O trabalho foi produzido pela aluna Velma, março de 2015.

para destinatários diferentes, mas que levam a um mesmo fim narrativo, servem para indicar o caminho até essa "casinha aqui no Recanto" nessa história de vida³⁹.

Nesse sentido, os trabalhos das alunas e alunos são registros, que podem ser considerados e analisados como documentos produzidos, que permitem pensar e narrar histórias do Recanto das Emas. Não só quando uma neta diz sobre a avó e a cidade que "aqui ela sofreu", mas também atuando como referências para outras experiências de luta, sofrimento e conquistas que se cruzam na malha e na memória da cidade.

Uma primeira marca impressa por esses trabalhos à minha pesquisa e às formas de narrá-la é a forte presença das mulheres nesses recantos. Entre os trabalhos produzidos por alunas e alunos ao longo dos anos, 79% resultam de entrevistas com as avós, enquanto que entre as pessoas entrevistadas por mim, apenas um avô aceitou ser entrevistado, além de outro que participou da entrevista da esposa. São muitas as histórias de vida que giram em torno de uma mulher, de uma mãe, muitas vezes da mãe da mãe ou da mãe do pai, que estão presente nas vivências das crianças. Muitos fatores podem explicar essa situação, que vão desde o maior contato com as mulheres da família, mulheres presentes e provedoras em um ambiente marcado por pais ausentes, negligentes, desconhecidos ou falecidos, até a falta de interesse dos avôs em narrarem suas histórias de vida às netas e netos.

Por certo, não há como ignorar o peso de uma tradição cultural em que os cuidados com as filhas, os filhos e com a casa cabiam às mães. Mães que entre as camadas populares também serão provedoras de seus lares, junto com os companheiro ou sozinhas. Segundo Ana Sílvia Scott, para quem "os modelos familiares são hoje mais diversificados, em termos de formas e composição que na primeira metade do século XX, as mulheres na família têm também reconhecidamente maior poder de decisão" (SCOTT,

³⁹ Como tratado na questão da biografia, Bourdieu é especialmente crítico dessa noção de história de vida, para esse autor, "a história de vida é uma dessas noções do senso comum que entraram como contrabando no universo científico" (BOURDIER, Pierre. "A ilusão biográfica". In: FERREIRA, Marieta & AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006: 183). Para Albuquerque, "um sujeito em busca de si mesmo constrói sua biografia na tentativa de estabilizar uma imagem de si mesmo" (ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Campinas: Unicamp, 2007: 226). É algo próximo do alerta lançado por Ítalo Calvino, que entende que: "Hoje devo me resguardar de outro erro ou de outro mau hábito próprio àqueles que escrevem lembranças autobiográficas: a tendência de apresentar sua própria experiência como a experiência 'média' de uma determinada geração e de um determinado meio, fazendo sobressair os aspectos mais comuns e deixando na sombra aqueles que são mais particulares e mais pessoais. Diferentemente do que fiz em outras ocasiões, gostaria agora de acentuar os aspectos que mais se afastam da 'média' italiana, porque estou convencido de que se pode tirar sempre mais verdade do estado de exceção do que da regra" (CALVINO in LORIGA, Sabina. *O pequeno x: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011: 223). Atento a estes alertas, entendo que as histórias de vida podem sim servir para valorizar a diferença, a especificidade e o diálogo articulada às propostas metodológicas da história oral, podem se afastar da média e buscar mais a exceção do que a regra.

2012: 38). Nesse sentido, essas mulheres narradoras e narradas dão a ver e a ler suas vivências marcadas pelo protagonismo feminino nas diversas formas de organização familiar. Atualmente, ocorre o investimento das mulheres em táticas e estratégias para ter e manter seu "poder de decisão" em suas vidas, familiar e profissional. Segundo Rachel Soihet, já na primeira metade do século XX, "a organização familiar dos populares assumia uma multiplicidade de formas, sendo inúmeras as famílias chefiadas por mulheres sós. Isso se devia não apenas às dificuldades econômicas, mas igualmente às normas e valores diversos, próprios da cultura popular" (SOIHET, 1997: 362).

As razões indicadas anteriormente ecoam e são destacadas nos depoimentos, como quando a moradora Maria Joana narra que "também eu tive uma crise assim, que mataram meu pai de frente, quando eu era criança né, tiraram a vida do meu pai" (MARIA JOANA, 2016: 407); ou quando a moradora Maria Alcinda conta que "eu não conheço meu pai, não conheci pai, só conheci mãe" (MARIA ALCINDA, 2016: 423). Homens que se vão, mas também homens que exploram, como no contar da moradora Arlete, pois "eu arrumei um casamento lá, o homem tinha pouco juízo, não gostava muito de trabalhar, só não era bandido, graças a Deus, mas... Ficava em casa mais com os meninos e eu ralando, o dinheiro não dava pra gente melhorar e tinha que fazer as coisas" (ARLETE, 2016: 492). A moradora Maria Clara identifica tais exploradores até mesmo no marido da filha, ao narrar que "aí, morou comigo um tempo, aí, vi que o marido dela não queria nada com nada também, era outro que queria só explorar" (MARIA CLARA, 2017: 517).

No trabalho da aluna Sandra, começa-se a perceber algumas das experiências dessas mulheres e suas marcas na narrativa, quando ela narra que "uma vez, minha vó foi no casamento da prima dela e, de repente, uma senhora desconhecida veio e arranhou um casamento surpresa para minha vó. E o noivo estava doido para casar com a minha vó. E então eles se casaram e assim se formou a minha família"⁴⁰. Esse casamento arranjado, contado pela neta a partir da entrevista com a avó, surge na narrativa de outro neto, Wellington, como o motivo da vinda para Brasília, pois "saiu de lá com 25 anos, porque se casou e foi acompanhar o marido, porque ele tinha arrumado emprego na cidade"⁴¹. O que essa mulher conta à neta e ao neto como o início da formação de sua família, caminho de longe para Brasília, é narrado por ela mesma como um grande sofrimento,

⁴⁰ O trabalho foi produzido pela aluna Sandra, março de 2010.

⁴¹ O trabalho foi produzido pelo aluno Wellington, março de 2014.

uma relação que é contada a partir da separação e das sequelas na criação de seus filhos.

Segundo a moradora Maria João:

O pai dos meus filhos, eu era separada dele há muitos anos já. E, nisso, que eu vim pra cá, que eu deixei meus filhos com minha mãe e meus irmãos lá na Ceilândia, eles resolveram ir morar no Gama, com o pai, que já eram adolescentes né, e isso eu acho que foi uma tragédia na minha vida, mas eu não olho pra trás, eu costumo olhar só pra frente né. Já perdi um, uma morte, matado, porque se envolveu com droga, e tem o mais novo, que também é envolvido com droga, que qualquer hora eu posso receber uma notícia que também não é boa. (MARIA JOÃO, 2016: 372).

Esse pai de seus filhos é contado como o responsável pela "tragédia" da vida dessa mulher, que perdeu um filho, morto pelo envolvimento com drogas ilícitas, experiência traumática que ancora sua expectativa de que a "qualquer hora" pode perder o outro filho. Mesmo olhando em frente, a moradora Maria João trás consigo essas dores passadas que vão (re)construindo as idas e vindas de uma mãe, que ao buscar seu espaço de morar, tem de deixar os filhos vivendo "com minha mãe e meus irmãos lá na Ceilândia". Em outro momento da entrevista, ela narra essa experiência, esse ser mãe sozinha, esses contornos da tragédia dos filhos irem morar com seu ex-marido. Conta Maria João que:

Como a casa deles era grande, aí eu falei "não, então eu fico num barraquinho e os meninos já ficam com a senhora pra estudar", botei eles tudo pra lá pra estudar, só porque, filho adolescente com avô, com tio, com avó não dá certo. Aí, conclusão, eles, o meu, esse menino do meio, ele muito determinado, o outro tinha se envolvido negócio que ia ser modelo, tinha fugido, ele era de menor, tinha fugido pro Mato Grosso, pra ser, eu não sei se ele foi aliciado, como é que foi que ele conseguiu ir, porque a gente que é a mãe, sozinha, pra criar três filhos, e eu sempre gostei de dar do bom e do melhor pros meus filhos, na medida do possível lógico, dentro da honestidade (MARIA JOÃO, 2016: 373).

A falta de um espaço de morar, a necessidade de ter que sair para trabalhar, de depender do auxílio da família, os conflitos familiares que começam pelos homens da família, "avô, tio", tudo isso vai ganhando densidade conforme a narrativa avança e ela conta sobre a relação com os filhos. Relata o que é ser mãe sozinha de três filhos, que precisam ser determinados, ou que fogem, ou são aliciados, a quem se quer dar do bom e do melhor, "na medida do possível". Nesse momento, não há menção ao ex-marido, mas há a presença de sua ausência, assim como um avô que é "o noivo" no trabalho escolar da neta, que contou que "eles se casaram e assim se formou uma família", mesmo se ela não conhece esse avô.

Maria João narra que ao se separar, também perdeu o emprego, já que não possuía carteira de trabalho assinada da mesma maneira que o ex-marido. Esse relato adensa ainda mais essa situação de mulheres, que além de lidarem com jornadas duplas ou triplas – entre os locais de trabalho, o serviço doméstico em suas casas, a criação dos

filhos –, ainda conviviam e convivem com salários menores, instabilidade e informalidade, no mercado de trabalho, em níveis maiores que os homens⁴². Segundo essa avó, "eu vim do Goiás em 1981. Agosto de 1981. Engraçado que eu já vim pra trabalhar para o seu Eli né, e depois quando eu separei do pai dos meus filhos em 85, eu saí e num quis voltar pra Pioneira⁴³ e passou muito tempo quando eu resolvi voltar e tô lá até hoje" (MARIA JOÃO, 2016: 373).

Também separada do pai de seus filhos, a moradora Ana menciona ser mãe do pai da aluna Velma. Em outro momento, ela acrescenta que "eu sempre fui o pai e a mãe dos meus filhos" (ANA, 2016: 487). Vinda do interior, sem conhecer ninguém, sempre trabalhando como empregada doméstica, criando os quatro filhos após a separação, o que não a impediu, segundo o contar da neta Velma, de conseguir se superar, "com tudo isso, superou todas as dificuldades de mulher e mãe". Entre tantas dessas dificuldades que recaem sobre as mulheres e as mães, a narrativa da moradora Ana se cruza com a da moradora Dasdores, que conta que:

Eu não tive pai, nem mãe, nem ninguém pra me dar comida, passei fome, passei muita luta, veja o que é", eu falo pra eles assim "eu fui, uma menina, uma mulher né, criança, se eu fosse homem eu não sei, mas a menina tá mais arriscado. Mas eu tô aqui pra lhe contar a história da minha vida, não tive pai, nem mãe e lutei, lutei, em casa de família, que era meu emprego, amava minhas patroas, elas me amavam, me ajudaram muito" (DASDORES, 2016: 365).

Essa menina, essa mulher, que correu os riscos de ser menina, criada sem pai, sem mãe, passando fome, trabalhando em "casa de família" como empregada doméstica fala "pra eles", seus três filhos homens, mas também para suas netas e netos. Fala e faz falar essas marcas e espaços de ser mulher e que a seguem até o Recanto das Emas,

⁴² Segundo Ana Sílvia Scott, "enquanto em 1973 as mulheres compunham cerca de 30% da população economicamente ativa, em 2009, sua participação estava praticamente equiparada à dos homens (49,7%). (...) Entretanto, para que a lei reconhecesse formalmente a igualdade de homens e mulheres no casamento, foi preciso esperar até a Constituição de 1988" (SCOTT, Ana Sílvia. "O caleidoscópio dos arranjos familiares". In: PINSKY, Carla & PEDRO, Joana Maria. *Nova história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012: 24). De acordo com estudo do IBGE, ainda em 2008, as mulheres "mesmo sendo maioria na população total e a despeito do crescimento no seu nível de ocupação, elas ainda eram minoria no mercado de trabalho. (...) Entre os desocupados, no total das seis regiões, elas representavam 57,7%, enquanto que entre os homens esse contingente é de 779 mil, 42,3%. (...) No que se refere à forma de inserção no mercado de trabalho, elas também se encontravam em situação menos favorável, não sendo atingido o percentual de 40% de mulheres trabalhando com carteira de trabalho assinada, já entre os homens esta proporção fica próxima de 50,0%. (...) A jornada de trabalho delas era de 40 horas semanais em média, e recebiam, habitualmente, R\$ 956,80 por mês. Esse rendimento correspondia a 71,3% do rendimento dos homens. Quando o contexto é mercado de trabalho, a maioria dos indicadores apresentados mostrou a mulher em condições menos adequadas que a dos homens" (IBGE - *Pesquisa Mensal de Emprego*. Brasília: IBGE, 2008: 3). Outro estudo, mais adensado e recente, Estatísticas de Gênero, também publicado pelo IBGE mostra dados de melhoras nesses indicadores entre 2000 e 2010, assim como vinha acontecendo desde meados dos anos 90 (Cf. IBGE. *Estatísticas de gênero: uma análise dos resultados do censo demográfico 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2014).

⁴³ Viação Pioneira Ltda. é uma empresa de ônibus que atua no DF.

compondo sua história de vida. Essas marcas dos riscos de menina, de ser abusada sexualmente, entre tantas violências, e do trabalho desde a infância ressoam também na narrativa que a neta conta sobre a avó:

A infância da minha avó foi difícil demais, ela era empregada doméstica, cuidava de crianças, limpava as casas, passava, cozinhava, etc. Ou seja, fazia tudo para seus patrões, tudo isso com 11 anos, começou a trabalhar em casa de família. Ser criança naquele tempo era de rachar o crânio⁴⁴.

Essas vivências de cuidar de crianças quando ainda se é criança, de fazer o serviço doméstico, quando ainda era menina, essa responsabilidade de ser "mãe e pai", quando se é uma mulher, mãe, avó vão além dessas funções. São também marcas indeléveis das experiências vividas por quem conta e a serem contadas sobre quem conta o Recanto das Emas. Mulheres que, assim como as mulheres pobres do início do século XX, analisadas por Rachel Soihet em sua pesquisa, "embora não deixassem de experimentar a influência dos padrões culturais vigentes, essas mulheres expressavam no comportamento suas condições concretas de existências, marcada por precariedades materiais que as obrigavam a uma constante luta" (SOIHET, 1997: 398). Lutas de meninas, de mulheres, em casas de famílias, como contou Dasdores e (re)contou sua neta. Experiências que (re)afirmam as outras possibilidades de arranjos familiares, como indica, por exemplo, Cláudia Fonseca, para quem, no Brasil, "as uniões consensuais e as mulheres chefe-de-família sempre foram e continuam sendo mais numerosas nas classes baixas do que nas classes altas" (FONSECA, 1997: 546).

Essa forte presença de mulheres narradoras e narradas, articulada a uma cultura familiar marcadamente feminina⁴⁵, levaram-me a uma escolha final: de usar as concordâncias no feminino na presente tese. Como as mulheres e suas narrativas são a maioria, optei por discordar e confrontar as regras gramaticais do masculino plural. Busquei, com esse gesto, impedir que as mulheres narradoras ficassem subsumidas no masculino genérico. Afinal, há apenas a entrevista de dois homens em um grupo de onze pessoas entrevistadas. É um gesto sintonizado com o posicionamento de Lucélia Bassalo, que ao explicitar o lugar de onde escreve, afirma sua "oposição à regra linguística que considera o masculino como regra geral, notadamente sexista" (BASSALO, 2010: 138).

⁴⁴ O trabalho foi produzido pela aluna Joana Vitória, março de 2015.

⁴⁵ Não pretendo reforçar, com esse entendimento do destaque feminino na cultura familiar, uma perspectiva descritiva e, portanto, problemática, como a indicada por Diva Muniz, pois incorpora "sem a necessária problematização sob a perspectiva crítica dos Estudos Feministas, todo tema/objeto considerado como de 'domínio das mulheres', como 'universo feminino', como se gênero a eles se restringisse" (MUNIZ, Diva do C. G. "Sobre gênero, sexualidade e O Segredo de Brokeback Mountain". In: STEVENS, Cristina & SWAIN, Tânia. *A construção dos corpos: perspectivas feministas*. Florianópolis: Mulheres, 2008: 124). Não interessa aqui pensar o gênero para reafirmar partilhas binárias e desiguais, mas sim para desconstruir as mesmas.

A proposta da autora é a de "indicar o gênero de quem me refiro, sem dominância de sexo, e a usar ao longo do texto expressões que nomeiem os sujeito diferenciando-os e não a partir do caráter universalizador da língua" (BASSALO, 2010: 138).

Posturas afirmativas como essa dialogam com o que destaca Ariane Leitão, secretária gaúcha de políticas para mulheres, em documento publicado pela Secretaria de Políticas para Mulheres do Rio Grande do Sul, o Manual para Uso Não Sexista da Linguagem. De acordo com a secretária:

Se a Língua Portuguesa apresenta os gêneros masculino e feminino, porque não os usamos quando falamos, escrevemos ou lemos? Por sua origem, não se caracteriza como uma ferramenta de comunicação sexista, mas sim a forma como a utilizamos faz com que haja discriminação entre mulheres e homens. Da mesma forma que contribui para a discriminação de gênero, a linguagem pode ser utilizada para reforçar estereótipos impostos culturalmente. A linguagem sexista, utilizada de forma irrestrita, impõe-nos que o masculino (homem) é empregado como norma, ficando o feminino (mulheres) incluído como referência ao discurso masculinizado. Reverter este cenário, contribuirá para que expressões como "os secretários de estado reuniram-se para tratar das ações do governo", "os participantes da reunião", ou ainda "os beneficiários do programa" sejam utilizadas também em sua versão feminina. A equidade de gênero na linguagem só será garantida a partir do momento em que se repensar a forma como o tema é tratado nos ambientes educacionais, hoje disseminadores da dominação masculina nos discursos, principalmente quando não identificado o sexo da pessoa a quem se refere (GERGS-SPM, 2014: 13).

Compartilhando dessa posição, optei pelo uso da equidade de gênero na linguagem, escrevendo vários termos no feminino e no masculino. Para além disso, a maior presença feminina entre as entrevistadas pelas alunas e alunos, para os trabalhos escolares, e por mim, para a presente pesquisa, respalda minha decisão de empregar as concordâncias no feminino, nesse esforço crítico de repensar e desnaturalizar as relações de gênero e de poder em ambientes educacionais, a partir deles e para além deles. É um esforço crítico orientado pelas reflexões de Diva Muniz, que afirma a importância de "reconhecer-me como sujeito constituído no sistema sexo/gênero e também fora dele, reconhecer sexo e gênero como indissociáveis, como produtos e processos de diferentes tecnologias sociais" (MUNIZ, 2008: 129).

Além desse maior presença feminina, é interessante observar que a grande maioria das avós entrevistadas pelas estudantes (75%) nasceu em estados do Nordeste⁴⁶,

⁴⁶ De acordo com um documento produzido pelo Governo do Distrito Federal, em 1996, que trata da questão da migração para o Recanto das Emas, nos é apresentado que: "entre os migrantes, as características e tendências mais observadas foram: a) a usual predominância de nordestinos, neste caso originários, principalmente, dos Estados do Piauí, Bahia e Maranhão - um padrão quase idêntico ao registrado na Candangolândia; b) depois dos nordestinos, os goianos e mineiros são os que mais se destacam, numericamente, o que também não surpreende, uma vez que Goiás e Minas Gerais fazem divisa com o Distrito Federal; c) a participação de migrantes do Sul e do extremo norte do país é mínima". *Recanto das Emas: relatório de pesquisa - 1996*. Brasília: CODEPLAN/NEP, 1997: 76). A

sendo que 50% delas tem sua origem no interior de três estados: Bahia (22%), Piauí (15%) e Maranhão (13%) conforme apresentado na tabela abaixo:

Recanto das Emas: Estado de origem das moradoras			
Estado de Origem	Região	Número de avós	Percentual
Bahia	NE	337	(22%)
Piauí	NE	236	(15%)
Maranhão	NE	199	(13%)
Minas Gerais	SE	163	(10,5%)
Ceará	NE	146	(9,5%)
Paraíba	NE	113	(7,5%)
Goiás	CO	96	(6%)
Pernambuco	NE	70	(5%)
Tocantins	N	30	(2%)
Rio Grande do Norte	NE	26	(2%)
São Paulo	SE	11	(1%)
Rio de Janeiro	SE	10	(1%)
Alagoas	NE	9	(0,5%)
Pará	N	8	(0,5%)
Sergipe	NE	7	(0,5%)
Mato Grosso	CO	6	(0,5%)
Mato Grosso do Sul	CO	5	(0,5%)
Santa Catarina	S	3	(0,1%)
Distrito Federal	CO	23	(1,5%)
Não informou	-	51	(3%)
Total		1549	(100%)

Fontes: Trabalhos escolares do 6o ano do ensino fundamental do CEF 308 do Recanto das Emas entre 2010 e 2015.

predominância de nordestinos tratada como "usual" pelo documento oficial, bem como a questão da migração de estados do Nordeste (e Norte) para estados do Sudeste (e também para o DF), é uma questão histórica da sociedade brasileira, que também será adensada no próximo capítulo (ver página 100). Dados do Censo Demográfico do IBGE, referentes ao ano de 2000, corroboram, em parte, esses números ao apresentar os dados relativos ao DF nesse período: "para o Distrito Federal, o perfil dos migrantes é bastante diferente, surgindo os fluxos oriundos dos estados nordestinos: baianos (11,1%), piauienses (10,9%), maranhenses (9,1%) e cearenses (8,7%). Contudo, os dois maiores percentuais ficaram com os vizinhos mineiros e goianos, 17,8% e 13%, respectivamente. Estes estados, em conjunto, representam 71% da população não-natural. Em todos os estados é visível o maior quantitativo da população feminina" (IBGE. *Censo Demográfico, 2000*. Brasília: IBGE, 2000: 43).

Na pretensa fria precisão que esses números imprecisos e relativos apresentam, o que mais importa, para mim, são as marcas da itinerância dessas pessoas, da migração, do lugar de origem, no que contam à uma neta ou ao professor da neta⁴⁷. Assim, parece-me interessante destacar que 78% das avós e avôs migraram de seu lugar de origem, de sua terra natal, local do nascimento ou do registro. Alguns para trabalhar, como contaram Velma e sua avó Ana, ou ainda, "em busca de um emprego melhor" como conta Joana Vitória a partir do que lhe conta sua avó Dasdores. Ou como a avó de Gislanne, "minha avó nasceu no Ceará. Ela mudou de lá, porque lá não tinha emprego"⁴⁸. Ou como a avó da Ana Sílvia, que conta para a neta que "meu nome é Rosalina, nasci no Piauí, mudei de lá para Brasília, porque aqui em Brasília eu achei mais oportunidade de trabalho"⁴⁹. Também para avó da estudante Fernanda, que (re)conta que "minha avó Elza Lisboa nasceu em Formosa do Rio Preto na Bahia, mudou de lá porque os pais iam se mudar por falta de emprego, a vida lá era difícil e sofrida"⁵⁰.

A estudante Ana Clarice conta de seu avô que "meu avô nasceu no Maranhão, mudou de lá para arrumar um emprego, porque lá no Maranhão ele não tinha oportunidade"⁵¹. A neta destaca ainda que o avô foi policial militar e apreciava muito a vida boa no Maranhão, ao contar que "muito boa a vida lá no Maranhão, melhor do que hoje em dia. A infância do meu avô foi muito legal, brincava demais, na época do meu avô era muito bom ser criança. (...) Trabalhou de policial em 1979 e de conferente em 2009, gostou mais de conferente". Essa importância dada ao trabalho, que fez com que o senhor Antônio saísse do Maranhão com a família com destino a Brasília também é contada por ele:

Eu vinha trabalhar, que eu tinha uma irmã, que morava aqui na época. E aí, eu sempre entrava em contato com ela e como as coisas lá tavam difíceis, porque, eu, eu era PM no Maranhão, entendeu? Eu sou ex-policial. Então, foi a época que eu saí da polícia, tava meio complicado a parte de trabalho, porque até então, eu não sabia fazer outra coisa a não ser a função que eu exercia que era policial. E aí, eu vindo pra cá, aí, eu comecei a trabalhar nas obras, entendeu, trabalhei em algumas empresas aqui e foi isso aí, tô aí (ANTÔNIO, 2017: 543).

Embora não seja mencionada no trabalho da neta, há uma irmã do senhor Antônio que já "morava aqui na época". Além da tia avó de Ana Clarice, que recebera um lote em Samambaia, também se destaca o "tava meio complicado de trabalho", que se

⁴⁷ Um exemplo de quão relativos são esses números é que duas das oito avós nascidas no Pará são entrevistadas por mim, enquanto que apenas uma avó nascida na Bahia foi entrevistada, mesmo sendo este o estado de origem indicado na maioria dos trabalhos.

⁴⁸ O trabalho foi produzido pela aluna Gislanne, março de 2013.

⁴⁹ O trabalho foi produzido pela aluna Ana Sílvia, março de 2014.

⁵⁰ O trabalho foi produzido pela aluna Fernanda, março de 2014.

⁵¹ O trabalho foi produzido pela aluna Ana Clarice, março de 2015.

contrapõem à vida muito boa no Maranhão narrada à neta, possivelmente sob o viés idealizado da memória da infância. A saída da polícia militar, cercada de um certo silêncio na entrevista dada ao professor, tratada como a única coisa que o senhor Antônio sabia fazer, para a neta é colocada como um trabalho menos valorizado que o de conferente.

Mas oportunidade de trabalho não é o único motivo para deixar para trás a terra natal. Algumas dessas avós destacam a busca por um lugar para chamar de seu, como narra Thalita sobre sua avó Maria Clara: "nasceu em 1961 no Corgo do Ouro de Goiás. A família mudou-se de lá, porque estava à procura de melhoria de vida, que lá era sofrida, morava em terras de parentes. A família foi pra outro estado morar em suas próprias terras"⁵². Essa busca por sair das terras de parentes, sair do sofrimento, também é o tema da narrativa da moradora Maria Clara ao ser entrevistada por mim. Ainda que a família dita à neta, seja cortada em um pai que vai, uma avó que cria, nessa segunda narrativa. Segundo ela:

- *Fui pro Pará, casei lá, aí, tive ela lá, de lá vim pra cá pra Brasília.*
- *E a senhora saiu de Goiás pra lá por que?*
- *É porque, foi assim, eu não fui criada com os pais, fui criada com vó. Aí, meu pai foi o primeiro, né, pra adquirir terra pra lá, ele ficava nas terras de parente, de, aquele sofrimento, né (MARIA CLARA, 2017: 520).*

A vida narrada por Maria Clara é de ser "criada com vó", o que também é mencionada no trabalho escolar da neta. A aluna Thalita (re)conta o que a vó lhe contou nos seguintes termos: "se separou dos pais com sete anos e foi morar com os avós". Muito embora haja espaço para um avô no relato da neta, a avó e moradora, ao contar a própria história na entrevista, redefine esse avô. Ela detalha como o pai deixou-a e entregou-a aos cuidados da avó: "falou 'mãe, eu sei que a Maria vai morrer, eu não tenho condição, se a senhora quiser ela pra senhora, a senhora pode pegar'. Aí, minha avó 'ah, eu quero'. Aí, falou 'pois é', aí, pegou e entregou, né, e minha vó já tinha separado também do marido dela" (MARIA CLARA, 2017: 521). Não há um avô para Maria Clara, apenas um marido da avó, que não é identificado como o seu avô.

Também é interessante que não há espaço no trabalho da neta para o problema de saúde da moradora Maria Clara, um dos eixos centrais da narrativa de suas memórias ao longo da entrevista. Ainda que não haja menções a isso na biografia escrita pela aluna Thalita, sua avó narrou durante a entrevista como foi transferida do sudeste do Pará para Brasília para realizar uma cirurgia cardíaca. De acordo com o que conta a avó:

⁵² O trabalho foi produzido pela aluna Thalita, março de 2012.

– Tava a greve no Hospital de Base. Aí, cheguei, aí, ele mandou pra Brasília. Direto.

(Filha) – Ela já veio do Pará, direto na maca, de avião.

– Já mandou pra cá. Foi direto com um ex, ex não, ex que é casado com a ex sobrinha dele, que é o doutor Carlos Carrusca, na época, ele era chefe da equipe do Hospital de Base. Aí, ele pegou a carta, leu, falou "ó, só que tem um porém, nós vamos mandar ela pra Sobradinho e de lá, eles trazem ela de ambulância, porque não pode internar direto, porque tá de greve". Aí, foi esse enfeite, aí, mandaram pra Sobradinho, quando foi à noite, eles me trouxeram de ambulância pro Hospital de Base. Aí, no Hospital de Base, eu fiquei um ano e quatro meses (MARIA CLARA, 2017: 527).

Se nada disso é contado diretamente no relato escrito da neta, no entanto, percebem-se ecos quando esta escreve que a avó lhe narrou que "morava muito distante das pequenas cidades, por não ter transporte e o hospital da cidade não ter recursos, perdi dois filhos, um de dez e uma de dois, foi triste, mas a vida segue, hoje, eu venci". Ao dar a ver e a ler a morte dos filhos e a falta de recursos, a narrativa inclui a experiência do trauma da perda dos filhos que atinge o coração dessa moradora. Como ela mesma conta:

Quando nós tava faltando, acho que uns cinco quilômetros pra chegar na cidade, o menino falece. Aí, pedi, ele clamou pra não deixar ele morrer, o compadre meu falou "comadre Maria, vai buscar", ele já sabia que eu tinha problema do coração, "vá buscar uma água ali pra mim", aí, eu fui. Quando eu fui pra voltar pro quarto, ele "comadre Maria, não venha agora não". Aí, eu já pensei logo, falei "é o menino que tá acabando de falecer". Aí, ele veio, já "comadre Maria, não se assusta, não teve jeito, o menino morreu. Que que a senhora acha? Nós volta ou segue?" Eu falei "uai, compadre, já que já faleceu, não vai ficar lá mesmo, né, lá o cemitério lá também é igual aqui, então, vamos voltar pra trás". Aí, nós voltamos. Também só vi a hora que voltou. Quando chegou lá também, não vi o enterro do menino, não vi ninguém, passei mal o tempo todo. Aí, no ou, já me tiraram pra Conceição, não foi nem pra Conceição, foi pra Rio Maria, sabia que o doutor Carlos tava em Rio Maria, chegou lá o médico falou "pois é, Clara. O que que aconteceu?" Aí, eu falei. Aí, também falei as partes. Aí, já não vem mais. Aí, ele falou "ó, não tem mais condições. Vou mandar fazer uma carta"... (MARIA CLARA, 2017: 526).

Marcas de vivências que podem ser narradas a uma neta como sofrimento que antecede a vitória de hoje ou como a razão para se chegar a Brasília para um professor da neta. Entre as outras biografias escritas pelos estudantes, a educanda Karine narra sobre seu avô que "ele veio para cá só pra fazer consultas no hospital e no posto de saúde, mas ele não gosta muito daqui"⁵³. Já o aluno Yuri (re)conta que sua avó "mudou porque teve que acompanhar sua filha que fez tratamento no Sarah"⁵⁴. A moradora Dasdores conta que veio para trabalhar, conforme narrado pela neta Joana Vitória, mas veio para acompanhar uma mulher que buscava tratamento de saúde para a filha no hospital Sarah Kubitschek. Segundo é narrado por essa avó:

Então, eu vim de lá assim, essa irmã evangélica, um dia, eu trabalhava na casa dela, ela falou "irmã Dasdores". Ela tinha uma filha, ainda tem que tá viva,

⁵³ O trabalho foi produzido pela aluna Karine, março de 2013.

⁵⁴ O trabalho foi produzido pelo aluno Yuri, março de 2013.

essa menina era Dalila, ela tinha problema físico, nasceu com problema nas pernas né, não podia andar. E lá naquele exame que como vai ter agora, tem o Sarah, o hospital Sarah é um hospital de primeira linha, que trata dos ossos. Então, essa criança, ela não tinha, ela não sei quantos anos tinha, ela era novinha. E os médicos de lá mandaram pra cá, pra tratar aqui em Brasília e ela perguntou "Dasdores, você não quer ir comigo para arrumar um emprego lá, quem sabe?" E eu, novinha, nessa idade, cabecinha também né com essa idade, não tinha nem conhecimento de nada, muito trabalhar e eu digo "eu vou". "Eu pago sua passagem, pode deixar cê vai". Me levou, me trouxe, professor Jorge (DASDORES, 2016: 350).

A narrativa da moradora Dasdores conjuga essas duas formas, trabalho e tratamento de saúde, para justificar o caminho tomado, mesmo se no que contou à neta não faça referência ao problema de saúde da filha da patroa, que é identificada como "essa irmã evangélica", criando um laço de pertencimento pela religião, uma irmandade com essa pessoa que a leva, a trás. O mais interessante aqui é perceber como, apesar das diferenças entre o que contam as avós às netas, o que estas (re)contam ao professor e o que as avós contam ao professor, reverberam existências humanas migrantes por todas essas narrativas. Existências migrantes cujos caminhos alcançam em alguma medida os espaços do Recanto das Emas. Essas mulheres são impulsionadas por motivos próprios cujas lembranças são narradas às netas e netos, envolvendo-as na tessitura dessa narrativa, permitindo uma experiência no sentido posto por Walter Benjamin, em que:

Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica" (BENJAMIN, 1985: 205).

Dessa forma, o neto que narra que "ela mudou de lá porque se casou. Sua vida lá era muito ruim"⁵⁵, como conta Maicon sobre sua avó paterna Maria Alcinda, nascida no Pará, deixa suas marcas, mas transmite experiências registradas na narração da avó, mergulhando todas essas mãos na argila a partir dessas experiências autobiográficas. Marcas da experiência que também podem ser lidas na narrativa que sua irmã, a aluna Mychelle Yara, trás sobre a avó materna, a moradora Arlete, quando narra que "nasceu no estado da Bahia, se mudou de lá, porque eram muitas as dificuldades no lugar que vivia, optou por um lugar com mais oportunidades"⁵⁶.

Essas duas avós por mim entrevistadas narraram elas mesmas suas histórias de vida, imprimiram em suas narrativas suas marcas, como as que a neta e o neto puderam ouvir e (re)contar. Relata a moradora Maria Alcinda: "eu sou do Pará, lá de Tucuruí. E de lá eu fui pro Maranhão, que é, com o meu esposo, aí de lá, a gente veio pra

⁵⁵ O trabalho foi produzido pelo aluno Maicon, março de 2015.

⁵⁶ O trabalho foi produzido pela aluno Mychelle Yara, março de 2015.

cá e tamo aqui até hoje. (...) É procura de melhoria né. Porque lá as coisas muito difíceis, aí a gente veio pra cá pra caçar melhoria e tamo aqui até hoje" (MARIA ALCINDA, 2016: 414). De acordo com a moradora Arlete: "eu vim da Bahia, interior, sertão da Bahia. Eu cheguei aqui em Brasília, eu fui direto pra Ceilândia, casa de conhecidos, não eram parentes, que eu não tinha parentes. Eu vim recém-separada também do primeiro casamento. Passei muitas dificuldades, né, mas venci" (ARLETE, 2016: 490). Mais uma vez, é possível encontrar as ressonâncias entre o que as avós contam e o que a neta e o neto (re)contam. A migração pelo casamento e pelas dificuldades, como foi o caso da moradora Maria Alcinda e de Maicon, deixar a Bahia para trás e a falta de oportunidade, no caso da moradora Arlete e de Mychelle Yara.

Encontrar, portanto, camadas dessas marcas das narradoras nesses outros trabalhos escolares, mesmo sem poder compará-los às narrativas diretas de suas avós. Quando a aluna Elayne busca (re)contar o que dissera a avó, "nasci em Serrolândia, Bahia, e me mudei de lá para Goiás, depois para o Recanto das Emas, porque perdi meus pais"⁵⁷. Independente de ser uma transcrição atenta ou não das palavras da avó, importa a trajetória narrada mergulhada na vida da narradora. Assim como importam as marcas das experiências contadas pelo estudante Walisson, ainda que ele não busque falar como se a avó falasse, mas explique que "os pais da minha avó fizeram uma colheita e não crescia. Não tinha mais como ficar lá. Os pais da minha avó plantavam na roça e não dava lucro, a vida tava ficando difícil e vieram para Brasília"⁵⁸. No primeiro caso, uma errância por três lugares definidos que se dá pela perda dos pais. No segundo caso, uma vinda desse campo que pode ser em toda parte, mas que culmina na migração para a capital, como a avó do aluno Matheus, que especifica essa origem no Nordeste, "ela mudou de lá em busca de emprego e uma vida melhor, lá onde ela morava a vida era muito sofrida, pela falta de trabalho e a seca no Nordeste"⁵⁹. Ou como a avó da educanda Nayara, que parte das veredas das Gerais, "minha vó nasceu em Minas Gerais, minha vó mudou porque os pais dela mudaram, era uma vida sofrida na roça"⁶⁰. Em todas, um (re)contar que envolve quem narra e quem ouve para recontar.

Os numerosos trabalhos escolares de biografia das avós escritos pelas netas e netos permitem perceber a ressonância de múltiplas experiências, de histórias de vida, de diferentes narrativas, que em algum nível permitem perceber e articular sentidos para o

⁵⁷ O trabalho foi produzido pela aluna Elayne, março de 2014.

⁵⁸ O trabalho foi produzido pelo aluno Walisson, março de 2013.

⁵⁹ O trabalho foi produzido pelo aluno Matheus, março de 2014.

⁶⁰ O trabalho foi produzido pela aluna Nayara, março de 2012.

Recanto das Emas. Essa ressonância não significa aproximar-se de uma totalidade. Pelo contrário. As narrativas das estudantes não objetivavam a articulação que o esforço crítico de análise realiza. Ao (re)compor as possibilidades, sou eu, enquanto pesquisador, que busco estabelecer redes múltiplas e subjetivas, de relações e sentidos, descartando as certezas limitantes. O objetivo foi de uma leitura atenta que me possibilitasse acessar impressões e sentidos sobre a cidade enunciadas nas marcas das experiências narradas. Ou, como analisa Revel:

Interesse do estudo me parece mostrar, concretamente, o que pode ser a reconstituição dos possíveis oferecidos aos agentes: não de todos os possíveis - quer os agentes não tenham sido confrontados, quer eles não sejam por nós conhecidos através de documentos disponíveis -, mas aqueles que foram efetivamente colocados em prática (REVEL, 2010: 248).

Atentar para os possíveis narrados, articular essas múltiplas possibilidades, é operação que exigiu considerar as especificidades do que se conta, do como se conta e até do que não se conta. Algumas dessas narrativas são pontuadas com elementos específicos, que pretendem valorizar a história que essas avós tecem para suas netas, como no caso da avó da aluna Ana Luíza. A estudante (re)conta que:

Veio para Brasília em janeiro de 1960. Em fevereiro de 1960, ficou quinze dias na Vila Amauri e são deslocadas para Taguatinga Sul (Vila Matias), pois no local onde se encontravam foi desabitado por ordem do governo local, onde hoje é o Lago Paranoá. Desde então, minha avó e meus bisavós moram em Taguatinga Sul⁶¹.

Há uma atenção quase minuciosa com as datas que colocam essa família como uma família de candangos, com referências importantes quanto ao processo de estabelecimento da população no período da construção da nova capital federal. Em outros casos, é justamente a narrativa ampla que é (re)contada pelas netas e netos, tendo como referência principal o espaço do Recanto das Emas. Para a moradora Delzuita, avó da aluna Juscélia, o mais importante parece ser o lote onde ela conta sua história à neta, que explica que “minha avó nasceu na Bahia. Ela mudou de lá, porque ela queria ganhar casa do governo aqui no Recanto das Emas e conseguiu”⁶². Possivelmente, esse querer fosse fruto do conhecimento de outros beneficiados, parentes, amigos ou conhecidos ou de informações da imprensa. De acordo com a Arlete, muitos foram os baianos que vieram se fixar no Recanto das Emas, através de uma rede de solidariedade que ela narra assim:

– Metade da Bahia mora por aqui, que é família, né, minha família é muito grande, nós somos em oito irmãos, né, e metade lá e metade aqui. Somos unidos, graças a Deus, somos unidos.

⁶¹ O trabalho foi produzido pela aluna Ana Luiza, março de 2015.

⁶² O trabalho foi produzido pela aluna Juscélia, março de 2014.

– E nesse processo de vir pra cá, sair da Bahia, que a senhora falou que não veio pra casa de parentes. Foi meio assim? Veio uns primeiro, depois iam vindo os outros e todo mundo se ajudando? Era mais ou menos isso?

– É, e, foi. Eu vim, fui pra casa de conhecidos, aí depois, eu fui, aí, trouxe minha mãe pra passear, depois trouxe minha irmã. Aí, minha irmã apaixonou por um cara aqui, casou, depois, ela voltou depois que casou, né. Veio, depois fui trazendo. Daí pra cá, os irmãos foram vindo, aí, foi vindo parente, os ajudantes vem pra casa da gente, porque não tem onde ficar, né, no início, vinha. Hoje não, já virou rotina, caminho de roça. Mas antes, eles vinham pra casa da gente. A gente dava uma força, né, até conseguir um emprego e se virando (ARLETE, 2016: 494).

Esse "caminho da roça" que vai se estabelecendo para a família, os parentes, os ajudantes serve para dar uma força até que estes migrantes possam se fixar em algum lugar, conseguir um emprego e se virar. Esse arranjo que possibilitou que "metade da Bahia mora por aqui" como define a moradora, tendo ela mesma metade dos oito irmãos a morar ali. A união familiar, essa rede de solidariedade e apoio para se fixar muitas vezes antecede essas mudanças narradas. No caso da senhora Delzuita, avó da aluna Juscelia, mesmo sem precisar datas, basta um "ganhar casa do governo" para destacar esse processo de povoamento de Brasília, as políticas habitacionais do GDF, que vieram ao encontro desse sonho de um espaço de morar simbolizado no lote. O estudante Matheus Ferreira também narra o ressoar desse sonhar no que lhe contou a avó, quando diz que "em 1993, minha avó recebeu seu tão sonhado lote aqui no Recanto das Emas"⁶³.

Essas são buscas que em vários casos chegam a esse recanto. Outra educanda, Ana Emanuella, (re)conta sobre sua avó que "ela mora atualmente no Recanto das Emas, mas veio morar aqui há dezoito anos atrás à procura de melhoria de vida"⁶⁴. O mesmo caminho narrado por tantas outras dessas avós moradoras que vieram a se fixar no Recanto das Emas, assim como se tornou um traço comum das experiências das diversas migrantes que para cá vieram desde a construção da nova capital do Brasil. Como indica Laurent Vidal, "os quase 70 mil trabalhadores presentes no dia da inauguração de Brasília residem em sua maioria nas cidades-satélites traçadas rapidamente pelas autoridades durante a construção" (VIDAL, 2009: 283).

Esse é o caso de Taguatinga, chamada de primeira cidade-satélite de Brasília, criada a partir da remoção dos moradores da invasão da Vila Sara Kubitschek, em 1958⁶⁵,

⁶³ O trabalho foi produzido pelo aluno Matheus Ferreira, março de 2015.

⁶⁴ O trabalho foi produzido pela aluna Ana Emanuella, março de 2015.

⁶⁵ Segundo James Holston, "a primeira cidade-satélite de Brasília começou com a tomada de posse de um terreno perto da entrada da Cidade Livre. (...) Em poucos dias, a frente da favela, dando para a entrada, ostentava cartazes anunciando 'Salve a Vila Sara Kubitschek', 'Os moradores da Vila Sara agradecem', 'Viva dona Sara' e assim por diante" (HOLSTON, James. *A Cidade Modernista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993: 261). Holston destaca como o uso do nome da primeira-dama é importante na resistência e na luta dos moradores, que após uma manifestação conseguem a intervenção do presidente Juscelino Kubitschek. Dessa forma, "Kubitschek mandou um dos diretores da Novacap com a resposta do

mas também da Vila Amauri e da Vila Matias, citadas anteriormente na memória da avó da estudante Ana Luiza. Pessoas que se estabelecem em Taguatinga, Ceilândia, Samambaia, Recanto das Emas, Santa Maria, entre tantas cidades-satélites, isso quando não em cidades goianas da região chamada de Entorno⁶⁶, como Valparaíso de Goiás, Cidade Ocidental, Luziânia, entre outras cidades ao redor de Brasília. Da construção às décadas seguintes, esse fluxo migratório continuou, inclusive sendo identificado muitas vezes como causa maior dos problemas da nova capital federal. O Recanto das Emas recebeu muitos desses migrantes, nordestinos e nortistas em sua maioria, cujas narrativas estão marcadas por aproximações e afastamentos, como destaca Alistair Thomson:

A experiência da migração, que por definição está centrada em torno de um processo de disjunção aguda, apresenta ao mesmo tempo uma necessidade urgente de construir identidades e histórias de vida coerentes, de um passado exemplar que possamos preservar, e dificuldades específicas nesse sentido” (THOMSON, 2002: 358).

O autor valoriza os relatos orais de histórias de vida como capazes de dar a ver e a ler as (re)significadas experiências da migração, em que há a necessidade urgente de (re)construir identidades e histórias de vida coerentes, para terem sentido, para serem preservadas. Daí uma avó narrar sua vida à neta. Com atenção a ambos, é possível perceber as marcas dessas experiências, assim como analisar as tensões que perpassam essa pretensa coerência. Para Thomson, “ouvindo os mitos, as fantasias, os erros e as contradições da memória, e prestando atenção às sutilezas da língua e da forma narrativa, podemos entender melhor os significados subjetivos da experiência histórica” (THOMSON, 2002: 355). Perceber essas marcas da experiência, esses "significados subjetivos da experiência histórica", no que essas avós narram, mas também no que

governo: a administração tinha decidido criar uma cidade-satélite, a 25 km do Plano Piloto, onde migrantes de recursos muito modestos teriam direito de adquirir um terreno, e para o qual a Novacap iria remover todos os favelados que estavam residindo no território da construção. Assim, a primeira cidade-satélite de Brasília foi designada como o lugar, a considerável distância do Plano Piloto, onde acomodar os favelados de Brasília" (idem: 262). A primeira de muitas.

⁶⁶ Pelo menos desde a década de 80, programas como o chamado "Entorno com Dignidade" passaram a direcionar a população removida de invasões para cidades fora do Distrito Federal, no estado de Goiás (Cf. GOUVÊA, Luiz Alberto. "A capital do controle e da segregação social". In: PAVIANI, Aldo (org.). *A Conquista da cidade: movimentos populares em Brasília*. Brasília: EdUnB, 2010: 105). Desde 1998, a região conhecida como Entorno é definida pela Região de Desenvolvimento Integrado (RIDE), criada pela Lei Complementar nº 94/98. A lei foi regulamentada pelo Decreto nº 2710 e alterada pelo Decreto nº 3445. O objetivo, segundo Benny Schvasberg era permitir a "articulação da ação administrativa da União, dos estados de Goiás e de Minas Gerais e do Distrito Federal. É constituída pelo Distrito Federal, pelos Municípios de Abadiânia, Água Fria de Goiás, Águas Lindas de Goiás, Alexânia, Cabeceiras, Cidade Ocidental, Cocalzinho de Goiás, Corumbá de Goiás, Cristalina, Formosa, Luziânia, Mimoso de Goiás, Novo Gama, Padre Bernardo, Pirenópolis, Planaltina, Santo Antônio do Descoberto, Valparaíso de Goiás e Vila Boa, no estado de Goiás, e de Unai, Buritis e Cabeceira Grande, no estado de Minas Gerais" (SCHVASBERG, Benny. "Do Plano Piloto a Brasília: considerações sobre planos diretores e planejamento metropolitano". In: PAVIANI, Aldo (org.). *A Conquista da cidade: movimentos populares em Brasília*. Brasília: EdUnB, 2010: 260).

narram suas netas após escutá-las. Além disso, é possível encontrar sintonias no que contam outras avós às suas netas e no que contam suas netas sobre suas avós.

A moradora Dasdores conta que "nós morávamos no interior do Pará e, depois, viemos pra capital, pra Castanhal, uma cidade que agora é igual como o Gama, uma cidade-satélite daqui, agora, Belém, eu já sei que é lá. Nunca mais voltei lá, na minha terra" (DASDORES, 2016: 363). Nessa narrativa, a trajetória da narradora é dilatada muito além do que Joana Vitória narra ao dizer que "minha avó nasceu na capital do Pará, ou seja, em Belém do Pará". É importante destacar que a moradora também identifica e resume sua origem em Belém do Pará no início da entrevista, esmiuçando a questão apenas muito depois. Ainda assim, há nesse contraste, uma tensão que faz falar ainda mais o caminho que foi dito. O que a neta situa em Belém do Pará, destacando a cidade como a capital do estado do Pará, vê-se estendido pelo interior do Pará, Castanhal, um lugar como o Gama, na periferia da capital do Pará. Além disso, esse trajeto interior, cidade grande, capital do Brasil, Recanto das Emas, não é só de Dasdores.

Quando o estudante Iago narra o que ouvira da avó, ele destaca na fala dela a marca da mudança em sua vida: "ela disse que quando ela se mudou para Brasília, a vida mudou como água pra vinho"⁶⁷, porque era bom em Minas, em Brasília era ruim, porque começou a trabalhar na invasão, porque não era cidade de Brazlândia"⁶⁸. Já para mim, na garagem da casa de sua filha, mãe desse aluno, essa mesma avó narrou assim a mesma passagem:

Passamos a morar em chácara de favor, foi até que minha mãe lutou muito, conseguiu um lugarzinho de morar, numa invasãozinha, de lá deu um lote lá em Brazlândia, de Brazlândia nós voltamos pra chácara de novo e, aí, quebramos a cabeça no mundo aí, morando em vários lugares. Até que Deus, é, fizeram um loteamento, deram um barraquinho numa chácara perto de Brazlândia e lá eu, foi preciso eu vender, porque o vizinho queria mandar, mandar no meu lugar lá, eu vendi os direitos de lá, cada, deixava eu com as crianças todas até sem água. Aí, deixei, eu, peguei e pedi a Deus pra conseguir vender os direitos de lá e sair de lá com uns trocadinhos, mas é como se diz aquela história, "nem lugar de morar e nem dinheiro", porque aí tudo acaba né (MARIA JOANA, 2016: 392).

O que a palavra "invasão" sintetiza para o neto com sua carga de instabilidade, infração, incerteza, dificuldade – sendo uma noção presente no imaginário tanto das netas e netos quanto das avós no Recanto das Emas –, é estendido em "chácara de favor", "invasãozinha", "chácara de novo", "vários lugares", "loteamento",

⁶⁷ É interessante destacar que a senhora Maria Joana utiliza em vários momentos da entrevista esses chamados ditados populares, que sempre vem precedido ou seguidos por "como se diz" como "no dia em que galinha criasse dente" (MARIA JOANA, 2016: 403) ou ainda "não há vitória sem luta" (MARIA JOANA, 2016: 399), ou ainda, "porque tem o ditado, é melhor viver sozinho do que mal acompanhado" (MARIA JOANA, 2016: 410). O neto Iago, no entanto, se confunde no uso do ditado e inverte seu uso.

⁶⁸ Trabalho produzido pelo aluno Iago, março de 2014.

"barraquinho", "Brazlândia", nesse caminho que liga Minas até Brasília, esse itinerário de quem vinha do vinho para a água, ao contrário da confusão do neto Iago. Essa circulação pela área rural de Brazlândia, que "não era a cidade de Brazlândia", apenas cessou após a vinda para o Recanto das Emas, esse "lugarzinho de morar" almejado desde a luta da mãe de Maria Joana. O perambular da memória da avó cerca esse habitar do menino nascido e criado no Recanto, já com a estabilidade do espaço de morar. Traça linhas gerais de muitos outros caminhos até o Recanto.

Entendo que existem significativas clivagens no escrever construído aqui a partir das narrativas dessas memórias, em especial, clivagens de gênero, geracionais e familiares. É justamente nelas que investi como possibilidade de escrever histórias do Recanto das Emas. São histórias tecidas a partir de memórias contadas e recontadas, cantadas e recantadas, significadas e ressignificadas, marcadas e demarcadas. Aquilo que uma velha senhora conta à sua neta pode ter um caráter pedagógico ou moralizante, mas seria utópico (ou ingênuo) qualquer entrevistador acreditar que pode colher depoimentos puros, sinônimos ou reflexos do real. Como logo alerta a entrevistada Arlete:

Eles aqui são testemunhas também, eu contei, eu conto, às vezes, eu conto, não a minha história toda, que nem a minha filha não sabe da minha vida, minha história ainda toda, como que, o que eu passei na vida, nem ela, nem minhas irmãs, né. A minha vida foi muito sofrida. E eu pego a parte que eu posso contar pra eles hoje, ainda são crianças, eu conto pra, assim "meu filho, abra a mente. Ó, a vovó falou que passou por isso, por isso, por isso, entendeu? Assim, eu faço de tudo, fiz de tudo e faço se precisar pra não ver vocês passarem pelo que eu passei, né. Não ver sua mãe passar com vocês pelo que eu passei com ela, se, fo, um, né, aquele desespero, graças a Deus só nunca roubei, nem pedia também. Era ali, sofria e chorava, no outro lá, eu botava o joelho no chão, no outro dia, aparecia uma faxina, eu corria lá e fazia e fui vencendo. Mas, eu falo pra eles, eu dou, eu falo pra eles, tudo que é exemplo na vida que vocês quiserem, eu não dou de fulano, de beltrano ou da televisão não. Vocês me perguntem, que eu dou de mim mesma, de bom e de ruim, eu dou exemplo de mim pra vocês. Aí, pego eles, converso, converso (ARLETE, 2016: 511).

É uma ressalva de que nem mesmo as pessoas mais próximas dela, como a filha e as irmãs, conhecem "minha história toda". Entre tanto sofrimento, existe aquilo que se pode contar aos netos entre tantas conversas, exemplos dados a partir das próprias experiências de vida e por isso valorizados. Histórias exemplares cujo propósito é não ver os netos passarem pelo desespero, choro e sofrimento por ela enfrentados e que, como indicado por Thomson, são parte dessa construção de uma história de vida coerente e de um passado exemplar, que possa ser preservado na memória familiar. Dessa forma, o exercício realizado foi de uma análise crítica e atenta dos diálogos expressos na multiplicidade de trabalhos recolhidos e nas memórias das moradoras e avós, que

funcionou primeiramente na prática de ensino de história no meu recanto desse Recanto todo, o CEF 308.

É importante lembrar as regras do ofício de que todo documento deve passar pela crítica cuidadosa do pesquisador, pelo cruzamento com outros documentos, qualquer que seja sua natureza. De acordo com Leandro Seawright, o pesquisador que trabalha com a oralidade "trabalha – sem exceções – na produção do seu corpus documental, ainda que ele promova cruzamentos com as documentações regulares". Além disso, para esse autor, não é um trabalho solitário, há uma significativa colaboração, pois "o narrador participa de todo o processo, desde a entrevista até a conferência da entrevista transcrita e a autorização por meio da carta de cessão de direitos autorais" (SEAWRIGHT, 2017: 3). Há, portanto, de acordo com essa perspectiva, uma particularidade dos documentos orais, que são transcritos segundo Seawright, ou seja, mais do que transcritos, criados, produzidos ao fazer dessas falas, textos.

O conceito de transcrição é trabalhado por José Meihy, que o relaciona também com o conceito de colaboração. De acordo com esse autor, "o fazer do novo texto permite que se pense a entrevista como algo ficcional e, sem constrangimento, se aceita esta condição no lugar de uma cientificidade que seria mais postiça. Com isso valoriza-se a narrativa enquanto um elemento comunicativo preñado de sugestões" (MEIHY, 1991: 30). Para esse autor, o conceito de colaboração passa por outra percepção do narrador entrevistado, não um objeto, mas um sujeito e um colaborador, de forma que "neste procedimento uma atitude se torna vital: a legitimação das entrevistas por parte dos depoentes" (MEIHY, 1991: 30).

Já Alberto Caldas, ao discutir o conceito de transcrição e suas possibilidades, propõe valorizar uma poética da experiência em que:

O conceito de transcrição para nós quer dizer uma ação criativa geral que busca tanto as ficcionalidades pessoais, grupais e coletivas quanto o presente como nossa matéria fundamental, nossa ficcionalidade básica. É recriar, através dos artifícios de diálogos gravados, tanto as possibilidades do significado (o que no fundo é dizer que não traduzimos nenhum significado), quanto as flutuações até mesmo físicas daquilo que é o outro" (CALDAS, 1999: 4).

Outras autoras como Elisa Ichikawa e Lucy Santos, no entanto, destacam que "cabe, contudo, enfatizar que essa posição de Bom Meihy não corresponde ao consenso sobre a maneira de realizar transcrição em história oral. Existem formas alternativas que não correspondem nem à transcrição absoluta nem à transcrição" (ICHIKAWA & SANTOS, 2003: 12). Entre essas formas, tem destaque, por exemplo, trabalhos como o de Verena Alberti (ALBERTI, 2005), que valorizam a história oral como metodologia de

pesquisa e enfatizam os aspectos técnicos da transcrição, da conferência de fidelidade e do copidesque. Para essa autora:

Alguns programas de história oral costumam incluir a participação do entrevistado no processamento da entrevista, fornecendo-lhe uma cópia da transcrição em sua forma final para que a aprove. Nessa oportunidade, o entrevistado tem a possibilidade de rever o que falou, fazer novas considerações, ampliar outras e, se achar conveniente, alterar algumas passagens. No Programa de História Oral do Cpdoc não costumamos proceder dessa forma, a menos que o entrevistado imponha a verificação da entrevista transcrita como condição para ceder o depoimento à consulta do público (ALBERTI, 2005: 228).

Entre as possibilidades de produção dos textos escritos a partir dos documentos orais, percebo tanto a dimensão criativa quanto a atenção e fidelidade ao que é falado como importantes. Ambas as dimensões são pertinentes, desde que orientadas por uma crítica cuidadosa, que não inclua a oposição entre oralidade e escrita. Nesse sentido, a opção nessa pesquisa foi a do diálogo, indo além de pares dicotômicos, em busca das possibilidades, como destaca Durval Albuquerque:

O oral não deve ser oposto dicotomicamente ao escrito, como duas modalidades distintas e distantes, mas como formas plurais que se contaminam permanentemente, pois haverá sempre um traço de oralidade riscando a escritura e as falas sempre carregarão pedaços de textos (ALBUQUERQUE, 2007: 230).

Evitando o olhar dicotômico no trato dos documentos orais, buscando-os, tal como os escritos, como formas plurais, que se contaminam permanentemente, é possível perceber essa imbricação entre eles. Se existem diferenças que impedem a redução do oral ao escrito, existe essa contaminação permanente, que é percebida por Michel de Certeau, quando este propõe que "na perspectiva pela qual estamos olhando aqui, isto se traduz pelo fato de a oralidade ser indefinidamente uma exterioridade sem a qual a escritura não funcionaria. A voz faz escrever" (CERTEAU, 2014: 233). Perceber até mesmo a poesia de que fala Paulo Leminski ao definir que "é na diferença, no microinstante claro-escuro da passagem da fala para a escrita que se produz a poesia, esse sempre resultado do atrito entre dois (ou mais) códigos" (LEMINSKI, 2012: 144). Uma (tres)passagem em múltiplas vias.

Além desse cuidado com a documentação produzida, também foi importante considerar a dimensão geracional que envolve a produção das biografias das avós pelas netas nos trabalhos escolares. Para Jean-François Sirinelli, "a geração existe, portanto, no território do historiador, ao mesmo tempo como objeto de história e como instrumento de análise" (SIRINELLI, 2006: 137). Sirinelli reflete sobre a geração como medida de

tempo, ainda que encontre essas outras possibilidades para o conceito⁶⁹. Uma outra definição de geração, reconhecida como clássica, é a do sociólogo Karl Mannheim. De acordo com a perspectiva de Mannheim, tem-se que:

Alguém é velho principalmente pelo fato de viver em um contexto de experiências específicas, autoadquiridas e pré-formativas, através das quais cada nova experiência é, até certo ponto, classificada de antemão quanto à sua forma e localização. Em contraposição, na nova vida as forças configuradoras estão se constituindo, as intenções primárias e a forte impressão de novas situações ainda precisam ser processadas (MANNHEIM, 1993: 534).

Este entendimento que envolve experiências e expectativas distintas é importante para pensar como a geração das avós apresenta o relato de suas memórias, assim como a geração das netas e netos / estudantes lida com essas narrativas e constrói uma outra, a biografia de seus avós. Embora me pareça que "as forças configuradoras" estão sempre se constituindo e reconstituindo, há uma clara diferença entre os chamados "velhos", as avós, e os jovens, as "novas vidas", nas formas de vivenciar, de lembrar e de narrar o mundo. As crianças tem ainda referenciais curtos sobre as experiências, sentem a vida com o sabor das primeiras experiências, contam esse mundo com frases breves, que se ligam a outras em um sequenciamento quase que ininterrupto. No trabalho da aluna Sandra sobre sua avó Maria João lê-se que:

Minha vó nasceu em 1957, na cidade de Guaraí– Tocantins. Quando ela se casou, mudou-se de lá, pois lá era muito ruim, as pessoas escovavam os dentes com cinza, tomavam banho no lago.

Em 1966, minha vó brincava de boneca e andava a cavalo. Em 1970, minha vó trabalhava, mas ela não gostava do seu trabalho.

Em 1968, minha vó não frequentava a escola, pois não a deixavam ir.

A neta traz para narrativa o que mais lhe impressiona do que ouvira da avó Maria João, ao mesmo tempo que segue o roteiro da entrevista estabelecido em sala de aula. Mais interessante do que a atenção às datas, me parece o contar que "as pessoas escovavam os dentes com cinza", onde tomavam banho, o brincar, o trabalhar ainda jovem, a falta da escola, todos estes, elementos que se contrapõem ao que a estudante experimenta em seu cotidiano. Elementos com as quais a própria vó, ao narrar seu lembrar para a neta, marca a distância entre suas experiências e sobre o que tem a contar sobre o que viveu. Percebo essas questões no que outro neto de Maria João, Wellington,

⁶⁹ Uma divisão usual, que mede o tempo a partir da identificação de algumas gerações, definidas e identificadas por letras, como X, Y e Z, que se sucedem e representariam contextos sociais específicos. Essa classificação das gerações é utilizada, por exemplo, por Ana Sílvia Scott, para quem "embora sejam um pouco estereotipadas, nos dão alguns elementos interessantes no sentido de sinalizar mudanças" (SCOTT, Ana Sílvia. "O caleidoscópio dos arranjos familiares". In: PINSKY, Carla & PEDRO, Joana Maria. *Nova história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012: 33). Sirinelli, no entanto, destaca que o uso da geração como divisão temporal exige a percepção da "geração concebida como uma escala móvel do tempo" (SIRINELLI, Jean-François. "A geração". In: FERREIRA, Marieta & AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006: 135). Não é essa, no entanto, uma abordagem que foi utilizada na presente tese.

primo de Sandra, também conta, com aproximações e distanciamentos, a história de vida de sua avó em uma biografia:

Maria João Gonçalves Pinheiro, minha vó nasceu em 24/02/1957, ela morava em Guaraí, Tocantins, morou lá pouco tempo. Saiu de lá com 25 anos, porque se casou e foi acompanhar o marido, porque ele tinha arrumado um emprego na cidade. Naquele tempo, sua vida não era muito boa, porque foi trabalhar muito cedo como vendedora de balinhas.

O primeiro trabalho escolar é de 2010 e o segundo de 2014. Apesar de terem se baseado em entrevistas distintas, em ambos há a mudança associada ao casamento, a vida difícil na infância, que Wellington especifica com o trabalho de "vendedora de balinhas". Ele também relata que "ela disse que era difícil estudar naquela época, porque a sua família não deixou" como contou Sandra. Mas além de aproximações, existem especificidades de cada narrativa, nas experiências de quem narra. Dessa forma, as netas e netos não devem ser percebidos como pessoas menos experientes, mas como seres que vivenciaram experiências diversas e que ainda estão se posicionando ante aquilo que seus antepassados já classificam de antemão na lógica de Manheim. Experiências diferentes por conta das idades, gerações, localidades, gêneros, entre infindáveis outros fatores. É preciso valorizar suas experiências para que valorizem outras experiências.

Se as netas e netos ainda estruturam seus conceitos espontâneos⁷⁰ a partir de suas experiências, as avós e avôs trabalham suas narrativas saturadas de sabedoria, ou seja, de conceitos "científicos", não espontâneos. De acordo com Bauman, "os velhos tendem a recordar" (BAUMAN, 2009: 88), uma ideia que Ecléa Bosi adensa ao explicar que vê "antes de mais nada, um movimento peculiar à memória do velho que tende a adquirir, na hora da transmissão aos mais jovens, a *forma de ensino*, de conselho, de sabedoria, tão bem esclarecida na interpretação que Walter Benjamin fez da arte da narrativa" (BOSI, 2010: 481). Em seu texto, Benjamin traça as relações entre a arte de narrar e a velhice, uma arte em declínio segundo ele, assolada pelo peso dessa forma de

⁷⁰ Parecem-me interessantes aqui, as noções de conceitos espontâneos e conceitos científicos de Vigotski. De acordo com esse autor, os conceitos espontâneos são impregnados de experiências, enquanto que os conceitos científicos são abstrações esquemáticas que não se referem diretamente às vivências e que vão se impondo aos jovens, inclusive se enraizando no terreno aberto pelos conceitos espontâneos. Segundo o autor "o desenvolvimento dos conceitos espontâneos da criança é ascendente, enquanto o desenvolvimento de seus conceitos científicos é descendente, para um nível mais elementar e concreto". Ainda assim, embora com direções opostas, estes estão intimamente ligados, pois "é preciso que o desenvolvimento de um conceito espontâneo tenha alcançado um certo nível para que a criança possa absorver um conceito científico correlato. Por exemplo, os conceitos históricos só podem começar a se desenvolver quando o conceito cotidiano que a criança tem do passado estiver suficientemente diferenciado - quando a sua própria vida e a vida dos que a cercam puder adaptar-se à generalização elementar 'no passado e agora'" (VIGOTSKI, Lev. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2008: 135).

comunicação, a informação, esse discurso sem vida. Para Benjamin, ao tratar das características da informação:

Muitas vezes não é mais exata que os relatos antigos. Porém, enquanto esses relatos recorriam freqüentemente ao miraculoso, é indispensável que a informação seja plausível. Nisso ela é incompatível com o espírito da narrativa. Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio (BENJAMIN, 1985: 203).

Embora Walter Benjamin se preocupe com o declínio da narrativa, "hoje rara", que definha pela extinção do tipo de sabedoria mencionada por Bosi, ele vê nesse processo mudanças profundas nas relações humanas com as experiências, com o fazer, com o trabalhar, com o ouvir. Para Benjamin:

A arte de narrar está definhando porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção. Porém esse processo vem de longe. Nada seria mais tolo que ver nele um "sintoma de decadência" ou uma característica "moderna". Na realidade, esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas (BENJAMIN, 1985: 201).

Talvez esse processo em que a narrativa vai definhando, sendo apartada do "discurso vivo", de que fala Benjamin, seja o mesmo que afeta o distanciamento entre jovens e velhos, a separação entre as gerações, que conforma e confina o espaço do envelhecer à solidão dos que não são ouvidos. O poema "Envelhecer", de Mario Quintana, dá a ver e a ler assim essa vivência:

*Antes, todos os caminhos iam.
Agora todos os caminhos vêm.
A casa é acolhedora, os livros poucos.
E eu mesmo preparo o chá para os fantasmas. (QUINTANA, 1981: 73)*

O poeta marca a diferença entre o antes e o agora, destaca a solidão e a companhia dos fantasmas. Há aqui um sentimento que povoa essas narrativas de velhos, cuja sabedoria foi sendo desautorizada, em processo de extinção, como tenta contar a velha personagem do conto de Salim Miguel, quando diz que: "não acha o moço que com a velhice nós vamos diminuindo, diminuindo, eu penso que eu mesma era maior, bem maior" (MIGUEL, 1981: 63).

Mesmo quando uma avó conta à neta sobre o que é positivo no envelhecer, sobre uma sabedoria que vai se afirmando pela experiência, ela também destaca o afastamento entre sua geração e a atual. Isso se afirma naquilo que conta o estudante Maicon sobre o que lhe foi narrado por sua avó Maria Alcinda: "sua experiência de envelhecer está sendo boa, pois com o tempo está adquirindo conhecimentos e sabedoria. Os jovens, hoje em dia, não respeitam os mais velhos, no passado não eram bem assim as coisas".

Um não respeitar, que passa pela sua "fala não autorizada" e "sua experiência recusada" de que fala o poema de Diva Muniz, pois mesmo se uma neta como a aluna Thalita, escreve na biografia da avó que "envelhecer é uma fase nova para mim, estou entrando na terceira idade, agora tou descobrindo uma nova maneira de viver. Apesar que existe muito desrespeito com os mais velhos hoje", isso não impede que sua avó perceba as resistências da própria neta ao que ela tem a contar e ensinar. De acordo com a avó Maria Clara:

É o que a gente fala, é assim, "é sim", "não", aí teima, "não, vou fazer assim", aí, só pra quebrar a cara. No dia que a gente foi mesmo, eu falei "Thalita, não vai", "não, eu vou de roupa de mala pra eles ficar com medo", "Thalita, não vai, porque eles tem rixa, vão confundir você". Aí, foi dito e certo. Falei "aí, tá vendo, até eu" (MARIA CLARA, 2017: 539).

A vivência desse envelhecer, dessa "nova maneira de viver", tem uma carga que parece escapar às palavras. O que a avó Maria Alcinda ensina ao neto, o que a avó Maria Clara ensina sobre a relação com a neta, o que contam os poetas, nada disso dilata os anos como buscar vislumbrar o que foi. Quando Maria João percebe o tempo, ele a assalta na narrativa:

– Então, quando ela veio pra cá, ela tinha uma filha casada né, e acho que ela ganhou nenê já tava aqui, é o Marcos já nasceu aqui no Recanto. Já deu vinte anos já? Se ver tem 93 pra 2016, quanto anos?

– Vinte e três anos.

– Vinte e três anos! Vinte e três anos que eu tô aqui no Recanto. Eu tô velha viu. Tô velha.

– Tá experiente né.

– Eu tô velha mesmo viu. Tô velha, professor, sabe. E é isso. Pode perguntar o que o senhor achar que faz parte (MARIA JOÃO, 2016: 378).

O que vinte e três anos dizem? Experiência? Dizem a velhice para essa avó, que repete quatro vezes o "tô velha". "E é isso". É preciso valorizar suas experiências para que permitam o valorizar de outras experiências.

O senhor Antônio explicita essa preocupação em transmitir sua experiência, assim como entende, mesmo resignado, que há a experiência de cada um. Se ele busca ensinar com o exemplo, "dar conselho", começa, portanto, a partir de sua própria história. No trabalho da neta Ana Clarice, ela narra que o avô "frequentou a escola muito, estudou muito, amou estudar. Estudou, porque queria ser alguém na vida". É o mesmo conselho que ele transmite ao ensinar aos filhos e netos quando é perguntado sobre a experiência como policial militar e diz que:

– Aí, até, então, eu quando eu vou chamar o pessoal, os filhos meus, esses meninos que moram comigo, quando eu vou chamar pra dar conselho pra eles, a primeira coisa que eu falo, é sobre a minha vida também, né. Eu falo "ó, eu tô falando isso pra vocês, porque essa fase de vocês, eu já passei por ela. Então, muita coisa, hoje, que tá acontecendo comigo, não era pra estar acontecendo, porque, já era pra mim estar aposentado, era pra mim ter me aposentado com o que, com meus quarenta anos, de trabalho. Então, eu falo

pra vocês por esse motivo, essa fase que vocês estão passando, eu já passei por ela também e ela é bem complicada. Então, muitas vezes, vocês podem até me achar, que eu seja chato, mas não é que eu seja chato, é porque eu já passei por ela, então, eu não quero que vocês passem pelo que eu tô passando, entendeu?" Então, eu sempre fiz muito, assim, batalhei muito pros meus filhos todos estudarem, né. Inclusive, tenho um só que é formado. Os outros, tem o mais velho, que tá fazendo, é, o EJA, né. Então, agora ele começou "não, agora vou, tenho que terminar, tenho que terminar, fazer faculdade". Pois é, "tiveram toda a oportunidade do mundo e não quiseram, então, agora é com vocês" (ANTÔNIO, 2017: 557).

Mesmo tendo estudado muito, como contou à neta e essa (re)contou, isso não impediu o senhor Antônio de abandonar a estabilidade do emprego público como policial no Maranhão. Isso é sentido no trabalho que não finda e ecoa nessa aposentadoria que poderia ter vindo aos quarenta anos e que parece estar cada vez mais distante. Também não foi o suficiente para garantir que cinco dos seis filhos concluíssem os estudos. Todavia, assegura-lhe um sentimento de ter feito a sua parte, de ter dado todas as oportunidades para que estudassem, como agora faz com as netas e netos, mesmo sob o risco de ser visto como "chato", de ter e ver "sua fala desautorizada", "sua experiência recusada". Experiências que são narradas pelo avô para levar as netas e netos a refletir, a referenciar-se em quem já foi jovem, pois o narrador entende que "eu já passei por ela também e ela é bem complicada". Há um distanciamento entre gerações que aponta para a desautorização dos velhos e de sua sabedoria, de suas memórias e narrativas ante o processo de aceleração da informação, valorizado pelos jovens, como destacado por Benjamin.

Atento a essas sensibilidades que envolvem a narrativa, me parece mais amplo o conceito de geração apresentado por Paul Ricoeur, pois de acordo com esse autor "o conceito de geração é, certamente, dos mais apropriados a atribuir uma densidade concreta ao conceito mais geral de transmissão, e até mesmo de herança" (RICOEUR, 2012: 390). Essa transmissão de que fala Ricoeur, ou a forma de ensino de que falara Bosi, compõem a narrativa das avós para suas netas, mas também reverberam no que diz uma neta à avó, quando interpelada na entrevista, como se dá com a moradora Maria das Benções:

– O que é, Renata? Que eu não tô lembrada.

(Neta) – É o que, vó?

– Vem cá.

(Neta) – Vó, quem fala é a senhora.

– Não, é porque eu não tô lembrada do que é pra mim falar.

(Neta) – Uai, que a senhora gostou de vir pra cá, que aqui é um lugar bom de se morar.

– É, aqui é um lugar bom.

(Neta) – A senhora fez sua história aqui no Recanto (MARIA DAS BENÇÕES, 2016: 458).

Ao lembrar à avó o que essa julga ter que falar, a neta Renata expressa a percepção construída nas vivências com a avó, que são também dela, que chegou ali ainda criança por morar com a avó, fazer sua história aqui no Recanto das Emas. Além disso, há ainda outra questão nessa relação geracional, uma "dupla relação", ao definir que:

A noção de geração, que é aqui a chave, oferece o duplo sentido da contemporaneidade de uma "mesma" geração, à qual pertencem, conjuntamente, seres de idades diferentes, e da sequência das gerações, no sentido da substituição de uma geração por outra. Quando criança, aprendemos a nos situar nessa dupla relação, muito bem resumida pela expressão proposta por Alfred Schütz, do triplo reinado dos predecessores, dos contemporâneos e dos sucessores (RICOEUR, 2012: 406).

Há, portanto, de acordo com Ricoeur, um espaço comum às experiências das diferentes idades numa mesma geração, ao mesmo tempo que a sequência das gerações desconstrói esse espaço em suas relações com o que é pessoal e lentamente experimentado e que fica na memória ou é esquecido, com o que é indiretamente experimentado, pelo que é contado ou silenciado, já que aquilo que fica na memória também é uma experiência. Tudo isso cortando essas relações humanas, familiares, como percebe-se na narrativa de Maria Eustáquia, a avó que "tira tudo", mas não tira, mas mima:

Eu falo assim, os pais são pais, eles educam, eles fazem e a vó vai lá e tira tudo. Eu não sou muito assim não, de tirar né, a autoridade dos meus filhos, não tiro não né, mas eu falo assim, a gente acaba fazendo uns mimos, alguma coisa né, os pais às vezes não fazem né (MARIA EUSTÁQUIA, 2016: 344).

Nessa relação, em que a geração das avós vivencia as crianças como os pais não podem, relativizando a autoridade, ainda abre-se o espaço para o contar histórias de que Benjamin sente falta. A avó fala das obrigações dos pais de educar, de fazer, obrigações que já foram dela, ao mesmo tempo que vai apresentando essa "alguma coisa né" que os avós fazem e que abre espaços para o contato entre jovens e velhos. Essa convivência cotidiana permite o contar e ouvir histórias, lutando contra esse processo de definhamento da arte de narrar que preocupa Walter Benjamin, em que "desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade dos ouvintes. Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas (BENJAMIN, 1985: 205). Ecléa Bosi, em sintonia com o pensamento benjaminiano, se pergunta: "por que decaiu a arte de contar histórias? Talvez porque tenha decaído a arte de trocar experiências" (BOSI, 2010: 84). Contrapondo ou resistindo a essa decadência, a avó Maria Eustáquia destaca como conta às netas sobre o avô delas já falecido:

Isso eu falo muito assim pra elas né, pras minhas netas. Pra saber também, é eu já falei mesmo, pra elas terem, saberem dar valor nos avós que elas tem hoje. Porque nenhuma das delas, nenhuma delas três conheceu o avô né, que é

meu esposo. Que quando ela, quando a Vilma nasceu, a Vilma tinha um, no dia que a Vilma fez um ano, ele foi internado. Aí, a Vilma tava com um ano e três, um ano e um mês, ele faleceu. Que ele, nem no dia do aniversário dela de um aninho, ele não pode ir, porque ele tava, ele tava em casa, tava muito ruim. Aí, nós tivemos que levar ele de imediato, nós levamos pro hospital, ela já ficou internado né, lá no HUB né, já não saiu mais, lá mesmo ele faleceu. Então, ele ficou trinta dias lá no hospital né, então, por isso que eu falo, né, que ela já tinha um aninho e um mês né, quando ele faleceu. Então, ficou assim muito marcado assim as coisas. Então, eu falo pra elas assim, pra elas conhecerem né, cada um conhecer os seus avós. Igual, assim, a Aline, ela é mais apegada comigo, por que? Porque a avó dela mora longe, mora no Piauí né. A avó, o avô dela também já faleceu também. Mas ela já conheceu, chegou a conhecer o avô, conheceu a avó né, conhece a avó. E a Vilma, que é a do meu filho mais velho, Lucas, ela já tem os dois avós né, que é o pai da mãe dela né, o pai e a mãe da mãe dela. Então, quer dizer, ela tem mais convívio com eles do que comigo. Né, por que? Sempre a mulher né, a gente puxa mais né (MARIA EUSTÁQUIA, 2016: 346).

A avó fala de um apego que se constrói pelo convívio, onde ainda é possível trocar experiências, que puxam mais pro lado da mulher. É um falar que busca que se dê o devido valor ao antepassado que não se pode conhecer, que "ficou assim muito marcado assim as coisas". Essas memórias familiares compartilhadas (re)orientam identidades associadas às histórias de vida coerentes de um passado exemplar, que se quer preservar, de que fala Thomson (Cf. THOMSON, 2002: 358). Está em jogo a (re)construção de um repertório comum de lembranças, essa memória familiar ou "memória herdada" de que trata Michael Pollak. Para esse autor:

Não se trata apenas de herança no sentido material, mas também no sentido moral, ou seja, do valor atribuído a determinada filiação. Sabemos que a memória, bem como o sentimento de identidade nessa continuidade herdada, constituem um ponto importante na disputa pelos valores familiares, um ponto focal na vida das pessoas (POLLAK, 1992: 205).

Esses valores, mais ou menos aceitos, mas que são apresentados como uma "continuidade herdada", ou ainda, um "passado exemplar", circulam por essas narrativas de histórias de vida e são importantes na construção das identidades dos indivíduos e do grupo familiar. Nesse sentido, Pollak desenvolve essa relação estreita entre memória herdada e identidade ao analisar que:

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado em seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992: 204).

A memória herdada ou familiar é parte dessa intensa relação entre memória e identidade, envolve interesses e disputas em (re)afirmar lembranças compartilhadas e a identidade familiar a preservar. É uma dimensão da memória de pessoas próximas, que

tem suas particularidades entre os pólos da memória individual e da memória coletiva.

Paul Ricoeur analisa essa questão ao problematizar que:

Não existe, entre os dois pólos da memória individual e da memória coletiva, um plano intermediário de referência no qual se operam concretamente as trocas entre memória viva das pessoas individuais e a memória pública das comunidades às quais pertencemos? Esse plano é o da relação com os próximos, a quem temos o direito de atribuir uma memória de um tipo distinto. Os próximos, essas pessoas que contam para nós e para as quais contamos, estão situados numa faixa de variação das distâncias na relação entre o si e os outros (RICOEUR, 2012: 141).

A relação com familiares próximos, como as avós, que contam e escutam, vai além de cada um conhecer seus avós, suas histórias de vida que se misturam com as de suas netas para além da internação que antecede o falecimento no dia do primeiro aniversário da criança. Esse repertório de memórias pretende (re)construir uma identidade familiar. Mesmo se os avós moram longe do Recanto das Emas, como no Piauí. Ou se elas vem visitar nos fins de semana. Como alerta Ricoeur, existe o risco de afirmação de uma memória, que é imposta pela memorização forçada, em que "o fechamento da narrativa é assim posto a serviço do fechamento identitário da comunidade" (RICOEUR, 2012: 98). Fechamento identitário que é um objetivo, mas que é um esforço sempre sujeito às táticas dos sujeitos, pois tornam-se esses "instrumentos manipuláveis por usuários", tal como indicado por Certeau (CERTEAU, 2014: 78).

Também é importante entender que muitas vezes essa separação entre os pais e avós, onde os "pais são pais", pode ser relativizada, pois existem avós que são "mãe mesmo", que tem a obrigação de criar a neta ou neto na ausência do pai e da mãe. Mas mesmo nesses casos, há especificidades nesses relacionamentos que vão além daqueles entre pais e filhos, mesmo se uma avó era como a mãe, como conta a moradora Maria Clara ao falar sobre a avó que a criou, "eu não gostava de largar minha vó pra nada, pra mim que ela que era minha mãe, que é a mãe do meu pai" (MARIA CLARA, 2017: 523), pois ela ainda era a mãe do pai. Criar as filhas de suas filhas como filhas não faz com que aquelas deixem de ser suas netas. A moradora Maria João fala em sua entrevista sobre o carinho amplo que tem pelos filhos e netos, ao contar que "eu tive três filhos. E quatro com a Sandra. E cinco com o Marcos agora. Então, e criei outros dois netos, que é a Luana e o Wellington, que você foi professor da Luana também né. Todos esses eu considero como filhos, porque são meus filhos" (MARIA JOÃO, 2016: 372). Enquanto dois dos netos são criados por um dos filhos, os dois primeiros são dependentes diretos. Ainda que a palavra "filhos" vá se ampliando para abarcar a todos na passagem, também marca-se a distinção entre filhos que se teve e os que se cria, as netas e netos.

A moradora Dasdores evita falar na frente da neta Joana Vitória sobre essa relação de criação durante a entrevista, mas logo acaba dilatando suas lembranças, ao ressaltar seu sentimento de ser como uma mãe para a neta. A partir daí, narra sua relação com os outros netos e a relação com os filhos que ela teve e que ainda são sua responsabilidade. Conta assim a mãe e avó Dasdores:

Sim. Meio mãe. É séria, a história né... E não posso, né... Então, é, é mãe, eu digo pra todo mundo até que eu sou mãe mesmo, né, porque peguei com três meses e foi uma luta muito grande, muito grande, ainda tô, tenho né, porque esse problema que ela tá em tratamento, ontem foi lá pro hospital e tomou remédio, hoje ela tá aí meio passando mal, porque dá vontade de vomitar, sempre vai direto, né. Mas é uma benção, professor Jorge, porque é muito bom, os meus netinhos e eu amo eles. O Danilo, que tem doze anos, a Isabela e Gustavo, meu filho né e moram lá. E eu trato eles assim, eu falando ontem pra Marcos, que eu, digo, que eu tô com uns homens ali cuidando da minha casa, eletricitista, e eu disse "Marcos, eu tô com a minha cabeça quente, meu filho, olha uma lista que eu trouxe pra comprar e eu vou lá e eu tenho que ir lá. E eu carrego a minha casa na minha cabeça, a minha aqui, e tenho que carregar a casa lá do meu filho também na minha cabeça. Mas eu dou conta". Ele "a senhora é uma guerreira, dona Dasdores". Digo "eu sou, meu filho". Isso eu sempre falo, que eu sou mesmo. Eu não sei, os meus cabelos não ficam brancos e eu já vi que eu tenho muita energia, eu tenho muita energia (DASDORES, 2016: 364).

Uma experiência de mãe que carrega "minha casa na minha cabeça" e a casa dos filhos, o que afasta o envelhecer, os fios brancos de cabelo, muita energia para cuidar da saúde delicada da neta que recebeu aos três meses. Mesmo as avós que não são as responsáveis diretas pelas netas e netos, muitas vezes, participam dessa rede familiar que acompanha as crianças em seu desenvolvimento. Mobilizam seu tempo, se preocupam, orientam, como é o caso de Ana, que narra que "aí, pra onde ela ia, o colégio mais perto que eu consegui, que eu morro de medo dessas meninas, nossa, eu fico preocupada, né? Assim, quem vai pegar, quem vai levar, porque eu era assim com os meus filhos" (ANA, 2016: 485). Esse sentimento de preocupação é compartilhado por Arlete, que deixou seu espaço de morar no Recanto para a filha e os dois casais de netos, mas ainda assim narra que "as coisas invés de serem melhorando, às vezes até tá dificultando, né, piorando pra gente, tá saindo mais difícil a gente cuidar dos filhos da gente, porque neto é filho, duas vezes, né, então, a gente preocupa muito" (ARLETE, 2016: 503)

Existem casos, como o da entrevistada Maria Clara, onde a chegada da neta, com a gravidez da filha ainda na adolescência, é narrada como um elemento desestruturante da família, mas que depois foi finalmente contornado. Mesmo no trabalho da neta, a aluna Thalita, há a menção à questão, pois é contado que "fui vó muito nova, mas como veio, fiquei feliz, é como se fosse filho". Na entrevista, a avó também destacou essa ideia dos netos como filhos, "é outro filho e é outra responsabilidade também"

(MARIA CLARA, 2017: 539), mas o que assoma fortemente em sua narrativa é sua relação com a gravidez da filha ainda adolescente, quando ela conta que:

Aí, essa aqui, engravi, teve que arrumar um namorado aí, engravidou muito nova, com quinze anos e ganhou com dezesseis e aquilo foi minha revolta, "meu Deus, porque eu tô passando isso?" Aí, peguei, abandonei ela, passei uns quinze dias, mais de mês, né? Ela ganhou neném, o médico "dona Maria, sua filha, se a senhora não vir buscar, a senhora não tira ela, que é de menor, ela vai pro", falei "vai pro juizado, na hora de fazer o filho, fez e num..." Queria que ela tasse estudando, não era pra fazer isso. Aí, depois, eu peguei e resolvi, falei "ah, tem que ser eu mesmo, tem que encarar", aí, fui, busquei, trusse, falei "agora se vira, ó, eu vou pro meu trabalho" (MARIA CLARA, 2017: 517).

Essas relações carregam marcas dessas vivências, como a recusa de ser avó, enfim, conflitos, afetos e desafetos. A revolta vai dando lugar ao "tem que encarar" na narrativa da avó, enquanto um longo tempo de conflitos, desde o abandono da filha no hospital após o parto, o aviso do "médico" até o "agora se vira", é sintetizado em poucas frases. Isso é importante para destacar como não se trata aqui de idealizar essas relações como positivas e amorosas. Como em todas as relações humanas, existem encontros e desencontros, mediações, confrontos, disputas, negociações.

Além de todas essas nuances que envolvem as relações entre essas avós e suas netas e netos, é preciso ainda levar em consideração que o professor que se envolve nesse processo pertence a outra geração nessa relação, no caso, uma geração intermediária, que não é nem a dos avós, nem a das crianças, mas cujas experiências e expectativas ora podem se aproximar, ora podem se afastar das de um ou outro grupo. Isso trás ainda mais questões para essa dinâmica. O olhar do professor não pode simplesmente conduzir a leitura das estudantes, devendo estar aberto a uma relação múltipla e relacional entre os olhares de cada geração no processo.

Os depoimentos das avós moradoras foram analisados para compor uma rede de lembranças narradas capaz de dar a ver e a ler a cidade do Recanto das Emas. Memórias que circulam pela cidade, cidade que circula pelas memórias. Percebo que a cidade é "mais do que materialidade, é sociabilidade, gente andando, interação social. São os diferentes personagens, os grupos que se enfrentam e formam relações uns com os outros", como indica Sandra Pesavento (PESAVENTO, 2005: 8). Dessa forma, existem muitas formas de simbolizar a cidade nas lembranças narradas, conforme esta é (re)construída nas histórias de vida pelas memórias. Nesse estudo, busquei explorar essas possibilidades da cidade nas narrativas das moradoras, elegi e desenvolvi alguns eixos temáticos para (re)construir histórias do Recanto das Emas, conforme apresento no próximo capítulo.

O objetivo do presente capítulo foi explicitar como essas narrativas memorialísticas das avós se relacionam com as biografias produzidas por netas e netos, estudantes do CEF 308. Através dessa relação, direta ou indireta, de cruzamentos e paralelos, diálogos e tensões, foi possível ampliar as possibilidades de aprender e ensinar sobre o Recanto das Emas. A partir das narrativas construídas em salas de aula dessa escola, acompanhamos trajetórias como as apresentadas ao longo desse capítulo e que permitem (re)pensar e (re)contar o Recanto das Emas como espaço de mulheres provedoras de suas famílias, como espaço de morar, como destino de quem migra para o DF, como expectativa de melhoria de vida, entre tantas possibilidades.

O aluno Breno (re)conta o que sua avó lhe contou: “ela morava na invasão chamada Boca da Mata, morou quinze anos e mudou para Taguatinga Norte em 1985. Em 2006, ela ganhou seu lote e mudou para o Recanto das Emas”⁷¹. Um itinerário que passa pela invasão, pela primeira das cidades-satélites, que surgiu como resposta à remoção de uma vila de trabalhadores sem moradia, até a conquista do lote como síntese da realização, que constrói esse espaço de morar no Recanto das Emas.

Já Maria Aparecida, avó do aluno Igor, tem sua história de vida narrada pelo neto nos seguintes termos: “quando cheguei aqui em Brasília, eu tinha dezesseis anos, morei em barracos em várias cidades-satélites até conseguir vir pro Recanto das Emas”⁷². Mesmo que sejam outras as palavras, pois não há aqui a menção a invasão ou lote, mas há outro termo importante para pensar a vivência das moradoras do Recanto das Emas, o barraco. E aqui também, em linhas gerais, a errância de quem busca um espaço de morar termina quando se consegue vir para um recanto no Recanto.

No que conta a aluna Erodênia sobre sua avó, há destaque para a luta dela pelo espaço de morar. Não é simplesmente um ganho, é uma luta e essa luta prossegue no processo de construção que se segue. Dessa forma, a estudante conta que sua avó “resolveu lutar por uma moradia no governo, mas só conseguiu o seu lote quando teve sua última filha em 1994. Que foi onde ela teve que trabalhar mais ainda para construir seu lote”⁷³. Assim como esses símbolos recorrentes para representar as vivências pelo Recanto das Emas (a invasão, o lote, o barraco), esse “lutar por uma moradia” é um elemento que conduz o fazer dessas moradoras nas narrativas que vão tecendo. São várias

⁷¹ O trabalho foi produzido pelo aluno Breno, março de 2014.

⁷² O trabalho foi produzido pelo aluno Igor, março de 2014.

⁷³ O trabalho foi produzido pela aluna Erodênia, março de 2012.

as lutas que reverberam nesse relato, lutas por trabalho, por um lote, por melhoria de vida, por oportunidades.

Se a mudança para Brasília muitas vezes é lembrada e (re)contada como a busca da solução do desemprego, da falta de oportunidades, a mudança para o Recanto das Emas é narrada, muitas vezes, como esse espaço para "construir seu lote" e para a família que aumenta, "quando teve sua última filha". Uma nova cidade onde os lotes aos poucos mudavam de mãos para, por exemplo, casais jovens, mulheres divorciadas, viúvas ou separadas em busca de novos recomeços. Tudo isso surge no que conta o estudante Maykon a partir do relato de sua avó de que “mudou-se para Brasília no ano de 1980 para procurar emprego. No ano de 1990, teve sua segunda filha e foi morar com o marido e sua filha no Recanto das Emas”⁷⁴.

De acordo com o Plano Distrital de Habitação de Interesse Social de 2012, o Recanto das Emas é uma das localidades onde “a unidade imobiliária (lote) já foi vendido pelo menos uma vez em até 60% de algumas cidades” (GDF, 2012: 46). Esse também foi o caso no relato da avó da aluna Thaís: “depois deles terem se separado, a minha avó veio morar no Recanto”⁷⁵. Nos casos anteriores, o Recanto das Emas surge como um lugar para a família que aumenta, enquanto no último, é o espaço onde uma segunda separação, a do marido, companheiro ou parceiro aparece como marco na memória que antecede a chegada, assim como a primeira separação, a da terra natal, surgiu como marco que antecedeu a vinda para Brasília. Esse foi o caso de Ana, que se mudou após o divórcio do marido, tendo ela ficado com sua parte da antiga casa, que usou para comprar um novo espaço de morar no Recanto das Emas, além dos quatro filhos, como ela destaca em sua narrativa:

Uns doze anos, doze pra treze anos, que eu morei lá em Samambaia, fizemos uma casa muito boa, né. Aí, eu não dei certo com ele. Aí, foi, aí, a gente separou, dividimos né, ele ficou com a parte dele, eu fiquei com a minha parte e fiquei com os quatro filhos. Trabalhando muito, sozinha. Trabalhei aqui só (ANA, 2016: 467).

A moradora Maria Eustáquia também se muda para o Recanto das Emas, vinda de Anápolis, mas depois de perder o esposo, que faleceu, conforme ela narra:

Meu esposo ele veio a adoecer lá em Anápolis, ele deu câncer né, então a gente fez o tratamento, começou o tratamento lá, e... Mas ele veio terminar o tratamento aqui em Brasília e ele veio a falecer aqui também em Brasília. Então tem doze anos que ele faleceu e tem doze anos que eu tô aqui no Recanto mesmo né, porque assim que ele faleceu, no mesmo ano eu mudei pra cá, comprei uma casa, essa casa aqui e vim pra cá (MARIA EUSTÁQUIA, 2015: 330).

⁷⁴ O trabalho foi produzido pelo aluno Maykon, março de 2015.

⁷⁵ O trabalho foi produzido pela aluna Thaís, março de 2015.

Todas essas narrativas, que foram sendo articuladas, são possibilidades de (des)construir a cidade do Recanto das Emas. Ainda que seja um espaço cotidiano dessas educandas e educandos, assim como de suas avós, não é um lugar dado, simples materialidade, mas sim um espaço repleto de (re)significações. Muito além de uma avaliação escolar, as biografias das avós têm a importância de estabelecer momentos para (re)lembrar e (re)contar histórias. Essas histórias e memórias podem permitir às netas e aos netos ouvir e (re)contar esses recantos e veredas. Compartilhar experiências, mais do que preservar histórias ou estabelecer tradições, ainda que certas memórias familiares e memorizações possam atuar nesse sentido, como alerta Ricoeur (Cf. RICOEUR, 2012: 98). O objetivo é potencializar todas e todos os envolvidos a saberem de si, de suas experiências e de seus espaços, problematizá-los e transformá-los, seja em casa, na escola, na rua ou onde quer que seja. Perceber e valorizar as táticas e estratégias dos sujeitos (Cf. CERTEAU, 2014: 78) e até "promover novas formas de subjetividade" (FOUCAULT, 1995: 239)⁷⁶.

Esse esforço político e pedagógico, além de buscar uma educação atenta à percepção crítica, à interpretação e re-escrita do mundo, como defendia Paulo Freire (Cf. FREIRE, 1982: 24), se articula às formas que encontrei para narrar o Recanto das Emas a partir de relatos de quem mora nessa cidade.

⁷⁶ Lucélia Bassalos alerta, no entanto, que ao se tomar uma perspectiva foucaultiana, mesmo nas mais democráticas políticas pedagógicas, "se fundamenta, silenciosa e talvez inadvertidamente, no sexismo e na heteronormatividade" (BASSALOS, Lucélia. "Relações de gênero e o papel da escola". In: STEVENS, Cristina (et al.). *Gênero e feminismos: convergências (in)disciplinares*. Brasília: Ex Libris, 2010: 149). A autora reflete ser fundamental que "o olhar sobre as relações de gênero na escola deve esclarecer que as oposições entre homem e mulher são históricas, linguisticamente construídas, e que os silêncios e omissões historicamente constituídos, podem ser desconstruídos e transformados em reconhecimento das múltiplas formas de ser e estar no mundo" (idem: 149). Identificar e desconstruir, portanto, essas relações de poder, quaisquer que sejam, para reconhecer e promover a diversidade das subjetividades.

Capítulo 3 - Recanto de Brasília: cidades

Uma cidade transumante, ou metafórica, insinua-se assim no texto claro da cidade planejada e visível.

Michel de Certeau, *A Invenção do Cotidiano - Artes de Fazer*, p. 159.

A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim, eu acho, assim é que eu conto. O senhor é bondoso de me ouvir. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. O senhor mesmo sabe.

Guimarães Rosa, *Grande Sertões: Veredas*, p. 91.

É o Recanto das Emas que surge em 1993? Há ali uma cidade na assinatura da lei nº 510/93⁷⁷ em 28 de julho de 1993? Ou na publicação do decreto nº 15046/93⁷⁸ em 22 de setembro? Os documentos referem-se a uma nova "Região Administrativa", uma "zona urbana" e buscam "fixar seus limites". Existe, portanto, um corte oficial que marca a fundação do Recanto das Emas em 1993, com a separação da área da Região Administrativa (RA) do Gama. Mas o mesmo recorte não se aplica necessariamente às experiências das moradoras e moradores, que vivem seus recantos para além dos marcos oficiais. Como mostra a estudante Ana Karoline, que narra a conquista da avó como se essa mesma o narrasse à neta: “pra ganhar a minha casa foi muito difícil, muito sofrimento, fui para a invasão pra ganhar a casa, quando eu ganhei, eu chorei muito”⁷⁹.

Nesse capítulo, meu esforço foi o de dar a ver e a ler o Recanto das Emas por meio da narrativa que construí a partir das narrativas das memórias de suas moradoras. E trato essas narrativas, a minha e a das narradoras, sintonizado com as reflexões de Walter Benjamin, para quem a narrativa é "uma forma artesanal de comunicação como já indicado anteriormente. Ela não está interessada em transmitir o 'puro em si' da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele" (BENJAMIN, 1985: 205). Como espaço vivido⁸⁰ por seus

⁷⁷ Lei nº 510/93 – Cria a Região Administrativa do Recanto das Emas – RA XV. O primeiro plano diretor em que a área do Recanto é tratada como área urbana é PDOT de 1997, antes aparecia como zona de expansão urbana do Gama no PDOT 1992.

⁷⁸ Decreto 15046/93 - Fixa os limites da Região Administrativa do Recanto das Emas - RA XV.

⁷⁹ O trabalho foi produzido pela aluna Ana Karoline, março de 2012.

⁸⁰ Penso o espaço vivido como o define Michel de Certeau, para quem "o espaço é um lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. Do

habitantes, mapeado por alguns e desconhecido por tantos, o Recanto das Emas pode ser contado e lido de diversas formas: como cidade-satélite⁸¹ do Distrito Federal (DF); como espaço de morar; como expectativas; como periferia violenta da capital do Brasil; como mais uma periferia violenta do Brasil; como espaço político; como canto de memórias; além de inúmeras outras formas, até como uma região a administrar e área urbana. Encontrar e se perder nas formas de contar as práticas desse espaço, seus cantos, recantos, ou como propõe Michel de Certeau:

Eu gostaria de acompanhar alguns procedimentos - multiformes, resistentes, astuciosos e teimosos - que escapam à disciplina sem ficarem mesmo assim fora do campo onde se exerce, e que deveriam levar a uma teoria das práticas cotidianas, do espaço vivido e de uma inquietante familiaridade da cidade (CERTEAU, 2014: 163).

Certeau dedica especial atenção à fala dos passos perdidos, à habitabilidade, ao lembrar os lugares. Como definir esse indefinido espaço vivido? Ou será possível apenas cruzar com ele pelos cantos? A tensão entre narrar as vivências imbricadas nas práticas cotidianas do espaço e seu fazer é um problema central para meu contar esse contar o Recanto das Emas, pois como indica o próprio Certeau:

O espaço assim tratado e alterado pelas práticas se transforma em singularidades aumentadas e em ilhotas separadas. Por essas inchações, diminuições e fragmentações, trabalho retórico, se cria um fraseado espacial de tipo antológico (composto de citações justapostas) e elíptico (faz buracos, lapsos e alusões). Em vez de o sistema tecnológico de um espaço coerente e totalizador, "ligado" e simultâneo, as figuras ambulatórias introduzem percursos que têm uma estrutura de mito, se ao menos se entende por mito um discurso relativo ao lugar / não lugar (ou origem) da existência concreta, um relato bricolado com elementos tirados de lugares-comuns, uma história alusiva e fragmentária cujos buracos se encaixam nas práticas sociais que simboliza (CERTEAU, 2014: 168).

mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos - um escrito" (CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. São Paulo: Vozes, 2014: 184).

⁸¹ Uma vez que o Distrito Federal não pode ser dividido em municípios, sendo ocupado apenas por Brasília, a denominação de cidade-satélite foi comumente usada para se referir às cidades que iam surgindo às margens do Plano Piloto, pelo menos até 1998, quando a lei nº 19.040/98 do governador Cristovam Buarque proíbe o termo nos documentos oficiais e outros documentos públicos no âmbito do GDF. Outra questão que envolve tal denominação é até que ponto é possível tratar as cidades-satélites como núcleos urbanos distintos de Brasília, uma vez que não contam com autonomia administrativa e econômica em relação ao Plano Piloto. Segundo as reflexões de Viviane Ceballos, esta não é uma discussão simples, uma vez que "este não é um debate que está posto de forma muito clara na historiografia da cidade, visto que historiadores, geógrafos, urbanistas, sociólogos pensam esse espaço e reafirmam a dificuldade de separar Brasília e as cidades que a circundam. Se vamos chamá-las de cidades satélites ou de bairros parece ser uma questão de menor relevância quando da análise de um espaço complexo e que implica pensar também as apropriações deste por seus habitantes. Portanto, ainda há uma indefinição na forma de pensar esse espaço: se Brasília é o Plano Piloto, ou o conjunto deste com as cidades-satélites que o circundam. Acredito ser difícil separar os dados referentes a esses espaços, mesmo que entendamos suas especificidades" (CEBALLOS, Viviane. *Memórias, tramas e espaços: a história de Brasília construída pela fala dos moradores de Sobradinho-DF (Tese de doutorado)*. Campinas: UniCamp, 2014: 54). Ainda que atravessada por essas tensões, sigo com a denominação de cidade-satélite.

Atentar ao que ora é densificado, ora é cortado. O que é dito, desdito, redito, bendito e o que é mal dito ou nem dito ou silêncio maldito. Nesse meu trabalho de história da memória das moradoras do Recanto das Emas, utilizo as narrativas sob a perspectiva de uma "forma de saber" da história oral. Segundo Leandro Seawright, essa possibilidade de pesquisa "é menos utilizada e indica a valorização da sabedoria do narrador" (SEAWRIGHT, 2017: 3). Afinal, trata-se de trabalho em que se valoriza a experiência de quem narra, essa "experiência que passa de pessoa a pessoa", de que fala Walter Benjamin, e "é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos" (BENJAMIN, 1985: 198). No meu entendimento, isso significa ir além de leituras mais convencionais da "cidade planejada e visível", mencionada por Certeau, pensando, inclusive, conforme sugere José Meihy, na "subversão do princípio da história que viria do pretérito para o presente e a consagração do inverso – do presente para o passado – aliado a um novo protagonista da trama – o narrador" (MEIHY, 2006: 447). As narrativas dessas memórias da cidade vão se infiltrando pelas brechas até serem as guias pelo caminho que trilhei para construir minha narrativa, ainda que reconheça seus limites, uma vez que, como indica a reflexão de Viviane Ceballos:

Os habitantes da cidade não utilizam sempre os mesmos caminhos, buscam alternativas mais rápidas para chegarem aos seus destinos. Os usos das cidades são infinitos e de uma pluralidade inalcançável para o pesquisador, ou mesmo para aqueles que buscam intervir neste espaço e normatizar os seus usos (CEBALLOS, 2014: 16).

Cidade-satélite do DF

Se o Recato das Emas foi instituído oficialmente como mais uma RA do DF em 1993 pelo GDF durante a gestão do governador Joaquim Roriz, não foi esse o início da ocupação da área. Graciete Costa assinala que essa era mais uma área rural que compunha os limites de Brasília durante as décadas de 60 e 70. Segundo a autora, a área era administrada "pela Fundação Zoobotânica, que criou Colônias Agrícolas, Núcleos Rurais, Áreas PAD/DF⁸², Agrovilas e Áreas Isoladas (...). Esses núcleos foram ocupados mediante arrendamento, assegurando-se, assim, o aproveitamento econômico rural" (COSTA, 2011: 182). Esse modelo de ocupação dessa área rural ao redor de Brasília aparece também no Relatório de Impacto de Meio Ambiente (RIMA) prévio à

⁸² Programa de Assentamento Dirigido do DF.

implementação da nova RA, localizada ao sul da cidade-satélite do Gama e ao norte de Samambaia, a trinta e dois quilômetros de Brasília:

A ocupação da área [...] deu-se a partir de 1960, segundo o projeto de ocupação e uso da terra, no meio rural do DF, mediante a implantação dos núcleos rurais Vargem da Benção e Monjolo [...]. A partir de 1982 [...] passou a ser rapidamente ocupada por chácaras, provenientes de loteamentos irregulares de terras públicas (EIA/RIMA, s/d: 26 in BORGES, 2003: 19).

É possível perceber, através desse documento, a referência à área como "zona rural", que não escapou ao processo de "loteamentos irregulares" que marcaram a ocupação do DF e seu entorno (Cf. PAVIANI, 2010a). Os núcleos rurais Vargem da Benção e Monjolo já são mencionados, por exemplo, em reportagem do Correio Braziliense, na edição de 14 de julho de 1961. Nessa, informa-se que "o problema das vias de circulação nos núcleos rurais será também solucionado, destacando-se os trechos Taguatinga e Gatuné, Vargem da Benção e Monjolo, Sobradinho" (CORREIO BRAZILIENSE, 1961: 8). Já no recantar o Recanto das Emas da senhora Dasdores, a área surge com termos semelhantes da RIMA, mas com outra cadência:

– Do Recanto tem mais uma coisa que eu quero lhe lembrar, eu não sabia, eu não sabia, eu lembrei, é o que eu falei com os meninos eu lembrei, é a cidade começou assim né, aos poucos vai crescendo né, porque a cidade, toda cidade tem que crescer. A Vargem da Benção ainda não tinha, a Vargem da Benção, ainda não tinha, né, que é lá do outro lado, você sabe que ali que começa, do lado de lá que vão fazer casas que o governo já tá, minha casa, minha renda né, vai começar.

– Minha vida...

– É, minha vida, minha luta, minha... Vai ser de lá que ainda não tem prédio, mas já tá limpo tudo pra esse plano. Mas quando eu entrei aqui no Recanto, não tinha as 400s, não tinha as 800s, era cerrado, pra lá era cerrado mesmo né, mas o meio era aqui mesmo, o foco ainda, claro, que o governo começa assim, né professor, você sabe, uma cidade não cresce de um dia pro outro. Então, não tinha as 400s, eu não falei com os meninos isso, não tinha as 800s, ou eu falei, mas muito mal, então ainda era matagal, que era o criatório de galinhas, tinha a Só Frango, era lá, aquelas coisas, né. Depois que já devastaram e já tem pra lá outras quadras né, as 800s e tal. Mas era só aqui o meio. E tinha essas chácaras. (DASDORES, 2016: 367)

O relato oral amplia muito as referências, permite às historiadoras e historiadores atentarem aos sujeitos no sentido indicado por Paul Thompson de que "a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história, (...) transformando os 'objetos' de estudo em 'sujeitos'" (THOMPSON, 1992: 137). Protagonismo que confere visibilidade aos sujeitos em suas narrativas, como à própria cidade. Nesse caso, o que se conta é recuperado não em um primeiro momento, mas após um esforço de pensar a cidade, mesmo quando era cerrado, matagal, criatórios, chácaras. Afinal, "uma cidade não cresce de um dia pro outro", mas "toda cidade tem que crescer". Dasdores narra que "a cidade começou assim né", algo que ela faz questão de lembrar e

quer me relatar, contar melhor do que contou para os meninos⁸³. O cerrado em sua narrativa vai dando lugar à cidade, é limpo para os planos das políticas habitacionais do governo, antecede as 400s, as 800s. Desse espaço da origem da cidade salta-se, na narrativa, para o momento da chegada, quando ainda havia o cerrado ao redor do "meio era aqui mesmo". A presença das chácaras só é definida assim na última frase, que já vem se formando na sequência: matagal, criatórios de galinhas e, finalmente, a Só Frango. Este é um ponto de referência na orientação da memória de algumas moradoras do Recanto das Emas. Mas caminharei por aqui mais à frente.

A criação oficial da RA foi parte de um mesmo processo que levou à formação de novas cidades-satélites em um curto espaço de tempo, como Santa Maria, São Sebastião e Riacho Fundo (Cf. GONÇALVES, 2002: 2). De acordo com Graciete Costa, já no ano de 1992 tivera início o processo de loteamento da região, ainda como um parcelamento:

Em 1992, atendendo à demanda habitacional existente no Distrito Federal, foi proposto e aprovado o Projeto Recanto das Emas. A área prevista para dar origem ao novo parcelamento localizava-se entre o Gama e Samambaia e era ocupada por chácaras que pertenciam à Fundação Zoobotânica desapropriadas para a distribuição dos primeiros lotes (COSTA, 2011: 182).

Ao contrário das ações mais espalhadas pelo território do DF anteriormente praticadas, de acordo com Sérgio Jatobá, essa foi "a maior expansão da mancha urbana já promovida no território do DF em um curto período de tempo" (JATOBÁ, 2010: 312). Jatobá vê nisso os efeitos tardios do Plano Estrutural de Organização Territorial (PEOT) de 1977, que projetava reduzir a dispersão urbana entre Taguatinga e o Gama na parte sudoeste do DF. Para esse autor, "Samambaia, Riacho Fundo, Recanto das Emas e Santa Maria fizeram parte do Programa de Assentamentos do Governo Roriz, que criou mais de cem mil lotes semi-urbanizados no período de cinco anos" (JATOBÁ, 2010: 313). De acordo com reportagem do Jornal do Brasil, de 19 de fevereiro de 1993, o Recanto das Emas era "o mais novo assentamento criado pelo GDF" e marcava uma inovação para lidar com o problema da falta de moradia. Segundo o periódico:

*Dois mil e quinhentos lotes do assentamento Recanto das Emas, próximo ao Gama, serão entregues no dia 3 de março pelo governador Joaquim Roriz às famílias de baixa renda cadastradas pela Sociedade Habitacional de Interesse Social (SHIS). (...) Recanto das Emas é o mais novo assentamento criado pelo GDF e tem capacidade para abrigar até 18 mil famílias.
(...) No assentamento Recanto das Emas o GDF inovou buscando soluções para a falta de moradia com a própria população. O programa aproveita o potencial da comunidade, que se encarrega da construção no lote semi-urbanizado (JORNAL DO BRASIL, 1993: 12).*

⁸³ A senhora Dasdores participou de um projeto com as turmas de 9º ano do CEF 308, em que realizou um depoimento sobre a sua história de vida e o Recanto das Emas.

O que as moradoras lembram como luta, andança, "correr atrás", o jornal narra como "aproveita o potencial da comunidade", o que elas chamam de "cerrado", "que já devastaram", o jornal chama de inovação governamental e lote semi-urbanizado. A narradora Maria Joana, por exemplo, conta outra forma de contar sobre o Recanto e seu "lugarzinho de morar":

Os meninos não queriam vir. O mais interessante é que ele falou que não acreditava que eu ia ganhar o lugarzinho de morar não, que, é, como é que fala, só o dia que a galinha criasse dente. Que eu não ia ganhar, esse negócio de governo, que governo não dá nada, não sei o que, aí eu disse "pois meu filho", é, eu pegava às vezes o dinheiro de eu comprar alguma coisa para comer né, ou às vezes até pra eles mesmos né, eu deixava de comer e deixava de comprar alguma coisa pra eu comer pra correr atrás. Aí, eu andava, às vezes, andava até o dia todo sem comer nada, porque o dinheirinho era só da passagem né. Aí, as águas corriam nos olhos né, fazer o que, tristeza né (MARIA JOANA, 2016: 403).

O cuidado crítico em relação a esses discursos deve acompanhar as águas que correm nos olhos dessas moradoras, pois, como indica Arlette Farge, "apreender essa fala e trabalhá-la é responder à preocupação de reintroduzir existências e singularidades no discurso histórico e desenhar, a golpes de palavras, cenas que são de fato acontecimento" (FARGE, 2011: 16). Dessa forma, é possível perceber que, tal qual outras cidades-satélites do Distrito Federal, o Recanto das Emas se constrói atravessado pela tensão entre o crescimento da população, a demanda por moradias e a ação governamental, que teve diferentes políticas habitacionais ao longo da história de Brasília, sem deixar, porém, de endereçar, para além dos jardins de Brasília⁸⁴, a população mais pobre. De acordo com Aldo Paviani:

A estrutura urbana do Distrito Federal foi implantada como um reflexo da ação sistemática de erradicação de favelas e da construção de grandes conjuntos habitacionais, localizados em pontos distanciados do principal centro de empregos e da sede dos poderes da República, o Plano Piloto (PAVIANI, 2010: 16).

Essa é a mesma ideia expressa por Luiz Alberto Gouvêa, para quem, "Brasília, ao mesmo tempo em que se tornou um símbolo do urbanismo moderno, se configurou como um modelo quase perfeito de segregação e controle espacial e social" (GOUVÊA, 2010: 90). O próprio PEOT de 1977 já buscava orientar o crescimento urbano de modo a "preservar Brasília e a bacia hidrográfica do Paranoá" (JATOBÁ, 2010: 312), o que significou mais uma vez valorizar os grandes espaços vazios entre o

⁸⁴ O projeto de Brasília do urbanista Lucio Costa é influenciado fortemente pelo modelo da cidade-jardim de Ebenezer Howard e inspirada na Carta de Atenas. (Cf. GOUVÊA, Luiz Alberto. "A capital do controle e da segregação social". In: PAVIANI, Aldo (org.). *A Conquista da cidade: movimentos populares em Brasília*. Brasília: EdUnB, 2010: 89)

Plano Piloto e as cidades-satélites, sem, no entanto, ter o mesmo sucesso na preservação dos mananciais hídricos.

Essa segregação espacial da periferia e esse afastamento dos locais de trabalho tem seu espaço nas narrativas das memórias dessas moradoras do Recanto das Emas. Nesses trajetos se corta a imensidão do cerrado, se condensa aquele espaço nas cidades que ainda viriam, como conta a senhora Ana: "aí, eu tenho essa casinha aqui no Recanto, geralmente eu conheci aqui o Recanto era só mato. Porque quando eu passava na BR, que eu ia pro Gama, é, Samambaia era só mato, Recanto era só mato" (ANA, 2016: 465). No caminho do trabalho para o Gama, vão surgindo os recantos por onde passou o espaço de morar dela, o cerrado, o "era só mato", esses grandes vazios que antecedem a "casinha aqui no Recanto".

Diversos autores destacam um longo processo de combate contra as chamadas invasões, realocando os denominados invasores, mantendo uma espécie de cordão sanitário ao redor do Plano Piloto. Dessa forma, as remoções da Vila Sara Kubitschek (1958) dando origem a Taguatinga, da Vila Amauri (1960) dando origem ao Gama, da Vila do IAPI, bem como de outras próximas, como Morro do Querosene, Vila Bernardo Saião, Vila Tenório e Vila Esperança (1971) dando origem à Ceilândia podem ser percebidas como momentos e movimentos de um mesmo processo. Nesse período, paralelamente, foram criadas Sobradinho (1959), Guará (1960) e Cruzeiro (1961), mais voltadas para outros segmentos da população, como também foi o caso do Guará II e do Cruzeiro Novo no início dos anos 70⁸⁵. Também é importante destacar que havia, desde 1963, programas de retorno dos migrantes para suas terras natais.

Algumas autoras e autores entendem que é após a criação da Ceilândia em 1971, que há o fim de um primeiro ciclo de remoção dos migrantes das ocupações para uma intensificação da expulsão dessa população (Cf. QUINTO & IWAKAMI, 2010: 76). Essa cidade-satélite, que carrega no nome a erradicação de invasões⁸⁶, e suas inúmeras expansões marcam as trajetórias de muitos habitantes do DF. A Ceilândia surge nos itinerários narrativos de algumas moradoras do Recanto das Emas como um canto

⁸⁵ Além destes dois processos de criação e expansão de cidades-satélites, merece menção como um caso particular, em 1961, a criação do Núcleo Bandeirante pela mobilização da população da então Cidade Livre (Cf. SOUSA, Nair Heloísa. "O movimento pró-fixação e urbanização do Núcleo Bandeirante: a outra face do populismo janista". In: PAVIANI, Aldo (org.). *A Conquista da cidade: movimentos populares em Brasília*. Brasília: EdUnB, 2010).

⁸⁶ O nome Ceilândia surge a partir da sigla da CEI, Companhia de Erradicação de Invasões.

antes do Recanto⁸⁷. No caso de Arlete, surge como o primeiro canto para quem chega, quando ela conta que:

Eu cheguei aqui em Brasília, eu fui direto pra Ceilândia, casa de conhecidos, não eram parentes, que eu não tinha parentes. Eu vim recém-separada também do primeiro casamento. Passei muitas dificuldades, né, mas venci, graças a Deus. É, eu morava na Ceilândia na, na data que o Joaquim Roriz tava cadastrando os loteamentos, né, lá (ARLETE, 2016: 490).

Esse também parece ser o caso de Maria Alcinda, que narra que "fiz inscrição, a gente fez inscrição, ele fez a inscrição, a gente morava na Ceilândia, aí da Ceilândia foi para, foi morar na Samambaia, aí virou, saiu o lote e a gente veio pra cá, porque naquela época tinha mais facilidade de ganhar, né" (MARIA ALCINDA, 2016: 415). A narrativa de Ana também circula pela Ceilândia, "fiquei morando de aluguel em Ceilândia, eu morei em Ceilândia Norte, morei em Ceilândia Sul, o último aluguel que eu morei foi em 90" (ANA, 2016: 467), antes de receber o lote em Samambaia, que depois seria vendido rumo ao Recanto das Emas. Também há espaço para a Ceilândia no que conta Maria Eustáquia:

- *Eu morei no Gama. Eu morei no Gama Leste.*
- *E ficou até ir embora morando lá?*
- *Não, fiquei cinco anos lá, morando lá, aí nos mudamos pra Ceilândia. Eu morei em outros lugares, eu morei quinze anos de aluguel. Depois que a gente teve nossa casa né. A casa da SHIS, nós ganhamos a casa da SHIS. Mas assim...*
- *Aqui?*
- *É. Não. Lá no P Sul. Nós ganhamos lá. A hora que saiu aquelas casas lá do P Sul, nós ganhamos lá. Morei lá na Ocidental também dois anos né, que eu ganhei também uma casa lá também, mas moramos lá. De lá foi que nós viemos pra cá, pro P Sul, que nos ganhamos aqui e viemos pra cá. Lá do P Sul foi que nós moramos, fomos pra Anápolis, ficamos lá oito anos e voltamos pra cá de novo (MARIA EUSTÁQUIA, 2015: 330).*

É um recontar de muitos recantos, de "outros lugares", onde morava-se de aluguel. Nos dois primeiros casos, o itinerário pelo DF começa com a Ceilândia, passa por Samambaia até culminar com o lote ganho no Recanto das Emas. Na última narrativa, nesse vai e vem, o Gama Leste logo dá lugar à Ceilândia, esta se especifica no P Sul, setor de expansão dessa cidade-satélite, mas nas idas e vindas da memória surge a Ocidental, cidade do entorno do DF. Aí sim, o P Sul, de onde a moradora parte para Anápolis, cidade goiana, antes de retornar à casa do sogro na Ceilândia e chegar ao Recanto das Emas.

⁸⁷Um relatório de pesquisa sobre o Recanto das Emas, publicado pela CODEPLAN, em 1997, aponta que "como se pode observar, quase a metade dos moradores daquela localidade (49,56%) veio da Região Administrativa da Ceilândia - a mais populosa das cidades satélites do Distrito Federal" (CODEPLAN/NEP. *Recanto das Emas: relatório de pesquisa - 1996*. Brasília: CODEPLAN/NEP, 1997: 51).

A narrativa de Maria João também conduz até o P Sul, pois ela conta que "eu morei em Taguatinga Sul, morei na Ceilândia, morei no P Sul, que é Ceilândia também, quando eu vim pra cá, eu tava morando mesmo no P Sul né. Morava na 32 do P Sul" (MARIA JOÃO, 2016: 373). Aldo Paviani define a Ceilândia como "maior 'metrópole-dormitório' de todo o Centro-Sul" (PAVIANI, 2010: 148), enquanto que Edson Béu a identifica como o "projeto piloto da exclusão" (BÉU, 2013: 27), a cidade que melhor representa a periferia do DF. É nessa cidade, que surge da busca do governo de erradicar invasões, que muitas dessa moradoras iniciam seus itinerário pelo DF, seja participando do "cadastrando os loteamentos", como Arlete, ou pagando o último aluguel, como Ana, ou onde "a gente fez a inscrição", como Maria Alcinda. A Ceilândia é onde "nós ganhamos a casa da SHIS", como narra Maria Eustáquia, ou onde se "tava morando mesmo", como conta Maria João.

Tem destaque nas narrativas sobre esse período, a atuação da Sociedade de Habitações do Interesse Social (SHIS). Desde 1962, quando fora criada como órgão da administração do GDF, a SHIS era encarregada da implementação dos programas habitacionais para a população de baixa renda através de listas de inscrição que seguiram os mais diversos critérios ao longo do tempo, estabelecendo o que os moradores denominam "tempo de Brasília"⁸⁸. De acordo com Suely Gonzalez, até 1985, a "SHIS produziu 23.004 habitações populares, para conjuntos residenciais nos núcleos satélites, principalmente em Taguatinga e no Guará" (GONZALEZ, 1985: 83). Mesmo que em alguns períodos suas atividades tenham sido minimizadas, ou até mesmo paralisadas, como durante os governos Aimé Lamaison (1980-1982) ou José Aparecido (1985-1988), as listas publicadas nos jornais fazem parte do imaginário de quem lutava por uma moradia no DF (Cf. GONÇALVES, 1998: 91). É o que percebo na narrativa de Maria das Benções, quando esta moradora conta que:

Eu fiz uma inscrição no tempo... No tempo, que eu já não aguentava mais pagar aluguel. Aí, nós, eu tava nas QNHs, aí, não, o eu, "amanhã vai sair uns lotes lá no, no, aqui no Recanto". Eu não sei se eu vou, eu não sei se eu não vou, tinha saído meu nome. Aí, quando você for ver, a gente pegou o ônibus lá e dentro do ônibus tinha um rapaz que, com o jornal. Aí, ele falou "vê se tem o nome dela aí", aí olhou no jornal, "ih, o nome dela tá aqui" e aí foi a razão que eu vim pra cá (MARIA DAS BENÇÕES, 2016: 448).

⁸⁸ Para Antonádia Borges, o tempo de Brasília pode ser entendido como "as distintas equações usadas pelo governo para calcular o quantum de merecimento daqueles que almejam 'ganhar' benefícios diversos dos quais se destaca o lote" (BORGES, Antonádia. *Tempo de Brasília : etnografando lugares-eventos da política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003: 18). A autora analisa como as moradoras e moradores do Recanto das Emas se relacionam com essa burocracia e a reinterpretam.

Esse tempo da inscrição surge na narrativa como sinônimo de não suportar mais o aluguel nas QNHs em Taguatinga. A notícia do recebimento do lote, fruto da inscrição na SHIS, mistura alguém que avisa que "amanhã vai sair uns lotes no Recanto" com a figura do rapaz no ônibus, "ih, o nome dela tá aqui". Para o primeiro aviso, a incerteza de não saber se vai ou não. Já o nome no jornal "foi a razão que eu vim pra cá" define a moradora. Para Dasdores, é através da SHIS que seu lote lhe é dado como um presente, pois ela narra "só sei que no outro dia eu fui na SHIS, que era a antiga SHIS⁸⁹, é, e já meu nome tava pronto, passou 93, saiu meu lote saiu no jornal. Então, já tava tudo prontinho, já tava, não paguei nada né" (DASDORES, 2016: 355). E assim a moradora conta que foi preciso ir à SHIS, mas que o lote saiu no jornal.

Já outra narradora, Maria João, não se refere à "antiga SHIS" e sim ao IDHAB, mas também fazendo perceber a confusão gerada na mudança constante das siglas após a extinção da SHIS, ao contar que "eu já morava de aluguel, eu me inscrevi aqui no IDHAB né, é IDHAB hoje? É IDHAB também, continua né, e fui classificada com esse lote aqui, eu fiquei muito feliz" (MARIA JOÃO, 2016: 369). Por sua vez, Maria Joana ao narrar sua experiência de acesso ao lote compartilha dessa confusão quanto à denominação do "lugar lá da inscrição lá" (MARIA JOANA, 2016: 393) e narra que, entre idas e vindas à W3 Norte⁹⁰, "nesse lugar lá", ela seguia lutando para receber seu canto, que ela conta:

– Pra eu não perder o direito de ganhar um cantinho para eu morar com os quatro filhos pequenos. Aí, eu fui lá num, nesse lugar lá da W3 norte lá, um lugar lá que eu até esqueci o nome, é, INDHAB, esqueci o nome do lugar lá.

– IDHAB?

– SHIS, num sei lá cadê o nome (MARIA JOANA, 2016: 394).

Havia ainda a dificuldade para a população em lidar com os inúmeros critérios exigidos, bem como com as constantes renovações de cadastros e mudanças de

⁸⁹ Através da lei nº 804 de 8 de dezembro de 1994, o GDF substituiu a SHIS pelo Instituto de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal (IDHAB-DF) para propor, formalizar, implementar e controlar as ações relativas à política habitacional do Distrito Federal. De acordo com Borges, a SHIS "iniciou suas atividades em 1962 sob a Razão Social de Sociedade de Habitações Econômicas de Brasília Ltda. (SHEB), tendo sua estrutura reformulada pela Lei nº 4.545, de 10/10/64, sendo extinta em dezembro de 1994, quando foi criado o IDHAB. Em um dos governos de Joaquim Roriz (em junho de 2000, nos primeiros momentos do meu trabalho de campo) ocorreu uma nova modificação: o IDHAB deixou de existir e o seu papel passou a ser desempenhado por subsecretarias subordinadas à Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação do Governo do Distrito Federal (SEDUH): SUDUR (Urbanismo e Preservação), SUMOR (Promoção à Moradia) e SUPIN (Política Urbana e Informação)" (BORGES, Antonádia. *Tempo de Brasília : etnografando lugares-eventos da política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003: 161). Acrescento que esse processo não cessou, uma vez que o governador José Roberto Arruda, em 25 de setembro de 2007, através do decreto de lei nº 4020, tornou a unificar o processo na CODHAB/DF (Companhia de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal), além de criar o Sistema de Habitação do Distrito Federal - SIHAB/DF.

⁹⁰ Avenida do Plano Piloto.

fórmulas para o cálculo da pontuação do pretendente. Antonádia Borges destaca a perversidade dessa movimentação ao assinalar que essa "série de documentos e os cálculos em si os obrigam, além disso, a um contato recorrente com os sujeitos especializados nesse cálculo complexo", daí as infundáveis idas e vindas dos moradores do Recanto das Emas "aos órgãos do governo envolvidos com a distribuição de lotes" (BORGES, 2003: 169). Essa movimentação, esse ir e vir, é assim narrada por Maria Joana:

– É, eu, eu tinha uma inscrição em Brazlândia pra ganhar um lugarzinho de morar né, aí eles, sempre né, eles vieram com esse negócio, com esse problema de estar sempre renovando a inscrição, aí, na época de, eu fui lá pra renovar e era por ordem de letra, né, pela ordem da letra do nome né, aí eu não tive, eu pagava passagem nessa época, não tive como, é, dinheiro pra eu ir renovar.

(...)

– Eu sei que eu fui lá e conversei lá, contei minha história, minha situação, aí eles pegaram e, as meninas pegaram e falaram pra mim que eu tinha que escrever uma carta, aí eu não sabia como escrever essa carta, meu estudo é pouco né. Aí, foi que ela escreveu a carta pra mim, assinei, tudo, apresentei meus documentos, aí, ela pegou essa carta e meus documentos e, foi passando o tempo, foi passando o tempo, eu continuei correndo atrás e pedindo a Deus, aí foi que Deus ajudou que aí veio o papel da escritura né. Aí, no papel da escritura, aí eu fui correr, sempre tomando alguma informação, alguma coisa, eles me encaminharam, disseram que eu ia ganhar um lote lá em Santa Maria, mandaram eu ir lá na administração do Gama né. Aí, eu fui lá nessa administração do Gama, sempre correndo atrás, aí, nesse época, eu trabalhava por dia, por diária né, aí, é, eles pegaram e falaram que, acho que deu algum problema lá, não sei como foi lá, que parece que eu ia ganhar era no Recanto das Emas, aí eu sei que, eu correndo atrás, eles lá nesse lugar lá na W3 lá, eles pegaram e me deram um documento para eu receber no, aqui no Recanto das Emas, deram o endereço da 605. Aí deu, sei que deu muito problema, foi muito impedimento, mas eu fui lutando e lutando, correndo atrás, até que Deus, que Deus falou, me deu a vitória. De lá, eles mandaram, me deram um papel, uma procuração para eu receber na, acho que é na, foi na 405, que a área lá tava toda invadida e era área verde (...). Aí, quando foi eu trabalhando, chego em casa cansada, assim, como se tivesse vontade de desistir né. Aí, Deus, chegou uma notícia boa, que eu viesse aqui no Recanto das Emas, não falou aqui na regional, aqui num lugar, não era nem na regional, nesse tempo não tinha essa regional, um lugar, um salão que tinha aí, eu até esqueci o nome do lugar também, que a gente tinha isso aí que eles iam entregar o lote né. E aí, falta, como se diz né, a falta de sorte né, aí o papel da inscrição, eu revirei a casa todinha e não achei o papel da inscrição. Aí, mas aí eu vim com a minha identidade, vim e expliquei minha situação, aí teve uma reunião, só entregando o lote das pessoas, porque tinha que apresentar a identidade e o papel da inscrição e eu não trouxe o papel da inscrição, não tive como receber. Aí, ainda andei mais três dias, aí eles mandavam eu, conversei, expliquei a minha situação, eles mandaram eu ir lá no lugar lá da inscrição lá, aí fui, ainda andei três dias ainda, saindo seis horas da manhã até seis horas da tarde, correndo atrás e lutando, e conversei, e expliquei a situação, que eu tinha meus quatro filhos pequenos, que eu precisava de um cantinho pra morar, aí foi que Deus abençoou que eu consegui o cantinho, lá eles me deram o endereço, o endereço eu passei direto pra aqui no Recanto e peguei o endereço, saiu na 603 (MARIA JOANA, 2016: 394).

O estar sempre correndo atrás de seu lugarzinho para morar na narrativa dessa moradora passa por muita conversa, explicação, por "contei minha história", contar e

recontar. Várias vezes há a indicação do recebimento do lote, mas a falta do dinheiro da passagem para renovar a inscrição, a carta que não se sabe escrever, "algum problema lá" na administração do Gama, muito problema, "muito impedimento", a área que estava invadida na área verde da 405, a perda do papel da inscrição, tudo embaralhando esse contar pendular entre o Recanto das Emas e "lá no lugar lá da inscrição lá". A situação é cantada e recantada, os quatro filhos pequenos, a necessidade do "cantinho pra morar", esse lugar / não lugar de sua existência concreta, que representa um endereço, o fim dessa errância de estar sempre "correndo atrás e lutando", de se libertar do lugar da inscrição e das renovações da inscrição.

Esse contato com pessoas ligadas aos órgãos do governo responsáveis pela distribuição de lotes, marcado pela frustração, também surge no que conta a narradora Maria Clara. Se, no que narra Maria Joana, ela teria recebido "um papel, uma procuração para eu receber (...) na 405, que a área lá tava toda invadida e era área verde", no caso de Maria Clara foi em uma conversa com o "chefe do IDHAB", que essa indesejada solução da invasão foi apresentada. De acordo com o que conta essa moradora:

Aí, tinha, já meu, inscrição né, no IDHAB. Ai, eu fui no IDHAB, doida pra sair o terreno, não tinha condição, trabalhava em casa de família, ainda tinha feito cirurgia do coração e aqueles problemas todos. Ai, peguei, o chefe do IDHAB falou "Maria, se você não procurar uma invasão, você não ganha sua, seu lote". Eu falei "mas eu tenho tanto medo, invasão é perigoso". Ele falou "não, mas só sai se for assim"(MARIA CLARA, 2017: 516).

Embora já possuísse a inscrição, ela é informada de que apenas através da invasão seria possível receber um lote, "só sai se for assim", o que dá a ver e a ler uma questão fundamental que atravessa a distribuição de lotes pelos órgãos do governo, que é a pressão provocada pelas ocupações irregulares e o uso político que se fazia delas. Isso é ainda mais adensado pela moradora em seu contar, quando ela narra que:

Eu cheguei, contei a história pra ele. Falou "ô dona Maria, a senhora tem que ter o lugar, eu sei que a senhora merece, é a única pessoa que vai dar valor. Porque a maioria recebe, vem pra Brasília, recebe, vende e vai embora e vem pra invasão de novo pra poder". Eu falei "não, eu acho isso errado, não é justo". Porque depois que tem, né, tem que deixar pra outros que não tem, né, mas aqui não, quanto a pessoa mais tinha, queria vender, outras alugavam, já queria tomar a vez de outro, era desse jeito (MARIA CLARA, 2017: 530).

Depois de contar a história, o que é indicado a Maria Clara, embora com a ressalva de que ela merecesse o lote mais do que os outros, pois "é a única que vai dar valor", é que as pessoas que vão para invasão recebem o lote, vendem e acabam recebendo de novo ao voltar para invasão. Mesmo que ela entenda a invasão como perigosa, que lhe cause "tanto medo", ela justifica assim sua opção, além de esmiuçar esse "tomar a vez do outro" que perpassava as políticas habitacionais no DF, suas

inscrições, cadastramentos e recadastramentos. Também é possível perceber alguns pontos semelhantes nas narrativas de Maria Joana e Maria Clara, assim como, no que é contado por Arlete. Esta também se viu envolvida com um problema quando do recebimento do lote, como os tantos narrados por Maria Joana. Porém, Arlete narra a questão de maneira positiva, percebendo nisso uma oportunidade. De acordo com o que conta a moradora:

– Eu fiz o cadastro sem esperança de ganhar, pouca esperança, mas Deus abençoou que eu consegui, saiu primeiro pra Samambaia, lá pra expansão. Só que veio dois no meu, no meu documento veio dois, no meu lote veio duas pessoas com um endereço só, né.

– Entendi.

– Aí, o pessoal perguntou se eu esperava pra vir pro Recanto, que ia sair uma etapa no Recanto. Eu falei "eu prefiro no Recanto", eu nem conhecia, né? Mas era lá na expansão, eu falei "não, eu prefiro no Recanto, que vai ser no início" (ARLETE, 2016: 490).

Se o processo começa a ser narrado quase sem esperança, isso mudou com a indicação de um lote em Samambaia. Esse lote, no entanto, é indicado para duas pessoas. Dessa forma, a moradora conta como, ao tratar a questão com "o pessoal", ela escolhe esperar pelo Recanto das Emas, "eu prefiro no Recanto, que vai ser no início". Em um segundo momento da entrevista, no entanto, essa moradora explica outros momentos do processo de recebimento dos lotes e como isso envolvia o relacionamento com esse "pessoal" dos órgãos do GDF. Segundo narra Arlete:

Teve meu vizinho, inclusive, até, eu fui o pivô da confusão, porque quando a gente recebeu o lote, eles falavam assim "ó, vocês ocupa ou cerca, faz qualquer benefício, porque, se não ocupar com três meses, se outra pessoa invadir, com três meses, se não tiver ocupado, aí vocês perdem o direito". Só que teve gente, como a gente recebeu lá no IDHAB, a gente recebeu o documento, mas quando chegou, quem entregava o lote pra gente era um fiscal que ficava no local. Só que teve gente, assim, como o salão era muito grande, tinha muita gente, teve as pessoas que acho que tavam mais atrás, não entenderam direito. Aí, não veio. Recebeu o documento lá e foi embora e não morava aqui no DF, morava no Goiás, não sei se era em Planaltina de Goiás, era algum lugar assim. E teve um casal que recebeu o lote e foi embora. Aí, teve um conhecido que invadiu o lote deles, é até cobrador de ônibus, invadiu, tinha, ele tinha na época três menininhos, que hoje já tá um homem e uma mulher, ele invadiu. Isso aí o, foi assim, aí, o cara com seis meses apareceu, só que ainda tinha muitos lotes pra entregar, o cara ainda tava, o fiscal ainda tava. Aí, o fiscal falou que ele tinha perdido o direito, não podia entregar mais (ARLETE, 2016: 497).

Além de receber a carta, ir ao IDHAB, receber o documento, era necessário também tomar posse do lote, encontrar o fiscal, fazer benfeitorias, cercar a área, de acordo com a moradora. Não compreender bem o processo, morar longe ou ir embora podia significar a perda do lote, como chegou a acontecer com esse casal, que teve seu lote invadido pelo conhecido de Arlete.

Também é importante destacar a criação, em 1973, da Companhia Imobiliária de Brasília (TERRACAP)⁹¹ como marca das novas formas de atuação do governo na questão habitacional no DF. Quinto e Iwakami defendem essa ideia ao afirmarem que "Brasília é a única metrópole no Brasil que possui um banco de terras (Terracap) que tem o controle de quase 70% das terras do Distrito Federal" (QUINTO & IWAKAMI, 2010: 60). Para Iwakami, a criação da TERRACAP "inicia um processo de alienação de terras públicas, implantando outra modalidade de uso do espaço e provocando uma crise na oferta de novas habitações em cidades-satélites" (IWAKAMI, 2010: 278). Dessa forma, o Estado e o mercado imobiliário reforçaram o processo de segregação que marca a relação entre Brasília e as cidades-satélites, intensificando a expulsão das famílias de baixa renda até mesmo para além das fronteiras do DF. Luiz Alberto Gouvêa destaca que "os preços dos imóveis no Plano Piloto e cidades-satélites mais próximas (Cruzeiro, Núcleo Bandeirante e Guará) foram majorados e, conseqüentemente, sua população passou a enfrentar um processo contínuo de mobilidade espacial" (GOUVÊA, 2010: 96).

Além desse papel, a TERRACAP também desempenhou o de atuar na repressão às ocupações ilegais, com uma atuação de destaque na derrubada de barracos e coação dos invasores. Maria da Conceição Gonçalves classifica a TERRACAP como a "principal instituição ligada ao governo para acionar a violência junto aos moradores de favelas" (GONÇALVES, 1998: 110). Tal função é exacerbada principalmente em períodos de expulsão da população de baixa renda.

Durante um longo período da ditadura militar é isso que prevalece, mas devido às perspectivas eleitorais, ganham força as tentativas de políticas de fixação dessa população, como durante o governo Ornellas no período de 1982 a 1985, quando foi criado o Grupo Executivo para o Assentamento de Favelas e Invasões (GEPAFI), responsável por assentar as populações da Candangolândia, Itamaracá no Gama, Vila São José I e II em Brazlândia e na QE 38 do Guará II (Cf. QUINTO & IWAKAMI, 2010: 78). É importante destacar que esses processos não são excludentes e que isso não significou a ausência de repressão violenta, como foi o caso, por exemplo, da Vila Areal em Taguatinga, duramente reprimida pela TERRACAP em 1983, acontecimento que ganhou visibilidade pública com sua exposição pela imprensa (Cf. GONÇALVES, 1998: 111).

⁹¹ A lei federal nº 5.861/72, de 12 de dezembro de 1972, assinada pelo então presidente Emílio G. Medici "autoriza o desmembramento da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil - NOVACAP, mediante alteração de seu objeto e constituição da Companhia Imobiliária de Brasília - TERRACAP", além de dar outras providências. Vinculada à Secretaria de Viação e Obras do DF, a Terracap inicia sua atuação em 14 de agosto de 1973, durante o governo de Hélio Prates da Silveira, primeiro governador do DF, um militar que foi indicado ao cargo em 12 de novembro de 1969 pelo presidente Medici.

Já no governo de José Aparecido, entre 1985 e 1988, houve nova valorização da política de erradicação das invasões, bem como de expulsão da população considerada invasora do DF. Não por acaso, foi uma gestão que ficou conhecida como "o governo mais repressivo com os moradores de favelas, apesar de ser um governo que inaugurava um outro momento político" (GONÇALVES, 1998: 94). Momento, esse, marcado pelo fim da ditadura militar, a promulgação de uma nova Constituição, com a possibilidade de voto para as moradoras e moradores do DF, bem como por uma nova proposta de expansão urbana intitulada "Brasília revisitada 85/87"⁹² encomendada ao urbanista Lucio Costa. Entretanto, no governo José Aparecido, os dois principais programas habitacionais foram justamente o "Retorno com Dignidade" e o "Entorno com Dignidade", ou seja, a expulsão dos considerados invasores do DF.

Em sua primeira edição, o Jornal do Paranoá, de agosto de 1988, apresenta uma posição crítica ao programa Entorno com Dignidade. Trata-se de posição sintonizada à agenda dos movimentos populares por moradia do DF, defendida em publicação editada pelo Centro de Desenvolvimento Cultural do Paranoá, cidade-satélite que lutava por regularização (Cf. IWAKAMI, 2010: 271). A capa dessa primeira edição comemora o fim do governo José Aparecido com o título, "Já vai tarde, Aparecido!". No interior da publicação, o programa é questionado nos seguintes termos:

Mas então, o que vem a ser o "Entorno com Dignidade"? É mais um plano de expulsão da população pobre de Brasília. Como? este projeto do governo do Distrito Federal pretende jogar para as cidades da região geoeconômica do Distrito Federal – Brasilinha, Formosa, Luziânia, Unai, etc — os inquilinos e favelados. Para realizar esta obra, o Buriti⁹³ está deslocando dinheiro para estas cidades, financiando a construção de conjuntos habitacionais, asfaltamento, energia elétrica, etc. POBRE NÃO PODE MORAR EM BRASÍLIA ! Este é o pensamento diabólico do Governo do Distrito Federal (JORNAL DO PARANOÁ, 1988: 3).

Conjuntos Habitacionais em cidades como Brasilinha, atual Planaltina de Goiás, ou como a Cidade Ocidental, onde a senhora Maria Eustáquia relatou ter ganho uma casa e morou por dois anos, assim como vários outros "inquilinos e favelados" mencionados acima. Luiz Alberto Gouvêa também faz duras críticas ao programa,

⁹² De acordo com Gonzales "a pressão dessa ilegalidade disseminada levou o governo do DF a solicitar ao urbanista Lucio Costa estudos para uma expansão habitacional para Brasília, os quais foram consolidados no documento Brasília revisitada 85-87: complementação, preservação, adensamento e expansão urbana, com a proposta da criação de seis novas áreas dentro da bacia do Paranoá, entre as quais estão os atuais setores do Sudoeste e Noroeste, no Plano Piloto e as Quadras Econômicas Lucio Costa, no Guará" (GONZALES, Suely. "A gestão urbanística do espaço habitado: o objeto e o método no caso do Distrito Federal". In: PAVIANI, Aldo (et al.). *Brasília 50 Anos: da capital a metrópole*. Brasília: EdUnB, 2010: 176). A proposta sofreu duras críticas em estudo efetuado pelo Núcleo de Estudos Urbanos e Regionais da UnB (NEUR), que foram apresentadas no documento "NEUR toma posição frente à proposta de expansão urbana de Brasília" (cf. idem: 151).

⁹³ Sede do executivo distrital.

ressalta que além dessa intenção de que "pobre não pode morar em Brasília", denunciada no Jornal do Paranoá, existem ainda outros desdobramentos. De acordo com esse autor:

Outro programa desenvolvido na época foi o Entorno com Dignidade. Nele, o favelado era removido não mais para localidades distantes dentro do DF, como fazia a ditadura militar, mas sim para fora do DF, numa total ignorância do próprio conceito de habitação, uma vez que não se estabelecia a relação entre a moradia e os elementos que propiciariam seu funcionamento. Ou seja, ao dar o lote e assegurar os meios para que os futuros moradores construíssem em Brasília, no estado de Goiás, ninguém estava pensando no que essas pessoas iriam fazer para se manter morando no local, considerando que lá não existiam equipamentos comunitários e nem postos de trabalho, obrigando a população a se deslocar diariamente para o DF (GOUVÊA, 2008: 70).

Entre essas políticas de expulsão de quem lutava por uma moradia no DF, que são narradas como o "pensamento diabólico" do GDF pelo Jornal do Paranoá, não é o destino dessas pessoas ou dessas localidades a prioridade. Esse é um momento onde, de acordo com Quinto e Iwakami, "em 1988, o DF tinha cerca de 140 invasões com cerca de 150 mil habitantes. A população subabrigada chega perto de 700 mil habitantes" (QUINTO & e IWAKAMI, 2010: 77).

Após esse período de pouco diálogo do governo com essa população de baixa renda do DF, ocorre um redirecionamento com a gestão de Joaquim Roriz, que substituiu Aparecido. No governo Roriz é retomada a distribuição de lotes localizados em regiões afastadas do centro dentro do DF, como em Samambaia (1989), na chamada "Vila Roriz", redefinindo o projeto inicial da cidade criada em 1985, assim como a fixação da Vila Paranoá após décadas de luta (1988). O momento eleitoral também tem muita importância nesse processo, uma vez que foram realizadas as primeiras eleições para governador do DF, cargo até então ocupado por gestores indicados pelo presidente da República e referendados pelo Senado Federal. Ao longo de seus quatro mandatos, sendo o primeiro por indicação do presidente José Sarney, em 1988 (Cf. ANDRADE, 2008: 9), Joaquim Roriz⁹⁴ constrói sua imagem de político fortemente atrelada à distribuição de lotes para a população de baixa renda, ou, nas palavras de Maria Alcinda, "graças a Deus, que naquela época tinha o Roriz pra dar lote pros pobres né" (MARIA ALCINDA, 2016: 436). Ou como sintetiza Dasdores ao dizer que "eu tô aqui no meu lote, que foi um presente de Deus, que eu ganhei da esposa do Joaquim Roriz, não foi comprado, nada, foi dado" (DASDORES, 2016: 359).

Segundo Aldo Paviani, esse momento é marcado pela redefinição do projeto de Samambaia, que deixa de adotar "um partido urbanístico diverso do das demais

⁹⁴ A construção da imagem de político de Joaquim Roriz e sua ligação com o Recanto das Emas serão analisadas mais densamente à frente quando analiso o Espaço Político, ver p. 216.

idades-satélites" (PAVIANI, 2010b; 150), através da organização em módulos, em um processo lento e passa a ser um ponto focal do assentamento da população de baixa renda do DF. Significativamente, é no governo Roriz que "a 'erradicação' de favelas ganha impulso, sendo Samambaia vista como espaço-receptáculo" (PAVIANI, 2010: 153). Gonçalves ressalta que foi justamente no governo Roriz que "todas as favelas do Plano Piloto foram removidas e assentadas, na maior parte, em Samambaia, na 'Vila Roriz', e uma pequena parte no Paranoá⁹⁵" (GONÇALVES, 1998: 100).

Também são encaminhadas para Samambaia as populações de invasões como a da Boca da Mata⁹⁶, de Taguatinga, que vinham sendo combatidas com violência desde o início do governo Aparecido⁹⁷, mas que passam a receber tratamento diferente a partir do governo Roriz. Em reportagem do DF TV, de 16 de abril de 1989, é possível ver este governador cumprimentando um morador de uma invasão na Boca da Mata, que seria reassentado e informando-lhe que "com esse documento, você, lá no assentamento, vai receber o seu terreno" (DF TV, 1989).

É em Samambaia que Ana recebe seu lote e pode construir uma boa casa, pois ela narra que "ganhar, ganhei mesmo foi em Samambaia, na 108, em 90" (ANA, 2016: 467). É para essa cidade que Antônio vem do Maranhão para morar, em um lote recebido pela irmã: "aí foi pra Samambaia, foi a época que ela me chamou. (...) Aí, ela pegou, foi a época também que ela se separou do marido. Inclusive, quem construiu lá fui eu" (ANTÔNIO, 2017: 543). Situação parecida com a de Maria Alcinda, pois seu cunhado recebe um lote em Samambaia, permitindo à família construir um barraquinho de fundo, pois ela conta que "no lote do irmão dele, morar de favor. Que ele ganhou o dele lá primeiro, pra Samambaia né, lá pra expansão, aí a gente foi morar lá de favor" (MARIA

⁹⁵ As exceções foram o Varjão, a Vila Planalto e o Acampamento da Telebrasilândia, que foram assentadas no próprio local em que já estavam (Cf. GONÇALVES, Maria da Conceição. *Favelas teimosas: lutas por moradia*. Brasília: Thesaurus, 1998: 100).

⁹⁶ Essa região posteriormente é transformada em um parque, "o Parque Boca da Mata, criado pelo Decreto nº 13.244, de 07/06/1991, com o objetivo de possibilitar o manejo adequado e a recuperação da vegetação das cabeceiras do rio Taguatinga, além do desenvolvimento de programas de pesquisas e atividades de educação ambiental. Todavia, a área do Parque, que havia sido anteriormente ocupada por uma invasão, removida em 1984, atualmente abriga barracos, focos de favelas, depósitos clandestinos de lixo, erosões e o despejo de esgoto in natura" (TERRACAP. *Estudo de impacto ambiental: avaliação das ocupações irregulares na bordas da cidade de Ceilândia*, vol. 1, tomo 3. Brasília: TERRACAP, 2009: 414). Apesar da data apresentada nesse documento, depoimentos e outros documentos nos mostram a persistência de ocupações nessa área.

⁹⁷ Na matéria intitulada "PM derruba barricada e remove invasores que ocupavam áreas do DF" de 12 de julho de 1985 é apresentado o aparato utilizado para remover os moradores da invasão: "três soldados da Polícia Militar e um trator, seguidos de oito camburões, sete caminhões da Limpeza Urbana, oito ambulâncias e quatro carros de bombeiros, além de cento e setenta outros soldados - cinquenta dos quais da Polícia Montada - penetraram na barricada armada em Boca da Mata" (JORNAL DO BRASIL, 1985, 12/7: 14).

ALCINDA, 2016: 424). Também é em Samambaia que Arlete quase recebe um lote na expansão antes de escolher esperar pelo Recanto, onde será vizinha de fundos de Maria Alcinda.

Com base em experiências como essas, Paviani identifica Taguatinga, Ceilândia e Samambaia como "três momentos" do processo de ocupação, que "demonstram o caráter processual da urbanização com seletividade socioespacial" (PAVIANI, 2010: 154). Elas são três grandes cidades-satélites que representam três momentos da "periferização planejada" (PAVIANI, 2010a: 85) praticada pelas políticas habitacionais dos diferentes governos do DF.

O Recanto das Emas, que também é um espaço inscrito nesse processo, já aparecia como zona de expansão urbana do Gama no Plano Diretor de Ordenamento Territorial (PDOT) de 1992⁹⁸, passando a figurar como cidade-satélite no PDOT de 1997 e como uma significativa área urbana na porção sudoeste do DF. Com o loteamento, iniciado ainda em 1992, expandido-se a partir de 1993, criam-se as primeiras quadras 100s, 200s e 300s. Moradora da quadra 115, Maria das Benções lembra da chegada de ônibus naquela área de lotes que ainda eram "roças", ao narrar que "nessa época, o ônibus veio cheio de gente, pra receber os lotes aqui, isso aqui tudo era roça de milho, isso aqui tudo" (MARIA DAS BENÇÕES, 2016: 456). Por sua vez, Antônio, que ainda morava em Samambaia, também conta sobre vizinhos que receberam lotes no Recanto das Emas nessa "época do Roriz", que ele assim dá a ver e a ler:

- Já, inclusive, eu vinha, que tinha uns vizinhos meus lá, que tinham lote aqui, eu vinha de lá. A gente vinha aqui no lote deles, na época que eles tavam arrumando também, que tudo foi na época do Roriz, que foi doado também. Só que pra lá foi primeiro, né.
- O desses seus conhecidos era aqui nas 500s também?
- Não, lá na 307.
- Ah, na 307.
- É, eu sempre vinha, sempre vinha lá na casa, no lote deles lá (ANTÔNIO, 2017: 556).

Sobre esse período, a moradora Maria João narra o que ela percebia como uma evolução do lugar, onde dois anos representam a transição entre o não ter e o ter. Assim, a moradora conta que "o bom é que logo o Recanto evoluiu né. Aqui num tinha água, aí passou a ter água. Aqui não tinha energia, passou a ter energia. Com dois anos, a gente já tinha uma linha de ônibus aqui" (MARIA JOÃO, 2016: 371). Porém, é

⁹⁸ Na subseção III, da Seção III, do segundo capítulo, o PDOT de 1992 orienta que haja a "urbanização e regularização das áreas de "invasão" de baixa renda, já consolidadas, localizadas em Zonas Urbanas ou de Expansão Urbana, exceto em situação de risco de vida, prejuízo à saúde, ao meio ambiente e em áreas tombadas" (GDF — Departamento de Urbanismo. Plano de Ordenamento Territorial do Distrito Federal — Secretaria de Obras e Serviços Públicos - Brasília, 1992).

importante destacar que na memória das suas moradoras, o que pode parecer uma evolução que acontece logo em um momento, rapidamente pode dar lugar à narrativa pormenorizada das lembranças das dificuldades iniciais e do que significava a ocupação com barracos dessa área. Uma tempestade que vale por todas corta a celeridade daqueles dois anos e se derrama na narrativa. Maria João dilata essas águas nesse contar, ao lembrar que:

Interessante que quando começou a construir o Recanto, teve, deu uma tempestade muito grande no Recanto. Um dia, eu cheguei, nesse dia, o Fernando veio comigo, que é meu atual marido hoje, que era meu namorado na época. E eu agradei muito a Deus ele ter vindo comigo, porque tava tudo escuro, muito escuro, muita chuva. Eu só escutava os pintos piando, os cachorros latindo e as pessoas chorando. Aqui, essa casa aqui, que é de dois andares, a mulher tava, tinha levantado, não tinha coberto ainda, ficou no chão, os tijolos, desmanchou tudo. Aí, essa casa da esquina, era uma igrejon, sabe, eles tinham feito uma igrejon, tinha o nome aí, então, também caiu tudo. Do meu vizinho aqui do lado, encostado aqui também né, ele tava construindo, as paredes caíram tudo, ficou tudo no chão. E eu, meu barraco de madeirite, eu pensei "não deve de ter nenhuma telha em cima". Quando eu abri e, abri, a porta tava emperrada, não abria de jeito nenhum. E eu falei pro meu marido, que hoje é meu marido né, falei "bate aí, mete o pé, que já vai tá tudo molhado aí mesmo, quebra logo isso". Que ele abriu a porta, tudo sequinho, eu chorei, professor, chorei. (...) Só o meu barraco se salvou, sabe. (...) As outras pessoas, escutava as crianças chorando, mas não tinha como a gente sair, era tudo muito escuro, tudo muita lama sabe, muita lama mesmo"⁹⁹. (MARIA JOÃO: 2016: 375).

Enquanto as primeiras quadras do Recanto das Emas eram construídas entre choros de desespero e alegria, entre chuvas e lama, entre o que ficou no chão e o que se salvou, até ter chegado "uma linha de ônibus aqui", passada uma nova eleição, o GDF produziu um relatório de pesquisa sobre o Recanto das Emas que "buscava contribuir com conhecimentos sobre as novas Regiões Administrativas", além de "acrescentar valiosas informações sobre o processo de ocupação do espaço urbano do Distrito Federal" (CODEPLAN/NEP, 1997: 7). Esse relatório foi importante para mapear a situação da RA do Recanto das Emas, a distribuição das ocupações, tendo os pesquisadores destacam que:

A estratégia adotada foi de assentar a população nos extremos da RA., deixando para fases posteriores a ocupação da área central. Desta forma, quando do levantamento em 1996, nem todas as quadras estavam totalmente ocupadas e algumas áreas encontravam-se completamente desabitadas. Além deste fato, duas quadras eram consideradas pela Administração Regional, como invadidas.

⁹⁹ Uma matéria do Jornal do Brasil, de 9 de abril de 1993 (portanto, anterior à chegada da senhora Maria João), narra os efeitos de uma forte chuva em Taguatinga, Samambaia e no Recanto das Emas, onde "vários barracos foram destelhados. Oito deles desabaram em função do vendaval. Um poste de alta tensão caiu sobre um opala, que ficou bastante danificado. Houve pânico no Recanto das Emas e praticamente todos os moradores abandonaram os barracos. Na correria, várias crianças caíram, mas só tiveram ferimentos leves" (JORNAL DO BRASIL, 1993, 04/03: 13).

(...) Das 44 quadras existentes, 33 tinham algum tipo de ocupação (CODEPLAN/NEP, 1997: 9).

Esse processo de assentamento da população iniciado pelos extremos do Recanto das Emas, conforme indicado no documento oficial, também aparece no relato que Maria das Benções tece sobre a ocupação das quadras. A moradora conta que:

– As primeiras foram aquela parte lá de cima, aquelas lá na ema, aquelas quadras pra lá.

– A 101, 102?

– Foi, foi as primeiras que o pessoal recebeu o lote. Depois que o pessoal recebeu tudo lá, aí continuaram recebendo aqui. Quer dizer que lá é mais velho do que aqui (MARIA DAS BENÇÕES, 2016: 455).

Se para Maria das Benções há um segundo momento de ocupação já na implantação das quadras finais como a quadra 115, onde recebeu seu lote, o morador Antônio percebe justamente o oposto. Para esse entrevistado, que na época vinha visitar o lote de vizinhos, foram as quadras do final as primeiras a serem assentadas. De acordo com sua narrativa:

É, eu acho que foram as primeiras, porque o pessoal acha que o Recanto começou lá. O Recanto começou da entrada da Fazendinha pra cá, as quadras eram pequenas. Eu lembro que, quando eu vinha visitar o lote com o pessoal aqui, a gente entrava, tinha, você via uma parte de mato alto praquela banda de lá, tinha muito cerrado pra lá (ANTÔNIO, 2017: 561).

Nesses cantos em que se busca um começo do Recanto, no entanto, é possível perceber essa área central ainda desocupada, com "mato alto", "muito cerrado". Também é possível que Maria das Benções, que vinha das QNHs em Taguatinga, tenha circulado muito pela entrada da cidade, "aquela parte de cima lá, lá na ema lá", enquanto que o senhor Antônio, morador de Samambaia, cidade paralela ao Recanto das Emas – sendo estas divisadas pela BR-060 –, tenha tomado outros caminhos, como a estrada de terra próxima ao sítio Fazendinha¹⁰⁰, para chegar à quadra 307. Entre lembranças, esquecimentos e possibilidades, pode-se narrar essa ocupação inicial nos extremos, que vai se direcionando para a parte central. Nessa área, Arlete percebe a formação de sua

¹⁰⁰ Em 05 de novembro de 2009, o Departamento de Estradas de Rodagem do DF lançou licitação da pavimentação desse trecho definido como "implantação e pavimentação da ligação Samambaia (BR-060) ao Recanto das Emas (Fazendinha) com extensão total de 1,68 Km" (DODF, 2009: 76). Essa estrada foi asfaltada em 2011, como indicado na reportagem do sítio DF em Destaque, de 1º de agosto de 2011: "pretendem terminar as obras mais esperadas nestes 18 anos da cidade, como o asfalto da estrada da fazendinha que liga o Recanto das Emas a Samambaia via BR-060" (SÍTIO DF EM DESTAQUE, 2011, 1/08, <http://dfdestaque.blogspot.com.br/2011/08/recantenses-festejam-o-seu-18.html>). Outra reportagem, do Jornal de Brasília, de 25 de julho de 2013, sobre a comemoração dos vinte anos da cidade, trata a obra como concluída ao informar que "apenas nos últimos três anos, o Recanto das Emas recebeu obras fundamentais para qualidade de vida da sua população como o 27º Batalhão da PM, construção da Estrada da Fazendinha, do posto do DETRAN/DF, da Unidade de Pronto Atendimento (UPA) e de uma Clínica da Família" (SÍTIO DO JORNAL DE BRASÍLIA, 2013, 25/07, <http://www.jornaldebrasil.com.br/cidades/recanto-das-emas-comemora-20-anos-no-proximo-domingo>). Além disso, esse é o caminho que uso para chegar à escola desde 2011, quando foi concluído o asfaltamento.

quadra, a 204, como contraposta às quadras 100s. Em sua narrativa, a moradora lembra estas como "onde era construído", onde "tava bonitinho", mas que participa do sofrimento "como toda cidade no início". De acordo com ela:

No dia seguinte, já ocupei. Aí, eu falei "eu preciso", né? Então, eu morava de favor, mas era assim, na parte das 100, lá onde era construído, tava bonitinho, mas depois quando começou a construção, foi muito sofrimento no início, como toda cidade no início, que não tem nada, é, água era no carro-pipa, né, quando chovia era lama pra todo canto, era sofrido, mas só em você saber que é seu, nossa, era gostoso (ARLETE, 2016: 492).

Derrama-se nessa narrativa, que segue um início de chuva e lama, sofrimento e satisfação para contar o Recanto das Emas, mesmo que em alguns cantos já houvesse, havia ainda esse início de cidade "que não tem nada" em outros cantos. Segundo o relatório de pesquisa realizada ainda em 1996, "as quadras 203 e 204 tinham uma ocupação de apenas 10% dos lotes e que na quadra 303 somente 48% dos lotes estavam ocupados" (CODEPLAN/NEP, 1997: 11). Essa situação também é vista e lida no que conta Maria Alcinda, que recebeu seu lote na quadra 204, nesse segundo momento. Ela chegou, inclusive, a residir em uma das quadras invadidas, identificadas no documento do governo, para logo depois mudar-se para uma das quadras ainda desocupadas. Durante a entrevista, que contou com intervenções de sua filha e de sua nora, as três moradoras do Recanto das Emas vão contando sobre esse processo de ocupação da cidade ao lembrarem que:

(Eu) – Mas não é muito perto daqui não, onde teve essa invasão?

– Não, na 405.

(Nora) – Na 406.

– 406?

(Nora) – É, 406.

(Filha) – Nós moramos lá.

– Nós moramos lá.

(Nora) – É.

(Filha) – Antes da gente vir realmente morar aqui nesse lote, a gente morou nessa invasão.

(Nora) – É, teve uma invasão que distribuíram pras 500s, muitos lotes das 500s foi dessa invasão.

– A invasão, foi pra lá...

(Nora) – 202 né? Alguns lotes aqui foram entregues da invasão.

(...)

(Filha) – Aí, depois que essa minha tia morreu, meu pai não quis mais ficar lá, no lote, aí ele ficou sabendo dessa invasão, que tinha aqui na 406. Aí, ele foi e chamou minha mãe, se minha mãe queria ir, invadir pra sair de lá né, do meu tio, até o lote sair, como já tava perto pra sair, que já tinha um né.

– A inscrição.

(Filha) – Já tinha a inscrição e tudo, já sabia que ia sair, aí minha mãe falou "então vamos". Aí, a gente veio pra essa invasão, aí a gente ficou morando lá, acho que um ano? Não, não foi nem um ano né.

– Não foi um ano não.

(Filha) – Foi uns oito meses, nove meses, por aí. A gente ficou morando nessa invasão. Aí, de lá saiu o lote, aí a gente veio pra cá, da invasão pra cá.

(Eu) – Mas o fato de vocês estarem na invasão não ajudou ou atrapalhou a ganhar o lote aqui?

(Filha) – Não, porque já ia sair.

– Já ia sair. É porque a gente não quis ficar lá mesmo (MARIA ALCINDA, 2016: 426).

No início da entrevista, Maria Alcinda não mencionara a invasão, silenciando sobre essa primeira moradia no Recanto das Emas. É a lembrança da filha que perturba esse silêncio, que ainda é perceptível nos contrapontos às lembranças das moradoras mais jovens. A experiência que a fala da filha estende é cortada e minimizada pelo que conta a sua mãe, Maria Alcinda. Ainda assim, existem aqui pontos de diálogo com os dados e informações do documento oficial, dentre eles, a de que as quadras 202 e 204 estavam começando a ser loteadas e ocupadas, que a quadra 405 / 406 estava invadida e até mesmo que as futuras quadras 500s seriam formadas com o fim da invasão. Mas invasão essa que ainda existia quando da chegada de Arlete à quadra 204, algum tempo após Maria Alcinda, como conta a moradora ao dizer que "eu lembro, quando eu cheguei lá ainda tinha essa invasão ainda lá. Inclusive até o pai da Valéria, o vô deles, morou na invasão" (ARLETE, 2016: 503) e mostrando como essa foi uma opção para outros moradores do Recanto como seu ex-companheiro.

No documento produzido pela CODEPLAN são identificadas invasões nas quadras 405 e 605, que são tratadas de maneiras diferentes pelos pesquisadores. Uma invasão que é possível contar e uma outra incontável invasão são apresentadas. Conforme narrado no documento:

Em relação às invasões foram adotados dois critérios. No caso da quadra 405, onde foi possível fazer uma contagem dos lotes, adotou-se o mesmo procedimento adotado nas outras quadras.

Quanto à quadra 605, não foi possível definir a amplitude total da invasão, que ultrapassava os limites estabelecidos para a quadra e concentrava-se, em parte, na área de reserva ambiental da Região Administrativa. Por se tratar, em sua maioria de moradias provisórias e em alguns casos condenadas pela Administração Regional, optou-se por delimitar uma área e coletar todos os domicílios ali existentes. Considerou-se, para tanto, a área ocupada por barracos cujos moradores se filiaram à Associação de Moradores da Área Verde – ASMAV e tinham suas casas cadastradas pela Associação (CODEPLAN/NEP, 1997: 11).

A invasão da quadra 405, que transborda para a 406 no lembrar da nora de Maria Alcinda, é para os pesquisadores da CODEPLAN mensurável como as outras quadras, enquanto que invasão da quadra 605 extrapola as possibilidades de uma quadra, "ultrapassava os limites estabelecidos", sendo circunscrita aos membros da ASMAV. No início do capítulo que trata da invasão da 605, essa parte, que é tomada como o todo, recebe de imediato atributos típicos de uma invasão:

No momento de realização desta pesquisa, a Quadra 605 do Recanto das Emas era considerada uma área típica "de invasão", devido à forma como vinha se processando a sua ocupação.

Pequenos barracos de madeira, guardando entre si um curta distância, distribuíam-se por quase toda a extensão da Quadra, também conhecida como "Área Verde" (CODEPLAN/NEP, 1997: 61).

O que inicialmente transcendia os limites, agora distribui-se "por quase toda a extensão", uma vez que ao restringirem a amostra, os pesquisadores buscam objetivar quem vive ali e aquele espaço. Na narrativa de Maria Joana, entretanto, entre tanto correr atrás, essas invasões se misturam:

Aí eu sei que, eu correndo atrás, eles lá nesse lugar lá na W3 lá, eles pegaram e me deram um documento para eu receber no, aqui no Recanto das Emas, deram o endereço da 605. Aí deu, sei que deu muito problema, foi muito impedimento, mas eu fui lutando e lutando, correndo atrás, até que Deus, que Deus falou, me deu a vitória. De lá, eles mandaram, me deram um papel, uma procuração para eu receber na, acho que é na, foi na 405, que a área lá tava toda invadida e era área verde (MARIA JOANA, 2016: 395).

Enquanto nas narrativas das moradoras, as invasões todas ultrapassavam os limites estabelecidos por planos, pesquisas e projetos de cidade, o documento oficial busca enquadrar as moradoras e a cidade que habitam nesses limites. Tendo por base os dados coletados pela CODEPLAN, foi assim possível traçar um perfil de moradores do Recanto das Emas, de modo a orientar as políticas habitacionais pautadas na avaliação do relatório de pesquisa de que "o novo assentamento urbano representa a chance de moradia para os segmentos mais jovens da população adulta, que estão constituindo a própria família, ou que estão mesmo sendo expulsos das localidades onde vivem" (CODEPLAN/NEP, 1997: 76). Embora valorize um perfil de moradores em sua descrição, o relatório destaca a importância da migração, bem como a mobilidade espacial da população no DF e Entorno, situação que foi possível acompanhar nas narrativas das moradoras entrevistadas. Como foi o caso de Maria Eustáquia, que relembra seu trajeto de Ceres, em Goiás, para o Gama Leste, Ceilândia, P Sul, Anápolis, Ceilândia, Recantos das Emas. Em uma segunda entrevista, a moradora reconta suas experiências de mobilidade espacial, ao falar do falecido marido:

Eles moravam no Gama, depois foram pro Núcleo Bandeirante, eles mudaram, eles ficaram muito tempo, muitos anos no Núcleo Bandeirante, eles ficaram mais tempo. Lá no Gama, parece que eles ficaram acho que uns três anos parece. Eu sei que quando nós casamos, ele já tava no Núcleo Bandeirante, já morava lá. E ele veio pra cá primeiro, aí quando nós casamos, eu casei em 72 e já vim pra cá também. Aí passei oito anos lá em Anápolis, que eu fui, fiquei lá morando lá, foi onde eu comprei a casa lá(...). E, aí, depois nós resolvemos voltar pra cá, quando meu sogro faleceu, aí nós resolvemos, né, voltar pra cá, foi quando nós fomos morar na casa dele (MARIA EUSTÁQUIA, 2016: 347).

O Gama se confunde com o Núcleo Bandeirante na distância que antecede o casamento. Desaparecem a Ceilândia e a Ocidental da memória que se dirige logo para

Anápolis até o retorno para a casa do falecido sogro, experiência que antecede a compra da casa no Recanto das Emas com o falecimento do marido. Embora apoiado em pontos distintos, esse narrar memorialístico traça um caminho pelo DF e Entorno que conduz até o Recanto das Emas. E assim como essa moradora comprou seu espaço de morar em 2005, de acordo com o Plano Distrital de Habitação de Interesse Social de 2012, o Recanto das Emas é uma localidade onde os lotes já foram vendidos ao menos uma vez em até 60% dos casos (Cf. GDF, 2012: 46).

Articulado à mudança de governo e das diretrizes da política habitacional, assim como os relatórios de pesquisa produzidos pela CODEPLAN, o PDOT de 1997 orientou o adensamento da área do Recanto das Emas, com a criação de novas quadras e melhoria da infra-estrutura. Em seu artigo 6º do terceiro capítulo, intitulado "Das estratégias de ordenamento territorial e diretrizes setoriais", é definida a ordem que deve ser aplicada ao território:

II - ordenar a ocupação territorial no eixo oeste/sudoeste – Guará, Riacho Fundo, Núcleo Bandeirante, Taguatinga, Ceilândia, Samambaia, Recanto das Emas, Gama e Santa Maria –, respeitando as restrições ambientais e de saneamento e otimizando os investimentos em equipamentos públicos urbanos e comunitários;

III - reforçar a autonomia de cada cidade, configurando centros locais dotados de equipamentos, serviços, mobiliário urbano e espaços qualificados que garantam urbanidade (DODF, 1997: 638).

Tais diretrizes mostram como esse plano mantém os direcionamentos do PEOT/77, assim como o PDOT/92, mas com outras ênfases, que passam pelo adensamento de áreas já urbanizadas e não pela ocupação de novas áreas. Nesse sentido, já se antecipando ao plano diretor, em 13 de setembro de 1996, o novo governo já havia criado o Parque Ecológico e Vivencial do Recanto das Emas (PEVRE) para preservar os limites da cidade e, em especial, a cabeceira do córrego Monjolo¹⁰¹. É o mesmo projeto que orienta a ocupação das quadras 400s e 600s do Recanto a partir de 1997 e das quadras 500s e 800s a partir de 1999, que respondem a invasões que continuaram acontecendo ao longo da história do Recanto das Emas, bem como recebem pessoas removidas de áreas invadidas em Brasília e outras cidades-satélites como Taguatinga. Esse é o caso da senhora Maria Baleeiro de Almeida, que foi removida da Vila do Mocó,

¹⁰¹ Lei nº 1.188/96. Em um documento produzido pela Câmara Legislativa do Distrito Federal (CLDF), chamado Parques do Distrito Federal, é informado que, em 13 de setembro de 1996, foi criado o Parque Ecológico e Vivencial do Recanto das Emas, localizado próximo à quadra 311, junto à cabeceira do córrego Monolo, objetivando sua preservação. Nesse documento é possível perceber que a área do parque é frequentada, pois de acordo com o mesmo "os técnicos da Administração Regional que nos acompanharam registraram a presença, no dia 1º/5/00, de cerca de 1500 pessoas na área. Isso representa um grande aumento em relação aos dados de 1997, que indicavam um total de duzentos a trezentos visitantes por final-de-semana" (CLDF. *Parques do Distrito Federal*. Brasília: CLDF, 2000: 64).

onde morava já havia sete anos, próxima ao Palácio da Alvorada. Ela foi entrevistada por Alcebíades Muniz Neto antes de ser reassentada na quadra 601 do Recanto das Emas, em 1997. De acordo com Muniz Neto:

Maria Baleeiro e os filhos, juntamente com outras dez famílias foram removidos do Mocê. Ela hoje ajuda a construir a casa de um antigo vizinho; ainda não é a sua. (...) Maria mora na quadra 601 do Recanto das Emas, mais distante do presidente, mas mais perto do que sonhava, ela mesma uma autoridade do mundo vivido (MUNIZ NETO, 1998: 144).

Também é o caso de Antônio, que nunca realizou uma inscrição junto ao GDF para receber um lote, talvez por acreditar que era seu o lote recebido pela irmã em Samambaia, embora diga que "eu não ligava muito pra essas coisas não, eu diga 'ah, num vou fazer não, tal', trabalhava, eu digo 'vou comprar um lote pra mim, uma hora, eu vou, se entrar um dinheiro, eu vou comprar'" (ANTÔNIO, 2017: 554). Quando a irmã pede de volta o lote, ele se vê obrigado a buscar uma solução, que toma forma em uma ocupação irregular no Parque Ecológico Saburo Onoyama¹⁰² em Taguatinga. Antônio narra assim esse processo:

Até foi a época, que eu fiquei na Samambaia, aí, a gente tinha um vizinho, que na época, ele tinha uma amiga que morava numa invasão no Parque Onoyama. E ele, ela tinha uns barracos lá e ela queria vender o barraco pra, pra ele, ele falou que não interessava, porque ele já tinha uma inscrição, é, numa associação pra receber o lote e perguntou se a gente não queria. Eu disse "ó, eu compro, tô precisando, a gente tá precisando mesmo". Aí, fui, à época, comprei o barraco lá, foi na época do governador Roriz, então, ele pegou e... Com treze dias que a gente tinha comprado esse barraco lá, foi feito o remanejamento e nós recebemos esse lote aqui (ANTÔNIO, 2017: 544).

Mesmo vivendo em Samambaia, esse morador vê uma oportunidade nesses barracos, já que ao contrário do vizinho, ele não possuía uma inscrição. Com apenas treze dias da aquisição do barraco, ele relata ter sido remanejado para o lote na quadra 508 do Recanto das Emas. Antônio reconhece o caráter irregular do lote, mas evita desenvolver o assunto, "aí, foi a época que apareceu o barraquinho lá, eu digo 'não, eu vou comprar'. Aí, nós compramos e, graças a Deus, quer dizer, não foi bem doado, porque pra gente conseguir aqui, teve que comprar, né" (ANTÔNIO, 2017: 555). Essa situação de transferência para essas quadras surge em um documento que trata do PEVRE, onde é informado que:

¹⁰²Diferentemente do Parque da Boca da Mata, o Parque Ecológico Saburo Onoyama era uma área particular, que foi doada ao poder público. Ela é transformada em parque ecológico e área de preservação ambiental, em 1996, pela lei nº 17.722/96, muito embora já existisse desde 1989 e fosse conhecido como Parque Vai Quem Quer. De acordo com um Estudo de Impacto Ambiental (EIA) produzido pela TERRACAP, em 2009, "parte da área foi totalmente degradada pela invasão "Saburo Onoyama", uma favela que por diversas vezes foi removida e que continuamente se reinstala no local. Em maio de 2000 foi removida uma ocupação para o Recanto das Emas. Entretanto, é possível encontrar novos focos de favelização no interior do Parque" (TERRACAP. *Estudo de impacto ambiental: avaliação das ocupações irregulares na bordas da cidade de Ceilândia*, vol. 1, tomo 3. Brasília: TERRACAP, 2009: 415).

É importante ressaltar que o governo do Distrito Federal realizou a transferência de uma invasão de cerca de 25000 pessoas, do próprio Recanto das Emas, para quadras novas, que estão sendo criadas entre as quadras 300 e o Parque Ecológico. Já havia sido instalada na época de nossa visita ao Parque, a primeira quadra_ de número 513_ e nela foram assentadas as pessoas que preenchiam os critérios do extinto IDHAB para recebimento de lotes. (...) Assim, em maio deste ano, foi transferida para as novas quadras do Recanto a favela do Parque Ecológico Saburo Onoyama, já mencionada nesse trabalho (CLDF, 2000: 65).

Embora informe o número 513, o documento provavelmente se refere à quadra 511, primeira a ser instalada das quatro quadras da área das 500s. A preocupação desse documento é reforçar o risco que representa para a preservação do parque e do córrego Monjolo esse adensamento habitacional. São outras as preocupações de Antônio ao dar a ver e a ler esse processo narrando a própria chegada, pois segundo ele:

- Inclusive, quando nós viemos pra cá, as primeiras quadras que foram entregues foi lá embaixo na 511, aí, vieram de lá pra cá.*
- Então, essa parte mais pra baixo já tava...*
- Não, foi na mesma, foi assim, falou "vamos mudar amanhã. Vamos fazer o rema, o remanejamento amanhã". Então, as primeiras pessoas que foram retiradas foram levadas pra lá.*
- Entendi.*
- Entendeu? Só que como não deu pra gente ir no mesmo dia, nós viemos no dia seguinte, aí, ficamos aqui. (ANTÔNIO, 2017: 545).*

Essas primeiras quadras a serem entregues são destinadas àqueles "que preenchiam os critérios do IDHAB", segundo o documento oficial, mas para Antônio são ali assentados os primeiros removidos da invasão Saburo Onoyama. Essa demora contada teria sido a razão dele ter ido para a quadra 508. Segundo reportagem do jornal Correio Braziliense, de 05 de abril de 2000, no entanto, é informado que esses lotes seriam entregues aos moradores da invasão no Recanto das Emas, embora "das 4800 famílias que estavam na invasão, somente 1842 atendiam aos critérios do GDF" (CORREIO BRAZILIENSE, 2000: 24). As demais famílias seriam retiradas¹⁰³.

Entre esses casos possíveis da ocupação por meio de novas invasões que seguiram ocorrendo pela cidade, há a já mencionada situação de Maria Clara, que contou

¹⁰³ Antonádia Borges destaca em sua pesquisa como esses critérios e as fórmulas para recebimento de lote mudaram (e continuam mudando) ao longo dos anos da história de Brasília. Segundo a autora, os diferentes governos buscaram encontrar fórmulas matemáticas capazes de mensurar o "quantum de merecimento dos inscritos nos diversos programas assistenciais do governo" (BORGES, Antonádia. *Tempo de Brasília : etnografando lugares-eventos da política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003: 166). Critérios como tempo de residência no DF, número de dependentes, renda familiar, idade, entre muitos outros, fazem parte do cálculo, ou são retirados deste, também variando no peso para o total de pontos, de modo que seria exaustivo sintetizar aqui tantas fórmulas. Me parece mais interessante destacar, corroborando com as reflexões de Borges, que "menos que tomar as fórmulas e os conceitos governamentais de maneira referencial, o que julgo revelador é o sentido do processo histórico ao qual essas mudanças aludem, ou seja, a alterações nos padrões de conduta e de justificação – tanto do governo quanto da população – ou, em termos peircianos, no conjunto de crenças e dúvidas que sustentam esse hábito classificatório" (idem: 169).

ter seguido para a invasão no Recanto das Emas por orientação de uma pessoa do IDHAB. De acordo com essa moradora e sua filha que participou da entrevista:

– Saía pra um, pra outras não. Aí, surgiu uma invasão no Recanto, eu, ali perto do Euro...

(Filha) – Na 400.

– Na 400. Eu peguei "ah, é aqui mesmo" (MARIA CLARA, 2017: 516).

Essa área invadida para onde se dirige Maria Clara parece ser a mesma pela qual já havia passado Maria Alcinda em anos anteriores. Isso é reforçado em outro momento da entrevista, quando a moradora e a filha detalham o processo de remoção da invasão quando do recebimento do lote:

(Filha) – E aí, quando chegou no da minha mãe, eles falaram "não, só amanhã de manhã, o caminhão encosta sete da manhã", porque já tava derrubando a invasão e passando trator pra ninguém mais invadir lá de novo, porque lá já tinha a quarta invasão no mesmo lugar.

– É, não, lá, a gente queria ficar era lá. Mas eles tirou nós pra cá e trouxe de Taguatinga e puseram lá.

(...)

(Filha) – Isso. Pessoal de Taguatinga que tava ali próximo do metrô, uma invasão próxima ao metrô. E aí, eu vim no outro dia, sete horas, derrubamos o mesmo barraquinho que tinha lá, trouxemos, compramos um pouco mais de madeirite, fizemos um maior aqui (MARIA CLARA, 2017: 533).

Nessa narrativa dialogada entre mãe e filha, não só surge mais uma vez a questão do assentamento de pessoas que haviam invadido áreas fora do Recanto das Emas como Maria Baleeiro e Antônio, mas também a recorrência das invasões nessa mesma área na 400, "porque lá já tinha a quarta invasão no mesmo lugar", conforme narra a filha. Um espaço tantas vezes invadido, valorizado por sua localização, de onde não se queria sair, "a gente queria ficar lá", mas de onde, aqueles que aceitam, são removidos para as quadras 500s e levam "o mesmo barraquinho que tinha lá" para fazer "um maior aqui".

Essa área, em que passaram os tratores contados pela filha de Maria Clara, é a mesma narrada por Antonádia Borges ao realizar seu trabalho de campo no Recanto das Emas entre os anos de 2000 e 2002, ao detalhar o que escutou de um morador da cidade, Benedito¹⁰⁴. Este morador é um funcionário não-concursado que trabalhava na

¹⁰⁴ Esse morador e funcionário da Administração Regional do Recanto das Emas é considerado pela pesquisadora como fundamental para poder entrar em contato com outras pessoas que vivem na cidade. Além de aparecer nos agradecimentos do livro, Benedito é apresentado por Borges nos seguintes termos: "Já nos conhecíamos há alguns meses e, após certa negociação e empatia, Benedito dispôs-se a apresentar-me a outros funcionários da Administração Regional que, como ele, moravam no Recanto das Emas. Embora a possibilidade da pesquisa tenha surgido em razão de meu contato com Paulo, foi graças a Benedito que comecei a 'entrar' na vida das pessoas que viviam naquela cidade. Com o objetivo de fazer novos contatos com moradores, acompanhei Benedito e Paulo ao seu local de trabalho em diversas ocasiões. Afinal, em torno da Administração Regional gravitavam inúmeras pessoas – funcionários, moradores da cidade ou mesmo pessoas de fora (como era o meu próprio caso)" (BORGES, Antonádia. *Tempo de Brasília : etnografando lugares-eventos da política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003: 24). O cargo ocupado por esse morador é especificado pela autora em outra passagem, quando ela diz que "como boa

Administração Regional dessa RA e informou à pesquisadora acerca de uma grande invasão na área das 400s do Recanto das Emas. De acordo com aquela autora:

Benedito falara-me da remoção da “grande invasão”, executada pelos agentes dos órgãos de vigilância do solo. Essa operação fora noticiada também pelos jornais locais. A grande invasão era a invasão das quadras 400, à época alardeada como uma das maiores do Distrito Federal. A golpes de cassetete e de tratores, como costuma ser, o conjunto de barracos foi posto por terra. Há pouco eu conhecera o local e quando passei pela área recém-desocupada mal pude crer naquele cenário desolador. Restos de barracos, onde viviam centenas de pessoas, revolvidos por escavadeiras e ainda em brasa, deixavam a impressão de se tratar de montes de lixo (BORGES, 2003: 25).

A observação de Borges logo no início do ano 2000 se dá após a remoção total da invasão e a transferência da maior parte dos moradores para as quadras 500s, criadas há pouco tempo, como foi o caso de Maria Clara e sua filha. É a mesma invasão mencionada no documento sobre parques da CLDF, que identifica essa como "uma invasão de cerca de 25000 pessoas, do próprio Recanto das Emas, para quadras novas, que estão sendo criadas entre as quadras 300 e o Parque Ecológico" (CLDF, 2000: 65). A fala de Benedito relembra a forma de remover os chamados invasores "como costuma ser", segundo a autora, destacando os golpes de cassetete e de tratores para os que resistiam, mas sem espaço para os caminhões da Administração contados por Vanessa, filha de Maria Clara. A entrevistada Maria Alcinda, sua filha Claudete e a nora Valéria também mencionaram como se passou da invasão da 405 para a 204, enquanto outras pessoas foram para a 202, mas que muitos mesmo foram para as 500s. Segundo as três moradoras:

– Aí, separaram um bocado pras 500s, outro bocado não sei pra onde.

(Filha) – Saiu dividindo.

– Saiu dividindo os lotes pra quem tava.

(Nora) – Essa 600, 600s, ali era tudo da invasão, a 800 (MARIA ALCINDA, 2016: 427).

Essa expansão do Recanto das Emas através das ocupações irregulares faz parte do imaginário das moradoras como o lugar onde "ali era tudo invasão". A experiência de viver na invasão marca as narrativas das lembranças, que vão ocupando o espaço desse recanto. Assim, é possível perceber como esse adensamento mobiliza as famílias que já moravam no Recanto, que buscam, porém, seus próprios cantinhos como conta Maria Joana:

– Aí, ela, depois que ela ganhou a menina, ela começou, conheceu esse, esse aí, ela conheceu ele, aí foi que ela, eu falei, tinha a invasão, aí ela foi pra essa

parte das pessoas que trabalham na Administração Regional, Benedito não é um funcionário concursado, um funcionário público. Ele foi contratado pelo Instituto Candango de Solidariedade, para sua função, após a posse do governador Joaquim Roriz, em 1999. Antes disso, como ele mesmo gosta de frisar, trabalhava na política, isto é, atuava como cabo eleitoral no ano da política, 1998" (idem: 26).

invasão e voltou e Deus abençoou que ela ganhou esse cantinho dela aqui, viu. Aí, eu fiquei sem trabalhar.

– A invasão era aqui no Recanto das Emas?

– Aqui no Recanto, no Recanto, lá em cima, na 602, ali onde é o ponto final lá.

– Ah tá.

– Onde construíram a rodoviária lá, era lá, a invasão, ela tava lá naquele cantinho lá. Aí, deram um bocado ali nas 805, né, ali perto daquele mercado Euro lá, deram em vários lugares, aí deram aqui, aí, ela, deram o cantinho aqui pra ela (MARIA JOANA, 2016: 404).

A moradora narra como sua filha passa do canto da mãe na 603, para a invasão na 602, "onde construíram a rodoviária", investindo na possibilidade da 805, para enfim conseguir seu lote na 509, local da entrevista. Há nessa narrativa, como nas anteriores, o relato da invasão que se mistura com a história da cidade, que tenciona seus limites, os ultrapassa e que é a possibilidade de ganhar "esse cantinho" no Recanto. Uma tensão entre cidade e invasão, que se conta até mesmo no que Maria das Benções narra do que ouviu falar que se disse. Ela destaca que até mesmo pessoas de invasões de fora do Recanto das Emas recebiam seus lotes naquele "loteamento lá pras 500s lá", experiência que aponta a tensão entre lá e aqui, entre o espaço da invasão e o espaço da cidade. Segundo a moradora, "porque eu ouvi falando que disse que essa invasão lá da Estrutural, veio um bocado pra cá, né?" (MARIA DAS BENÇÕES, 2016: 454). Trata-se de espaço que recebe pessoas vindas de outras invasões e que, nessas narrativas da tensão entre invasão e cidade, lá e cá, passa a identificar e a ser identificado como uma invasão por quem conta esse canto. Isso ocupa espaço no recantar de Dasdores, onde a formação das quadras 500s, também chamadas de Taubaté¹⁰⁵, a ocupação do cerrado e o alastrar-se da zona urbana sobre a rural foi movimento que surgiu contrapondo-se à área das 300s, lugar em que ela vive:

– Taubaté que naquele tempo ainda não tinha o nome Taubaté, porque ainda não tinha a invasão, era só um córrego grande, que era perigoso também, cheio de mato né, que devastaram também, devido à invasão vir e o povo, aí pois é.

(...)

– É, por aí, sabe, porque a cidade, como eu lhe disse, não cresce de afogo, vai devagar, o povo invadiu né, e depois que o governo vê que tá tudo e toma todas as providências né. E aí fizeram esse Taubaté (DASDORES, 2016: 368).

¹⁰⁵ De acordo com Antonádia Borges, ao longo de sua pesquisa de campo realizada pouco tempo depois do estabelecimento das quadras 500s, há um tratamento jocoso nesse nome Taubaté, bem como um estigma que paira sobre suas moradoras e moradores. A autora relata que "constatei essa distinção em uma ocasião em que caminhávamos pelas vizinhas quadras 500, um dos lugares mais estigmatizados do Recanto das Emas. Mesmo que grande parte da população do Recanto tenha sido removida de alguma invasão (fosse imediatamente antes de seu *assentamento* ou há algum tempo atrás), sobre os moradores das quadras 500 pesa a pecha de terem sido retirados de uma invasão incrustada no próprio Recanto das Emas, visível e temida por todos os *antigos* moradores da cidade" (BORGES, Antonádia. *Tempo de Brasília : etnografando lugares-eventos da política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003: 67). Tal estigma ainda é perceptível nas memórias de várias das moradoras entrevistadas.

O governo não é percebido como o planejador dos documentos oficiais, ou o inovador da imprensa, ou o benevolente de outras lembranças de Dasdores, mas como a autoridade que somente atua depois do fato consumado da invasão, tomando as providências necessárias e cabíveis para atender quem busca um espaço de morar. Nessa lógica, a ação primeiro é do povo, depois do governo. Essa também é a opinião que narra Maria João, que do mesmo modo contrapõe as 300s e as 500s, o loteamento e a invasão, o escriturado e o sem escritura, na narrativa que ela constrói:

– Inclusive as 500s aí, acho que a maior parte foi invasão né. As pessoas invadiram e aí foi loteado. Também lá pras 800s, também parece que foi assim, teve.

– Aqui foi mais com escritura, com documento?

– Aqui foi, aqui foi né. Aqui da 101 até a 311 foi tudo documentado, tudo, foi loteado né, loteado e ganhado né, foi a pessoa recebeu, tanto que o meu lote é escriturado né, escritura. Eu acho que aí pras 500s ainda não tem escritura ainda (MARIA JOÃO, 2016: 388).

Dois começos são contados para dois cantos do Recanto, onde interessa mais à narradora contrapor o processo legal de ocupação, que é sintetizado da "101 até a 311", cabe em lotes escriturados, a esse outro para lá, das invasões, que podem ser 500s, 800s, áreas da cidade em que as moradoras "não tem escritura ainda". A moradora Maria João segue contrapondo as duas áreas para se referir ao desenvolvimento dessas quadras, que vai se tornando um contraponto entre quem mora nesses espaços. A moradora conta que:

Exatamente, apesar que as 500s, foram quadras: 508, 509, 510 e 511, foram umas quadras que elas tiveram saneamento básico mais rápido do que nós aqui né, por exemplo, a 309, nós demoramos mais ter o saneamento básico, foi o que, a água e a energia, eles foram mais rápido. Mas eu acho que pela questão de as pessoas que vem prali, são mais pessoas, mais pessoas mais carentes mesmo. Acho que parece que quanto mais pra baixo fica, as pessoas são carentes e isso né desenvolve uma clientela, uma sociedade carente, vamos dizer assim né, então isso pode ser que venha trazendo problemas pra cidade também, eu acho que essa questão da carência financeira. Mas em questão de saneamento básico, as 500s foram atendidas com menos tempo que as 300s, sabe. Então, desenvolveu, assim, desenvolveu uma população grande com uma situação de carência, vamos dizer assim né (MARIA JOÃO, 2016: 387).

Os moradores das 500s vão sendo definidos como "carentes mesmo", "uma sociedade carente", que pode significar "problemas pra cidade", mesmo que tenham recebido saneamento básico com tempo menor de espera menor em relação a quem morava nas quadras 300s, "nós demoramos mais". A narrativa aproxima essas duas áreas pela questão do "saneamento básico" para separá-las pela "questão da carência financeira". Em todas essas narrativas, um ponto em comum é o de que as quadras 500s (e as 800s) surgem como símbolo da tensão do crescimento da cidade, como um espaço que estabelece limites para essa invasão dentro da cidade, que não deixa de acompanhar a cidade e o que se conta dela.

Quem vivia nas quadras 500s, como o morador Antônio, também da a ver e a ler essa tensão no crescimento da cidade, esses altos e baixos, as percepções de quem mora em diferentes quadras do Recantos das Emas, enquanto busca contar o avançar do asfalto. De acordo com a narrativa do morador:

Até que o asfalto aqui foi bem mais rápido do que nessas quadras de cima aqui na 308. Porque quando eu mudei pra cá, na 308, não, tinha algumas ruas que não tinha asfalto ainda. Essa principal mesmo aqui não tinha. E eu ouvia até muito comentário, quando ia pra parada, o pessoal revoltado, porque, porque eles chamam aqui embaixo de Taubaté, né. Porque eram uns barracos de madeira. Revoltado, falando "é, porque o Taubaté começou agora e foi asfaltado primeiro do que pra gente aqui em cima". Mas é claro, tem que começar de baixo pra cima, né? E eu ouvia sempre esses comentários na parada, quando eu ia pegar ônibus, eu ouvia eles comentando isso, ficaram revoltados, porque asfaltou primeiro aqui pra depois subir (ANTÔNIO, 2017: 552).

Esse "pessoal revoltado" nesse processo de asfaltamento da cidade explicita a tensão entre lá e aqui, que também se conta como baixo e cima¹⁰⁶, que Maria João já indicara com "parece que quanto mais pra baixo fica, as pessoas são carentes". Antônio vê como lógico que "tem que começar de baixo pra cima", tanto quanto se incomoda com essa denominação de "Taubaté", brevemente explicada para reproduzir o que falam os moradores da 308. Ele dá a entender que o motivo da revolta não era a lógica do asfaltamento, mas o tempo de espera pelo asfalto dos moradores da 308. Essa tensão acompanha a pavimentação das ruas, as paradas de ônibus, o que se escuta falar e as narrativas do que se lembra.

A ocupação das quadras 500s, de acordo com Antônio, se deu da quadra 511 em direção à quadra 508, como mencionado anteriormente. Ali havia apenas um conjunto e umas poucas casas construídas para militares pelo governo, conforme ele narra que "uma parte aqui da 508, que era do conjunto 1, foi umas que fizeram pra, até foi a Caixa Econômica que fez essas casas, que era pros policiais, militares, pra militar, só que alguns militares não quiseram, receberam e venderam as casas" (ANTÔNIO, 2017: 545).

Esse morador, que também foi removido de uma invasão para a quadra 508, conta que não queria vir para o Recanto das Emas, que pensou em vender seu lote, como fizeram os militares narrados por ele, mas não conseguiu. Ele conta também de outras pessoas que venderam seus espaços, referindo-se a essas pessoas como aquelas que não se fixavam nos lotes, algumas das quais viviam disso, isto é, participavam da rotina de ir e vir entre lote e invasão apontada por Maria Clara (ou por alguém do IDHAB, segundo ela), "a maioria recebe, vem pra Brasília, recebe, vende e vai embora e vem pra invasão

¹⁰⁶ Essa topografia narrativa da cidade será melhor abordada no capítulo 4, ver p. 276.

de novo pra poder" (MARIA CLARA, 2017: 530). Pessoas como a senhora que vendeu a Antônio o barraco na invasão e que assim como ele recebeu um lote: "tem uma vizinha aqui que é fundo comigo aqui, que era de lá também. Tem a outra, inclusive essa senhora que vendeu o barraco pra gente, vendeu a casa dela aqui, parece que foi embora pro lado de Goiás, foi pro Goiás e vendeu a casa" (ANTÔNIO, 2017: 544).

Em várias das entrevistas é destacado o baixo valor de um lote, "na época era três mil só o terreno, três mil naquela época e ele queria que eu vendesse" (MARIA JOANA, 2016: 403) conta uma moradora, "vendia baratinho, por dois mil na época, era... (...) Que dinheiro tinha mais valor, aí, dava o lote numa carroça com cavalo" (MARIA CLARA, 2017: 532) reconta outra. Essa questão sempre surge contraposta à necessidade daqueles que buscavam se fixar no Recanto das Emas. É esse o caso de Maria Alcinda ao contar que:

E era tudo baratinho, naquela época, lote, que eles invadia aqui e vendia pra outro lá barato. É por isso que era assim, tinha muita gente que invadia, ficava ali e pronto, porque se saísse alguém da área, tinha vezes que nem queria ficar ali, era só pra vender lá na frente. Aí, quem segurou mesmo seu lote mesmo tinha que chegar e ficar ali. Ficar ali (MARIA ALCINDA, 2016: 438).

Entre tantas tensões vividas e narradas entre quem "tinha que chegar e ficar ali" e quem "nem queria ficar ali, era só pra vender", essas moradoras que ficaram vão contando sobre aquelas que não quiserem ficar, que vendiam logo o lote, "lá na frente". Suely Gonzáles assinala em sua pesquisa que o Recanto das Emas é uma das RAs com maior pressão de crescimento demográfico. Para a autora, essa cidade-satélite adensada, constituída de lotes para habitação unifamiliar de 128 m² em média (Cf. GONZÁLES, 2010: 169), e que, em 2009, tinha um índice de desemprego mais de duas vezes e meia maior que do Plano Piloto, é um perfeito exemplo da "grave expansão irregular e progressiva de áreas residenciais sobre áreas rurais e sobre áreas de proteção de mananciais hídricos" (GONZÁLES, 2010: 164). Aquilo que preocupa Gonzáles é narrado com outra preocupação no contar de Maria Eustáquia:

*- Aqui era mato, aqui era assim, aquela, como é que a gente fala, é assim quando mina água?
- Nascente?
- Nascente, parecia até que tinha até nascente de água ali, onde é o asfalto agora, parecia que tinha nascente de água, era muito esses postes mesmo assim de água assim ó. Eu falei, meu Deus, onde que eu vim morar? Bem no brejo né... Mas foi pouco tempo, foi assim foi, faixa assim de três anos, uns três anos a quatro anos, não, foi assim, rapidinho eles passaram o asfalto aqui. Desceram o asfalto aqui nas outras ruas né. E fizeram o asfalto por tudo ali (MARIA EUSTÁQUIA, 2015: 335).*

O que parecia um brejo na chegada, "mas foi pouco tempo", "rapidinho", foi área coberta pelo asfalto, "tudo ali". Os mananciais hídricos e as áreas rurais vão

desaparecendo sob o asfalto da cidade que se expande. No PDOT de 2009, estabelecido a partir da lei Complementar 803/09, essa oferta de novas áreas habitacionais no Recanto das Emas passava pela criação das quadras 900 na área acima das quadras 800, anexa aos núcleos rurais Monjolo e Ponte Alta Norte, e pela ocupação da área rural Vargem da Benção, entre as quadras 100s e a BR-060. O inciso de que trata esta última, no entanto, foi declarado inconstitucional, assim como boa parte do documento, pelo Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios (TJDFT) em 31 de maio de 2010¹⁰⁷. Em 15 de outubro de 2012, o PDOT é alterado pela lei complementar nº 854, que reapresenta a expansão urbana para a área rural Vargem da Benção, assim como exclui as quadras 900s, embora inclua agora uma outra área de expansão com a criação das quadras 117 e 118. Também é realçada como área de regularização o setor habitacional Ponte de Terra, antiga área rural do Gama, ocupando um espaço anexo aos núcleos rurais Monjolo e Ponte Alta Norte (Cf. GDF, 2012). Essa ininterrupta tensão pode ser percebida no que é narrado por Ana, moradora da quadra 804, muito próxima dessas áreas rurais. De acordo com a narrativa dessa moradora:

– E prali que parece uma chácara, como que chama lá, Brenda?

(Filha) – Um?

– Prali que parece que é uma chácara, como que chama lá?

(Filha) – Não sei, qual é o nome, Carla?

(Filha 2) – Lá embaixo ali?

– Que parece chácara.

(Eu) – Ali perto da rua Monjolo, ali da avenida Monjolo.

(Filha 2) – Ah, eu não tô lembrada mais.

– Que a gente foi, que disse que tava saindo lote lá.

(Filha 2) – Eu lembro, mas eu não tô lembrada o nome não.

– Gente, como é que chama? Ponte Alta!

(Filha 2) – Isso.

(Eu) – Ah...

¹⁰⁷O PDOT de 2009 sofreu várias críticas por incentivar a ocupação de áreas rurais e de proteção ambiental, tendo sido questionado em diversos pontos na justiça. Isso levou à eliminação de várias de suas iniciativas, bem como a uma nova lei complementar, em 2012, para reorientar tais questões. Isso é destacado em reportagem do jornal Correio Braziliense, de 03 de março de 2011, onde é informado que "o Pdot foi sancionado em abril de 2009, mas, no ano passado, o Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios julgou 60 artigos inconstitucionais. O objetivo do governo é reabrir as discussões para substituir justamente os pontos da lei suspensos pelo Judiciário e também promover outras alterações consideradas indispensáveis" (SÍTIO DO CORREIO BRAZILIENSE, 2011, 03/03, http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/cidades/2011/03/03/interna_cidadesdf,240751/arquiteto-s-ambientalistas-e-lideres-comunitarios-debaterao-novo-pdot.shtml). Além dessas, ainda houveram outras denúncias, que passavam pela instabilidade do governo do DF em 2009 e que envolveram a votação do PDOT, como destaca outra matéria do mesmo jornal, de 20 de dezembro de 2009, onde é veiculada denúncia de compra de votos para a aprovação do PDOT. De acordo com a reportagem, "mais uma vez, o Plano Diretor de Ordenamento Territorial (Pdot) é citado como parte de um suposto esquema de propina. Em depoimento prestado em 9 de dezembro, Durval Barbosa declarou ter tomado conhecimento, dias antes da aprovação do projeto na Câmara Legislativa, de que cada deputado distrital da base governista recebeu R\$ 420 mil pelo voto. O relato teria sido feito a Durval pelo então chefe da Casa Civil, José Geraldo Maciel" (SÍTIO DO CORREIO BRAZILIENSE, 2009, 20/12, www.correio braziliense.com.br/app/noticia/cidades/2009/12/20/interna_cidadesdf,162070/index.shtml).

– *Ponte Alta!*

(Eu) – *Que é a parte nova que tão loteando?*

– *É, é, prali, que tem umas casinhas, que eu conheço é essa Ponte Alta (ANA, 2016: 477).*

O nome tão difícil de lembrar para a moradora e suas duas filhas é reconhecido e contado como o lugar que "parece uma chácara", onde disseram "que tava saindo lote lá". O próprio nome Ponte Alta, que vem do rio Ponte Alta, dá a ver e a ler os inúmeros córregos existentes nessa região, como o próprio Monjolo e Vargem da Benção, que são parte da bacia do rio Corumbá (Cf. BERTRAN, 2011: 417). É ali que vão surgindo "umas casinhas" que simbolizam essa ininterrupta tensão entre urbano e rural na ocupação das terras no DF e que afeta esses mananciais hídricos. Na narrativa de Arlete, também são casas o símbolo de cidade, já que foi justamente a falta delas a razão de não existir ainda a cidade do Riacho Fundo 2¹⁰⁸, pois "tinha, tinha bastante cerrado. Não tinha ali no Riacho Fundo, ali aquela frente, ali não tinha casa, né, era tudo cheio de cerrado" (ARLETE, 2016: 507). Uma nova cidade na margem oposta da DF-001, que também tenciona a área do rio de mesmo nome, que faz parte da bacia do Lago Paranoá.

Maria João avalia como assustador tanto crescimento, que parece fugir ao controle, quando ela conta que "eu, por exemplo, vi o Recanto crescendo né. Crescer de um ponto que hoje nós temos eu não sei calcular quantos moradores tem no Recanto, mas são muitos. O Recanto cresceu, desenvolveu, numa condição até que assustadora né" (MARIA JOÃO, 2016: 372). Uma preocupação que também surge na narrativa de Maria das Benções quando esta conta que "hoje em dia, o Recanto tá tomado de gente já" (MARIA DAS BENÇÃOS, 2016: 451).

De acordo com o Caderno das Cidades, material produzido pelo GDF, em 2013, contendo "informações fundamentais para que gestores e população acompanhem e fiscalizem a execução das ações do GDF" (CASA CIVIL, 2013: 3), o Recanto das Emas

¹⁰⁸ Embora faça parte até 2003 da região administrativa do Riacho Fundo 1, o Riacho Fundo 2 está relacionado diretamente ao Recanto das Emas desde sua criação, o que pode ser percebido, por exemplo, no nome de sua principal avenida, Avenida Recanto das Emas. De acordo com o Caderno das Cidades do GDF "a história do Riacho Fundo 2 teve início em 1994, com o surgimento de ocupações à beira da pista próxima ao balão do Recanto das Emas. A fim de resolver o impasse, o governo do Distrito Federal publicou o Decreto nº 15.441, que determinou o parcelamento do Riacho Fundo II, como parte integrante do Riacho Fundo" (CASA CIVIL. *Caderno das Cidades*. Brasília: Casa Civil, 2013: 110). Tem destaque nesse processo de ocupação, cooperativas habitacionais que foram sendo criadas pelos habitantes, como nos contam a senhora Maria Clara e sua filha: "(Filha) - E, aí, fez essa inscrição e nunca saía. Aí, foi quando, ela começou a vir pro Riacho Fundo com a cooperativa, não era nem invasão.

- Era cooperativa.

(Filha) - Ela veio acho que uns três, quatro meses. Vinha direto nas reuniões. Às vezes, não tinha condição de voltar, que, na época, transporte era bem menos que hoje. Dormia naquele relento. O Riacho Fundo, não tinha casa nenhuma ali, só tinha beirando a Administração, só um miolinho bem pequenininho. Aquilo tudo ali era uma terrona" (MARIA CLARA, 2017: 529).

já contava com cinquenta e nove quadras residenciais, todas ocupadas, comércio local, além de uma Área de Desenvolvimento Econômico (ADE) para uma população em torno de cento e vinte e cinco mil habitantes. São mencionados alguns projetos efetivamente construídos como a instalação de ciclovias e de duas unidades de saúde básica, bem como outras que não se deram por completo, como seis creches das quais foram concluídas quatro¹⁰⁹. Essas duas unidades de saúde básica, também chamadas de Clínicas da Família, são lembradas e narradas como um benefício por Maria das Benções, para quem "só o Agnelo foi que fez essas clínicas aí, melhorou mais bastante, né" (MARIA DAS BENÇÕES, 2016: 451). Todavia, elas não dão conta do verdadeiro anseio da moradora, um hospital. Anseio esse de várias das moradoras entrevistadas. Mas passarei por esse não lugar / lugar que é o hospital em outro momento.

No eixo de "Habitação", o documento menciona a "construção de 24640 unidades habitacionais pelo programa Morar Bem na Vargem da Benção até 2015" (CASA CIVIL, 2013: 94). No entanto, ainda que o projeto tenha sido muito alardeado à época pelo governador Agnelo Queiroz¹¹⁰, ainda não foram entregues moradias referentes ao mesmo¹¹¹. Trata-se de projeto a que Dasdores faz referência em sua narrativa citada anteriormente, ao dizer que "do lado de lá que vão fazer casas que o governo já tá, minha casa, minha renda né, vai começar. (...) É, minha vida, minha luta, minha... Vai ser de lá que ainda não tem prédio, mas já tá limpo tudo pra esse plano" (DASDORES, 2016: 367).

Além de mais essa expansão urbana sobre as margens rurais e os mananciais hídricos sempre limítrofes – "tem umas chácaras aqui pra cá, do outro lado do córrego ali" (ANTÔNIO, 2017: 561) –, existem outras formas da ocupação que seguem se dando por pessoas que invadem barracos ou que ocupam lotes de passagem como menciona

¹⁰⁹ De acordo com reportagem do jornal Correio Braziliense, de 20 de janeiro de 2016, apenas quatro das creches foram entregues. "Pais madrugam em frente às creches públicas por vagas para os filhos" (SÍTIO DO CORREIO BRAZILIENSE, 2016, 30/11, http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/ensino_educacaobasica/2016/11/30/ensino_educacaobasica_interna,559461/governo-fara-mudancas-na-escola-parque.shtml).

¹¹⁰ Conforme matéria do Jornal de Brasília, "Recanto das Emas ganhará 24 mil casas pelo morar bem", de 27 de abril de 2013, (SÍTIO DO JORNAL DE BRASÍLIA, 2013, 25/07, www.jornaldebrasil.com.br/cidades/recanto-das-emas-comemora-20-anos-no-proximo-domingo). Ou ainda: "24 mil Casas Serão Construídas no Recanto das Emas até 2015" (SÍTIO R7, 2013, 18/09, www.noticias.r7.com/distrito-federal/segunda-clinica-da-familia-e-inaugurada-no-recanto-das-emas).

¹¹¹ As pendências do projeto são tratadas em reportagens como do sítio G1, de 23 de março de 2015: "Justiça do DF suspende quatro editais do Morar Bem no Recanto das Emas" (SÍTIO G1, 2015, 23/03, <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/03/justica-do-df-cancela-quatro-editais-do-morar-bem-no-recanto-das-emas.html>), ou ainda, do sítio Metrôpoles: "Lançamento de Moradias Populares em 2016 esbarra no Ministério Público e em Decisões Judiciais" (SÍTIO METRÓPOLES, 2016, 09/01, www.metropoles.com/distrito-federal/lancamento-de-moradias-populares-em-2016-esbarra-em-decisoes-judiciais).

Dasdores brevemente em sua narrativa, ao lembrar que "essa família que morreu, que agora a casa tá vazia assim e entra uma pessoa lá, passa um mês, vai embora" (DASDORES, 2016: 359). Embora não dê conta das razões do abandono, uma reportagem do programa Bom Dia DF, de 12 de março de 2013, trata de um casa abandonada na quadra 404, frequentada por jovens, que são narrados por um morador como usuários de drogas e ladrões (Cf. BOM DIA DF, 2013). Além desses lugares / não-lugares que também são ocupados, segue a expansão urbana na invasão dentro das quadras 500s, tal como lembrado na narrativa da moradora Maria Eustáquia:

Essas casas, esses lotes que eu falei para você que é invasão, dizem que ali ia ser uma praça também, não, ia ser um, não sei se é um posto de saúde, não sei que que eles falaram que iam fazer, tem no projeto, eu porque não lembro como que, como que eles falaram, porque ali não podem ser casas né, aonde eles invadiram, aonde que eu falei pra você que eles tinham invadido, que eu creio que parece que são duas quadras né, assim, dois quarteirões né, q ali não são quadras, dois quarteirões, igual esse aqui, um quarteirão, né, todo. Então, ali é um quarteirão, foi invadido. (MARIA EUSTÁQUIA, 2016: 342).

Dessa forma, além de assentamentos governamentais, existem "essas casas, esses lotes", que simbolizam o processo de ocupação da RA do Recanto das Emas, que não se completou, pois continua através de novas invasões que tensionam o "projeto" original, que ultrapassam os limites anteriormente definidos. Afinal, "ali não podem ser casas", mas destina-se a outra coisa, quer fosse uma praça, um posto de saúde, uma nascente, uma rodoviária ou um conjunto comercial. Mesmo que isso possa ser contado como uma "invasãozinha", já que não se concorda que os barracos ainda estejam por ali, como na narrativa dialogada entre Maria Clara e sua filha:

(Eu) – Porque tem gente que ficou no barraco aqui ainda, até hoje ainda vê um ou outro.

– Muito tempo.

(Filha) – Tem algumas pessoas...

– Por isso, eu não concordo, sabe, pessoas ficar assim.

(Filha) – Até hoje, ainda tem, aqui na 11, ainda tem uma invasãozinha.

(Eu) – Ali pra baixo?

(Filha) – É, eles pegaram um conjunto, que era vazio, que acho que é comercial...

– Tem pessoas que fala...

(Filha) – E invadiram (MARIA CLARA, 2017: 533).

No que lembram e contam suas moradoras, em matérias de jornais e em documentos governamentais, foi possível ver e ler a ocupação desse lugar como espaço vivido, conforme indicado por Certeau, um espaço dado a ver e a ler nessas narrativas ocupadas com as invasões. Assim, não obstante o que antes era chamado de favela, vila, invasão ou Taubaté, atualmente encontrar-se identificado como "condomínio de baixa renda" (Cf. MOURA, 2010: 287) ou as "casas que o governo já tá" narradas por Dasdores.

Ainda assim, Maria João percebe e enumera muitas transformações que se deram ao longo de seus vinte e três anos no Recanto das Emas, sintetizadas no que se vê hoje e o que não tinha antes. No seu canto, o que já foi somente lama, poeira e mato, agora é sim uma cidade. Certamente ainda falta muito a ser feito, como o hospital, mas muitas referências de urbanidade entre serviços públicos e privados são elencadas no que ela conta, serviços que vão muito além do asfalto e da luz para quem chegou aqui "quando não tinha nem ônibus, não tinha nem água". Hoje, ela vê a cidade. Em seu relato, Maria João conta que:

– Do asfalto, da luz e da quantidade de moradores também né. Por exemplo, isso aqui não era, era uma fazenda, aí virou uma cidade aí, as 500s né. Você vê, era tudo lama, poeira, tudo mato, hoje a gente vê prédio né, vê boas escolas, vê, até fórum o Recanto já tem né, tem fórum. O Recanto só não tem um hospital, mas eu acho que logo, logo, nós vamos ter um hospital. Tem restaurante comunitário.

– Tem a UPA¹¹² né.

– Tem a UPA. Inclusive é só uma ou são duas? Não, é só uma né, porque aquela outra de lá...

– A outra é Clínica da Família.

– É Clínica da Família né, perdeu, tem duas Clínicas da Família né?

– Duas.

– Pois é, duas Clínicas da Família, tem posto de saúde né, e tem, tem aquele outro posto lá em cima, posto 1 e posto 2 né, quer dizer dois postos de saúde, tem delegacia, tem atendimento à mulher, tem faculdade. Olha, pra quem veio pra cá, que não tinha nem ônibus, não tinha nem água, para ver hoje faculdade né (MARIA JOÃO, 2016: 383).

No entanto, o que essa moradora conta como uma evolução da fazenda à cidade, da "lama, poeira, tudo mato" ao prédio, aos prédios, UPA, Clínicas da Família, postos de saúde, delegacia, faculdade, outra moradora, Maria Joana, narra como problema, como deficiência, como risco, "o problema de saúde, que aqui não tem hospital, tem a UPA, mas não tem médico, é, o posto de saúde, a gente tem que sair, tem que levantar, arriscar a vida e levantar de madrugada pra conseguir uma consulta, conseguir uma senha" (MARIA JOANA, 2016: 411). Entre essas duas formas de narrar, circulam avanços e recuos no contar essa cidade, já que "em vista do que entregou, melhorou, né, não foi, não melhorou lá essas coisas que é pra ser melhor igual é, mas não, né, teve uma melhora muito pouco, mas teve" (MARIA CLARA, 2017: 535), conforme percebido por Maria Clara. Ou o entusiasmo da percepção de Antônio, para quem "depois que nós mudamos pra cá pro Recanto, mudou, assim, não vou dizer que ficou cem por cento, mas ficou noventa e oito, por aí, ficou, entendeu? Ficou muito bom pra gente" (ANTÔNIO, 2017: 564).

¹¹² Unidade de Pronto Atendimento (UPA), estabelecimento de saúde de complexidade intermediária, que buscam desafogar os hospitais oferecendo atendimento de urgência e emergência nas áreas de clínica médica e pediatria.

Percebi, assim, essas brechas na cidade planejada e tornada visível pelas narrativas das moradoras, que contam a cidade como esse crescimento e também como problemas. Brechas como as que conta Maria Eustáquia, quando percebe a invasão como desvio no projeto original da cidade, uma "invasãozinha" que surge para mudar a destinação de uma área. Um plano de ordenamento da cidade, que é constantemente reafirmado ao se tratar das invasões e que é objeto de atenção da mídia, como no caso da reportagem do DF TV, de 18 de março de 2015, com a chamada "a invasão no Recanto das Emas cresce assustadoramente em duas semanas. O Governo diz que estuda plano para retirar os invasores" (DF TV, 2015). O título e o subtítulo da reportagem já expressam o sentido dado à abordagem do tema, pois termos como "invasão", "assustadoramente", "retirar" e "invasores" sintetizam a conotação dada. Outra reportagem, esta do sítio G1, de 18 de novembro de 2015, segue a mesma linha, ao veicular em seu título que "fiscais do GDF derrubam barracos em invasão no Recanto das Emas":

Equipes do governo do Distrito Federal derrubaram nesta terça-feira (18) 20 barracos de madeira nas proximidades da quadra 803 da Avenida Monjolo, no Recanto das Emas. De acordo com a Polícia Militar, alguns moradores resistiram à ação, mas não houve incidentes graves (G1, 2015).

Espaço de morar

Talvez para os moradores que resistiram, a derrubada dos barracos de madeira onde viviam seja o incidente grave que a Polícia Militar e a reportagem não percebem. Embora barracos continuem sendo erguidos e derrubados, nas falas de muitas de suas moradoras, o Recanto das Emas é antes de tudo um "espaço de morar"¹¹³, espaço esse que, como analisa Ecléa Bosi, "é o centro geométrico do mundo, a cidade cresce a partir dela, em todas as direções" (BOSI, 2010: 434). No caso de Maria João, ela veio para o Recanto buscando fugir do aluguel, virando-se como podia, sem dinheiro, como conta que "vim pra cá, só, praticamente só, num barraquinho, que não tinha condição de fazer uma casa, eu fiz um barraquinho de madeirite mesmo, daqueles bem pequenininho mesmo, porque não tinha dinheiro pra comprar madeirite. Então, eu vim" (MARIA JOÃO, 2016: 371). O que podia ser feito é lembrado por ela como o mínimo e improvisado, que segue sendo narrado pela moradora: "aí, eu mudei pra cá em julho de 93 né. Aí, o barraco era tão pequenininho e aí eu fiz um buraco assim né, botei um cano

¹¹³ Aqui, mais uma vez, faço uso do conceito de espaço vivido de Certeau (Cf. nota 80, ver p. 102).

de dentro, fiz uma divisorinha, assim que era o banheiro né, e a fossa era a céu aberto né" (MARIA JOÃO, 2016: 375). O banheiro em sua narrativa é um elemento que condensa que aquele barraco por menor que fosse era um espaço de morar, mesmo se a fossa, que equivalia ao lugar do banheiro naquele espaço, estivesse a céu aberto devido à falta de saneamento.

Além disso, foi preciso capinar aquele lote, vencer o terreno para tornar o espaço habitável, segundo a moradora. Ela narra como a família que seria acolhida ajudou. O pai, que nem sempre esteve presente, "já tava morando aqui". O filho, "que hoje mora na rua", ainda estava morando aqui. E assim Maria João conta que:

E, olha, eu vim pra cá, meu pai já tava morando aqui, tava doente, e meu pai e esse meu filho que hoje mora na rua que capinaram, nós capinamos aqui, tem até as fotos da minha sobrinha, do meu irmão pequeno sabe, da gente todo mundo aqui, o meu irmão que era caçula, meu filho caçula e meu pai, acho que meu pai não tá não, da minha sobrinha, gente, com os pés cheios de terra no barraquinho, sabe, pequeno, e capinando sabe, tentando derrubar o morro, porque era um morro mesmo, sabe. Eu falei "como é que eu vou? Eu não tenho dinheiro pra pagar um trator pra fazer isso". (MARIA JOÃO, 2016: 375).

Assim como a narradora orienta para que se olhe, as lembranças do capinar o lote parecem se misturar às lembranças das fotos da sobrinha. O pai doente, o irmão caçula, o filho caçula. Mas o pai estaria mesmo naquele momento? O que se pode saber é que nesse espaço, que a memória da moradora dá a ver e a ler (Cf. RICOEUR, 2012: 159), os parentes envolvidos no mutirão passaram ali, estavam com seus "pés sujos da terra" por tentarem derrubar um morro. O espaço de um barraquinho tão pequeno que vai sendo feito sobre esse lugar representado no morro que "era um morro mesmo, sabe".

Apesar das precárias condições, esse canto da moradora Maria João indica como "ter um canto" é importante, como vai se fazendo do Recanto, um recanto que acolhe, ao mesmo tempo que, ao longo da narrativa, a história da narradora vai se misturando com o que pode falar do Recanto das Emas, "atestando mesmo a existência de um passado" de que fala Eliane Dutra (DUTRA, 2013: 75). Ele garante a "estabilidade", o "ir e vir" e sem ele é como não ter nada, estar "fora do bando". É um signo compartilhado, uma dimensão da identidade pessoal, familiar, local e social. Segundo a moradora:

– A minha vida, ter vindo aqui pro Recanto, eu acho que foi de muita ajuda, ter um canto, eu pude acolher pessoas, eu pude acolher neto, eu pude acolher parente (...). E minha história, professor Jorge, é complicado, do Recanto o que eu sei te falar é isso, que foi o lugar que me deu uma estabilidade, porque hoje você morar de aluguel é instável. Na época em que estamos vivendo, se a gente não tiver o seu canto para você ir e vir, é como se você não tivesse nada né. Eu acho que é como um passarinho fora do bando (MARIA JOÃO, 2016: 373).

Nessa vida que vem pro Recanto, esse canto, esse lote, esse barraquinho, essa casa do passarinho e seu bando, um espaço de morar, onde vai e vem, constrói-se a história de Maria João. Um "espaço de morar", independentemente se sua casa se reduza, para ela, em um barraco comparado ao que ela projetou como sua casa, do que poderia ter sido, do sonho que ela conta, ao lembrar que "eu ganhei a planta da minha casa, não era pra ser assim não. Era três quartos, com a garagem, com a área e o quintal era aqui. O quintal e tudo né. A casa do meu sonho. E hoje eu moro nesse barraco" (MARIA JOÃO, 2016: 389). A casa que pode ser feita surge como símbolo das vivências, das demandas cotidianas, de tudo aquilo que foi ao se narrar que "mas aí, quando eu fiz esse barraco aqui, eu desmanchei o barraquinho, e fiz assim tipo, aí foi na época que meu marido resolveu morar comigo e a gente fez um barraquinho que era pra garagem, só que um dia choveu" (MARIA JOÃO, 2016: 389). A planta da casa que é lembrada como símbolo de um sonho passa a significar uma expectativa de recriar a casa, pois "eu tenho vontade de ir à Administração saber como é que eu posso readquirir essa planta" (MARIA JOÃO, 2016: 390), pois talvez com uma neta magistrada ou um filho ganhador da loteria desse para "não, a gente derruba e faz tudo de novo", como na promessa do filho lembrada pela mãe:

"Eu vou derrubar aqui. Vou fazer pra senhora embaixo, pra mim em cima, mas eu quero com elevador, que eu não vou ficar subindo escada, não sei o que". Eu falei "ah, meu filho, tem a planta, a planta até que dava pra fazer assim e levantar, mas eu sumi a planta e uma planta é muito caro"(MARIA JOÃO, 2016: 390).

Tanto a casa que pode ser feita de um andar, sem elevador, sem planta, quanto a promessa do filho e a planta lembrada ou pretendida dão a ver e a ler o "espaço de morar" de Maria João. A casa que "não era pra ser assim", de dois quartos, cercada, que ocupa quase todo o terreno, sem o quintal ali onde estava a cozinha em que se realizou a entrevista. A moradora saiu do barraquinho, do segundo barraquinho, "que era pra garagem" da casa de alvenaria que ela mora. Mas o barraco não saiu de sua narrativa sobre o seu espaço de morar. Essas lembranças, que evocam promessas e sonhos, marcam essa "transfiguração do acontecimento" assinalada por Eliane Dutra (Cf. DUTRA, 2015), cuja análise crítica historiográfica possibilita perceber o processo de formação de espaços como esse no Recanto das Emas, no sentido indicado por Ângela Gomes (Cf. GOMES, 2015).

Na narrativa de Maria das Benções, libertar-se do aluguel na QNH de Taguatinga e ter um espaço de morar só seu são sua alegria, como foi a alegria de Maria João, como era a alegria de muitos, "todo mundo ficou alegre nesse tempo, que recebeu

esse lote, porque a gente tava no sufoco de aluguel" (MARIA DAS BENÇÃOS, 2016: 451). No entanto, ao contrário de outras moradoras, ela e o companheiro, um pedreiro aposentado, já vinham se preparando para o recebimento do lote. Isso é condensado em seu narrar pelos pré-moldados comprados e usados para erguer a casa. De acordo com a moradora:

Foi, aí eu já tinha comprado lá na dona Dulce do Guará, aí já tava esperando esse lote, mas a gente foi e comprou uns pré-moldados, porque às vezes, quando a gente, às vezes quando a gente ia receber esses lotes aí não tinha nem o dinheiro e nem os pré-moldados pra comprar né? Aí, foi como a gente comprou e deixou lá na dona Dulce, aí quando a gente ganhou o lote aqui, a dona Dulce mandou deixar o material aqui (MARIA DAS BENÇÃOS, 2016: 449)

Assim como havia uma percepção da situação geral de sufoco da população necessitada de moradia, há também espaço na narrativa de Maria das Benções para dar a ver e a ler a precariedade das ocupações, já que uma vez recebido o lote, podia-se não ter, como tantas não tiveram, "nem o dinheiro e nem os pré-moldados". Dessa forma, é do material deixado ali pela dona Dulce que vai se erigir no lote o espaço de morar da moradora, conforme ela conta que "quando a gente ganhou o lote aqui foi que nós fizemos esses pré-moldados e o filho dele que foi que fez essa casinha aqui pra nós" (MARIA DAS BENÇÃOS, 2016: 448).

Ainda que, na narrativa, o espaço de morar passe rapidamente do lote à casinha, nessa síntese, todo o percurso é cortado pelo esforço de lembrar-se das dificuldades para limpar o terreno, dar conta da construção, dos recursos escassos. Localiza-se, nessa "casinha", o que foi sofrido, o que é preciso ser dito e registrado, como cobra a moradora: "ah, diga aí, a gente sofreu hein, sofreu demais pra limpar isso aqui" (MARIA DAS BENÇÃOS, 2016: 464). Sofrimento, esse, que se estende e envolve aquele lugar, pois "aqui era na base que a gente tivesse o dinheiro pra pagar pra fazer, né. Aí, o filho dele, desse do finado, foi que fez essa, que botou essas telhinhas aqui, que fez isso aqui. Os pré-moldados nós já tinha feito aqui já, só era ele que veio botar essas telhas aqui em cima" (MARIA DAS BENÇÃOS, 2016: 454).

No contar de Maria das Benções, essa casa, em cuja sala se realiza a entrevista, está sempre limitada e corroída pelo que foi possível e pelo que foi feito. Isso encontra-se definido pela pensão de um salário mínimo que recebe desde a morte do marido, valor insuficiente para realizar qualquer melhoria no imóvel, como ela no conta que "não mexi mais não. (...) Ficou, porque o dinheiro, um salário mínimo não dá pra nada não" (MARIA DAS BENÇÃOS, 2016: 455). Nem mesmo os estragos causados,

como um telhado danificado pela obra de um vizinho, podem ser reparados, deixando tudo ali à mercê da chuva, conforme essa senhora narra:

– Essa parede aí, eu reboquei essa parede aí, me pediram pra subir aí, pra arrumar as paredes deles lá em cima, aí o pedreiro foi e botou um uê de pau aí em cima da casa ali. Aí, pra tirar foi eu obrigada ir lá na dona Maria, falar pra ela pra tirar. Aí, eles tiraram. Aí, o rapaz falou que ele ia, o que eles tirassem aí eles iam limpar, aí fizeram, não limpou, não tirou nada, quebrou as telhas aí, ainda hoje tá ali, quando chove é o mesmo que tá no meio da chuva ali ó. Encostadinho na parede assim.

– Eles estragaram e não quiseram arrumar?

– Estragaram e não arrumaram. O cara falou que o que ele quebrasse aí ele ia arrumar, mas o que ele falou, ele não cumpriu. Só fez quebrar, rebocou as paredes dele aí e não arrumou nada (MARIA DAS BENÇÃOS, 2016: 457).

Entre a sujeira, o "uê de pau em cima da casa", os estragos, o ter que falar com outra "dona Maria", a promessa não cumprida, a moradora dilata na narrativa esse não mexer mais, o tudo por fazer nesse espaço de morar, para o qual o dinheiro é insuficiente. Conflitos que tanto estruturam quanto desestruturam seu espaço de morar no contar de que não é possível fazer. Tudo isso perturba aquilo que foi projetado como ideal de moradia construído pela memória da moradora. Ainda assim, Maria das Benções vê nesse recanto um canto pra chamar de seu e é isso que importa para ela. O espaço que abriga sua família, pois "tá todo mundo aqui morando nessa painha véia aqui" (MARIA DAS BENÇÃOS, 2016: 460), de onde ela pouco sai desde a morte do segundo marido e de onde não pretende sair, já que "hoje tô aqui e daqui acho que só saio quando Deus me levar, porque eu ganhei o lote aqui" (MARIA DAS BENÇÃOS, 2016: 447).

É sob essa visão que Maria das Benções constrói sua narrativa acerca de seu espaço de morar no Recanto das Emas. A moradia na cidade sintetiza a representação da tranquilidade de ter algo seu, depois de toda uma vida à mercê das incertezas de viver no que era dos outros. Sendo assim, "é o melhor lugar que a gente já morou, porque aqui é meu. O antigo lugar que eu morava não era meu, eu morava de aluguel, não era meu, né? Mas aqui agora eu posso dizer que é meu, que eu ganhei, né" (MARIA DAS BENÇÃOS, 2016: 459). Apesar de ser uma "painha véia", o que pode ser uma referência a outras moradias do passado no Piauí, e de não ser a casa idealizada por ela, pois gostaria de ter condições financeiras para melhorá-la, o que sobressai nesse recontar seu canto é que "eu tô satisfeita e feliz porque ganhei o lote aqui, não tô pagando aluguel. Uma casinha simples assim, mas é melhor do que a gente tá pagando aluguel, né? Porque eu não tenho condição de arrumar ela" (MARIA DAS BENÇÃOS, 2016: 460). Na narrativa construída sobre esse espaço de morar, a moradora ao menos pode fazer da "painha véia" uma "casinha simples", ainda que siga o impeditivo financeiro para fazer e refazer o espaço em que se vive, pois "eu não tenho condição de arrumar ela".

No caso de Dasdores ter um espaço de morar seu é a maior conquista que obteve. Não por acaso, ela narra como uma benção, "foi assim uma luz de Deus, foi um mandado de Deus, porque eu vim aqui, aqui eu tenho minha casa, já tive quatro lotes, hoje só tenho um. Graças meu Deus, muita gente não tem" (DASDORES, 2016: 350). Essa benção de ter seu canto é destacada em sua narrativa como um privilégio de poucos, que não é como essas atribuições de hoje em dia, conforme ela conta: "esse lote foi um presente de novo de Deus. Eu ganhei não é como tá a lei agora aí, que esse governador tá vendendo o lote pras pessoas e não dá, e fala 'a Caixa vai dar', a minha casa, minha atribuição, que agora tá sendo, não é mais" (DASDORES, 2016: 356). Um lugar que depois de tanto tempo lhe trás estabilidade e satisfação, como destaca a moradora, ao sublinhar que:

– O meu lote é aqui na 308, nessa direção, não, aqui, qual o lado que sai a pista? Professor Jorge? Eu acho que é ali, meu filho.

– Pra lá...

– Prali, é prali. O meu é logo ali, meu lote é de esquina, um lote muito bom né, que me deram (DASDORES, 2016: 357).

Dasdores consegue sintetizar o lento percurso dos anos de vivência nessa cidade em apenas uma frase "eu tomei a frente e vim né, e comecei a morar no meu barraquinho, foi devagar e hoje minha casa tá pronta" (DASDORES, 2016: 359). Do barraquinho à casa pronta, um espaço de morar. Dois tipos de espaço fundamentais no modo de viver e pensar a cidade por parte de suas moradoras, assim como o lote. Para Borges, "no caso do Recanto das Emas, especificamente, podemos refletir sobre a mudança constante da invasão para o lote, de um barraco para o outro " (BORGES, 2003: 16), mas também a mudança do barraquinho à casa. Assim como essa autora identifica "a invasão, o barraco, o lote, o asfalto e o 'tempo de Brasília'" como "principais signos do modo de vida local" (BORGES, 2003: 12) por ela objetivados em seu trabalho, o barraquinho e a casa também emergem como maneiras de narrar o espaço de morar nessa cidade.

Por vezes narra-se um barraquinho que se desenvolve e se transforma em barraco. No caso de Maria João, enquanto o Recanto das Emas vai crescendo, seu recanto acompanha o movimento da cidade na narrativa até a chegada da neta: "e voltando a falar do Recanto, à medida que ele foi desenvolvendo, eu também fui desenvolvendo meu barraquinho, sabe? E fui vendo o Recanto crescer, desenvolver e tudo. Em 99, a Sandra nasceu, eu já tinha o meu barraco" (MARIA JOÃO, 2016: 372). Já para Maria das Benções, fugir do aluguel e erguer um barraquinho era uma experiência comum a todos os moradores do Recanto das Emas. Ela narra uma trajetória que cabe nos mesmos

termos da narrativa da moradora Maria João, pois ela também conta que "quando a gente tava esperando pra receber esses lotes, a gente já tava no sufoco, de aluguel caro, aí quando todo mundo recebeu, todo mundo já veio, já capinou, aí já fez um barraquinho e já mudou pra dentro, porque o aluguel tava caro demais" (MARIA DAS BENÇÃOS, 2016: 449). "Todo mundo", ainda que ela mesma não mencione um barraquinho, mas sim a pronta construção da casa de pré-moldados em sua narrativa. Nesse mesmo sentido, o que coube em uma frase do contar de Dasdores, pode ser tecido mais longamente no narrar de suas lembranças, inclusive daquilo que parecia esquecido, pois, como diz Dasdores, "essas histórias assim eu até esqueço". Tal atitude remete às reflexões de Paul Ricoeur de uma "persistência da impressão originária", que passa pelo nascimento da lembrança "desde o exato momento da impressão" (RICOEUR, 2012: 426), inclui um "esquecimento de reserva". Este é visto como positivo pelo autor, como um "tesouro do esquecimento" (RICOEUR, 2012: 427) ao qual se recorre e que alia a um temor de esquecer, a felicidade do que se recupera e o esquecimento que se exerce. Nesse sentido, a moradora narra que:

– Agora aqui tá, vai melhorando, você sabe que a cidade vai crescendo devagar né?

– Uhum.

– E cresceu. E cada um faz a sua benfeitoria no seu lote. Foi, fui eu fazendo no meu, mas passou um tempo que eu ainda fiquei com meu barraco né. Sujeita a bandido né, porque era de madeirite. A polícia um dia passou lá, eu tava sozinha dormindo na minha casa, só os bichos dormiam lá, tinha vezes que vinha né, eu ficava sozinha, porque eu trabalhava, eu tinha que vir ver meu barraco pra não invadirem. Que que eu dei pra esse povo e, um dia, eu botei de tudo, cama, fogão, eles roubaram tudo, sabe, levaram, e foi obrigada eu vim, essas histórias assim eu até esqueço, fui obrigada a vir. E um dia, era de madrugada, a polícia passou e bateu na minha janelinha que era pequenininha, aí eu fiquei, essa história eu tô contando só pra você que eu nunca contei, contei pras minhas colegas, mas pras outras eu não contei. Aí bateu na minha porta, na minha janela, perguntou se tinha gente lá, porque bandido se escondia em barraco. Aí, eu com medo, falei e "tem gente aí?" E eu acordei, disse "tem, tô eu e minha filhinha", não tinha não, era só eu, sabe, fiquei com tanto medo, "é a polícia", sabe, eu sabia, aí quando eu olhei assim pela brecha, né, que era um barraco, sem saber que eram coisas, a brecha só entrado parecia, eu vi que era a polícia. (DASDORES, 2016: 361)

A história contada só para mim e para algumas colegas mais dignas de confiança esquadrinha melhor o tempo do barraco, esse lar provisório e incerto, de madeirite, espaço de morar onde os bandidos se escondem, onde só os bichos dormem, cheio de brechas; espaço de morar que abriga o medo até que as benfeitorias pudessem ser feitas. Mas que já é sua casa, onde esteve sujeita por "de tudo" e perder tudo, o que obrigou a vir. A cidade cresce devagar, assim como a construção do espaço de morar de Dasdores, de sua casinha. E assim finda a cadência de vagar nesse recantar seu recanto:

Aí, eu vim devagar, tudo e foi fazendo minha casa. Casinha né, mas eu também passei uma luta muito grande, é porque eu ainda tô lutando né, pra poder murar todinha, cercar ela de grade, que já tá, a minha casinha todo mundo acha bonita, que ela é grande né. (DASDORES, 2016: 359).

Um lar que é sinônimo de luta, uma luta muito grande, que ainda prossegue, pois ainda há o que fazer, essa "minha casa" que é sempre um fazer, mesmo se antes foi contada como pronta, pois é preciso passar da grade para o muro, fechar as brechas. O muro é um símbolo importante que marca a separação entre o barraco e a casa quando as moradoras narram seus espaços de morar, segundo Antonádia Borges. De acordo com uma das moradoras entrevistadas por essa autora, "quem tem casa, tem muro" (BORGES, 2003: 69). A grade e – principalmente – o muro são aportes materiais e simbólicos, elementos que condensam esse espaço privado de morar na narrativa, que todos dizem ser bonito a Dasdores e ela diz ser grande. Espaço de morar onde essa moradora pretende terminar seu caminho, sua trajetória, ou, como ela descreve, "agora eu já tô pra me aposentar, não vou mais pra longe não, é aqui mesmo, eu termino por aqui né" (DASDORES, 2016: 355).

Outra moradora, Maria Alcinda, também entende ter um espaço para chamar de seu como a melhor coisa que lhe aconteceu e que merece ser contada. Vinda de Samambaia, ela não menciona a passagem pela invasão que antecede o recebimento de seu lote. O silêncio¹¹⁴ sobre esse tempo da invasão passa inicialmente pela afirmação de seu lar, pois "tamo aqui, aí, a gente ganhamos esse pedacinho de chão, aí construímos essa casinha e tamó aqui" (MARIA ALCINDA, 2016: 414). Essa casinha que foi sendo construída pelo marido, "ele ainda tava começando a virar um pedreirinho né" (MARIA ALCINDA, 2016: 444), pois segundo a moradora, o senhor Deusmar "aprendeu fazendo

¹¹⁴ É importante destacar que são muitos os silêncios que acompanham as memórias das moradoras, muitos não-ditos entre tanto que é dito. Michael Pollak estabelece uma tipologia entre "lembranças proibidas (caso dos crimes estalinistas), indizíveis (caso dos deportados) ou vergonhosas (caso dos recrutados à força)", estas "são zelosamente guardadas em estruturas de comunicação informais e passam despercebidas pela sociedade englobante. Por conseguinte, existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, 'não-ditos'. As fronteiras desses silêncios e 'não-ditos' com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento" (POLLAK, Michael. "Memória, esquecimento e silêncio". In: *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3. Rio de Janeiro: 1989: 8). Nesse sentido, o citado autor percebe o silêncio como uma forma de resistência a uma memória coletiva que se impõe ao tratar de situação limite da experiência humana, no caso, a vida em campos de concentração na Alemanha nazista. Para esse autor, "o silêncio, além da acomodação ao meio social, poderia representar também uma recusa em deixar que a experiência do campo, uma situação limite da experiência humana, fosse integrada em uma forma qualquer de 'memória enquadrada' que, por princípio, não escapa ao trabalho de definição de fronteiras sociais" (idem: 15). No caso de Maria Alcinda, me parecem ser lembranças vergonhosas e que o silêncio sobre essa experiência vivida na invasão trás essa acomodação a um meio social marcado pela rejeição dessa identidade de invasora, bem como pela resistência ao trabalho de enquadramento da memória por parte do entrevistador / historiador. Essa questão do silêncio sobre as vivências da invasão será ainda desenvolvida no tópico sobre Violência, ver p. 182.

no que é dele, querendo fazer o que é dele mesmo né" (MARIA ALCINDA, 2016: 444). Se isso por um lado é algo a ser valorizado, trabalhar no que é seu, por outro é o que explica as deficiências da casa construída. Mas para ela, o que importa mesmo é que dizer que "mas tamos aqui né, o importante é que nós não tamo pagando aluguel, que nem eu falo né, não é lá essas coisas não, mas tudo bem né, não tô pagando aluguel, né? Já pensou se eu tivesse pagando aluguel?" (MARIA ALCINDA, 2016: 444).

Dessa forma, a "casinha" que "não é lá essas coisas" – em cuja sala aconteceu a entrevista, estando presentes o marido, a filha, a nora e duas netas – é valorizada nesse contar, principalmente, por representar a situação confortável de não mais pagar aluguel, o fim de vinte anos de aluguel, nessa operação mental de racionalização. Não é possível não pensar se essa moradora estivesse pagando aluguel, já que isso resume a maior das dificuldades para ela, bem como em para tantas outras moradoras, "mas tamos aqui né". Com efeito, Maria Alcinda conta:

Eu morava de aluguel, passei mais de vinte anos pagando aluguel. Aí, quando eu vim pra cá, a melhor coisa que eu achei foi ter ido pro meu lugarzinho, ou ruim ou bom no início, mas era meu, né. Era muito difícil, como hoje tá sendo difícil do mesmo jeito, mas era, achei muito melhor do que ficar pagando aluguel né. Que hoje em dia é muito difícil (MARIA ALCINDA, 2016: 417).

A incerteza de viver de aluguel durante vinte anos, que "era muito difícil" segundo essa moradora, não fica restrita ao passado buscado na memória, já que para quem vive de aluguel, "hoje em dia é muito difícil" diz ela. Percebo nessa lembrança, o exercitar de uma relação entre a memória e o tempo, tão valorizada por Walter Benjamin, que entende que a memória permite lidar com as três dimensões da temporalidade: passado, presente e futuro (Cf. BENJAMIN, 1985). Ter um espaço de morar seu é mais importante do que ser um lugar bom ou ruim, pois significa não ter os filhos à mercê da humilhação do irmão do marido, que recebera seu lote primeiro e compartilhara o espaço com os familiares em Samambaia. Significa não enfrentar mais vinte anos de aluguel, estar subabrigado em um barraquinho de fundo de quintal do cunhado ou estar vivendo embaixo de lona numa invasão. Apesar de não ser essa a casa dos sonhos, essa casinha que as condições permitiram "tá melhor" do que a situação anteriormente vivida. Segundo a narrativa da moradora:

A minha tá precisando, tudo, pra ficar melhor tá precisando de tudo, a vista do que tava, tá melhor, tá melhor que tá debaixo, como é que fala? Enrolado de lona aí ou então pagando aluguel, tá muito melhor, mas se, melhor se tivesse melhor ainda, se tivesse condições de fazer melhor, a gente faz melhor, mas tá bom (MARIA ALCINDA, 2016: 419).

A imagem de estar enrolado na lona remete às lembranças do início da ocupação do lote, período que antecede o início da construção da casinha. Antes de mais

nada, era necessário garantir a posse, permanecer naquele lote para evitar que fosse invadido. Ainda sem mencionar a experiência da invasão, Maria Alcinda destaca em sua narrativa a ânsia por ocupar aquilo que era seu, ao narrar que:

Eu tô falando, foi assim que a gente fez. Porque quando chegou aqui e falou assim "ó", que foi marcado, "esse aqui que é o de vocês", nós não saímos mais, porque se saísse e se alguém entrasse, não saía mais não. Aí, nós já ficamos aqui, eu digo "não, a gente tem a ficar". Aí, nesse dia, a gente recebeu à tarde, aí meu esposo foi e falou assim "nós vamos dormir logo lá" e pegamos um tapete, aí forremos no meio do, do coisa aqui do, do barro e dormimos aqui, porque não podia sair, porque se saísse e alguém entrasse, já era. A gente perdia o lote (MARIA ALCINDA, 2016: 418).

O temor constante de perder o lote, que levou a família a dormir ali num tapete sobre o barro, passa pela experiência relacionada às invasões e faz emergir na narrativa da moradora sua relação com a invasão e esse invasor que é sempre um outro. É uma referência que recusa sua condição de invasora, pois, segundo a narradora, quando ela chegou ali com o marido ainda havia muito espaço, já que "aqui só tinha, quando nós chegamos, aqui só tinha, é, os lotes vazios, só barro, não tinha ninguém aqui, nós somos os segundos moradores, aqui nessa quadra somos nós, quando nós chegamos não tinha ninguém" (MARIA ALCINDA, 2016: 415). Antonádia Borges defende em seu estudo, que há uma relação tensa entre quem mora no Recanto das Emas e a figura de quem vive em uma invasão. De acordo com a autora, "quem está em uma invasão, com seu barraco de lona e papelão, amedronta quem está no barraco de madeirite, o qual, por sua vez, assusta quem vive em uma casa com laje" (BORGES, 2003: 44). E esse efeito do amedrontar em cascata não é apenas o medo daquele outro em condições mais precárias, mas também é o medo de quem lembra daquilo pelo que já se passou até fazer de seu espaço de morar uma "casa com laje" ou "casinha".

A passagem pela invasão, portanto, é uma experiência que não podendo ser "esquecida" no silêncio construído sobre ela na narrativa da moradora, passa então a ser minimizado pela mesma. O lugar ocupado na invasão não é valorizado como um espaço de morar. É contado como um lugar provisório, meio que ilegítimo, para onde sequer se levou "as nossas coisas", um lugar que recebeu só o básico, "só as coisinhas mesmo de uso". A invasão acaba simbolizada na narrativa dessa senhora como um não-lugar, uma transição entre a saída do lote recebido pelo cunhado em Samambaia e o lote a ser recebido no Recanto das Emas. Maria Alcinda narra que:

*– Não, lá na invasão, nós deixamos tudo lá, que veio nosso foi só nossas coisinhas mesmo, mas o resto.
(Filha) – Lá era restinho de madeira.
– Na época, na época que a gente veio pra cá, nem nossas coisas veio tudo, ficou lá no lote do irmão dele, lá no barraquinho lá que era nosso, ficou todo lá fechado lá, assim mesmo, só as coisinhas mesmo de uso mesmo.*

(Filha) – Só o fogão.

– Foi o fogão, largou uma roupinha e pronto. O resto ficou lá trancado pra lá.

(Marido) – Aí o trabalho meu quase todo.

– Aí, depois que a gente construiu aqui é que a gente foi trazendo devagarinho as coisas (MARIA ALCINDA, 2016: 428).

O barraquinho da lembrança é o que ficou para trás em Samambaia, "que era nosso", mesmo que o lote não fosse, pois o restinho de madeira da invasão foi todo deixado lá, "nós deixamos tudo lá". A entrevistada Maria Alcinda salta nesse ponto da narrativa para a construção da casa para onde as coisas são trazidas "devagarinho", pois a invasão também é deixada para trás nos recantos da memória, é uma experiência que não merece ser lembrada na perspectiva dessa moradora.

Anteriormente, em seu contar, no entanto, a moradora detalhou o início da ocupação sob a lona, assim como as dificuldades iniciais para construir a casa de alvenaria que receberia suas coisas nesse espaço de morar. Embora não fosse uma habitação muito diferente daquela deixada na invasão, as "madeirinhas", os "pauzinhos", as "lonas, pra enrolar" no seu lote são lembradas e significadas como um espaço de morar, uma casa onde os filhos ficavam e para onde todos retornavam. A moradora narra assim esse processo:

Já tava aradado, só tava os troncos dos eucaliptos, mas aí não precisou mais a gente é, só mesmo, é, arrumar umas madeirinhas, uns pauzinhos, pra poder comprar as lonas, pra enrolar, pra poder ficar dentro pra ir trabalhar, se a gente trabalhar, os fios ficavam em casa e a gente tinha que trabalhar, aí passei uns seis meses, não foi Er? Debaixo da lona, aí enrolada de lona aí, ia trabalhar, pedia a Deus pra chegar logo em casa, porque menino já sabe, né? Ficava sozinho em casa, muito preocupada, é, não tinha é sossego, enquanto não chegava em casa pra não ver de tava todo mundo bem. Não tinha água na época, não tinha luz, não tinha nada (MARIA ALCINDA, 2016: 417).

No contar esse período de alguns meses "enrolada de lona", preocupada com os filhos sempre que saía para trabalhar, o precário espaço de morar se mistura, se confunde e se define por tudo aquilo que não tinha, por um recanto que "não tinha nada". Dessa forma, depois de uma espera de muitos anos, que finda no outro dia, passa por esses seis meses e vai dando lugar às telhas, às madeiras, enfim, ao processo de construir um espaço para "ficar dentro". Na narrativa dessa moradora:

– Aí, como a gente esperou muitos anos pra receber, eu digo "ave Maria", se fazer isso né, "vamos ficar logo aqui", aí ficamos. Aí, no outro dia, fui trabalhar, meu esposo foi comprar as lonas, umas madeiras pra poder fazer o cercadinho pra poder ficar dentro, porque se não o pessoal tomava conta.

– A senhora falou que vocês ficaram seis meses debaixo, com a lona?

– Foi. Da lona.

– Depois passou pro que?

– Aí, depois, aí, a gente foi arru... As telhas, as madeiras e a gente, ele foi construindo devagarinho, devagarinho, aí foi.

– O senhor mesmo que foi fazendo tudo?

(Marido) – Foi.

– *Sozinho e Deus. Não tinha com quem esperar, nem pagar ninguém, porque não tinha condição né. Aí, ficava trabalhando aqui sozinho, ia trabalhar pra poder comprar as coisas pras crianças comer.*
– *E foi fazendo de pouquinho em pouquinho?*
– *Foi fazendo de pouquinho em pouquinho, de pouquinho quanto é que dava, um mês fazia de todo, um mês não fazia nada, entendeu? Deus abençoou, não tá ainda do jeito que eu queria não, mas tá melhor do que eu pagando aluguel. Do jeito que tá aluguel, muito caro (MARIA ALCINDA, 2016: 418).*

Embora a casa não estivesse como a moradora queria, como sempre é ressaltado na narrativa, "tá melhor do que eu pagando aluguel". Devagarinho, ela vai contando como "devagarinho, devagarinho" o marido Deusmar vai construindo sozinho, como pode, mesmo sem terem condições necessárias ou ajuda, ora fazendo, ora não, enquanto a esposa trabalhava fora de casa para alimentar a família. Aos poucos, o espaço de morar vai sendo construído no Recanto das Emas e na narrativa até tornar-se "seu lugarzinho". Assim como Maria João, a entrevistada Maria Alcinda lembra-se da planta da casa, símbolo de um espaço de morar ideal, que era do "jeito que era pra fazer", mas que é contraposto ao que pôde ser feito. O espaço de morar mistura-se assim às vicissitudes da vida de suas moradoras, conforme narra essa senhora:

Não fizemos do jeito que era pra fazer, porque, na época, ficou muito, é, só eu trabalhando na época, ele desempregado na época, aí ficava muito difícil né, pra fazer do jeito que era pra fazer, aí a gente fez do jeito que a gente pode fazer, porque se fosse pelo jeito que era pra fazer, era melhor né, mas como a gente não teve condição, a gente fez do jeito que pode (MARIA ALCINDA, 2016: 419).

Um espaço de morar feito "do jeito que a gente podia fazer". Um espaço de morar em que a fé alimenta o sonho de que um dia será o ideal, pois "com fé em Deus, um dia eu faço do jeito que eu quero, vou terminar minha casinha" (MARIA ALCINDA, 2016: 419). Trata-se de um eterno fazer que é o espaço de morar, mesmo quando não se pode fazer, mas se aguarda pela providência divina para atender tal desejo, que o Estado não atende. Um espaço de morar que mesmo não sendo o melhor, o ideal, porque está por terminar, ainda assim marca a libertação de uma obrigação de vinte anos, que não são vinte dias, são uma vida de incertezas com o aluguel. Vida essa de incertezas que retorna para aqueles que arriscam vender "seu lugarzinho". É nesse inacabado espaço de morar, portanto, que Maria Alcinda pretende acabar seus dias, já tendo avisado o marido e os filhos que dali ela não sai mais. Observo aqui a dimensão de provisoriedade dessa moradora, seu sempre por fazer, seus sonhos e limites que se misturam em constante operacionalidade, como é contado por Maria Alcinda:

Oxe. Meu marido chegou um dia "marido, vambora trocar a casa em outra casa num sei aonde", eu digo "pode ir, eu não vou não. Pode ir sozinho pra lá, pra outra casa". Já falei pros meninos, daqui eu só saio só se for pro cemitério, não saio. Passar vinte anos pagando aluguel não é vinte dias não, aí quando você ganhar seu pedacinho de chão, pra vender, pra, não. Eu conheço

gente aí que vendeu o seu lugarzinho disse pra comprar outro em tal lugar, tá sofrendo de aluguel pra cima e pra baixo, pra cima e pra baixo (MARIA ALCINDA, 2016: 437).

Ao longo da narrativa, esse limitado espaço de morar abriga também o sonho sem limites, a esperança de um terminar do jeito que a moradora sonhou. Assim, tudo que ainda pode ser se contrapõe à uma errância incerta, "pra cima e pra baixo, pra cima e pra baixo" que atingiu tantos, inclusive ela mesma por vinte anos. Um espaço de morar que se aproxima e se afasta do espaço de morar da moradora Arlete. Assim como Maria Alcinda, Arlete também recebe seu lote na quadra 204 do Recanto das Emas. De acordo com essa moradora:

Quando nós mudamos pra lá, nós começamos a amizade. Foi a primeira amizade foi ela. Nós éramos de fundo uma com a outra. E os filhos, menininhos, tudo de um tamanho só e todo mundo batalhando, né, pra sobreviver, aí, ficamos amigos. Aí, se tornamos uma família só (ARLETE, 2016: 500).

Essa vivência e proximidade física dos espaços de morar uniu as famílias, tendo a filha de Arlete se casado com o filho de Maria Alcinda, "se tornamos uma família só", de modo que essas duas moradoras tem netas e netos em comum. Essa primeira amizade entre as moradoras, essa proximidade física do "nós éramos de fundo uma com a outra", que se torna uma proximidade afetiva de ser uma família só, permite a Arlete acompanhar a estruturação do espaço de morar da amiga. A moradora conta que "porque os que eu conheço, todo mundo fez assim, barraquinho, igual aqui, fez por conta própria, igual a Maria lá, começou fazendo o barraquinho, foi crescendo aos poucos, aí, fez a casinha, mas fez sem planta mesmo" (ARLETE, 2016: 508). Dessa forma, ela narra duas possibilidades de início para os espaços de morar, o barraquinho ou o fazer a casa por conta própria, mas ambos logo conduzem a um mesmo processo, um "crescendo aos poucos" que leva até a casinha.

As moradoras Maria João e Dasdores narram seus espaços de morar que começam como barraquinhos. Maria das Benções começa sua narrativa sobre esse espaço de morar como a casa de pré-moldados e Maria Alcinda narra seu espaço de morar feito por conta própria. Os espaços de morar de todas essas Marias vão "crescendo aos poucos" no sentido da casinha, tal como conta Arlete. Para ela, esse processo resume a construção e o desenvolvimento dos espaços de morar ali e em todo o Recanto das Emas.

É interessante observar como na narrativa de Maria Alcinda e do marido, há pouco espaço para os que passaram por barraquinhos na quadra 204. Apenas com o questionamento da nora, filha da senhora Arlete, a questão é relativizada. Esse momento é significativo para termos em mente a busca específica da memória pela verdade que

Ricoeur chama de fidelidade (Cf. RICOEUR, 2012: 70), assim como a questão das disputas entre memórias de que trata Michael Pollak (Cf. POLLAK, 1989: 4). Nesse trecho da entrevista, há o seguinte debate:

(Eu) – Aqui já é mais antigo, é tudo alvenaria já? Não tem mais barraco aqui não?
– É. Uhum. Tem mais não.
(Filha) – Não. Tem não.
– Pra cá, que eu visse, não tem mais não.
(Filha) – Tem mais não.
(Marido) – Nunca teve barraco de madeira aqui nesse...
– Pior, né Deusmar?
(Marido) – Nesse loteamento.
(Filha) – Acho que quando começaram a construir...
– Começaram a construir já foi logo de tijolo mesmo, aqui não teve isso mesmo. Quando começaram...
(Nora) – O que é, dona Maria?
– É, barraco de madeira, minha filha.
(Nora) – Teve, dona Maria.
– Qual?
(Marido) – Muito pouco.
– Muito pouco.
(Nora) – Aqui teve muitos.
– Mas foi pouco, minha filha.
(Nora) – O da minha mãe, da dona Luana...
– Mas foi pouco, minha filha. Eu tô falando assim, porque ele tá perguntando assim, se ainda acha ainda por aí, não acha mais não (MARIA ALCINDA, 2016: 444).

A partir da afirmação do marido Deusmar, a moradora Maria Alcinda e a filha constroem na narrativa que "foi logo de tijolo mesmo", o que vale para todo o loteamento. Apenas após a intervenção da nora, passa-se a narrar a existência de barracos de madeira, mas como "muito pouco". Recuando-se a silenciar as lembranças da própria experiência, a nora busca quebrar a invisibilidade dos barracos de madeira na narrativa que era ali construída, ressaltando a lembrança dos barracos de algumas moradoras. Todavia, Maria Alcinda encerra a questão retornando à minha pergunta inicial e não dando muito espaço para a experiência da antiga vizinha dos fundos.

Ao analisar de maneira crítica essa disputa de memórias, no entanto, não interessa esvaziar essa tensão em uma questão simplista que opõe verdade de um lado e mentira de outro. Todas essas memórias são marcadas por subjetividades, interesses e essa fidelidade apontada por Ricoeur. A questão é mais complexa ao tratar essas memórias como construtoras de um real, já que não há como resgatar o passado. Afinal, como define Jacy Seixas, "a memória, portanto, constrói o real, muito mais do que o resgata" (SEIXAS, 2004: 51). Para essa autora, interpelada pela noção proustiana de uma memória construtivista, historiadoras e historiadores devem perceber que "a memória age 'tecendo' fios entre os seres, os lugares, os acontecimentos (tornando alguns mais densos

em relação a outros), mais do que recuperando-os, resgatando-os ou descrevendo-os como 'realmente' aconteceram" (SEIXAS, 2004: 51). O que Maria Alcinda e seu marido Deusmar dão a ver e ler sobre a formação da quadra 204 do Recanto das Emas, bem como o que é lembrado pela nora, são reconstruções do passado desse espaço que não se anulam, nem se excluem, apesar das disputas. Pelo contrário, pois essa tensão faz falar muitas vozes e amplia assim as possibilidades de visibilidade e leitura do Recanto das Emas.

Em sua narrativa, a vizinha Arlete trata o processo de crescimento de seu espaço de morar a partir da própria experiência em um barraquinho na quadra 204, ainda que o "aqui" em o "barraquinho, igual aqui", contado anteriormente, seja na quadra 510, local da entrevista. Mais uma vez, trata-se de processo que se inicia antes mesmo desse barraquinho, pois, assim como a vizinha Maria Alcinda, é preciso ocupar o lote para evitar que fosse invadido. Essa chegada ao lote é assim narrada por Arlete:

Ah, eu lembro, da 204, era cerrado, assim, tinham limpado, né, tinha aquele monte de pau ainda, era madeira pra todo o lado, queimado. Eles falam assim "ah, seu lote é aqui", mas você olha e não via nada, né. Então, era só estampado, "mas aonde?" Aí, tinha um fiscal que entregava a gente, media, tava tudo medido, né, "ó, é aqui, só que vocês tem que decifrar onde que é, vocês tem que marcar quando vocês voltar pra ocupar vocês saberem onde é". Porque tava as ruas, mas como a gente não conhecia o lugar que era, não tinha nada, né? Então, a gente marcou. Aí, eu também não, por necessidade, é, ganhei como hoje à tarde lá no IDHAB e como amanhã já mudei, já fiz um barraco, passei dentro, já trouxe com tudo (ARLETE, 2016: 491).

No meio daquele cerrado que já havia sido limpo, mal se podia perceber o lote de acordo com a moradora. O fiscal que indica a localização do lote já alertava que era preciso "decifrar" os sinais e colocar ali marcas para encontrá-lo. A necessidade acelera o processo de ocupação, passa-se logo dentro nesse contar o canto e o "já fiz um barraco", corta na narrativa esse lugar até então estranho. É a maneira de fazer seu espaço de morar em um lugar que antes era como a rua, esse lugar que "não tinha nada, né?"

Na narrativa dessa moradora, esse não ter nada vai sendo ocupado pelo espaço de morar dela e das outras pessoas que iam se dirigindo com seus recantos ao Recanto das Emas. Ela conta que apesar de todas as dificuldades existentes, era um processo a ser valorizado, pois ela lembra que "então, era bom, era assim, não era bonito, porque não tinha nada, mas logo logo também foi barraquinho prum lado, casa pro outro, pra outro e rapidinho o Recanto... Evoluiu" (ARLETE, 2016: 492). O que a palavra evolução condensa, o que se conta como "rapidinho", pode ser dilatado na narrativa em vivências de um longo tempo, "eu passei na 204, uns... Uns dez anos" (ARLETE, 2016: 492). Nesse período, as primeiras marcações, feitas em condições precárias, vão dando

lugar ao cercamento do lote, que Arlete consegue com um vizinho que quase perdera o lote. Ela o ajuda, através de seu contato com o fiscal, conforme é narrado pela própria moradora:

– Não, uai, o prazo, o prazo máximo é noventa dias, já tá em seis meses, você perdeu". Aí, o homem começou a chorar. Aí, eu falei "não, moço, entrega o lote pra ele. É pai de família também, não sabia". Aí, eu entendi o lado dele, porque lá no dia ele não entendeu direito, né. Ele olhou assim e falou assim "ó, você agradece né o Roriz não, vai é agradecer é ela, viu. E é por causa desses menininhos".

– Aí ele sensibilizou?

– Aí, ele sensibilizou, que eu pedi, ele falou "ó, você agradeça o Roriz não, você agradeça ela aqui". Aí, ele assinou pra ele. Aí, ele falou assim "a senhora aceita eu cercar o meu lote pegando o lote da senhora?" Eu falei "aceito", porque, na época, nós cercamos de arame, não tínhamos condições, né, o importante era estar sinalizado. Aí, ele cercou, o dele lá junto com o meu. Aí, botamos um portãozinho, só tinha um portãozinho, era um portão só, só a entrada (ARLETE, 2016: 498).

O arame inicial dá lugar a uma cerca que inclui até mesmo um portãozinho, pois o importante não é mais apenas sinalizar, mas proteger aquele espaço e marcar a mudança. A diferença entre o ter e não ter um portãozinho é explicitada em outro momento da narrativa de Arlete, adensando o valor dessa pequena transição, ainda que também seja um resumo da simplicidade de seu barraquinho como espaço de morar. Tais questões são narradas por ela nos seguintes termos:

Hoje em dia, você ver, a gente tá aqui, toda hora tá "entra pra dentro, fecha o portão, entra pra dentro", e lá não tinha portão, a gente morava num barraquinho de dois cômodos, né, e eles moravam é na rua, ali, no meio da rua, porque não tinha, onde sair de dentro do barraquinho era rua, né (ARLETE, 2016: 504).

Um barraquinho de dois cômodos que, sem um portão, era como viver na rua, "no meio da rua", como ela conta. O portão simboliza na narrativa desse moradora, portanto, a separação difícil entre dentro e fora, privado e público, espaço de morar e rua, como já era no início em que nem mesmo se conhecia o lugar. Me parece possível ver em tal representação o mesmo sentido dado a ver e a ler na narrativa de Dasdores, haja vista sua meta de passar da grade para o muro. O arranjos e astúcias de Arlete também são narrados como importantes para que seu espaço de morar vá passando do barraquinho a um barraco de fundos. Este é conquistado através de um acordo com um conhecido e também serve como símbolo de uma evolução na história do seu recanto, que é contada pela moradora:

No barraquinho. Aí, depois, veio um rapaz lá, um conhecido da gente lá da Samambaia, que ele propôs pra mim, que é ele fazer um barraco de fundo e fazer um ponto de supermercado na frente pra ele. Pra ele morar por cinco anos. Aí, eu trabalhava na casa de uma senhora, que ela trabalhava numa imobiliária, aí, ela falou "não, não faz com cinco anos que você perde, você perde o direito do seu lote, você faz com quatro". Aí, eu fiz, ele fez um barraquinho pra mim nos fundos e fez na frente. Aí, eu arrumei um casamento

lá, o homem tinha pouco juízo, não gostava muito de trabalhar, só não era bandido, graças a Deus, mas... Ficava em casa mais com os meninos e eu ralando, o dinheiro não dava pra gente melhorar e tinha que fazer as coisas. Aí, eu decidi "não, vamos vender aqui e vamos pra lá". Não é que aqui é melhor, aqui, é bom também, em todo lugar que é seu é bom, né, mas todo mundo prefere morar no centro do que, né, mais pro final (ARLETE, 2016: 492).

No entanto, a ideia de evolução inicial narrada por Arlete, do primeiro barraquinho para esse barraco de fundo – que divide o lote com esse ponto de supermercado, onde o conhecido irá morar por quatro anos e não cinco, como alertara a patroa funcionária de imobiliária – logo é interrompida. A imagem do marido que não trabalha, que "só não era bandido", emperra o que ela contava como um avanço na narrativa de sua história. Dessa forma, mesmo ralando, a moradora pontua que como o dinheiro não dava para cobrir as despesas, ela, então, decidiu se mudar, mesmo que preferisse "morar no centro, né, do que mais pro final". Razão essa que motivara sua escolha pelo Recanto das Emas no princípio, quando de sua chegada. E assim, diante da impossibilidade de melhorar naquele canto, o espaço de morar de Arlete muda de canto no Recanto. Mudança que ela narra da seguinte forma:

Aí, ganhei na 204, aí, trabalhava, só dava pra, pra comprar comida, na marra, pros meninos, não dava pra pagar, é, IPTU, as despesas dele. Aí, com o tempo, eu vendi lá, porque eu não tinha condições de construir. Aí, eu digo, "vou vender aqui e comprar mais embaixo já construído, né". Era mais fácil botar meus filhos debaixo de um teto (ARLETE, 2016: 491).

O dinheiro que não dava ganha contornos nítidos na referência à comida essencial, que só era comprada na marra, ao IPTU, às despesas do lar, à impossibilidade de construir e fazer daquele barraco uma casa. Para poder "botar meus filhos embaixo de um teto", Arlete deixa seu barraco e alguns de seus sonhos na 204, muda-se para a quadra mais afastada do centro, a 510, onde é possível comprar um espaço de morar já mais estruturado, mas localizado em um ponto menos valorizado do Recanto das Emas. Essa casa recebe a moradora, suas filhas e filhos, suas netas e netos. Além disso, retoma-se, na narrativa, a evolução do espaço de morar, que conforme ela lembra e constrói, "tava só, só no reboco, né. Aí, colocamos cerâmica, terminamos. Eu fiz esse barraquinho aqui do lado, que era pra ela, eu vim morar aqui com meus outros, que eu tava com dois meninos, né" (ARLETE, 2016: 493).

É interessante destacar, que além dessa mudança para um novo endereço dentro da mesma cidade, Arlete faz outra para fora do Recanto, numa vivência com muita itinerância. Assim é que alguns anos depois de se mudar da quadra 204 para a quadra 510, ela se muda do Recanto das Emas para o interior de Minas Gerais, onde reside

atualmente. Seu espaço de morar, no entanto, de acordo com sua narrativa, permanece na cidade do Recanto das Emas:

Eu fui passear lá e gostei. Lá é gostoso também. Só que vai indo com o tempo, a gente tem saudade de um lugarzinho da gente, né. Porque eu considero o Recanto, como meu, minha origem mesmo como se fosse daqui, porque eu sou baiana, mas eu já convivi mais tempo aqui do que na Bahia, né. Então, quando, eu tava falando com meu esposo na hora que nós vinha, quando eu entro no território de Brasília, já me sinto em casa. Eu falo "ah", já sinto "ah, parece que já tô em casa" (ARLETE, 2016: 494).

Ainda que seja um lugar gostoso, a cidade onde ela vai passear para visitar a ex-sogra, em que o filho caçula tanto gosta de morar e onde o atual marido trabalha, não é o "lugarzinho da gente". Para Arlete, é o Recanto das Emas que conta como seu lugar, como sua origem, onde viveu a maior parte de sua vida, é onde se sente em casa. É nesse recanto que ela conta que está em seu espaço de morar. Dessa forma, a ideia dela é logo retornar ao Recanto das Emas, já pensando inclusive em não voltar para Minas Gerais, já que "nem sei se eu ainda vou voltar pra lá. Eu tenho, eu venho embora, porque lá também as coisas tão, tão difíceis, ficou mais difícil, né" (ARLETE, 2016: 507). Esse movimento de retorno ao seu espaço de morar alimenta sonhos nesse perpétuo fazer da casa, em que "meu sonho, o meu sonho, é, fazer uma estrutura nela aqui, fazer igual a ela, como se tem que botar uns tubolões, bater uma laje, fazer uns quartos lá em cima, porque é muito menino. E, mesmo que não teja eu aqui, mas eu tenho esse sonho de fazer isso" (ARLETE, 2016: 508). Um sonho que perpassa seu espaço de morar, que adensa seus significados, confere estabilidade e identidade para sua família que cresce, mesmo se ela não estiver por ali.

Essa inconstância entre retornar ou não ao seu canto, no entanto, não desfaz os laços que ligam Arlete ao seu espaço de morar no Recanto das Emas. Esse espaço ainda é um refúgio para a vida que "ficou mais difícil" em Minas. Nesse "sonho de fazer", há esse interesse pelo espaço, esse "queria não, ainda pretendo" que impulsiona os fazeres concretos e as sensibilidades que os envolvem, essa "minha esperança ainda". Dessa forma, os sonhos dessa moradora ainda a conduzem à quadra 204, que acaba especificada em sua narrativa como a sua origem primeira, conforme ela conta:

– E o Recanto, eu, eu amo o Recanto. É tanta coisa demais, eu gosto, eu gosto do Recanto mesmo. A Valéria tá de prova, um dia, ela falou "ah, eu queria ter um dinheiro, eu ia comprar uma casa no Lago¹¹⁵, tal". "Minha filha, se eu tivesse dinheiro, se eu arrumar um dinheiro, minha esperança ainda, é de sair daqui, mas ir voltar lá de onde eu vim, 204, entendeu?" Eu gosto. Eu gosto de lá.

– A senhora até mudava, mas ia ficar dentro do Recanto?

– Mudava, mas eu queria dentro do Recanto.

¹¹⁵ Referência ao Lago Sul, região nobre do DF. Essa RA foi desmembrada da RA I de Brasília em 1994.

- Entendi.
- Entendeu. Eu queria dentro do Recanto.
- E pra voltar lá pra quadra lá do começo?
- Lá pra do início, pra lá. Aí, eu queria. Queria não, ainda pretendo (ARLETE, 2016: 514).

Mesmo com todo o sofrimento experimentado e narrado a partir de suas lembranças, Arlete não deixa de amar o Recanto. Um sentimento que ela pode provar, através de um diálogo lembrado com a filha e que dá a ver e a ler o desejo de voltar "lá de onde eu vim", a quadra 204, pois "eu gosto de lá". Esse espaço que era marcado pela falta de condições de construir, pelo tanto que não tinha, pelo vizinho policial truculento, pelo mercado na frente, pelo marido que "só não era bandido", é construído em posição de centralidade no espaço de morar na narrativa dessa entrevistada.

Esse tempo do "não tinha" marca as narrativas das moradoras e continua surgindo em outros começos das vivências no Recanto das Emas. Houve o tempo do "não tinha" na quadra 309, na 115, na 308, na 204, mas também na quadra 603. Com efeito, como conta Maria Joana: "no começo aqui foi muita luta, muita batalha, não tinha água, não tinha luz, não tinha asfalto, não tinha nada. Só alguns barraquinhos, aí, a gente tinha que, é, vivia atrás da água dos carros-pipa né, trazia as águas para nós" (MARIA JOANA, 2016: 392). Apenas as imagens dos barraquinhos são acionadas pela memória de um tempo que "não tinha nada" como símbolos dessa luta. Um espaço que é contado pela moradora, cujo horizonte é ter um "lugarzinho de morar", mesmo diante da resistência do filho e da possibilidade da venda, obstáculos que só serviram para reafirmar a vontade de morar no que é seu, como ela relata:

Aí, depois que eu ganhei, aí o que que ele fez? Ele fez isso aqui ó, para eu vender, na época era três mil só o terreno, três mil naquela época e ele queria que eu vendesse, eu disse "eu não vou vender", eu falei pra ele "no dia que Deus me abençoasse, que eu ganhasse um lugarzinho de morar, ou debaixo de chuva, ou debaixo do sol, debaixo do tempo, eu ia morar no que era meu, o que Deus me der, eu vou morar" (MARIA JOANA, 2016: 403).

Esse "lugarzinho de morar" é visto como uma benção do céus, que nem a chuva, nem o sol, nem o tempo hão de impedir. Um espaço de onde não se sai mais, um espaço de morar feito da luta, do correr atrás, com a solidariedade de vizinhos que ajudam como podem. Ajudam como faria uma família, como ajudou a família de Maria João, derrubando morros e sujando os pés no barro, ou como ajudou o enteado de Maria das Benções, colocando os pré-moldados e as telhas. Aqui também, ela conta um "quartinho do tamanho de um banheiro" como espaço de morar, ainda que provisório, para garantir a posse do lote. Esse barraquinho contrapõe-se à moradia incerta e de favor em Brazlândia. Maria Joana narra que:

O povo lá reuniu, é, lá onde eu morava lá o pessoal lá todo é um bocado de irmão, uma família grande, aí não cobraram o frete, cada um ajudou com uma madeira, cada um ajudou com um arame pra cercar, ajudou com uma telha, com um maderite e reuniu, o pessoal ajudou lá e acabaram, os meninos trouxeram pra cá e eu fiz um quartinho do tamanho de um banheiro e vim só com a cara e a coragem, só eu e Deus (MARIA JOANA, 2016: 395).

Se a moradora sublinha sua condição de mulher que veio acompanhada apenas de Deus – esse Deus tão presente no imaginário e nas lembranças dessas moradoras –, não deixa, porém, de destacar a solidariedade que começou com um frete grátis, uma madeira, um arame, uma telha ou um maderite. Assim, ela vai montando o seu barracinho ao narrar, ao mesmo tempo que decompõe seus elementos básicos na narrativa. E a solidariedade continua até mesmo numa gambiarra na nova vizinhança que se forma. Nesse novo cantinho, um barracinho se apoia no outro, enquanto ia sendo construído, enfrentando os riscos de assaltos e invasões, as dificuldades dos poucos recursos. É um tempo do "não tinha", que vai sendo preenchido com o que ela conta:

Eu ganhei o meu cantinho, os meninos arrumaram, rapidinho fizeram meu barracinho, eu caí dentro, não saí mais não. Mas eu fui assaltada, eu fui, invadiram o meu cantinho, viu. Mas aí, assim que Deus abençoou, que eu fui construir meu cantinho lá, o vizinho dos fundos também já fez o barracinho e já mudaram pra lá. Eu consegui a luz até numa gambiarra do vizinho, viu (MARIA JOANA, 2016: 403).

Embora narre a benção de Deus e que "eu caí dentro", irrompe a invasão do cantinho dela. Mesmo se ela lembra que dele "não saí mais não", existem as idas e vindas do trabalho que a afastam daquele espaço de morar. Era preciso sempre voltar para garantir a posse do lote, por mais que isso fosse uma luta extenuante. Era preciso trabalhar, deslocar-se para o Núcleo Bandeirante, Brazlândia ou o Plano Piloto, retornando, às vezes, quando nem era possível chegar devido às chuvas e aos perigos da noite. Maria Joana conta como chegou "a ficar tão ruim, tão cansada" nessa jornada pendular entre o trabalho e seu espaço de morar:

E eu continuei trabalhando de diarista no Núcleo Bandeirante, no Plano e lá na chácara mesmo. Eu trabalhava durante o dia lá e de noite eu vinha pra casa. Tinha vezes que eu era obrigada a arrumar um cantinho e passar a noite lá, porque às vezes tava chovendo, às vezes tava muito tarde, que é perigoso pra vir à noite e muitas vezes eu saí, quando eu não saía de lá debaixo de chuva, chegava aqui na época de chuva, porque naquela época chovia muito, chegava aqui debaixo de toró de chuva. Eu cheguei a ponto de ficar tão ruim, tão cansada, que eu não, cheguei queimando de febre, queimando de dor, cheguei na porta da minha casa, não aguentei entrar pra dentro, as vizinhas que abriram a porta, fizeram um chá, me deram e eu deitei. No outro dia, foi que Deus, graças a Deus, cortou a febre, aliviou mais a dor e eu melhorei (MARIA JOANA, 2016: 397).

A moradora "queimando de febre, queimando de dor" na porta de seu barracinho, que era "minha casa", sem força e saúde para entrar traduz o sentimento de exaustão, cansaço, desamparo de Maria Joana. Em sua lembrança, são as vizinhas que a

socorrem e Deus quem a ampara. Essa imagem reverbera o limite máximo daquilo que a palavra luta vai pontuando como as contas de um rosário ao longo de toda a narrativa sobre a construção do espaço de morar. As palavras vão se encadeando para incluir e excluir, adensar e cortar o que a memória (re)constrói sobre esse tempo. Narrar essas lutas passadas, que duraram "muito tempo mesmo", não deixa de ser uma luta presente, um fazer, no sentido proposto por Ricoeur, de que "lembrar-se é não somente acolher, receber uma imagem do passado, como também buscá-la, 'fazer' alguma coisa. O verbo 'lembrar-se' faz par com o substantivo 'lembrança'. O que esse verbo designa é o fato de que a memória é 'exercitada'" (RICOEUR, 2012: 71). Esse tempo vasto como um oceano, que é acelerado pela "gente" que vai aumentando, que é cortado por instalações da água, do banheiro, nesse recanto que foi lutado e agora é contado, nesse exercício de memória:

Foi nessa luta aí, não tinha asfalto, não tinha água, não tinha rua, não tinha nada, casa? Tinha algumas casas, podia contar as casinhas que tinha, era bem pouquinho, viu. Aí, fui lutando, lutando, foi aumentando gente, aumentando gente, até que Deus, graças a Deus, aí veio a instalação da água, ah, o banheiro era esgoto né, os lá de fora assim tinham um buracão fundo, que furou pra poder coisar o banheiro, a instalação do banheiro. Aí depois, fizeram os esgotos né, fizeram a encanção da água, viu, mas foi luta, foi luta, foi, não, foi muito tempo, pouco tempo não, foi muito tempo mesmo (MARIA JOANA, 2016: 404).

Se Deus está presente em toda esta luta, presença constante na narrativa, também o esforço das moradoras é explicitado nesse narrar da luta pelo espaço de morar. A cada momento dessa narrativa, o Recanto das Emas é mais o "meu canto" de Maria Joana, pois "já foi muito tempo mesmo". Um refúgio que reúne suas esperanças e suas ações em torno de seu projeto de ter um espaço de morar. É onde pretende, enfim, ter o merecido descanso dessa luta, desse "quebrar a cabeça no mundo", como ela conta:

Aí, graças a Deus, tá bom demais, água encanada dentro de casa, é, tem esgoto, tem tudo agora, agora, eu nunca tive vida boa igual eu tenho agora, porque depois de tanto quebrar cabeça no mundo e, graças a Deus, agora eu tenho meu canto. Eu vou é pra descansar o resto dos dias, de vida que Deus me der (MARIA JOANA, 2016: 410).

Contrapondo o tempo do não tinha do começo, a moradora narra que vive o tempo que "tem tudo agora". Os signos dessa vida boa são a água dentro de casa e o esgoto, é também o descanso, imagem que remete, por oposição, às carências e ao correr atrás de seu espaço de morar. Se antes nada havia, agora "tá bom demais" e por isso ela pretende ficar pelo resto da vida que Deus lhe der. Se "descansar o resto dos dias" nesse espaço de morar ecoa nas narrativas de muitas das moradoras entrevistadas, existem aquelas que não se prendem a esse lugar como seu espaço de morar definitivo, como parece ser o caso da moradora Maria Clara.

Em sua narrativa, a invasão não é expulsa da representação de seu espaço de morar, como ocorreu na narrativa de Maria Alcinda. No que conta Maria Clara, a invasão ocupa uma posição central em sua relação com a cidade do Recanto das Emas. Para essa moradora, apesar de ser lembrada e contada como uma solução indesejada e perigosa, a invasão – indicada por uma pessoa do IDHAB –, tornou-se, porém, a alternativa possível ao morar de favor em Brazlândia e ao "sair pra um, pra outras não" da cooperativa habitacional frequentada por ela no Riacho Fundo 2. De acordo com a narrativa dessa moradora:

– Aí, tinha uma no Riacho Fundo 2, eu vim, nós ainda fez, ah, passaram a noite, né, em vigília, aí, eu vi aqui, pensei "hmmm, isso é uma história. Esse trem não vai sair". Saía pra um, pra outras não. Aí, surgiu uma invasão no Recanto, eu, ali perto do Euro...

(Filha) – Na 400.

– Na 400. Eu peguei "ah, é aqui mesmo". Aí, tava morando de favor na casa de um senhor e cuidando dele, lá em Brazlândia, numa chácara. Aí, me arrisquei, falei "seja tudo que Deus quiser" (MARIA CLARA, 2017: 516).

Mesmo que não seja silenciada, a invasão não é valorizada como um espaço de morar, embora seja aceita pela narradora. Se a moradora queria o que Deus quisesse isso ou não, ela conta que a invasão é o espaço para onde não se quer levar a filha, por ser "muito perigoso", é o espaço onde "a gente pulava por cima de defunto", onde podia não se "encontrar nada dentro de casa". Mas ela conta também que essa já era uma casa, mesmo que Maria Clara só viesse aos finais de semana durante dois anos e meio. Ela narra assim essa casa no tempo da invasão:

Aí, teve uma irmã dela lá no Sobradinho, "Maria", e eu não querendo levar ela pra invasão, por causa muito perigoso, né. E eu trabalhando também. Aí, peguei ela, levei lá pra Sobradinho, pra casa dessa amiga e deixei ela lá. Aí, só vinha em casa no final de semana e nada. Passei dois anos nessa invasão, foi sofrimento. Água, luz, ainda peguei, levei uma amiga minha, foi, deu trabalho também. O marido dela ficou cego. Aí, foi esse sofrimento todo, aí, passei dois anos e meio lá nessa invasão, a gente pulava por cima de defunto, inclusive matou até o guarda que era do colégio lá nessa época. Aí, um dia tinha água, outro dia não tinha. Outro dia, era, era, chegava, a gente já chegava pensando "hoje, eu não vou encontrar nada dentro de casa" (MARIA CLARA, 2017: 516).

Essa moradia de Maria Clara, que recebe uma amiga, assim como outra amiga recebeu sua filha em Sobradinho, é contada com as marcas do sofrimento, com o fornecimento de luz e água, que dia tinha, dia não. Esse espaço dado a ver e ler por meio dessas dificuldades lembradas na narrativa, no entanto, logo é cortado para outra área da cidade, com a remoção da invasão, "e aí, foi, né. Aí, foi até que saiu, foi em 2000" (MARIA CLARA, 2017: 517). O lote recebido na quadra 510 significa sair da invasão, mesmo que a nova localidade ainda não tenha água e seja mais afastada, mas o governo

que remove as pessoas da invasão também "pôs tudo", segundo ela. Esse canto é assim contado pela moradora:

– Ele limpou essa área aqui e passou nós. Aí, foi e...

(Filha) – Na época, foi tudo, 500...

– Pôs chafariz, pôs tudo...

(Filha) – 404, 406 e 407.

– Aí, bom, aí, a gente veio pra cá. Aí, pôs, não tinha água, mas eles pôs chafariz, buscavam as águas. Aí, essa aqui, engravi, teve que arrumar um namorado aí, engravidou muito nova, com quinze anos e ganhou com dezesseis e aquilo foi minha revolta (MARIA CLARA, 2017: 517).

Muito embora esse tempo na invasão não seja silenciado pela moradora na narrativa, a presença da filha na invasão é. Apesar dos temores da mãe, seu zelo de enviá-la para Sobradinho num primeiro momento, é possível saber que essa gravidez precoce aos quinze anos acontece em 1998¹¹⁶, portanto, período em que viviam ainda na invasão e que é marcado por mais uma eleição para o governo do DF¹¹⁷. Em outro momento da entrevista, a filha Vanessa deixa claro que é ela quem realiza a mudança quando o barraco é removido da invasão, ainda que, segundo Maria Clara, os lotes só fossem entregues a quem precisava de um lugar para morar:

– É porque eles tavam entregando pras pessoas que queriam morar e tinha gente que recebeu, não morou, tava era vendendo né, passando pra outras pessoas e vendia baratinho, por dois mil na época, era...

(Filha) – O preço de uma carroça e um cavalo.

– Que dinheiro tinha mais valor, aí, dava o lote numa carroça com cavalo e foi assim.

(Eu) – E quando vocês vieram pra cá pra ocupar? Qual foi, a senhora veio, que que a senhora construiu? Já veio pra dormir?

(Filha) – Eu que vim.

– Ela que veio, eu só vim ajudar a trazer as coisas... (MARIA CLARA, 2017: 532).

Embora não seja dito, o ter de trabalhar, o só vir no final de semana, o "vou pro meu trabalho" indicam como a presença da filha foi fundamental para a ocupação do barraco na invasão, assim como para a garantia da posse do lote. Se um lote podia valer o mesmo que uma "carroça com cavalo", nesse tempo em que, segundo ela, o dinheiro tinha mais valor, a crise provocada pela gravidez da filha corta esse lugar, perturba a narrativa de ambas sobre o espaço de morar no Recanto das Emas. A relação com o genro remete aos companheiros exploradores encontrados por Maria Clara no Pará e em Brazlândia. Elas vivem juntas ainda por algum tempo, período que abarca essa passagem da invasão para o lote recebido, com base na análise das tensões no que narra a moradora:

Aí, peguei, abandonei ela, passei uns quinze dias, mais de mês, né? Ela ganhou neném, o médico "dona Maria, sua filha, se a senhora não vir buscar, a

¹¹⁶ Em outro momento da entrevista, a filha Vanessa destaca ter trinta e três anos em 2016.

¹¹⁷ Nessa eleição, concorreram no segundo turno, Cristovam Buarque (coligação PT, PDT, PCdoB, PCB, PSB, PV, PMN, PSN) e Joaquim Roriz (PMDB, PPB, PTdoB, PRONA, PST, PRN, PRP, PSD). Joaquim Roriz foi eleito com 537.753 votos, contra 501.523 de Cristovam Buarque.

senhora não tira ela, que é de menor, ela vai pro", falei "vai pro juizado, na hora de fazer o filho, fez e num..."Querida que ela tasse estudando, não era pra fazer isso. Aí, depois, eu peguei e resolvi, falei "ah, tem que ser eu mesmo, tem que encarar", aí, fui, busquei, trusse, falei "agora se vira, ó, eu vou pro meu trabalho". Aí, morou comigo um tempo, aí, vi que o marido dela não queria nada com nada também, era outro que queria só explorar (MARIA CLARA, 2017: 517).

São tensões que emergem na fala da moradora e permitem perceber algumas possibilidades da convivência entre mãe e filha nessas duas narrativas de um mesmo espaço de morar, dilatando o que Maria Clara tenta cobrir com "morou comigo um tempo". A moradora explicita várias vezes, ao longo de sua narrativa, que ela vivia no seu local de trabalho, por ser empregada doméstica, o que passava pela filha ter de se virar. Isso é perceptível nesse sentimento de insatisfação narrado pela mãe ou na discordância das duas mulheres sobre a duração do barraquinho de madeirite, conforme dialogam ambas:

*(Filha) – Eu vim no outro dia, sete horas, derrubamos o mesmo barraquinho que tinha lá, trouxemos, compramos um pouco mais de madeirite, fizemos um maior aqui. E aí ficou, acho que uns dois anos no madeirite...
– Não, não chegou dois anos não (MARIA CLARA, 2017: 531).*

Esse "fizemos" conjunto entre mãe e filha, no entanto, é separado com a mudança da filha e do genro para o Itapoã, onde receberam um lote e onde Vanessa permanece enquanto dura a relação. Ainda assim, Maria Clara conta como correu atrás, lutou e reuniu o dinheiro necessário para construir a casa onde é realizada a entrevista, que graças a um empréstimo do patrão, um dinheiro juntado e uma herança inesperada recebida de seu pai, pôde ser construída em pouco tempo, "construí rápido". Uma construção que demorou uns dois anos segundo a filha ou "não chegou dois anos não" para ela mesma. Segundo sua narrativa:

Cê ver, eu construí isso aqui, trabalhava em casa de família, ganhava pouco e fiz, saiu, construí rápido. Todo mundo ficava assim, ficava com inveja e até hoje, o pessoal tem inveja, porque era só a gente mulher. Mas sempre eu fui à luta e corri atrás e nunca pedi nada a ninguém, graças a Deus (MARIA CLARA, 2017: 534).

Com tantos auxílios, que ainda assim, ela conta como "nunca pedi nada a ninguém", a moradora destaca, isso sim, a força daquelas mulheres que construíram seu espaço com luta, conflitos, encontros e desencontros, aproximações e distanciamentos, mas sempre correndo atrás. Isso, no entanto, é acompanhado por um novo silêncio, que envolve esse espaço de morar e que apenas é perturbado no final da entrevista. Após um longo silêncio, conta-se um outro canto no Recanto das Emas. Narrar esse canto envolve o atual recanto, onde se dá a entrevista, e destaca como esse espaço de morar é feito pela presença de mãe e filha. De acordo com a narrativa entremeada pelo diálogo entre as duas:

(Eu) – *Aí, desde que você separou dele, você veio morar com sua mãe?*
 (Filha) – *Sim, aí, reformei aqui, que aqui ficou alugado esse tempo todo, minha mãe, ficou alugado. Aí...*
 (Eu) – *Ficou alugado? E a senhora tava onde?*
 (Filha) – *Ela morava em outra casa.*
 – *Eu morava em outra casa.*
 (Eu) – *Pegava o aluguel daqui?*
 (Filha) – *Não, ela não pagava aluguel não. Morava, morava mesmo de favor. O menino deixou ela...*
 – *Trabalhava também, né, ficava mais no serviço do que...*
 (Filha) – *Ela praticamente olhava a casa pra um outro pessoal, aí, ela morava na outra casa.*
 (Eu) – *E era onde essa outra casa?*
 (Filha) – *Aqui, no conjunto 12. Aí, até que eu ainda morei lá um ano, aí, foi quando o pessoal pediu a casa e a gente...*
 (Eu) – *Veio pra cá?*
 (Filha) – *Aí, teve que reformar, porque aqui ficou alugado dez anos. Aí, gastei uma grana pra reformar, reformar, aí, vai fazer dois anos que a gente voltou a morar aqui (MARIA CLARA, 2017: 540).*

Dessa forma, Maria Clara parece ainda tentar evitar o assunto, silenciar sobre essa casa que ela "praticamente olhava" pra outras pessoas, fruto de uma disputa judicial, esquivando-se de maiores comentários. A filha também parece tentar evitar essa lembrança vergonhosa (Cf. POLLAK, 1989: 4) para ambas, que envolvia uma ilegalidade. O silêncio de ambas busca evitar tratar esse arranjo, que permite a Maria Clara alugar a própria casa por dez anos, afinal ela "ficava mais no serviço". Um arranjo de viver nesse outro espaço até então não-dito por ela, onde ela passa dez anos e que não pode mais ser evitado de todo após a menção pela filha na entrevista. Esse silêncio que pode não falar, no entanto, significa muito e me permitiu perceber algumas possibilidades sobre esse espaço para onde não se queria vir, quando da remoção da invasão, que foi alugado após a saída da filha e que só é buscado "quando o pessoal pediu a casa". Um canto que tem de ser reformado para se voltar "a morar aqui". É um espaço de morar esvaziado de vivências dessas moradoras e que, ao longo da narrativa, carece desse fazer constante que conforma o contar o seu recanto. Se não há um massacrante movimento pendular entre um espaço de morar e o trabalho, como contado por Maria Joana e outras moradoras, no entanto, essa rotina de ficar mais no emprego doméstico, de só vir nos finais de semana de Maria Clara, parece diluir o significado desse espaço de morar na memória de sua moradora. Isso se destaca também quando ela indica o interesse em vender essa casa e buscar uma vizinhança mais tranquila, um espaço menos esquecido, conforme ambas contam:

– *Então, não é fácil, a gente até tava até pensando em vender aqui, porque não tá fácil aqui, principalmente aqui pra baixo, né. As coisas aqui não é...*
 (Filha) – *Mais esquecido.*
 – *Mais, muito mais esquecido (MARIA CLARA, 2017: 518).*

Em uma época próxima da mudança de Maria Clara para a quadra 510, também removido de uma invasão, o senhor Antônio recebe seu lote na quadra 508. Ao contrário de Maria Clara e outras moradoras, no entanto, ele havia comprado um lote irregular fora do Recanto das Emas, no Parque Ecológico Saburo Onoyama, em Taguatinga e não havia efetuado a inscrição em programas habitacionais do GDF. Além disso, ele vivia em uma casa nos fundos de um lote em Samambaia, lote esse que pertencia à sua irmã mais velha. Esse foi seu primeiro espaço de morar no DF, onde a família ficou residindo, enquanto ele iniciou a construção da casa no lote que recebeu no Recanto das Emas.

Inicialmente, essa separação entre o espaço de morar, que continua em Samambaia, e a construção da casa no Recanto das Emas é dominante na narrativa desse morador. Tal posição pode ser percebida em sua narrativa acerca do trauma provocado por um assalto no ônibus, ainda em Samambaia, mas à caminho da obra no Recanto, já que "tava na Samambaia, morava na Samambaia. Aí, eu vim, inclusive, eu perdi o primeiro ônibus. Aí, eu passei, voltei em casa, falei pra minha esposa, falei 'ó, arruma o almoço aí, quando for onze horas eu tô em casa'" (ANTÔNIO, 2017: 546).

Esse espaço de morar, essa casa para onde se volta, onde se almoça, no entanto, passa por uma crise que apenas surge perto do fim da entrevista, quando o senhor Antônio conta que "na época que nós morávamos na Samambaia era bem complicado, bem complicado, porque depois, o pessoal dono do lote também quiseram uma parte da frente, quiseram mudar, aí, a gente ficou mais complicado pra gente, entendeu" (ANTÔNIO, 2017: 564). Trata-se de um espaço de morar onde Antônio viveu por quinze anos, mas que tinha outros donos e isso podia complicar as coisas e trazia insegurança à família.

Mesmo que se tratasse de uma irmã – como no caso de Maria Alcinda e de Deusmar, que também tinham um barraco de fundo em um lote do irmão dele em Samambaia –, há uma tensão que, nesse caso, é evitada, não-dita, mas que pode ser percebida nas fissuras e sentidos do que é dito até ser, finalmente, enunciada pelo próprio morador. Tensão que impulsiona Antônio a adquirir um barraco ilegal em uma invasão. É a aquisição desse barraco que permite o recebimento de um lote no Recanto das Emas em pouco tempo e mesmo sem possuir uma inscrição nos órgãos do GDF. Em sua memória, ele não desejava esse novo lote inicialmente, localizado em uma área menos valorizada do que o barraco adquirido em Taguatinga. Daí sua tentativa inicial de vendê-lo, conforme conta Antônio:

Gostava, na época, foi o primeiro lugar que eu morei foi lá. Quando eu vim, é, de mudança, foi pra lá. Então, só na Samambaia, eu morei o que? Quinze anos. Morei quinze anos na Samambaia, então, eu gostava muito de lá. Por isso, que eu tentei vender aqui, mas eu não consegui vender, então (ANTÔNIO, 2017: 565).

O morador justifica a escolha pela venda pelo gostar muito de Samambaia. No entanto, esses laços não o impediram de adquirir o barraco no parque ecológico de Taguatinga. Mais uma vez, como nas memórias narradas por outras moradoras, o que é dito vem acompanhado de um silêncio construído em torno de uma lembrança considerada vergonhosa (Cf. POLLAK, 1989: 4): a ilegalidade na aquisição do lote. Significativamente, o espaço de morar em Samambaia é marcado pelo sentimento de gostar muito, mas também pela complicação de não pertencer a Antônio. É possível que essa moradia tenha sido vivida como própria durante algum tempo, até que a irmã resolveu se mudar de volta e também viver no lote de Samambaia. Se essa situação de provisoriedade desestabilizou o morar de quem habitava aquele espaço, também dá a ler e a ver o que era buscado a partir da decisão de construir no lote que Antônio quis vender, mas que acabou aceitando. Um espaço que passou de "tava construindo aqui ainda" para "eu já morava aqui" na narrativa dessas referências traumáticas dos acidentes. No narrar do morador:

– Ó, aconteceu dois acidentes bem graves comigo. O primeiro, fui vítima de disparo de arma de fogo num assalto dentro do ônibus. Eu vindo pra cá, foi a época que eu tava construindo aqui e eu tava vindo pra cá e entrou uns assaltantes dentro do ônibus, dentro do ônibus e... Porque eu não sei, eles vieram pra cima de mim e o cara me deu um tiro à queima-roupa, foi porque desse tiro, eu fiquei cinco dias em coma. Entendeu? E o outro acidente, eu caí dentro do ônibus também, fiquei três meses internado, quebrou costela, perfurou pulmão, lesionou meu baco, fiquei daquele jeito, entendeu.

– Nossa. E as duas vezes vindo do trabalho pra casa?

– A segunda vez que eu caí dentro do ônibus, eu tava vindo do trabalho, pra cá, eu já morava aqui.

– Entendi. A primeira ainda tava construindo?

– A primeira eu tava construindo aqui ainda.

– Entendi. Mas quando o senhor ganhou era só o lote?

– Só o lote. Era só o lote, não tinha nada (ANTÔNIO, 2017: 544).

Esse trauma do tiro à queima-roupa paralisa a construção da casa que vinha sendo erguida pelo senhor Antônio, que trabalhava como pedreiro desde antes de chegar ao DF e que erguera uma casa nos fundos do lote da irmã em Samambaia, "foi a época também que ela se separou do marido. Inclusive, quem construiu lá fui eu. Eu que construí, ela me deu, passou o lote pra mim construir, eu construí no lote. E saí e deixei a casa lá" (ANTÔNIO, 2017: 543). Esse trauma afeta a memória desse morador¹¹⁸, bem

¹¹⁸ Paul Ricoeur trata em sua obra de um nível fundamental do esquecimento profundo, que ele classifica como "esquecimento pelo apagamento de rastros" (Cf. RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2012: 425), sendo os rastros de três tipos: documental,

como seu modo de narrar essa re-construção do seu espaço de morar. Entre o saber e o fazer, esse trabalho que não pode mais ser feito, mesmo se "ainda hoje sei", que ainda assim está ali na formação desse espaço. Tudo isso o morador tenta contar, apesar de não caber nas palavras, pois, segundo ele:

Deu, deu trabalho, porque, na época, inclusive, na época que eu tava construindo aqui, eu co, eu comecei, né, porque como eu sabia, sabia não, sei, ainda hoje sei, só que eu não posso mais fazer, tudo que eu faço, depois que houve esses acidentes comigo aí, eu passo mal, enquanto eu tô me movimentando, tudo bem, depois que eu deito, que o sangue esfria, eu fico passando mal, né, não tenho mais condições de fazer serviço pesado nenhum. Aí, mas, deu trabalho (ANTÔNIO, 2017: 546).

Apesar de Antônio lembrar-se em seu narrar que o lote foi recebido sem nada e que iniciou a construção da casa, a todo momento o não lembrar invade sua narrativa e marca seu espaço de morar, "eu não lembro bem a da, a época em que eu mudei pra cá, eu não lembro quando foi que eu mudei pra cá, eu não lembro" (ANTÔNIO, 2017: 546). Parece ser especialmente difícil recordar e precisar os balizamentos temporais da construção da moradia. Por outro lado, as marcações espaciais desse lugar que foi construído são sempre bem definidas, pois "o terreno todo preparado. Tudo, tudo planadinho, tudo, até onde tinha que aterrar, aterrado, bacaninha mesmo. Tudo com os piquetezinhos. Tava tudo, só" (ANTÔNIO, 2017: 552). Por mais que fiquem nebulosos alguns detalhes desse espaço de morar por re-construir, "esquecemos menos do que acreditamos ou do que tememos" (RICOEUR, 2012: 426), lembra Paul Ricoeur. Nesse sentido, há muito o que contar e esse exercício começa a movimentar a narrativa, mesmo se tanto do espaço de morar de Antônio ainda segue em Samambaia, conforme narra o morador:

Quando eu mudei pra cá já tava tudo instaladinho isso aqui já, só não tinha o asfalto. Mas a luz, a água, já tinha. Inclusive, quando eu mudei pra cá, eu tive que ir na CEB, ir na CAESB, pedir pra suspender o fornecimento, porque tava tudo instalado, mas não tinha ninguém morando, tinha só o barraquinho, eu tava construindo, aí, foi a época que eu dei uma parada e pedi que suspendessem o fornecimento, porque eu estava pagando as taxas, né. Não tinha consumo, mas vinha as taxas e eu ficava pagando. Aí, eu fui lá e pedi pra suspender o fornecimento, aí, eles fizeram isso. Aí, depois, quando eu precisei de novo, fui lá, pedi pra religar tudo, aí, retornou, mas aí, o asfalto veio depois (ANTÔNIO, 2017: 551).

Mais uma vez, o lote no Recanto das Emas é lembrado e narrado, mas não como um espaço de morar, pois ainda que houvesse já um barraquinho, "não tinha ninguém morando", "tava construindo", sem necessidade da luz e da água já instalados.

psíquico e cortical. A memória de Antônio esta diretamente relacionada com essa questão por conta do trauma do tiro à queima roupa e será especificamente abordada no tópico final desse capítulo (Re)canto de memórias (ver p. 236). Ainda assim, Ricoeur apoia-se na psicanálise para lembrar a lição de que "em circunstâncias particulares, porções inteiras do passado reputadas esquecidas e perdidas podem voltar" (idem: 453).

Provavelmente, esse pedido de suspensão das taxas se estendeu ao longo do período que demorou para a mudança, adiamento associado ao incidente traumático. Antônio não apenas ficou impossibilitado de seguir a construção da casa, como também deixou de trabalhar, sem ter qualquer assistência, uma vez que não possuía carteira assinada.

Outra possibilidade é a de que o período de adiamento possa ter durado enquanto ainda interessava ao morador se desfazer do lote, pois inicialmente ele desejava vendê-lo. Seja como for, é interessante que, nesse trecho, "o asfalto veio depois" marca um segundo momento desse processo de ocupação em relação a esse período inicial de suspensão das taxas. Em outra parte da narrativa, Antônio liga diretamente o asfaltamento das ruas à construção da casa, quando trata do aterramento do lote. Ele destaca que:

– Até, inclusive, eu precisei aterrar esse lote aqui, porque eu fiz os vigamentos dele altos, aí, precisou de aterro, né? Aí, eu tentei conseguir até um cascalho na Administração, mas não foi possível, aí, eu tive que comprar. Comprei pra poder aterrar. (...) Inclusive, foi até a época que eles tavam encascalhando as ruas, aí, eu fui lá onde ficava o depósito do cascalho (...). Eu lembro que na época eu comprei... Foi três caminhões de, não, dois caminhões de cascalho, paguei vinte reais. Cobrou dez reais em cada um. E é um cascalho bom, né, o aterro aqui todo o cascalho é bom, é cascalho de asfalto. Aquele bem, bem bom mesmo (ANTÔNIO, 2017: 562)

Esse aterramento com "cascalho de asfalto" ligado ao vigamentos altos dá a ver e a ler esse segundo momento, onde a construção já avança, acompanha a cidade que cresce e tem suas ruas cobertas de asfalto. Isso aproxima o episódio traumático do tiro no ônibus, que impede a conclusão da casa, adia a mudança da família e o fim da complicação em Samambaia. O espaço de morar que já não cabe mais lá, no entanto, continua a correr para um novo recanto. Essa questão pode ser percebida na figura do barraquinho, que até então estava ligada à construção onde não se mora, mas que passa a receber Antônio e a esposa, enquanto os seis filhos do casal permanecem em Samambaia. De acordo com o morador:

*– É, porque eu tava vindo, eu sempre eu vinha, às vezes, teve um, às vezes, eu dormia aqui com a minha esposa, que a gente fez um barraquinho, a gente dormia aí.
– Mas os meninos ficavam em Samambaia?
– Ficavam lá.
– Eles estudavam lá?
– Estudavam lá na Samambaia. Quando nós mudamos pra cá, ainda teve alguns, que continuaram estudando lá. Todo dia, eu ia buscar na parada. "Tô saindo daqui", aí, eu ia pra parada esperar eles (ANTÔNIO, 2017: 567).*

Esse período de transição entre um espaço de morar que se desfaz em complicação, por ser de outra pessoa, e um espaço de morar próprio, mas que não pode ser concluído, é contado pela solução provisória do barraquinho. Este pode ser uma adaptação do barraquinho de guardar os materiais ou um novo barraquinho nos fundos. Interessante observar que na memória narrada, ante as complicações do incidente, sem

poder trabalhar e sem recursos, uma vez que todo o sustento da família recai sobre a esposa de Antônio, esse lugar vai cada vez mais sendo afirmado como um espaço de morar mesmo se segue inacabado em sua materialidade. Importa, portanto, não apenas o quanto a casa está construída, mas também a relação que o morador estabelece com a materialidade desse espaço de morar.

Para que a casa se torne mais habitável e possa receber os filhos, mesmo nessas difíceis condições, há um mutirão de vizinhos pedreiros e marceneiros que se dispõem a auxiliar Antônio. Ele conta que esses colegas concluem o mínimo que falta da construção da casa, o que permite defini-la, enfim, como um espaço de morar:

Inclusive, nós mudamos pra cá, na época que eu mudei pra cá, foi, eu tava bem ruinzinho mesmo ainda, que quando foi pra mim mudar pra cá, tinha uns amigos meus que trabalhavam na parte, em obra e tal e falou "bicho, nós vamos te dar uma força lá", que eu não podia mais tá faze, não dava conta de fazer nada, nem podia pagar também, porque foi a época que, que eu trabalhava em Águas Claras, mas eu não era em carteira registrada não, trabalhava particular, ganhava mais né. E, "não, nós vamos lá te ajudar". Aí, foi que vieram, cobriram pra mim aí, colocaram portal, tudo, porta, tinha uns caras que trabalhavam de marcenaria, né, vieram e colocaram tudo aí pra mim. Eu lembro que até na época, eu tava com o dinheiro, eu fui dar pra eles depois, eles acharam até ruim, né. Falou "não, isso que você tá fazendo com a gente é, desculpe, mas é sacanagem. Nós falamos que vinha te ajudar e tu quer pagar a gente? Não. Se tu fizer isso, nós vamos ficar com raiva de ti". Aí, digo "não, então, beleza, valeu aí, muito obrigado", aí, ainda deixaram, eu só passei aí pra dentro, tranquilo. Já tava, como eu falei, tava rebocado e no contra-piso (ANTÔNIO, 2017: 559).

Com esse auxílio dos amigos, solidários como os vizinhos de Maria Joana, que se ofendem com a oferta de pagamento pelo serviço, Antônio pode finalmente passar "aí pra dentro", fazer dessa casa seu espaço de morar, deixar para trás os laços que ainda o prendiam a Samambaia, e habitar a moradia ainda por terminar, que "tava rebocado e no contra-piso". A casa ganha assim contornos mais significativos na narrativa, inclusive, detalhes de como deveria ter sido, sendo dada a ver e a ler pela experiência de anos de seus moradores e que é explicitado por Antônio ao dizer que:

– Foi, eu foi um barraquinho e tal, guardava o material, pra ir construindo, porque, eu até me arrependo, depois que eu fiz essa casa assim, que eu peguei de trás, porque o lote aqui é pequeno demais, que eu deveria ter deixado uma área lá atrás, eu não deixei.

– O senhor diz tipo um jardinzinho, um gramadinho?

– É, era pra mim deixar, eu fiz essa área aqui, quando eu tava fazendo isso aqui, eu comentei com a minha esposa, falei "não, ó, nós vamos ter que cobrir isso tudo", ela "não, tem que me deixar minha área aqui no meio, pra mim estender minha roupa". Eu falei "tá bom". Na primeira chuva que deu, aí, depois ela "é, não vai dar certo aqui não". A água cai ali, vai passar aqui por dentro, que que adiantou fazer a área praqui? (ANTÔNIO, 2017: 564).

Ainda assim, mesmo com essa área descoberta, que se alaga a cada chuva e onde foi realizada a entrevista, a casa foi construída e se constituiu como um espaço de morar marcado pela vivência de quem mora ali. Como já foi dito, são infindáveis as

possibilidades acerca da memória das experiências que fazem e refazem o espaço de morar. Há sempre algo começando, algo por terminar, ou "começando a terminar", como bem lembra Antônio: "quando eu mudei pra cá, ela tava só rebocada e no contra-piso. Aí, depois que eu mudei, que eu fui fazendo. Inclusive, essa parte aqui da frente, tava o, você tá vendo como é que tá a bagunça aí, porque eu tô começando a terminar agora, tá aqui tudo" (ANTÔNIO, 2017: 546). Um tudo que ele foi fazendo, que veio do fundo para a frente do lote.

As experiências são construídas pela memória e reconstruídas na narrativa desse espaço de morar, que começou no lote que não tinha nada, que nem se desejava, mas que hoje significa tudo no canto desse morador, "rapaz, essa casa, pra mim, significa tudo, viu, na minha vida, aqui, eu posso falar isso, assim, porque, se eu não tivesse essa casa aqui, talvez eu não estaria mais nem aqui" (ANTÔNIO, 2017: 556). Significa o fim das complicações de ter de sair da casa que se construiu no lote da irmã, mas que ele considerava que já fosse seu. Significa os planos de tudo que ainda pode ser, quando Antônio convida a passear por seu "barraquinho" e conta que:

- *Professor Jorge, vamos entrar aqui pra você conhecer meu barraquinho. (...) Tá meio bagunçada aqui ainda. Aqui é o quartinho meu mais da dona encrenca. Aí, olha como eles deixam a bagunça aqui, o quarto dos meninos aqui, o banheirinho nosso aqui.*
- *É três quartos a casa então?*
- *É, esse aí é o quarto do meu filho. E aqui é nossa cozinha e a nossa areazinha ali.*
- (...)
- *Cozinha grande.*
- *A grandeza daqui é porque a mulher encrencou com aquela mesa, "não, eu não quero aquela mesa aqui mais não, bota pra lá".*
- *Sonho da minha esposa era uma cozinha grande, porque a nossa...*
- *Cê viu o tamanho do negócio do fogão aqui ó? Foi maior vacilo que eu dei foi isso aqui ó. Se tiver alguém na pia aqui, não pode passar.*
- *Porque ficou estreito.*
- *Aí, meu filho disse que não sei se vai casar, aí, quando ele, eu vou aumentar a cozinha pra cá e depois fazer dois banheiros aqui, fazer um pro quarto e outro aqui.*
- *E os netos todos naquele quarto ali?*
- *É, eles ficam lá. (...) Porque eu pretendo ainda, aqui, daí pra cá, fazer uma parte pra mim morar aqui em cima, aqui ó. Comprei a caixa, fiz o pé e não botei em cima até hoje.*
- *Então, o senhor ainda quer mexer naquele quarto se o seu filho sair.*
- *Daqui pra lá, eu vou fazer aí em cima. Dali daquela coluna pra frente aqui, já dá pra fazer um quarto e uma sala boa aí em cima aí. (...) Eu vou ver se daqui pro ano que vem dá pra gente fazer isso aí. O próximo ano, daqui pro final do ano, ver como vai ser isso aí (ANTÔNIO, 2017: 568).*

Se o barraquinho já significou um espaço de não morar, agora, diante do professor da neta, surge para definir a casa de três quartos, um banheirinho, com uma cozinha grande, de onde a mesa foi expulsa pela esposa. É onde há uma passagem estreita em frente ao fogão. Um espaço de morar para tantos planos: fazer dois banheiros; um

segundo andar com quarto e sala, quando o filho caçula casar ou mudar; ou "daqui pro ano que vem"; ou "daqui pro final do ano"; até porque "fiz o pé e não botei em cima até hoje". Um fazer e refazer constantes que constroem vidas e o lugar nesse espaço de morar.

Assim como Antônio, a moradora Ana também conta sobre um espaço de morar em Samambaia, que fica para trás, antes de tratar de seu espaço de morar no Recanto das Emas. Em sua narrativa, ela valoriza o espaço de morar até mesmo quando fala o que outros dizem, que "eles falam é assim que 'feliz é de quem tem uma moradia', né, eles falam desse jeito. E que eu sou muito corajosa, deu correr atrás e ter feito o que eu fiz" (ANA, 2016: 483). No caso dessa moradora, ela explica como a separação do marido e a divisão do espaço de morar que haviam construído em Samambaia, em um lote recebido do governo, a leva a buscar um novo espaço de morar no Recanto das Emas. Ela vem com a sua parte e os quatro filhos para o Recanto, pois conta que:

Aí, morei com meu companheiro lá bem uns... Uns doze anos, doze pra treze anos, que eu morei lá em Samambaia, fizemos uma casa muito boa, né. Aí, eu não dei certo com ele. A gente separou, dividimos né, ele ficou com a parte dele, eu fiquei com a minha parte e fiquei com os quatro filhos. Trabalhando muito, sozinha. Trabalhei aqui só (ANA, 2016: 467).

Nesse correr atrás, o momento de se livrar do aluguel e da vida de incertezas que isso representa em sua memória, se deu antes da chegada ao Recanto das Emas, mas encontra espaços muito parecidos nesse trajeto, como quando essa moradora narra que "a gente morava de aluguel, já fizemos logo um comodozinho, já passamos pra dentro pra poder se livrar do aluguel" (ANA, 2016: 479). Mesmo que o "comodozinho" seja em outra cidade – "ganhei mesmo foi em Samambaia, na 108, em 90" (ANA, 2016: 467) –, ainda assim, ele está na base da narrativa desse espaço de morar, pois reverbera essas experiências de Ana de um recanto antes do Recanto, essa "casa muito boa" em que coisas não deram certo, já que as coisas se complicam nos casamentos como se complicam entre irmãos, como no caso de Antônio e sua irmã mais velha.

O contar seu canto de Ana, ao passar de Samambaia para o Recanto das Emas, traz consigo vicissitudes, descaminhos do espaço de morar que fazem falar essa narrativa. Ela também dá lugar para o que outros vivenciaram nesse lote antes de sua chegada. De acordo com a narrativa da moradora, "o primeiro dono, não sei se ele comprou aqui ou se ganhou. Era dele. Aí, um outro rapaz foi e comprou. Aí, por último, eu comprei e tô até hoje" (ANA, 2016: 473).

Portanto, ao chegar em 2001 nesse lote na quadra 804, poucos anos após a criação das quadras 800s, Ana já encontrou ali dois barracos deixados pelo antigo dono.

Em um primeiro momento, ela narra de maneira breve e pontual sobre o que havia quando da chegada, ao contar que "comprei aqui, era um barraquinho de nada", ou ainda, "era dois barracos, eu peguei, derrubei tudo e construí essa casinha aqui" (ANA, 2016: 468), ou simplesmente, "barraquinhos ruins" (ANA, 2016: 479). Apenas nos minutos finais da entrevista, ela dilata na narrativa o processo até então evitado e resumido em "um barraquinho de nada", ou em "dois barracos", em tudo derrubado antes dessa "casinha aqui". Nesse segundo momento, Ana conta assim o seu canto:

– Foi com todo mundo aqui dentro, porque eu não podia sair, não podia pagar aluguel, porque aí já era o dinheiro de eu comprar o material ou pra pagar o pedreiro, né? A gente construiu primeiro foi a frente, Brenda? Não, foi atrás. A gente construiu primeiro atrás, maior poeira, maior confusão, que nossa, mas eu tinha que ficar calma, porque era o jeito, né, não tinha dinheiro.

– Aí, apertou todo mundo lá atrás?

– É, apertou todo mundo lá atrás. Aí, fez... Não, como é que é? Derrubou, não, derrubou foi na frente, Brenda.

(Filha) – Oi?

– Fez a frente, aí terminou aqui a gente passou pra cá, aí que foi derrubar aqui tudo atrás (ANA, 2016: 488).

Entre frente e trás, a moradora estende a confusão que lhe tirava a calma. É possível perceber também uma frustração que reverbera a experiência da "casa muito boa" de Samambaia, vendida com a separação. É um problema, na memória dessa moradora, dar a ver e a ler o que ela percebe como o não dar certo com o marido, que desfaz seu confortável espaço de morar devolvendo-a à vida desconfortável em um barraco. Foi preciso viver ali até poder comprar os materiais, contratar o pedreiro, para ir construindo esse espaço de morar "porque era o jeito, né, não tinha dinheiro". Nesse contar seu canto, um barraco e depois o outro vão dando lugar à casa que ainda estava em obras até o ano anterior ao da entrevista, "o ano passado, eu fiquei muito envolvida aqui na casa, porque era um paga-paga, paga-paga, né, eu fiquei doida. Só pedreiro só, eu tinha que pagar dez mil, né" (ANA, 2016: 488). Nesse espaço de morar, que é sempre um fazer, há ainda e sempre o que fazer, mas que não impede a satisfação de falar sobre o que se tem. Nesse sentido, Ana narra que "não, tá pronta ainda não, porque falta pintar a parede e eu quero jogar um reboco, mas isso aí eu já tô mais tranquila" (ANA, 2016: 472).

No seu recanto, a moradora se sente no céu. Ela que conheceu esse espaço contado como nada, narra tudo que agora ele é, pois lembra-se e constrói em sua memória o que foi, nesse sentido apresentado por Jacy Seixas, em que a memória não recupera, mas reconstrói o passado (Cf. SEIXAS, 2004: 51). Assim, essa "a minha casa" se afirma como espaço de morar também para quem acompanha e é convidado a concordar, quando ela conta que "eu, hoje em dia, nossa, eu tô no céu. Porque quando eu vim praqui, isso

aqui não era nada, nada, nada, nada. Hoje em dia, a minha casa, em vista do que era, tá boa, tá grande, tem ventilação pra todo lado, né?" (ANA, 2016: 474).

Para tanto nada, para além de separações e barracos, uma casa que é narrada como o céu, enfim uma casa boa por onde sopram bons ventos hoje em dia. Para a moradora Maria Eustáquia, seu espaço de morar é desde o primeiro momento lembrado e contado como um presente de Deus. Mesmo que não seja perfeita nos detalhes, trata-se da casa que foi pedida por ela e anunciada pelo Senhor. A lembrança da compra da casa em 2003, após a morte do marido, é narrada como a "história da casa" e também de sua moradora:

Eu vou te contar a história dessa casa. Quando eu vim, quando eu vendi a casa velha de Anápolis, eu falei "Jesus, eu quero, eu quero comprar uma casa pra mim, mas eu quero assim uma casa com, com três quartos, sala, cozinha. E falei pro Senhor, e ainda quero com asfalto na porta, Jesus, não quero casa assim como né", já morei em muitas casas sem asfalto, muita lama, muita terra e eu pus isso né, pedi ao Senhor que ele me desse. Então, assim do jeitinho que eu pedi ao Senhor, ele me deu a minha casa, só que eu não pedi o Senhor se a casa era assim né, num pôs os detalhes, mas do jeito que eu pedi o Senhor me deu. Tanto é que quando eu cheguei aqui pra comprar essa casa, quando eu entrei na porta da sala, que a porta da sala era a entrada lá, o Senhor falou "essa é a sua casa" (MARIA EUSTÁQUIA, 2015: 332).

Em meio à essa visão mística da moradora, surgem elementos importantes, os "três quartos, sala, cozinha", como também, e talvez principalmente, o "asfalto na porta", que contrapõe a "muita lama, muita terra" das outras casas em que morou, lembranças de outros cantos, talvez do lote recebido da SHIS no P Sul ou da casa "ganha" na Cidade Ocidental mencionados pela narradora em outro momento. A própria casa é recontada com vislumbres do que fora, pois "ganhavam só os lotes" e a primeira dona "fez a casa com pré-moldado", assim como Maria da Benção fizera. Esse espaço de morar tem que ser desfeito e refeito nessa experiência de fazer a "minha casa". A imagem estável do "essa é a sua casa" vai sendo desestabilizada na narrativa pelo permanente refazer, pela irrupção das infundáveis mudanças que precisaram ser feitas. Dessa forma, a moradora prossegue na narrativa de suas lembranças:

- *E vim nesses anos todos construindo, arrumando, pelejando, tô aqui...*
- *Já tinha energia, água? Isso tudo normal?*
- *Já, já. Já tinha normal. Aí que assim cada um pessoas que compravam, que ganhavam os lotes, ganhavam só os lotes né. Essa mulher mesma aqui, ela foi a primeira dona dessa casa aqui. E ela construiu, só que ela fez a casa com pré-moldado né. Aí eu tive que tirar tudo né, as paredes com pré-moldado e fazer tudo de novo, porque eu achava assim uma casa muito insegura né, e também assim muito quente, achava assim, aquele lado era muito quente, é até hoje né. E mas assim era muito mais quente, era bem baixinha, ela descia aqui, ela só tinha, aquela fiada lá eu fiz, eu tive que aumentar mais cinco fiada de tijolo e mais uma cinta que foi colocada na casa toda, porque não tinha cinta. Ela era bem baixinha mesmo, quando ela*

descia aqui a altura dela era aqui da porta. Então, ela era muito quente, era daquela telha ainda fininha também (MARIA EUSTÁQUIA, 2015: 333).

Nesse "fazer tudo de novo", "tirar tudo", é visível e legível a casa baixinha, muito mais quente, sem cinta, de telhas finas, insegura, que a moradora vai desconstruindo / construindo e que se tornou "essa é a sua casa". É um "fazer tudo de novo", que aumenta o que já existe e mantém os alicerces da antiga casa e a memória dela. Esse esmiuçar inclui detalhes que não estavam postos ao Senhor, quando da venda da casa de Anápolis. Surgem, assim, essas "fiadas" de lembranças sobre as paredes da casa, já que, como enuncia Ecléa Bosi, "as lembranças se apoiam nas pedras da cidade" (BOSI, 2010: 439) ou nas paredes da casa.

E, nesse espaço de morar, Maria Eustáquia abriga a família formada, seus filhos e a neta Aline, que surge como tendo nascido ali. A chegada da filha, que não quisera vir em um primeiro momento, leva à divisão do lote em duas casas, de uma casa fazem duas casas, "independente uma da outra", mas que serve para fazer companhia, conforme narrado pela moradora:

Uns cinco, seis, cinco anos que eu já tava aqui, que eu morava aqui com meu filho, com o pai da Aline, né. Aline nasceu na minha casa, nasceu junto comigo, criei. Depois de cinco anos foi que eles saíram daqui, moravam comigo aí saíram, aí veio minha filha morar comigo aqui. Morar comigo não, aí ela fez a casa, uma casa nós fizemos duas casas. Aí tem a casa dela e tem a minha, então independente assim, independente uma da outra. Só é bom a companhia, que a gente vive muito né. Então é companhia pra gente (MARIA EUSTÁQUIA, 2015: 332).

Um espaço de morar que permite ter a família perto, permite criar a neta, permite até mesmo fazer dele um espaço de morar também para a filha. Além disso, conforme vai sendo narrado pela moradora, esse espaço de morar vai sendo valorizado, pois, se "as casas valorizam" como ela conta, isso ocorre por conta da presença de "pessoas de bem", que chegam como ela e vão apagando os rastros da época da invasão, assim como o asfalto fizera com a lama e a poeira. No contar do recanto de Maria Eustáquia, a expectativa é otimista e mística em relação ao seu espaço de morar:

E agora tô achando melhor ainda, que né, valorizando cada vez mais né. As casas valorizam. As pessoas que vem entrando, igual ele falou mesmo, sempre pessoas de bem mesmo né, meus vizinhos são muito bons. Aqueles que não são também, o Senhor logo atira também né. Então, estamos aqui (MARIA EUSTÁQUIA, 2015: 335).

É assim que a moradora narra o que vai achando melhor no seu espaço de morar, na vizinhança que o acompanha, que culmina com seu "estamos aqui" e com o Senhor tirando os vizinhos que não são bons. Dessa forma, Maria Eustáquia conclui que "já tava era bom, eu já tinha reformado minha casa, já tava muito boa a casa né" (MARIA EUSTÁQUIA, 2016: 348). A casa valorizada pela reforma, pelo que muda, mas que

ainda é marcada por essa esperança de não enfrentar poeira e lama, como antes, em outros espaços de morar da trajetória dessa moradora do Recanto das Emas.

Expectativas

Nas narrativas das moradoras entrevistadas, expectativas alimentam a vinda para esse novo espaço de morar, onde se poderia, finalmente, conquistar sua casa própria¹¹⁹, como conta Maria João, ao narrar que "vir pro Recanto era uma expectativa de ter a minha casa, eu não sabia como e nem quando, mas era uma expectativa né" (MARIA JOÃO, 2016: 371). Trata-se de expectativa que disputa espaço com outros sentimentos como a hesitação ante um novo lugar. Para Maria das Benções, que já esperava pelo lote e comprava pré-moldados, mesmo apertada pelo aluguel, é importante narrar que "eu tava nas QNHs, aí, não, o eu, 'amanhã vai sair uns lotes lá no, no, aqui no Recanto'. Eu não sei se eu vou, eu não sei se eu não vou, tinha saído meu nome" (MARIA DAS BENÇÕES, 2016: 448). Maria das Benções veio. E conta que, assim como ela, "o ônibus veio cheio de gente" (MARIA DAS BENÇÕES, 2016: 449). Gente cheia de expectativas e hesitações.

Portanto, as moradoras contam como as expectativas de ter um lugar de morar são engendradas em meio aos sentimentos de insegurança e de receio ante o lugar desconhecido e com tudo por fazer. Expectativas que, em seu limite, são vista por quem narra como uma loucura, pois diz Maria João que "como eu já tava mesmo doida pra ganhar o lote, que não tinha mesmo pra onde ir mais, já tava, eu já tava, antes as coisas já tavam muito difíceis né" (MARIA JOÃO, 2016: 388). Para o seu companheiro, "que não era nada" dela, mas hoje é seu esposo, no entanto, era outra a expectativa, que é narrada assim por essa moradora:

Esse rapaz que hoje é meu esposo, ele falava "eu não vou pressa merda", "eu não moro num lugar desse nem morto". Eu falava "você não precisa vir, você não é nada meu, você não precisa vir". Um ano depois que a gente né, ele me ajudou a fazer o barraco né, aí que ele viu o barraco, que ele viu água, luz,

¹¹⁹ Aldo Paviani menciona a "ideologia da casa própria" como um "mecanismo de controle da cidadania pelo Estado" (PAVIANI, Aldo (org.). *A Conquista da cidade: movimentos populares em Brasília*. Brasília: EdUnB, 2010: 76), o que estimula esse imaginário idealizado da casa, bem como do ser proprietário. Já Gamalho e Heidrich ampliam essa leitura ao entender que "o direito à moradia é reduzido ao direito de consumo", mas também que "o sonho da casa própria não é apenas uma meta de consumo, mas, para a população dita 'periferizada', é a estabilidade em um percurso de degradação entre aluguéis, favores e despejos" (GAMALHO, Nola P. & HEIDRICH, Álvaro L. "Paisagens vividas e imaginários urbanos: memórias e passagens nas narrativas de jovens do Bairro Guajuviras (Canoas/RS)". In: AZEVEDO, Ana F. e REGO, Nelson. *Geografias e (in)visibilidades: paisagens, corpos, memórias*. Porto Alegre: Compasso, 2017: 7).

ônibus, aí ele apaixonou pelo Recanto também, tanto que quis casar comigo.
(MARIA JOÃO, 2016: 375).

"Um ano depois", esse lugar anteriormente indesejado, mudou a opinião do companheiro através do "fazer o barraco", que é contado como o construir do espaço de morar. Um espaço de morar que está feito com a chegada da estrutura, da "água, luz, ônibus", tornando-se, por fim, um caso de amor, um casamento com a companheira e com o Recanto.

Sentimento, esse, ao menos semelhante ao que narra Antônio, que já conhecia o Recanto das Emas, por ter vizinhos de Samambaia que receberam um lote nele. Apesar e por conta de seu conhecimento sobre o Recanto, esse morador demonstrou frustração inicialmente ao ser informado que perderia o lote irregular que havia comprado em uma área de proteção ambiental em Taguatinga, pois "até então, eu comprei lá, porque eu achava que ia ficar lá". Lá sim lhe parecia um lugar animador, digno de seu investimento, o que ele conta: "eu fiquei empolgado, falei 'não, caramba, aqui é muito bacana', peguei, então, comprei". Ao saber que receberia um lote no Recanto das Emas, a sensação contada foi outra: "aí, quando ele falou assim, eu, caramba, me deu uma tristeza grande. Mas aí, tudo bem, é lá? Vamos pra lá. Hoje, eu tenho arrependimento de não ter vindo há mais tempo" (ANTÔNIO, 2017: 555). O sentimento de empolgação do primeiro caso dá lugar aos sentimentos de decepção e resignação do segundo. Essas memórias impregnadas de sentimentos e subjetividades são fundamentais para a percepção dos modos de se contar a cidade do Recanto das Emas por parte de quem vive essa cidade. Penso que as histórias do Recanto devem se haver com essas memórias voluntárias, mas também com as memórias involuntárias¹²⁰, já que, conforme pensa Jacy Seixas:

Em poucas palavras: se buscamos refletir sobre as relações entre memória e história, penso ser necessário iluminar a memória também à partir de seus próprios refletores e prismas; necessário, portanto, incorporar tanto o papel desempenhado pela afetividade e sensibilidade na história quanto o da memória involuntária (SEIXAS, 2004: 44).

Nesse sentido, devo atentar para o que conta Antônio ao tratar de seu arrependimento, da tristeza grande seguida de resignação nos caminhos e descaminhos de seu novo recanto no Recanto das Emas. A resignação é precedida da tentativa de se

¹²⁰ Conceituada por Jacy Seixas a partir da obra de Marcel Proust, a memória involuntária "é instável e descontínua, não vem para preencher os espaços em branco, supõe lacunas e constrói-se com elas. Ela não soma nem subtrai, ela condensa" (SEIXAS, Jacy. "Percurso de Memórias em terras de História: problemáticas atuais". In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (re)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Unicamp, 2004: 47). Além disso, para essa autora, "não há memória involuntária que não venha carregada de afetividade" (idem: 47). Dessa forma, Seixas entende que é preciso que a historiografia amplie suas relações com a memória para além da memória voluntária, "uma memória da inteligência e dos olhos" (PROUST in SEIXAS, J., idem: 46), incluindo as dimensões afetivas e descontínuas da memória involuntária.

desfazer daquele lote em um lugar indesejado, já que "eu não queria vir pra cá. Inclusive, quando eu recebi esse lote aqui, eu tentei vender ele. Só que não consegui. É porque Deus faz as coisas de acordo, tudo certinho" (ANTÔNIO, 2017: 556). Entre tanto que a memória de Antônio amarra numa narrativa coerente, que tenta fazer tudo certinho como essa providência divina que o ampara, há algo que irrompe no "caramba", na tristeza grande ou no arrependimento, que vem depois, mas que se condensa com esses sentimentos contados.

Antônio veio e hoje pensa que devia ter vindo há mais tempo, entende o que foi como providência divina, "tudo certo", embora não acrescente algo que especifique a transição. Isso dá a ver e a ler um querer bem que se dilata no viver essa cidade em seu espaço de morar, onde ele está bem e não consegue nem colocar em palavras a ideia de se desfazer daqui, uma vez que "na época, eu quis vender ele, não consegui. Aliás, não consegui e vou, hoje em dia, ave Maria, pra mim é bom demais" (ANTÔNIO, 2017: 556).

No caso da filha de Maria Eustáquia, o processo de resistência foi uma negação de cinco anos, uma recusa em vir para o Recanto, aquele recanto "de jeito nenhum". Num primeiro momento preferiu continuar no aluguel na Ceilândia a vir viver no Recanto das Emas, pois como conta a mãe, "inclusive até minha filha não queria mudar pra cá de jeito nenhum, ela até ficou. Ela trabalhava né, e ela ficou morando de aluguel e não quis vir pra cá. Veio assim né, depois de muito tempo, tinha já o que? Uns cinco, seis, cinco anos que eu já tava aqui" (MARIA EUSTÁQUIA, 2015: 332). Apenas quando não havia mais outra alternativa, "quando não teve jeito né", muito a contragosto, a filha mudou-se para o Recanto das Emas, como relembra a moradora:

Ela morou na Ceilândia, morava no Setor O, ela morou em muitos lugares ali, mas sempre, mas assim, não ficava aqui em casa né. Aí, foi quando ela resolveu vir pra cá, aí o Marcos teve que sair né, procurar um aluguel pra ele, mas e, ela num, mesmo assim ela não queria vir não, mas aí quando não teve jeito né. Não tinha mais dinheiro pra pagar, saiu do serviço, demorou a arrumar emprego, aí veio pra cá e gostou (MARIA EUSTÁQUIA, 2016: 348).

Uma vez vindo, a filha "gostou", conclui a mãe, nessa vinda marcada pelo desemprego e retorno ao lar materno. A própria Maria Eustáquia explicita seu descontentamento inicial com a mudança para o Recanto das Emas, pois conta que "sobre aqui, e eu gosto muito daqui viu, gosto mesmo. Eu não gostava daqui assim, quando eu vim pra cá, que eu nos dias que eu cheguei aqui, meu Deus do céu, eu falei 'meu Pai, onde é que eu?'" (MARIA EUSTÁQUIA, 2016: 348). O mesmo Deus, que em sua visão mística anunciara que aquela era sua casa, é questionado sobre o lugar que destinou a essa moradora. Entre tantas expectativas que envolvem esse morar no Recanto das Emas,

ocorre sempre uma interlocução com a providência divina, a entidade divina por quem se clama, que se questiona, que acompanha, que anuncia, que protege, nas narrativas das moradoras.

Esse imaginário da providência divina é interpelado, muitas vezes, como forma de apaziguar as incertezas, consolar as carências, ou, simplesmente, justificar as coisas como elas parecem ter de ser para essas moradoras do Recanto das Emas. Isso pode ser visto e lido quando uma moradora diz que "Deus é muito bom pra mim" (ARLETE, 2016: 504), ou no amparo divino que se faz, "mas Deus, eu não sei se é porque eu rezo muito, peço muito a Deus" (MARIA CÂNDIDA, 2017: 517), ou no lote que é "um presente de Deus" (DASDORES, 2016: 358), ou no barraco que se salva em meio à tempestade, já que "isso é Deus e é porque realmente eu sou uma mulher abençoada" (MARIA JOÃO, 2016: 376), ou nesse sentir-se amparada "porque Deus sempre dá força, sempre ajuda, Deus não desampara os filhos dele não, né" (MARIA JOANA, 2016: 394). Um Deus que é lembrado como ajuda constante em vidas desamparadas onde falta a ajuda esperada do governo, pois "tinha ajuda do governo não, tinha ajuda de jeito nenhum, ajuda que tinha mesmo só era de Deus. Ensinava onde que era pra descer, onde que era pra pegar pra vir embora, aí só Deus mesmo" (MARIA ALCINDA, 2016: 420).

Deus é lembrado e sua presença narrada no sentimento de preocupação passada com os filhos e na graça divina que os protege: "'ah, meu Deus, se meus filhos não der pro que não presta, o que será de mim?' Sempre eu pensava isso, mas graças a Deus" (ANA, 2016: 487). Deus, essa figura mística e apaziguadora, atenua os medos do presente e alimenta os sonhos do futuro, até mesmo a morte como fim de tudo, "hoje tô aqui e daqui acho que só saio quando Deus me levar" (MARIA DAS BENÇÃOS, 2016: 447). Deus, que é construído entre tantas expectativas e representa a dimensão sagrada desse trajeto, isso que foi e passa a ser visto como o que tem que ser, pois "Deus faz as coisas de acordo, tudo certinho" (ANTÔNIO, 2017: 556). Trata-se de um fazer desses sujeitos que é imaginado e contado como inseparável do fazer divino, que livra e abençoa: "são coisas assim, né, perigosas, e, mas bandido tinha e Deus me livrou no meio dessas coisas, é a vida, a vida de cada um tem que chegar onde tem que chegar em uma... Hoje, eu vivo na benção, não é?" (DASDORES, 2016: 361).

Para Maria Eustáquia, em vários sentidos, sua religiosidade revela-se incontornável no exercício de narrar suas expectativas de morar no Recanto das Emas, foi a condição primeira, como ela ressalta ao contar que "eu falei 'eu quero bem pertinho da

igreja'. Então, eu gostei, assim teve isso também né, que Deus pôs até na porta da igreja também" (MARIA EUSTÁQUIA, 2016: 333). Nessa representação religiosa do mundo e de si da moradora, a presença divina preside a localização da casa, distribui o espaço da cidade e os modos dela narrá-lo. É desse modo que prevalece o sentimento de gostar do Recanto das Emas, ela passa a valorizar sua casa, que "foi aguentando e já foi gostando daqui. Achando bom morar. E agora tô achando melhor ainda, que né, valorizando cada vez mais né. As casas valorizam" (MARIA EUSTÁQUIA, 2015: 335). Já Maria Joana, que dissera ao filho que não venderia o lote, que moraria no que Deus lhe desse, também conta como o filho se rendeu à decisão de fazer do Recanto das Emas seu espaço de morar. A moradora formada e informada por esse imaginário religioso da proteção divina nos narra que:

Pra você ver que interessante, meu filho disse que não ia morar comigo aqui na cidade, que não era pra eu vir, que era perigoso, que, como é que se diz, que tava matando, tava roubando, que ia me, que eu vir pra cá ia me matar, não sei o que, acontecer alguma coisa comigo, Deus me livre e guarde, graças a Deus, Deus sempre me protegeu. Aí, quando ele veio morar já não queria sair, pra tirar ele, eu tive que fazer assim ó... (MARIA JOANA, 2016: 399).

A mãe ressalta, em sua narrativa, a mudança de posição do filho em relação a morar no Recanto das Emas. Assim, se o filho inicialmente percebe aquele recanto como uma cidade perigosa e violenta, depois que veio morar ali mudou de opinião, não quis mais sair, se prende ao lugar. Acabou perturbando o sossego da moradora, "porque ele bebe e é agressivo, bruto, ignorante, o meu filho mais velho" (MARIA JOANA, 2016: 399). Mas mesmo entre esses conflitos, que se expressam e se resolvem, ora com a divisão de uma casa em duas pela companhia da filha, ora com a expulsão do filho, o espaço de morar dessas moradoras segue e prossegue sob o signo da esperança. Esperança de, um dia, no futuro, poder melhorá-lo, de terminar seus dias em seu canto, de descansar e cuidar da saúde.

Ao narrar esses sentimentos, essas moradoras traduzem-nos como certeza, como destino, como um "já ia saber". Assim, as narradoras contam o que foi como o que poderia ter sido, todo o universo de luta, conflitos, correr atrás que envolvia a busca por um espaço de morar. Maria Alcinda significa sua decisão de ir para o Recanto das Emas como abençoada, trata-se de certeza que vem desde o recebimento do lote, do anúncio que aquele canto ia ser o seu espaço de morar, conforme ela narra: "eu não sei se é porque também eu já ia saber que era o meu lugarzinho, ia ser meu, gosto demais daqui, Nossa Senhora, desde quando falaram 'esse lote aqui é o que é de vocês', Nossa Senhora, eu gosto demais daqui" (MARIA ALCINDA, 2016: 437). Uma expectativa que já

começa a se materializar, segundo a moradora, desde a chegada da carta, conforme ela conta:

Eu tava no serviço quando me ligaram, "ó Maria, chegou aqui a carta pra vocês irem pegar o lote". Aí, ave Maria, no mesmo dia, eu já pedi logo pro chefe lá, "chefe, eu vou embora, porque chegou a minha carta lá do meu lote, amanhã eu nem venho trabalhar". Aí, eu vim, tudo bom, quando foi no outro dia, tava o mutirão aí pra receber os lotes, aí a gente recebeu, já tava aqui mesmo, aí recebi o meu (MARIA ALCINDA, 2016: 427).

A moradora Arlete também destaca em sua narrativa, que essa esperança de ter um espaço de morar seu faz vencer as dificuldades e os sofrimentos, que compõem as vivências dessas pessoas. Mais do que isso, lembrar e narrar esse processo permite refletir sobre ele, redimensioná-lo, reconstruí-lo e fazer dele algo bom, gostoso até, algo que confere ainda mais valor àquele espaço. De acordo com essa moradora:

Era sofrido, mas só em você saber que é seu, nossa, era gostoso. A gente, eu mesmo passei por aquilo, mas assim, eu venci naquelas, as dificuldades disso pra mim foi até uma maneira, pra mim foi bom. É, é, uma dificuldade que, pelo que eu já tinha passado, foi tipo um advertimento, já vencer na vida, mas sabia que eu tava sofrendo por uma coisa que era meu, né (ARLETE, 2016: 492).

As expectativas envolvem o sabor de vitória que é contado, o sofrimento que passou, sentimentos vistos e contados como fundamentais na trajetória de vida dela. Para essa moradora, é fundamental fazer por onde, "correr atrás", "tem que sofrer" para saber dar valor, sentimentos que estruturam e contam esse espaço reconstruído na narrativa. Nesse sentido, Arlete narra que:

Não é que é fácil, porque a vida da gente. E eu acho assim, a vida da gente, a gente tem que fazer também, Deus "faz por onde que eu te ajudarei", e a gente tem que correr atrás, tem que sofrer, tem que passar por sofrimento pra poder dar valor à vida. Que a gente vem, tudo que vem fácil, a gente não dá valor, não sabe nada (ARLETE, 2016: 510).

Mais uma vez a referência de Deus é marcante na construção dessas expectativas, que atravessam a vida que "a gente tem que fazer" e que se refaz a cada sofrimento. Uma vida que é contada e cantada de modo fatalista, como aquilo que teve de ser. Essa expectativa é muito próxima daquela narrada por Maria Clara, que percebe a força de vontade como determinante para construir seu recanto, que entende que "é só ir à luta". Esta moradora narra suas expectativas nos seguintes termos:

Tem pessoa que fala "eu não consigo as coisas", eu não acredito não, porque a pessoa que quer, ele não precisa ter nada, consegue sim, é só ir à luta. Não é fácil, mas consegue.

(...) É uma palavra muito feia, "ah, eu não dou conta, eu não faço isso, porque eu não dou conta", dá! Todos nós dá e todos nós temos capacidade de chegar no que quer. Cê ver, eu construí isso aqui, trabalhava em casa de família, ganhava pouco e fiz, saiu, construí rápido (MARIA CLARA, 2017: 534).

Se o que se quer, aquilo que se almeja e que se busca entre tantas expectativas é um espaço de morar, Maria Clara entende que é possível, pois "todos nós temos capacidade de chegar no que quer". Tendo por horizonte a própria experiência, a

moradora, mesmo com tantas dificuldades e poucos recursos, lembra que fez, que construiu. Sua experiência vista em retrospectiva torna-se um modelo ideal para ela, assim como acontece com outras moradoras, que significam como exitosa suas experiências de construção de suas moradas. Nessa construção, ocorre o que ressalta Ângela Gomes, para quem nessa forma de gestão do passado, que é a memória, "encenar e monumentalizar o passado" (GOMES, 2015). Assim, apesar dos obstáculos, o fazer da moradora é por ela narrado como uma grandeza formadora e insubstituível, que é adensada pelas expectativas de quem conta como seguia com seu fazer.

Essas são, portanto, expectativas que ao serem lembradas e narradas, constroem e reconstroem espaços de morar, que podem e devem ser desnaturalizados e desmonumentalizados através de um exercício crítico e compreensivo (Cf. GOMES, 2015). Exercício esse que não deixa de lado os sentimentos e as expectativas que "nos obrigam a pensar na dimensão humana da disciplina histórica" (DUTRA, 2015). Esse é o caminho aqui trilhado para dar a ver e a ler as tensões e conflitos, além do que é narrado como conquistas e vitórias nas relações dessas moradoras com a cidade do Recanto das Emas. Como quando se vem de um espaço de morar desfeito pela separação do companheiro, como é narrado por Ana. Tendo ficado com os quatro filhos após a separação e a venda da casa de Samambaia, ela narra que "os filhos ajudaram, né, cada um ajudou como pode, né, mas a maior parte aqui fui eu" (ANA, 2016: 471). Para ela, foi preciso muita coragem para seguir tendo esperança, o que percebo quando ela conta que:

– Às vezes, hoje em dia, eu olho pros quatro, falo assim "meu Deus, como eu fui corajosa de ter quatro filhos".

– Aí, são dois meninos e duas meninas?

– É, duas meninas. Porque não é fácil não, viu. E hoje tá ainda mais pior ainda. Eu acho (ANA, 2016: 481).

O que a mãe e moradora define como coragem é a força da expectativa que a move nesse espaço de morar, pois segundo ela "mas se a gente não fazer isso, a gente não consegue nada" (ANA, 2016: 489). Procurei analisar como transitam pelo Recanto das Emas essas expectativas e quais os caminhos trilhados para torná-las efetivas. Também nestes, as disputas, acomodações, negociações, resistências, negações, hesitações, resignações, sonhos, esperanças, mobilizadas e enfrentadas para o objetivo buscado pelas moradoras. Nas formas de narrar o habitar, de não narrá-lo, ou até mesmo no narrar quem não habita (como o filho violento expulso por Maria Joana), aproximo-me das reflexões de Michel de Certeau para quem "a linguagem do poder 'se urbaniza', mas a cidade se vê entregue a movimentos contraditórios que se compensam e se combinam fora do poder panóptico" (CERTEAU, 2014: 161). O autor assim define as práticas do espaço, que

"tecem com efeito as condições determinantes da vida social" (CERTEAU, 2014: 163). Atento a essas práticas que se esgueiram para além dos discursos, Certeau chama a atenção para as narrativas de espaços, "lugares vividos como presenças de ausências" (CERTEAU, 2014: 175). Espaços como a cerca branca de Maria João, que representa a separação entre urbano e rural, que era como o caminho de casa para ela.

Nesse mesmo sentido, entendo a representação do asfalto na porta de casa para Maria Eustáquia, benfeitoria que significa fugir da lama e da poeira, que tanto ela encontrou pelo caminho. Ou o cascalho comprado por Antônio, que narra que "o aterro aqui todo o cascalho é bom, é cascalho de asfalto" (ANTÔNIO, 2017: 562), cascalho comprado dos funcionários que faziam a pavimentação das ruas, dando a ver e a ler essa mistura entre rua e casa, público e privado. Assim como há o portãozinho de Arlete, que marca a separação entre o barraco e a rua, afirma o espaço privado, expulsa para fora a rua.

A facilidade da água encanada dentro de casa de Maria Joana, para não ter mais que lavar as roupas nos rios ou ficar à mercê de um vizinho querendo mandar no seu lugar de morar. Ou, como na entrevista de Maria Alcinda, os galpões da Só Frango, que representavam todo o Recanto das Emas, mas para ela são a referência de salvação de uma vida pagando aluguel, mesmo no princípio ainda sem a água dos caminhões-pipa. A casa do vizinho da rua que representa as mortes de jovens e a presença dos vagabundos na narrativa de Ana. O postinho policial, que para Maria Clara representa uma época boa e segura, "foi uma época que foi muito bom, que tinha mais segurança. E agora voltou tudo de novo" (MARIA CLARA, 2017: 537). As telhas quebradas da casa de Maria das Benções, que são como o falado, mas não cumprido pelo vizinho, que é como estar no meio da chuva, já que não tem condição de arrumá-las ela mesma. Assim também atuam as frestas no barraquinho de madeirite de Dasdores, que representam a vulnerabilidade e a precariedade de seu espaço de morar.

Para essa última moradora, ainda que ela não tenha se mudado para o lote no Recanto das Emas em um primeiro momento, tendo este sido invadido até ela que conseguisse desocupá-lo. Se depois optou por colocar uma família, que deixou dívidas e problemas, "moraram um tempo, depois eles faziam assim, eles saíam e mandavam outras pessoas sem eu saber. Aí saía e entrava outro, sem eu saber" (DASDORES, 2016: 359). Se apenas depois disso, ela resolveu se mudar do Valparaíso para viver nesse barraquinho de madeirite, assim como para as outras, isso que ela lembra e conta é o que tinha que ser, é a vida, é onde "tem que chegar". Esperançosa, decidida e confiante na

providência divina, assim como outras moradoras entrevistadas, Dasdores acrescenta que é "uma coisa muito linda né, o nosso destino é Deus quem domina, então, foi tão bom pra mim, porque aqui as portas pra mim se abriram, graças a Deus, como se abre pra muita gente" (DASDORES, 2016: 349). Uma história que ela conta, canta e recanta:

É a vida, a vida de cada um tem que chegar onde tem que chegar em uma... Hoje, eu vivo na benção, não é? Mas já passei muitos pedaços, a Denise diz que se admira de mim e eu contar minha história, dá pra escrever um livro, que eu acho que muita gente se ler vai chorar. (DASDORES, 2016: 361)

Violência

Dasdores explicitou a satisfação com essa vida abençoada, cujo enredo daria um livro, uma história que faria chorar. Mas ela também conta muitas lutas pelo espaço relacionadas à violência na / da cidade. As moradoras não só relatam casos específicos de violência, mas o tema marca gradualmente as narrativas, ora irrompendo no caso lembrado, ora se esgueirando e ameaçando como uma sombra o cotidiano social. A violência surge, por exemplo, no roubo de um celular, que Maria das Benções testemunha no dia anterior à entrevista, enquanto aguardava atendimento no posto de saúde. Violência que é narrada por ela:

De roubo. Ontem, eu tava no posto de saúde, a menina, nós távamos lá pra esperar, pra fazer, lá pra marcar consulta, a menina foi, a menina foi almoçar, quando chegou perto do meio, um moleque, um moleque, um pivete, "passa o celular pra cá", com uma faca. A menina chegou toda chorando e tremendo, aí ela, uma, ela sentou lá, a mulher pegou um copo d'água e deu pra ela, foi que ela acalmou mais. O pivete tomou o celular dela. Tá, tão roubando é de dia mesmo (MARIA DAS BENÇÃOS, 2016: 453).

O roubo que a moradora parece contar com base no relato da vítima, mas como se fosse ela mesma a vítima, é sintetizado finalmente na frase "o pivete tomou o celular dela". Dessa forma, esse roubo condensa, em sua narrativa, a violência que ela percebe como uma situação banalizada em toda a cidade, afinal "tão roubando é de dia mesmo". A violência materializa-se na figura de "um moleque, um pivete", "com uma faca", que apavora essa "menina" como se fosse a própria narradora.

No caso de Antônio, que também percebe uma banalização da violência, ele mesmo e sua esposa foram as vítimas. Com a saúde debilitada quando do segundo truma, o acidente em que caiu no ônibus, ele ficou internado por três meses e foi assaltado à caminho de levar alguns exames. Antônio também teve seu celular levado durante o dia no Recanto das Emas. De acordo com o que conta o morador:

– Uma parte de segurança, que não tem, tá deixando a desejar. Raramente, você vê um carro de polícia passar na rua. Os assaltos é frequentes, são frequentes os assaltos. Eu, graças a Deus, depois que eu mudei pra cá, eu fui

assaltado uma vez só. Eu tava, inclusive, quando eu tava saindo do hospital e eu tava indo levar um resultado de exame e fui assaltado. Tava eu, tava bem, bem, bem abatido mesmo, bem fraquinho, que nem podia...

– Fazer nada?

– Nada, nada.

– Foi aqui perto do posto de saúde?

– Foi, não, foi naquela igreja, não tem uma igreja do lado de cá? Uma igreja...

– Uhum.

– De quem vai subindo da esquerda?

– Sei.

– Atrás daquela igreja ali.

– O senhor tava passando?

– Tava eu e minha esposa. Aí, quando ela passou, passou um, um cidadão pela gente e ela pegou e falou "você viu o jeito que esse cara olhou pra minha bolsa?" Quando eu virei pra trás pra olhar, ele já tava em cima com revólver já "entrega, entrega", aí, pedindo meu celular, aí, eu não entreguei não, ele veio tomar no meu bolso e tirou, mas eu mesmo pra, não tirei pra entregar não (ANTÔNIO, 2017: 547).

Para esse ex-policiaI militar do Maranhão, a ausência da polícia é o primeiro elemento que representa a situação de violência nesse espaço, que explica a sensação de insegurança de sua rua na quadra 508. O "cidadão" armado "com revólver", descrito por esse morador, que leva a bolsa da esposa e toma o celular no bolso, se aproveita do casal indefeso atrás da igreja no início da quadra 309. Ele representa essa "parte de segurança, que não tem", os assaltos frequentes que percebe e conta Antônio, ainda que seja "uma vez só". Ao mesmo tempo, a falta de reação narrada pelo morador remete ao trauma do episódio do assalto no ônibus em Samambaia, que ecoa nesse não entregar.

Até mesmo Maria Eustáquia, que chega em momento posterior para morar na quadra 511, acaba por vivenciar a violência de ter tudo que era seu furtado, como também acontecera com Dasdores em seu barraco. Só não levaram o que não deram conta, endossando a narrativa da casa que é (des)construída. Ela conta que:

Inclusive até o primeiro material que eu coloquei aqui pra construir a casa, eles entraram aqui e levaram tudo, não ficou nada. Só não levou o cimento que eu acho que não deram conta né. Ainda bem que eu pedi aqui o meu vizinho aqui pra colocar o cimento na casa dele né, as outras coisas que tinham ficado, um pouco de ferragem que tinham ficado ainda, acho que foi só isso, uma pia, que era da cozinha mesmo ela ainda, eu lembro que tinha, mas assim mesmo ainda carregaram (MARIA EUSTÁQUIA, 2015: 333).

Antes mesmo de vir e ver que seu material tinha sido roubado, que "não ficou nada", Maria Eustáquia temia essa violência, mas sentiu-se tranquilizada pelo corretor, que naturaliza a violência da região, afinal "todo lugar tem muito bandido, lá tem muita marginalidade". Nessa narrativa, o corretor de imóveis também naturaliza o processo pelo qual acabaria essa presença ameaçadora de bandidos, pois ele diz que isso "é pouco tempo". Assim, a moradora reconta o que lhe foi contado:

Mudou. Inclusive quando eu comprei, fui comprar aqui, o rapaz, o corretor falou assim pra mim assim, ele falou: "Ó Dona Maria, não preocupa não. É lá tem assim... Claro que todo lugar tem muito bandido, lá tem muita

marginalidade, mas, mas é assim, isso é pouco tempo". Ainda falou assim pra mim, eu lembro disso como se fosse hoje, assim ele falando. "A pessoa que é, eles não ficam muito tempo no lugar. Ou eles morrem ou eles saem fugidos né", ele falando assim. Ai ele falou assim: "Quando, quando eles começam a vender as casas, é claro que quem vai comprar, quem vai comprar as casas não é pessoa ruim, não é pessoa da marginalidade né, as pessoas que vão comprar são pessoas que tem né condições de comprar, pessoas de bens igual que eu tava falando". Ai assim daquilo assim parece que me deu aquela tranquilidade né, porque quando eu desci aqui, meu Deus do céu, aqui era só mato, só tinha essa, essa, essa fila de casa aqui, ali embaixo não tinha casa, ali era tudo mato ali, né, aqui era tudo mato aqui (MARIA EUSTÁQUIA, 2015: 334).

As palavras que ela cita são validadas com "lembro disso como se fosse hoje". Nesse processo de revenda dos lotes, há o temor daquele lugar que "era só mato", o medo da marginalidade, desse outro que é "o bandido". A tranquilidade desse espaço se liga a outras "pessoas de bens" que viriam para reformar essa cidade, trazer mais casas e menos mato, bem como a sina dos bandidos, pois reconta que "ou eles morrem ou eles saem fugidos". Maria Eustáquia canta e recanta seu presente de Deus e a violência que o envolve e atravessa. A violência que o invade e leva seus materiais, quase fazendo com que ela desista, pois ela conta que "foi um prejuízo muito grande e eu fiquei até com vontade de voltar né, de não comprar mais, de vender até aqui e comprar em outro lugar, mas eu falei 'ah, eu já comprei e vou ficar aqui mesmo'" (MARIA EUSTÁQUIA, 2015: 339).

A violência também foi parte fundante da relação de Dasdores com o seu recanto desde a chegada. Mesmo antes de ter seu barraco invadido e tudo roubado, "um dia, eu botei de tudo, cama, fogão, eles roubaram tudo" (DASDORES, 2016: 361), a demora em ocupar o lote levou a que fosse ocupado por invasores, enquanto ela permaneceu residindo em Valparaíso. Isso significou um conflituoso processo para remoção dos invasores, bem como a necessidade de ocupar efetivamente o lote de modo a impedir que outra invasão ocorresse. Como ela conta:

E aí eu ganhei meu lote na noventa e, é, 308, aqui perto da escola. Mas aí eu não podia vir logo e invadiram meu lote. Invadiram, porque tava num tempo de invasão terrível né, aqui era foi assim, muito, houve muita violência aqui nesse Recanto, porque vieram invadindo os lotes, pessoas, eu não tinha força pra botar ninguém, mas eu, violência, caso de polícia, pancada, gente batendo, matou, sei lá, gente aí, porque invadiram os lotes né, as pessoas não podiam vir, invadiram. O meu invadiram, mas graças a Deus a polícia tirou. A polícia tirou, veio com a pessoa e eu tinha meus documentos aqui, "eu quero que desocupe", graças a Deus, quando eu vim, vim dentro do carro da polícia, desci e tirou a pessoa né. Aí, eu fiz um barraco e botei uma pessoa, uma família e, inclusive, essa família que eu botei foi essa família que, você sabe, que estudou aqui (DASDORES, 2016: 358).

A violência narrada parece transbordar pela memória, tem tal movimento, que as palavras se atropelam na narrativa como o caso de polícia, os invasores, quem

bate, quem morre. De um lado, a referência aos documentos, ao carro de polícia, que garantiam a posse, mesmo que se tratasse de alguém dessas "pessoas que não podiam vir"; de outro lado, uma pessoa que era tirada nesse "tempo de invasão", uma pessoa que estava ali para ocupar aquele lote sem ocupante. Como a dona legítima do lote, que era dona dos documentos – mas que não havia ocupado o lote como era exigido pelo governo –, ainda não podia vir, isso abria a possibilidade de outra invasão ocorrer. Para garantir a propriedade do lote, ela lembra: "eu fiz um barraco". Fez um barraco e botou uma família para morar nele, pois Dasdores ainda morava em Valparaíso.

Esse cenário, onde o conflito presidia as ocupações, também é narrado por Maria Alcinda, ao definir que "aqui era assim, você tinha que receber e tinha que ficar logo dentro, porque se saísse, quando chegasse, se tivesse alguém, já não queria mais sair né, podia dar confusão" (MARIA ALCINDA, 2016: 418). Quem não ficava logo dentro podia encontrar alguém ocupando o lote e ter de recorrer à justiça e à polícia, como fez Dasdores. Mesmo quem colocava uma pessoa ou uma família para morar, como optou por fazer essa moradora, corria o risco de ver seu lote tomado, de que a pessoa posta não quisesse mais sair. É esse o caso de duas irmãs que contam a senhora Maria Alcinda e sua filha Claudimar:

- Aquela própria pessoa talvez não queria mais sair.

(Eu) – Não queria sair também. Às vezes acontecia isso?

(Filha) – Aqui na frente teve isso.

– Aqui na frente teve.

(Filha) – A própria irmã. Ela não podia, que ela já, ela tinha, ela morava na barragem, tinha um lotinho lá né, e ganhou esse daqui, aí ela separou do marido, veio morar, aí ela, quer dizer, ela tinha criança pequena, aí ela não podia vir, aí ela deixou, a irmã dela pagava aluguel na Ceilândia, aí ela deixou a irmã dela vindo na frente, pra sair do aluguel né, pra ajudar a irmã e, enquanto ela resolvia vir né, aí a irmã ficou morando muito tempo. Aí, quando a dona do lote resolveu vir, quis o lote, a irmã quis tomar o lote dela.

– Foi.

(Eu) – E no fim tomou?

(Filha) – Não.

– Não.

(Eu) – No fim, a outra recuperou?

– A outra venceu, né (MARIA ALCINDA, 2016: 439).

Assim como a senhora Dasdores, essa pessoa que recebe o lote não pode ocupá-lo em um primeiro momento, pois "ela morava na barragem, tinha um lotinho lá né", embora isso logo dê lugar a "ela tinha criança pequena". Várias das narrativas das moradoras entrevistadas permitem identificar situações de pessoas similares a essa vizinha de Maria Alcinda ou de Dasdores, que receberam seus lotes, atenderam o requisito de não ter um lote no DF, mas não podiam ocupá-lo no período

determinado¹²¹. Enquanto a senhora Dasdores vivia em Valparaíso, essa vizinha da frente da senhora Maria Alcinda vivia provavelmente em Santo Antônio do Descoberto, também Entorno do DF, mas mais próximo do Recanto das Emas. Não podendo vir, ela opta por permitir que a irmã ocupe o lote, irmã que morava de aluguel na Ceilândia, como tantas mulheres que já cruzaram conosco nas narrativas das entrevistas. Com a separação do marido, como tantas mulheres que se separaram e buscam um novo recanto, ao buscar o lote, essa vizinha, "a dona do lote", entra em conflito com a irmã que o ocupou para garantir a posse, conflito que ela vence segundo Maria Alcinda, apesar das violentas complicações.

Complicações violentas que também podem ser percebidas em outro arranjo, narrado por Maria Clara e sua filha, em que havia a pretensão de contornar os requisitos exigidos pelo governo para garantir a Concessão de Uso do lote. Nesse caso, a mulher que é a proprietária permite que um homem viva em seu lote. Lote esse onde Maria Clara foi viver posteriormente, enquanto deixava sua casa alugada. De acordo com o diálogo entre essa moradora e sua filha:

(Filha) – Isso é um rolo. Teve esse homem, mas ele não era o dono. Quem era a dona era outra, mas ela não podia vir ocupar o lote e ele fez um acordo com ela. Ela pediu pra ele na época.

(Eu) – Ele era sozinho?

(Filha) – Sozinho, até hoje ele é sozinho. Ele tem uma filha, mas mora lá em Belém, ele é divorciado. Aí, ele pegou. Aí, onde começa a corrupção, né, até na própria pessoa, a gente fala dos governantes, mas a população acaba sendo corrupta também. Aí, ele pegou, quando a mulher ganhou o lote, ele passou pra dentro, ele não pagou nada ela, só que ela entrou na justiça, ele entrou também, ele ganhou cinquenta por cento com direito de usucapião e os outros cinquenta deram, por cento é dela, só que aí também, ela largou de mão, ela se cansou, não quis mais brigar...

– Mas tá lá...

(Filha) – Porque ele ameaçou ela. Aí, não quis brigar, não quis correr atrás mais ela e ficou, tá lá, assim, não falou nada.

¹²¹ O decreto nº 11746/89 "fixa critérios para o assentamento de residentes em invasões em áreas do Distrito Federal e dá outras providências" (DODF, 1989). Em seu artigo 2º, o documento estabelece que "a transferência fica condicionada à disponibilidade de lotes e a que o residente em área invadida preencha os seguintes requisitos:

I - seja detentor de registro de cadastro (Protocolo de Cadastro) emitido pela Fundação do Serviço Social do Distrito Federal por ocasião de levantamento por ela realizado;

II - não ser, nem ter sido, proprietário, promitente comprador ou cessionário de imóvel no Distrito Federal" (DODF, 1989). Além disso, de acordo com Maria da Conceição Gonçalves, essa entrega dos lotes era feita por Concessão de Uso e "apesar de não ter sido publicado, no decreto de criação do Programa, foi estipulado o prazo de 3 (três) dias para os favelados construírem os seus barracos e o de 45 (quarenta e cinco dias) para os inquilinos ocuparem os seus lotes. Decorrido o prazo, desde que justificado, havia uma prorrogação e posteriormente a retomada dos lotes para serem redistribuídos" (GONÇALVES, Maria da Conceição. *Favelas teimosas: lutas por moradia*. Brasília: Thesaurus, 1998: 101). Já foi mencionado também o caso do vizinho de Arlete, que ela conta ter perdido o prazo de ocupação do lote, conseguindo contornar a situação com a ajuda dessa moradora (ver p. 151). Alguns desdobramentos violentos que envolvem essa questão também são tratados adiante.

– Mas tá lá, ele nem vende, ele nem passa pra outro, porque o PC é no nome dela. Aí, pra ele... (MARIA CLARA, 2017: 540).

Enquanto a filha dá a ler a briga judicial que envolveu os pretendentes ao lote, além das disputas e ameaças pessoais entre quem tinha anteriormente entrado em um acordo e quem cansou de correr atrás tentando encerrar esse violento "rolo", Maria Clara destaca, porém, a situação até hoje indefinida do imóvel, situação que lhe permitiu viver nessa casa por dez anos, um canto que ela "praticamente olhava", enquanto alugava o próprio recanto. Embora soubessem das ameaças, da briga e do caráter ilegal da ocupação, prática que a filha da moradora define como "a população sendo corrupta também", as duas se relacionam com esse homem, que "não era o dono", mas que lhes proporcionou uma situação vantajosa.

Se esse é um caso onde a pessoa que recebeu o lote é ameaçada por quem ocupou, em outros casos, como o que é narrado por Arlete, foi possível perceber um pouco da perspectiva de quem invade, "teve um conhecido que invadiu o lote deles, é até cobrador de ônibus, invadiu, tinha, ele tinha na época três menininhos, que hoje já tá um homem e uma mulher, ele invadiu" (ARLETE, 2016: 497). Essas pessoas que buscam um espaço de morar, mas que não foram contemplados com um lote, dão a ver e a ler a complexidade desse "tempo de invasão" definido por Dasdores em suas lembranças. É possível, portanto, atentar também para a violência de quem retira um invasor. De acordo com o que conta essa moradora:

Aí, ele ficou, ele aliás vendeu o lote, mas não veio avisar que tinha vendido, quando ele chegou tava invadido, o cara invadiu. Ah, e já tinha mais de ano. Aí, o cara invadiu. Quando ele chegou, aí, ele vendeu prum policial, o policial até hoje mora lá. Aí, o policial chegou nele, viu invadido, nervoso, achou assim "já era, perdi", aí, ficou nervoso, queria matar o cara. O cara tava abrindo a cisterna, a fossa lá, aí, ele falou "vou te matar, aí, aí, vai ser sua cova vai ser aí dentro mesmo". E aí, eu sei que foi uma confusão danada. Aí, depois, eu falei "o que que eu vou fazer?" Aí, o cara mal-educado, a namo, a irmã do cara veio me xingando achando que eu era mulher do cara que tinha invadido. Aí, eu sou boazinha, mas também fiquei nervosa na hora. Eu falei "ó, antes de você começar a agredir as pessoas, você tem que saber quem são". Aí, ela foi, ela, altona né, aí eu naniquinha, acho que ela pensou "ah, essa aqui é fácil deu dar uma, uma gravata nela, aí, é rapidinho ela tá no chão". Eu falei "não, minha filha, não é assim não". Aí, peguei no braço da mulher do cara, a mulher chorando, eu falei "vamo ali". Aí, fui ver se tinha um posto policial, da civil, embaixo, fui lá. Aí, eles falaram "não, ele não pode fazer isso. Por lei, ele até já perdeu o direito do lote, mas vamos conversar". Eu digo "não, é porque eles tão muito nervosos lá, eu tô com medo dele matar alguém". Aí, falei "não". Aí, quando eu cheguei, ele tinha ido embora, aí falou "ó, vou dar cinco minutos pra você sair", e tava na hora do cara trabalhar e ele não matava serviço. Ele tomou banho, quando ele tá saindo no portão, menino, apareceu umas quatro viaturas da, militar assim, parecia que ia vinha pegar um marginal mais, né (ARLETE, 2016: 498).

No episódio narrado por Arlete, por tratar-se de um policial militar, o uso de força policial que é prerrogativa do Estado, que depende de ação judicial e apresentação

de documentos para Dasdores, se dá como instrumento particular de coação. O conflito se inicia com uma ameaça / tentativa de homicídio que possivelmente foi relatado à moradora pelo conhecido invasor, a ponto de Arlete buscar repetir a fala do policial metido a justiceiro. Em meio à confusão, a narradora viu-se confundida com a mulher do invasor, talvez por estar envolvida em algum arranjo com este conhecido quanto à ocupação do lote, que era cercado em conjunto com o dela e com um único portãozinho. A moradora busca apoio na polícia civil, força que ela entende como capaz de enfrentar o policial militar. Isso pontua na narrativa sua percepção do caráter injusto da ação deste. Segundo sua avaliação, os próprios policiais civis dizem "por lei, ele até já perdeu o direito do lote". Ainda assim, os policiais civis não interveem, mesmo que a senhora Arlete anuncie o temor que o policial militar pudesse matar alguém. O comprador do lote, por outro lado, quando sai, retorna com várias viaturas de reforços, o que para a Arlete "parecia que ia vinha pegar um marginal mais, né". Nessa situação, há sim alguém à margem do direito ao espaço de morar, que é violentado como se fosse um bandido. No entanto, a moradora vê ali apenas uma pessoa em busca de seu direito de morar, afinal "num é, num é certo invadir, num é certo. Mas não invadiu por grandeza, invadiu por necessidade, né?" (ARLETE, 2016: 499).

Uma necessidade que também pode ser relativizada por quem narra a situação de um invasor, como é o caso de Antônio ao referir-se aos vizinhos de frente, que conseguem a permanência em um lote invadido. Mesmo tendo esse morador adquirido um barraco em uma invasão antes de vir para o Recanto das Emas, ele apresenta de forma crítica a ocupação irregular por parte desse vizinhos próximos ao destacar que:

Esse outro ali que o pessoal mora, também, eles, é invadido esse lote, eles invadiram o lote, só que quando o IDHAB vinha pra reaver o lote novamente, pegar o lote de volta, eles arrumavam meio mundo de menino e colocavam dentro da casa, porque eles, eles tiveram lote, tinham casa na Samambaia na época do Roriz, que doou também esses lotes, eles pegaram e venderam, então, quem vende é porque não precisa, né? Então, o IDHAB veio aí algumas vezes aí, só que, já tem muitos anos, aí agora, parou, não vieram mais (ANTÔNIO, 2017: 554).

Apesar das reservas de Antônio à tática do invasor de colocar na casa "meio mundo de menino" e também às pessoas que receberam lotes, mas venderam, ele identifica que é o IDHAB quem busca remover os invasores sem sucesso, até que "não vieram mais". Ao contrário da pessoa que invadiu o lote de Dasdores, da irmã da vizinha de frente de Maria Alcinda ou do cobrador de ônibus conhecido de Arlete, esse

peçoal consegue ficar por meio de distintas estratégias, que vão dos acordos aos confrontos.

Entre tanta violência disseminada por essa cidade, interessa como as moradoras operacionalizam suas táticas, suas maneiras de fazer seus espaços de morar no cotidiano. Trato de táticas aqui nesse sentido definido por Michel de Certeau ao falar que "essas maneiras de fazer constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural" e que formam "uma antidisciplina" (CERTEAU, 2014: 41) diante da violência disciplinar da ordem. Táticas perceptíveis nas estratégias de quem vende um lote, mesmo sem recebê-lo, como a mulher que conta sua história a Maria Eustáquia. A moradora reconta como essa mulher vendeu sua parte de um lote invadido e conseguiu comprar uma casa em outro ponto da cidade. Segundo narra a moradora:

– Nesse barraco aqui mesmo que eu tô falando de invasão, tem lote até hoje ali que tem três donos. Invadiu, invadiu e ficaram né, foram invadindo e foram ficando, então assim, é, eu falo porque a mulher que morava lá, ela que me contou né, que ela mesma era uma das invasoras que foi que invadiu primeiro e cada um foi invadindo, foi invadindo e pegando um pedacinho. Então, eles ficaram com uns lotes bem pequenininhos né. Mas eu creio assim, se algum dia for fazer mesmo a divisão, dois vão ter que perder.

– Dois perdem, não tem jeito?

– Né, porque não tem como assim e ela foi, ela até saiu de lá, ela era primeira e saiu, vendeu a parte dela e vendeu né e saiu, ela não mora mais aqui, ela mora lá embaixo, conseguiu comprar uma casa pra ela lá embaixo. (MARIA EUSTÁQUIA, 2016: 340).

Entre tanto "foi invadindo, foi invadindo e pegando um pedacinho", esse fazer que se reapropria do espaço se converte em benefício para a mulher. Uma tática possível, enquanto não chega esse "algum dia for fazer mesmo a divisão", em que, segundo Maria Eustáquia, "dois vão ter que perder". Entre tantas táticas, a violência que acompanha a ocupação dos lotes – o medo de perdê-los, as invasões – se estende como um tapete na lama, como uma cobertura de lona, como um barraquinho de um cômodo, como um carro-pipa que não passa, como uma jornada extenuante entre o trabalho e o espaço de morar, como a falta de um hospital, como a ação da polícia.

Maria João também relata uma ameaça constante de violência, diante da situação de vagar perdida numa noite escura, ou ao chegar mais cedo do trabalho em casa. Para ela, a violência no Recanto das Emas sempre ocorreu a qualquer hora e isso foi deixando as moradoras preparadas. Essa violência pode ser dada a ver e a ler na possibilidade de um rapaz, morador de rua, vagando perdido pelo Recanto das Emas, que pode assaltar a qualquer momento. A moradora Maria João conta que "eu fui parar lá na 306 pra lá. Ai me deparei lá com uns homens com umas 20s né... (...) E eu

sozinha. E eu 'olha, eu sou da paz, tô procurando a 309'. E eles me indicaram" (MARIA JOÃO, 2016: 371); ou seja, não houve maiores problemas para além de homens armados no meio da noite. No segundo caso, foi necessária muita coragem para ficar, como a moradora narra:

– *Uma vez que eu cheguei aqui dentro do meu barraco, não sei porque eu saí mais cedo do trabalho, cheguei tinha bandido dentro da minha casa...*
– *Nossa...*
– *Tinha dois né. E eu corajosamente, eu botei eles pra correr né, botei eles pra correr pra valer mesmo. Então, eu tive muita coragem, tive que ter muita coragem pra ficar aqui (MARIA JOÃO, 2016: 371).*

Esse risco constante e ininterrupto, que vaga pelas ruas e que invade os lares também salta na memória de Maria Clara e serve para definir a violenta incerteza que era viver na invasão, essa sensação de "hoje, eu não vou encontrar nada dentro de casa", ainda que ela narre que "o meu barraco mesmo, o que eles levaram foi só o tapete e as lâmpadas, e as minhas coisas eram tudo novinhas. E cheguei um dia, só levou mesmo o tapete e eu falei 'ô, meu Deus, muito obrigada'" (MARIA CLARA, 2017: 517). Essa violência também assalta a memória de Maria Joana, assoma na narrativa quando ela lembra que "fui assaltada duas vezes numa semana só, como eu quase não tinha nada pra eles roubarem, eles roubaram, (...) eles roubaram esse, o bujão e esse toca-fita" (MARIA JOANA, 2016: 412). Trata-se de um cotidiano social marcado pela violência, pois enquanto as moradoras deixam seus espaços de morar para trabalhar fora da cidade, o pouco que tinham lhes era roubado, como assinalado no contar da moradora:

Não tinha ninguém, que eu tava trabalhando né, eles roubaram, quebraram o cadeado lá, entraram e roubaram. Depois, eles não tinham mais nada o que roubar, roubaram um martelo e um facãozinho, um facãozinho assim, minhas ferramentas, eles roubaram. E eles tentaram roubar lá comigo lá dentro de casa, mas não conseguiram, por causa que por certo a vizinhança viu né, ou foi cachorro, ou alguma coisa assim, que às vezes eles pensam, muitas vezes eles jogam pedra, parece que não tem ninguém né, pra poder ter possibilidade deles roubarem (MARIA JOANA, 2016: 412).

Nas pedras que voam por sobre os muros sinalizando as possibilidades dos roubos, a violência transborda pelas ruas e casas do Recanto das Emas. Antônio também narra como a neta, Ana Clarice, testemunhou um sujeito tentar invadir a casa. Se no caso de Maria Joana, a vizinhança ou um cachorro impede a tentativa de roubo, mesmo com ela dentro de casa, nesse caso, é o carteiro quem afasta o perigo que ronda, às vezes, pula o muro, em outras, invade. Conforme reconta o morador e avô Antônio:

– *Não, uma vez, eu não sei porque, eu tava trabalhando, a Ana Clarice me falou, que na época, que esse corredor aqui era aberto, você viu esse portãozinho aqui, né?*
– *Uhum.*
– *Teve um cida, disse que uma pessoa entrou aí e ficou olhando lá pela porta e ela ficou disse que muito nervosa, aí, ainda bem que, nisso, o carteiro*

bateu no portão e ele, inclusive, tem até umas marcas pretas no muro ainda ali (ANTÔNIO, 2017: 548).

Também ausente de casa por estar trabalhando, o morador só encontrou as marcas pretas no muro da passagem dessa pessoa que assustou sua neta. Ele parece evitar classificá-lo como um "cidadão", esse termo que sobrevive da experiência do senhor Antônio como policial, preferindo buscar o que foi dito pela neta, que ficou "muito nervosa". Arlete relata que ouvia falar de casas arrombadas, mas percebe a estado precário de seu barraquinho de madeirite como o que teria protegido seu espaço de morar de tal infortúnio. Em seu relato, Arlete ressalta que:

– A gente sempre ouvia falar, acontecia com vizinho próximo, mas comigo mesmo, nunca aconteceu, né. Às vezes, eu ouvia falar "ah, aconteceu isso, pessoal da invasão invadiu ali a casa de fulano, beltrano", né, então, foi muito assim, era muito agitado. Mas, graças a Deus, comigo nunca teve nada. Eles também nem tinham coragem de entrar lá, porque se eles entrassem lá era pra ficar com dó e me ajudar, né.

– Não tinha o que levar?

– Porque não tinha o que levar, era só aquele barraquinho de madeirite, então, ia entrar ali pra que? Ia perturbar o que, né? (ARLETE, 2016: 503).

Ainda que tenha acontecido com algumas moradoras e não com outras, com vizinhos próximos, Marias, fulanos ou beltranos, por mais que fossem carentes esses barraquinhos de madeirite, a violência estrutura o habitar esses espaços de morar. A violência compõe a urdidura dessa urbe nas práticas cotidianas de quem habita esses lugares que ganham sentido como espaço (Cf. CERTEAU, 2014: 184). Ela perturba os viveres, soa nas memórias e ressoa nas narrativas. A moradora Maria das Benções conta que se sente segura apenas com um extenso aparato de correntes, cadeados e trancas para proteger seu espaço de morar. De acordo com a narrativa da moradora, "sempre agora quando eu já comprei um cadeado, uma corrente, quando eu, de noite, eu tranco isso aqui com a chave, com a corrente, com o cadeado, tranco ali com o cadeado do beco e aqui é na chave aqui, melhorou mais" (MARIA DAS BENÇÕES, 2016: 457). Essa estrutura inclui ainda o desejo e / ou exigência de erguer o muro, pois quando este ainda não tinha sido construído, ocorreu a tentativa de invasão da casa. Segundo Maria das Benções:

Tentaram, quando meu marido era vivo, eles já tentaram, que era arrombar essa porta aqui. Aqui na janela, aí nós veio com o lampião, aí meu marido falou assim, é, "vocês podem entrar, mas vocês vão morrer aqui dentro". Aí foi que assim que ele falou assim foi que eles deixaram, saíram e foram embora. Aí, nunca mais aconteceu mais não. Mas eles queriam entrar mesmo (MARIA DAS BENÇÕES, 2016: 456).

Apesar de nunca mais terem tentado invadir sua casa, essa possibilidade nunca deixou de impelir a busca da moradora por segurança. Nesse sentido, também Maria Alcinda menciona, em vários momentos de sua narrativa, o medo que tinha de

deixar os filhos sozinhos em casa, ao sair para trabalhar. Igualmente, receava ser assaltada durante o trajeto entre sua casa e a parada de ônibus. Ela conta que tinha de sair, porque "trabalhava, aí pedia a Deus pra chegar lá na parada pra ir pegar o ônibus pra ir trabalhar, e pedia a Deus pra chegar em casa" (MARIA ALCINDA, 2016: 436). Destaca, porém, que a sensação de insegurança é maior nos dias de hoje, onde mesmo com tantos muros "nem sabe se acha nada". Aprisionada nesse clima de medo, a moradora conta que:

– Acho que foram os tempos mais que a gente tinha mais segurança era nesses tempos, pra ser assim, é que não tinha, é, estrutura, não tinha muita gente morando assim, mas era muito melhor do que agora. Hoje que tá desse jeito. Não tinha. Você podia sair, deixar suas coisas, tudo dentro de casa, ir trabalhar, chegava em casa, tava do mesmo jeito. Hoje em dia, é tudo fechado, você sai, quando chega, nem sabe se acha nada, era muito melhor naquele tempo.

– Vocês nunca foram assaltados?

– Graças a Deus, e nem quero ser assaltada, ele já foi, uma vez, vindo do serviço, ele já foi (MARIA ALCINDA, 2016: 421).

Trata-se, portanto, de um sentimento de medo generalizado, efeito da violência, mas também produtor de violência e de um imaginário social da mesma. Imaginário social da violência ao qual se articulam tanto a lembrança de uma constante insegurança antigamente, quanto "os tempos mais que a gente tinha mais segurança" ao compará-los com os dias de hoje. Violência essa que alcançou seu marido justamente na volta do serviço e ronda sua casa, que aguardava por Maria João em seu barraco, que carregou o pouco que tinha Maria Joana e que alcançou Ana e outros passageiros ainda dentro do ônibus, conforme ela narra: "que eu é vinha do trabalho e me aconteceu um assalto dentro do ônibus, só isso, já na entrada do Recanto, né. Porque ele saiu, né, o ônibus saiu do Riacho Fundo 2, né, aí faz um balão já pra entrar aqui na ema, que todo mundo foi assaltado, só isso" (ANA, 2016: 478). Violência que vai sendo naturalizada, vai sendo narrada como "só isso", vai se encaminhando rotineiramente como o ônibus que volta, passa pelo Riacho Fundo 2, dá a volta na ema e chega ao Recanto.

Essa perturbadora violência entranhada e cotidiana reverbera pelo que se lembra, o que se conta e o que se ouviu contar pelas moradoras. Para Maria das Benções, ela pode ser sintetizada no "quase todo dia amanhece um morto aí. Na, praqueles lados ali do Taubaté" (MARIA DAS BENÇÕES, 2016: 453). Esse mesmo espaço e a violência que o atravessa surgem em outro recontar do que contavam, aquilo que se ficava sabendo da violência do princípio desse Taubaté¹²², segundo a senhora Dasdores:

¹²² É interessante salientar que esse nome pejorativo de Taubaté, que estigmatiza os moradores desde a criação das quadras 500s em 1999, nos tempos atuais também foi em alguma medida reapropriado,

– E aí fizeram esse Taubaté, que até pouco tempo também, vim saber, que o Taubaté, a história do Taubaté é porque "tábua até", era tanta da tábua que barraco só se acha com tábua e madeirite, era meu barraco né, também aqui né, era meu barraco, aliás sou eu. E eles lá era só de tábua mesmo, coitadinhos.

– É o que os meninos me contam.

– Era só de tábua porque, aí o povo gosta de fazer essas coisas né, essas histórias, falam as tábuas, Taubaté, ficou de Taubaté, mas que hoje já está muito bonito e o povo não gosta que chame de Taubaté, porque não tem mais tábua quase né, é casa de alvenaria né. Mas tá bonito. Que é as 500s pra lá, começa das 500s pra lá.

– Assim, quando eu ando pra lá, melhorou muito, dá pra ver. Mas comparando aqui com as 300s, ainda precisa melhorar mais.

– Mas sim, muito, porque aqui era a principal, aqui é a principal né, lá ainda tá né, mas, mas vai melhorando, já melhorou muito e vai melhorar, porque a cidade vai crescendo, o povo vai comprando, vai saindo algumas pessoas, compram e aí melhora, né. E é assim. Mas o povo já não gosta que fale de Taubaté. Porque primeiro era muita violência, muita violência, sabe, muita mesmo, matavam gente assim igual cachorro, de um dia pro outro era três, quatro, a gente ficava sabendo, né. E a polícia nem entrava lá, de dez horas da noite, nem entrava lá, porque tinha medo de morrer também, sabe. (DASDORES, 2016: 369).

Ao contar "a história do Taubaté", o objetivo da senhora Dasdores é esclarecer isso que "o povo gosta de falar essas coisas", a tábua, que é como a madeirite, que é como o seu barraco e como ela mesma, "coitadinhos". Outro povo, esse "das 500s pra lá", "já não gosta que fale de Taubaté", o que parece justo para a senhora Dasdores, pois são casas de alvenaria, "não tem mais tábua quase", "tá bonito". No entanto, ante a pergunta sobre a diferença entre os dois espaços da cidade, ela lembra que é muita a diferença, que "aqui é principal, lá ainda tá né". Nessa separação "lá" e "aqui", há muita violência, que se relata contando: "muita violência, sabe, muita mesmo".

A violência dessas mortes não só perturba, mas atravessa, intimida, identifica esses "eles" de "lá", que contrapõem ao "aqui" da narradora. As mortes irrompem na narrativa das moradoras como símbolos do que sabiam sobre as quadras 500s. Essa área para elas carrega a marca de surgir da invasão e, com tal, é estigmatizada por essas moradoras mais antigas das quadras 300s, como Dasdores, ou 100s, como Maria das Benções. Para elas, o "Taubaté" é o espaço identificado à violência na cidade do Recanto das Emas. Mesmo se outro povo "vai comprando, vai saindo algumas pessoas", como relata Dolores – ou as "pessoas de bens" substituem as "pessoas ruins" na fala do corretor de Maria Eustáquia, quando da compra da casa na 511 –, tal situação não desfaz, porém, a separação dicotômica entre "lá" e "aqui" do / no imaginário das moradoras. Para elas, os

especialmente pelos jovens locais. Além de acompanhar esse fenômeno nas salas de aula do CEF 308, posso citar como exemplo disso, que há uma comunidade na rede social Facebook denominada "Taubaté Faixa de Gaza", que conta 476 membros, tendo sido visitada por 1904 pessoas até o dia 02 de junho de 2017. Ela marca a região como bairro da cidade do Recanto das Emas ao mesmo tempo que a associa a uma das regiões mais violentas do mundo, o território palestino da Faixa de Gaza.

novos moradores que compram representam a melhoria, o deixar para trás a invasão, "compram e aí melhora", mas o estigma da invasão permanece. Embora tenham surgido casas de alvenaria, o que "já melhorou muito" e "está muito bonito", esse espaço da cidade e as pessoas que vivem ali ainda são identificados com as tábuas, a precariedade e as mortes da experiência inicial da invasão através desse termo "Taubaté".

No entanto, a narradora Arlete, que morou na quadra 204 e depois comprou sua casa na quadra 510, narra sua percepção da insegurança associada a alguns elementos distintos nessas duas áreas do Recanto das Emas:

É, pra mim, eu até falo que é igual. É porque, lá, é, por, eu acho que por ser no início, eu imagino assim, não sei, por ser no início, por ter mais, mais, as pessoas melhor, ter muita loja, mais loja, mais comércio, eu acho que as pessoas que, as pessoas ruins gostam mais de aproveitar do pessoal lá, né. As pessoas até mesmo trabalham, porque aqui, não sei, em todo lugar tem, né, mas assim, acho que até que nós, às vezes, do lado ou na frente ou talvez ali, só em ter, estar vendo você naquela luta ali todo dia, já passa a ter um conhecimento, que, às vezes, em vez de você ter medo da pessoa, às vezes até ele te ajuda, te protege de alguma forma. E lá num, lá num tem, lá eu fui perseguida umas duas vezes. Aqui, engraçado, né, já descii aqui nessa parada de ônibus onze horas da noite, não é questão de dizer assim, não é vantagem, não, é necessidade e, engraçado, eu nunca mexeram, não é que não tem, porque a gente vê todo dia ali, aqui, e que a gente tem que fazer a parte da gente, né. E lá, eu via muito, na porta assim, era de dia, era, entendeu? Lá, eu achava (ARLETE, 2016: 496).

A visão de Arlete, assim como as moradoras anteriores, contrapõe uma área mais antiga do Recanto das Emas às quadras 500s. Ainda que comece definindo as duas áreas como iguais, ela identifica as 200s como espaço de "pessoas melhor", onde vão atuar "as pessoas ruins", que estão por todo lugar nas 500s, por viverem ali. Porém, ao contrário da sensação de medo descrita pelas outras moradoras, Arlete narra que através da convivência cotidiana, da proximidade e do "fazer a parte da gente", ao invés de causar medo, essa ameaça acaba sendo minimizada e pode até ser percebida como uma ajuda, uma proteção "de alguma forma", enquanto que na moradia anterior, por duas vezes, ela se viu perseguida pela violência que espreita, pois vem de fora, pois "lá num tem", enquanto aqui "a gente vê todo dia".

A narrativa de Maria Clara toma caminho diferente do que a de Arlete, já que aquela não percebe nada de positivo nessas presenças nas quadras 500s. Ela, no entanto, não conta essa violência como circunscrita ao chamado "Taubaté", mas sim como própria do Recanto das Emas como um todo. Uma violência de quem tem uma arma apontada para o próprio peito ou para a neta. Violência que ela conta passo a passo:

O que eu acho do Recanto é isso, né, segurança, muito pouca segurança, e os políticos, que eles não olham pra cá não. É, transporte também, muito ruim. Quinta, quinta-feira retrasada, antes da, da, do carnaval, o cara chegou a arma em nós, foi em mim, nela e na Thalita. Já chegando aqui. Aí, fui, indo a

gente, ela chega uma hora da manhã, do trabalho, eu falei "vamos buscar ela, Thalita". Aí, quando nós vem vinha, que vem vinha descendo, o cara, aí, põem, eu pus elas, falei "vocês vai na frente", que eu já tinha percebido que eles vem vinha. Aí, elas passou na minha frente, aí, eles chegaram, só apontou a arma no meu peito, "corre!" "Eu vou correr pra onde?" "Corre!" Falei "não, eu não vou correr". Aí, ele abaixou, aí, ele pegou e apontou no rumo da Thalita. Aí, falou pra mim de novo, aí, quando ele apontou no rumo da Thalita, só virei e abri os braços. "Corre, cê corre!" Falei "não vou correr", aí, foi aonde, aí, que eu falei mais alto, ela não viu, até a Vanessa "que que foi, mãe?" Aí, eu falei "não, nada". Aí, ela viu, aí, a Thalita tava com capuz na cabeça, tirou também e virou, aí, ele sorriu assim sem graça, baixou a arma, aí, correu. Quando chegou lá em cima, deu cinco tiros e a Thalita começou a chorar, "vamos correr", eu falei "não adianta, não corre não, se correr é pior". Aí, quando entrou aqui no portão, aí, era um pranto de choro. Mas chorou, chorou. Mas... (MARIA CLARA, 2017: 517).

Ao ir buscar a filha que voltava do trabalho, nesse lugar esquecido pelos políticos e sem transporte de qualidade, ela dá a ver e a ler o que há pouco tempo vivenciou, o "cara" que mandou correr, que apontou a arma, que ameaçou pessoas queridas, que atirou para o alto e que fez chorar a neta. Sujeito que "sorriu assim sem graça" ao ver a neta tirar o capuz da cabeça. A moradora conta que isso tem haver com o capuz da neta, com rixas e acertos de contas entre esses sujeitos do crime, mas há um certo silêncio sobre esse reconhecimento e o "pranto de choro" da neta, algo de indizível ou vergonhoso nesse não-dito. Essa moradora não se sente protegida de forma alguma e representa a violência em um jovem violento que perturba o caminho ate sua casa.

Embora Antônio sinta e narre a violência como uma presença constante, devido aos assaltos frequentes, à falta de segurança e à ausência da polícia, ele não percebe problemas com gangues na área, comuns a outras cidades segundo ele. De acordo com o que houve falar, ele reconta que:

Tem algumas cidades, que você mora numa quadra, não pode ir na outra, porque são, tem rixa, né, negócio de gangue. Não tem, é. Esses dias mesmo no trabalho, eu ouvi falar, ouvindo uma pessoa lá comentando, que em Planaltina tem umas quadras lá que uma não pode ir na outra, porque... (...) Porque vai, eles matam. Então, aqui nunca teve isso não. Aqui, graças a Deus, nunca teve (ANTÔNIO, 2017: 552).

Pelo contraste com Planaltina, onde "vai, eles matam", onde "tem rixa, né, negócio de gangue", o Recanto das Emas é pensado como um espaço, que embora violento, é de livre circulação entre as quadras, pois "aqui nunca teve isso não". Para esse morador da quadra 508, assim como para as moradoras das quadras próximas 100s e 300s, interessa localizar a violência no espaço em sua narrativa. Por mais que seja uma presença cotidiana e ao alcance – pois o morador pode ser assaltado atrás de uma igreja na quadra 309, ou pode ter seu celular roubado, como a menina próxima ao posto da 307 –, o espaço de onde parte a violência, porém, é sempre o "Taubaté". Mesmo na narrativa de Arlete, há esse sentido no deslocamento das "pessoas ruins", que estão espalhadas ali,

"todo lugar tem". Para Antônio, no entanto, não em todas as 500s, mas sim nas últimas quadras, já que, de acordo com sua narrativa, "até que aqui próximo de mim aqui não tem não, mas mais pra baixo aí tem, viu. O que é vê falar é de bandidagem, pra cá da 510 pra 511, aí é lotado" (ANTÔNIO, 2017: 551).

A "bandidagem" é uma identidade¹²³ estigmatizada e estigmatizante que acompanha quem mora nestas quadras e que esse morador procura situar lá (510, 511) e não aqui (508), como as outras moradoras também fizeram. Até mesmo Arlete, que embora viva no lá, sonha em voltar um dia para o seu aqui que ficou na quadra 204. Apesar de ser moradora da quadra 511, Maria Eustáquia vê e lê essa identidade nesse espaço, o define pela mesma, mas se coloca fora da identidade por ser alguém que comprou sua casa, uma "pessoa de bens", como ela narrou através do corretor. A moradora entende que não faz parte dessas outras pessoas marcadas pelo estigma daquela identidade marginalizada, que segundo ela relata:

Tem muito, muito mesmo. Infelizmente, todos mexem com drogas, mexem né, e eu fico com muita dó, muita dó mesmo, essas pessoas desses meninos, jovens né, criança mesmo, você vê criança aí de dez, nove anos né, se drogando. Porque eu vejo aqui, até aqui mesmo que é, aqui era um, essa do lado aqui era, era né, um ponto de droga, continuam os mesmos moradores, mas graças a Deus, pelo menos isso a polícia, né, tirou, prendeu, então, acabou, pelo menos pra isso, mas continuam usando, né (MARIA EUSTÁQUIA, 2016: 343).

Esses "mesmos moradores" que permanecem na casa vizinha, enquanto outros são presos pela polícia, envolvidos com drogas, contados como cada vez mais jovens, dão a ver e a ler os contornos dessa identidade indesejada que circula pelo imaginário social das moradoras do Recanto das Emas. Trata-se de identidade explicitamente recusada pela filha de Maria Clara, mas que essa narradora percebe disseminada entre a juventude local. De acordo com o diálogo das duas moradoras da quadra 510, existe uma disputa em torno da reputação entre as duas áreas da cidade:

(Filha) – E o preconceito, né, que eles acham lá na 300s, tudo, lá, eles abafam o que acontece pra lá, não aconteceu nada, pode assalto, morte. Mas quando é

¹²³ De acordo com Michael Pollak, podemos pensar a identidade como "a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros" (POLLAK, Michael. "Memória e identidade nacional". In: *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10. Rio de Janeiro: 1992: 204). Nesse sentido, as identidades sociais estão fortemente articuladas às memórias individuais e coletivas, que estruturam e são estruturadas nessa busca por uma coerência dos sujeitos. Paul Ricoeur nos alerta sobre a fragilidade da identidade e sua pretensa coerência, o que também é mais um fator que a liga à memória. Para o autor em sua análise, é importante destacar "a tentativa identitária, a 'desrazão identitária', como disse Jacques Le Goff, consiste no retraimento da identidade ipse na identidade idem, ou, se preferirem, no deslocamento, na deriva, que conduz da flexibilidade, própria da manutenção de si na promessa, à rigidez inflexível de um caráter, no sentido quase tipográfico do termo" (RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2012: 94).

nas 500s parece que rende mais a conversa, "não, é porque na 500 é normal acontecer isso, que na 500 só tem gente que não presta" e daí por diante.

– E também, né, tem os jovens...

(Filha) – Muitos jovens...

– Que foi crescendo também, muitos sem futuro, muitos sem interesse (MARIA CLARA, 2017: 519).

Embora morem entre esses jovens, que crescem "muitos sem futuro", essa imagem negativa, de que "na 500 só tem gente que não presta", não é aceita pelas duas moradoras. Elas expõem a violência das quadras 300s, que, na percepção delas, não parece tão digna de repercussão quanto os jovens "muitos sem interesse" das quadras 500s. Nessa tensão ininterrupta entre nós e eles¹²⁴, que busca definir as imagens dos espaços e sujeitos dessa violência, constroem-se e definem-se identidades, que circulam muito além das quadras chamadas de "Taubaté". Essas disputas ou negociações identitárias dadas a ver e a ler pelas memórias das moradoras do Recanto das Emas passam, por exemplo, pela imagem do "bandido". Essa é uma identidade percebida, mas nunca desejada pelas narradoras, assim como acontece com a identidade de invasora. É necessário atentar, como alerta Paul Ricoeur, para a relação entre memória, identidade e narrativa para refletir sobre as possibilidades das escolhas e recusas quanto aos processos de identificação. Ricoeur reflete sobre tal relação:

No plano mais profundo, o das mediações simbólicas da ação, a memória é incorporada à constituição da identidade por meio da função narrativa. A ideologização da memória torna-se possível pelos recursos de variação oferecidos pelo trabalho de configuração narrativa. E como os personagens da narrativa são postos na trama simultaneamente à história narrada, a configuração narrativa contribui para modelar a identidade dos protagonistas da ação ao mesmo tempo que os contornos da própria ação (RICOEUR, 2012: 98).

Essa operação de "modelar a identidade dos protagonistas", sobre a qual fala Ricoeur, envolvendo a memória e sua narração, explícita-se na lembrança da moradora Maria João. Ela percebe a possibilidade da identidade de "bandido" ser imposta aos seus filhos, o que ela trata de recusar e desconstruir ao definir que:

– Então, eu acho que a questão de eu ser uma mulher de garra, de trabalhar, de lutar pelos objetivos, eu tive esse privilégio, que mesmo eles que se envolveram com droga, eles não foram pessoas de mau caráter, bandido.

– Tiveram um exemplo...

– Bandido, não foram bandido né. Porque tem a pessoa, tem o drogado, o usuário, e tem o bandido né. Meus filhos, eles não foram, não foram bandidos né. Em hipótese alguma, nunca se envolveram com coisas, com tráfico, com

¹²⁴ A relação com os outros é fundamental no processo de (re)afirmação das identidades sociais de acordo com Michael Pollak. Segundo esse autor, "a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo" (POLLAK, Michael. "Memória e identidade nacional". In: *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10. Rio de Janeiro: 1992: 204).

assalto né, assalto a mão armada, essas coisas, eles nunca se envolveram com isso (MARIA JOÃO, 2016: 374).

A identidade desejada pela moradora é de trabalhadora, lutadora, que seria oposta a identidade de bandido, que poderia recair sobre os filhos "que se envolveram com droga". A configuração da narrativa modela a identidade da moradora, o que garante a impossibilidade, "em hipótese alguma, nunca", de seus filhos terem se tornado bandidos, um "privilégio" segundo ela, que os coloca como "drogado", "usuário", uma identidade atribuível a quem se envolve com "pessoas de mau caráter", mas diferentes destas, que se envolvem com tráfico, assalto à mão armada, "essas coisas".

Mas, à despeito dos trabalhos da memória e dos esforços narrativos, é difícil restringir a violência a um espaço ou a um grupo social da cidade do Recanto das Emas nas narrativas. A violência segue aparecendo na própria rua, como é explicitado na narrativa de Dasdores, onde transborda nas mortes da família que ela colocara em seu barraco para garantir a posse do seu lote: "aí a mãe, mataram a mãe, ano passado, em abril mataram primeiro esse Bida, que o apelido era Bida e quando foi uns seis meses, por aí, de novo, tá, mataram outro, na rua mesmo de casa" (DASDORES, 2016: 358). A violência que transita pelas ruas, até mesmo na rua de sua casa, também circula pela escola anterior em que ela trabalhara:

– Aí, essa casa aluga, professor Jorge, e é prostituição, é droga, sabe, é uma coisa séria. Mataram também o irmão dessa mulher que mora lá, lá no 113, sabe a bomba? A bomba que soltaram lá?

– Uhum.

– Foi esse camaradinho que mataram. Cê soube né?

– Essa da bomba eu soube...

– Uma bomba que estouraram lá. Eu ainda tava lá, que os estilhaços, os vidros, não cortaram ninguém, mas fez um grande barulho. E eu tava lá ainda.

– Estilhaçou tudo. Eu lembro dessa história.

– É, estilhaçou. Cê lembra, então, era o irmão dessa criatura, que não se sabe direito o nome, nesse caso, sei lá, é uma vida muito desnorçada. E a casa é muito mal vista (DASDORES, 2016: 360).

Expressões dessa violência, sobre a qual eu mesmo ouvi falar¹²⁵, ao longo de meu período como professor no CEF 308, muito próximo ao CEF 113, onde Dasdores trabalhou e onde se deu o episódio da bomba. Uma matéria do Correio Braziliense, de 08 de abril de 2013, define tal bomba como "rojão" no título e "artefato explosivo" no corpo do texto (Cf. CORREIO BRAZILIENSE, 2013). Esse estudante, que veio a ser assassinado, fazia parte da política pedagógica de "correção de fluxo" e tinha histórico de problemas no ambiente escolar, segundo a reportagem. É o "camaradinho que mataram", o "irmão dessa criatura, que não se sabe direito o nome", mas que dá nervoso em

¹²⁵ A filha da senhora Maria Clara também faz menção a esse episódio durante a entrevista da mãe, quando lembra que "de vez em quando, jogam umas bombas lá" (MARIA CLARA, 2017: 536).

Dasdores, a ponto de fazê-la pensar em se desfazer de sua casa, mesmo que apenas por pouco tempo. Por sua vez, aquela residência vizinha também é identificada pelos atributos de seus ocupantes, "a casa é muito mal vista".

Violência que se conta na rua, na casa ou na escola e reconta todos esses espaços bem ou mal vistos. O CEF 113 é a escola onde Maria Clara estuda à noite e ela também conta como ali a violência transborda em desrespeito e ameaça a professores. Ela associa o problema à falta de respeito pelos pais, em primeiro lugar, e aos alunos menores infratores, esses "maloca", em um segundo momento, "porque juiz tá mandando muito de menor". A violência nesse ambiente escolar é dada a ler e a ver pela moradora ao narrar que:

Na minha sala, tem muito aluno. Aí, o professor, teve, um dia, esses dias, falou "ah, professor, eu já vou", professor "uai, se você quer ir, quem sou eu pra te segurar, você já é de maior", "e eu vou sim, ninguém me manda, nem meu pai me manda", eu falei "que absurdo". Aí, teve outro professor que teve que sair de lá, que foi até ameaçado por maloca (MARIA CLARA, 2017: 536).

Esses jovens violentos e violentados, que não reconhecem a autoridade paterna ou dos professores, de acordo com a narrativa da senhora Maria Clara, se envolvem com drogas, não participam da vida escolar e comunitária e tornam necessária a presença da polícia para garantir o funcionamento da escola – espaço que devia transformar sua situação –, já que "mandaram muito de menor que foi preso pra lá e eles não querem nada com nada, vai pra lá pra usar drogas. Dia desses teve que chamar a polícia pra lá" (MARIA CLARA, 2017: 537). É interessante que ela os identifique como "maloca", que nesse caso é uma abreviação de "maloqueiro", aquele que habita uma maloca, por definição, uma habitação de palha indígena ou esconderijo (Cf. FERREIRA, 1975: 872), mas é um termo que foi reapropriado para definir habitações urbanas coletivas e precárias, como a que ficou famosa na composição de Adoniran Barbosa "Saudosa Maloca", de 1951. Se Dolores definiu a casa mal vista pelos ocupantes, Maria Clara define essas pessoas mal vistas por ela pela imagem de uma casa.

A configuração das narrativas constrói esses personagens e essa ação violenta. Mesmo personalizada nessas figuras nas narrativas, nesses "maloca", nesses "de menor que foi preso", nesses "camaradinhas" que vão matando, essa violência está entranhada nas relações sociais da cidade, em qualquer espaço, por maiores que queiram ser os muros das escolas. No CEF 308, Antônio relata o episódio envolvendo sua neta Ana Clarice, que é ameaçada de morte por um colega:

Inclusive, eu tive lá, porque tinha um moleque lá que tava ameaçando a Ana Clarice de morte. Ela até pegou umas coisas aqui dentro de casa, levou pra dar pra ele. Aí, eu peguei e falei "ó, não é assim que funciona, você tem que

chegar, você vai, fala com o diretor e me avisa, que você não pode pegar nada aqui dentro de casa pra dar pros outros". Aí, o professor viu ela chorando dentro da sala, perguntou o que que foi, ela contou, né, falou que o menino deu prensa nela, ela pegou e deu as coisas do irmão dela pro moleque lá. Aí, o Marcos chamou na direção lá e mandou chamar a mãe, explicou a situação e ela fez ele devolver. Inclusive, ele saiu até do colégio aí, não tá mais no colégio não (ANTÔNIO, 2017: 551).

Esse "moleque" que ameaça, que extorque coisas, já "saiu até do colégio aí, tá mais no colégio não", é mais um desses inúmeros jovens que vão aparecendo nas memórias para sumir. Que "ou morrem ou saem fugidos", como dito pelo corretor na narrativa de Maria Eustáquia. Por mais que se busque expulsar a violência ou, ao menos, afastá-la, ela sempre se mostra próxima nessas ruas entre a casa e a escola, seja na rua narrada por Maria Clara, seja na rua de Dasdores. Também na narrativa de Ana, há espaço para a violência na figura de um vizinho na quadra 804, que representa a volta do medo, o "junta vagabundo demais", as mortes dos jovens, a lembrança do medo pelos filhos no caminho da escola. A moradora e mãe Ana conta que:

– Eu não acho, porque nossa, quando eu mudei praqui, eu ficava apavorada. Todos os dias era uma morte aqui. Meus filhos eram pequenos, né, e eu ficava apavorada, porque eu saía, tinha que deixar eles pra poder ir pro colégio, né. Eles iam sozinhos e voltavam sozinhos, o meu medo era esse. Era morte direto, morreu muita gente por aqui. Aí, quietou. Aí, quando, tem mais ou menos uns dois anos, né Brenda? Aqui embaixo? Tem um vizinho ali, que faz umas festas aí loucas e junta muito...

– Muito malandro?

– Muito vaga, fala assim, vagabundo, né. Junta vagabundo demais. Já aconteceu quatro mortes, não foi Brenda, aqui?

(Filha) – Aham.

– Nessa rua aqui, descendo, ali embaixo, já aconteceu quatro mortes de menino novo, de menino menor, assim, dezesseis, dezessete, quinze anos, que morreu. O último que morreu, morreu dentro da casa dele, né. Tinha o que, dezessete anos, Brenda?

(Filha) – Uhum.

– Dezessete anos que ele tinha. Acho que o muito que tem é um mês (ANA, 2016: 472).

A configuração da narrativa sobre essa rua, "ali embaixo", onde "tem mais ou menos uns dois anos", a moradora lembra o sentimento de pavor pelo despovoamento de jovens, "menino novo", "menino menor". Mortes dessa juventude que acontecem na casa onde se "faz umas festas". Antes era o pavor pelos filhos adolescentes indo e voltando sozinhos do colégio, então jovens como esses jovens que se vão. Um sentimento de medo que dá a ver e a ler a sensação de impotência de quem não pode estar ali, mas lembra e narra os caminhos e descaminhos dos garotos de "dezesseis, dezessete, quinze anos" pelo Recanto das Emas.

Ela relata o que ensina aos filhos, "eu conversava muito. 'Ó, sua mãe não fica em casa, sua mãe tem que trabalhar, então você tem que obedecer o professor, tem que obedecer a diretora'" (ANA, 2016: 486). A mãe narra essa impotência de ter de trabalhar

e não poder ficar em casa com os filhos. Narra também o sentimento de temor não só pela morte que espreita seus filhos, mas principalmente de se tornarem os "vagabundos" que dão "pro que não presta", esse outro cuja identidade provoca o sentimento de pavor no viver da moradora. Ana destaca que "a coisa que eu tinha mais medo, professor, era de um filho meu dar pro que não presta, tá polícia atrás, tá polícia batendo, tá polícia na minha porta. Ah, isso aí, eu sempre ajoelho. E sempre converso com minhas netas também sobre isso" (ANA, 2016: 486). Hoje, o temor que foi pelas filhas e filhos, é pelas netas, o que faz conviver, apesar do contra-senso, a lembrança da mãe que não podia acompanhar os filhos até escola da primeira narrativa, com a lembrança da prática de sempre levar os filhos bem cedo à escola, expressa na narrativa segundo a qual Ana conta que:

O colégio mais perto que eu consegui, que eu morro de medo dessas meninas, nossa, eu fico preocupada, né? Assim, quem vai pegar, quem vai levar, porque eu era assim com os meus filhos. Levantava bem cedo, arrumava, deixava no colégio, aí eu pedia pro irmão mais velho ou pro pai ir pegar. Eu era desse jeito (ANA, 2016: 485).

Entre ser a mãe que não podia acompanhar os filhos, por não ficar em casa, por ter que trabalhar, e a mãe zelosa, que os "deixava no colégio", preocupada, sendo ambas, a moradora Ana explicita o medo de mãe e de avó em relação às suas meninas. Um medo que pede que elas sejam acompanhadas tanto na ida quanto na volta da escola. Trata-se de um temor que sempre acompanha as mulheres e é distinto do que cerca os meninos, um medo da violência sexual.

Nas narrativas dessas mulheres, transbordam várias formas dessa violência masculina constante¹²⁶, como o primeiro ex-marido violento de Maria Joana, "ele era muito agressivo, muito violento, fui obrigada a largar e a separar dele" (MARIA JOANA, 2016: 393); ou o segundo companheiro bêbado, que "eu trabalhava no meu serviço e ele chegava lá bêbado com ciúme, que, por causa, ele tinha ciúme até da sombra" (MARIA JOANA, 2016: 400). Os pais ausentes e negligentes, como os companheiros de Arlete e de Maria Clara ou o ex-marido de Ana. Mesmo na narrativa de Antônio, há uma mãe abandonada com os filhos pequenos. Um pai que é como um vulto distante nas lembranças, que não cria, enquanto à mãe cabe cuidar dos quatro filhos até falecer jovem:

¹²⁶ Antonádia Borges menciona em seu livro, a presença de uma sala especial para atendimento de mulheres pela ausência de uma Delegacia da Mulher na cidade do Recanto das Emas (Cf. BORGES, Antonádia. *Tempo de Brasília : etnografando lugares-eventos da política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003: 149). A moradora Maria João ao elencar as melhorias na cidade menciona "tem delegacia, tem atendimento à mulher" (MARIA JOÃO, 2016: 384).

Minha mãe morreu bem novinha, minha mãe morreu, faleceu com trinta e seis anos. Aí, inclusive, meu pai, nós não fomos criados com pai. O meu pai, ele separou da minha mãe, eu era, sei lá, bebê de colo, porque eu não lembro da época que ele separou, eu lembro, às vezes quando ele ia me olhar, que eu chorava, chorava era muito, né. Mas, nós não fomos, o pai da gente não nos criou não, fomos criados com a mãe (ANTÔNIO, 2017: 558).

Essas narrativas femininas e esse feminino nas narrativas dão a ver e a ler essa cidade de mulheres que lutam pelo seu próprio espaço e pela sua sobrevivência e de suas filhas. Essas moradoras, que além de serem avós dos estudantes do CEF 308 do Recanto das Emas, também são mães, veem a violência urbana alcançar suas filhas e seus filhos, além delas mesmas. Ao tratar do sofrimento conjunto com os filhos, Maria Joana conta que:

Os dois mais novos como tiveram paciência, sofreram junto comigo, tiveram os padrastos ruins, tiveram as pessoas ruins, não porque, eu lutei, eu fiz o que eu podia fazer, mas eu nunca abandonei eles, nunca desprezei eles e nunca judiei deles porque causa, nem, e fiz o possível pra ninguém que judiasse também, viu, mas aquilo que a gente tem pra passar, não tem como a gente evitar né. Aí, ele, essa mais velha é revoltada (MARIA JOANA, 2016: 400).

É visível na narrativa o esforço em relativizar e evitar a violência interfamiliar, de maltratar os filhos. O que pode evitar, evita, mas "aquilo que a gente tem que passar", o inevitável, o que não tem jeito, transborda na revolta da filha mais velha, provavelmente vítima dessa violência. Assim, a moradora conta uma violência que não pode ser contada, que ganha contornos nos "padrastos ruins", no não abandonar, não desprezar, não judiar de seus filhos, que não foi suficiente para que outros não judiassem.

Essa violência, que acompanha, mas que não se diz, vai compondo as histórias de vida das moradoras, também vem compor o Recanto. Ela atravessa as experiências de suas moradoras pela cidade do Recanto das Emas, as vivências que são reconstruídas pelas memórias em seu esforço de narrar as próprias histórias de vida. Como no caso da perda de um filho, mesmo antes da mudança, que transparece na narrativa de Dasdores. É perceptível essa violência, pouco narrada, mas indicada nos silêncios sobre a morte do filho em Valparaíso, no mesmo ano em que se dá sua mudança para o Recanto das Emas. Trata-se, porém, de assunto sofrido, do qual não gosta de falar: "o Danilo faleceu, meu filho né, numa danceteria, essa história até eu não gosto de falar, faleceu com vinte anos né, aquele exame lá foi em 98" (DASDORES, 2016: 364). Violência que marca a mãe do jovem falecido / assassinado em uma danceteria no Entorno do DF.

Maria João também narra a perda de um filho, o mais velho, morto de maneira violenta, avisada pela polícia, como Ana tanto temia. A narrativa permite perceber como a memória da perda de um filho se mistura, ao mesmo tempo, com a preocupação materna com o filho caçula, que mora na rua por conta de sua dependência do vício em drogas ilícitas, no caso, o crack. A história de seus filhos é também a história de outros rapazes "aqui no Recanto", conforme é narrado pela moradora:

Ele até fala que quer e tudo, mas eu acho que não tem força, eu não sei o fato, tem dia que chora, que fala que tá cansado dessa vida, quer mudar, mas... Então, eu espero qualquer hora, inclusive eu tô sabendo que mataram um rapaz aqui no Recanto e que ele parece que entrou no mercado com uma faca e o cara, tipo assalto, eu falei "não é meu filho", porque nunca fez isso, só se, né, extrapolou as coisas agora né. E eu acho que não é não, porque foi no domingo e até agora a polícia não me ligou, e isso eles fazem né. Porque quando mataram o outro, que esconderam o corpo, é, a polícia chegou até mim, no segundo dia né. Então, eu acho que não foi esse meu filho. E também já to preparada pra isso (MARIA JOÃO, 2016: 374).

Mesmo sem saber direito sobre o caso do assalto no Recanto, ela está ciente do conflito entre o que o filho declara e o que se dá. Ela se diz preparada para receber notícias ruins sobre esse filho caçula, mas se contradiz em seguida, ao negar essa possibilidade de o filho estar assaltando, "porque nunca fez isso". Relativiza, porém, sua avaliação, "só se, né, extrapolou as coisas agora né". A polícia, nessa situação e contexto, ao invés de representar segurança, representa justamente o papel dos mensageiros da morte de mais um jovem da periferia: "isso eles fazem né", ou como contara Ana, "tá polícia atrás, tá polícia batendo, tá polícia na minha porta" (ANA, 2016: 486). E Maria João segue esperando e não esperando essa mensagem da polícia a qualquer hora: violenta espera.

Entre tanta violência que precede, que se vive e que se espera entre esses recantos do Recanto das Emas, a narrativa de Maria Joana relata a violência como uma presença constante nessa cidade e no mundo. Ela ressalta que esses problemas da violência encontram-se disseminados: "que tá tendo roubo demais, violência demais, viu. É, a gente não pode mais, é, nem sair, a gente sai de casa, mas não sabe se volta. É um bocado de coisa de dificuldade que tá tendo nesse Recanto, aliás não é só aqui, tá no mundo inteiro" (MARIA JOANA, 2016: 412). Nesse canto, no Recanto e no mundo.

Ser tão periferia

Esse "bocado de coisa de dificuldade" é uma forma de violência que começa desde o processo de expulsão das populações mais pobres para regiões cada vez mais

distantes dos empregos, dos melhores equipamentos urbanos e se estende à precariedade do transporte público. É violência que abastece os índices de criminalidade, mortes, exclusões, espoliações e o descaso do poder público. Segundo Zygmunt Bauman, não por acaso essas áreas "são corroídas pela degradação e tornam-se marginais", enquanto "os bairros centrais são valorizados e tornam-se objeto de grande investimento urbanístico" (BAUMAN, 2009: 8). Nessa mesma direção, orienta-se a reflexão de Iwakami, para quem essa relação hierárquica e desigual entre grandes cidades, como Brasília, e suas periferias origina-se do movimento migratório das zonas rurais para as zonas urbanas, das pequenas cidades para as grandes cidades. Segundo a autora:

Em grande parte das maiores cidades brasileiras, a formação de áreas faveladas acompanhou o próprio agravamento das condições socioeconômicas da população, afetando principalmente os meios de sobrevivência da parcela de trabalhadores desqualificados ou expulsos do meio rural. A história das favelas acompanha, portanto, a clássica trajetória realizada por uma parcela significativa da população pobre: a migração constante do campo para as cidades, ou das pequenas cidades para as grandes metrópoles. As grandes cidades são o ponto de chegada dessa trajetória e aí as diferenças sociais se manifestam mais nitidamente, especialmente no que diz respeito à segregação social em relação ao uso e apropriação da cidade, refletindo o fenômeno conhecido como espoliação urbana (IWAKAMI, 2012: 274).

A violência histórica dessa "espoliação urbana" se afirma em cada "vida severina" (MELO NETO, 1994) que é contada, cantada e recantada. Desde muito antes de se construir Brasília, os problemas da concentração fundiária e de riquezas formaram e informaram a experiência migratória do Nordeste para o Sudeste e Sul do Brasil¹²⁷. Importantes livros, como O Quinze (1930) de Rachel de Queiroz, Vidas Secas (1938) de Graciliano Ramos, Morte e Vida Severina (1955) de João Cabral de Melo Neto¹²⁸, denunciavam esse perverso processo de espoliação urbana narrada pela literatura em diferentes épocas.

¹²⁷Para o geógrafo Ralfo Matos, é possível definir três momentos desse processo de conjunção entre migração e urbanização na história brasileira, definidos pelos autor nos seguintes termos: "as migrações internas no país associaram-se com uma espécie de proto-urbanização arcaica ou urbanização esparsa e incipiente; com uma urbanização subsequente intensa e concentrada espacialmente; e finalmente com uma urbanização "pós-transicional", ou desconcentrada, no interior de uma rede urbana extensa e territorialmente interiorizada, estruturada por um grande número de centros intermediários de porte médio"(MATOS, Ralfo. "Migração e urbanização no Brasil", In: *Geografias 08(1)*. Belo Horizonte, jan.-jun. 2012: 9).

¹²⁸Sobre a relação entre a literatura brasileira e o sertão ver: VICENTINI, Albertini. "O Sertão e a Literatura". In: *Sociedade e Cultura* 1 (1). Goiânia: UFG, jan./jun. 1998, p. 41-54; LEITÃO JR., Artur M.. "As Imagens do Sertão na Literatura Nacional". In: *Terra Brasilis*, 2012, posto online em 05 nov. 2012, acesso em 31 ago. 2017. Sítio: <http://terrabrasilis.revues.org/468>; DOI: 10.4000/terrabrasilis.468.

Desde o início da República, pelo menos, com a publicação de *Os Sertões* (1902) por Euclides da Cunha¹²⁹, a questão da errância, do abandono e do isolamento das populações sertanejas começa a ganhar significativa visibilidade no eixo Centro-Sul do país. Além disso, o problema da espoliação urbana que Iwakami enquadra nessa “história das favelas”, antecede o próprio conceito de favela. Com efeito, conforme indica Licia Valladares, ao longo do século XIX, o cortiço era “considerado o locus da pobreza” (VALLADARES, 2005: 24), espaço que passa a ser, desde então, cada vez mais combatido pelas políticas públicas de reformas urbanas. Políticas que expulsam a população pobre e indesejada das áreas valorizadas da cidade. Ainda que o substantivo genérico favela só tenha se difundido na segunda década do século XX (Cf. ABREU, 1994: 35), a erradicação dos cortiços e processos de favelização se espalharam pelo Rio de Janeiro, como no Morro da Providência e no Morro do Santo Antônio, desde os últimos anos do século XIX (Cf. VALLADARES, 2005: 26), expulsando a população pobre para essas zonas periféricas da cidade.

Capistrano de Abreu já explicitava, em carta a João Lucio de Azevedo (1916), sua defesa de uma história não das elites, mas do povo “capado e recapado, sangrado e ressangrado” (ABREU, 1954: 166). Aquele historiador também destacava o contraste entre litoral e sertão em seus *Capítulos de História Colonial* (1907) (Cf. RODRIGUES in ABREU, 1963: XIX) e combatia pela inserção e maior visibilidade do sertão e seus habitantes. Durante muito tempo, como destacam Diva Muniz e Ernesto Sena, esses espaços interiores e as populações que os habitavam foram estigmatizados, silenciados ou mesmo esquecidos nos retratos construídos para a nacionalidade brasileira, “particularmente aqueles dos discursos literários e historiográficos dos séculos XIX e XX, os sertões e os sertanejos encontram-se ali representados como sinônimos do atraso e do isolamento” (MUNIZ & SENA, 2011: VI).

A questão dessa desigualdade e desses estigmas é bem antiga, sendo que o próprio Euclides da Cunha faz referência aos discursos do senador cearense Tomás Pompeu, que mapeou as principais secas do século XVIII e XIX, com destaque para a Grande Seca de 1877-79 (CUNHA, 1963: 15). Para o político cearense, e também para o

¹²⁹Segundo Licia Valladares, essa obra de Euclides da Cunha pode ser percebida como um verdadeiro “mito de origem” da favela como espaço de habitação da população pobre nas grandes cidades brasileiras, o que se relaciona com a formação de cidades de periferia como o Recanto das Emas, marcadas pela oposição entre centro e periferia. A autora analisa que isso se liga à “imagem do povoado de Canudos descrita por Euclides da Cunha em *Os Sertões* (1902). Imagem que também corresponde àquela vislumbrada pelos primeiros visitantes da favela do Rio, quando transpuseram em suas descrições a dualidade ‘litoral versus sertão’ para a dualidade ‘cidade versus favela’” (VALLADARES, Lícia de Prado. *A invenção da favela: do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro: FGV, 2005).

escritor carioca, a seca era a origem dos males do Nordeste, pois produzia fome e famintos, ou seja, despossuídos e necessitados, que engrossavam as filas de milhares de migrantes, Fabianos, Sinhás Vitórias¹³⁰, meninos, “muitos Severinos, iguais em tudo na vida” (MELO NETO, 1994: 171). Licia Valladares avalia que eles são apenas alguns desses políticos e “profissionais ligados à imprensa, literatura, engenharia, medicina, direito e filantropia que passaram a descrever e propor medidas de combate à pobreza e à miséria” (VALLADARES, 2005: 24), medidas essas que muitas vezes combatem apenas a presença dos pobres e miseráveis. Pessoas que migram, como o narrador do poema de Bertold Brecht, “para as cidades vim em tempos de desordem, quando reinava a fome. Misturei-me aos homens em tempos turbulentos” (BRECHT, 2002: 8). Com efeito, os retirantes nordestinos migravam para as cidades do eixo Centro-Sul e misturavam-se a outros homens e mulheres igualmente objetos de espoliação urbana nesses tempos turbulentos da industrialização e urbanização do país. Ou como conta Maria das Benções:

- *A vida lá no Piauí era difícil.*
- *Muito difícil?*
- *Difícil. A gente não tinha casa, não tinha o lugar de morar mesmo, tinha o lugar de morar assim, mas era dos outros, o chão era dos outros lá, dos proprietários lá, né.*
- *E a senhora falou que veio com uma família pra cá?*
- *Foi.*
- *E a família da senhora? Ficou toda lá?*
- *A família, a minha família, meu pai já morreu, a minha mãe também, eu vim, eu vim mesmo só com, foi uma mulher que me trouxe lá de Correntes.*
- *E os irmãos da senhora, a senhora perdeu contato?*
- *Meu irmão veio praqui pra Brasília, até hoje eu não sei aonde que ele tá.*
- *Ah, ele veio pra cá também.*
- *Foi.*
- *Mas ele veio em outra época?*
- *Ele veio primeiro que eu.*
- *Ah, tá.*
- *Mas até hoje eu não sei aonde que ele tá.*
- *Nunca mais encontrou?*
- *Nunca mais encontrei não.*
- *E é só esse irmão que a senhora tem?*
- *É, eu só tenho, só ele, só esse.*
- *Só esse irmão?*
- *Eu tenho uma irmã que mora lá no Brejão, lá na, ali, perto de Redenção.*
- *Mas essa ficou lá no Piauí?*
- *Essa ficou lá. Não sei se ainda é viva, não sei se já morreu.*
- *Perdeu o contato?*
- *Perdeu o contato, nunca mais fui lá (MARIA DAS BENÇÕES, 2016: 459).*

O Piauí narrado por Maria das Benções é um lugar que não possibilita ter raízes, pois "o chão era dos outros lá, dos proprietários". Essa vida desgarrada, difícil e errante é recortada pelos silêncios, falas curtas, indicadores de que não há desejo de se

¹³⁰ COSTA, Cléria B. “Uma história sonhada”. In: *Revista Brasileira de História*, vol. 17 n. 34. São Paulo: Scielo, 1997. Nesse trabalho, Costa traça um paralelo entre Dona Raimunda e a personagem Sinhá Vitória do livro *Vidas Secas*.

alongar no tempo, de ampliar a narrativa. Ela sai de Brejão, passa por Redenção (do Gurgéia), Correntes, cidades do Piauí. Chega até Brasília. Caminho sem família, "só com". Caminho que seu irmão, desgarrado como ela, fizera antes. Caminho que talvez até a irmã que ficou em Brejão tenha feito. Caminho onde foi levada por uma mulher para trabalhar na capital.

Caminho que possui semelhanças com o que é narrado por Ana, mesmo sendo outro itinerário e outra cadência. Ela veio de Aurora do Norte, antigo norte de Goiás, atual Tocantins, também para ser empregada doméstica em Brasília. Ainda que ela passe por menos escalas, dá a ver e a ler em sua narrativa também um cenário de desamparo familiar, onde nada a prendia à sua terra natal. Ana buscou por trabalho que a conduziu até a capital do país e que ela conta nos seguintes termos:

Eu fui criada sem mãe, sem pai. Aí, uma amiga minha, quando eu ia já tinha dezessete anos, me trouxe pra Brasília né, pra poder eu trabalhar, porque eu sou de Tocantins, Palmas, mas o nome do lugar daonde eu nasci, eu fui registrada em Aurora do Norte, que hoje é Tocantins, né. Aí, uma amiga minha, eu tava com dezessete anos, me trouxe pra trabalhar e eu vim pra Brasília trabalhar, né. Aí, aqui eu comecei a trabalhar, não tinha filho nenhum, né, nessa época, comecei a trabalhar de empregada doméstica. Sofri muito, porque não tinha ninguém, não conhecia ninguém, né, não sabia trabalhar bem, aí aos poucos eu fui aprendendo, né (ANA, 2016: 465).

Estes são dois casos situados no fim dos anos 70, que compõem “a migração constante do campo para as cidades, ou das pequenas cidades para as grandes metrópoles”, tal como indicado por Iwakami. Para Laurent Vidal, no início da República houve um repensar da relação cidade e campo na sociedade brasileira a partir desse processo migratório. Para o historiador francês, “a aceleração da urbanização e as secas repetidas no Nordeste, provocando a formação de movimentos migratórios desde os mais afastados campos até as cidades mais modernas, são a tela de fundo dessa reflexão” (VIDAL, 2009: 128). Desenraizamento, espoliação, secas, sertões, migrações e busca de oportunidades nesse caminhar em direção à moderna capital.

Uma moderna capital que atrai também pessoas como Maria Clara, que necessitam de tratamento de saúde, que não encontram tais serviços médicos onde residem, o que acaba por levar à morte um de seus filhos. A morte do filho é o que desencadeou a crise de saúde, que culminou com sua transferência para uma cirurgia do coração no Hospital de Base em Brasília, em meados dos anos 80. Esse marco é o que inicia sua trajetória que passa por Planaltina de Goiás, Brazlândia, até chegar ao Recanto das Emas, tendo, antes disso, passado por Floresta no Pará e por Córrego do Ouro em Goiás. Essa morte desamparada, ainda no interior do Pará, deixa marcas no coração dessa mãe e é assim narrada por ela:

– *Aí, eu ficava mais no hospital do que em casa. Aí, eu tive um menino, o menino morreu com oito anos, porque eu tava internada, com febre reumática também já no, em Concei, em Redenção, em Conceição do Araguaia. Aí, passei um mês, aí, o pai dela na roça. Aí, eu cheguei, tinha uns três dias, o menino com disenteria, acho que deu infecção, né, intestinal. (...) Aí, ele na roça, eu falei, chamei ele, falei "ó, o menino tá muito ruim". "É, faz chá caseiro", eu falei "ó, não adianta não, a sua mãe disse que já deu e não adianta". Falei "olha, se você não quer ir, bem, se não quiser ir, eu vou dar um jeito". E eu sem poder, não tava aguentando nem andar. E a cidade era como daqui... Mais longe do que o Plano, né, Floresta, bem longe...*

(Filha) – Bem mais longe. Acho que duas horas de carro de Floresta pra lá.

– *Tinha que ir de pé, não tinha carro, não tinha nada. Aí, eu falei "não, eu vou pra casa", que era do padrinho dele, que era mais, que tinha uma condição melhor. Aí, peguei o menino, aí, tinha um rapaz lá muito conhecido da gente, falou "não, Antônio, se você quiser descontar meu dia, você desconta, ou se você quiser cobrar de novo, você cobra, não vou deixar essa mulher ir sozinha com esse menino não, a mulher não tá aguentando, ainda pra carregar esse menino". Aí, ele pôs eu na garupa da bicicleta e o menino, nós foi. Aí, chegou lá, o filho desse compadre meu saiu gritando, ele tava pro pasto lá, buscando gado pra poder apartar um bezerro. Aí, ele largou lá com o filho dele e veio e arrumou a carroça e pôs nós na carroça e foi. Quando nós tava faltando, acho que uns cinco quilômetros pra chegar na cidade, o menino falece. Aí, pedi, ele clamou pra não deixar ele morrer, o compadre meu falou "comadre Maria, vai buscar", ele já sabia que eu tinha problema do coração, "vá buscar uma água ali pra mim", aí, eu fui. Quando eu fui pra voltar pro quarto, ele "comadre Maria, não venha agora não". Aí, eu já pensei logo, falei "é o menino que tá acabando de falecer". Aí, ele veio, já "comadre Maria, não se assusta, não teve jeito, o menino morreu. Que que a senhora acha? Nós volta ou segue?" Eu falei "uai, compadre, já que já faleceu, não vai ficar lá mesmo, né, lá o cemitério lá também é igual aqui, então, vamos voltar pra trás". Aí, nós voltamos. Também só vi a hora que voltou. Quando chegou lá também, não vi o enterro do menino, não vi ninguém, passei mal o tempo todo (MARIA CLARA, 2017: 525).*

Maria Clara, em sua longa narrativa, dá a ver e a ler o marido negligente do qual se separou depois. Também aborda a distância entre o distrito de Floresta e o hospital mais próximo em Conceição do Araguaia, cidade do sudeste do Pará. Entre a solidariedade do funcionário "conhecido da gente" e do padrinho do filho, "que tinha uma condição melhor", a dificuldade e o sofrimento desse trajeto meio a pé, meio de bicicleta e muito de carroça por essa distância, muito maior do que a que separa o Recanto das Emas do Plano Piloto, para uma mãe que "não tava aguentando nem andar". Mas acima de tudo, é contado um filho, um menino que nunca é nomeado – como não eram os filhos de Fabiano e Sinhá Vitória – e que clama para "não deixar ele morrer", no colo da própria mãe. Uma mãe que escolhe fazer todo o caminho de volta com o cadáver do filho na carroça de seu compadre, antes de passar mal, ser internada e trazida para Brasília. Toda essa experiência de desamparo no interior do Pará, Maria Clara lembra e trás consigo até seu espaço de morar no Recanto das Emas.

Desde o fim dos anos 50, o início da construção de Brasília materializa a ideia de redirecionar os movimentos migratórios para o interior do país. Esse foi um dos

argumentos a favor da construção da nova capital federal no Planalto Central, projeto já pensado no século XIX. No entanto, como explica o urbanista Lucio Costa, esse ideal era percebido de formas diferentes e compôs diferentes projetos para a nova capital, diferentes lugares para “essa gente”:

Em Brasília, tratava-se de estabelecer ao longo do eixo residencial, todos os modelos econômicos, de maneira que toda a população more na cidade e não na periferia. Juscelino Kubitschek disse que não. (...) “Essa gente não deve se instalar no Plano Piloto” ele disse.

Escolheram então quatro ou cinco centros na periferia, que se tornariam cidades-satélites. A tese era que as cidades-satélites deveriam aparecer depois. No entanto, aconteceu o contrário, a cidade ainda estava em construção e as cidades-satélites se desenvolviam rapidamente, com total liberdade, de forma que os problemas se desenvolveram de maneira anormal (COSTA, 1993 in VIDAL, 2009: 223).

O projeto para Brasília de Lucio Costa com "toda a população na cidade" e sem periferia é interrompido, segundo sua narrativa, pelo "não" presidencial, em franco desacordo com outro projeto, o de Brasília como palco da integração nacional¹³¹. Buscam-se outros lugares, distantes do centro, afastados na periferia, para "essa gente", que não deve se instalar no Plano Piloto. O que o urbanista percebe como um desenvolvimento de "maneira anormal", no caso de Brasília, Iwakami classifica como uma "clássica trajetória" dessa urbe, similar à de outras grandes cidades brasileiras. Trajetória das cidades, que expulsa a população mais pobre, como denunciou Carolina Maria de Jesus, no caso de São Paulo. Em uma entrevista sobre seu livro Quarto de Despejo (1960), a escritora relata que:

É que em 1948, quando começaram a demolir as casas térreas para construir os edifícios, nós, os pobres, que residíamos nas habitações coletivas, fomos despejados e ficamos residindo debaixo das pontes. É por isso que eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós, os pobres, somos o trastes velhos (JESUS, 1995: 171).

Espaços que podem ser chamados de centros na periferia, cidades-satélites, favelas ou quartos de despejo. Pessoas que são identificadas como problemas, espoliados urbanos ou trastes velhos. Classificada como anormal ou como clássica, a trajetória que liga a cidade pequena à cidade grande também irrompe na narrativa de Arlete como um violento contraste, no qual ela destaca que:

– Minha maior sorte, graças a Deus, foi eu ter recebido o lote, porque hoje eu não sei onde taria com eles. Aonde que a gente ia tar na Bahia, passando necessidade mais do que aqui, porque aqui é difícil. Cidade grande é difícil? É! Mas se a pessoa tem disposição pra trabalhar, quer vencer na vida, ela vai ali, na sua casa, bate sua porta, "me dá sua roupa pra mim lavar, moço, você me dá um prato de comida ali pro meu filho", mesmo que você não

¹³¹ Segundo Daniel Faria, "Brasília surgiria anos depois como promessa de integração nacional, tanto em termos geográficos quanto no da unificação estética entre elite e povo, pela via da pedagogia sensível para o exercício da cidadania e a vida na modernidade" (FARIA, Daniel. "Do modernismo a Brasília". In: *Humanidades*, nº 56. Brasília: UnB, dez. 2009: 35).

queira dar, mas quando fala que é pra dar a comida, seu coração amolece na hora, cê vai lá e dá na hora, "tudo bem". Agora, lá no sertão é difícil, então, assim, foi muito bom, agora, a questão de eu ganhar alguma coisa assim.

– *Qual a cidade que a senhora veio da Bahia?*

– *Pilão Arcado.*

– *Pilão Arcado. Fica onde mais ou menos? Perto do que?*

– *Fica, perto de Pernambuco já.*

– *Ah, já é bem pro norte da Bahia?*

– *Lá pro norte da Bahia, lá bem no sertãozinho mesmo, lá perto de Petrolina.*

– *E a vida lá era muito difícil?*

– *Era. Como era. Lá era difícil demais. Hoje não, hoje já tá fácil em todo canto já tá mais fácil. (...) Mas no sertão é o bicho (ARLETE, 2016: 510).*

A vida é contada como difícil tanto na cidade grande quanto no sertão da Bahia, mas a necessidade é maior no segundo. A cidade grande condensa as oportunidades de trabalhar, o vencer na vida para quem luta, onde pode-se conseguir nem que seja um prato de comida para os filhos, onde ainda é possível "ganhar alguma coisa assim", pois existe a proximidade com os que tem alguma coisa. Já em Pilão Arcado, cidade do norte da Bahia, próxima a Petrolina, o "sertãozinho mesmo", é difícil, "é o bicho". Assim, ela lembra e narra como rumou para Brasília, ainda com dezoito anos, deixando para trás o primeiro marido e um filho, em busca de uma sorte melhor. Já Dasdores narra, com suas lembranças de outros recantos por onde passou, a relação entre grandes cidades e suas periferias mais próximas:

Não, naquele tempo, justamente, aí nós morávamos no interior do Pará e, depois, viemos pra capital, pra Castanhal, uma cidade que agora é igual como o Gama, uma cidade-satélite daqui, agora, Belém, eu já sei que é lá. Nunca mais voltei lá, na minha terra, né, mas me contam, uns parentes lá, tão lá alguns meus irmãos, alguma, uma família, parente assim do Deus me livre, e dizem que Castanhal, Ananindeua, que tá no meu registro, é como uma cidade aqui do Gama, uma cidade-satélite, só que não dá esse nome, dá uma cidade próxima assim né. (DASDORES, 2016: 363).

Cidade próxima ou cidade-satélite, Castanhal ou Gama, na terra natal ou adotada, Dasdores constrói, em sua narrativa, as memórias do que contam os parentes do "Deus me livre", aproximando, na lembrança, espaços que mais de dois mil quilômetros separam. No itinerário Ananindeua-Castanhal-Belém-Brasília, assim como nos itinerários narrados anteriormente (Brejão-Redenção-Correntes-Brasília; Alvorada do Norte-Brasília; Córrego do Ouro-Floresta-Brasília; Pilão Arcado-Brasília), vê-se e lê-se caminhos e descaminhos de cinco trabalhadoras domésticas, que deixaram esses interiores, esses sertões, essas cidades pequenas e convergem não apenas quanto ao destino final, mas também quanto às formas de trilhá-los e narrá-los.

E esse não é um processo exclusivamente brasileiro, nem que se limita às fronteiras de um país. De acordo com Aldo Paviani, esse é um processo comum às demais metrópoles da América Latina, onde "o que foi levantado para as cidades de

Bogotá, Lima e Cidade do México pode ser estendido para outras capitais latino-americanas, agravadas, aqui e ali, as questões habitacionais, problemas de emprego, saúde pública, educação ou transporte" (PAVIANI, 2010a: 25). Percebem-se traços comuns a esse processo até mesmo fora da América Latina, em outros continentes, como no caso de Windhoek, capital da Namíbia, país que se emancipou politicamente da África do Sul em 1990. Conforme o relato de Zygmunt Bauman:

O excedente da população agrícola deslocou-se para as favelas que se espalharam ao redor da capital relativamente abastada, atraída não por algo real, mas por uma esperança, dado que agora a oferta de trabalho é inferior à demanda. (...) A Namíbia agrícola está liberando um excesso de mão de obra enquanto o crescimento dos recursos financeiros da Namíbia urbana é insuficiente para recolher esses "sobrantes" (BAUMAN, 2009: 59).

Esse processo de migração marcado pela concentração fundiária e de renda, que constrói e é reconstruído pela espoliação urbana, se articula ao imaginário de esperança de algo melhor. Essas pessoas que deixaram suas terras natais em áreas rurais ou pequenas cidades, como as mulheres entrevistadas que hoje moram no Recanto das Emas, foram impelidas por múltiplos fatores, dentre eles, o sentimento de esperança de uma vida melhor. Para o geógrafo Ralfo Matos, é importante destacar que:

Os chamados fatores de expulsão e de atração, tão discutidos e trabalhados na América Latina nos anos de 1960 e 1970, são, de fato, mais ou menos predominantes de acordo com as condições de vida existentes em áreas urbanas e rurais. Contra essa evidência trazida à luz pelos histórico-estruturalistas há pouco a acrescentar. Talvez pudéssemos radicalizar salientando que os fatores de atração foram, na maior parte da história, em qualquer lugar, menos significativos do que os fatores de expulsão existentes no campo. A grande força de atratividade das cidades é muito mais recente historicamente e resulta de um contexto no qual a redistribuição espacial da população já vinha se desdobrando há muito tempo (MATOS, 2012: 8).

Interessa aqui, para além da multiplicidade desses fatores, perceber como esse processo de expulsão e atração é lembrado e narrado como luta, atravessado por violências, esperanças e outras expectativas ao rumar para um centro urbano como Brasília. Uma cidade marcada pela utopia de uma modernidade que a faria diferente. De acordo com James Holston, Brasília é uma cidade que os planejadores ambicionaram fazer como "um exemplo de progresso, negando as condições do subdesenvolvimento na construção e na ocupação da cidade" (HOLSTON, 1993: 35). O que foi concretizado, no entanto, não escapou ao país que a envolve, pois conforme analisa Holston:

Todavia, a simples existência das cidade-satélites, onde vivem quase três quartos da população do Distrito Federal, subverte essa intenção, reproduzindo a distinção entre o centro privilegiado e a periferia destituída – um dos traços mais básicos do resto do Brasil urbano e do subdesenvolvimento que os planejadores de Brasília queriam negar ao construir seu novo mundo (HOLSTON, 1993: 35).

As cidades-satélites e sua população aumentaram muito desde a década de 80, quando Holston realizou sua pesquisa, ampliando ainda mais essa distinção entre o "centro privilegiado" e a "periferia destituída". O Recanto das Emas é mais uma dessas cidades-satélites que reafirmam o que o projeto de Brasília pretendia negar. É mais uma cidade periférica, como tantas outras periferias de grandes cidades, ligadas a esses sertões e interiores, que as alcançam nessas histórias de vida narradas. Esses itinerários ligam, ao mesmo tempo que destacam uma separação. Assim, conta-se como ver um futuro, tal qual Arlete faz com a jovem nora em Minas Gerais, conforme ela narra:

Aí, eu falei com ela "lá é bom, minha filha, você pode fazer um estágio, lá, você pega em loja, né, coisa assim, você vai, começando a trabalhar e, aqui não tem futuro, porque lá é desse tamanhozinho, é cidade pequenininha de interior, num tem mesmo. Lá só tem prefeitura, serviço de prefeitura, aposentado, é o dinheiro que entra, a prefeitura, aposentadoria e leite. Lá, essa seca danada que teve, que morreu muito gado, não tinha quase leite, desempregou muita gente. O pessoal lá, a maioria foi embora pros Estados Unidos, tá indo, né. Mesmo o homem falando que se ganhasse ia deportar o pessoal, mas eles não tão ligando não. A coisa em Minas tá tão, assim, difícil, que eles tão indo, do mesmo jeito, todo dia vai gente (ARLETE, 2016: 514).

Ainda nos dias de hoje, conforme conta a moradora, "todo dia vai gente", segue esse processo que esvazia a "cidade pequenininha de interior" rumo a "lá", onde é bom, onde tem futuro, mesmo que certos homens possam falar contra tal processo e erguer muros físicos e simbólicos contra isso. Em alguns casos, um futuro para além de Brasília, até mesmo para os Estados Unidos, pois está tudo difícil nesse lugar restrito às burocracias da prefeitura, aos que se aposentaram e aos serviços na pecuária leiteira.

De acordo com Paviani, como consequência dessa migração estabelece-se uma relação onde se explicitam "formalismos, clientelismos e assistencialismos que permeiam toda a tessitura da sociedade brasileira (estando Brasília, no caso, apenas pondo às claras todo o processo)" (PAVIANI, 2010: 76). Todos esses ingredientes e condições emergem nas memórias contadas pelas moradoras. Isso se mistura com as buscas por algo melhor que são narradas. Maria Alcinda, logo no início da entrevista, conta que o que a leva a deixar Tucuruí no Pará, mudar-se, após o casamento com Deusmar, para o Maranhão e, finalmente, vir para Brasília "é procura de melhoria né. Porque lá as coisas muito difíceis, aí a gente veio pra cá pra caçar melhoria e tamo aqui até hoje, pelejando pra sobreviver, como os outros lá né" (MARIA ALCINDA, 2016: 414).

"As coisas muito difíceis", o "pelejando pra sobreviver" de Maria Alcinda são como os tantos "viver é negócio muito perigoso" de Riobaldo, personagem-narrador

de Grande Sertão Veredas¹³². Riobaldo avisa que "ah, a gente, na velhice, carece de ter sua aragem de descanso" (ROSA, 2015: 21). O mesmo narra essas mulheres que lutam, peejam e correm atrás. Elas tecem com o contar de seus cantos as veredas desses interiores, desses sertões e suas sertanejas, desses cerrados e suas moradoras, que se ligam à capital do país. Recantos que servem para lembrar que deve-se ampliar nossas formas de olhar para esses espaços e quem os habita, como é enfatizado por Diva Muniz ao afirmar que:

Os sertões e sua população de despossuídos, pela riqueza e singularidade de suas experiências, pela sua protagonização na constituição da nação e nacionalidade brasileiras, devem ser pensadas sob a perspectiva de uma história múltipla, plural e atenta às diferenças (MUNIZ, 2011: 38).

Atentar e valorizar essas diferenças passa pela escuta cuidadosa das narrativas memorialísticas das moradoras, o que permite relacioná-las à uma história crítica, mas também múltipla e plural, conforme indicado por Muniz. É importante sensibilidade e análise crítica, quando essas mulheres dão a ler e a ver a luta de outras mulheres nesses espaços e caminhos, como o faz Maria Joana, que exalta a figura da mãe ao narrar que:

- Eu sei que minha mãe era guerreira, até no ano que Deus levou ela, ela colheu um saco de amendoim e alho, ela plantava o alho pra manter a casa, nunca precisou comprar alho, sabe, uma roçona de alho dela lá que ela plantava. Ela faleceu com sessenta e cinco anos. Hoje, se você visse ela não dizia que ela dava nem cinquenta. Mulher guerreira disposta.
- E ela criou quantos filhos?
- Ela foi mãe de quinze.
- Quinze? Nossa.
- Mãe de quinze. E os dois partos derradeiros foram gêmeos. O meu irmão mais velho, mais velho que eu dois anos, gêmeos, só que só escapou ele, não sei se nasceu morto ou se morreu depois, e gêmeos eu e a minha outra irmã, que nós somos as caçulas das mulheres. Aí, um bocado Deus levou. Ela em vida ainda, Deus levou quase, acho que bem a metade, ela em vida ainda, porque lá no interior, você sabe como é né, não tem os recursos lá, é diferente, pois é. Ela já foi parteira dela mesma, que o marido dela foi trabalhar e esqueceu o dia que ela ia ganhar, o negócio de passagem, que antigamente tinha esse negócio de passagem de, não sei como é lá. Aí, ele só ela e Deus mesmo. Eu fui parteira uma vez também (MARIA JOANA, 2016: 407).

Nesse interior sem recursos que é contado, Maria Joana constrói e reconstrói essa mãe guerreira e obstinada, mãe de quinze filhos, mãe que viu bem a metade dos

¹³²Albertina Vicentini destaca a importância da obra-prima de Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas (1956), e de seu personagem-narrador Riobaldo para as formas de pensar e narrar o sertão na literatura brasileira. Segundo a autora, "a narração de Riobaldo em Grande Sertão: Veredas tem a importância que tem na literatura brasileira. Com ele é que o sertão virou mar. Até então, a voz do sertanejo só tinha sido, dentro dos textos literários, ou reproduzida, numa clara concessão do escritor da cidade, homem culto, frente ao homem inculto do sertão ou do campo, ou omitida, com o narrador da cidade tomando todas as iniciativas narrativas. Guimarães Rosa não reproduz a voz do sertanejo, mas cede a palavra a ele, mantendo-se só como presença simbólica, sem voz de homem da cidade, escutando uma narrativa de um homem sertanejo seu igual. Ele não passa, no livro, de um doutor da cidade" (VICENTINI, Albertini. "O sertão e a literatura". In: *Sociedade e Cultura* 1 (1). Goiânia: UFG, jan./jun. 1998: 46).

filhos morrer ainda em vida e que se muda do "interior de Minas, Urucum em São Romão" (MARIA JOANA, 2016: 392), para Brasília, com quatro filhos pequenos após o assassinato do marido. Uma mãe com quem ela se identifica, pois ambas foram mães e parteiras, e que acompanha boa parte da trajetória narrada por Maria Joana em busca de seu espaço de morar, sua "aragem de descanso".

Maria Eustáquia também encaminha suas lembranças até as Gerais, mesmo tendo ela e alguns dos irmãos nascido em Goiás. Ainda assim, a identidade que ela afirma, seu jeito, sua comida e, especialmente, sua procedência são de Minas Gerais. De acordo com a narrativa da moradora:

*– Eu vim de Ceres, Goiás. Nasci lá em Ceres né, eu casei lá mesmo. Morei lá...
– A família da senhora era toda de lá?
– Não, minha família, a minha mãe mesmo é de Minas né, meu pai também é de Minas, e meus irmãos, só quatro que veio de lá assim sem, que não era, que não nasceu em Minas, o resto nasceu em Goiás mesmo né, então a gente fala que é goiano porque nasce em Goiânia, mas a gente diz que é, a gente é filho de mineiro, então a minha procedência, o meu jeito, a minha comida como se diz assim é tudo de mineiro mesmo né, mas nasci mesmo em Goiás, Ceres mesmo. Sou de uma família assim que veio onze filhos, minha mãe teve onze filhos né, mas só oito vingou, oito viveram (MARIA EUSTÁQUIA, 2015: 330).*

Também há espaço na narrativa dessa moradora para a figura materna, mesmo que de forma breve. Ela é a primeira a ser lembrada como mineira. Uma família de onze filhos, uma mãe de onze filhos, que também não vê todos vingarem e viverem. Em outro momento, Maria Eustáquia identifica ainda o distrito de Jardim Paulista, pois "Jardim Paulista já é município de Ceres, uma cidadezinha" (MARIA EUSTÁQUIA, 2016: 346) como seu local de origem, onde sua família se estabeleceu e ela permaneceu até o casamento, quando mudou-se para Brasília, local de trabalho do esposo e do sogro.

A moradora Maria João também morava em Goiás, na cidade de Guaraí, que hoje em dia é parte de Tocantins. Ela também se mudou dali por conta do casamento e emprego, tendo vindo junto com o marido para trabalhar na viação de ônibus Pioneira no início dos anos 80, conforme ela mesma narra: "eu vim do Goiás em 1981. Agosto de 1981. Engraçado que eu já vim pra trabalhar para o seu Eli né, e depois quando eu separei do pai dos meus filhos em 85, eu saí e num quis voltar pra Pioneira e passou muito tempo quando eu resolvi voltar e tô lá até hoje" (MARIA JOÃO, 2016: 373). Ao contrário de outras moradoras que vieram sozinhas e acabaram por desligar-se de suas redes familiares, Maria João conta que toda a sua família rumou para Brasília e estabeleceu-se na Ceilândia, onde inclusive se encontravam seus filhos, quando ela recebeu o lote no Recanto das Emas. De acordo com a moradora:

Minha mãe já tinha mudado do P. Sul, tava morando na Ceilândia. Aí como a casa deles era grande, aí eu falei "não, então eu fico num barracinho e os meninos já ficam com a senhora pra estudar", botei eles tudo pra lá pra estudar, só porque, filho adolescente com avô, com tio, com avó não dá certo (MARIA JOÃO, 2016: 373).

A rede de apoio representada pela presença da família permite outras estratégias dessa moradora para lidar com sua luta por um espaço para morar, mesmo quando "não dá certo". É essa família que vai ajudá-la a preparar o lote, erguer seu barracinho e que ela também vai ajudar recebendo-os, como foi o caso do pai já doente. Uma rede familiar como também é narrada por Arlete, quando essa conta que "metade da Bahia mora por aqui, que é família, né, minha família é muito grande, nós somos em oito irmãos, né, e metade lá e metade aqui" (ARLETE, 2016: 494). Família que a recebe, como a irmã e o cunhado de Samambaia. Família que ela recebeu, como a própria mãe ou a irmã, que se casou e voltou para Bahia. Em outros casos, se não existia uma rede tão extensa, ao menos a presença de um par de irmãos, como Deusmar, esposo de Maria Alcinda. Esta conta que:

Nós viemos juntos, viemos juntos, aí, só que o dele saiu primeiro, lá pra Samambaia, o lote dele, que todo, porque assim que a gente chegou, passou um pouco de tempo, aí tava fazendo inscrição, aí a gente aproveitou e fez. São três irmãos, era ele, mais o outro irmão dele, a outra que morreu, aí fizeram a inscrição todo mundo junto, aí o dele saiu primeiro pra Samambaia (MARIA ALCINDA, 2016: 424).

Três irmãos vindos com as famílias do Maranhão. Um recebe o lote em Samambaia e permite que vivam ali os familiares em um barraco de fundo. Isso até que a situação se complique. Na narrativa de Antônio, ele também conta que foi recebido pela irmã mais velha, vindo do Maranhão, sendo que "eu vinha trabalhar, que eu tinha uma irmã, que morava aqui na época" (ANTÔNIO, 2017: 543). Uma irmã que recebeu um lote em Samambaia e que permitiu a Antônio construir um barraco de fundo, permanecendo ali por cerca de quinze anos, até que a situação se complicou, "na época que eu vim, em 91, lá ela recebeu esse lote lá também" (ANTÔNIO, 2017: 543). Esse lote abrigou esse morador, ainda que pertença à irmã e receba hoje outro irmão. Antônio narra que:

– Aí, ela pegou, foi a época também que ela se separou do marido. Inclusive, quem construiu lá fui eu. Eu que construí, ela me deu, passou o lote pra mim construir, eu construí no lote. E saí e deixei a casa lá. Foi a época também que eu...

– Vocês venderam a casa?

– Não, não, a casa continua sendo dela ainda. Ela foi embora pro Maranhão, mas tem um irmão, um outro irmão nosso que mora lá na casa lá.

– São quantos irmãos?

– Nós somos quatro irmãos, dois homens e duas mulheres.

– Todo mundo veio pra Brasília?

– Todo mundo veio, inclusive, só ela que tá no Maranhão (ANTÔNIO, 2017: 543).

Vindo "todo mundo" do Maranhão, da Bahia ou de Goiás, a presença de familiares representa uma das estratégias mobilizadas nessas buscas por um espaço de morar. Esses espaços narrados, assim como aqueles narrados pelas outras moradoras, vão reverberando essas trajetórias de vida, esses itinerários, essas periferias, esses interiores, esses caminhos e descaminhos até a capital do país. E há, também, nesses contares de tantos cantos, lugar para os interesses políticos e eleitoreiros na busca pelo espaço de morar.

Espaço político

Como já foi mencionado, a partir do momento em que o DF passa a contar com eleições para deputados e senadores, mas particularmente no período que antecede às eleições diretas para governador, a disputa pelo controle das terras públicas pelo GDF intensifica o estabelecimento de novas cidades-satélites e a distribuição de lotes em troca de apoio político. Maria João avalia de maneira crítica, em sua narrativa, os termos dessa relação de troca, ao ressaltar que "a melhora mesmo é se os governos, eles encarassem a população né, com respeito, né, porque quando eles vão pedir voto, pedir essas coisas assim, eles não ficam fazendo um monte de promessa? Fazer isso, fazer aquilo, né. Então, era isso" (MARIA JOÃO, 2016: 386). Já Maria Clara conta que nem esses períodos eleitorais tem rendido algum retorno na melhoria da cidade, "e olhe lá. Tem vezes que nem em época de eleição" (MARIA CLARA, 2017: 535).

Com efeito, a alteração no projeto inicial de Samambaia atende justamente a esses interesses eleitoreiros, assim como a criação do Recanto das Emas e de outras cidades-satélites no período eleitoral seguinte, já durante o primeiro governo eleito de Joaquim Roriz. Nesse período, o governador Roriz prometia que daria lotes a todos os inscritos na SHIS, conforme é informado em reportagem do Jornal do Brasil, de 04 de março de 1993, onde lê-se que:

Durante a cerimônia de entrega dos terrenos, Roriz assegurou que, até o final do seu governo, doará lotes a todas as famílias inscritas na Sociedade Habitacional de Interesse Social (Shis). "Quero que vocês tenham paciência, estou trabalhando 24h por dia para cumprir esse compromisso", pediu o governador a uma platéia de seis mil pessoas (JORNAL DO BRASIL, 1993: 15).

A cerimônia destinava-se à entrega de dois mil e quinhentos lotes no então assentamento Recanto das Emas, ainda em março de 1993. É informado também que já havia sido distribuído um total de três mil e duzentos lotes de um quantitativo que

deveria chegar a sete mil. Esses dados ajudam a destacar esse "compromisso" que Roriz prometia aos recém assentados. Tratarei, mais adiante, da importância desses discursos no imaginário e na memória das moradoras do Recanto das Emas, mas já é possível destacar como essa paciência e esse "estou trabalhando 24h por dia" são fundamentais na política que constrói esse espaço.

Ana narra ter sido contemplada com dois lotes em Samambaia, em 1990, ainda que, efetivamente, só tenha recebido um. Ela atribui essa conquista à figura do então governador indicado Joaquim Roriz, quando define que "eu ganhei lote através do Roriz" (ANA, 2016: 467). O processo é assim dado a ver e a ler pela moradora:

– Ó, foi no tempo do Roriz, a gente inscreveu, eu acho que foi rápido.

– Foi rápido?

– Foi rápido que a gente ganhou.

– Na época, a inscrição tava no nome do seu companheiro ou da senhora?

– Eu fiz duas inscrições, ou ele fez uma inscrição, eu fiz outra né, porque como nós não éramos casados. Aí, saiu o meu nome, saiu o nome dele. Só que, o dele, bom, no jornal, porque era, saiu num jornalzinho, né.

– Uhum.

– Aí, saiu o nome dele e saiu o meu nome. Aí, na época, eu tava grávida, tive que ir pra Tocantins ganhar a minha filha mais nova, aí ele foi, correu atrás do dele, eu como fui pra Tocantins, que eu tinha que ligar da minha filha mais nova, que tem vinte e seis anos agora né, aí eu perdi a minha inscrição.

– Mas o da senhora, que a senhora perdeu era em Samambaia também?

– Era em Samambaia também, que saiu (ANA, 2016: 469).

Além do tanto que se conta, há muito que não se conta sobre como o marido "correu atrás" do lote dele para recebê-lo. Em sua narrativa, Ana perde a oportunidade por ir para Tocantins com dois filhos, menos o caçula que fica na casa da tia na M Norte, região da Ceilândia, enquanto o marido garante sua inscrição que havia saído no jornal, "no tempo do Roriz". É interessante também destacar que o casal atua dentro das possibilidades oferecidas ao fazer cada qual o seu cadastro, já que não eram casados, embora isso também pareça ser o impeditivo do recebimento do lote em sua inscrição.

A imagem de Joaquim Roriz é tão associada ao recebimento de lotes por essas moradoras, que passa a ser uma representação de político no imaginário social das moradoras, sempre mobilizado em suas narrativas de suas histórias de vida. Assim como Ana, Antônio também identifica o tempo em que recebeu um lote como o tempo de "época do Roriz". Para ele, é essa a marca do período em que uma vizinha atual recebeu o lote, pois "eles tiveram lote, tinham casa na Samambaia na época do Roriz, que doou também esses lotes, eles pegaram e venderam, então, quem vende é porque não precisa, né?" (ANTÔNIO, 2017: 554). Doação como a que também contemplou a irmã desse mesmo morador, que o trouxe para morar no lote recebido por ela em Samambaia. Mas essa representação da "época do Roriz" também se aplica ao período

em que ele conheceu o Recanto das Emas, já que narra que "eu vinha, que tinha uns vizinhos meus lá, que tinham lote aqui, eu vinha de lá. A gente vinha aqui no lote deles, na época que eles tavam arrumando também, que tudo foi na época do Roriz, que foi doado também. Só que pra lá foi primeiro, né" (ANTÔNIO, 201: 556). Essa "época do Roriz" é um tempo marcado pela imagem do então governador, que se estende ainda para o período do recebimento do próprio lote e da chegada às quadras 500s, que conforme conta Antônio, "tudo é a mesma época, tudo é novinho, tudo é do mesmo tempo que eu vim pra cá. Não tinha nada essa parte aqui, isso aqui foi tudo da época do governador Roriz. A única coisa que tinha aqui é uma parte aqui da 508" (ANTÔNIO, 2017: 545). Uma época onde "foi tudo" e "tudo foi".

Além dessa representação que identifica o tempo de receber um lote nas narrativas das moradoras do Recanto das Emas, a imagem de Joaquim Roriz é dada a ler e a ver como se o próprio governador realizasse os cadastros e entregasse os lotes a essas pessoas, que buscavam um espaço de morar para chamar de seu. É assim, também, que conta Arlete:

É, eu morava na Ceilândia na, na data que o Joaquim Roriz tava cadastrando os loteamentos, né, lá. Eu fiz o cadastro sem esperança de ganhar, pouca esperança, mas Deus abençoou que eu consegui, saíu primeiro pra Samambaia, lá pra expansão. Só que veio dois no meu, no meu documento veio dois, no meu lote veio duas pessoas com um endereço só, né (ARLETE, 2016: 490).

Assim como Ana e a irmã de Antônio, Arlete é contemplada em Samambaia, mas duas pessoas são designadas para um mesmo lote e ela narra que escolhe esperar pelo Recanto das Emas. Mas o tempo, "a data", é identificado pela atuação personalizada em Joaquim Roriz. Em sua narrativa, Dasdores também se refere várias vezes à figura do ex-governador Roriz, bem como de sua esposa Weslian Roriz. Ela atribuiu o recebimento de seu lote à generosidade do casal e não como resultado de um programa de habitação do governo. Ela narra assim o episódio:

Em 92, eu trabalhava lá né, na Granja do Ipê, ainda, que eu entrei em 89, fui pra lá, aí ela mora logo na frente, não sei se você sabe, a residência dele, cê sabe, pois é, nós, eu conheço por ali, eu não sei se ainda mora. Aí nesse 92, a diretora que era a Esmeralda, que já aposentou, chegou com todos nós e disse assim "olha, a esposa do doutor Joaquim Roriz vem aqui trazer umas roupas, o exército vai trazer um caminhão, vai trazer umas roupas pras crianças", que ela doava muito, ela ajudava muito por detrás, ninguém sabia, mas ela fazia muito esse lado humano, né, ninguém via muito, mas ela fazia muito essas roupas e eu sabia que ela fazia. Aí atrás, "ela vai trazer roupas pras crianças, cobertor e tudo mais", que naquele tempo, as crianças eram filhos dos caseiros de lá, sabe, depois acho que já melhorou mais. "Aí vocês aproveitam, quem quer seu lote aproveita que ela vem aqui", eu digo "ai meu Deus", já tinha um tempo que eu tinha inscrito né, mas não tinha recebido, eu digo "é minha vez". Quando ela chegou, eu fiz o meu pedido, mas ela foi tão simples né, que foi rápido. Ela sentou e a diretora veio

"doutora dona Weslian né, dona Weslian", muita alegre, muito humilde, meu tamaninho ela, mas uma bonequinha, ela era muito linda né. Aí disse assim "as minhas funcionárias aqui da escola tão querendo lote, querem ganhar um lote que elas não tem". Aí sentou "então vamos". Eu fui a primeira. Eu disse que eu tinha meus filhos, já tinha né e eu não tinha onde morar, morava de aluguel. E aí, ela com um papelzinho desse tamaninho, ela escreveu o nome dela, acho que eu nem me lembro, só sei que no outro dia eu fui na SHIS, que era a antiga SHIS, é, e já meu nome tava pronto, passou 93, saiu meu lote saiu no jornal. Então, já tava tudo prontinho, já tava, não paguei nada né (DASDORES, 2016: 357).

A gratidão pelo então governador e sua esposa é elemento central da narrativa, que começa falando da proximidade entre o local de trabalho de Dasdores e a residência do então governador, um espaço conhecido. Merece algum destaque a figura intermediadora, a diretora Esmeralda. Um destaque maior é dado à construção da imagem da primeira-dama. Na narrativa, é a diretora quem sinaliza sobre a possibilidade do lote através da importante visita, instiga com "aproveita que ela vem aqui", talvez por ser essa a verdadeira razão da visita da esposa do governador. Já Weslian Roriz é apresentada como caridosa, muito humana, uma pessoa simples, "muito alegre, muito humilde", "uma bonequinha", "do meu tamaninho". Por um lado, Weslian Roriz é lembrada e contada como gente como a gente, ainda que também seja "a doutora dona Weslian" na fala da diretora. É a diretora quem apresenta a demanda pelos lotes – "as minhas funcionárias aqui da escola tão querendo ganhar lote" –, uma demanda que é significada como justa, afinal "querem ganhar um lote que elas não tem", e como Dasdores dissera antes "já tinha um tempo que eu tinha inscrito né, mas não tinha recebido". Embora existisse o processo de inscrição legitimadora do direito, foi graças à intervenção da primeira-dama, "ela com um papelzinho desse tamaninho, ela escreveu o nome dela", que materializou o sonho de ser proprietária. Como se entregasse o lote da própria mão, ajudando por detrás, sem que ninguém precisasse saber, embora houvesse quem soubesse, como a diretora, que alertou suas funcionárias e naturaliza o processo.

A memória construída sobre essa experiência de recebimento do lote ressignifica o ato como parte da "muita caridade" feita pela então primeira-dama do DF¹³³, não como parte do projeto político de Joaquim Roriz para as eleições que se dariam. A moradora não percebe como problemáticos o uso do espaço da escola pública ou a indicação pessoal da esposa do governador, que viola os critérios oficiais de inscrição do governo, em uma distribuição extra-oficial de lotes. Dasdores, porém, diz

¹³³ Na eleições de 2010, Weslian Roriz foi candidata ao governo do DF, substituindo o marido Joaquim Roriz, que renunciou à candidatura que era questionada na justiça. A candidata Weslian Roriz (coligação PSC/PP/PR/DEM/PSDC/PRTB/PMN/PSDB/PTdoB) enfrentou o candidato Agnelo Queiroz (coligação PT/PDT/PRB/PTB/PSB/PCdoB/PMDB/PPS/PHS/PTC/PRP). Agnelo Queiroz foi eleito com 875.612 votos, contra 449.110 de Weslian Roriz.

ter sido contemplada pela SHIS, a "antiga SHIS", embora a lembrança já não tenha tons definitivos, oscile entre o "eu nem me lembro" e "só sei que no outro dia". Já a doação de Weslian Roriz ficou retida em sua mente, quando a moradora conta que estava "tudo prontinho", "passou 93, saiu meu lote saiu no jornal". Um lote bom de esquina, que não foi ocupado inicialmente, pois, como comentado, Dasdores possuía um lote em Valparaíso. O lote no Recanto das Emas acabou sendo invadido, até que ela o ocupou definitivamente ao construir um barraco.

Na narrativa de Maria Alcinda também há muita gratidão pela atuação do ex-governador Joaquim Roriz. Tanto ela quanto o marido exaltam a figura de Roriz, apesar de serem críticos em relação aos políticos de maneira geral. O casal lembra o recebimento do lote como um presente do então governador e a moradora, inclusive, o representa em sua narrativa como um pai provedor, "papai Roriz não tem mais não, pra dar não" (MARIA ALCINDA, 2016: 437). Esse entendimento revela-se pelo confronto de ideias com a nora, que acusa o governador de buscar benefícios próprios em um dado momento da entrevista:

(Marido) – Aqui era da Só Frango, antigamente, essa área todinha, esse Recanto todinho era da Só Frango.

(Eu) – Eles devem ter recebido um dinheiro bom né.

(Marido) – Foi o Roriz.

(Eu) – Pra desapropriar isso aqui?

– É. Uhum.

(Marido) – Foi o Roriz. Que desapropriou tudinho.

– Graças a Deus, que naquela época tinha o Roriz pra dar lote pros pobres né.

(Nora) – Pra roubar também né...

– É. Tem nada não, roubou mas deu também né. Porque o tanto que o pessoal falam que ele roubou, mas o tanto de gente que ficou com a sua moradia e que não tinha onde morar né. Agradeço a ele né. Pessoal fala, fala...

(Marido) – Pior esse que tá aí roubando e não tá dando nada, pior é esse aí.

– Pior é esse que tá roubando e não está fazendo nada por nós, né. Ele não, roubou, mas pelo menos alguma coisa ele fez, porque tanta gente que morava de aluguel e tal e tem onde morar hoje. Por causa dele né? Roubou, mas deu também um bucadinho.

(Eu) – A senhora acha que ele foi importante pra...

(Filha) – Pra nós foi.

– Pra nós foi, moço, eu não sei pros outros. Agora, pra mim mais pra minha família foi, porque acho que se não fosse por ele, acho que eu nem tava mais em Brasília, porque fazendo o que? Das coisas do jeito que tá, com quatro meninos, olha, mas rapaz. Falo mesmo. Agradeço muito, primeiro a Deus, segundo lugar a ele (MARIA ALCINDA, 2016: 435).

A gratidão da moradora ao ex-governador Roriz só é precedida pela gratidão a Deus, como faz questão de registrar. Se a nora destaca que ele roubou também, essa avaliação é imediatamente relativizada e questionada pela narradora, que ressalta que "o pessoal falam que ele roubou", pois "o pessoal fala, fala". Para ela, muito mais

importante é o número de pessoas que não tinha seu espaço de morar e passa a ter onde morar. Para seu marido, Deusmar, pior que a atuação de Roriz, que roubou, mas repartiu de alguma forma com os necessitados, é o atual governador¹³⁴, que também está roubando, mas sem qualquer contrapartida para a população carente. Sintonizada com essa perspectiva, a esposa acrescenta logo que "não está fazendo nada por nós". Nesse momento da narrativa, ela reconhece que Joaquim Roriz "roubou, mas pelo menos alguma coisa ele fez", concordando com o marido, participando da construção da imagem de Roriz como um "salvador da pátria". Nesse imaginário, ele é significado como um "bom ladrão", quase um Robin Hood, ante a importância de sua política que retirou as pessoas pobres do ônus do aluguel, a elas permite construir um canto, um espaço de morar, ao mesmo tempo que qualifica as práticas eleitoreiras e personalistas do governador como corretas, ao ressaltar que ele "roubou, mas deu também um bucadinho", teria transformado o Recanto que "era da Só Frango" em recantos para os pobres. Sob tal lógica, a moradora sublinha que "falo mesmo", deixando claro sua insatisfação e recusa às acusações e questionamentos ao governador Roriz, a quem ela atribui a permanência não só dela, mas de sua família em Brasília, "olha, mas rapaz".

Entre opositores de Joaquim Roriz, bem como entre alguns veículos de imprensa e análises acadêmicas tornou-se usual a identificação de Joaquim Roriz e suas políticas como populistas¹³⁵. Ângela Gomes analisa que o conceito de populismo é problemático e cercado de tensões ao destacar que:

Se trata de um conceito com um dos mais altos graus de compartilhamento, plasticidade e solidificação, não apenas no espaço acadêmico da história e das ciências sociais, como transcendendo este espaço e marcando o que

¹³⁴ Em 2016, ano da entrevista, o atual governador era Rodrigo Rollemberg (coligação PSB, PSD, PDT, SD), que foi eleito em 2014, após derrotar, no segundo turno, o candidato Jofran Frejat (coligação PR, PTB, PRTB, PMN, DEM). Rollemberg teve 812.036 votos, contra 649.587 de Frejat, que substituiu o candidato José Roberto Arruda, ex-governador do DF, cuja candidatura foi suspensa pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

¹³⁵ Como exemplos disso, tem-se o trabalho de Antônio Andrade, "A Força do Populismo entre os Eleitores do Distrito Federal" (ANDRADE, Antônio Carlos de. *Joaquim Roriz: A Força do Populismo entre os Eleitores do Distrito Federal*. Brasília: Unilegis, 2008). Na mídia impressa, reportagem da revista Carta Capital, de 04 de março de 2010, intitulada "Roriz, o pai de todos", representa o então candidato ao governo do DF nos seguintes termos: "Joaquim Roriz, goiano de Luziânia, governou o Distrito Federal por quatro vezes, a partir de 1988, indicado bionicamente pelo então presidente José Sarney. Desde então, dedicou-se à construção física de currais eleitorais em forma de imensos e miseráveis assentamentos em torno da capital federal, aos quais se vinculou por meio de distribuição de lotes e por um discurso político populista e messiânico, deliberadamente repleto de erros de português e de citações religiosas" (SÍTIO DA CARTA CAPITAL, 2010, 04/03, <https://www.cartacapital.com.br/politica/roriz-o-pai-de-todos>). Uma outra reportagem, essa do jornal A Gazeta do Povo, de 24 de outubro de 2010, define em seu título: "No DF, terra e fé explicam o fenômeno Roriz" (SÍTIO A GAZETA DO POVO, 2010, 24/10, <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/eleicoes/2010/no-df-terra-e-fe-explicam-o-fenomeno-roriz-0h7f5maurxnzw1uooore4s78lq>).

podia ser chamado uma cultura política nacional. Ou seja, o exame da categoria exige o reconhecimento da ocorrência de seu deslizamento de uma retórica sociológica erudita para uma retórica política popular, presente nos meios de comunicação de massa e no senso comum da população (GOMES, 1996: 32).

Por ser um conceito tão enraizado na cultura política nacional, é importante não identificar o populismo como um fenômeno simplesmente imposto à população por lideranças personalistas e carismáticas, mas sim como uma relação que envolve interesses de ambos os lados, como é possível perceber nas falas de Maria Alcinda e Deusmar. Em seu artigo, Gomes enfatiza como essa visão pejorativa é a que prevalece na definição do populismo e das políticas ditas populistas. Nesse sentido, prossegue a historiadora:

Ele tem um significado preciso e incorporado à memória coletiva daqueles que, em graus variados, têm participação política: o de estigmatizador de políticos e da política em nosso país. São populistas os políticos que enganam o povo com promessas nunca cumpridas ou, pior ainda, os que articulam retórica fácil com falta de caráter em nome de interesses pessoais. É o populismo, afinal, que demonstra como “o povo não sabe votar” ou, em versão mais otimista, “ainda não aprendeu a votar”. Daí decorrem uma série de desdobramentos lamentáveis que, no limite e paradoxalmente, podem justificar a supressão do voto em nome da “boa política” (GOMES, 1996: 32)

Com o devido cuidado para não esvaziar a importância da escolha dos sujeitos dessas experiências, suas táticas e estratégias (Cf. CERTEAU, 2014: 94), mesmo que se tratem de atores com recursos desiguais, é preciso fazer a crítica dessas relações que impedem práticas efetivamente de cidadania e justiça social (Cf. GOMES, 1996: 58). Emerson Cervi enfatiza em artigo sobre vários textos que tratam do populismo, que este “continua presente na política brasileira, que ainda preserva resquícios da dependência de lideranças fortes e da ausência de instituições formais que possam representar os interesses sociais de maneira impessoal e não clientelista” (CERVI, 2001: 155). Portanto, é possível perceber através das memórias narradas por moradoras do Recanto das Emas, como Maria Alcinda e Dasdores, que essa relação passa pelo vínculo a um líder carismático e personalista, que se aproveita das demandas populares por moradias e serviços públicos, mas também pela apreensão e uso do que é recebido de acordo com as próprias vivências dessas mulheres. Essas pessoas estão atentas às oportunidades de realizar duas inscrições como fizeram Ana e ex-marido, ou de colocar um irmão para residir no lote recebido como fizeram Antônio e sua irmã, ou de burlar a lista de inscritos como fez Dasdores ou se encaminhar para uma invasão como Maria Alcinda e sua família. Essas experiências se articulam ao imaginário que

permite ver o populismo de Joaquim Roriz, não como desonesto, espúrio ou eleitoreiro, mas como paternalista e garantidor de direitos, como o direito a um espaço de morar.

Percebe-se a força instauradora desse imaginário, quando se atenta para o narrar de Maria Alcinda ao afirmar que "naquela época tinha o Roriz pra dar lote pros pobres", quando, provavelmente, ela teria recebido seu lote durante o governo Cristovam Buarque e não no governo Joaquim Roriz. A moradora declara em um primeiro momento ter recebido o lote em 1997, acompanhando a filha nesse lembrar. Porém, é questionada pela nora, que se lembra de ter ali chegado em março de 1996. De acordo com as moradoras:

(Eu) – Que ano mais ou menos a senhora chegou aqui no Recanto?

(Filha) – 97.

– 97.

(Nora) – Não. Nós chegamos em 96, em março de 96 e vocês já tavam aqui.

– E nós já tavamos aqui, hein Biu.

(Nora) – É.

(Marido) – Foi mais ou menos 96 (MARIA ALCINDA, 2016: 415).

O marido Deusmar intervém não só conciliando, mas evitando maior debate. Como Maria Alcinda logo declara que "nós somos os segundos moradores, aqui nessa quadra somos nós, quando nós não tinha ninguém" (MARIA ALCINDA, 2016: 415), é possível que a família tenha recebido o lote ainda em 1995¹³⁶. Ela também declara ter passado alguns meses na invasão, entre oito meses e um ano, o que remeteria ao período eleitoral de 1994. A questão surge, então, no debate familiar:

(Filha) – Já tinha a inscrição e tudo, já sabia que ia sair, aí minha mãe falou "então vamos". Aí, a gente veio pra essa invasão, aí a gente ficou morando lá, acho que um ano? Não, não foi nem um ano né.

– Não foi um ano não.

(Filha) – Foi uns oito meses, nove meses, por aí. A gente ficou morando nessa invasão. Aí, de lá saiu o lote, aí a gente veio pra cá, da invasão pra cá.

(Eu) – Mas o fato de vocês estarem na invasão não ajudou ou atrapalhou a ganhar o lote aqui?

(Filha) – Não, porque já ia sair.

– Já ia sair. É porque a gente não quis ficar lá mesmo.

(...)

– Aí, acho que não foi nem com oito meses, a carta chegou lá na casa do, do irmão dele, pra gente receber o lote (MARIA ALCINDA, 2016:426).

Expressões como "já sabia que ia sair", "já ia sair" indicam que a família tinha alguma segurança de que o lote viria e rumaram para a invasão localizada no Recanto das Emas. É esclarecedora, nesse sentido, uma reportagem do Jornal do Comércio do Amazonas, de 29 de janeiro de 1995, cujo título é "Catadores invadem as

¹³⁶ Em outra entrevista, a da moradora Arlete, mãe da nora de Maria Alcinda, esta menciona que lembra-se de ter sido contemplada com o lote em 95: "já, quando eu ganhei aí já, quando eu ganhei o lote. (...) É, do, eu acho, deixa eu ver... Tem vinte e um anos, então foi... (...) 95" (ARLETE, 2016: 490).

áreas há quase 10 anos". Nessa reportagem, que trata de famílias de catadores que invadiram áreas próximas ao Palácio da Alvorada, é possível ler também que:

A falta de moradia – consequência do elevado número de migrantes que ainda partem em direção à capital federal – é apontado como o principal problema a ser enfrentado pela administração do Distrito Federal.

Mais de 39 mil famílias estão inscritas no Instituto de Desenvolvimento Habitacional (Idhab) à espera de um lote semiurbanizado.

O novo governador, Cristovam Buarque (PT), só vai conceder, porém, outros 5 mil terrenos que seu antecessor, Joaquim Roriz (PP), deixou com indicação de beneficiário já pronta (JORNAL DO COMÉRCIO AM, 1995: 10).

É muito provável que Maria Alcinda e sua família estejam a narrar as lembranças de sua participação nesse processo, em que eram uma daquelas famílias, que mesmo não tendo recebido o lote propriamente dito no período eleitoral, haviam recebido uma "indicação de beneficiário". Isso teria sido suficiente para garantir a devoção a Joaquim Roriz. Essa questão também é importante para perceber como esse "tempo do Roriz" se estende nas narrativas das moradoras para além dos períodos em que aquele político foi governador do DF.

Também a moradora Arlete conta que recebeu seu lote na quadra 204 naquele período, "em março de 96", segundo a filha, que é nora de Maria Alcinda. Em sua narrativa, ela dá a ver e a ler como a ideia de receber um lote e estabelecer esse sentimento de eterna gratidão a Roriz faz parte do imaginário das pessoas envolvidas nesse processo de assentamento das famílias do "tempo do Roriz", que se estende para além do período de seus governos. Nesse caso, há a figura de um fiscal que, de acordo com a narrativa de Arlete, era o responsável por realizar a entrega dos lotes a quem vinha morar na quadra 204¹³⁷. Fiscal com quem ela passou a ter amizade, pois "ele pegou amizade com os meus meninos, ele brincava muito com os meus meninos, ajudava" (ARLETE, 2016: 498). Ela conta que o fiscal se dirige ao vizinho que quase perdeu o lote com o seguinte alerta: "ele olhou assim e falou assim 'ó, você agradece né o Roriz não, vai é agradecer é ela, viu. E é por causa desses menininhos'. (...) Aí, ele sensibilizou, que eu pedi, ele falou 'ó, você agradeça o Roriz não, você agradeça ela aqui'" (ARLETE, 2016: 498). Mesmo se não é Joaquim Roriz o governador do DF naquele momento, é a ele que são dirigidos os agradecimentos pelos lotes, os quais o fiscal redirecionou para a amiga. Mais uma vez, se estende esse "tempo do Roriz", de

¹³⁷ Durante a entrevista da esposa Maria Alcinda, o senhor Deusmar intervém na narrativa para mencionar a lembrança de um funcionário da administração que teria efetuado a entrega do lote para a família. Ele narra que: "(Marido) - Era o Chico. O Chico, como é o nome dele? Eu sei que era o Chico.

- Eu não lembro dele. Mas quando a gente precisava...

(Marido) - Quem entregou o lote pra nós, o Chico, sempre era o Chico, agora não sei como era o nome dele, o sobrenome" (MARIA ALCINDA, 2016: 432).

que falou Ana, pelos cantos do Recanto das Emas, enraizado no imaginário e nas narrativas das moradoras.

Entre tantos agradecimentos, no entanto, circulam outros elementos para pensar o Recanto das Emas nessas narrativas. Deusmar destaca Joaquim Roriz como responsável pela desapropriação da Só Frango em 1994¹³⁸, período de seu governo. Se, para o morador, "esse Recanto todinho era da Só Frango", no texto da lei nº 668/94, de 28 de janeiro de 1994, o espaço ocupado pela empresa é definido como aquele que "situa-se entra a DF-001 (E.P.C.T), Núcleo Rural MONJOLOS, Núcleo Rural Vargem da Bênção e Assentamento Recanto das Emas" (DODF, 1994). De acordo com aquela, o objetivo da desapropriação é o de "liberar a área para atender ao Programa de Desenvolvimento Econômico do Distrito Federal, mediante criação de espaços destinados à instalação de atividades do tipo comércio, prestação de serviços, oficinas, armazéns, depósitos, garagens e similares" (DODF, 1994). Não há menção a assentamento de população na área no entanto.

Uma nova lei, nº 15463/94, de 24 de fevereiro de 1994, ainda no governo Joaquim Roriz, vem substituir a primeira para a desapropriação da área, que aparece delimitada "pelos limites descritos, e ocupada pela SÓ FRANGO ALIMENTOS LTDA. é de 530,9880 ha, embora a área indicada no Contrato de Arrendamento respectivo seja de 463,17,30 hectares" (DODF, 1994). Nessa nova lei, também é acrescentada a urgência da desapropriação, que seria paga com recursos da Terracap. Porém, uma reportagem do Jornal do Comércio, de 22 de dezembro de 1996, denuncia que essa desapropriação fazia parte de um esquema criminoso, responsável por desapropriar

¹³⁸ Três moradoras entrevistadas fazem referência aos galpões da Só Frango na cidade do Recanto das Emas. Dasdores menciona brevemente a Só Frango para localizar outra área da cidade em sua narrativa, "então ainda era matagal, que era o criatório de galinhas, tinha a Só Frango, era lá, aquelas coisas, né" (DASDORES, 2016: 367). Já Maria Alcinda e Arlete destacam quão importantes os galpões foram para a sobrevivência de suas família no início da ocupação do Recanto das Emas. De acordo com Maria Alcinda, "foi que salvou nós também foi esses galpões, porque como eles derrubaram tudo né, tinha lá as madeiras e tinha água, né. Aí, como a gente, quando não tinha, quando o caminhão não vinha deixar água, a gente ia buscar nesses canos pracolá quebrado né, até a começar a eles vir botar água pra gente todo, assim, nos dias certos assim, tinha que pegar água. (...) Uhum. Já tavam desocupados já. Aí, como já tinha água encanada e tudo pra lá né, a gente pegava água lá, lavava roupa pra lá, a gente lavava roupa, né Valéria? Você lembra, né? Tinha uns canos lá estourados pra lá, que estourou e ficava derramando água direto, a gente ia lavar roupa, ia tomar banho pra lá, ia pegar água pra lavar alguma coisa em casa, pra lá" (MARIA ALCINDA, 2016: 430). Arlete destaca outros pontos, como o anseio por uma casa como espaço de morar, "o que eu vi, assim, tinha uma, acho que tinha uma Só Frango, que eu acho que até hoje ainda tem, né, aqui pra baixo assim algumas casinhas. Na época, tinha mais, eles derrubaram muito pra esse negócio do, justamente por causa do pessoal da invasão. Eles fizeram muita casa pra lá e teve muito, eles limpam aquele negócio que tava abandonado já, né. Aí, eles, tinha, tinha abatedor de frango, parece, pra lá, não sei, tinha negócio da Só Frango. (...) Tinha mesmo. É. Tinha muita casa. E eu falava até assim 'uai, podia ter dado uma dessa pra mim morar'" (ARLETE, 2016: 507).

terras por valores muito acima do preço de mercado da área. De acordo com a reportagem, o novo presidente da Terracap à época, José Roberto Bassul, já ligado ao novo governo¹³⁹, que havia assumido em 1995, informou que:

"Um dos casos que chamou mais a atenção foi a desapropriação da Só Frango para implantar o Recanto das Emas, o que exigia ainda que o Governo desembolsasse R\$ 11 milhões", disse. "Com o apoio da Justiça, conseguimos reabrir o processo de desapropriação e reduzir o valor para R\$ 5 milhões" enfatizou (JORNAL DO COMÉRCIO, 1996: 6).

Esse caso de desapropriação ainda tem desdobramentos no governo seguinte, novamente de Joaquim Roriz, já que em 06 de dezembro de 2001, conforme publicado no sítio da Controladoria Geral da União (CGU), a Corregedora-Geral da União, Ministra Anadyr de Mendonça Rodrigues, adotou providências quanto aos fortes indícios de prejuízos à Terracap, com base em denúncias do então deputado distrital Rodrigo Rollemberg sobre a desapropriação de área. De acordo com a publicação:

Desapropriação de terras com 504,12 hectares, na Área Especial do Núcleo Rural Monjolos, por força do Contrato de Arrendamento nº 060/92, em favor da empresa Só Frango Alimentos Ltda., que teria originado indenização no valor de R\$ 8.895.946,76 (oito milhões, oitocentos e noventa e cinco mil, novecentos e quarenta e seis reais e setenta e seis centavos), correspondendo R\$ 17.646,48 por hectare (Sítio da CGU, 2001).

Apesar e por conta da divergência nos valores, todos esses documentos indicam os inúmeros problemas e diferentes interesses envolvidos no processo de formação do Recanto das Emas, que vão além da construção imaginária de um "papai Roriz" dando lotes aos pobres. Existem tensas e intensas relações dessas moradoras com o espaço e o tempo da história e da memórias do Recanto das Emas, expressas em suas formas de lembrar e narrar a cidade. Suas lembranças e narrativas (re)criam um imaginário em torno do governador Joaquim Roriz, da distribuição de lotes e da criação do Recanto das Emas.

Percebo elementos desse imaginário no caso de uma troca de acusações envolvendo o governador Joaquim Roriz. A disputa foi veiculada no jornal Correio Braziliense, no que foi denominado na época de “farra dos lotes”, em 1999, período já do retorno de Roriz ao governo. Na reportagem “Invasões”, de 15 de setembro de 1999, é denunciado que “os números são assustadores. O Distrito Federal e a região do Entorno já apresentam as maiores taxas de crescimento demográfico do país”. A matéria do jornal prossegue informando que “os cálculos mais otimistas dão conta de que 12 mil famílias

¹³⁹ Na eleição para governador do DF de 1994, o candidato Cristovam Buarque (coligação PT/PSTU/PPS/PSB/PCdoB) derrotou, no segundo turno, o candidato Valmir Campelo Bezerra (coligação PTB/PFL/PMDB/PP). Cristovam Buarque foi eleito com 460.137 votos, contra 393.710 de Campelo, candidato apoiado por Joaquim Roriz. Outras questões sobre esse processo eleitoral são tratadas mais adiante (ver, p. 231).

vivem em invasões no Distrito Federal e não se podem esquecer as milhares de pessoas que residem em condomínios irregulares”. Desse modo, conclui que “com a política de distribuição de lotes e a conseqüente divulgação das doações, o ciclo se perpetua e se agrava o fenômeno migratório dos últimos anos” (CORREIO BRAZILIENSE, 1999: 10).

O governador Roriz era, mais uma vez, acusado de incentivar a migração com fins eleitoreiros, como em seus dois mandatos anteriores. Para rebater as afirmações do jornal, Joaquim Roriz deu uma declaração, que teve trechos publicados em nova matéria do Correio Braziliense do dia seguinte. O discurso foi proferido para cento e cinquenta pessoas que foram à sede da Secretaria de Assuntos Fundiários, no Setor de Rádio e TV Sul, para a solenidade que marcou a republicação da lista de cem pessoas contempladas com lotes no Setor Habitacional Jardim Botânico. Em sua fala, Joaquim Roriz acusa o próprio jornal de incentivar as invasões:

O governador sustentou que a cobertura do Correio sobre as invasões, e não ele, é que estimula as ocupações irregulares. “Chegaram ao cúmulo de escrever uma grande manchete: ‘Corra que o lote vem aí’ (capa de Cidades de terça-feira, retratando o corre-corre em Santa Maria entre pessoas que buscavam inscrição no programa habitacional). Fretaram ônibus da Bahia, fretaram ônibus do Piauí porque atenderam ao apelo do Correio Braziliense. Vieram para invadir Brasília” (CORREIO BRAZILIENSE, 1999: 8).

É importante destacar que as duas posições acusatórias são veiculadas pelas matérias do jornal Correio Braziliense. O jornal marca uma posição crítica à política de distribuição de lotes, identifica o problema como “um fenômeno migratório dos últimos anos”, além de marcar uma diferença entre “invasões” e “condomínios irregulares”, entre os que seriam invasores e os que seriam residentes. Para o Correio Braziliense, os residentes, moradores dos condomínios irregulares, que são poupados de sua crítica, são pessoas da classe média de funcionários públicos que também participou do processo de ocupação irregular do território do DF, mas que sempre recebeu um tratamento diferenciado tanto do governo, quanto da imprensa (Cf. MOURA, 2010: 287). A identidade indesejada de invasores também aqui é identificada com a população de baixa renda. A crítica do jornal ao então governador vem acompanhada do “desejo de evitar esse crescimento”, afinal “os números são assustadores” segundo a publicação.

Já na visão do governador, os invasores chegam em ônibus fretados da Bahia, Piauí “para invadir Brasília” em razão do apelo veiculado justamente pelo Correio Braziliense. Invertendo a acusação, Joaquim Roriz denuncia esse jornal por estimular as invasões e não sua política habitacional. Não é por acaso que o discurso de Roriz foi proferido em uma solenidade de regularização de lotes. Nem o jornal, nem o governador, no entanto, fazem qualquer referência ao histórico processo de ocupação do

território do DF. Nos dois casos, pelo contrário, a questão da ocupação é tratada como algo recente e não existe espaço para a “caridosa” entrega de lote narrada por Dasdores. Essa doação, feita pela esposa do governador, seria a garantia de um direito de quem já tinha se inscrito, mas não tinha recebido. História que ela narrou para a senhora Weslian e para mim, já que “não tinha onde morar, morava de aluguel”, assim como também narrou que vivia em seu lote em Valparaíso, entorno do DF. Também não cabe, seja no discurso do Correio Braziliense, seja no de Joaquim Roriz, a narrativa dos vários anos vivendo de aluguel na Ceilândia, seguidos de anos em um barraco de fundos, antes da passagem pela invasão, experiências vividas e narradas por Maria Alcinda. Até que ela recebeu sua indicação de recebimento de lote ainda no período eleitoral.

Se encontrei brechas nessas narrativas, devo além da crítica a elementos desse imaginário, ter também sensibilidade a essa tensa e intensa relação entre imaginário e memória, onde não cabem determinismos, mas sim diálogos (Cf. PESAVENTO, 2007: 4). Também são tensas e intensas as relações das moradoras com o espaço e o tempo da história e da memória do Recanto das Emas, expressas em suas formas de lembrar e narrar a cidade, o que inclui a relação com o governo de Joaquim Roriz. Em todo o seu livro, mas especialmente no terceiro capítulo intitulado “O Asfalto”, Antonádia Borges percebe e analisa tais relações, ao focar, por exemplo, um comício do então governador reeleito, na cidade vizinha Riacho Fundo 2 (Cf. BORGES, 2003: 89). Sem definir as práticas políticas de Roriz como populistas, a autora destaca a presença dos “azuis”, partidários do governador, que estavam presentes no comício, ocupavam cargos na Administração Regional e integravam essa complexa relação de trocas. Para Borges, essas práticas eram alimentadas também pelo discurso do governador, como o que ela presenciou:

“Eu gostaria de ter arranjado um lote muito grande para vocês. O Brasil é o maior país do mundo. Não é direito que cada um não tenha o seu pedacinho de chão.”

Os presentes deliravam, muitos tinham sido assentados recentemente e era a eles que o governador se dirigia. Porém, apesar da enfática alusão ao lote – moeda fundamental nessas transações – o motivo da vinda do governador à cidade era outro: “aonde tiver uma rua sem asfalto, lá eu estarei” (BORGES, 2013:103).

Ao fazer alusão ao Brasil como “o maior país do mundo”, ao ressaltar que cada um tenha “o seu pedacinho de chão”, Roriz condensa a experiência de errância daquelas pessoas, bem como suas expectativas por um espaço de morar, com seu declarado desejo de “ter arranjado um lote muito grande para vocês”. Entende-se, assim, como seu discurso acabou por levar aquelas pessoas ao delírio. Também é possível

encontrar ressonâncias de discursos como esse, que (re)afirmam a imagem de Roriz como pai provedor, nas lembranças narradas por Maria Clara, ao contar que "aí, eles pegaram, o Roriz, aí, falou 'não, vou tirar vocês desse sofrimento', aí tirou né. Ele limpou essa área aqui e passou nós" (MARIA CLARA, 2017: 517), quando a moradora se refere à remoção da invasão para a quadra 510. Ou ainda, no que narra Maria das Benções:

- *Foi, o governo do Roriz foi quando ele deu os lotes pra gente. E falou assim "esses lotes não é pra vender, você morrer, deixa pros filhos".*
- *Ele veio aqui? Entregar? Nessa época dos lotes?*
- *Ele veio aí lá no Rorizão ali.*
- *Ah, tá, no restaurante?*
- *É, no restaurante. Todo mundo ficou alegre nesse tempo, que recebeu esse lote, porque a gente tava no sufoco de aluguel (MARIA DAS BENÇÕES, 2016: 451).*

Também nessa lembrança narrada, esse "deixa pros filhos" trás a ideia de estabilidade para essas pessoas, de acabar com a errância, que tanto marcou suas experiências. Entre o espaço da 115 e do restaurante comunitário, entre o tempo alegre de ganhar o lote e a vinda do governador "lá no Rorizão", a imagem do restaurante popular, que recebe o nome do governador no aumentativo, surge não só como referência espacial, temporal e memorialística para nossa análise, como espacializa a figura de Joaquim Roriz na cidade. A experiência recontada por Maria das Benções talvez fosse dirigida a outras pessoas recentemente assentadas, já em outro mandato de Roriz, entre 2003 e 2006, período da construção do restaurante comunitário no Recanto das Emas, assim como ocorreu no comício analisado por Antonádia Borges. O restaurante comunitário foi inaugurado em 24 de junho de 2005, de acordo com reportagem do jornal Correio Braziliense da mesma data (Cf. CORREIO BRAZILIENSE, 2005: 24). Também é possível que ela tenha se lembrado de uma fala da época do recebimento de seu próprio lote, a qual está amalgamando a outro período, como tantas vezes acontece no compromisso de fidelidade da memória destacado por Ricoeur (Cf. RICOEUR, 2012: 70). O que considero relevante destacar é como a memória da construção do espaço do Recanto das Emas, ou seja, as formas de lembrá-lo e narrá-lo, está imbricada com imagens e lembranças da política de Joaquim Roriz, afinal, "o governo do Roriz foi quando ele deu os lotes pra gente", segundo a moradora.

Antônio também conta sua lembranças de palavras de Joaquim Roriz dirigidas a ele e a outras pessoas, que receberiam lotes no Recanto das Emas. Também nessa experiência recontada, o morador vai dando a ver e a ler elementos que adensam a

imagem de Roriz como pai provedor, homem caridoso e político salvador da pátria. De acordo com a narrativa do morador:

– Foi por aí. Quando ele voltou, exatamente. Foi até na época que era a secretária de habitação era a Ivelise.

– A Ivelise?

– Ela era secretária de habitação, entendeu. Inclusive, teve a reunião lá com a gente lá no Onoyama, reuniu todo mundo, ela teve, o governador também teve.

– Ah, ele foi lá conversar com vocês?

– Foi, foi conversar com a gente, falou "ó gente, eu queria tirar vocês", porque até então, eu comprei lá, porque eu achava que ia ficar lá.

– A localização era boa?

– Boa. Eu fiquei empolgado, falei "não, caramba, aqui é muito bacana", peguei, então, comprei. Só que depois, quando, quando, ele, na época que ele foi fazer a reunião com a gente lá, aí, ele falou "ó gente, eu queria tirar vocês daqui pra colocar, porque aqui é um, é área de prevenção ambiental, é, né, de preservação ambiental aqui e tal, então, não pode ter moradias aqui. Então, eu tava querendo levar vocês pro Areal, mas lá não tem mais como, porque já tem um outro loteamento que foi feito, que foi assentado lá, mas arrumei um local muito bom pra vocês no Recanto das Emas" (ANTÔNIO, 2017: 555).

Ainda que a passagem desse relato dê conta de como Antônio foi removido de um barraco na invasão do Parque Ecológico Saburo Onoyama em Taguatinga, que ele comprara há treze dias apenas, o então governador não surge como quem está acabando com uma invasão. Pelo contrário, o Joaquim Roriz lembrado e narrado por Antônio, "queria tirar vocês daqui pra colocar". É destacada a questão de o parque ser uma área de preservação ambiental, bem como a impossibilidade de levá-los para o Areal, uma área mais próxima, também em Taguatinga, por já haver ali outro loteamento. Por fim, "mas arrumei um local muito bom pra vocês no Recanto das Emas", o que garante a valorização da imagem de Roriz, em concordância com o imaginário de pai provedor, que envolve e é envolvido por essa memória. O morador faz questão de ressaltar, que "eu agradeço até muito, o ex-governador Roriz, porque, na época, se não fosse por ele, a gente não tava aqui hoje" (ANTÔNIO, 2017: 555).

Maria João também tem um modo de recontar o envolvimento com políticos e a política do DF, que guarda semelhanças, mas com desfecho diverso. Ela menciona a figura do então senador Valmir Campelo, que era candidato governista à sucessão de Joaquim Roriz¹⁴⁰ na eleição de 1994, a primeira desde a criação do Recanto das Emas. Segundo a narrativa da moradora:

Engraçado, o Valmir Campelo, não sei se você se lembra, foi administrador de Taguatinga. Uma vez, eu trabalhava numa loja, era gerente da Rosa de

¹⁴⁰ Sobre esse processo eleitoral, reportagem do jornal Folha de São Paulo, de 15 de novembro de 1994, trás em seu título que "Roriz distribui lotes para eleger Campelo" (SÍTIO DA FOLHA DE SÃO PAULO, 1994, 15/11, http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/11/15/caderno_especial/42.html), e relatava os esforços de Roriz para eleger o sucessor ao governo do DF.

Ouro e ele me ofereceu, ele era muito amigo do meu patrão e ele me ofereceu um lote na Santa Maria. Ele falou "ah, você só precisa ir pra lá e ficar lá uma semana, acampar lá uma semana, eu te dou um lote". Eu falei "não, não vou". Aí o Juscelino então até falou "mas você precisa, você paga aluguel, tudo", eu falei "não, quando sair meu lote, legalmente, eu vou né". Essas coisas assim de... Eu não nasci, eu falei "eu não nasci pra invadir propriedade de ninguém" (MARIA JOÃO, 2016: 377).

O candidato a governador Valmir Campelo, ex-administrador de Taguatinga¹⁴¹, não encontrou na senhora Maria João a mesma receptividade que a primeira-dama Weslian encontrou em Dasdores ou que o governador Roriz encontrou em Antônio. Mas a ideia de "você só precisa ir lá e ficar lá", "eu te dou o lote", remete também à experiência narrada por Maria Alcinda e sua família, que rumam para a invasão, ao mesmo tempo em que deixam quase tudo no barraquinho de fundo de quintal em Samambaia, com a certeza de que receberiam seu lote após a eleição do sucessor de Roriz¹⁴². Também reverbera as palavras de uma pessoa do IDHAB narradas por Maria Clara "'Maria, se você não procurar uma invasão, você não ganha sua, seu lote'. Eu falei 'mas eu tenho tanto medo, invasão é perigoso'. Ele falou 'não, mas só sai se for assim'" (MARIA CLARA, 2017: 516).

No caso de Maria João, mesmo ouvindo que "eu te dou um lote" do amigo do patrão, ela narra que insistiu em esperar o lote "legalmente", afinal "não nasci para invadir propriedade de ninguém", mesmo que o patrão atue na narrativa como o contraponto que a lembra que ela precisa, que paga aluguel, para justificar a necessidade de quem morava num barraquinho no P. Sul, separada dos filhos. Ela já contara que "esperei, esperei, olha, eu acho que esperei uns oito anos pra poder receber isso aqui" (MARIA JOÃO, 2016: 373), o que compreenderia o período desde a separação do primeiro marido em 1985.

Ainda que relate ter chegado a Brasília em 1985, Maria Clara conta ter feito sua inscrição apenas em 1994, período eleitoral aqui já mencionado, tendo recebido o lote em 2000, "foi antes, já tinha uns seis anos que eu tinha inscrito" (MARIA CLARA, 2017: 529). Em sua narrativa, além de valorizar a imagem de provedor de Joaquim

¹⁴¹ É interessante destacar que Valmir Campelo era o administrador de Taguatinga entre 1981 e 1985, tendo Maria João chegado ao DF em 1981, "agosto de 1981" (MARIA JOÃO, 2016: 373), vindo com o marido para trabalhar na empresa de ônibus Pioneira, até seu divórcio em 1985.

¹⁴² Em sua pesquisa, Antonádia Borges menciona a figura de Olga, moradora de longa data do Recanto das Emas e com trânsito entre as figuras políticas locais, que faz menção à experiência dessa eleição na qual Cristovam Buarque foi eleito derrotando Valmir Campelo, candidato apoiado por Roriz. De acordo com a autora e a moradora, "esse círculo de boas relações de Olga perdeu força e extensão entre 1995 e 1998. Com a vitória de Cristovam Buarque, houve uma recomposição no quadro de funcionários da Administração. Como havia 'trabalhado na política', mas sem muita convicção – afinal, o candidato 'não era o próprio Roriz'" (BORGES, Antonádia. *Tempo de Brasília : etnografando lugares-eventos da política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003: 72).

Roriz, que encerra seu sofrimento e lhe garante o lote, há também destaque negativo para a imagem de um de seus opositores, Cristovam Buarque, que apesar de vencer o candidato de Roriz em 1994, acabou derrotado pelo próprio Joaquim Roriz em 1998. A moradora sintetiza a questão da política habitacional distintas dos dois governadores ao contar a violenta repressão durante o governo Cristovam, que marca fortemente suas lembranças. De acordo com a moradora:

– O Cristovam, na época, batia nos inva, mandava bater nos invasores, isso aí, não foi, às vezes...

(Filha) – Teve uma chacina na Estrutural por causa disso, né?

– Às vezes, a pessoa fala é mentira, mas não foi não, ele tanto bateu, mo, é, jogou, mandou jogar bomba de gás na época. Portanto, eu mesma fui uma, que quando saiu a primeira Bolsa Escola, ela tava no programa. Uma mulher foi agradecer, ele foi, aí, eu fiquei assim tão assim, não falei nada, mas eu fiquei assim, eu falei "como é que pode a pessoa ser assim, né, porque pensa que tem as coisas", mas ainda pensando "tem hoje, mas amanhã não sabe nem, que Deus pode tirar tudo, né?" Aí, ele pegou e falou pra mulher, falou "ah, obrigado, que a senhora da Bolsa Escola", ele falou "não, cê não tem que agradecer não, que nós, se fosse pra nós tirar do nosso bolso, não ia sair do nosso bolso, isso aí são os impostos que vocês tão pagando", falei "vai". Falou bem alto e ainda...

(Filha) – Mas eu sou contra esse Bolsa Escola...

– Na maior educação, falta de educação com a mulher (MARIA CLARA, 2017: 531).

Num primeiro momento, é como se o próprio governador batesse nos invasores, mas logo ele é quem manda bater, jogar bomba de gás, nas pessoas que como ela e a filha precisaram invadir um lote. Isso é complementando pela lembrança da filha Vanessa da "chacina na Estrutural"¹⁴³. Para adensar essa lembrança, da qual Maria Clara afirma que há quem duvide, ela narra a experiência que teve ao conhecer o governador Cristovam Buarque, quando recebeu o "primeiro Bolsa Escola", programa que garantia um rendimento às famílias de baixa renda que mantivessem os filhos sem faltas na escola¹⁴⁴. A moradora conta, então, de acordo com sua perspectiva, sobre a mulher que

¹⁴³ O incidente conhecido como "Massacre da Estrutural" aconteceu no dia 08 de agosto de 1998, já na campanha eleitoral. Um soldado da PM morreu com um tiro na cabeça durante uma operação de desarmamento chamada Tornado. De acordo com reportagem no sítio do TJDF, essa operação, que "tinha por objetivo efetuar o desarmamento de Ceilândia e Samambaia", de acordo com depoimento do Coronel Aníbal Person Neto ao tribunal, e se estendeu "até a invasão da Estrutural, em agosto de 1998. Esse procedimento, segundo o Coronel, que na época era o Comandante Geral da Polícia Militar, era contrário ao seu posicionamento. O Cel. Aníbal considerava um risco realizar a Operação Tornado também na Estrutural por falta de material adequado: lanternas, coletes à prova de balas e capacetes e porque o clima entre a população local e a Polícia era tenso, pois um PM havia sido assassinado naquela invasão dois dias antes, sem que o autor do crime tivesse sido preso" (SÍTIO DO TJDF, 2003, <https://www2.tjdft.jus.br/noticias/noticia.asp?codigo=3438>). Em agosto de 2015, portanto, dezessete anos após a ocorrência, com ampla cobertura da imprensa, foi realizado o julgamento de nove policiais, que acabaram inocentados (Cf. SÍTIO DO CORREIO BRAZILIENSE, 2015, 29/08, http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/08/29/interna_cidadesdf,496538/justica-absolve-policiais-acusados-de-participarem-do-massacre-da-estr.shtml, 2015).

¹⁴⁴ O Programa Bolsa Escola foi criado oficialmente pelo decreto de lei nº 16270, de 22 de janeiro de 1995. De acordo com estudo encomendado pelo Instituto Internacional de Planejamento da Educação

teria sido destrutada pelo governador, pois este esnobou seu agradecimento e negou seu vínculo pessoal com o benefício, porque ele não tiraria do seu para dar a ela. Isso significou para Maria Clara a distância entre Cristovam, "que pensa que tem as coisas", que nunca as compartilharia, e os beneficiários dos "impostos que vocês tão pagando". Dessa forma, Cristovam é representado como governante distanciado do povo, violento com os invasores, arrogante e mesquinho. Em contrapartida, portanto, com a imagem construída de Roriz, como a de pai provedor, que acaba com o sofrimento, humilde e sempre pronto a compartilhar lotes com os mais pobres, mesmo se estes são lotes públicos. As representações opostas dos dois governadores formam e informam a narrativa dessa moradora por um contraste direto, que está articulado a esse imaginário de Roriz como um pai provedor de lotes¹⁴⁵.

É o mesmo contraste que encontrei em reportagem do sítio do jornal Diário do Grande ABC, "Invasões crescem no governo de Roriz no DF", publicada em 24 de janeiro de 1999, no início do segundo governo eleito de Joaquim Roriz, que sucedeu o governo de Cristovam Buarque. De acordo com a reportagem:

O governo do Distrito Federal possui um cadastro com 52 mil pessoas que estão em busca de um lote, cuja distribuição foi prometida por Roriz durante a campanha eleitoral. Até agora, ele tem suportado com surpreendente calma o aumento das invasões, chegando a ir aos locais ocupados. Sua decisão é bem diferente da atitude de Cristovam Buarque (PT), que reprimia

(IIEPE), órgão da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), realizado por Elimer Nascimento e Marcelo Aguiar, "a ideia da Bolsa Escola surgiu em 1986 no Núcleo de Estudos do Brasil Contemporâneo da Universidade de Brasília, que era coordenado naquela época pelo atual Ministro da Educação, Prof. Cristovam Buarque, então reitor da Universidade. A ideia foi debatida desde 1987, se transformou em artigo em 1992 e em livro em 1994" (NASCIMENTO, Elimer & AGUIAR, Marcelo. *Bolsa Escola: história e evolução*. Paris: IIEP/UNESCO, 2006: 18). Segundo a análise de Maria Therezinha Monteiro, em pesquisa sobre o programa Bolsa Escola no DF, "o programa foi implantado, no Distrito Federal, em 3 de janeiro de 1995, na Escola Classe do Paranoá e seu objetivo foi de promover a admissão e a permanência na escola pública de crianças em idade de 7 a 14 anos completos, em condições de carência material e precária situação social e familiar" (MONTEIRO, Maria Therezinha de Lima. "O impacto social do Programa Bolsa-Escola no Distrito Federal". Estudos em Avaliação Educacional, nº 22, p. 37-91, jul.-dez. 2000: 40). O próprio Cristovam Buarque publicou um livro sobre as experiências e as possibilidades do programa, posteriormente, quando já era senador pelo DF, após as experiências de aplicação do programa Bolsa Escola, em âmbito distrital, como governador do DF e, em âmbito federal, como Ministro da Educação (Cf. BUARQUE, Cristovam. *Bolsa-Escola: história, teoria e utopia*. Brasília: Thesaurus, 2012).

¹⁴⁵Em um artigo que trata do imaginário urbano em áreas de risco do DF, Everaldo Costa e Marília Peluso destacam o forte imaginário de perseguição e violência, que marca as lembranças sobre o período do governo Cristovam Buarque na memória de moradores de áreas irregulares do DF, como a Cidade Estrutural e o Varjão. De acordo com um entrevistado da pesquisa: "Aí quando o Cristovam (Buarque) tomou conta daqui e começou a brigaria dele, né. Ele tirando gente e batia em gente e fazia muita judiância com as pessoas, aí não ficou ninguém também. Ficou bem pouquinho gente, ficou 2.400 famílias. Aí quando o Roriz ganhou, da madrugada pro amanhecer, chegava caminhão cheio de tábuas, em fileira. Dentro de uma semana, a Estrutural ficou desse tamanho" (COSTA, Everaldo & PELUSO, Marisa. "Imaginário urbano e situação territorial vulnerável na Capital do Brasil". In: *Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales*, vol. XXI, n. 1.151. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2016: 25).

as ocupações com a Polícia Militar, o que ocasionou vários conflitos durante seu governo (DIÁRIO GRANDE ABC, 1999).

Construir e disseminar imagens contrastantes dos dois governadores, no caso das políticas habitacionais para o DF, é o recurso utilizado pelo periódico para traçar um panorama da situação local. Nesse sentido, na notícia veiculada sobre as invasões, que aumentam com o governo Roriz, trata-se das promessas de campanha e da visita do governador aos locais ocupados. Já sobre Cristovam Buarque, destaca-se que reprimiu invasões e colecionou conflitos. Antonádia Borges destaca em sua pesquisa, iniciada pouco tempo após a vitória de Joaquim Roriz sobre Cristovam Buarque nas urnas, que a oposição entre azuis e vermelhos é fundamental para entender essa vida política tão presente no Recanto das Emas e contada por suas moradoras. No entanto, a autora destaca que:

Poucos são os que vêem algo de definitivo no apoio que dão ou deram a Roriz ou a Cristovam. Um morador do Recanto das Emas chegou a declarar que somente seguia incondicionalmente a Deus – porque esse era único e eterno. Quanto ao governador, ele o apoiava, trabalhava em sua campanha e em seu governo, era enfim um "adepto de Roriz". Ao contrário do que o senso comum apregoa, sustentado pela presumida transparência das estatísticas eleitorais, nem todos que vivem no Recanto são adeptos de Roriz, nem muito menos adeptos cegos de algum outro ícone da oposição. O trabalho etnográfico realizado aponta para uma vida política que não está além ou aquém do dia-a-dia. A vida política não se localiza, portanto, em uma outra esfera, onde operaria uma outra lógica que não a da própria vida. Nessa cidade as cores das facções políticas não são usadas exclusivamente em um âmbito "estritamente político" e tampouco de modo aleatório. Tanto azul, quanto vermelho, identificam uma vida política intensa, em que o sentido de um dos termos só é dado pelo contraste que estabelece com o outro par de oposição (BORGES, 2003: 118).

Mesmo tantos anos após o trabalho etnográfico de Antonádia Borges, acredito que é possível perceber nesses cantos que são contados uma duradoura gratidão a Roriz, muito embora seja fundamental perceber que não há cegueira nessas adesões, como ela destaca. Se há algo de "definitivo no apoio" desses atos de lembrar de várias dessas moradoras com relação a Joaquim Roriz, isso passa pela estratégias e táticas possíveis para garantir as melhores oportunidades vislumbradas por essas moradoras ao longo de suas experiências com relação ao governador e sua política habitacional populista. Nesse sentido, Joaquim Roriz surge e ressurge como uma marca no tempo e no espaço para que essas mulheres lembrem e narrarem suas vivências e a cidade do Recanto das Emas.

Se Dasdores menciona que esteve inscrita por dezoito anos na CODHAB, na narrativa desse itinerário em direção à conquista de um lote, que lhe foi dado e não pago, meu objetivo aqui é destacar tais detalhes para fundamentar como cada recontar o seu recanto dá a ver e a ler esses "índices" de práticas governamentais, políticas

habitacionais populistas, supostas caridades em torno da aquisição do lote. Esse processo envolve experiências e expectativas, invasões e recusas, encontros e comícios, mas se estende para a água encanada, a luz, o asfalto, pois como disse Joaquim Roriz no comício citado anteriormente "aonde tiver uma rua sem asfalto, lá eu estarei". Se estende até mesmo para além da pessoa do próprio Joaquim Roriz, proliferando em seus incontáveis herdeiros políticos¹⁴⁶.

É possível perceber como isso permeia o cotidiano das moradoras na narrativa da moradora Maria Eustáquia, ao contar que "quando veio o IPTU pra nós pagarmos, ele veio muito caro né. Aí até teve um, eu esqueci o nome dele, um político que teve, e ele orga... Assim, ele resolveu pra nós" (MARIA EUSTÁQUIA, 2016: 341). Esse "resolveu pra nós" vai perpetuando-se nos impostos devidos, no asfalto, nas clínicas da família, enfim, na complexa relação de trocas, que se inicia com o lote, mas estende-se além dele, ainda que mudem os governos e os políticos, e que não perde o personalismo populista¹⁴⁷. Elementos que compõe esse "tempo do Roriz", que se confunde com esse "tempo de Brasília" e com o tempo do Recanto das Emas. Entre o tempo da inscrição, do não ter recebido, do sair no jornal, do receber, do pagar impostos, do receber a escritura, interessa esse contar para si e pros outros que compõe os cantos do Recanto. De acordo com Borges:

No Recanto das Emas, como procuro demonstrar, a vida está eivada de índices que nos remetem à prática governamental nomeada oficialmente

¹⁴⁶ Entre esses herdeiros políticos, vários são parentes que empunham o sobrenome Roriz, como as filhas Jacqueline Roriz, ex-deputada federal, e Liliane Roriz, deputada distrital, o neto Joaquim Roriz ou o sobrinho Tadeu Roriz, ex-deputado distrital. Além desses herdeiros de vínculo biológico, existem muitos outros que ocuparam postos em governos de Joaquim Roriz e se atrelam ao seu capital político como o ex-governador José Roberto Arruda, o deputado federal Rogério Rosso, entre muitos outros (Cf. SÍTIO DO JORNAL MAIS COMUNIDADE, 2006, 21/06, <http://blogs.maiscomunidade.com/blogdocallado/2010/06/21/os-herdeiros-de-roriz>). De acordo com reportagem do sítio Congresso em Foco, de 02 de junho de 2015, Roriz ainda era lembrado como melhor ex-governador pela maioria dos entrevistados ou 33,3% (Cf. SÍTIO CONGRESSO EM FOCO, 2015, 02/06, <http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/roriz-e-o-ex-governador-mais-bem-avaliado-pela-populacao-do-df>).

¹⁴⁷ De acordo com notícia publicada no blog do jornalista Carlos Honorato em 1º de junho de 2008: "diante da comunidade, Arruda divulgou ainda o reenvio de 1.700 carnês de IPTU para contribuintes da região. Eles receberam o imposto com valor errado e terão desconto de 90% para quitar o tributo. 'Podem rasgar os carnês. Vocês receberão novos valores em 15 dias', disse o governador aos moradores nesta situação. Arruda explicou que o IPTU desses contribuintes usou como base de cálculo a alíquota de 3%, sendo que o índice correto seria de 0,3%. (...) Na próxima semana, a Secretaria de Fazenda enviará técnicos à cidade para cadastrar moradores que nunca receberam cobrança do IPTU. Nestes casos, o carnê do tributo ainda está no nome da Terracap, de acordo com Medina. Os interessados podem procurar a Administração Regional do Recanto das Emas. O deputado distrital Roney Nemer acompanhará o cadastramento a pedido de Arruda" (BLOG DO JORNALISTA CARLOS HONORATO, 2008, 01/06, <http://www.carloshonorato.com.br/index/noticias/data/01-06-2008>). Acredito que a figura a que se refere a senhora Maria Eustáquia seja o deputado distrital Roney Nemer, ex-administrador do Recanto das Emas no governo Joaquim Roriz.

como “política habitacional”. Quando perguntadas sobre o lote, pessoas como dona Maria e seu Vitório nos respondem com uma verdadeira carta de navegação social. Acredito que crônicas como a desse casal sirvam para revelar não apenas a quem pergunta, mas também a quem responde, o itinerário que se percorreu até chegar a esse lugar-evento por excelência que é o “tempo de Brasília” (BORGES, 2003: 156).

(Re)Canto de memórias

Quem responde às perguntas do entrevistador e de si próprio cuida do seu contar, onde a memória também integra e desenha essa "carta de navegação social", ela vai traçando seu itinerário, suas formas de contar histórias. Dasdores logo me alerta que "tinha alguma coisa mais que eu não lembrei, filho, aí a gente vai, a memória vai falhando e eu lembrei alguns dias e deve ter mais coisa, mas eu não me lembro, mas faltou alguma coisa pra lhe dizer e depois vou lhe dizer nessa, sabe" (DASDORES, 2016: 349). E entre esquecimentos, lembranças, o que não pode ser lembrado, o que faltou, que ainda vai se falar e o que é narrado, vai se recontando o Recanto. Assim, (re)constrói-se uma memória da história da ocupação do Recanto das Emas, pois "quando eles fazem o loteamento né, eles já devastam, já limpam né, já vão, não tem mais mato, eles tiram os matos, se é fazendo, eles fazem. Então, aqui era desse jeito, tinham limpado, só que tem uns lados aí que eu ainda vou falar" (DASDORES, 2016: 358). A narrativa que (re)constrói o Recanto das Emas para os ouvidos atentos, também constrói a atenção, a expectativa de quem escuta através do que se conta, como se conta, quando se conta. Atenção também para os silêncios desse contar, do que não se quer contar, como o tempo passado na invasão, o viver no barraco, a morte de um filho que a neta chama atenção ou o que se ouviu falar sobre a morte do pai quando criança. Afinal de contas, "deve ter mais coisa" (DASDORES, 2016: 349) a ser contada e como faz questão de dizer a moradora Ana, na última frase de sua entrevista, "é, não, a gente nunca conta tudo, né" (ANA, 2016: 489).

As narradoras moradoras vão contando, entre memória e esquecimento, o que lhes parece possível contar, pois, afinal, segundo Maria Eustáquia, "a gente vai falando, vai lembrando né. Mas eu acho que é tudo isso mesmo, sabe assim" (MARIA EUSTÁQUIA, 2016: 348), ou simplesmente, "a história é essa mesma né, então" (MARIA EUSTÁQUIA, 2016: 348). Tudo isso que é possível lembrar, "vai procurando porque eu vou esquecendo" (ANA, 2016: 466), entre tudo isso que já foi e não é mais considerado pela narradora Maria Joana, "é muita coisa, só que a gente vai chegando a

certas idades e vai esque... Vai dando apagões na cabeça da gente, a gente esquece de muita coisa, né?" (MARIA JOANA, 2016: 394). Se tanta coisa é lembrada, tanta coisa é esquecida nesses apagões.

Apagões que podem ser atribuídos à idade, como faz Maria Joana, mas que também podem ser frutos de um certo desinteresse ou, até mesmo, de um comodismo, como naquilo que narra Antônio. Esse morador conta que:

– *Eu, é porque eu não decoro bem essas coisas, a minha esposa, ela sabe tudo. O dia, a hora, acho que até a hora ela sabe de quando a gente mudou pra cá.*

– *Entendi, ela é mais atenta pra essas coisas?*

– *É, eu não ligo muito pressas coisas não. Tem hora que eu fico conversando com ela aí, "rapaz", pessoal, "seu Antônio, o senhor tem seis filhos, qual a idade dos seus filhos?" Eu digo "rapaz, nunca me atentei pra isso não", não me atento muito pra essas coisas não (ANTÔNIO, 2017: 566).*

O esquecimento, esse "eu não decoro bem essas coisas", é contraposto pela memória da esposa, que "sabe tudo". Um não atentar que vem de sempre, "nunca me atentei", pois nem mesmo a idade dos filhos é lembrada, um esquecimento que é narrado como característica do lembrar. Mas há também espaço, no que conta esse morador, para um trauma muito forte em sua memória, que era "até muito boa", que de acordo com ele, marca sua forma de lembrar com a constante companhia do não lembrar, se aproximando dos "apagões" de Maria Joana. Isso é narrado pelo morador:

– *Eu não lembro, eu não lembro, eu não lembro, porque, eu era até, inclusive, não sei se vai fazer parte dessa entrevista, porque eu era uma pessoa que tinha uma memória até muito boa, entendeu, assim, em termo de, é, mas eu depois que houve uns acidentes comigo, eu fiquei assim meio esquecido, entendeu? Fiquei esquecido pra cá, às vezes, acontece as coisas, tem coisa que eu vou pegar uma coisa dentro de casa, quando eu chego ali, eu esqueço o que eu ia fazer.*

– *Acidente do que, que o senhor teve?*

– *Ó, aconteceu dois acidentes bem graves comigo. O primeiro, fui vítima de disparo de arma de fogo num assalto dentro do ônibus. Eu vindo pra cá, foi a época que eu tava construindo aqui e eu tava vindo pra cá e entrou uns assaltantes dentro do ônibus, dentro do ônibus e... Porque eu não sei, eles vieram pra cima de mim e o cara me deu um tiro à queima-roupa, foi porque desse tiro, eu fiquei cinco dias em coma. Entendeu? E o outro acidente, eu caí dentro do ônibus também, fiquei três meses internado, quebrou costela, perfurou pulmão, lesionou meu baço, fiquei daquele jeito, entendeu (ANTÔNIO, 2017: 544).*

O esquecimento contado faz parte não só dessa e das outras entrevistas, mas acompanha também as memórias de todas as pessoas. No caso específico de Antônio, no entanto, há uma questão clínica, um trauma cerebral que faz dele "assim meio esquecido". O tiro a queima-roupa e o coma de cinco dias remetem à reflexão de Paul Ricoeur acerca do "esquecimento por apagamento de rastros"¹⁴⁸. O autor destaca que

¹⁴⁸ Na denominação de Ricoeur, ao tratar do esquecimento profundo "é a problemática do rastro que comanda a do esquecimento nesse nível radical" (RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o*

"uma das razões para acreditar que o esquecimento por apagamento dos rastro corticais não esgota o problema do esquecimento é que muitos esquecimentos se devem ao impedimento de ter acesso aos tesouros enterrados na memória" (RICOEUR, 2012: 452). Ricoeur se apoia na psicanálise para tratar tal questão em favor de uma "tese do inesquecível", mesmo quando acredita-se ser impossível lembrar. Para ele, "esquecemos menos do que acreditamos ou do que tememos" (RICOEUR, 2012: 426). Isso é fundamental para refletir sobre os limites do que é lembrado, das dimensões do esquecimento e da relação deste com a memória e a história. Um esquecimento que nem sempre é definitivo, como destaca o próprio Antônio, ao lembrar que "tem algumas coisas que, às vezes, você fala 'ô rapaz, é mesmo, eu devia ter lembrado desse negócio pra falar, tal'" (ANTÔNIO, 2017: 568).

Se nem tudo pode ser lembrado ou esquecido, se existem traumas e apagões, isso não muda para Maria Joana, que "uma parte a gente tem que falar do que é né, não pode falar do que não é né" (MARIA JOANA, 2016: 399). O mesmo entendimento tem Maria das Benções, que diz que "não vi não. Isso aí não vou falar pro senhor que eu vi, que eu não vi, né" (MARIA DAS BENÇÕES, 2016: 463). Ainda assim, essas narrativas de memórias se afirmam como o que foi até se dizem não fazê-lo, como na explicação de Antônio ao lembrar o destino de um lote vizinho:

Aí, o cara pegou, construiu e vendeu. Segundo informação que eu fiquei sabendo, eu não posso afirmar, porque pra mim mesmo ele não, é, ele não chegou pra mim e falou, eu soube comentários por boca de outras pessoas. Mas o lote não era dele não, e ele vendeu o lote mesmo, então, foi isso aí, vendeu, pegou e vendeu (ANTÔNIO, 2017: 553).

A informação, mesmo que indireta "por boca de outras pessoas", é contada como certa a seguir pelo que o próprio narrador percebe, o lote não era do sujeito, mas foi tomado por ele e vendido, "foi isso aí". E assim, como destacaram a senhora Maria Joana e Maria das Benções, fala-se do é, do que se viu e não do que não é, do que não se viu. Dessa forma, as narrativas se baseiam no que é lembrado e de sua associação ao que é esquecido. E além destes, ao que é silenciado. Ao longo da narrativa de Maria Alcinda, por exemplo, há uma zona de silêncio, uma área de conforto, assegurada pelo mecanismo de recusa, de expulsão daquilo que incomoda no que é lembrado e contado

esquecimento. Campinas: Editora da UNICAMP, 2012: 425). Abordar tal questão envolve a preocupação com o rastro psíquico e o rastro cortical, ou seja, relacionar filosofia e neurociência. Mas o autor destaca que apesar da relação "minha tese inicial é que os discursos dos dois lados derivam de duas perspectivas heterogêneas, isto é, não redutíveis uma à outra e não deriváveis uma da outra. Num discurso, trata-se de neurônios, de conexões neuronais, de sistema neuronal; no outro, fala-se de conhecimentos, ações, sentimentos, isto é, de atos ou estados caracterizados por intenções, motivações, valores. Combaterei, portanto, o que chamarei, doravante, de amálgama semântico" (idem: 428).

pela moradora, redundando sempre nos "e tamos aqui até hoje" (MARIA ALCINDA, 2016: 415) até que a intervenção da filha traga a questão da invasão à tona.

Na relação entre o lembrado, o contado ou silenciado e o esquecido, portanto, as próprias narradoras, como no caso de Maria Joana, algumas vezes tem consciência de disputas entre memórias, entre histórias e da importância dos sujeitos que narram esses processos:

Cada um tem uma versão né, cada um conta uma história né, os pais dele contam uma história, os pais da parte da minha mãe contam outra história, que eu não sei, até hoje que não sei qual é a história. E agora Deus já levou todo mundo e aí que não vou saber mais nada (MARIA JOANA, 2016: 407).

Entre tantas versões, entre tanto "cada um conta uma história", entre tantas histórias que não são a História, nem nunca poderão ser, tem-se essas memórias de vivências, de saberes, de experiências vividas nesse / desse espaço. Memórias narradas e histórias contadas mesmo se "às vezes, a pessoa fala é mentira, mas não foi não" (MARIA CLARA, 2017: 531). Narrativas de memórias até mesmo quando parece difícil saber o que falar, como no contar de Maria das Benções, que permite analisar sua tentativa de evitar uma pergunta:

– O que a senhora diria que o Recanto significa pra senhora? Ter vindo pro Recanto, qual a importância do Recanto na vida da senhora?
– O que é, Renata? Que eu não tô lembrada.
(Neta) – É o que, vó?
– Vem cá.
(Neta) – Vó, quem fala é a senhora.
– Não, é porque eu não tô lembrada do que é pra mim falar.
(Neta) – Uai, que a senhora gostou de vir pra cá, que aqui é um lugar bom de se morar.
– É, aqui é um lugar bom.
(Neta) – A senhora fez sua história aqui no Recanto.
– Aqui é um lugar bom pra se morar aqui (MARIA DAS BENÇÕES, 2016: 458).

Por todas essas lembranças se darem durante entrevistas, por envolverem diálogo, há espaço até para aquilo que "é pra mim falar", assim como o não lembrar, que pode ser percebido como recusa, como um ato de resistência de quem narra, resumido em um lacônico "aqui é um lugar bom". Isso também passa pela presença de pessoas familiares, que ora são convidadas a participar do processo, como o neta Renata de Maria das Benções, ora intervém por iniciativa própria na entrevista, como a filha Vanessa de Maria Clara, quando interrompe a mãe e o curso da narrativa:

– Tem. Aí, o pai dela estava, ele se envolveu com uma mulher casada, né, é, o negócio dele era ficar com essa mulher. Aí, pronto, aí, fiquei...
(Filha) – Mas aí voltando pra moradia...
– É... (MARIA CLARA, 2017: 528).

Ainda assim, até o que cala, faz falar nas narrativas. E com ouvidos atentos, sensibilidade e esforço crítico, é importante destacar que não há narrativa maior do que

o viver de qualquer pessoa. É o que dá a ver e a ler Arlete, quando trata de como conta sua vida aos netos, do que podem saber dela mesmo as pessoas mais próximas. Segundo a moradora:

Eles aqui são testemunhas também, eu contei, eu conto, às vezes, eu conto, não a minha história toda, que nem a minha filha não sabe da minha vida, minha história ainda toda, como que, o que eu passei na vida, nem ela, nem minhas irmãs, né. A minha vida foi muito sofrida. E eu pego a parte que eu posso contar pra eles hoje, ainda são crianças, eu conto pra, assim... (ARLETE, 2016: 511).

Para as testemunhas que acompanham o relato dessas narradoras, é necessário atentar para "a parte que eu posso contar pra eles hoje". Se nenhuma outra pessoa conhece o que conhece a narradora, ela mesma anuncia que sempre haverá histórias por saber, marcas a decifrar, possibilidades de contar, formas de se perder no lembrar essas vidas pela cidade.

Nessas narrativas de lembranças, que são narrações organizadoras de espaços (CERTEAU, 2014: 197), nesse sentido analisado por Michel de Certeau, para quem "o relato faz uma travessia, o relato é 'diégese', como diz o grego para designar a narração: instaura uma caminhada ('guia') e passa através ('transgride')" (CERTEAU, 2014: 197). O Recanto das Emas é dado a ver e a ler conforme é (re)construído nos trajetos de quem instaura a caminhada e transgride esse espaço. Um espaço praticado em suas vivências cotidianas, passadas e presentes, um espaço lembrado e narrado, que, ainda de acordo com Certeau, "o espaço assim tratado e alterado pelas práticas se transforma em singularidades aumentadas e em ilhotas separadas" (CERTEAU, 2014: 168), ou seja, através de figuras de estilo como a sinédoque e o assíndeto, o loteamento devastado é tomado como a cidade nessa trajetória, assim como o tirar o mato arranca em si tantos mais momentos dessa jornada. Por um lado se adensa um conjunto com pequena parte que se trás na memória, por outro se corta a vastidão em fragmentos capturáveis. O barraco é como a cidade e a cidade é lutar pelo lote, fazer inscrição, correr atrás, erguer o barraquinho, ficar enrolado de lona, lutar mais, fazer benfeitorias, é a falta do hospital, do médico, de remédios, os poucos ônibus, asfalto sobre a lama, tapete sobre o barro, telhas quebradas, a poeira, a nascente, a chuva, pra cima e pra baixo, são as invasões, são as mortes violentas, a violência, os filhos criados, as netas e netos, o filho que mora na rua, é onde terminar, é um espaço de morar, é viver, é sonhar.

Espiando pelas brechas dessa narrativa de barracos, "que barraco só se acha com tábua e madeirite, era meu barraco né, também aqui né, era meu barraco, aliás sou eu" (DASDORES, 2016: 369), é possível dar contornos outros aos labirintos da cidade,

aos cantos desse recanto, aos cantos dessas pessoas, de modo que consiga-se ao ouvi-los, perder-se neles. Para Walter Benjamin, “saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução” (BENJAMIN, 2004: 73). E no nosso vagar tecer caminhos como o faz Maria João, que narra: "então me identificava pelo início da cerca branca e vinha descendo até achar meu lote. Aqui, em cima do barraco, eu botei um pau bem grande com uma sacola amarrada na ponta, que era pra saber né" (MARIA JOÃO, 2016: 371). A cerca branca surge como essa fronteira entre o rural e o urbano, um limite repostado ali pela teimosia da memória, já que "as lembranças se apoiam nas pedras da cidade" (BOSI, 2010: 439). Ou em cercas brancas. Um pau bem grande com a sacola cortando o contínuo de lotes. Como a moradora em seu itinerário, é possível criar sinais que orientam até onde chegar, "pra saber né".

Colocar sinais para que se oriente pelo Recanto, esse é o aviso que a moradora Arlete conta ter logo sido dado pelo fiscal que entregava os lotes. Quando tudo ali ainda era estranho, é preciso sinalizar para decifrar. De acordo com a moradora:

Eles falam assim "ah, seu lote é aqui", mas você olha e não via nada, né. Então, era só estampado, "mas aonde?" Aí, tinha um fiscal que entregava a gente, media, tava tudo medido, né, "ó, é aqui, só que vocês tem que decifrar onde que é, vocês tem que marcar quando vocês voltar pra ocupar vocês saberem onde é". Porque tava as ruas, mas como a gente não conhecia o lugar que era, não tinha nada, né? Então, a gente marcou (ARLETE, 2016: 491).

Ao se marcar, se permite saber onde é, se garante o retorno. Mas os cantos do Recanto também são feitos de marcas encontradas nos cantos e não apenas por marcas feitas. Marcas até indesejáveis, mas que também orientam os saberes dessa cidade, como conta Antônio:

Teve um cida, disse que uma pessoa entrou aí e ficou olhando lá pela porta e ela ficou disse que muito nervosa, aí, ainda bem que, nisso, o carteiro bateu no portão e ele, inclusive, tem até umas marcas pretas no muro ainda ali, acho que foi da, da, da botina, ou se ela tava pisando. Bem no cantinho aqui da coluna. Aqui do lado (ANTÔNIO, 2017: 548).

As marcas vem, elas se espalham. Elas servem como esses pontos de referência ao vagar pela cidade. Tanto podem estar enraizados na materialidade do urbano, "recorte preciso com contornos apreensíveis, capaz de orientar o conhecimento ou o reconhecimento dos que por elas passam ou nelas moram" (BRESCIANI, 1997: 238), que define Maria Stella Bresciani, como podem ter motivações mais profundas, como indica Walter Benjamin para quem "a descrição de uma cidade por um dos seus habitantes tem outras motivações, mais profundas. Motivações de quem viaja para o passado, e não para lugares distantes" (BENJAMIN, 2015: 205).

O Recanto das Emas surge produzido por memórias e esquecimentos e produz as memórias dos que o vivenciam. Dessa forma, o Recanto é aqui uma cidade libertada de essencialismos, é uma cidade de emaranhados, uma cidade repleta de ambiguidades e de possibilidades, tal como propõe Walter Benjamin ao dizer que “assim como todas as coisas que estão em um irresistível processo de mistura e impurificação perdem sua expressão de essência, e o ambíguo se põe no lugar do autêntico, assim também a cidade” (BENJAMIN, 2004: 25). O que apresenta Benjamin é explicitado da seguinte maneira por Bresciani:

Trata-se da cidade escondida, recortada em detalhes formados pelo tempo do aprendizado e do trabalho, dos sucessos e dos fracassos humanos. Uma imagem da cidade muito próxima à apresentada por Walter Benjamin em muitos de seus textos; uma percepção do espaço trabalhada pela memória voluntária, que escapa entretanto à rigidez organizada desta, sendo invadida por lapsos de esquecimento e de lembranças desconcertantes, arrancadas do fundo do subconsciente, dessa memória involuntária fugidia e pouco apropriada a se deixar envolver por explicações ou sequências objetivas (BRESCIANI, 2004: 15).

Nesse sentido, me lanço agora por cantos do Recanto das Emas, cidade lembrada e esquecida, que tem os mais diversos significados nas histórias de vida de cada um de seus habitantes, indo muito além da racionalidade geométrica e das políticas de assentamento e controle migratório. Penso, então, como Ítalo Calvino, para quem “uma cidade comporta muitas, e, ao analisar uma metrópole, mediante o que ela se tornou, é possível recordar aquilo que ela foi um dia” (CALVINO, 1990: 84). E analisando o que uma cidade pode ser, recordar o que ela pode ter sido.

Capítulo 4 - De vagar pelo Recanto: espacialidade

*Já não existe a velha Paris (as cidades
Ah! mudam mais depressa que as almas dos mortais)*
Baudelaire, *As Flores do Mal*, p. 221.

Concluindo estas reflexões em torno da importância do ato de ler, que implica sempre percepção crítica, interpretação e "re-escrita" do lido, gostaria de dizer que, depois de hesitar um pouco, resolvi adotar o procedimento que usei no tratamento do tema, em consonância com a minha forma de ser e com o que posso fazer.

Paulo Freire, *A importância do ato de ler*, p. 24.

Caminhei até aqui orientado pelas narrativas memorialísticas de algumas moradoras do Recanto das Emas. Construí histórias possíveis a partir das transcrições das entrevistas, onde essas moradoras narraram as próprias histórias de vida, ao tratar de (re)constituições dos espaços que lhes interessam dessa cidade. Assim, a cidade vivida, experimentada, é (re)articulada nas narrativas. A minha narrativa histórica, orientada pelas narrativas de quem lembra, esquece, conta e silencia, foi estruturada a partir dos eixos temáticos que organizam a análise do que se contou sobre o Recanto das Emas entre tantas lembranças, esquecimentos, cantos e silêncios. A cidade-satélite de Brasília, o espaço de morar, as expectativas, o "sertão" periferia, a multiplicidade da violência, as relações políticas espacializadas, o (re)contar sobre contar (ou não) foram temas estruturantes desses relatos do espaço. Para desenvolvê-los, procedi o exercício de cruzamento dessas fontes orais com outros documentos, bem como o de desconstrução das táticas e estratégias das pessoas (Cf. CERTEAU, 2014: 97). Busquei, enfim, realizar uma análise crítica, mas também sensível, do que foi dado a ver e a ler. Nas travessias do relato (Cf. CERTEAU, 2014: 197) acredito ser possível agora dar um passo além e avançar por um tema, que em certo sentido atravessa todos os anteriores, que é a espacialidade¹⁴⁹ do Recanto das Emas. Por meio dele, foi possível reconstruir a historicidade dessa cidade.

¹⁴⁹ Maria Alexandre Lousada define "o conceito de *espacialidade* como um produto social e, simultaneamente, uma força modeladora da vida social" (LOUSADA, Maria Alexandre. "Espacialidade em debate: práticas sociais e representações em Lisboa nos finais do Antigo Regime", In: *Ler História*, n. 48, 2005: 38, https://www.academia.edu/3684018/Espacialidade_em_debate_pr%C3%A1ticas_sociais_e_representa%C3%A7%C3%B5es_em_Lisboa_nos_finais_do_Antigo_Regim). A autora identifica essa conceituação ao trabalho de Edward Soja, o qual está referenciado especialmente nas obras de Henri Lefebvre e Michel Foucault. Assim como explicitado anteriormente, meu enfoque, orientado pela análise de Michel de Certeau, entende a importância da disciplinarização que atravessa as tramas sociais, essas "forças modeladoras" de que fala a autora, mas reflito aqui sobre as práticas do espaço que rearticulam essa disciplina. O próprio Certeau trata de uma "outra espacialidade (uma experiência 'antropológica',

Não trato aqui da espacialidade isótropa do concreto, mas das espacialidades praticadas e imaginadas¹⁵⁰ na "narratividade delincente" (CERTEAU, 2014: 197), que desloca, que é do percurso e não do estar, como define Michel de Certeau. As histórias articuladas à espacialidade do Recanto das Emas são histórias das relações de quem o habita com esse espaço, dialogam com a proxêmica, como a que apresenta Certeau ao sublinhar que:

A opacidade do corpo em movimento, gesticulando, andando, gozando, é que organiza indefinidamente um aqui em relação a um alhures, uma "familiaridade" em confronto com uma "estranheza". O relato de espaço é em seu grau mínimo uma língua falada, isto é, um sistema linguístico distributivo de lugares sendo ao mesmo tempo articulado por uma "localização enunciadora", por um ato que o pratica. Este o objeto da "proxêmica". Basta aqui, antes de ir buscar as suas indicações na organização da memória, lembrar que com essa enunciação focalizante o espaço surge de novo como lugar praticado" (CERTEAU, 2014: 197).

Para Certeau, portanto, o espaço é enunciado pelos passos, mas também pelas narrativas dos passos, ambos atos que praticam a cidade. Isso permite analisar aqui alguns dos caminhos possíveis, que cruzam o Recanto das Emas através das experiências de quem o habita. E ao narrar, percorrer, assim como o flâneur, tão fundamental na obra de Baudelaire, analisada por Walter Benjamin. Me oriento por esse "homem abandonado no meio da multidão" (BENJAMIN, 2015: 57). Para mim, essas moradoras, essas mulheres no meio da multidão, foram vistas tal qual esse observador (Cf. BENJAMIN, 2015: 43), enfim, essa "espécie de botânico do asfalto" (BENJAMIN, 2015: 39). Procurei me deixar perder no vagar pela cidade (Cf. BENJAMIN, 2004: 73), para melhor dela nos aproximarmos. Procurei também me deixar guiar pela memória, mas ciente, porém, como alerta Certeau, de que:

Sob sua forma prática, a memória não possui uma organização já pronta de antemão que ela apenas encaixaria ali. Ela se mobiliza relativamente ao que acontece – uma surpresa que ela está habilitada a transformar em ocasião. Ela só se instala num encontro fortuito, no outro (CERTEAU, 2014: 150).

poética e mítica do espaço)" (CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. São Paulo: Vozes, 2014: 159). Nesse sentido, de acordo com Saint-Claire Trindade Jr., entende-se por espacialidade, um conceito que "ultrapassa uma certa rigidez associada ao espaço-geométrico ou ao espaço-palco das práticas sociais e, assim, permite dar conta das diferenças de como os diferentes grupos usam e se apropriam do espaço. Nessa dinâmica, as espacialidades resultam da reprodução e apropriação de um espaço que é aparentemente homogêneo, mas que implica em dar-lhe novas formas e imbuí-las de sentidos associados ao seu uso por cada indivíduo ou grupo" (TRINDADE JR., Saint-Clair. "Espacialidades e temporalidades na dinâmica das formações urbanas", In: *Cidades*, v. 1, n. 2. São Paulo: Unesp, 2004: 254).

¹⁵⁰ José d'Assunção Barros valoriza o imaginário da cidade ao analisar que "a dimensão Imaginária da cidade constitui certamente um último ponto importante a ser considerado quando se examina as relações entre Cidade, Espacialidade e Forma. Dois aspectos aparecem aqui discriminados. Por um lado, a Cidade é representação. Por outro lado, a Cidade gera representações de si mesma" (BARROS, José d'Assunção. "Cidade, Espacialidade e forma: considerações sobre a articulação de três noções fundamentais para a História Urbana", In: *Lusitana. História*, n.º 4, 2007: 132).

Por ser, portanto, indissociável de uma alteração, de uma transformação, por não ter um lugar fixo, a memória (e as memórias das moradoras especificamente) permite tecer essa rede de possibilidades buscada aqui ou, como enfatiza ainda Certeau, “longe de ser o relicário ou a lata de lixo do passado, a memória vive de crer nos possíveis, e de esperá-los, vigilante, à espreita” (CERTEAU, 2014: 151). Percursos percorridos e dados a ver e a ler nos relatos do espaço, na espacialidade narrada pelas moradoras da cidade. As histórias do Recanto das Emas transitam agora por esses pontos de referência, que com recorrência orientam as moradoras em suas experiências errantes de andar pelos espaços da cidade, nas formas de imaginá-los, lembrá-los e contá-los em suas narrativas. As escolas públicas, os supermercados, as unidades públicas de saúde, os altos, os baixos, o monumento das emas, as ruas, bem como outros espaços urbanos, são referências espaciais comuns para descreverem os itinerários físicos e mentais das moradoras, para relatarem seus percursos e seus relatos. A espacialidade orienta as narrativas e os percursos feitos, desfeitos e refeitos, modelando as (re)construções da cidade do Recanto das Emas. Nesse movimento incessante, a cidade é formada e transformada por quem a habita e se apropria desse espaço. Como assinala Viviane Ceballos:

As linhas racionalizadas ganham traços paralelos e transversais que as acompanham e as entrecruzam na tentativa dos habitantes de apropriarem-se desse espaço. Sua vivência, suas trajetórias e escolhas sulcam a terra vermelha e delineiam outras possibilidades de caminhos e traçados para ela (CEBALLOS, 2014: 51).

Embora Ceballos trate de Brasília para analisar suas linhas racionalizadas, a associação se estabeleceu, pois estas linhas também estão presentes no Recanto das Emas. Nessa cidade, as moradoras se apropriam do espaço e o (re)configuram. Isso conforma a espacialidade, tal como definida por Saint-Claire Trindade Jr., para quem esse conceito significa "a reprodução e apropriação de um espaço que é aparentemente homogêneo, mas que implica em dar-lhe novas formas e imbuí-las de sentidos associados ao seu uso por cada indivíduo ou grupo" (TRINDADE JR., 2004: 254).

Escolas Públicas

As escolas do Recanto das Emas, em especial, as escolas públicas¹⁵¹, são espaços de referência para quem caminha por essa cidade. Sua distribuição espacial

¹⁵¹ Apenas uma das moradoras entrevistadas menciona que matriculou uma de suas filhas em uma escola particular da cidade do Recanto das Emas, a escola Reação, localizada na quadra 201 do Recanto das

pode ser tomada como uma das principais expressões do planejamento da cidade-satélite, assim como símbolo da falta dele. As localizações dos estabelecimentos de ensino estão longe de significar uma distribuição equilibrada dos mesmos pelas áreas da cidade¹⁵², ou de representar uma decisão de caráter técnico urbanístico, muito menos de desenvolver um projeto político pedagógico potencializador do processo de ensino-aprendizagem. Pelo contrário, muitas vezes elas reforçam o deslocamento espacial dos sujeitos pela cidade, como é possível perceber na entrevista de Maria das Benções, que conta com a participação de sua neta, quando elas relatam os caminhos de cada neta e neto para ter acesso a uma escola mais ou menos perto de casa:

– Não, os netos aqui tão bem, tá aqui tudo comigo aqui, é. Não tem pra onde ir mesmo, tem que estar tudo aqui, né?

– Eu tô vendo que ela estuda aqui no 115.

– Ela estuda aqui no 115.

– Eles estão estudando aqui pra baixo? Tão mais no 308 não?

– Não, o 308 não tem ninguém daqui que estuda lá não. O Ubiratan estuda na 111, o Daniel estuda no cento e...

(Neta 2) – 113.

– 113.

(Neta 2) – E eu na 115.

– E essa aqui estuda na 115.

– Mas por que é mais perto que eles estudam aqui?

– É porque eles bota, o, o Ubiratan no 111, Danielzinho é na 113 e essa aqui no 115. É porque é mais perto (MARIA DAS BENÇÕES, 2016: 461).

Se por um lado, ela dá a ler e a ver que é o governo, por seus próprios critérios, que define a alocação dos estudantes, por outro lado, essa designação tem de se relacionar com os interesses de quem mora na cidade e é responsável por quem estuda nessas escolas. Interesses que mobilizam, orientam, movimentam as pessoas pela cidade. Em busca de interesses próprios e de quem estuda, as moradoras atuam junto às secretarias escolares e direções das escolas para conseguir transferir educandas e

Emas. Ana narra isso como um privilégio, diz que a filha "sempre estudou", mesmo se depois conta que ela mudou de uma escola particular para outra, por fim, abandonando os estudos. Os padrões de Ana arcaram com o pagamento dos estudos da filha caçula até o ensino médio, quando a filha, segundo ela, preferiu abandonar os estudos, sair da escola particular. Por fim, ela voltou a estudar no CEM 804. Em razão das poucas referências, portanto, a ênfase da análise aqui priorizou as escolas públicas da cidade. Ana narra sobre isso que, "minha filha mais nova é que sempre estudou particular, o pessoal que eu trabalho é tão bom, que deu tudo, tudo, tudo, tudo. (...) Começou no JK, né. No JK do Guará, acho que é Guará 1, né, na beira da pista? (...) Aí, ela não quis estudar lá mais, aí veio estudar aqui no Reação. Aí, ela parou, não quis mais estudar lá, faltando um ano, era dois anos pra ela terminar, aí ela terminou aqui.

- Veio pro 804?

- É, terminou aqui" (ANA, 2016: 486).

¹⁵² De acordo com dados do da SE-DF relativos ao censo escolar de 2016, a RA do Recanto das Emas em sua Coordenação Regional de Ensino conta atualmente com vinte e quatro escolas em sua área urbana, são elas: CEF 101, EC 102, CED 104, CEF 106, CEM 111, CEF 113, CEF 115, EC 203, CEF 206, CEF 301, CEI 304, CEF 306, CED 308, CEI 310, EC 401, EC 404, CEF 405, EC 510, CEF 602, JI 603, CEF 801, CEF 802, EC 803, CEM 804. Além destas, existem duas escolas na área rural da cidade o CED Myrian Ervilha e a EC Vila Buritis (Cf. SÍTIO DA SE-DF, 2017, <http://www.se.df.gov.br/servicos/dados-e-indicadores-educacionais.html>). Para entender o significado dessas siglas, ver nota 155 na p. 248.

educandos ao longo de todo o ano. Elas reivindicam melhorias, questionam critérios, lutam por espaços melhores e mais interessantes¹⁵³. Em muitos casos, há a comunhão entre a escola designada pelos critérios de matrícula do governo e a pretendida pelas responsáveis. Em outros, uma maratona pode significar percorrer as escolas possíveis em busca da pretendida vaga. Pude perceber, nas lembranças narradas, esse processo de construção de passos, como esses de percorrer escolas atrás de uma vaga que melhor atenda às expectativas das famílias. Como faz a moradora Ana, que, como avó preocupada, buscou uma escola mais adequada para suas netas, mesmo que não morassem com ela. Ela narra assim a questão:

– *A Lúcia estuda em qual colégio?*

(Filha) – 111 agora, que ela tá no ensino médio, no 1o.

(Eu) – Não, então, se ela tá no 111, ela foi minha aluna também, então.

(Filha) – Acho que antes ela estudou no 308 também.

– Se antes ela estudou no 308 também.

(Eu) – Se antes ela estudou no 308, ela deve ter sido minha aluna.

(Filha) – Isso.

– Hein, Brenda. A Velma tá naquele colégio que eu arrumei pra ela?

(Filha) – Isso.

– Ainda tá lá ainda?

(Filha) – Tá.

– É 308?

(Filha) – Isso.

(Eu) – 308.

– Ah, foi eu que arrumei lá pra ela.

(Eu) – A senhora deve ter falado com o Marcos pra arrumar, que é o diretor.

– Não. É. Como que foi? A Ana Patrícia mora de aluguel, né?

(Filha) – Isso.

– Aí, pra onde ela ia, o colégio mais perto que eu consegui, que eu morro de medo dessas meninas, nossa, eu fico preocupada, né? Assim, quem vai pegar, quem vai levar, porque eu era assim com os meus filhos. Levantava bem cedo, arrumava, deixava no colégio, aí eu pedia pro irmão mais velho ou pro pai ir pegar. Eu era desse jeito (ANA, 2016: 484).

Questões de segurança, de ter de acompanhar esse ir e vir das netas da escola, como fez com suas filhas, envolve ter acesso a uma escola mais próxima, "o colégio mais perto que eu consegui". Uma preocupação com (des)caminhos atuais, que trazem consigo a lembrança de caminhos feitos, de pedidos para que outros a ajudassem a fazê-lo, que liga casas e escolas. Um trânsito que envolve quem mora em uma quadra a outra onde fica o estabelecimento de ensino. Também às quadras, aos conjuntos, às ruas que

¹⁵³ Além dessas idas e vindas pelas escolas, também existe a mobilização das moradoras para a construção de escolas mais próximas, para a reforma ou reconstrução de escolas que foram fechadas, como aconteceu com o próprio CEF 115, segunda escola do Recanto das Emas, feita de lata, que foi desativada em 2003. De acordo com reportagem do jornal Correio Braziliense, de 26 de fevereiro de 2005, intitulada "Protesto para a construção de nova escola", é informado que "os muros escondem o que restou do Centro de Ensino Fundamental (CEF) 115, em Recanto das Emas. Da antiga escola de lata sobraram apenas ruínas, após sua desativação, em novembro de 2003" (CORREIO BRAZILIENSE, 2005, 24/06: 30). Uma luta se articula às transformações produzidas. A escola foi reconstruída e reinaugurada em 2007. A questão das escolas provisórias que vão permanecendo no espaço será discutida mais à frente.

se cruzam pelo caminho. Trajetos acelerados ou alongados tendo em vista sinais e horários. Percursos que cruzam com de conhecidas, colegas, amigas e estranhas familiares. Caminhos que também são feitos de ônibus em distâncias maiores. Mas o fundamental aqui é perceber que essas práticas do espaço são enunciações pedestres do que é possível nesse lugar saturado de sentidos, ou como é proposto por Certeau, esse caminhar é como as brincadeiras de Charles Chaplin. Esse artista, segundo o autor:

Faz outras coisas com a mesma coisa e ultrapassa os limites que as determinações do objeto fixavam para o seu uso. Da mesma forma, o caminhante transforma em outra coisa cada significante espacial. E se, de um lado, ele torna efetivas algumas somente das possibilidades fixadas pela ordem construída (vai somente por aqui, mas não por lá), do outro aumenta o número dos possíveis (por exemplo, criando atalhos e desvios) e o dos interditos (por exemplo, ele se proíbe de ir por caminhos considerados lícitos ou obrigatórios). Seleciona, portanto (CERTEAU, 2014: 165).

Essas espacialidades das moradoras, assim como seus relatos, transgridem e (re)afirmam essa ordem construída chamada Recanto das Emas. Em seu espaço, os próprios Centros Educacionais ou de Ensino, Escolas Classe ou Centros Interescolares, como são denominados¹⁵⁴, sejam de ensino infantil, fundamental e / ou médio, trazem desde seus nomes, definidos pela quadra da cidade em que se encontram¹⁵⁵, as marcas

¹⁵⁴ De acordo com o atual Regimento Escolar das Instituições Educacionais da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal são treze as classificações possíveis para as instituições educacionais. Essas são especificadas em seu artigo 3º como: "I - Centro de Educação Infantil - destinado a oferecer, exclusivamente, a Educação Infantil: creche e pré-escola; II - Jardim de Infância - destinado a oferecer, exclusivamente a Educação Infantil, pré-escola; III - Escola Classe - destinada a oferecer os anos iniciais do Ensino Fundamental, podendo de acordo com as necessidades da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal, oferecer até a 6ª série; IV - Escola Parque - destinada a oferecer atividades que complementem o currículo desenvolvido em Escolas Classe; V - Centro de Ensino Fundamental - destinado a oferecer o Ensino Fundamental e a Educação de Jovens e Adultos; VI - Centro Educacional - destinado a oferecer os anos finais do Ensino Regimento Escolar 11 Fundamental, o Ensino Médio e a Educação de Jovens e Adultos; VII - Centro de Ensino Médio - destinado a oferecer o Ensino Médio e/ ou o Ensino Médio Integrado a Educação Profissional e a Educação de Jovens e Adultos; VIII - Centro de Ensino Médio Integrado - destinado a oferecer o Ensino Médio Integrado a Educação Profissional e / ou o Ensino Médio e a Educação de Jovens e Adultos; IX - Centro de Educação de Jovens e Adultos - destinado a oferecer, exclusivamente, a Educação de Jovens e Adultos presencial e a distância; X - Centro de Ensino Especial - destinado a oferecer, exclusivamente, a Educação Especial; XI - Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente - destinado a proteção e a promoção social da criança e do adolescente, bem como a oferta da Educação Infantil e do Ensino Fundamental; XII - Centro Interescolar de Línguas - destinado a oferecer, exclusivamente, língua estrangeira moderna para complementar o currículo de três ou mais instituições educacionais; XIII - Centro de Educação Profissional - destinado a oferecer a Educação Profissional por meio de cursos e programas de formação inicial e continuada de trabalhadores, a Educação Profissional Técnica de Nível Médio e a Educação Profissional Tecnológica de Graduação" (DISTRITO FEDERAL (Brasil). Secretaria de Estado de Educação (SE-DF). *Regimento Escolar das Instituições Educacionais da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal*. Brasília: Subsecretaria de Educação Pública, 2006: 11). Essas classificações mudam ao longo do tempo, pois as escolas podem passar a ofertar ou deixar de ofertar certos níveis de ensino, como ocorreu com o próprio CEF 308, que em 2016 passou a ser denominado CED 308 por passar a ofertar também turmas de Ensino Médio.

¹⁵⁵ Embora existam escolas no DF com nomes não numéricos em sua denominação, elas são minoritárias. Uma reportagem veiculada no sítio da SE-DF informa que "embora a maioria dos colégios tenha o nome formado por números, há exceções: Elefante Branco, Frigorífico Industrial, Queima Lençol e Café Sem Troco são alguns exemplos" (SÍTIO DA SE-DF, 2017a, <http://noticias.se.df.gov.br/noticias/ultimas->

do mapeamento da cidade. Mapeamento que busca reduzir a uma lógica, mas que é multiplicados pelo itinerários narrados, nesse sentido, orientado a partir de Certeau, para quem:

A questão toca finalmente, na base dessas narrações cotidianas, a relação entre o itinerário (uma série discursiva de operações) e o mapa (uma descrição redutora totalizante das observações), isto é, entre duas linguagens simbólicas e antropológicas do espaço. Dois polos da experiência. Parece que, da cultura "ordinária" ao discurso científico, se passa de um pra outro (CERTEAU, 2014: 187).

Esse mapeamento do espaço indicado pelos nomes das escolas, portanto, está relacionado aos itinerários e aos modos de narrá-los das moradoras, que dão a ver e a ler suas espacialidades praticadas e imaginadas. Ao mesmo tempo, "esses nomes articulam uma frase que seus pés constroem sem que saiba" (CERTEAU, 2014: 171), como avalia Certeau, para quem esses nomes criam não lugares nos lugares e os mudam em caminhos para essas enunciações pedestres.

Contando com dois ou três turnos de ensino, as escolas são o destino de boa parte das crianças e jovens da cidade e também de alguns adultos, que são funcionários do estabelecimento, responsáveis por quem ali estuda ou estudantes das mesmas. Até mesmo os jovens que não frequentam a escola, em alguma medida, se relacionam com elas, uma vez que sua rede de sociabilidade chega até elas e esse é o espaço onde se espera que eles estejam (ou não)¹⁵⁶. É comum ver os grupos de estudantes se deslocando para as escolas ou voltando delas em alguns momentos específicos do dia, ou crianças e adolescentes com uniformes da rede pública a todo o tempo perambulando pela cidade. As escolas funcionam como pontos de encontro para amigos, casais ou parentes, mas

notícias/conheca-a-origem-de-alguns-nomes-curiosos-de-escolas-publicas-do-df/). Dessa forma, o mais usual é a nomeação dos estabelecimentos de ensino de acordo com a RA ou uma quadra da RA em que esta se localiza.

¹⁵⁶ Em sua obra *Vigiar e Punir* (FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2000), Michel Foucault analisa como os procedimentos disciplinares, que antes eram circunscritos a certos espaços, como os exércitos, as oficinas ou os conventos, se generalizam a partir do século XVII. A série de dispositivos disciplinares que se generalizam e se entranham nas instituições formam uma infundável rede de vigilância. Foucault destaca esses aparelhos produtores da disciplina em diversas instituições, como a prisão, em especial, mas também na escola, pois para esse autor, "se é verdade que sua organização piramidal lhe dá um chefe, é o aparelho inteiro que produz poder e distribui os indivíduos nesse campo permanente e contínuo. O que permite ao poder disciplinar ser absolutamente indiscreto, pois está em toda parte e sempre alerta" (idem: 148). Michel de Certeau relativiza essa rede de vigilância generalizada com sua análise das "maneiras de fazer", que formam uma verdadeira "rede de antidisciplina" (Cf. CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. São Paulo: Vozes, 2014: 41), se engendram nas táticas e modos de agir dos consumidores para se afirmarem como contrapartida dessa disciplina. Ainda assim, também para Certeau, o ensino atua como um perpetuador do sistema de disciplinas, a escola opera com os "modelos que reinam (em princípio) de cima para baixo da cultura habilitada pelo ensino (do superior ao primário) e que postulam, todos eles, a constituição de um lugar próprio (um espaço científico ou uma página branca para escrever), independente dos locutores e das circunstâncias, onde construir um sistema a partir de regras que garantam sua produção, sua repetição, verificação" (idem: 81).

também se distribuem pelas ruas e casas do Recanto das Emas, por mais muros físicos e simbólicos que tentem ser erguidos nessa relação.

Nesse sentido, para mim, professor de uma dessas escolas, elas sempre foram uma referência fundamental para perceber e refletir sobre a cidade do Recanto das Emas¹⁵⁷. Como já informado, atuei em duas destas escolas, o CEM 111, em 2009, e o CEF 308, a partir de 2010. Todas as avós e moradoras por mim entrevistadas possuem netas e netos que estudaram ou estudam no CEF 308, o que coloca essa escola, de alguma forma, em seus caminhos. Para a moradora Ana, por exemplo, é uma escola distante, que é quase esquecida, narrada como onde se foi algumas vezes para conseguir a matrícula da neta. É a escola onde o neto Ubiratan de Maria das Benções estudou até 2014, mas onde nenhum neto estuda agora. Já para o Antônio, é a escola onde ele vai todo dia, às vezes, duas vezes no mesmo dia, pois tem uma neta que estuda nela à tarde e outro neto pela manhã. Segundo a narrativa desse morador:

A parte de escola, pra mim, pra mim tá bem bacana. Inclusive, aqui o 308, o 306 também agora melhorou, porque veio uma pessoa, um outro diretor, que eu esqueci até o nome dele, como é que é? Não sei o nome dele, o Marcos até me falou já o nome dele, mas eu, num, esqueci, eu não sei, não lembro o nome dele. (...) E, e, sempre que eu tô de folga, eu tô no colégio. Hoje mesmo, à tarde, eu vou lá, que tem que resolver um negócio lá, que é, que aconteceu uma episódio lá com a Ana Clarice lá e eu tenho que resolver isso (ANTÔNIO, 2017: 549).

Se para Antônio, ir à escola, "aqui o 308", assim como o 306, envolve a atenção à educação da neta e do neto, sempre que está de folga do trabalho, para a moradora Dasdores, funcionária pública da SE-DF, essa é uma ligação ainda mais direta, que vai além da neta Joana Vitória matriculada nessa instituição, uma vez que ela é funcionária do CEF 308 desde 2014. Ela está na escola quando está no trabalho. A auxiliar educacional passou por outras escolas da cidade ao longo de sua trajetória, que ela narra como uma busca constante por chegar mais perto de seu espaço de morar, que também está localizado na quadra 308, "eu ganhei meu lote na noventa e, é, 308, aqui perto da escola" (DASDORES, 2016: 358). Trajetória que ela conta nos seguintes termos:

*– Hein? 102 é... 102. Tem uma escola 101 que é a primeira e tem a 102, que era a do Eustáquio. Eu fui para lá, que eu não achava vaga, fiquei lá.
– Mas nisso a senhora ainda morava no Riacho ou morava aqui já?
– Não, aí, meu filho, não, eu não morava no Riacho não, eu já tinha saído do Riacho, é, eu já não tava mais também lá no...*

¹⁵⁷ Desde a primeira vez que entrei no Recanto das Emas, as escolas também foram referências espaciais fundamentais para mim. Eu me dirigi à Regional de Ensino do Recanto das Emas, que localizava-se na escola CEF 306 nessa época, uma pequena escola próxima à avenida Monjolo. Lá, eu fui apresentado a uma lista de carências nas escolas para o turno noturno, tendo optado pelo CEM 111, a escola grande em frente à delegacia, na avenida Recanto das Emas, como me disseram.

(Joana Vitória) – A gente morava aqui no Recanto aqui na casa, aí a gente ia pro Riacho, aí a gente saiu de lá e foi pro 102, porque lá ficava mais perto, depois do 102, você pediu pro 113, 113 pediu pro 308.

– Foi, aí fizeram minha cabeça. Aí vim, as tias dali, se você chega lá, meu filho, no 102, toda vez que eu chego lá pra visitar "voltou dona Dasdores?" Todos os professores, meu filho, graças meu Deus, essa luz brilha em mim, "voltou dona Dasdores?" Eu digo "não, minha filha, não voltei". Tá só, o Eustáquio "sua vaga tá aqui", eu digo "mas é porque dessa menina, eu tenho que chegar mais perto da minha casa". Saí do 102, mas eu me arrependi tanto de vir para esse 113, que você não tem uma, não gosto nem de falar dessas coisas, professor Jorge, não gosto, pessoa de bem, ô meu Deus do céu, sabe, não é desfazendo, mas a diretora ali, olha, uma coisa horrível, horrível, sabe, essa escola aqui, um dia, há muitos anos, eu ouvi de uma professora também assim "Dasdores, uma escola só é boa quando tem um bom diretor, uma boa equipe, professores". Essa aqui eu achei, meu filho, agora ali, não é desfazendo das pessoas, mas a equipe ali, a diretora, Deus me perdoe, sabe, Deus me perdoe. Saí, graças a Deus. Ela. Quis sair duas vezes já, ela um dia disse pra mim assim: "Dona Dasdores, o que que eu lhe fiz que você quer sair daqui". Mas eu já saí já aproveitando uma, uma situação que houve com a Sônia, uma funcionária de lá. Sônia foi bater na diretora e eu disse "eu também não fico" e eu era porteira dos carros, tinha duas portarias, frente e a de trás. Eu quando entrei pra lá fui pros carros, e lá tinha essa Sônia e mais outra colega minha que ainda tá lá. E a Sônia teve uma desavença lá com a diretora e aí eu aproveitei, eu digo, "ah, eu também não vou ficar aqui, eu vou sair daqui, você não fica, eu não vou ficar", saí e Deus me trouxe pra cá. E ela não quis ficar aqui, porque a gente não passou pra trabalhar, não quis, eu digo "eu vou ficar", tô aqui, mas amei, tô amando, gosto daqui né (DASDORES, 2016: 356)

Em seu relato, Dasdores dá a ver e a ler três escolas em que trabalhou na cidade do Recanto das Emas, atendo-se apenas às quadras em que se localizam: 102, 113 e 308. Além disso, a neta Joana Vitória menciona a escola no Riacho Fundo 2 em que a avó trabalhara anteriormente, assim como a própria mencionara as escolas da Granja do Ipê e a do Núcleo Bandeirante em outros momentos da entrevista. Em todos esses estabelecimentos educacionais, a narrativa das lembranças de Dasdores representa a escola na figura da diretora ou diretor, como faz com o diretor Eustáquio da EC 102 e com a diretora não-nomeada do CEF 113. Ela justifica isso pelo ensinamento de uma professora, há muito tempo. Nesse caso específico relatado, os contornos do arrependimento lembrado e simbolizado na diretora, também envolvem uma equipe cujos defeitos aos invés de nomear, ela pede perdão a Deus ou diz não querer desfazer das pessoas. Por fim, conta a tentativa de agressão da colega à diretora e o aproveitar uma oportunidade de deixar a escola traçando o itinerário de sua experiência nessa escola onde era porteira dos carros.

A avó e moradora menciona também a primeira escola da cidade do Recanto das Emas, o CEF 101, escola que era feita de lata, que como muitas escolas dessa cidade, foi construída como algo provisório, sendo implantada antes mesmo da emancipação da cidade. Segundo informa reportagem do Jornal do Brasil, de 03 de

março de 1993, ou seja, anterior ao estabelecimento oficial da RA, quando esta ainda era parte do Gama, o governo já pretendia erguer uma escola provisória. De acordo com aquele jornal:

A secretária de educação Eurides Brito anunciou a realização da campanha SOS Escola, que visa a recuperação e preservação das escolas da rede de ensino no Gama. Eurides anunciou a implantação imediata de uma escola provisória no Recanto das Emas para atender as crianças que se mudaram recentemente para o assentamento (JORNAL DO BRASIL, 1993: 14).

Interessante que o anúncio da escola provisória no Recanto das Emas se faça ao mesmo tempo que se anuncia a recuperação de escolas da RA do Gama, uma das primeiras cidades-satélite de Brasília. Além disso, esse é um provisório, porém, que se prolongou pelos anos até ser finalmente reconstruído¹⁵⁸. Essa situação de um provisório que se prolonga, se repetiu em outras escolas do Recanto das Emas como na escola de madeira lembrada por Maria Alcinda, que conta "como é rapidinho, é, evoluiu né, aí, muita gente, muitas crianças pra estudar né e a escola foi o de menos, foi rapidão a escola aqui. Aí, os meninos, aí de lá transferiu pra cá pra 401, estudava pra cá, a escolinha de madeira, tudo bem, mas tava estudando" (MARIA ALCINDA, 2016: 422). Para essa moradora, na busca por moradia, "a escola foi o de menos", ainda que fosse importante que os filhos estivessem estudando. A escolinha de madeira, a "escola de madeira e teto de amianto", a EC 401¹⁵⁹, é mais uma dessas escolas que são o de menos entre o que é prioritário, escolas provisórias que foram permanecendo. Outros

¹⁵⁸ A equipe da escola considera que a escola reconstruída é uma nova escola, marcando a reinauguração como início da escola atual. Por isso, na página da escola na rede social Facebook é informado que a mesma foi fundada em 1º de agosto de 1998 (Cf. SÍTIO DO PERFIL DO CEF 101, 1998, https://www.facebook.com/pg/CEF-101-Recanto-dasEmas527513150736298/about/?ref=page_internal).

¹⁵⁹ Em um blog da EC 401, de dezembro de 2008, a escola classe é identificada como uma "escola provisória de madeirite, criada em 2000 e situada na quadra 401 do Recanto das Emas. Atende alunos de educação Infantil de 05 anos e a alunos do ensino Fundamental séries iniciais" (SÍTIO DO BLOG DA EC 401, 2008, <http://ec401.blogspot.com.br/>). Essa situação de duradoura provisoriade seguia em setembro de 2001, pois de acordo com um blog ligado ao Sindicato dos Professores do DF, mantido por um de seus diretores, "a Escola Classe 401 do Recanto das Emas foi construída com madeirite e telha de amianto e funciona assim há 11 anos. Neste período do ano o calor nas salas de aula é quase insuportável. E o engraçado é que a promessa de construção de uma nova escola, de alvenaria e com melhor estrutura, também já fez 11 anos" (SÍTIO DO BLOG DO DOURADO, 2011, <https://blogdowashingtondourado.wordpress.com/2011/09/15/no-recanto-das-emas-tem-escola-de-madeirite-ha-11-anos>). Uma reportagem do jornal Correio Braziliense, de 23 de maio de 2012, anunciou a reconstrução da escola, informando que "a escola classe improvisada, feita de madeirite e telhado de amianto na Quadra 401 do Recanto das Emas, e que abriga pouco mais de mil alunos, está com os dias contados. Segundo a Secretaria de Educação do Distrito Federal, o governo local já autorizou o início das obras" (SÍTIO DO CORREIO BRAZILIENSE, 2012, http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/cidades/2012/10/03/interna_cidadesdf,325932/incendio-atinge-escola-publica-de-madeirite-no-recanto-das-emas.shtml). A escola foi finalmente construída em alvenaria apenas em 2014, como é informado em um blog da Coordenação Regional de Ensino, e uma matéria de título "Escola Classe 401... Um novo tempo", que descreve que "a EC 401 que desde sua criação no ano de 2000 funcionava em estruturas de madeirite, passa a funcionar no ano de 2014 em estrutura digna para a comunidade escolar" (SÍTIO DA DRE RECANTO DAS EMAS, 2014, em <https://drerecanto.wordpress.com/2014/03/28/escola-classe-401-um-novo-tempo>).

casos parecidos são o da "escola de lata", o CEF 115¹⁶⁰, ou a que é simbolizada como "última escola de madeira do DF", o CEF 510¹⁶¹.

Esse processo de reconstrução ou substituição das antigas escolas, de lata ou de madeira, permite avançar pela dinâmica da constituição da própria cidade do Recanto das Emas, conforme o provisório foi se transformando em insustentável, conforme os interesses políticos avançaram sobre as escolas como instrumento de seguir com as trocas de caráter populista. Como foi indicado no capítulo anterior, essas trocas de benfeitorias por capital político envolvem interesses de todos os lados, mesmo se estes possuem recursos desiguais (Cf. GOMES, 1996: 58), e tiveram início no Recanto das Emas com os lotes, mas passaram pelos serviços básicos como água, luz, transporte, asfalto e chegaram às escolas públicas definitivas, de alvenaria.

Já a EC 102 é uma referência na cidade, tendo sido a primeira Escola Classe do Recanto das Emas, construída ainda em 1994¹⁶², mesmo que a cidade não conte até hoje com nenhuma Escola Parque¹⁶³. Ainda assim, foi uma iniciativa que buscava se contrapor a esse modelo do provisório que permanece constituído até então em escolas como o CEF 101 e o CEF 115. Esse estabelecimento de ensino foi erguido para atender

¹⁶⁰ Algumas reportagens do Correio Braziliense, ao longo dos anos, destacam a situação precária dessa escola até sua reconstrução em 2007. Em uma matéria, de 1º de fevereiro de 2004, lê-se: "escola de lata no Recanto das Emas - o antigo Centro de Ensino Fundamental 115 é uma construção em ruínas. Alunos foram transferidos para escola na quadra 113" (CORREIO BRAZILIENSE, 2004, 27/08: 21). Em outra reportagem, de 27 de agosto de 2004, é informado que "a escola fantasma da Quadra 115 do Recanto das Emas também incomoda os moradores da região. O terreno, que abrigou por oito anos o Centro de Ensino Fundamental 115, hoje é local perigoso que serve de esconderijo para consumo de drogas" (CORREIO BRAZILIENSE, 2004, 01/02: 26). Finalmente, em 23 de junho de 2007, o jornal noticia a reconstrução da escola: "Novidades - Centro de Ensino Fundamental 115 do Recanto das Emas: obra inaugurada ontem, em substituição a uma escola de lata" (CORREIO BRAZILIENSE, 2007, 23/06: 27). Uma matéria do Jornal do Brasil, dessa mesma data, trata da reinauguração da escola e dos planos para outras da cidade "Arruda inaugurou as instalações do Centro de Ensino Fundamental 115, depois de um ano de obras. São 20 salas de aula para ensino fundamental que substituem uma escola de lata. A escola de dois andares conta com elevador para portadores de deficiência física. Os alunos tinham aula no Centro de Ensino Fundamental 113. (...) O governador assinou a ordem de serviço para a construção do Centro de Educação Infantil na quadra 310" (JORNAL DO BRASIL, 2007, 23/06: D5).

¹⁶¹ Em 2013, o que restava do CEF 510, após um incêndio, foi demolido, com a promessa de construção de uma nova escola, o que ainda não se concretizou, restando apenas os muros que cercam o espaço vazio antes ocupado pela escola. Segundo reportagem do Correio Braziliense, de 10 de julho de 2013: "o governo do Distrito Federal derrubou nesta terça-feira (9) a última escola de madeira do DF, o Centro de Ensino Fundamental 510, no Recanto das Emas. A demolição foi feita para dar início, em 2014, à construção de uma nova unidade de ensino, com capacidade para atender 900 alunos entre 4 a 10 anos, em dois turnos" (SÍTIO DO CORREIO BRAZILIENSE, 2013, <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2013/07/ultima-escola-de-madeira-do-df-e-demolido-no-recanto-das-emas.html>).

¹⁶² Reportagem do Jornal do Brasil, de 23 de abril de 1994, informa sobre a abertura de um programa esportivo na EC 102 no dia anterior (Cf. JORNAL DO BRASIL, 1994, 23/04: 9).

¹⁶³ O projeto das Escolas Classe e Parque foi desenvolvido por Anísio Teixeira e serviu de modelo para a implantação do sistema educacional do DF. Recentemente, o atual governo do DF reformulou as chamadas EP sob o argumento de aproximá-las de seu projeto inicial (Cf. SÍTIO DO CORREIO BRAZILIENSE, 2016, http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/ensino_educacaobasica/2016/11/30/).

o público escolar que se ampliava e se concentrava no CEF 101. As lembranças narradas por Arlete passam por essas duas escolas, ela quase se confunde entre uma e outra, enquanto busca dar a ver e a ler os (des)caminhos dos filhos para seguir estudando, após o recebimento do lote e a mudança para o Recanto das Emas, em 1996. Segundo a moradora, que também conta com a ajuda de uma neta nesse trabalho de lembrar:

- *Que era ali perto? A escola já tinha por ali?*
- *Tinha, tinha, tinha uma escola na 101, acho que é 101, bem de frente.*
- *Porque hoje em dia tem uma escola ali mais perto, né?*
- *É aquela mesma. Hoje em dia tem uma mais perto, antes tinha.*
- *Acho que é o 206...*
- *206?*
- *(Neta) - 102...*
- *É o 102, né Mara? Que é de frente, aí? Onde eles primeiro estudaram foi ali. Aliás, a Valéria mais o Jóbson continuaram estudando na Samambaia assim por um bom tempo.*
- *Ela me falou isso, que eles iam de ônibus pra Samambaia pra estudar.*
- *É, eles iam de ônibus. Era. Aí, até chegar o tempo da inscrição, né, pra eles não perderem o final de ano. Aí, eu.*
- *E nessa época nem tinha ajuda do governo pra passagem.*
- *Pra nada.*
- *Pra nada?*
- *Não tinha nem do marido, que era onde podia, eles não tinha, não tinha era nada. Os bichinhos sofriam, tadinhos. E eles iam, não tinha dinheiro pra passagem, que eles já pagavam, aí, tinha que ser humilhado, porque tinha os motoristas que entendiam, tinha outros que não. Chegavam atrasados no colégio, porque, às vezes, o motorista não levava, quando o outro passava e levava, já né (ARLETE, 2016: 501).*

Foi necessário um esforço de se deslocar para outra cidade-satélite, Samambaia, para que as crianças seguissem estudando. Com o novo ano, já foi possível realizar as matrículas de Valéria e Jóbson na EC 102, "que é de frente", segundo a moradora. O fluxo de novas moradoras com o crescimento da ocupação da cidade passava por novas vagas nas escolas que ainda eram "provisórias" como o CEF 101 e o CEF 115¹⁶⁴, além da primeira escola de alvenaria, a EC 102. No caso de Maria Alcinda

¹⁶⁴ Para Vanessa, filha de Maria Cândida, quando ainda moravam na invasão na quadra 405, a opção foi o CEF 115. Mesmo lembrando que já existia o CEM 111, a passagem por essa escola é silenciada. Ela narra que houve a opção pelo ensino médio em Taguatinga, em 1998, mas que acabou interrompendo os estudos pela gravidez, o que aconteceu quando ainda estudava no Recanto das Emas, no CEM 111. Segundo a moradora:

"(Filha) - Já. Eu terminei, não, eu terminei o ensino médio não foi aqui não, foi lá em Taguatinga.

- Mas já tinha o 111?

(Filha) - Já tinha o 111 e o 115.

- Você ia pra Taguatinga por que a escola lá era melhor?

- É, eu fiz a 8ª série no 115 e fui terminar o ensino médio lá em Taguatinga. Lá no 12 de Taguatinga. (...) Era muito boa lá. Muito rígida na época. É tanto que eu dei um pause, um tempo no ensino médio, justamente por causa disso. Eu engravidei, eu era assim, uma das primeiras alunas grávidas no colégio, aí, era aquele auê, 'nossa, você tá grávida'. Aí, começou a ter palestra e tudo me envolvia, eu me senti incomodada com aquilo, eu peguei e desisti, dei um tempo do ensino médio" (MARIA CÂNDIDA, 2017: 539). Na narrativa de Maria Joana, ela também dá a ver e a ler a questão do estudo da filha no Recanto das Emas significada pela gravidez, que interrompe os estudos. Conforme conta a moradora, "é, tinha,

e seus filhos, essa situação de estudar em outra cidade se prolonga, pois a mudança, em 1995, foi para a invasão na quadra 405 do Recanto das Emas, com os filhos matriculados e estudando em Samambaia, onde a família possuía um barraco nos fundos do lote. A permanência na invasão, ainda no início de 1996, é uma razão possível para os filhos passarem a estudar em Taguatinga. De acordo com o que narra a moradora:

- *E escola para os meninos?*
- *Escola, meus meninos, sa época, a gente veio pra cá, um, eles estudavam na... Na...*
- (Filha) – Samambaia...*
- *Na Samambaia, de lá...*
- (Filha) – Foi pra Taguatinga...*
- *Foi pra Taguatinga. Aí, eles iam pra Taguatinga, daqui pra Taguatinga.*
- *Pegavam o ônibus?*
- *Pegava o ônibus e ia para Taguatinga estudar, aí era assim.*
- *Nessa época, nem tinha ajuda do governo para ônibus?*
- *Tinha ajuda do governo não, tinha ajuda de jeito nenhum, ajuda que tinha mesmo só era de Deus. Ensinava onde que era pra descer, onde que era pra pegar pra vir embora, aí só Deus mesmo, pra levar e pra trazer, porque não tinha ajuda de ninguém também. No dia que tinha dinheiro, ia pra escola, no dia que não tinha, não ia pra escola, os que pagavam passagem, os que não pagavam passagem, não pagavam, tava de boa, os que pagavam, a gente... (MARIA ALCINDA, 2016: 420).*

Contando esse contar apenas com a ajuda de Deus, Maria Alcinda, que saía de casa para trabalhar no Plano Piloto, deixa claro que os filhos seguiam para escola, assim como os filhos de Arlete, quando havia dinheiro para a passagem ou se escapavam à passagem, por contarem com a benevolência de motoristas e cobradores (que podiam também humilhá-los) ou por serem ainda muito pequenos. Além disso, essa rotina entre ir e não ir para a escola distante, que depois se estende para quando são transferidos para estudar no Recanto das Emas, também passou pela responsabilidade pela casa, uma vez que Maria Alcinda acrescenta que:

- *Aí, como eu trabalho, só chegava de noite, ficava na responsabilidade deles aí, das crianças, "vocês lavam as caixas, os galões", sei lá como é que chamava aí, "pra quando o carro-pipa vir colocar água pra gente".*
- *Saíam a senhora e o seu esposo pra trabalhar e ficavam os quatro meninos tomando conta?*
- *Ficavam os quatro meninos, é, os outros iam estudar, quando chegava o outro ía, porque sempre foi assim, estudava dois de manhã e dois de tarde, né. Aí, assim, ia trabalhar e eles ficavam aí (MARIA ALCINDA, 2016: 418).*

Todos esses percalços estendem-se pelos percursos, aproximam e distanciam os espaços de morar e os espaços de escolarização por uma história que "começa ao rés do chão, com passos" (CERTEAU, 2014: 163), essas enunciações pedestres que escrevem atalhos e desvios, para a escola ou para a parada de ônibus. Elas cortam os

mas a menina passou um tempo sem estudar, porque aí assim que ela teve a Lorena, a menina mais velha, que é diferença de dez meses, ela engravidou da outra menina" (MARIA JOANA, 2016: 405).

conjuntos, atravessam ruas e avenidas, ligam o loteamento que se expande (como na quadra 204) ao loteamento já fixado (como as quadras 101 e 102).

Redistribuídas agora de acordo com o propósito normatizador e normalizador da instituição escolar (Cf. FOUCAULT, 2000: 153), que busca homogeneizar as condutas submetendo alunas e alunos aos dispositivos do aparelho disciplinar, agrupando-os por faixas etárias, sexo, escolaridade, desempenho acadêmico e outros critérios que se dizem aleatórios e neutros. Em alguns casos, isso reforçou afastamentos, em outros ampliou os horizontes da cidade para além da própria moradia, rua, conjunto ou quadra. Ainda que fixas em lugares, essas escolas estão a todo o tempo sendo ressignificadas como espaço pelas práticas de quem nelas existe. Traço aqui um paralelo com a proposição de Michel de Certeau, para quem "a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres" (CERTEAU, 2014: 184). Acredito que, nesse sentido, a escola disciplinar definida por uma pedagogia¹⁶⁵ é transformada em espaço pelos sujeitos da educação (professores, alunos, responsáveis, auxiliares educacionais, direção). É certo, portanto, que a escola atua como um dos pontos nodais no cruzamento dessas enunciações pedestres que dão a ver e a ler a cidade do Recanto das Emas, quer sejam demarcadas pelos relatos ou esvaneçam como a poeira que movem do chão.

Dessa forma, o CEF 113¹⁶⁶, uma escola próxima ao CEF 308, surge também nas lembranças da senhora Maria Cândida, que estuda ali no período noturno. Ao contrário de Dasdores, essa moradora não tem críticas ao funcionamento da escola ou à equipe, mas principalmente aos outros alunos do período noturno, que simbolizam para ela a falta de segurança, ao mesmo tempo que conferem visibilidade e dizibilidade para esses diferentes recantos que se cruzam em uma escola do Recanto. Isso é destacado por ela na narrativa:

– E as escolas, que as escolas, eu estudo à noite, as escolas andam muito sem segurança, falta de respeito com professor, que eu vejo lá.

– A senhora estuda à noite onde?

– Lá no 113.

– Ah, porque quando eu cheguei aqui no Recanto pra dar aula, primeiro ano, antes de eu ir pro 308, eu dei aula no 111 à noite. Aí, trabalhava muito

¹⁶⁵ Para Michel Foucault, "a escola torna-se o local de elaboração da pedagogia. E do mesmo modo como o processo de exame hospitalar permitiu a liberação epistemológica da medicina, a era da escola 'examinatória' marcou o início de uma pedagogia que funciona como ciência" (FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2000: 155).

¹⁶⁶ De acordo com reportagem do jornal Correio Braziliense, de 26 de fevereiro de 2005, a diretora da Regional de Ensino afirmava à época que "o CEF 113 foi construído justamente para abrigar os alunos da escola de lata, que funcionava em caráter provisório" (CORREIO BRAZILIENSE, 2005, 24/06: 30).

ensinando adulto lá, né. Eu até achava bom, porque apesar de ter os adolescentes que iam pra noite, porque não queriam nada com nada...

– Lá, então, continua assim.

– Tinham muitos adultos interessados, tavam correndo atrás, que queriam estudar, eu tive uma experiência muito boa com isso.

(Filha) – Eu acho que, aqui no Recanto, tinha que ter algo assim, um projeto, alguma coisa que trabalhasse muito com esses jovens. Os jovens aqui desistem dos estudos muito, muito cedo, e aí, vai pro caminho das drogas, não tem um lazer, não tem nada. Se não tiver um dinheiro pra ir prum parque da cidade, prum Nicolândia, prum cinema, fica só aqui, aqui, aqui e aí...

– Tem pouco lazer aqui?

(Filha) – Só vai se enturmado com os outros, essas festinhas, bebida, droga, eles acham que é uma diversão.

– Na minha sala, tem muito aluno. Aí, o professor, teve, um dia, esses dias, falou "ah, professor, eu já vou", professor "uai, se você quer ir, quem sou eu pra te segurar, você já é de maior", "e eu vou sim, ninguém me manda, nem meu pai me manda", eu falei "que absurdo". Aí, teve outro professor que teve que sair de lá, que foi até ameaçado por maloca. Então é... (MARIA CÂNDIDA, 2017: 536).

Nesse itinerário de mais de dois quilômetros que separa a casa de Maria Cândida e o CEF 113, onde ela estuda, cabe a falta de lazer no Recanto apontada por sua filha Vanessa, que se estende na falta de um parque da cidade¹⁶⁷, de um parque de diversões como o Nicolândia (localizado no Parque da Cidade Sarah Kubitschek em Brasília), de um cinema, todos esses espaços de lazer localizados para além do Recanto das Emas em sua percepção. Maria Cândida conduz até sua sala de aula, onde situa esses alunos que desrespeitam professores, que estão ali, mas logo saem. Esses que ela identifica como "maloca". Ainda assim, ela tem gosto pela escola, identificou inclusive professores que foram seus colegas de trabalho no CEF 308, que foram professores de sua neta Thalita e que lecionam à noite no CEF 113¹⁶⁸. Dessa forma, prossegue a moradora:

(Eu) – Mas a senhora gosta lá do 113? A escola é boa?

– É, eu acho, eu gosto.

(Eu) – Eu fui lá só uma vez.

– Não, muito bom.

(Filha) – De vez em quando, jogam umas bombas lá.

(Eu) – Teve a história da bomba lá que é famosa.

– Teve. O João Carlos da aula lá.

¹⁶⁷ A moradora não parece levar em consideração o Parque Ecológico e Vivencial do Recanto das Emas nesse sentido, mesmo que esse seja próximo de sua quadra. O documento da Câmara Legislativas que analisa os parques do Distrito Federal, no entanto, destaca justamente a importância do parque como opção de lazer num cenário de poucas opções no Recanto das Emas. De acordo com o estudo, "outro fator a salientar diz respeito à carência de áreas de lazer para a população do Recanto das Emas, que hoje está em torno de 90000 habitantes. O parque ecológico constitui, atualmente, a única alternativa e seus atributos conferem a essa área grande potencial para as atividades de recreação" (CLDF. *Parques do Distrito Federal*. Brasília: CLDF, 2000: 65). Mesmo tantos anos depois, ainda persiste na visão dessa moradora a percepção de falta de opções de lazer.

¹⁶⁸ As lotações de professoras e professores em escolas são distintas para os turnos matutino / vespertino em relação ao turno da noite. Dessa forma, é comum que uma professora que atua 40h ou 20h em uma escola durante o dia atue em outra durante a noite.

(Filha) – O João Carlos saiu do 308?
(Eu) – Não, assim, pelo menos até o ano passado, ele tava lá.
– Esse ano ainda não vi ele não, que ele, ele tem uns problemas, né? Também...
(Eu) – É que ele mora em Anápolis na verdade, né.
– É.
(Eu) – Então, ele fica um tempo em Anápolis, um tempo aqui. A mulher dele, filho tá lá, né.
– Esse ano ainda não vi ele lá não, é ele e o menino...
(Filha) – Roberto.
– Roberto. Nenhum dos dois eu vi. Saíram muitos, transferiram muito professor de lá esse ano, tá mais, a maioria novato.
(Filha) – Ah, esse negócio de menor infrator...
– Porque juiz tá mandando muito de menor...
(Filha) – Faz o que faz e depois o juiz fala, "vai pra sala de aula", aí, o professor tem que aguentar esses meninos, não sei não. Se funciona bem assim não.
– Mandaram muito de menor que foi preso pra lá e eles não querem nada com nada, vai pra lá pra usar drogas. Dia desses teve que chamar a polícia pra lá (MARIA CÂNDIDA, 2017: 536).

Também há espaço na narrativa dessa escola para tribunais e juízes, que elas entendem como os responsáveis por reencaminhar os menores infratores para as salas de aula. A delinquência do relato, com sua "mobilidade contestadora, desrespeitosa dos lugares, sucessivamente obediente e ameaçadora" (CERTEAU, 2014: 198), reafirma os códigos da exclusão social ao tratar aqui de jovens delinquentes, os quais vivem não à margem, "mas nos interstícios dos códigos que desmancham e deslocam" (CERTEAU, 2014: 198). Uma marca que constrói a escola na lembrança e na narrativa dessas moradoras, o espaço onde se soltam bombas, de onde os professores antigos vão saindo, onde agora a maioria é de novatos, pois aqueles querem evitar esse espaço educativo conflituoso. A sala de aula não é vista por nenhuma das duas como um espaço que poderia recuperar esses jovens que "não querem nada com nada", nem mesmo discipliná-los e normalizar suas condutas. Para Maria Cândida, esse é um caso de polícia (sem que deixe de ser, um caso de disciplinarização e normalização), que é o único meio de garantir a segurança. Para a filha Vanessa, o problema começa justamente no abandono dos estudos, é preciso um projeto para lidar com esses jovens e sua falta de ocupações, mas isso antes do "faz o que faz", pois depois disso, ela percebe como erro, como mal funcionamento, o juiz encaminhá-los pra sala de aula.

No cotidiano dessas escolas do Recanto das Emas, é comum que os conflitos escolares levem à transferência dos alunos considerados indisciplinados para outras escolas dentro da cidade, geralmente, em troca de outro estudante considerado indisciplinado daquele estabelecimento. Uma vez que não podem ser expulsos, como na rede privada de ensino, esses educandos são afastados do local das ocorrências, muitas vezes tirando os referenciais que haviam sido constituídos para um bom trabalho

pedagógico. Essa situação pode ser percebida no que narra o senhor Antônio, ao contar um incidente com sua neta no CEF 308: "aí, o Marcos chamou na direção lá e mandou chamar a mãe, explicou a situação e ela fez ele devolver. Inclusive, ele saiu até do colégio aí, não tá mais no colégio não" (ANTÔNIO, 2017: 551).

Maria Eustáquia destaca em sua narrativa que é necessária uma educação vinda do governo, com maiores investimentos para corrigir o comportamento desses jovens, que se materializa na depredação de áreas de lazer da cidade, como equipamentos públicos para exercício. Enquanto o equipamento mais próximo de sua casa foi estragado, o que se localiza próximo a outra área de lazer, um campo de futebol sintético, construído ao lado da quadra 508, muito próximo do CEF 308, tenta ser preservado. Além da proximidade física e narrativa com a escola, esses espaços se ligam a ela nesse relato pelo interesse da moradora em sua preservação, no construir uma ajuda da comunidade, o que envolve investimentos do governo. Isso é assim narrado por Maria Eustáquia:

– Esses jovens, eles não né, então assim, eles estragaram, acabou o mês todo, a que nós estamos mantendo mais ou menos é aquela ali, perto da né, perto da parada, e uma lá em cima que é perto de um, do negócio lá de futebol lá que eles jogam.

– Aquele campo sintético?

– É, aquele sintético né.

– Ah, ali perto da escola.

– Isso, pois é, é o que mantém aqui né, o que tá mantendo, assim, e assim mesmo ainda quebraram alguma coisa, mas pelo menos a gente tá mantendo. Então, assim, eu vejo assim que o governo, às vezes ele quer fazer alguma coisa, mas a comunidade às vezes não ajuda. Eu falo, eu vejo assim que é falta mesmo até de educação mesmo, assim, falta de ensinar né. Que creio também, se o governo também aplicasse mais na educação, né, das pessoas, principalmente desses jovens que tão vindo agora, eles ajudariam né, manteriam né (MARIA EUSTÁQUIA, 2016: 342).

Poder circular ali, perto da parada de ônibus, nesse "lá em cima", próximo ao campo de futebol sintético, passa por identificar falta de educação, falta de ensinar, uma indisciplina desses jovens, que agride os percursos dessa moradora. A moradora Ana também dá a ver e a ler que existem sim espaços de lazer no Recanto das Emas. Muitas vezes, esses espaços localizam-se próximos às escolas, como é o caso das quadras de esportes, que em vários casos atendem às comunidades e as escolas que não possuem uma quadra próxima¹⁶⁹:

¹⁶⁹ De acordo com o Censo Escolar de 2015, 65,5% das escolas do Brasil não possuem quadras poliesportivas para atividade de alunas e alunos (Cf. INEP. *Censo Escolar, 2015*. Brasília: MEC, 2015). No caso do Recanto das Emas, de acordo com o censo escolar de 2016, apenas a EC 404, entre as que trabalham com ensino fundamental ou médio, ainda não possui uma quadra poliesportiva. No entanto, sete escolas não possuem quadras poliesportivas cobertas. Em 2013, em seu Caderno das Cidades, o GDF anunciou a construção da cobertura das quadras de três escolas, CEF 308, CEF 801 e CEM 111, além da

- Foi. Eu acho que quando eu comecei a morar aqui, eu acho que tá melhor assim. Porque morei aqui, num sei se foi dois anos, logo dois anos, três anos mais ou menos, assim, mais ou menos uns quatro anos, asfaltou, né. Aí, fez uma quadra ali, não sei se o senhor que quando viu, quando veio viu?
- Ali perto da escola?
- É.
- Vi.
- Aqui. Aqui pertinho aqui já na esquina. E achei legal também porque fez uma escola muito boa, né.
- A escola aqui é boa? O 804?
- É, é.
- Eu conheço só de ouvir falar, nunca fui lá não, mas passei na frente e achei muito bonita.
- É boa, né Brenda? Porque minhas duas filhas chegaram a estudar lá, né (ANA, 2016: 471).

Ana lembra e narra seu trajeto por esse espaço, que sintetiza "dois anos, logo dois anos, três anos mais ou menos, assim, mais ou menos uns quatro anos", em que chega o asfalto que vem cobrir o chão, chão que ela cobria e cobre com seus passos enunciantes. Depois vem a quadra esportiva, além da própria escola, que alcança seu espaço de morar, pois suas duas filhas estudaram lá, o CEM 804¹⁷⁰. A escola serve de referência a quem se desloca, assim como para identificar a transformação desse espaço ao longo do tempo.

Para Dasdores, essas escolas, "muito boa", como a próxima de Ana, ou aquela onde trabalha, são atravessadas por demandas, mas são os jovens que não aproveitam a oportunidade que recebem nesses espaços. Ela credita à má-índole dos próprios jovens, dando a ver e a ler como essas identidades do nós e eles, já discutidas no capítulo anterior¹⁷¹, se reproduz e se produz nas escolas. Inclusive, a moradora fez referência a uma fala minha, na escola, dirigida às alunas e alunos para afirmar seu ponto durante a entrevista. Ela narra assim seu entendimento desses estudantes indisciplinados nas escolas do Recanto das Emas:

Foram todos assim, pessoas de má-índole, que não quiseram ser um bom menino, que tinham uma escola boa pra ensinar eles, não aproveitaram porque não quiseram aproveitar né, mas oportunidades tiveram. Eu ouvi, uma vez, você dizer "perdendo oportunidade", os meninos tão perdendo porque querem, a pessoa não pode perder oportunidade boa né, mais nessa escola que eu acho que é muito boa, eu gosto daqui (DASDORES, 2016: 352).

construção de quadras já com cobertura em duas escolas, a EC 401 e o CEF 510 (Cf. CASA CIVIL. *Caderno das Cidades*. Brasília: Casa Civil, 2013: 93). As obras no CEF 801 e no CEM 111, no entanto, não foram realizadas.

¹⁷⁰ Reportagem do jornal *Correio Braziliense*, de 26 de setembro de 2007, trata da inauguração do CEM 804 no dia anterior. A escola receberia alunos que estavam estudando provisoriamente nas dependências alugadas da antiga Faculdade da Terra de Brasília, na quadra 203, mas que oficialmente "funcionam como anexo de Centro de Ensino Médio 111" (*CORREIO BRAZILIENSE*, 2007, 23/06: 27).

¹⁷¹ Para essa questão entre nós e eles nas memórias narradas ver capítulo 3, página 196.

A escola para Dasdores é tanto um espaço de oportunidade, que os jovens não aproveitam porque não querem, quanto um espaço de exclusão, que reafirma para esses jovens sua falta de inserção como "bom menino". Tendo passado por tantas escolas, dentro e fora do Recanto das Emas, essa moradora polariza entre maus e bons esses meninos, os que não querem, não aproveitam e os que agarram as oportunidades. A relação deles com a escola é fundamental para a construção de tais identidades segundo Dasdores.

Mas essas identidades que dividem entre bons e maus, ou nós e eles, também podem partir das escolas (ou da distribuição de estudantes para elas) para quadras ou áreas do Recanto das Emas. Maria João marca o afastamento entre duas áreas da cidade, a das quadras 300s e a das quadras 500s, como já discutido no capítulo anterior. Isso se dá também pela distribuição de escolas nos dois espaços. Tal questão é narrada pela moradora:

– É, então, as 500s, o fluxo das 500s é grande, mas ficou né, veio tudo, então acho que acumulou muito nas 300s, no 308, no 115, e por isso teve que tirar os alunos do 308 pras outras escolas, mais pra lá, vão como que empurrando né. Então, isso também é falta de, de, de estrutura governamental né, porque, por exemplo, por que não uma escola boa nas 500s? Não é? Acho que agora tem na 510 tem uma escola...

– Fizeram uma escola boa lá, eu fui lá visitar...

– É, tem a 510 agora né.

– Mas é só até o quinto ano só.

– Só até o quinto ano né, pois é, mas as pessoas com certeza precisam de ensino fundamental também, não é? Porque aí por ser uma sociedade carente, eles não podem se estender pra outras né, pro entorno, vamos supor. Eles tem que ficar aqui por perto né, aí isso acarretou o 308, aqui as 300, o 115, isso acho que por isso (MARIA JOÃO, 2016: 388).

Essa moradora acredita que é importante o governo ofertar escolas nos diferentes espaços da cidade. Mas percebe e conta o que aconteceu na prática, onde persiste o deslocar dos moradores dessa "sociedade carente", conforme definida por ela, das 500s para escolas das 300s e 100s. Nesse momento, entra em questão a única escola na área das quadras 500s, a EC 510, que é a segunda construída nessa parte do Recanto das Emas. Curiosamente, essa escola, ao contrário das demais, não fica na quadra 510, mas sim na quadra 511, o que tem haver com o processo de deterioração da primeira escola "provisória" de madeira, erguida em 2001, e a construção do que seria a mesma escola em um novo lugar em 2014. Esse processo é dado a ver e a ler na narrativa de Maria Cândida ao lembrar as benfeitorias que iam chegando a essas quadras do Recanto das Emas. De acordo com essa moradora:

– De praça? Segurança? Escola?

– Assim, depois que eles colocaram água, luz, fizeram o asfalto, pronto, fez mais nada.

– Até hoje...

– Aí, só depois que colocaram o postinho, o colégio da 510, que aí depois, fizeram o, o da 11, de tanto reclamarem, de tanta bagunça que fica ali, até de agressão com professores, de alunos armados, de tocarem fogo no 510, até que resolveram construir o da 11 (MARIA CÂNDIDA, 2017: 535).

Assim como o ambiente tumultuado com o qual ela conta conviver no CEF 113, essa moradora condensa o processo de deterioração da velha escola 510 e o aparecimento da nova escola 510, "o da 11", com bagunça, agressões a professores, até o episódio do incêndio. Esses problemas sintetizados pela moradora, podem ser estendidos através da análise de algumas reportagens do jornal Correio Braziliense e uma do sítio do TCDF. Em matéria de 13 de fevereiro de 2004, o periódico diário informa que o CEF 510 sofria com a falta de professores no primeiro dia letivo de 2004, além de conviver com a falta de estrutura, por ser uma escola de madeirite. Segundo informa a reportagem, "faltaram 10 dos 38 professores do Centro de Ensino 510 do Recanto das Emas. (...) A escola de madeira, sem calçamento na porta, afastou educadores" (CORREIO BRAZILIENSE, 2004: 27). Essa escola provisória que permanece, de madeira, sem estrutura, também pode ser percebida em uma notícia veiculada pelo sítio do TCDF, em setembro de 2007, que trata da situação precária dos estabelecimentos de ensino do DF e de providências solicitadas pelo tribunal de contas ao GDF. Nessa matéria, é informado que:

Há seis anos, os cerca de 1.600 alunos do Centro de Ensino Fundamental 510, do Recanto das Emas, esperam pela construção de escola de alvenaria. Desde a inauguração, as 24 salas de aula funcionam em caráter provisório, divididas por paredes de madeirite e sem áreas apropriadas para prática de lazer e estudo em grupo (SÍTIO TCDF, 2007)

Para que tivesse início a reforma, ainda em 2007, de acordo com a notícia do tribunal, as alunas e alunos seriam transferidos para os CEFs 113 e 115. A escola, no entanto, seguiu funcionando e sendo de madeira até sua desativação em 2011, conforme é apresentado em outra matéria do Correio Braziliense, de 03 de outubro de 2012, quando de um incêndio na escola abandonada. Segundo a reportagem:

O fogo atingiu o Centro de Ensino Fundamental da quadra 510, por volta das 18h desta quarta-feira (3/10). De acordo com o sargento Reginaldo Lopes do 20º Grupamento de Bombeiro Militar (Recanto das Emas), o incêndio, que durou 40 minutos, já foi contido e não houve vítimas. A escola foi construída com madeirite. A perícia vai investigar a causa do incêndio, mas testemunhas o apontam como ato de vandalismo (CORREIO BRAZILIENSE, 2012).

A escola construída com madeirite em 2001 seguiu operando até 2011. O seu fechamento, que deixou as quadras 500s do Recanto das Emas sem nem mesmo um estabelecimento de ensino, só ganhou atenção das autoridades em razão do incêndio na escola abandonada. Segundo o jornal, testemunhas apontam vandalismo como a causa

da ocorrência. Vandalismo que pode expressar delinquência¹⁷², mas também pode significar a insatisfação de quem ali vivia e convivia com aquele espaço, que Maria Cândida definiu com "tanto reclamarem". Insatisfação que se misturava aos problemas de violência dessa escola e culminou com esse "tocarem fogo no 510". Finalmente, em 10 de julho de 2013, o que restou da estrutura da escola foi demolido, com a promessa de construção de uma nova escola, restando apenas os muros que cercam o espaço vazio antes ocupado pela escola, já que a nova escola, a EC 510, foi construída em novo local, na quadra 511. Segundo reportagem do Correio Braziliense:

O governo do Distrito Federal derrubou nesta terça-feira (9) a última escola de madeira do DF, o Centro de Ensino Fundamental 510, no Recanto das Emas. A demolição foi feita para dar início, em 2014, à construção de uma nova unidade de ensino, com capacidade para atender 900 alunos entre 4 a 10 anos, em dois turnos (CORREIO BRAZILIENSE, 2013).

O novo estabelecimento educacional começou a funcionar em 2013, mantendo o vínculo do nome 510, mesmo em outra quadra. Para as moradoras, no entanto, parece ter mais significado a localização efetiva da escola e não seu nome, como no caso de Maria Cândida que se refere ao colégio como "o da 11" (MARIA CÂNDIDA, 2017: 535). A moradora Maria Eustáquia também lembra e narra seu ir e vir para a antiga escola 510 e a define por sua localização, em oposição à da outra, "aqui pertinho". Ela relata, então, seu percurso cotidiano de levar e buscar a neta na escola:

– Tem a escola aqui pertinho, que não tinha. Era só na 510 né que tinha. Aline mesmo estudava lá, era muito difícil quando a mãe dela trabalhava, nos dias que a mãe tava trabalhando, eu tinha que levar, que buscar né, isso era todos os dias, e... O Marcos também trabalhava, então eu tinha que ficar levando ela e buscando. Primeiro ano dela não, primeiro ano ela estudou particular, naquela, esqueci o nome da escolinha que ela estudou, estudou quase dois anos lá. Aí ela saiu, na hora que ela saiu ela foi lá pro colégio, aí quando ela foi lá pro colégio ela não tinha quem leva né, mas foi bom... Assim né... (MARIA EUSTÁQUIA, 2015: 334).

Nos primeiros anos, provavelmente pela falta de creches, um problema recorrente entre as moradoras da cidade, os pais de Aline, que trabalhavam, tinham que contar com a ajuda dessa avó. A moradora conta que a rotina se iniciou quando a nora não podia, mas logo passa a contar como sendo todo dia. Um todo dia que precisa dessas redes familiares ou de vizinhança, pois a rede pública do Recanto das Emas conta com apenas um Jardim de Infância, JI 603, e quatro creches públicas nas quadras 109, 305, 307 e 406, todas construídas a partir de 2013¹⁷³, em um pacote de seis creches

¹⁷² A senhora Maria Eustáquia relata outro caso de incêndio ocorrido na quadra 510, onde um posto policial localizado próximo ao CEF 510 foi destruído pelo fogo. De acordo com a moradora, "o posto de polícia ali né, aquele postinho. Eles ficaram ali pouco tempo. Já saíram, com três dias que eles tinham saído, eles puseram fogo lá né" (MARIA EUSTÁQUIA, 2015: 336).

¹⁷³ A construção de seis mil creches em todo o Brasil foi uma das principais promessas de campanha da candidata à presidência da República Dilma Rousseff, do PT, na eleição de 2010. Assim como sua

previstas, não tendo sido construídas as creches das quadras 103 e 107 (Cf. CASA CIVIL, 2013: 96). A distribuição dessas creches pelas quadras reforça, mais uma vez, a posição de centralidade das quadras 100s e 300s em relação a outras áreas, como as quadras 500s e 800s.

Assim como Aline, neta de Maria Eustáquia, nesses primeiros anos de vida, outras crianças, como os filhos de Arlete, não puderam contar com esses serviços públicos. Sem qualquer apoio do pai das crianças, essa moradora conta que teve que deixar os filhos sozinhos em casa enquanto trabalhava. Ao longo da narrativa, ela menciona como o filho de oito anos cuidava dos irmãos menores, explicando que:

Então, eu saía pra trabalhar, deixava uma criança de oito cuidando dos outros de até dois anos, até um ano e meio de idade, né. O de oito cuidando de uma de sete, que era, de seis, que era Valéria, que era uma pimenta malagueta, e mais um de três anos pra quatro e um de um ano e meio e ele é quem cuidava (ARLETE, 2016: 504).

O filho e a filha mais velhos ainda estudavam em Samambaia, quando da chegada ao Recanto das Emas, o que a moradora lembra e narra em outro momento. Mas o filho mais novo, que acabou tendo problema de anemia, ficava sob os cuidados de irmãos que não deveriam estar tomando conta nem de si mesmos aos oito ou seis anos de idade. Dolores agradece muito por sempre poder levar a neta Joana Vitória para as escolas em que trabalhou, o que resolvia o problema de não ter com quem deixá-la. Sendo assim, a moradora narra que:

Aí fomos pra lá né, e de lá, a Joana Vitória, essa aqui sabe também, que ela era pequenininha, ela ficava na porta lá, ela andava por lá, graças a Deus que a escola me aceitava com ela, né, e pequenininha ia por lá e tudo, tinha onde ela ficava, brincava, comia na porta da cantina lá com um pratinho, metia a mão e comia né, assim eu fui criando (DASDORES, 2016: 354).

Escolas que aceitavam aquela forma de Dasdores ir criando, por onde a neta ficava, brincava, comia, metia a mão, enquanto ela trabalhava. Um privilégio que outras moradoras não tinham em seus locais de serviço, além de não encontrarem amparo nos

correligionária, de quem foi ministro dos esportes, Agnelo Queiroz também focou parte de sua campanha na carência de creches públicas para crianças de zero a três anos no DF. Em 02 de agosto de 2010, o então candidato Agnelo fez uma visita de campanha a uma creche mantida por uma organização não-governamental (ONG) no Recanto das Emas, o que foi noticiado pelo jornal Coletivo, que publicou em seu sítio que "a proposta do candidato é que até 2014, todas as crianças de 0 a 3 anos no DF estejam nas creches, mesmo sem que a cobertura de 100% seja obrigatória por lei. 'Independentemente de qualquer lei que obrigue, nós iremos colocar todas as crianças do DF em creches. É muito importante investir nessa fase da vida, pois é nela que a criança será preparada para o aprendizado, para a alfabetização e vai adquirir bom hábitos, inclusive de higiene', disse Agnelo" (SÍTIO DO JORNAL COLETIVO, 2010, 02/08, em <http://coletivo.maiscomunidade.com/conteudo/2010-08-02/politica/2170/AGNELO+VISITA+CRECHE+NO+RECANTO+DAS+EMAS.pnhtml>). As quatro creches do Recanto das Emas eram parte do Pacote de Aceleração do Crescimento 2, assim como as duas não entregues. De acordo com análise da ONG Contas Abertas, menos de 7% das creches prometidas no território nacional haviam sido entregues até 12 de setembro de 2014 (Cf. SÍTIO CONTAS BERTAS, 2014, 12/09, <http://www.contasabertas.com.br/website/arquivos/9596>).

serviços públicos da cidade. Isso marca seus caminhos pelas cidades e suas estratégias diárias de vivências que incluíam circular por entre os espaços de morar e das escolas.

Entre tantas lembranças e narrativas, as escolas públicas vão (re)compondo a espacialidade das moradoras do Recanto das Emas. Envolvem suas rotinas, referenciam suas experiências, orientam seus itinerários pela cidade em níveis que vão além escolarização das filhas, netas ou delas mesmo. Elas recebem esses sentidos múltiplos articulados pelas práticas cotidianas dessas moradoras que se apropriam desses espaços com seus usos, sonhos e necessidades. Para além da disciplinarização de sujeitos ou da modelagem de um espaço dado e homogêneo, as escolas públicas são imbuídas de sentidos (re)articulados por quem vive, lembra e narra essa cidade.

Supermercados

Além das escolas públicas, outros cantos que surgem pelo caminho, que também orientam os percursos das enunciações pedestres e das memórias das moradoras, são os mercados, ou melhor, os supermercados. Esses espaços são muito significativos no Recanto das Emas, são pontos de referência para os passantes, funcionam como comércio para o abastecimento, em especial, de gêneros alimentícios. São um tipo de estabelecimento comercial disperso pela cidade, pois como conta Antônio, "mercado, tá mais ou menos, agora tem que, teria que ter mais coisa aqui pra baixo, tudo que você quer tem que ir lá em cima, no início. Porque o comércio mesmo forte é lá, agora, aqui pra baixo, tá funcionando mesmo é só mercado, supermercado" (ANTÔNIO, 2017: 563). O supermercado, que era mercado, chega aos cantos do Recanto além do centro de comércio forte, segundo o morador, onde ele situa o início da cidade.

O supermercado funciona nas narrativas de quem lembra como referência para definir o espaço das moradoras na cidade. Se, para Antônio, é o comércio possível afastado do centro, para Arlete é expressão da centralidade de sua antiga casa. Ela localiza "que eu morava na 204, já ficava, só tinha a 203 já, tinha faculdade de um lado, outra do outro, né, e supermercado, tudo" (ARLETE, 2016: 496). O supermercado vem após as faculdades como símbolo dessa centralidade do primeiro canto da moradora no Recanto, esse espaço onde tinha tudo e era mais valorizado.

Nesse sentido, os supermercados compõem a espacialidade nos relatos da cidade do Recanto das Emas. São espaços usados e apropriados para conferir sentidos. Os supermercados também recompõem a espacialidade por nela ficarem gravados no ato de

lembrar e nomear espaços, ainda que o estabelecimento em si nem exista mais. Não só situam, mas orientam a localização de quem relembra o processo de formação da cidade, enquanto três moradoras articulam uma narrativa a muitas vozes, em dado momento da entrevista de Maria Alcinda:

– *Quando aparecia alguma coisa aqui, era novidade*

(Nora) – *É. Tinha um Mercadinho Potiguar, que ficou até o nome da avenida. Que eu acho que foi o primeiro supermercado.*

– *Aham. Uhum.*

(Nora) – *Não foi, seu Deusdete? E aí era a única referência que tinha, "ó o Potiguar", que era o único supermercado que tinha.*

– *Mas acabou? Não tem mais?*

(Nora) – *É.*

– *Hoje em dia, não tem mais.*

(Filha) – *Só ficou o nome lá.*

– *Só ficou o nome mesmo.*

(Nora) – *Só ficou o nome da avenida.*

(Filha) – *Avenida Goiabeiras Potiguar, por causa desse supermercado (MARIA ALCINDA, 2016: 432).*

O estabelecimento que se definia como Mercadinho vira supermercado no relato das moradoras. A memória da nora reverbera até mesmo o tom, provavelmente do cobrador do transporte "pirata"¹⁷⁴, que indicava o ponto da "única referência que tinha" naquele canto, que tornou-se o nome da avenida. Essa presença de uma ausência, de que fala Certeau (Cf. CERTEAU, 2014: 175), ainda assim, como as pedras da cidade (ou o asfalto da avenida), serve de apoio às lembranças (Cf. BOSI, 2010: 439), o que é reforçado ao nomear a avenida de Goiabeiras Potiguar, pois "só ficou o nome lá". Um nome que orienta os percursos de quem vive esse espaço, assim como reorienta as lembranças narradas a passarem por ali uma vez mais, mesmo se como suspira saudosa a moradora Maria Alcinda, "hoje em dia, não tem mais". Relatos como esse remetem à reflexão de Certeau, para quem "os demonstrativos dizem do visível suas invisíveis identidades: constitui a própria definição do lugar, com efeito, ser esta série de deslocamentos e de efeitos entre os estratos partilhados que o compõem e jogar com essas

¹⁷⁴ Antonádia Borges, em seu estudo sobre o Recanto das Emas, relata que os loteiros, motoristas de vans e carros piratas (ou "alternativos"), tinham uma presença marcante no Recanto das Emas até 2002, o que havia sido reforçado com a então eleição de Joaquim Roriz (BORGES, Antonádia. *Tempo de Brasília : etnografando lugares-eventos da política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003: 74). Já o morador Antônio declara que os "piratas" tem um papel importante em suprir a carência por transporte, que as empresas de ônibus não atendem como deveriam. Ele narra a questão como uma perseguição da imprensa ao transporte alternativo ao contar que "aí, eu fico pensando, você vê na televisão, a imprensa batendo em cima de pirata, por que que tem pirata? Porque não tem coletivo, se tivesse o coletivo pra rodar, não tinha pirata. Porque é quem é que vai querer pegar o pirata, estar se arriscando no pirata que não tem seguro de nada? (...) Eu até comento aqui, "rapaz, olha, eu gostaria até que esse pessoal, eu encontrasse com esse pessoal, um dia, pra eles me entrevistar e perguntar que que eu achava, que eu ia falar 'não, porque tem é de vocês estar perseguindo os piratas, vocês tem que ir nas garagens das empresas e mostrar a quantidade de ônibus, que tem lá dentro, parado, e passageiros nas paradas sem ter ônibus pra pegar'" (ANTÔNIO, 2017: 564).

espessuras em movimento" (CERTEAU, 2014: 175). Dessa forma, o Mercadinho Potiguar é o nome da avenida, o primeiro supermercado, a única referência, a fala do cobrador, o único supermercado que tinha, o não ter mais e, novamente, o nome da avenida. Ele condensa e significa esse início quando tudo "era novidade", ao mesmo tempo que dilata e percorre o processo que chega ao hoje em dia, sem esse supermercado, mas com tantos outros, nessa avenida Potiguar ou não.

Em sua narrativa, Arlete também orienta-se por um supermercado para se referir a uma avenida, nesse caso, à avenida Recanto das Emas. Era um supermercado que ficava próximo de seu primeiro endereço na cidade, mas que também já não existe. De acordo com a moradora:

Essa avenida aqui, até ficava, mas eles não colocaram. Parece que tem um ônibus aí por dia, que eu nem sei, nunca nem peguei. Aí então, a gente vai pegar lá na avenida do Supercei, é muito longe, pra gente descer à noite, finalzinho da tarde, é mais difícil, porque atravessa o cerrado, né, escuro. E lá tudo era mais perto, lá tudo era iluminado (ARLETE, 2016: 496).

Ainda que seja distante do segundo endereço, que é escuro e se atravessa o cerrado, é do lugar iluminado, onde tudo é perto, que vem a referência, enquanto a avenida mais próxima (avenida Monjolo) é apenas indicada. As referências podem cobrir outras, assim como outros supermercados virem para novos pontos de referência por onde o Recanto se expande, como na memória de Maria Joana, que narra que "onde construíram a rodoviária lá, era lá, a invasão, ela tava lá naquele cantinho lá. Aí, deram um bocado ali nas 805, né, ali perto daquele mercado Euro lá" (MARIA JOANA, 2016: 404). Seria esse o mesmo Euro que a senhora Maria das Benções evoca? O supermercado que indica o caminho para discordar do quão longe ela estaria da Administração Regional, quando diz que:

*– Entendi. Até porque é longe, né? A Administração daqui.
– Até que não é muito longe não.
– Não?
– Não. Fica ali, não tem o Euro ali, lá em cima? É descendo assim do Euro, assim, pro lado de baixo (MARIA DAS BENÇÕES, 2016: 455).*

Ou seria o mercado Euro que surge nas lembranças narradas pela senhora Maria Clara para localizar a posição espacial da invasão, o "aqui mesmo", que surgia no Recanto e para onde ela se dirigia, quando ela conta que:

*– Aí, surgiu uma invasão no Recanto, eu, ali perto do Euro...
(Filha) – Na 400.
– Na 400. Eu peguei "ah, é aqui mesmo" (MARIA CLARA, 2017: 516).*

Essas três distintas referências ao "Euro" objetivam situar diferentes espaços do Recanto das Emas: o lote ganho pela filha; o caminho para a Administração Regional; a antiga invasão. Referências que transitam no espaço e no tempo da cidade. Portanto, um

supermercado pode ser contado para orientar no espaço da cidade, no tempo da cidade e na relação de seus moradores com os espaços e tempos da cidade, ou seja, (re)compôr sua espacialidade. A distância, "que não é muito longe não", entre extremos do Recanto das Emas, em outra narrativa de memória pode significar ter "que pegar ônibus" (ANA, 2016: 476) para cruzar de um extremo a outro. Pode representar uma distância mais que física entre lá e aqui, conforme a narrativa da senhora Ana:

- Ó, o que tem aqui, só é, só é supermercado pequeno. Aí, se precisar de comprar eletrodoméstico, essas coisas, tem que ir lá pro centro pra lá.
- Pra ir ao banco?
- É. Tudo.
- Tem que ir pra lá?
- Tem.
- Entendi.
- Porque por aqui não tem nem, nem uma lotérica. E faz muita falta, né? Porque tudo que a gente tem que pagar tem que pegar ônibus ou ir andando pra poder chegar até lá. Tudo é perto do, das Casas Bahia, só lá que tem. Por aqui não tem (ANA, 2016: 476).

Ana diferencia os supermercados pequenos, próximos de onde mora, e os supermercados onde se compram eletrodomésticos, como as Casas Bahia. Um supermercado pequeno pode, portanto, representar estar longe do "centro", um distanciamento, como para Ana ou para Antônio. Mas um desses mercados que se espalham pelo Recanto das Emas pode também ser percebido como o espaço onde se vislumbra a distância de um filho, como no caso de Maria João. Mais que uma referência espacial, o mercado pode ser o espaço onde situar a morte de um filho, que mora pelas ruas da cidade. Essa lembrança irrompe na narrativa da moradora, quando ela conta que:

- Então, eu espero qualquer hora, inclusive eu tô sabendo que mataram um rapaz aqui no Recanto e que ele parece que entrou no mercado com uma faca e o cara, tipo assalto, eu falei "não é meu filho", porque nunca fez isso, só se, né, extrapolou as coisas agora né (MARIA JOÃO, 2016: 375).*

Hospital

Para as moradoras, a espacialidade da cidade do Recanto das Emas é feita de lugares apropriados e ressignificados como espaços. Espaços que são referências para quem cotidianamente percorre, orienta, lembra e narra itinerários. Descaminhos de quem ficou sabendo de um assalto ao mercado, por exemplo. Uma espera que acompanha o filho de Maria João, a acompanha em suas conversas e itinerários, em suas lembranças e narrativas. São muitas as esperas que circulam por esses cantos. Com destaque, bem localizada na espacialidade dessa cidade, existe também a espera por um

hospital. Muitas vezes, nas memórias das moradoras, irrompem lembranças dessa falta e elas narram essa espera. Maria João, que espera a morte do filho a qualquer momento, é otimista quanto à espera pelo hospital. Segundo a moradora, "você vê, era tudo lama, poeira, tudo mato, hoje a gente vê prédio né, vê boas escolas, vê, até fórum o Recanto já tem né, tem fórum. O Recanto só não tem um hospital, mas eu acho que logo logo, nós vamos ter um hospital. Tem restaurante comunitário" (MARIA JOÃO, 2016: 384). O processo de configuração do espaço da cidade do Recanto das Emas é resumido em um antes de lama, poeira, mato, e um hoje de prédio, boas escolas, até um fórum, um restaurante comunitário. Tudo isso que tem, dilatado na narrativa, é presença cortada por essa ausência. Ainda falta o hospital da cidade e essa falta se estende no que conta a moradora.

Maria Cândida relata que a necessidade do hospital é grande. Para essa moradora, que passou boa parte de sua vida entre idas e vindas a hospitais no interior de Goiás e do Pará, até a transferência para realizar uma cirurgia do coração no Hospital de Base, em Brasília, o hospital na cidade é o que precisa para melhorar o Recanto das Emas. A moradora define que "pra mim, pra melhorar, o hospi, aqui no Recanto, principalmente, tinha que ter um hospital, né" (MARIA CÂNDIDA, 2017: 536). A falta do hospital significa, mais uma vez, a rotina de sair da cidade em busca de atendimento de saúde, mais deslocamento e dificuldade, pois segundo ela, "e também, né, não tem o hospital, muito difícil pra população" (MARIA CÂNDIDA, 2017: 518).

As moradoras contam que existem outros espaços, como postos de saúdes, clínicas da família e UPAs, que vão sendo construídas com o passar dos anos, sem, no entanto, desfazer ou diminuir a expectativa pelo hospital. Relatos de uma espera por meio da qual busquei historicizar o engendramento do espaço da cidade, que ganha contornos, inclusive, de frustração, como nas lembranças narradas por Maria das Benções:

- Posto de saúde não tá bom, porque eles nunca fizeram um hospital aqui. Que eu, já, que eu queria mesmo era um hospital aqui no Recanto. Os homens prometeram de fazer um hospital aqui no Recanto e até hoje. Só quis ganhar, né, o voto da gente, só quis ganhar. Até hoje ele não fez nada.*
- Mas a senhora acha que teve algum que fez ou todos só prometem e não fazem?*
- Só promete e não faz. Só o Agnelo foi que fez essas clínicas aí, melhorou mais bastante, né (MARIA DAS BENÇÕES, 2016: 451).*

Embora as Clínicas da Família inauguradas na cidade em 2012¹⁷⁵ e 2013¹⁷⁶ sejam vistas como uma melhoria pela moradora, não substituem a importância que o hospital tem no imaginário de quem precisa de atendimento público de saúde e vive no Recanto das Emas. Esses espaços são dados a ver e a ler como insuficientes, apesar de algumas melhorias introduzidas, como o posto de saúde que "não tá bom" e as clínicas que "melhorou mais bastante" de acordo com aquela moradora. O hospital torna-se o símbolo das promessas não cumpridas dos políticos, das promessas em troca de votos para ganhar a eleição, que acompanham o crescimento da cidade, o aumento da população, a espacialidade que é vivida, imaginada e narrada.

É possível pensar mais algumas possibilidades em relação à complexa rede de trocas formada pelas promessas dos políticos e as demandas de quem mora na cidade do Recanto das Emas. Essas relações, nomeadas como populistas, mesmo que entre agentes com recursos desiguais, também circulam pelo espaço do hospital, que chega a ser marcado no espaço da cidade, ainda que nunca chegue a ser fisicamente construído. Em reportagens dos diários Correio Braziliense e Jornal do Brasil circulava a informação acerca da promessa de construção do hospital do Recanto das Emas, de forma recorrente, pelo menos desde 2003, com a reeleição de Joaquim Roriz. No fim desse ano, uma série de matérias dos dois periódicos, entre 07 de novembro e 24 de dezembro de 2003, informa que o hospital do Recanto das Emas fazia parte de um pacote de emendas propostas pelos deputados do DF no Congresso Nacional (Cf. CORREIO BRAZILIENSE, 2003: 4; JORNAL DO BRASIL, 2003: D3), que entre idas e vindas do embate político, vão ora sendo negadas, ora liberadas na proposta do orçamento da União (Cf. CORREIO BRAZILIENSE, 2003: 6; JORNAL DO BRASIL, 2003: D7; CORREIO BRAZILIENSE, 2003: 5; JORNAL DO BRASIL, 2003: D3). Contudo, a verba acaba não sendo destinada, o projeto passa a ser pouco mencionado na mídia, até que em uma nova reportagem do Correio Braziliense, de 15 de fevereiro de 2005, o secretário de saúde da época, Arnaldo Bernadino, declarou ao jornal "vamos oferecer atendimento em clínica médica e pediatria até o término das obras do hospital

¹⁷⁵ A primeira Clínica da Família foi inaugurada em 12 de dezembro de 2012 e localiza-se entre as quadras 104 e 105 do Recanto das Emas, conforme é informado pelo jornal Correio Braziliense à época de sua inauguração (Cf. SÍTIO DO CORREIO BRAZILIENSE, 2012, http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/cidades/2012/10/03/interna_cidadesdf,325932/incendio-atinge-escola-publica-de-madeirite-no-recanto-das-emas.shtml).

¹⁷⁶ A segunda Clínica da Família foi inaugurada em 18 de setembro de 2013 e localiza-se na quadra 308 do Recanto das Emas, conforme é informado pelo sítio R7 à época de sua inauguração (Cf. SÍTIO R7, 2013, <http://noticias.r7.com/distrito-federal/segunda-clinica-da-familia-e-inaugurada-no-recanto-das-emas>).

de Santa Maria e do hospital de Recanto das Emas, que ainda não foi previsto no orçamento, mas estamos estudando a implantação" (CORREIO BRAZILIENSE, 2005: 5). De dita prioridade em 2003, o hospital passou a projeto não previsto, mas em estudo.

A partir de 2007, com a eleição de um novo governo, a promessa do hospital volta a ganhar força nas falas dos políticos, como pode ser percebido em entrevista do secretário de obras, Márcio Machado, que lista o hospital do Recanto das Emas como uma das obras prioritárias do novo governo já em 19 de fevereiro de 2007 (Cf. JORNAL DO BRASIL, 2007: D3), ou ainda, no material de divulgação do GDF veiculado no Correio Braziliense, de 23 de abril de 2007, onde é informado que "serão construídos o Hospital do Recanto das Emas e o Hospital de São Sebastião" (CORREIO BRAZILIENSE, 2007: 5). Esse novo momento de promessa da construção do hospital culmina com visita do governador José Roberto Arruda, que durante um evento inaugurou obras no Recanto das Emas. De acordo com o Jornal do Brasil:

O Recanto das Emas terá seu hospital em dois anos. Ontem, durante o projeto Governo nas Cidades, o governador José Roberto Arruda e o secretário de Saúde José Geraldo Maciel lançaram ontem a pedra fundamental. A unidade médica de 384 leitos custará R\$ 112 milhões e as obras devem começar em 60 dias. (...) O hospital acompanhará o projeto adotado em Santa Maria, que fica pronto em abril de 2008 (JORNAL DO BRASIL, 2007: D5).

Esse mesmo evento de promoção do governo através de promessas e de inauguração de obras foi noticiado pelo Correio Braziliense, que destaca a importância do hospital para quem mora no Recanto das Emas. De acordo com a matéria, tanto para o conjunto definido como "avaliação dos moradores", quanto através de um depoimento individual de uma moradora, o hospital é central, é a obra mais importante. Enquanto a reportagem do Jornal do Brasil indica que as obras "devem começar em 60 dias", a do Correio Braziliense já dá as obras como iniciadas e projeta sua conclusão em dois anos. Nesse sentido, informa o periódico:

A mais importante, na avaliação dos moradores, será a construção do Hospital Regional do Recanto das Emas. A mais nova unidade de saúde do DF ficará na quadra 206 do Recanto das Emas e contará com 384 leitos. Na área onde ele será construído, o governador Arruda assinou a ordem de serviço para o início das obras, que devem ser concluídas em dois anos. (...) A dona de casa Sara Ribeiro de Lima, 33 anos, adorou a ideia de ter um hospital na mesma quadra onde mora. Na última quinta-feira, ela precisou levar um sobrinho com febre ao HRG. "Eu já pensei até em me mudar daqui para ficar mais perto de um hospital. Agora, com a construção, acho que vou ficar" comentou (CORREIO BRAZILIENSE, 2007: 27).

No entanto, apesar de tantas promessas, as expectativas das moradoras seguem sendo frustradas. Ao contrário do hospital de Santa Maria, inaugurado em 2008, o hospital do Recanto das Emas não é contemplado com as verbas e não sai do papel,

seja das ordens de serviços ou dos jornais. Com a eleição de um novo governo em 2010, a política de saúde deixa de tratar o atendimento hospitalar centralizado como prioridade, dando ênfase à construção de UPAs¹⁷⁷, unidades cujo objetivo é desafogar os pronto-socorros dos hospitais, descentralizando o atendimento de menor gravidade ou urgência¹⁷⁸.

Embora as práticas discursivas dos políticos se rearticulem e reordenem o que é prometido, no caso, unidades de saúde intermediárias e não o hospital, para as moradoras segue no imaginário a importância do hospital como parte do espaço de sua cidade. Isso segue produzindo decepção e também consciência dessa relação política entre promessas e demandas, como é expresso por Maria das Benções, ao narrar que precisa "do hospital. Mas aqui, eles, vai chegar nos quatro anos e eles não, não faz nada aqui" (MARIA DAS BENÇÕES, 2016: 460).

Além de frustradas em sua demanda pelo hospital, as moradoras também percorrem e refletem sobre esses outros espaços públicos de atenção à saúde. Sejam da saúde básica ou intermediária, eles vão sendo problematizados, desconstruídos para relatar seus problemas, como conta Maria Joana, para quem:

– Rapaz, o problema são os ônibus, é o problema de saúde, que aqui não tem hospital, tem a UPA, mas não tem médico, é, o posto de saúde, a gente tem que sair, tem que levantar, arriscar a vida e levantar de madrugada pra conseguir uma consulta, conseguir uma senha e dificuldade também e os problemas da violência, que tá tendo roubo demais, violência demais, viu (MARIA JOANA, 2016: 412).

Para essa moradora, o primeiro exemplo do problema da saúde é a falta do hospital. A UPA não basta, pois não tem médicos. O posto de saúde, espaço público

¹⁷⁷ Uma reportagem do sítio G1 informa sobre a inauguração da UPA do Recanto das Emas De acordo com a reportagem, "O governo do Distrito Federal inaugurou nesta quinta-feira (5) a Unidade de Pronto Atendimento (UPA) do Recanto das Emas. De acordo com informações do DF TV, a UPA está pronta desde 2010, mas estava fechada por causa da dificuldade do governo em contratar profissionais (SÍTIO G1, 2012, <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2012/07/pronta-desde-2010-upa-do-recanto-das-emas-e-inaugurada.html>).

¹⁷⁸ De acordo com autoras da área de saúde, "as Unidades de Pronto Atendimento (UPAs) surgem como uma das estratégias da Política Nacional de Atenção às Urgências para a melhor organização da assistência, articulação dos serviços; e definição de fluxos e referências resolutivas. Essa estratégia aparece como uma das iniciativas resolutivas para o problema da superlotação em emergências hospitalares. As Unidades supracitadas ocupam o nível intermediário de complexidade entre as Unidades Básicas de Saúde (atenção básica) e a média e alta complexidade, integrando a Rede Pré-Hospitalar Fixa. Criada em 2002, a proposta baseou-se em experiências de sucesso em cidades como Campinas-SP, Curitiba-PR, Belo Horizonte-MG e Rio de Janeiro-RJ" (OLIVEIRA, Saionara Nunes (et al). "Unidade de Pronto Atendimento - UPA 24h: percepção da enfermagem". In: *Texto, contexto, enfermagem*. Florianópolis, 2015: 239). Sobre o assunto ver ainda: MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). Política Nacional de Atenção às Urgências. Brasília: MS, 2006; O'DWYER, G. "A gestão da atenção às urgências e o protagonismo federal". In: *Ciência Saúde Coletiva* [online], v. 15(5): ago. 2010, p. 2395-2404, acesso 20 jun 2017; BITTENCOURT, Roberto J, HORTALE, Virgínia A. "Intervenções para solucionar a superlotação nos serviços de emergência hospitalar: uma revisão sistemática". In: *Cadernos de Saúde Pública* [online], 25(7): jul. 2009, p. 1439-1454, acesso 26 jul 2017.

mais cotidiano de acolhimento da população, representa na narrativa um risco, pois não dá conta da demanda, exige "arriscar a vida", pois a busca pela consulta é penosa e mistura-se aos riscos de outra violência, os roubos demais. A falta de assistência à saúde é contada como violência por Maria Joana. Já na narrativa de Ana, essa falta de assistência é representada como a própria morte para quem não possui dinheiro e depende da saúde pública. A moradora relata que:

- *Na saúde. Nossa, a saúde, quem adoecer, tem que rezar pra não adoecer, porque...*
- (Filha) – Vai morrer.*
- *Porque morre. Se não tiver dinheiro, morre.*
- *Aqui não tem aquelas Clínicas da Família aqui pra perto não, né? Que a mais perto é lá pra baixo.*
- (Filha) – Isso.*
- *Clínica da Família assim? Como assim?*
- *Que é tipo um posto de saúde.*
- *Que atende os idosos?*
- *Uhum.*
- *Tem, tem.*
- *Tem um aqui perto?*
- *Tem. Não fica muito perto, mas tem. Ali, do lado do corpo de bombeiro que eu me consulto, Brenda?*
- (Filha) – Você tá falando do que? Da UPA? No sentido da UPA ou mais cá embaixo?*
- *Não, não é na UPA não. Que eu tenho as receitas, que eu mandei você pegar lá.*
- (Filha) – Ah, sei, aquele lado do postinho lá.*
- *Mas só que agora tá sem médico lá.*
- *Não tem nenhum médico?*
- *Não.*
- *É, por que, assim, esse governo tá enrolado?*
- *Tem bem um ano que eu não me consulto lá, porque a minha médica disse que pegou atestado, disse que não ia voltar mais, disse que ia por outra substituta, mas até o dia que eu fui lá, não tinha, não tinha, nem pra poder, é, mudar a receita pra gente, pra dar, pra dar uma nova, né. Não tinha (ANA, 2016: 474).*

Embora não tenha muita clareza no que distingue as unidades de atenção básica, a moradora percebe as Clínicas da Família¹⁷⁹ como as responsáveis pelo acompanhamento de idosos. Ana vai dando a ver e a ler a espacialidade do Recanto das Emas, enquanto busca situar esses espaços. A Clínica da Família, onde não tem médico a pelo menos um ano, segundo a moradora, que "não fica muito perto", é próxima ao corpo de bombeiros, "aquele do lado do postinho". Esses referenciais situam essa como a clínica da quadra 308, que fica de frente para o posto de saúde da quadra 307, próximo do qual Antônio contou ter sido assaltado. Ana, entre suas idas e vindas, dela ou da filha Brenda, já não consegue ali nem mais seus remédios.

¹⁷⁹ As chamadas Clínicas da Família são responsáveis pelo atendimento preventivo primário de saúde da população de uma localidade (Cf. TEIXEIRA, Carmen. *Saúde da família, promoção e vigilância: construindo a integralidade da atenção à saúde no SUS*. Salvador: UFBA, 2006: 60).

Para todas essas moradoras, pessoas idosas, a saúde tem uma importância ainda mais retumbante no seguir vivendo, orienta suas memórias e seu imaginário, ao mesmo tempo que é ressignificada por eles. Maria das Benções descreve bem os detalhes dessa importância, ao contar seus remédios como as contas de um rosário para narrar que:

Ah, precisa pra melhorar é muitas coisas, remédios, que a gente vai na, na fila, no posto de saúde não tem remédios, e a gente, pinga um salário, o dinheiro não dá pra comprar os remédios. Remédio é caro, né? Eu tomo remédio pra diabetes, tomo remédio pra osteoporose, tomo remédio pra esporão, tomo remédio pra pressão... Coluna também, remédio pra coluna (MARIA DAS BENÇÕES, 2016: 453).

Como na narrativa de Ana, também na dessa moradora não há médico ou remédio no posto de saúde, como não havia na clínica. Tudo isso adensa essa falta do hospital, uma falta que é a todo tempo reconstruída nas narrativas, que circula pelo espaço do Recanto das Emas. As narrativas memorialísticas me permitem historicizar, através desse não-lugar, suas definições da questão da saúde pública da cidade. Isso preenche esse hospital ausente com significados, sentidos, torna-o um espaço dessa cidade, nesse sentido definido por Certeau ao analisar que:

Por um paradoxo apenas aparente, o discurso que leva a crer é aquele que priva do que impõe, ou que jamais dá aquilo que promete. Muito longe de exprimir um vazio, de escrever uma falta, ele o cria. Dá lugar a um vazio. Deste modo, abre clareiras, "permite" que se faça o jogo num sistema de lugares definidos. "Autoriza" a produção de um espaço de jogo (Spielraum) num tabuleiro analítico e classificador de identidades. Torna o espaço habitável. A este título, designo-o como "autoridade local". É uma falha no sistema que satura de significados alguns lugares e os reduz a ele, a ponto de torná-lo "irrespirável" (CERTEAU, 2014: 172).

Embora Certeau trate aqui dos lugares e das identidades funcionalistas que são impostas aos mesmos, analiso, no caso do hospital do Recanto das Emas, como se "permite" ou "autoriza" a produção de um espaço também a partir de um não-lugar. O não-lugar não tem "a univocidade nem a estabilidade de um 'próprio'" (CERTEAU, 2014: 184), de que esse autor trata para definir o lugar, pelo contrário, para Certeau, representa a "erosão do lugar", seu esvaziamento e não seu preenchimento, representa o movimento¹⁸⁰, "uma maneira de 'passar'" (CERTEAU, 2014: 169). No entanto, apesar

¹⁸⁰ Marc Augé é um autor que trabalhou com esse conceito de não lugar em suas pesquisas. De acordo com esse autor, "se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não lugar" (AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papyrus, 1994: 73). O autor associa esses não-lugares a espaços como aeroportos, shoppings centers, supermercados, espaços transitórios, marcados pelo ininterrupto movimento. Para ele, estes afirmam uma uniformidade que esvazia as particularidades urbanas, criam uma "cidade genérica". O autor dialoga com a obra de Certeau, valoriza as práticas desses lugares e das enunciações pedestres como crítica ao que define como uma "sobremodernidade", desafio da contemporaneidade onde "nosso domínio do tempo reduz nosso espaço" (AUGÉ, Marc. "Sobremodernidade: do mundo tecnológico de hoje ao desafio

disso, eu recorro ao conceito para tratar da instabilidade e de como esse não-lugar circula nos relatos das moradoras, sendo dessa forma significado como espaço que compõe o imaginário da espacialidade do Recanto das Emas. É possível perceber como esse não-lugar vira uma referência para se pensar o próprio espaço da cidade no que conta Antônio, um morador cuja história de vida é marcada por dois graves acidentes, um tiro e uma queda no ônibus, que levaram a internações em hospitais públicos. Essas duas experiências fizeram dos hospitais um espaço recorrente nas suas lembranças, o que envolve seu imaginário da espacialidade da cidade. De acordo com ele:

– Não, não, porque, eu não tenho, assim, é, comentários, porque, o que eu tinha que comentar, era sobre o negócio da segurança, né, da saúde, que, é, tá precária, você vai no posto aqui, pra conseguir uma consulta é bem complicado, entendeu.

– É muito difícil? Até construíram essas clínicas da família aí...

– Mas não funciona.

– O pessoal me falou que não tem médico.

– Não funciona. UPA? Não tem médico. Então, é isso.

– Várias moradoras que eu entrevistei falam que precisava mesmo era um hospital aqui, né.

– É o necessário, porque tudo que você quer, hospital, exame, você tem que se deslocar do Recanto. Você tem que ir ou pra Taguatinga ou pra Samambaia, você vai, não tem médico, de acordo com a necessidade que você vai precisar, ou clínica médica, ou ortopedia, uma clínica geral. Você tem que se deslocar daqui. Aí, você chega no hospital, não tem, essas, não tem. Aí, é complicado. Teve uma época dessa aqui, que eu fiquei ruim aqui, não sei o que eu tava sentindo... Acho que foi a coluna que eu machuquei. O pessoal "não, vai pro hospital", "eu vou fazer o que no hospital? Vou ficar no hospital vou ficar é mais doente, porque não tem médico. Vou ficar em casa, vou tomando o remédio até curar". Aí, não fui no hospital (ANTÔNIO, 2017: 566).

A percepção do morador se inicia pelos problemas da área de saúde, pela falta de atendimento, o não funcionamento desses espaços públicos, a ausência de médicos. Após minha menção da expectativa de outras moradoras pelo hospital, ele dá a ver e a ler a própria. Narra a necessidade de se deslocar para outras RAs como Taguatinga ou para Samambaia em busca do atendimento hospitalar¹⁸¹, que também não é possível, já que, segundo Antônio, ali também faltam médicos. A solução contada é

essencial do amanhã". In: MORAES, Dênis (Org.). *Sociedade Midiatizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006: 106).

¹⁸¹ Reportagem mencionada anteriormente informa que o destino preferencial dos pacientes do Recanto das Emas é o HRG, o Hospital Regional do Gama (Cf. CORREIO BRAZILIENSE, 2007, 23/06: 27). Não há referência a ele nas entrevistas. No entanto, além dessa referência de Antônio aos Hospitais de Taguatinga e Samambaia, Maria Eustáquia menciona que seu esposo ficou internado no HUB (Hospital Universitário de Brasília), quando conta que "nós tivemos que levar ele de imediato, nós levamos pro hospital, ela já ficou internado né, lá no HUB né, já não saiu mais, lá mesmo ele faleceu. Então, ele ficou trinta dias lá no hospital né" (MARIA EUSTÁQUIA, 2016: 346). Talvez seja o caso de Maria Joana, que também mencionou a morte do ex-marido em um hospital, mas ela não identifica em qual hospital teria sido ao relatar que "sei que ele morreu numa poça de sangue no hospital, né, obrando sangue e vomitando sangue, nossa, é horrível demais, é triste você ter que ver esse tipo de coisa, mas é assim mesmo né (MARIA JOANA, 2016: 405).

tomar remédio em casa até melhorar, sem esperança de encontrar um ortopedista para tratar da coluna. Ir para o hospital é identificado com abandono e "ficar é mais doente, porque não tem médico". A ausência de um hospital no Recanto das Emas e sua presença nas cidades próximas reforça o deslocamento para fora da cidade, "você tem que se deslocar daqui", assim como reforça a imobilidade, "aí, não fui pro hospital", de quem não se desloca porque desiste ante os problemas. De ambas as formas, o não-lugar do hospital redefine a espacialidade da cidade para Antônio.

Também no que lembra e narra Maria Alcinda é possível perceber como o espaço do Recanto das Emas vai sendo significado através de uma espacialidade sem saúde. Essa carência retumbante é enunciada nos passos que vem e vão dos postos de saúde, passam por suas farmácias, encontram-nos fechados, não acham médicos para os atendimentos. A moradora conta assim o que lembra:

Saúde. Que não tá tendo, de jeito nenhum, tanto faz pra adulto como pra criança não tá tendo, os postos de saúde aqui estão fechando, que não tá tendo médico nem pra criança, nem pra adulto, tão se acabando tudo. Se você vai na farmácia pegar um remédio, não tem remédio, se você vai pegar dois remédios, só tem um, se você vai pegar três, só tem um do mesmo jeito. Então, tem que melhorar muita coisa aqui no Recanto das Emas (MARIA ALCINDA, 2016: 417).

O espaço do posto de saúde é insuficiente para atender as necessidades de quem mora no Recanto das Emas, seja adulto ou criança, de acordo com Maria Alcinda, ainda que através deles, em outro momento, ela narre o que percebe como evolução da cidade. Entre essas lembranças é possível historicizar a espacialidade (re)construída pela moradora em sua demanda por saúde pública, pois "aí, depois disso, aí foi evoluindo, aí foi vindo, é, saúde em casa, foi vindo, é, posto, começaram a fazer o posto, primeiro foi o lá de baixo, aí por último foi esse daqui, o número dois, mas tudo bem" (MARIA ALCINDA, 2016: 422). Uma "evolução" inicial, no entanto, que se encaminha para "tão se acabando tudo", para a falta de médicos, falta de remédios e não para o sempre esperado hospital.

Cima/baixo

Para algumas moradoras do Recanto das Emas, o hospital é uma espera próxima, para outras moradoras, nem tanto. Mas para todas essas pessoas é um espaço saturado de significados mesmo sendo um não-lugar. Os significados que podem ser atribuídos a um espaço são múltiplos, pois por mais que estes circulem em um imaginário urbano local, estão sempre sendo ressignificados pelas práticas enunciativas

das moradoras de caminhar ou de narrar a cidade (Cf. CERTEAU, 2014: 164). Exemplo dessas (re)significações das moradoras podem ser percebidos ao classificar como cima ou baixo um espaço da cidade. Essas referências, que a princípio parecem indicar a topografia da cidade do Recanto das Emas, como se pudessem simplesmente se ater à materialidade do lugar, na verdade, permitem perceber como a espacialidade da cidade (re)constrói esses termos, faz deles móveis, já que, como indica Certeau, "não existe espacialidade que não organize a determinação de fronteiras" (CERTEAU, 2014: 191). Esse par cima/baixo (re)organiza o espaço do Recanto das Emas nas narrativas das moradoras, se relaciona a outros pares, como perto/longe, principal/secundário ou centro/periferia, para distribuir, fixar, recriar a cidade lembrada e narrada. Antônio demarca o espaço do de cima e do de baixo em sua narrativa ao contar o processo de asfaltamento da cidade. De acordo com o que relata esse morador:

Até que o asfalto aqui foi bem mais rápido do que nessas quadras de cima aqui na 308. Porque quando eu mudei pra cá, na 308, não, tinha algumas ruas que não tinha asfalto ainda. Essa principal mesmo aqui não tinha. E eu ouvia até muito comentário, quando ia pra parada, o pessoal revoltado, porque, porque eles chamam aqui embaixo de Taubaté, né. Porque eram uns barracos de madeira. Revoltado, falando "é, porque o Taubaté começou agora e foi asfaltado primeiro do que pra gente aqui em cima". Mas é claro, tem que começar de baixo pra cima, né? E eu ouvia sempre esses comentários na parada, quando eu ia pegar ônibus, eu ouvia eles comentando isso, ficaram revoltados, porque asfaltou primeiro aqui pra depois subir (ANTÔNIO, 2017: 552).

As quadras mais antigas, como a 308, são identificadas como "quadras de cima", enquanto que a área das 500s é "aqui embaixo". Nesse sentido, de forma dicotômica, mais uma vez é possível historicizar a tensão entre um lá e um aqui, entre quem já morava na cidade e quem recebe o lote vindo da invasão em um momento posterior. Uma fronteira é definida pela avenida, essa rua "principal mesmo aqui não tinha", assim como a identidade desses espaços, um sempre marcado pelo termo "Taubaté", que é embaixo e o outro, dos antigos, das paradas de ônibus, em cima. Uma separação dada a ver e a ler pela distinção entre cima e baixo, que também é (re)construída na fala da filha de Maria Cândida, quando esta conta que:

(Filha) – Aí, como era tudo de tábuas, apelidou "tauba até que não acaba mais" e ficou o apelido, até hoje existe e, existe preconceito, até mesmo na igreja, a gente frequenta a igreja católica, é, o pessoal lá da igreja, aqui da São Rafael ali de cima, apelida aqui de Taubaté. Quando fala que vai ter algum evento na casa de alguém aqui, aqui pra baixo, é, aquela coisa "ah, não vou não, porque aí é perigoso". Tudo de ruim joga nas 500s, como se nas 300s nada acontecesse (MARIA CÂNDIDA, 2017: 518).

Nesse espaço de baixo, de acordo com a moradora, prevalece o preconceito, mesmo de moradores que frequentam a igreja católica ali de cima, que se manifesta pelo apelido de "Taubaté". Nesse caso, a fronteira não é simbolizada por algo físico como

uma avenida, mas pela própria violência, que no entanto, a moradora mesmo relativiza e redistribui. Em outro momento da entrevista, no entanto, a filha Vanessa e Maria Cândida reafirmam essa associação entre a violência e o espaço de baixo:

– Então, não é fácil, a gente até tava até pensando em vender aqui, porque não tá fácil aqui, principalmente aqui pra baixo, né. As coisas aqui não é...

(Filha) – Mais esquecido.

– Mais, muito mais esquecido (MARIA CÂNDIDA, 2017: 518).

Além de ser espaço da violência, esse baixo surge como espaço do esquecimento, o que leva essas mulheres a pensarem em vender e sair dali. O relato das duas moradoras, assim como o de Antônio, fixa limites para um cima e um baixo, autoriza seu estabelecimento, funda seus atributos na espacialidade do Recanto das Emas. Porém, ao mesmo tempo, esses relatos deslocam e superam esses limites (Cf. CERTEAU, 2014: 191), rompem a lógica atribuída por esses outros moradores. No caso de Antônio, ele rompe a lógica de que os mais antigos devem ser favorecidos, devem receber o asfalto primeiro. Para ele, a lógica é não a da antiguidade, mas sim a que o favorece, pois "tem que começar de baixo pra cima". Já para Maria Cândida e a filha, é questionável a lógica de que a violência está só no baixo, como se nada acontecesse acima. Para elas, a violência não é uma fronteira, mas uma ponte, ou como analisa Certeau, "tudo ocorre como se a própria delimitação fosse a ponte que abre o dentro para seu outro" (CERTEAU, 2014: 197).

Essa mesma orientação de um acima e um abaixo, no entanto, atua nas lembranças narradas por Antônio para diferenciar e afastar a sua quadra, a 508, do restante das quadras 500s. Nesse caso, porém, é possível perceber que o que parecia ser uma simples dicotomia, na verdade, abre a possibilidade de uma gradação ou uma escala nessa classificação. Em outro momento da narrativa memorialística de Antônio, ele destaca que "é, até que aqui próximo de mim aqui não tem não, mas mais pra baixo aí tem, viu. O que é vê falar é de bandidagem, pra cá da 510 pra 511, aí é lotado" (ANTÔNIO, 2017: 551). Nesse relato que afirma esses espaços como violentos, como já indicado por Maria Cândida e sua filha, espaços repletos de bandidos, quanto mais para baixo, pior a situação. Ainda que Antônio entenda a relação de sua quadra com essas outras, ele percebe e afirma que a sua é menos para baixo do que elas, sendo menos violenta.

Moradora da quadra 511, Maria Eustáquia também narra e qualifica espaços urbanos por serem mais ou menos baixos. Ela atenta para a questão do asfaltamento da

cidade, enquanto conta sobre como adquiriu sua casa no Recanto das Emas, (re)compondo a espacialidade em diferentes níveis. Ela narra o seguinte:

Só tinha aqui nessa rua e se não me engano parece que nessa rua aqui, essas duas ruas de cima o asfalto aqui também. Eu ainda fui lá embaixo, vi, ele me mostrando, o corretor me mostrou umas casas lá embaixo. Mas a primeira casa que ele me mostrou foi essa e eu gostei. E também tinha uma igreja né, que é a Igreja Ebenezer, que ficava bem pertinho. Aí eu falei eu quero bem pertinho da igreja. Então, eu gostei, assim teve isso também né, que Deus pôs até na porta da igreja também. E... Eu fui, desci lá embaixo, olhei as casas, aí falei "não, vamos voltar naquela lá, naquele lugar primeiro". Foi e voltou. "Vamos ficar com essa aqui mesmo". Aí já tinha visto o preço né, inclusive foi até do mais barato que as outras lá embaixo e... (MARIA EUSTÁQUIA, 2015: 332).

Tanto a rua que já era asfaltada, quanto o estar em cima, "essas duas ruas de cima", são os símbolos de como a casa escolhida era melhor do que as outras para a narradora, "umas casas lá embaixo". A isso soma-se também a imagem da Igreja Ebenezer, "bem pertinho". Ainda que fosse uma casa mais barata, sua localização acima significa que aquela era uma casa melhor do que as outras, que possuía asfalto na porta, conforme a moradora relata que tanto desejava. Esse contraste entre cima e baixo, que inicialmente, aparece como dicotômico, logo vai dando lugar a um espectro do mais acima ao mais abaixo dessa espacialidade, como aconteceu na narrativa de Antônio. Nesse sentido, Maria Eustáquia narra suas lembranças de que:

Aí assim daquilo assim parece que me deu aquela tranquilidade né, porque quando eu desci aqui, meu Deus do céu, aqui era só mato, só tinha essa, essa, essa fila de casa aqui, ali embaixo não tinha casa, ali era tudo mato ali, né, aqui era tudo mato aqui, não tinha essa, as rotas era só aqui que o ônibus, e essa, que essa pista que descia aqui não passava ônibus, só naquela lá de cima mesmo. Só naquela lá. Aquela lá era a principal mesmo (MARIA EUSTÁQUIA, 2015: 335).

O espaço que vai sendo traçado com "desci aqui", onde ainda haviam casas, logo se liga a esse outro, "ali embaixo", onde só havia mato, mato que se espalha até tudo aqui ser mato na narrativa. Tudo isso se contrapõe, então, a um espaço considerado principal, "lá em cima mesmo", onde circulam os ônibus, onde já não havia mato. Para a moradora, seu espaço de morar é o acima em relação ao abaixo do mato das quadras 500s, mesmo se pode se confundir com ele, mas está abaixo ante o acima de lá, da pista principal. Por sua vez, um "lá em cima", que também possui gradações e vai subindo conforme se aproxima da área comercial da cidade, como em outro trecho narrado pela moradora:

Precisa também aqui assim de muita, assim, eu creio assim, mais mercados né, é... É... Como é que fala assim, um banco, mais perto pra gente né, porque é tudo lá em cima. Mais difícil né pra gente ir lá. Tudo é lá né. Mas assim, tudo agora aqui tudo que coloca também é muito difícil, porque fica pouco tempo, eles rouba muito né aqui. (...) O posto de polícia ali né... Aquele postinho... Eles ficaram ali pouco tempo. Já saíram, com três dias

Que eles tinham saído, eles puseram fogo lá né. Mas assim, eu penso se eles permanecessem mesmo, ficassem mais mesmo, pusessem mais posto espalhado aqui mais pra baixo né, eu penso que melhoraria mais né (MARIA EUSTÁQUIA, 2015: 335).

Ao contrário do cima do primeiro trecho, com o qual se faz fronteiras e ao qual se liga, pois era onde se precisava ir para pegar o ônibus, estabelecido pela pista principal, esse outro é narrado como mais afastado, de mais difícil acesso, onde estão os mercados, bancos e farmácias, "porque é tudo lá em cima". Já o seu espaço, "aqui mais pra baixo", é onde se incendiou o posto policial. Portanto, assim como o baixo, também o cima é móvel em suas definições e deslocamentos.

Maria João explicita em sua narrativa como a definição entre baixo e cima refunda esses espaços nos relatos. A espacialidade que é dada a ver e a ler mostra o que significa um espaço estar associado ao embaixo ou ao em cima no imaginário de quem mora na cidade do Recanto das Emas. Nesse sentido, ela conta que:

– Mas eu acho que pela questão de as pessoas que vem prali, são mais pessoas, mais pessoas mais carentes mesmo. Acho que parece que quanto mais pra baixo fica, as pessoas são carentes e isso né desenvolve uma clientela, uma sociedade carente, vamos dizer assim né, então isso pode ser que venha trazendo problemas pra cidade também, eu acho que essa questão da carência financeira. Mas em questão de saneamento básico, as 500s foram atendidas com menos tempo que as 300s, sabe. Então, desenvolveu, assim, desenvolveu uma população grande com uma situação de carência, vamos dizer assim né.

– Muito concentrada?

– Muito concentrada, é pra vir pra cá, por exemplo, porque aí não tem, não tem é escola né, o posto de saúde é aqui (MARIA JOÃO, 2016: 387).

O baixo, segundo Maria João, está associado à carência das pessoas, à uma sociedade carente, pois ele percebe que "quanto mais pra baixo fica, as pessoas são carentes". Assim como Antônio indicara sobre o asfalto, ela também relata que o saneamento básico chegou com menos tempo às outras quadras, o que, no entanto, não rompe com essa identidade de uma população grande e carente, das 500s, que tem que se deslocar para as escolas e postos de saúde das 300s. O baixo é contado como o espaço para as pessoas que vem da invasão.

Para Maria Alcinda e sua família, que residem na quadra 204, há uma valorização dessa posição de centralidade na espacialidade que (re)constroem. Ao longo de um momento da entrevista, em que o marido e a filha participam ativamente, o contraste entre o espaço do pra cima e o espaço do pra baixo para cada uma delas vai (re)produzindo a cidade. A moradora localiza o "pracolá", onde é difícil, das quadras 600s e 800s, que o marido Deusmar indicou como a área pra cima. De acordo com o que contam:

(Eu) – Por aqui tem? Problema de droga?

(Marido) – *Aqui nessa área pra cima.*
 – *Aqui...*
 (Filha) – *Aqui é tranquilo.*
 – *Aqui essa quadra nossa aqui, a 204, a 203, acho que a 201 também, acha que é as quadras melhor é essas, é as quadras melhor que tem é essas quadras aqui, não tem muito assim, agora foi pracolá, pro rumo da 600 e pouco, 800 e pouco, pracolá, já é mais difícil.*
 (Eu) – *Então, esse pedaço aqui da 100, da 200, a senhora acha que é o melhor pedaço?*
 – *Eu acho o melhor. Uhum.*
 (...)
 (Eu) – *O pessoal de lá tem que descer pra cá?*
 – *Tem que descer pra cá. Uhum.*
 (Filha) – *Ou então o lá debaixo tem que subir pra cá. A gente ficou praticamente no centro da cidade. A gente tá perto de tudo, de mercado, de banco, de farmácia.*
 – *De tudo né.*
 (Filha) – *De tudo. A gente ficou bem no centro mesmo.*
 – *Ficou uma das quadras melhores é essa aqui (MARIA ALCINDA, 2016: 434).*

Ao contrário dos pais, no entanto, a filha de Maria Alcinda não percebe essas quadras como a parte de cima do Recanto das Emas. Para ela, o fato de estarem "praticamente no centro da cidade", ou ainda, "bem no centro mesmo", faz com que quem não viva lá que tenha que subir para o seu espaço da cidade. Mais uma vez, o comércio abundante, o ter tudo ao redor surge no imaginário da espacialidade para adensar sua centralidade no Recanto das Emas. Mas além disso, a intervenção da filha remete às lembranças da passagem pela invasão, pois em outro momento, ela situa que "a gente morava lá embaixo na invasão" (MARIA ALCINDA, 2016: 438). O centro é o cima que se contrapõe a esse espaço de dificuldade, o baixo, que é espaço do periférico e da invasão no imaginário dela e na espacialidade que (re)constrói.

Para moradoras das quadras 800s, predomina uma percepção similar a essa. Em suas narrativas, elas dão a ver e a ler seu espaço como um baixo, que assim como em outros casos, é composto nessa gradação. Um baixo que se contrapõe a esse centro do comércio, mas que também se distingue de um mais abaixo, mais periférico. Quando Ana e a filha tentam se localizar na espacialidade da cidade durante a entrevista, elas permitem ver a escala de gradação do baixo em seu espaço, pois elas contam que:

– *Tem. Não fica muito perto, mas tem. Ali, do lado do corpo de bombeiro que eu me consulto, Brenda?*
 (Filha) – *Você tá falando do que? Da UPA? No sentido da UPA ou mais cá embaixo?*
 – *Não, não é na UPA não. Que eu tenho as receitas, que eu mandei você pegar lá.*
 (Filha) – *Ah, sei, aquele lado do postinho lá (ANA, 2016: 475).*

Entre a UPA e seu espaço de morar distribui-se no que é narrado o "mais cá embaixo", ainda que Ana estivesse se referindo a outra área, o posto de saúde na quadra 307. O espaço da quadra 804 é disposto embaixo no relato, mas também há lugar para

esses atributos que identificam o baixo na cidade. O que Maria João narrou como "sociedade carente", Ana percebe como "vagabundo demais", que se descer a rua podem ser encontrados, com suas festas, que localizam as mortes dos jovens. A moradora indica que:

– *Aí, quietou. Aí, quando, tem mais ou menos uns dois anos, né Brenda? Aqui embaixo? Tem um vizinho ali, que faz umas festas aí loucas e junta muito...*

– *Muito malandro?*

– *Muito vaga, fala assim, vagabundo, né. Junta vagabundo demais. Já aconteceu quatro mortes, não foi Brenda, aqui?*

(Filha) – Aham.

– *Nessa rua aqui, descendo, ali embaixo, já aconteceu quatro mortes de menino novo, de menino menor, assim, dezesseis, dezessete, quinze anos, que morreu. O último que morreu, morreu dentro da casa dele, né. Tinha o que, dezessete anos, Brenda? (ANA, 2016: 472).*

Esse "ali embaixo" preocupa Ana, mas (re)compõe sua espacialidade e mesmo a da filha, que a todo tempo é convidada a concordar na narrativa da moradora. Existem formas de imaginar o espaço que circulam. Nesses sentidos, essas espacialidades se articulam com a espacialidade da filha de Maria Alcinda, estabelecem o sentido cima/baixo articulado ao de centro/periferia entre espaços do Recanto das Emas. A associação entre esses dois pares é um elemento recorrente em várias das narrativas memorialísticas, ainda que o sentido nem sempre seja o mesmo. A própria Maria Alcinda e o marido estabeleceram o sentido inverso baixo/cima ao par centro/periferia, assim como o faz Maria Joana ao localizar sua moradia, "aqui no Recanto, no Recanto, lá em cima, na 602, ali onde é o ponto final lá (MARIA JOANA, 2016: 404). Ainda assim, entre as pessoas entrevistadas prevalece o primeiro sentido, como no caso de Antônio, que também liga a área central ao comércio, define essa centralidade como o "início" da cidade. Ele conta que:

– *O comércio aqui, mercado, tá mais ou menos, agora tem que, teria que ter mais coisa aqui pra baixo, tudo que você quer tem que ir lá em cima, no início. Porque o comércio mesmo forte é lá, agora, aqui pra baixo, tá funcionando mesmo é só mercado, supermercado. Outros tipos de comércio...*

– *Farmácias?*

– *Farmácia também tem, tem, tem, só que teria que ter mais, né, pra ter concorrência, porque você, ou você se não quiser cair aqui, você tem que ir pra lá.*

– *Banco?*

– *Banco teria que ter mais aqui pra cá, porque tem Banco do Brasil só lá em cima, Caixa também (ANTÔNIO, 2017: 563)*

Para Antônio, o cima se liga ao início, o baixo ao final. O início é o espaço do centro, do comércio, dos bancos, da concorrência, é "lá em cima", enquanto que o final é a periferia do comércio mais ou menos, da falta, é "aqui pra baixo", nessa narrativa. Maria das Benções também associa cima e início, mas um início como tempo,

das quadras primeiras, quando conta que "não, as primeiras foram aquela parte lá de cima, aquelas lá na ema, aquelas quadras pra lá" (MARIA DAS BENÇÃOS, 2016: 455). Mas em ambos os casos a espacialidade do Recanto das Emas é contada como alta no início, início que é o centro.

Arlete também associa esses pares, o sentido cima/baixo, centro/periferia ao narrar sua espacialidade do Recanto das Emas. Tendo morado em duas áreas da cidade, ela percebe a primeira, na 204, também como esse espaço onde tem tudo e relata que: "só que, assim, tem muitas coisas boas que eu gosto, o que eu gostava mais também, principalmente, lá em cima, tudo era perto pra mim. Morava pertinho de tudo, era perto do colégio, era perto do mercado, era perto da parada, era perto de tudo" (ARLETE, 2016: 495). Morar perto de tudo para essa moradora era o melhor nesse "lá em cima", espaço para onde ela sonha voltar. Entretanto, prevaleceu a necessidade de colocar os filhos sob um teto, o que significou mudar-se para outra área da cidade. De acordo com Arlete, "aí, com o tempo, eu vendi lá, porque eu não tinha condições de construir. Aí, eu digo, 'vou vender aqui e comprar mais embaixo já construído, né'. Era mais fácil botar meus filhos debaixo de um teto" (ARLETE, 2016: 491). Ela narra, portanto, como a necessidade a leva a deixar o "em cima", o centro, a proximidade de tudo, e deslocar-se pra "mais embaixo", área menos valorizada, nas quadras 500s, onde ela poderia adquirir um teto. Mas assim como os sonhos de voltar, Arlete conta que deixou mais laços no primeiro espaço, pois de acordo com a mesma, "aqui eu conheço assim, só o pessoal lá de cima mesmo da 204, foi onde eu convivi mais, lá eu conheço muitas pessoas, mas aqui... Aqui tem uma" (ARLETE, 2016: 495).

Entre as pessoas conhecidas "lá em cima" por Arlete está Maria Alcinda, sogra de sua filha e antiga vizinha de fundos. Nessa outra entrevista, não só Maria Alcinda, mas também sua filha, e mesmo sua nora, percebem a área mais antiga da cidade, ao contrário de Antônio e Maria das Benções, como um baixo na espacialidade do Recanto das Emas. Nesse sentido, elas discutem que:

(Filha) – É que quando a gente chegou, já tinha essa parte de baixo aí.

– Já tinha essa parte de baixo ali já.

(Nora) – Disse que tinha um cuidador de emas lá pra baixo (MARIA ALCINDA, 2016: 435).

Essa parte contada como mais abaixo, que já existia quando da chegada da família, no entanto, não é um espaço que se busca. Ele marca uma fronteira que afasta e não uma ponte que conecte (Cf. CERTEAU, 2014: 194). É um aqui/lá que rompe essa associação alto/baixo com centro/periferia ou início/final, pois o alto passa a definir

onde nós estamos, a "quadra nossa". Nesse caso, não busca-se uma gradação entre o alto e o baixo, mas uma oposição total, mesmo se são espaços divididos por uma avenida, pois de acordo com as moradoras:

- (Marido) – Tinha nada aqui. Não tinha nada.
– Pelo menos aqui na quadra nossa.
– Vocês falaram que tinham as quadras, que aqui pra baixo já tinha.
– É, lá pra baixo, na 101, 102...
(Filha) – Mas a gente não andava pra lá.
– Mas a gente não andava pra lá. Eu mesmo...
(Filha) – A gente não conhecia lá.
– A gente nem conhecia pra lá. Eu mesmo só era do serviço pra casa
(MARIA ALCINDA, 2016: 436).*

Enquanto para moradoras de quadras mais afastadas, como Maria das Bançãos, Antônio ou Ana, essas quadras primeiras representam a parte mais de cima do Recanto das Emas, para quem vive ali próximo, como Maria Alcinda e sua família, isso não acontece. Essa moradora narra esse espaço como afastado e baixo. A ênfase em não circular por ali, em nem sequer conhecer ecoa na narrativa lembranças da experiência dessa família com a passagem pela invasão na quadra 405 e, provavelmente, os conflitos com moradores mais antigos do Recanto das Emas à época, como aconteceu também quando da constituição das quadras 500s.

Saturada de significados e sentidos, portanto, a espacialidade que cada uma das moradoras vai (re)construindo em suas narrativas transborda lembranças e sentimentos que circularam pelo espaço do Recanto das Emas. Esses sentimentos, afetividades e até mesmo memórias involuntárias, tão importantes segundo Jacy Seixas (Cf. SEIXAS, 2004: 44), vão reordenando a cidade, fazem-na mapa e percurso, um ver e um fazer (Cf. CERTEAU, 2014: 186), um sobe e desce que (des)orienta.

É assim que Maria João, ao lembrar e narrar o que percebe como símbolos do desenvolvimento da infra-estrutura urbana, vai localizado sua distribuição do espaço da cidade, sua espacialidade, o que implica (re)compor essa espacialidade. Sendo assim, a moradora percorre e mapeia com seu relato ao contar que:

- Pois é, duas Clínicas da Família, tem posto de saúde né, e tem, tem aquele outro posto lá em cima, posto 1 e posto 2 né, quer dizer dois postos de saúde, tem delegacia, tem atendimento à mulher, tem faculdade. Olha, pra quem veio pra cá, que não tinha nem ônibus, não tinha nem água, para ver hoje faculdade né, ó, nós temos quantas faculdades aqui? Nós temos a... A... Aquela lá em cima que eu nem sei qual o nome dela.
– Eu lembro que tinha a Faculdade da Terra, mas que fechou.
– Faculdade da Terra. Fechou, a Faculdade da Terra fechou.
(Sandra) – Tem a JK.
– Tem a JK, é, tem a JK, e tem aquela outra lá em cima, como é o nome dela? É a? É JK e tem uma que tá aqui pra baixo, aonde era um mercadão ali pra baixo.
(Sandra) – Essa é a JK, a da Terra fechou.*

– A da Terra fechou? E aquela que é lá perto da clínica onde a Valdete trabalhava? Que é perto da CAES... da CEB, subindo ali pro rumo da UPA? Tem uma faculdade ali.

– Não conheço...

– Não né. Eu não sei, mas eu acho que ali ou é um curso né, um curso assim que faz curso assim esses negócios assim, então muita coisa, ó, mercado, padaria né, tudo. A... A... Como é que a gente fala quando desenvolve uma cidade? Infra-estrutura né... (MARIA JOÃO, 2016: 384).

Para essa moradora, há um outro posto lá em cima¹⁸², que se contrapõe ao posto de saúde mais próximo da quadra 307, e a faculdade cujo nome ela não lembra. Subir pode tomar a direção da UPA, descer, o de seguir para a faculdade JK onde era o mercadão. Entre cima e baixo segue esse "como é que a gente fala quando desenvolve uma cidade"? Espacialidade.

As emas

A espacialidade é (re)construída pelas moradoras entre altos e baixos, lugares e não-lugares, sempre atravessada de significados. Os usos e apropriações do espaço do Recanto das Emas vão sendo narrados nesses percursos e nesses mapas que são dados a ver e a ler entre as histórias de vida. As moradoras (re)criam referências, monumentalizam um lugar que nunca chega a existir, como o hospital, situam uma topografia da centralidade para cada parte da cidade. E entre tantas práticas e imaginários, a espacialidade passa pelas emas do Recanto.

Em um sentido mais simples e direto, a palavra ema se refere ao par de estátuas de emas localizadas em uma grande rotatória em uma das entradas da cidade. Algumas das moradoras entrevistadas se referem à ema, como é o caso de Maria das Benções, para localizar não a entrada da cidade, mas sim as primeiras quadras do Recanto das Emas. De acordo com a narrativa da moradora:

– Não, as primeiras foram aquela parte lá de cima, aquelas lá na ema, aquelas quadras pra lá.

– A 101, 102?

– Foi, foi as primeiras que o pessoal recebeu o lote. Depois que o pessoal recebeu tudo lá, aí continuaram recebendo aqui. Quer dizer que lá é mais velho do que aqui (MARIA DAS BENÇÕES, 2016: 455).

Além desse centro e dessa origem construídos pelo "lá em cima", o ponto de referência que situa aquele espaço é a ema. Maria das Benções é a única das moradoras

¹⁸²Maria Alcinda também se refere à construção dos dois postos de saúde da cidade, localizando-os de maneira inversa à Maria João, já que narra que "aí, depois disso, aí foi evoluindo, aí foi vindo, é, saúde em casa, foi vindo, é, posto, começaram a fazer o posto, primeiro foi o lá de baixo, aí por último foi esse daqui, o número dois, mas tudo bem" (MARIA ALCINDA, 2016: 422).

entrevistadas a fazer alusão à construção dessas emas ao lembrar o nome do artesão que as construiu. De acordo com a lembrança contada pela moradora:

- *Como a cidade chama Recanto das Emas, quando a senhora veio pra cá tinha ema aqui ainda? A senhora viu ema alguma vez?*
- *Não, mas ô, depois que o Roberto botou essas emas aí. Lá no começo.*
- (Neta) – Mas tem um significado, né.*
- *Não as estátuas lá do começo. Mas eu digo, por exemplo, passeando, os bichos aqui pelo mato, a senhora viu alguma vez? Porque a senhora falou que chegou era só mato aqui.*
- *Era só mato, aqui era roça de milho.*
- *Tem algumas pessoas que eu entrevistei, que falaram que viram ema aqui ainda ou que escutaram as emas cantando de longe. A senhora viu alguma vez?*
- *Não vi não. Isso aí não vou falar pro senhor que eu vi, que eu não vi, né.*
- *Nunca viu?*
- *Não.*
- *Eu digo, assim, porque tinha muito bicho aqui quando a senhora chegou ainda, ou não?*
- *Tinha não.*
- *Ou já tinha tirado o cerrado todo.*
- *Já tinha e tava só aquela roça de milho, aquela roça aqui. Aí foi que a gente foi e limpou aqui. Só tinha mais era milho (MARIA DAS BENÇÃOS, 2016: 463).*

Embora minha pergunta se referisse aos animais que vivem no cerrado brasileiro, em busca de mapear as razões do nome da cidade, a moradora fez outra leitura da pergunta. Ela menciona o nome de Roberto, conhecido na cidade como Roberto da Ema¹⁸³, e que a construção das estátuas das emas é posterior à sua chegada ao Recanto das Emas. A neta intervém para mencionar que as emas tem um significado, ou que na verdade, o nome da cidade ser Recanto das Emas tem um significado, embora não prolongue a análise. Nessas narrativas, as emas significam um marco da entrada da cidade, simbolizam o começo que é o centro. É um significado que também circula pelo

¹⁸³ De acordo com reportagem do sítio Política do Cerrado, Roberto da Ema chama-se, na verdade, Carlos Alberto Mendes de Souza, mas é informado que ele ficou "conhecido por Roberto da Emas e é o escultor das Emas de concreto símbolo na entrada da cidade". A partir de entrevista com Roberto é informado que ele veio para "Brasília com três anos de idade, em 1959, quando foi morar no Núcleo Bandeirante". Além disso, que ele foi "pioneiro no Recanto das Emas, Roberto chegou em 1992, ainda antes de o povoado ter sido oficialmente reconhecido. O primeiro administrador se interessou muito em fazer uma escultura que marcasse a cidade. Um amigo 'Márcio Rodrigues' quem o apresentou e disse: 'ele tem condições de fazer'. Então, em 1993 Roberto fez a primeira Ema, no transporte, ocorreu um incidente e quebrou as pernas, por isso, até hoje está lá como se fosse no ninho" (SÍTIO POLÍTICA DO CERRADO, 2017, 16/06 <https://politicadocerrado.wordpress.com/2017/06/16/o-palhaco-chocolate-e-a-parede-a-historia-do-ilustre-roberto-da-ema/#comments>). O sítio se destina a angariar fundos para um documentário sobre o Recanto das Emas e o trabalho de Roberto. Em uma entrevista da série Gente de Brasília, produzida pelo GDF, disponível na internet, o artesão descreve esse incidente ao contar que "minha primeira relação com a arte dentro do Recanto das Emas foi fazer a primeira ema praticamente. Quando nós fomos colocar a primeira ema, ela quebrou as pernas, pela questão do peso. E tentamos colocar ela em pé, não conseguimos" (GENTE DE BRASÍLIA - SÍTIO YOUTUBE, 2016, <https://www.youtube.com/watch?v=odp6Yx414Yc&spfreload=10>). A construção da estátua é um marco para o artesão e para o morador, mas também para a cidade, mesmo que em sentidos muito além daqueles pretendidos pelo primeiro administrador, conforme conta o sítio Política do Cerrado.

imaginário de Ana e pelo (re)construir a espacialidade da cidade. Essa moradora também se refere às estátuas ao pensar em emas na cidade, conforme ela conta:

– *Como eu vi essa parte aberta aqui, uma coisa que eu pergunto pra todo mundo, eu acho que não deve ser o caso da senhora, a senhora chegou a ver uma aqui alguma vez?*

– *Não.*

– *Nunca viu não?*

– *Nunca vi não.*

– *De uma só o nome do Recanto das Emas?*

– *É e aquelas que tem ali na entrada.*

– *Na entrada, no balão né. Entendi. Porque tem um pessoal que eu entrevistei que é bem do comecinho, de 93, de 94, que quando chegou aqui fala que viu as emas aqui ainda, porque era cerrado ainda.*

– *Eu lembro do cerrado, mas não cheguei ver uma não (ANA, 2016: 477).*

Assim como Maria das Benções, Ana narra nunca ter visto os animais silvestres emas pelo cerrado. Embora se lembre do cerrado, como a outra moradora se lembra do mato e das roças de milho, ela não o associa a esses grandes pássaros. A imagem das emas lhe surge como marco da entrada da cidade. A ema, portanto, é símbolo desse urbano que se construiu, onde a cidade começa e por onde seu ônibus circula, conforme ela narra em outro momento:

E, uma vez, tem muito tempo isso, que eu é vinha do trabalho e me aconteceu um assalto dentro do ônibus, só isso, já na entrada do Recanto, né. Porque ele saiu, né, o ônibus saiu do Riacho Fundo 2, né, aí faz um balão já pra entrar aqui na ema, que todo mundo foi assaltado, só isso (ANA, 2016: 478).

Após deixar a cidade conjugada, o Riacho Fundo 2, o ônibus segue seu trajeto cotidiano de fazer o balão da ema pra entrar no Recanto das Emas¹⁸⁴, que nesse dia foi diferente pelo assalto dentro do ônibus. De qualquer forma, para Ana e para Maria das Benções, ema é um termo que se refere ao urbano, ao espaço da cidade, à circulação pelo Recanto das Emas. Outras moradoras, no entanto, relembram as emas enquanto símbolo do que havia antes da chegada da cidade ou do cerrado que ainda persiste nos limites dessa cidade. Nesses casos, esses animais silvestres ou sinais de sua existência são lembrados e narrados como representações de uma espacialidade que se

¹⁸⁴ Maria João também faz referência a esse espaço da cidade, mas em termos distintos, pois o classifica como a saída da cidade, além de não mencionar a rotatória, mas sim a necessidade de um viaduto. De acordo com o relato da moradora: "mas melhoria de infra-estrutura pode fazer. Por exemplo, um viaduto ali na saída do Recanto, não é? Tá necessário. Por que? Porque ali tem acontecido muitos acidentes né. Ou um semáforo né, daqueles que vai lá... Como é que fala aquele semáforo que tem aquelas muitas bolinhas, que ele começa amarelo, verde, até..."

- Vai baixando...

- É, baixando. Ou pelo menos um semáforo daquele pra dar tempo dos carros transitarem. Porque são vidas que tão em jogo né, são vidas. Por exemplo, a nossa né, as dos nossos filhos tão em jogo ali naquele pedaço, tão em jogo no trajeto todo, mas aquele pedaço ali é o pior" (MARIA JOÃO, 2016: 387). Para essa cobradora de ônibus, esse pedaço do Recanto é marcado pelos riscos de acidentes de trânsito, não havendo lugar na narrativa para a ema ou outras referências.

contrapõe àquela da cidade do Recanto das Emas, porque a antecede ou porque faz fronteira com ela, como é possível perceber no relato de Dasdores:

– *Então, ainda se ouvia, naquele tempo, naqueles anos, os bichinhos, as emas, dá um sinal, né. É tão bonito, o senhor já ouviu ema, já um bocado de coisa?*

– *Já, eu...*

– *Pois é, não sei se é ela ou se é o macho...*

– *Que canta, que grita.*

– *Que grita, é, voando, correndo né. Então, já ouvia, eu ficava assim "ah, meu Deus, que pena, o povo vai pegar, vai matar". E os ovos também, que são muito valiosos, né. E tudo foi sumindo né, aos poucos (DASDORES, 2016: 368).*

Esse tudo que foi sumindo aos poucos, segundo a moradora, foi-se como as emas e seus ovos. Por haver valor, "o povo vai pegar", expressando em certo nível o fluxo de aumento da população e ocupação do solo que vai tensionando as áreas rurais e de preservação que haviam. Mesmo sem tê-las visto, a moradora se preocupa, percebe e conta como o avançar do urbano vai devastando o espaço dos animais. Um canto que ainda se ouvia e que "é tão bonito", segundo ela. Maria Joana também faz referência ao canto das emas para representar sua presença, mas dá conta de que estas ainda circulam pelos limites da cidade, "na beira desses matos". De acordo com sua narrativa:

– *Quando a senhora chegou tinha muita ema? Porque tinha mais mato né, tinha mais cerrado.*

– *Tinha mais mato, cerrado.*

– *Depois a cidade vai crescendo.*

– *Mas a gente escuta até hoje as emas cantando.*

– *É?*

– *É. Nessa beira aí, saio eu cantando latinha aí, eu escuto elas, bem cedinho, elas cantando. Até hoje tem elas na beira desses matos ainda tem elas, viu. Mas sempre quando a gente mudou pra cá, direto a gente ouvia elas cantando, agora tá mais difícil, mas ainda a gente vê, ouve elas cantarem ainda.*

– *Por que a cidade cresceu, né? Afastou as bichinhas.*

– *É, afastou as bichinhas.*

– *Que bom que ainda tem né.*

– *Tem, tem, a gente escuta. Eu já vejo, bem cedinho, a gente escuta elas cantando ainda, é porque afastou as bichinhas, né? No começo, no começo, a gente cantava, a gente, nossa, a gente ouvia, só ouvia a cantoria delas.*

– *No começo era mais só chácara aqui?*

– *Era mais pouca casa né, mais pouca gente, aí, as bichinhas apareciam cantando. Ver, ver, não vi não, mas só escutava as cantigas delas (MARIA JOANA, 2016: 412).*

Enquanto Maria Joana "canta" suas latinhas, bem cedo, pelos limites do Recanto das Emas, ela conta que é possível ouvir o canto das emas. Não mais como quando da chegada, quando a lembrança é de um canto abundante. Menos casas, menos gente, mais cantigas das emas. Assim como com Dasdores, a lembrança desse canto trás satisfação à moradora, aquele sabor que salta da memória e tanto aproxima quanto

distância o que foi e o que é hoje em dia. Mesmo se "hoje tá mais difícil", se não se houve mais "direto", ainda assim, existe um espaço das emas, embora afastado.

Antônio é mais um morador que faz referência ao canto das aves, mas com uma ressalva. Ele reconhece este como sendo das siriemas, outro animal silvestre típico do cerrado brasileiro, e não das emas. De acordo com o relato desse morador:

– *O senhor quando mundo pra cá, nesse começo que tavam só os lotes marcados, o senhor alguma vez chegou a ver ema por aqui?*

– *Não.*

– *Nunca viu?*

– *Nunca vi. Eu ouço muito o canto da siriema, porque tem um outro lado aqui, né, que, às vezes, eu não sei qual a época que ela fica cantando, porque desses tempos pra cá, eu não vi mais. Sempre tem o tempo que ela canta pra caramba do outro lado, porque tem umas chácaras aqui pra cá, do outro lado do córrego ali, e eu ouço só ela cantando, agora ema mesmo, eu nunca vi aqui não.*

– *Mas ainda dá pra escutar pelo menos o canto da siriema?*

– *É.*

– *Entendi.*

– *A siriema canta bem.*

– *Tem algumas pessoas que eu entrevistei, que são, assim, de 93, bem do comecinho do Recanto, que falam que ainda viram ema, que ainda tinha muito cerrado na época ainda.*

– *É, eu acho que foram as primeiras, porque o pessoal acha que o Recanto começou lá. O Recanto começou da entrada da Fazendinha pra cá, as quadras eram pequenas. Eu lembro que, quando eu vinha visitar o lote com o pessoal aqui, a gente entrava, tinha, você via uma parte de mato alto praquela banda de lá, tinha muito cerrado pra lá. Então, acho que naquela parte de lá deveria ter ema, né, mas eu mesmo nunca cheguei a ver não (ANTÔNIO, 2017: 561).*

Segundo esse morador, os pássaros silvestres, sejam siriemas ou emas, simbolizam tanto o cerrado que existia ali antes da cidade, como aquele que a limita, a margeia nas chácaras da zona rural. No primeiro caso, o morador lembra quando do início da formação da cidade do Recanto das Emas, que ele percebe começando "da entrada da Fazendinha pra cá"¹⁸⁵, com quadras pequenas. Havia o mato alto, muito cerrado, onde era possível haver emas para Antônio. Aqui também ema significa cerrado, uma área para além da cidade que se estabelece.

No segundo caso, o canto das siriemas persiste do outro lado do córrego, entre as chácaras. São pássaros que cantam bem, em uma mesma época que Antônio não se recorda, mas que nos últimos anos não se houve mais, embora no início da narrativa ele conte que "eu ouço muito", pois "ela canta pra caramba". Dessa forma, o canto desses animais dá a ver e a ler esse espaço para além da cidade, o outro lado da fronteira marcada pelo córrego no relato de Antônio. Estabelece esse paradoxo das fronteiras de que fala Certeau, para quem "criados por contatos, os pontos de

¹⁸⁵ Conforme discutido no capítulo 3, ver nota 100, p. 121.

diferenciação entre dois corpos são também pontos comuns. A junção e a disjunção são aí indissociáveis. Dos corpos em contato, qual deles possui a fronteira que os distingue? Nem um nem outro" (CERTEAU, 2014: 195). As chácaras que são o "lá" também são o "aqui pra cá" e um ponto se abre no outro como o irromper do canto das siriema.

Para outras pessoas que moram no Recanto das Emas, como Maria Alcinda e Deusmar, não há nem mesmo essa possibilidade do reverberar da presença das emas. O casal conta nunca ter visto os animais, mas o marido lembra e narra essa presença do espaço do cerrado através da imagem de outros animais. De acordo com o casal durante a entrevista:

– Na época que vocês mudaram pra cá, tinha ema aqui ainda?

(Marido) – Tinha não.

– Tinha não, tinha mais não.

– Vocês nunca viram ema aqui?

(Marido) – Na verdade, ainda tinha veado, tatu ainda tinha.

– Ainda tinha veado e tatu. Mas ema mesmo vocês nunca viram?

– Não, não vimos não.

– Só as lá da entrada da cidade, as estátuas?

– Só. Uhum. Nós não vimos ema não, não chegamos a ver isso mais não, aqui não. Porque logo o pessoal meteu o trator, foi derrubando tudo, desmatando tudo, né?

– Derrubou o cerrado todo?

(Marido) – Aí, tatu ainda tinha muito ainda, ainda tinha muito.

– Agora, ema nós não vimos não (MARIA ALCINDA, 2016: 429).

Para Maria Alcinda, as emas podem ter havido antes, "tinha mais não", representam esse lugar do cerrado que antecede o espaço da cidade, pois já haviam passado os tratores que abriam caminho, o cerrado que foi todo derrubado, todo desmatado. É o marido Deusmar que faz referência a imagem do cerrado que circunda e persiste nos limites ao lembrar outros animais silvestres, os veados e os tatus, que "tatu ainda tinha muito ainda", contrapondo e envolvendo o lembrar da esposa.

Ainda assim, se para o casal não haviam mais emas ou se Antônio nunca viu as emas, mas percebe onde elas poderiam existir no passado, Maria João lembra e narra como foi vê-las. Essa moradora, que chegou à cidade nesse período em que Antônio ainda era um visitante, pois ele vinha ao lote que vizinhos de Samambaia haviam recebido, conta sobre essa experiência:

– Tinha ema aqui quando a senhora mudou?

– Tinha. Olha, um dia, eu cheguei a ver elas ali, correndo, as bichinhas, sabe. E elas cantavam, elas cantam bonito demais né. Principalmente quando tá perto da chuva né. Eu ainda cheguei.

– É um bicho muito bonito né.

– Muito bonito né. Eu já conhecia, não foi um animal estranho pra mim, porque lá no Goiás, eu conhecia ema, na fazenda do meu pai tinha, de vez em quando a gente via ema lá né e eu cheguei a ver um dia aqui. Eu fui caçar, fiz uma horta aqui, aí fui pegar estercos de vaca, era um domingo à tarde né, e tava assim nublado, assim elas cantando ali, aí eu vi elas

correndo assim, eu achei tão bonito, sabe. Então, Recanto das Emas tinha ema.

– Tinha ema né.

– Tinha ema, tinha.

– Hoje em dia cresceu tanto né...

– Cresceu tanto que as bichinhas sumiram.

– Espantou as bichinhas?

– Espantou.

– Foi destruindo o cerrado?

– Eu acho que elas tão pra lá do Gama já. Eu acho que elas tão pra lá do Gama, é (MARIA JOÃO, 2016: 386).

Maria João não apenas afirma a existência das emas, que no "Recanto das Emas tinha ema", como respalda seu entendimento pela experiência anterior, no interior de Goiás, onde já havia avistado emas, um animal que não lhe era estranho. Nesse sentido, as aves também aqui significam esse cerrado que antecede a cidade, bem como o cerrado que limita, que margeia, que está além da cidade, podendo até mesmo ser percebido como cada vez mais longe, "pra lá do Gama". Além disso, o avistar das emas situa esse período que elas cantam, que Antônio não soube precisar, mas que segundo Maria João é na época das chuvas, que se delineia no domingo nublado. A narrativa mais uma vez transborda esse sentimento de satisfação com o canto dos pássaros, "elas cantam bonito demais".

Entre serem percebidas ou não nesse fora da cidade que reafirma a espacialidade do Recanto das Emas, as emas orientam os percursos lembrados e narrados pelas moradoras em suas experiências da cidade. Elas significam limites, fronteiras ou espaços específicos dentro da cidade. Não importa aqui tanto os animais em si, mas o que eles representam para as moradoras que lembram e narram esses encontros. Nesse sentido, é interessante o relato de Arlete, que conta como seus filhos avistaram esses animais silvestres:

– A senhora chegou a ver ema aqui no Recanto das Emas alguma vez?

– Não.

– Nunca viu ema?

– Vixe, meus meninos viram.

– Viram?

– Mas eu não vi. Porque eles brincaram, brincavam, nós pegávamos lenha, como não tinha... Não tinha energia, aí, a gente fazia igual lá na Bahia. Pegava lenha ali na beira daquela BR, naqueles eucaliptos ali, ali eles cortaram, muita árvore, pra limpar, né, e ficou aqueles galhos assim. Aí, todo dia, a gente pegava. Aí, um dia, eles foram pegar, mas eu não fui, aí, chegaram gritando e rindo, que tinham visto a ema. Eu não vi. Mas eles que viram, porque saíram correndo dizendo que tinha visto, mas eu não cheguei a ver não.

– A maioria das pessoas que eu entrevistei disse que nunca viu.

– Eu nunca vi não.

– Só viram as estátuas das emas que tem lá no balão.

– Eles dizem que viram.

– Mas algumas pessoas que eu entrevistei desde o começo disseram que chegaram a ver as emas. Que nessa época tinha mais cerrado.

– Tinha, tinha bastante cerrado. Não tinha ali no Riacho Fundo, ali aquela frente, ali não tinha casa, né, era tudo cheio de cerrado (ARLETE, 2016: 507).

Esses limites da cidade do Recanto, esse cerrado, que tinha bastante, onde não havia casa, que pode se estender até a cidade contígua do Riacho Fundo, vai sendo dado a ver e a ler nos rastros desses passos enunciantes que seguem rumo aos eucaliptos cortados e na euforia juvenil de avistar uma ema. Essa rotina de buscar os galhos cortados, todo dia, pois não tinha energia, vai traçando os contornos do crescimento da área urbana, nos permite historicizar esse espaço e perceber a espacialidade da moradora, assim como seus filhos se entusiasmaram, gritavam e riam ao contar que viram a ema.

Ruas

Assim como surgem as emas, que despertam o entusiasmo juvenil e que representam o outro lado, da natureza, do cerrado, que está além da cidade e que a circunda, outras vezes aparecem nas narrativas outras imagens que marcam limites e abrem outras possibilidades de dar a ver e a ler a cidade, como as estradas e rodovias, as BRs¹⁸⁶. Se as emas representam esse cerrado que antecedia e que envolve, a BR aparece como referência para chegar ou deixar a cidade. A BR é a rua que leva para fora da cidade do Recanto das Emas ou trás para dentro, como na análise de Certeau, sendo ponte e fronteira, conectando, limitando e pertencendo (Cf. CERTEAU, 2014: 194). A BR-060 e a BR-251¹⁸⁷ servem como referências para encontrar a cidade, como é explicitado por Maria Alcinda, quando conta como foi tomar o ônibus errado, parar em outra cidade e buscar orientação para retornar ao Recanto das Emas. De acordo com a moradora, "aí falou assim, 'você atravessa a pista aqui e pega o ônibus que vai pro Setor O, daquele lado ali, que aí você desce lá na pista lá perto do Recanto, aí você vai se embora'. E assim eu fiz. Perdida" (MARIA ALCINDA, 2016: 437). Embora, nessa situação lembrada e narrada, a moradora se sentisse perdida, durante a noite, vinda de

¹⁸⁶ De acordo com a nomenclatura das rodovias federais. São os nomes definidos pelo Plano Nacional de Viação (PNV). A nomenclatura das rodovias é definida pela sigla BR, que significa que a rodovia é federal, seguida por três algarismos.

¹⁸⁷ Nessa parte interna do Distrito Federal, a BR-251 passa a ser denominada DF-001 ou Estrada Parque do Contorno (EPCT). O mesmo acontece com a BR-060, que passa a se chamar DF-075 ou Estrada Parque Núcleo Bandeirante (EPNB), mas isso só acontece após o Recanto das Emas, por isso só altero a partir daqui a denominação da primeira de BR-251 para DF-001.

outra Santa Maria, em outra parte da entrevista, ela indica como era recorrente sua circulação entre seu espaço de morar e essa pista. Segundo a moradora:

– Na beira da pista, na beira da pista lá tinha os galpões, que era onde eles, que acho que criava as coisas pra lá, né. Aí, mas pra cá mesmo, nós não vimos isso mais não.

(Eu) – Galpão da Só Frango?

– É.

(Filha) – Era.

– Galpão da Só Frango.

(...)

– Uhum. Já tavam desocupados já. Aí, como já tinha água encanada e tudo pra lá né, a gente pegava água lá, lavava roupa pra lá, a gente lavava roupa, né Valéria? Você lembra, né? Tinha uns canos lá estourados pra lá, que estourou e ficava derramando água direto, a gente ia lavar roupa, ia tomar banho pra lá, ia pegar água pra lavar alguma coisa em casa, pra lá.

(Eu) – Mas era longe?

– Não, não era muito longe não.

(Filha) – Era ali nas 200s. Que é hoje ali na, ali na...

(Nora) – 202 né? Do lado de cá.

– É.

(Filha) – PRÓ-DF né que fala né?

– É.

(Nora) – É.

(Filha) – Onde é o PRÓ-DF hoje em dia.

– É, pracolá. Ficava na beira da pista pra lá né, até hoje né, aí como tinha água pra lá, a gente ia lá pegar (MARIA ALCINDA, 2016: 430).

Ainda que surja como um lá, a pista onde ficavam os galpões da Só Frango, a DF-001, e onde hoje existe o PRÓ-DF¹⁸⁸, não era muito longe, segundo a moradora. Era um espaço por onde circulavam para buscar água, tomar banho, lavar roupas e utensílios. Ela lembra um ir e voltar até a "beira da pista", esse limite onde havia justamente o que faltava no interior do Recanto das Emas: a água. Naquele espaço, a água ficava derramando. Maria Alcinda cobra essa lembrança da nora Valéria, uma cobrança que é reafirmação do lembrado, educação e transmissão da memória entre gerações (Cf. RICOEUR, 2012: 75) . Mas também narra a quem mais ouve ou lê.

No entanto, além dessas rodovias federais, que margeiam, contornam e conformam o espaço do Recanto das Emas, existem outros espaços de trânsito e percurso lembrados e narrados pelas moradoras. As ruas são lembradas, muitas vezes, como símbolos da cidade pelas moradoras. É o que Dasdores dá a ver e a ler quando conta que "mas as ruas, a rua já tinha asfalto, já tinha asfalto, só não tinha água, cada um puxava a sua, mandava ir na CAESB, porque não tinha, a rua tava feia né, mas

¹⁸⁸ O PRÓ-DF é a sigla do Programa de Promoção do Desenvolvimento Econômico Integrado e Sustentável do Distrito Federal (PRÓ-DF), criado pela lei nº 2.427/99, de 14 de julho de 1999, que substituiu os programas de desenvolvimento econômico do Distrito Federal pré-existent. De acordo com o texto da lei, "o PRÓ-DF tem como objetivo a promoção do desenvolvimento econômico integrado e sustentável do Distrito Federal, mediante a implantação, expansão, modernização e reativação de empreendimentos produtivos dos setores econômicos que atendam aos critérios estabelecidos nesta Lei e no regulamento" (DODF, 1999: 2).

agora aqui tá, vai melhorando, você sabe que a cidade vai crescendo devagar né? (DASDORES, 2016: 361). Singularidade aumentada, a rua que já tinha asfalto, mas ainda era feia, melhorou segundo a moradora, como a cidade, em uma sinédoque que expressa o crescimento devagar (Cf. CERTEAU, 2014: 168). A espacialidade das moradoras é marcada por um crescimento da cidade associado ao asfaltamento¹⁸⁹.

Se na narrativa de Dasdores isso é menos destacado do que a rua que condensa a cidade que cresce devagar, para Maria Eustáquia, o asfalto é fundamental para fazer desse lugar, um espaço, dessa rua, sua rua. Segundo essa moradora, "aí só tinha asfalto aqui nessa rua. Não tinha mais asfalto. Só tinha aqui nessa rua e se não me engano parece que nessa rua aqui, essas duas ruas de cima o asfalto aqui também" (MARIA EUSTÁQUIA, 2015: 332). A rua de Maria Eustáquia, uma rua "de cima" que se diferencia pelo asfalto na porta de sua casa, como a rua ao lado que ela lembra a seguir. Em outra entrevista, a presença do asfalto sobre as ruas torna a ser apenas em sua rua, pois ela relata que "era muito difícil, muito difícil mesmo, da gente, até quando eu cheguei aqui, não tinha asfalto ali né, o asfalto era só nessa rua aqui" (MARIA EUSTÁQUIA, 2016: 337). A chegada do asfalto às outras ruas, inclusive, vem acompanhado de movimento da narrativa sobre o espaço que (re)afirma identidades. Dessa forma, ela conta que "desceram o asfalto aqui nas outras ruas né. E fizeram o asfalto por tudo ali" (MARIA EUSTÁQUIA, 2015: 335).

O sentido do asfaltamento indicado por Maria Eustáquia é oposto àquele lembrado e narrado por Antônio, de baixo para cima, já que ele conta que "quando eu mudei pra cá, na 308, não, tinha algumas ruas que não tinha asfalto ainda. Essa principal mesmo aqui não tinha" (ANTÔNIO, 2017: 552). Destacar a ausência do asfaltamento em partes da 308 e na rua "principal", para esse morador, passa por estabelecer distinções entre os espaços da cidade e as identidades das moradoras, entre cima e baixo, que ele mesmo buscou destacar em outros momentos de seu narrar. A rua asfaltada atua como uma das imagens do desenvolvimento da cidade, que aproxima cima e baixo na espacialidade da narrativa de Antônio. Além disso, ele também aproxima seu espaço de morar da rua, valorizando as bases de cascalho de ambas, conforme ele narra:

¹⁸⁹ Antonádia Borges classifica o asfalto como um dos lugares-evento fundamentais para entender o Recanto das Emas, dedicando o terceiro capítulo de seu livro à sua análise (Cf. BORGES, Antonádia. *Tempo de Brasília : etnografando lugares-eventos da política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003: 89). Abordei a questão brevemente no capítulo anterior, ver p. 123.

– Eu não consegui, comprei, inclusive, foi até a época que eles tavam encascalhando as ruas, aí, eu fui lá onde ficava o depósito do cascalho, aí, falei com o motorista, ele falou, "ó, você tem que falar com o encarregado aí", aí, eu fui, falei com o encarregado lá, o cara da, aí, ele falou "ó, se ele quiser levar" (ANTÔNIO, 2017: 562).

O cascalho sob as ruas é o mesmo sob o espaço de morar segundo Antônio. Dessa forma, esse desenvolvimento simbolizado pelo asfalto é contado como parte do desenvolvimento da moradia, colocando-a em um patamar mais elevado para esse morador. Em outros casos, no entanto, a rua é o espaço que se contrapõe ao espaço de morar. A rua é (re)construída como representação do público, enquanto que a habitação representa o privado na composição da espacialidade, consoante a definição de Holston, para quem "a rua ordena os domínios do público e do privado" (HOLSTON, 1993: 112). É o caso de Arlete, que dá a ver e a ler tais sentidos ao contar que:

Aí, tinha um fiscal que entregava a gente, media, tava tudo medido, né, "ó, é aqui, só que vocês tem que decifrar onde que é, vocês tem que marcar quando vocês voltar pra ocupar vocês saberem onde é". Porque tava as ruas, mas como a gente não conhecia o lugar que era, não tinha nada, né? Então, a gente marcou (ARLETE, 2016: 491).

Entre o nada de moradias que havia, lugares que ainda não eram espaços e precisavam ser marcados para começassem a sê-lo, haviam as ruas, mesmo se tudo ainda fosse impreciso, se confundia e precisava ser decifrado. As ruas são como o tudo que já estava medido, definem e cortam aquele lugar ainda desconhecido. O fiscal é um agente público que anuncia e define as formas da ocupação, o como passar do público ao privado, como marcar para saber onde é. No caso anterior, narrado por Antônio, a rua também é símbolo do espaço público. No entanto, sua conversa e algum dinheiro compram o cascalho, que era público, para aterrar seu espaço de morar privado, mostrando como essas marcações não são fixas, mas sim móveis e dialógicas.

Mesmo quando outra moradora parece contar o oposto, essa associação entre rua e público, moradia e privado, é reafirmada. Maria Joana narra que "aí, graças a Deus, foi nessa luta aí, não tinha asfalto, não tinha água, não tinha rua, não tinha nada, casa? Tinha algumas casas, podia contar as casinhas que tinha, era bem pouquinho, viu" (MARIA JOANA, 2016: 404). Para ela, ao contrário de Arlete, não havia rua nesse tempo do "não tinha", o que haviam eram umas poucas casas. A rua é uma das imagens que cortam esse não ter, o pontuam pela falta dos serviços públicos, como asfaltamento e água. Haviam essas poucas casas, segundo ela, esses espaços de morar como ilhas isoladas do privado entre um mar daquilo que é público, mas não tinha.

Essa separação entre a rua e o espaço de morar não é fixa ou dada, como visto no caso narrado por Antônio. Assim como a relação entre público e privado, ela é

uma infundável (re)construção, uma relação de tensão e diálogo, fronteira e ponte. Em sua narrativa, Arlete trata seu espaço de morar instável da 204 como a própria rua, quando tenta mostrar seus problemas. A moradora conta que:

Hoje em dia, você ver, a gente tá aqui, toda hora tá "entra pra dentro, fecha o portão, entra pra dentro", e lá não tinha portão, a gente morava num barraquinho de dois cômodos, né, e eles moravam é na rua, ali, no meio da rua, porque não tinha, onde sair de dentro do barraquinho era rua, né (ARLETE, 2016: 504).

Um barraquinho tão pequeno e precário que era como a rua, era como o meio da rua. Não permitia qualquer privacidade, não possuía um portão que impedisse o acesso ou evitasse que as crianças saíssem. Um espaço privado que se confunde com o público nessa espacialidade¹⁹⁰. Por isso, sair do barraquinho era já estar na rua, pois o público invadia esse espaço de morar improvisado. E vice-versa. Não um público do qual se apropria, como no caso de Antônio, mas um público que invade. As lembranças narradas por Arlete e Antônio explicitam essa tensão, e também diálogos, entre público e privado, entre o espaço de morar e a rua, como são móveis seus limites e definições. Limites que podem até mesmo desaparecer, já que a rua pode ser um não-lugar de morar, um espaço de quem habita um eterno trânsito, um deslocamento perpétuo. É assim que Maria João relata a errância do filho mais novo, um morador de rua (ou em situação de rua¹⁹¹):

*– Apesar do mais novo né, morar na rua hoje, mas ele, às vezes, ele aparece por aqui, pede comida...
– Ele mora aqui pelo Recanto mesmo?
– É, mora, fica aqui pelo Recanto mesmo (MARIA JOÃO, 2016: 374).*

As ruas surgem relacionadas aos espaços de morar para marcar ou relativizar seus limites, como espaço de trânsito ou como não-lugar de morar. Elas são a todo tempo (re)construídas nas narrativas memorialísticas das moradoras do Recanto das Emas e se afirmam como espaços fundamentais a percorrer e para pensar a cidade. Ruas que entre serem percorridas, lembradas e narradas, permitem historicizar o processo de formação da cidade como quando Dasdores relembra e conta sobre o nome

¹⁹⁰ É interessante destacar, no entanto, que em outro momento de sua narrativa, Arlete afirma justamente a privacidade daquele espaço diante da invasão de seu lote pelo policial, que comprara o lote vizinho, e seus colegas da PM. Arlete considera a invasão arbitrária e nos conta que: "de metralhadora na mão, ele foi entrando e botou a arma no peito dele assim, na hora que ele ia saindo, e escorou ele pra dentro. Aí, eu falei 'ó, você tá errado. Eu não te convidei pra você entrar aqui não. Isso aqui me pertence, isso aqui não te pertence'. Aí, ele falou 'uai', aí, olhou pro cara 'ué, o que você tá fazendo? Isso aqui não é dele?' Eu falei 'não! Dele é lote pra lá, moço. É só você medir a distância aí, tem a divisa aí, você tá no que é meu e você tá errado'. Aí, o outro bateu na mão dele, 'vamos sair'" (ARLETE, 2016: 499). Como estratégia de sobrevivência, a tática da moradora é justamente afirmar sua propriedade daquele espaço, o erro dos policiais em estarem no que era dela, que podia ser muito bem delimitado se a distância fosse medida, mesmo se os lotes eram cercados juntos, esses espaços privados não se confundem.

¹⁹¹ Essa conceituação mais atual que acrescenta "em situação" realça ainda mais o caráter instável e móvel da rua como não lugar de morar.

de uma avenida da cidade, que "mas sim, também é onde começa a avenida Monjolo, né, que dá o nome, a Monjolo. Agora essa Monjolo eu não sei porque Monjolo, eu ainda não sei porque" (DASDORES, 2016: 369). Embora não saiba a razão do nome, a moradora reconhece que essa avenida divisa a cidade e o núcleo rural de mesmo nome. Situação que se repete com a avenida Vargem da Benção, mais próxima da BR-060, ambas trazem essa sistematicidade urbanística funcionalista de transpor para as ruas que margeiam o Recanto das Emas, os nomes dos dois núcleos rurais entre os quais a cidade foi criada, além de definir o nome da cidade como nome da avenida central¹⁹². Certeau alerta, em sua pesquisa, que esses nomes próprios que povoam a cidade:

Tornam habitável ou crível o lugar que vestem com uma palavra (esvaziando-se do seu poder classificador, adquirem o de "permitir" outra coisa): lembram ou evocam fantasmas (mortos supostamente desaparecidos) que ainda perambulam, escondidos nos gestos e nos corpos que caminham; e, enquanto nomeiam, isto é, impõem uma injunção vinda do outro (uma história) e alteram a identidade funcionalista afastando-se dela, criam no próprio lugar essa erosão ou não-lugar aí cavado pela lei do outro (CERTEAU, 2014: 172).

Esse nome Monjolo trás referências ao mesmo tempo que é reapropriado. Ele remete à zona rural, a sentidos que "ainda perambulam" por ali, a limites temporais e espaciais, a transformações e erosões desse espaço. Mesmo quando não são nomeadas, essas avenidas são cruzadas pelos passos enunciantes e pelas lembranças das moradoras, como acontece com Maria Eustáquia, que relata que "aqui era tudo mato aqui, não tinha essa, as rotas era só aqui que o ônibus, e essa, que essa pista que descia aqui não passava ônibus, só naquela lá de cima mesmo. Só naquela lá. Aquela lá era a principal mesmo" (MARIA EUSTÁQUIA, 2015: 335). Essa pista que desce até as quadras 500s, segundo ela, é a avenida Monjolo, onde não passa ônibus, o que obriga essa e outras moradoras a se deslocar até a avenida "principal" da cidade, a avenida Recanto das Emas, "naquela lá em cima mesmo".

¹⁹² Embora destaque as diferenças marcantes entre Brasília e as cidades-satélites criadas até 1975, Holston destaca haver semelhanças na estruturação urbana dessas cidades. Para o autor, uma característica fundamental de projeto utópico modernista construído em Brasília é "a morte da rua". Para ele, "realiza-se um dos mais fundamentais objetivos urbanísticos da arquitetura moderna: o de redefinir a função urbana do trânsito, eliminando o que ela chama de 'rua corredor', a rua delineada por fachadas contínuas de prédios. Ao criticar as cidades e a sociedade que o capitalismo criou, a arquitetura moderna considera a eliminação da rua um pré-requisito para a organização urbana moderna. Condena a rua por várias razões" (HOLSTON, James. *A Cidade Modernista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993: 109). Mesmo que eu trate aqui de uma cidade surgida após o período analisado por Holston, acredito haver influências dessa rua da arquitetura moderna nas ruas do Recanto das Emas, em especial, nesse sistemático urbanismo funcionalista, que orienta a formação da cidade. Apesar de perceber essa orientação, analiso como fundamental a apropriação que as moradoras fazem dessas ruas, como as reconfiguram e ressignificam nos rastros de seus passos enunciantes ou de suas narrativas como indica Certeau (CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. São Paulo: Vozes, 2014: 174). Segundo o próprio Holston, há uma rejeição desse modelo ou projeto de cidade por suas moradoras, que se reapropriam dos espaços, os transformam em busca de uma "cidade familiarizada" (HOLSTON, J., idem: 308).

Em uma segunda entrevista, essa moradora retorna a esse ponto e reafirma essa percepção da "pista principal", que se destaca pela circulação de ônibus. De acordo com a narrativa da moradora, "aqui era um brejo, não tinha, era muito, não tinha mesmo, não tinha estrutura nenhuma, assim, para asfalto, nem nada assim né, era só aquela pista principal, que é onde passam os ônibus né, mas aqui não tinha nada (MARIA EUSTÁQUIA, 2016: 339). Essa é a mesma queixa de Arlete, que também circula por essa mesma avenida, conforme seu contar:

– Ônibus aqui é mais difícil, né. Tem uma avenida aqui, que se eles tivessem colocado, se eles colocassem o ônibus, ficava até perto pra gente, que essa aqui...

– Essa aqui? Passa aqui.

– Essa avenida aqui, até ficava, mas eles não colocaram. Parece que tem um ônibus aí por dia, que eu nem sei, nunca nem peguei. Aí então, a gente vai pegar lá na avenida do Supercei, é muito longe, pra gente descer à noite, finalzinho da tarde, é mais difícil, porque atravessa o cerrado, né, escuro (ARLETE, 2016: 496).

Essa avenida por onde circulam as moradoras, que é próxima, não é contemplada com os ônibus necessários segundo as duas moradoras. Atua como mais um símbolo dessa distinção entre lá e aqui, entre alto e baixo, que marca a espacialidade (re)construída do Recanto das Emas.

Também é possível perceber essa tríplice função dos nomes próprios a que se refere Certeau, em outra avenida da cidade. A chamada avenida Potiguar, que recebe seu nome de um mercado que não existe mais, conforme já discutido aqui, é dada a ver e a ler por três moradoras da cidade como um espaço repleto de sentidos. De acordo com o debate durante a entrevista:

– Tinha um Mercadinho Potiguar, que ficou até o nome da avenida. Que eu acho que foi o primeiro supermercado.

– Aham. Uhum.

(Nora) – Não foi, seu Deusdete? E aí era a única referência que tinha, "ó o Potiguar", que era o único supermercado que tinha.

– Mas acabou? Não tem mais?

(Nora) – É.

– Hoje em dia, não tem mais.

(Filha) – Só ficou o nome lá.

– Só ficou o nome mesmo.

(Nora) – Só ficou o nome da avenida.

(Filha) – Avenida Goiaberas Potiguar, por causa desse supermercado (MARIA ALCINDA, 2016: 432).

Há aqui, entre as práticas espaciais e as práticas significantes, "o crível, o memorável e o primitivo" (CERTEAU, 2014: 172). O Mercadinho Potiguar, a única referência, que afirma esse nome palpável para a avenida. A lembrança do grito do cobrador que anuncia a única referência, o único supermercado que tinha, reverbera na memória. A avenida se estende no espaço, "Goiaberas Potiguar", liga dois pontos da

cidade, estrutura uma história de origem na narrativa. Ao contrário das avenidas anteriores, nomeadas por uma sistematicidade urbanística funcionalista, a avenida Potiguar é nomeada nos rastros dos passos enunciantes dessas moradoras e da lembrança dos gritos dos cobradores de transporte pirata.

Dessa forma, as ruas se ligam nessas narrativas memorialísticas, formam uma rede de vivências e memórias que aproximam ou distanciam os espaços da cidade, dão a ver e a ler a espacialidade e a historicidade de suas moradoras. Meu interesse é por essas ruas das pessoas e não pelos sujeitos das rua, esses tipos urbanos da rua, de que fala João do Rio, para quem "nas grandes cidades a rua passa a criar o seu tipo, a plasmar o moral dos seus habitantes, a inocular-lhes misteriosamente gostos, costumes, hábitos, modos, opiniões políticas (...). A rua fatalmente cria o seu tipo urbano como a estrada criou o tipo social" (RIO, 1909: 7). Não trato aqui, portanto, da alma da rua como esse autor, mas sim do que representa a rua quando surge nas narrativas, como ela compõe a espacialidade de quem mora, lembra e narra.

O espaço da rua pode afastar um filho, como o de Maria João, ou aproximar um filho, como o de Antônio, quando ele aponta que "não, tem, um filho meu que mora de aluguel aqui atrás, na outra rua de trás" (ANTÔNIO, 2017: 547). Não só aproximar um membro da família, mas pode situar um contato que aproxima duas famílias, como na entrevista de Maria Alcinda, com as intervenções de sua nora, quando relatam que:

– Sua mãe morava aqui também?

– Nos fundos.

(Nora) – No mesmo conjunto, só que aqui é casa 13, ela morava na casa 7.

– Entendi.

– Na outra rua, é.

– Sua mãe chegou um pouco depois?

– Foi.

(Nora) – Foi, acho que um ano, né dona Maria?

– Foi, quando ela chegou, a gente já tava (MARIA ALCINDA, 2016: 445).

Essa rua localiza a ocupação, situa uma proximidade de dois espaços de morar, que se unem pelos fundos, mas que se separam pelas ruas. Rua que ainda assim aproxima ou afasta a vizinhança que foi se formando. A rua permite distribuir as casas nesses relatos sobre o espaço, a "casa 13", a "casa 7", traça essa espacialidade que liga e separa dos vizinhos, como conta Dasdores: "o seu Lúcio faleceu, é dono da, meu vizinho que não é de esquina, o meu de esquina, o dele daqui, dá na rua aqui assim, sabe (DASDORES, 2016: 360). Uma espacialidade narrada com palavras, gestos e lembranças.

E a rua na espacialidade das moradoras é um espaço associado à violência. A rua de Dasdores, que foi do seu Lúcio, é espaço para mortes violentas, assassinatos de

peças de uma mesma família, conforme ela conta que "aí a mãe, mataram a mãe, ano passado, em abril mataram primeiro esse Bida, que o apelido era Bida e quando foi uns seis meses, por aí, de novo, tá, mataram outro, na rua mesmo de casa lá (DASDORES, 2016: 358). Essa violência que tanto conta e é contada sobre o Recanto das Emas circula pelas ruas, às vezes invade e ameaça os espaços de morar, em outras transborda entre espaços públicos e privados, como nessa rua próxima contada por Ana, "nessa rua aqui, descendo, ali embaixo, já aconteceu quatro mortes de menino novo, de menino menor, assim, dezesseis, dezessete, quinze anos, que morreu. O último que morreu, morreu dentro da casa dele, né" (ANA, 2016: 472).

A questão da violência como eixo temático para pensar e dar a ver e a ler o Recanto das Emas já foi tratada no capítulo anterior, de modo que interessa aqui apenas destacar como essa questão (in)forma as relações da rua com as moradoras e com a cidade. Muitas vezes nas lembranças narradas, as moradoras dão sentido ao espaço da rua através dessa violência. Longe de ser o refúgio do flaneur de Baudelaire, conforme indicado por Benjamin (BENJAMIN, 2015: 206), ou "o fator de vida das cidades" (RIO, 1909: 2), a rua é espaço do que ameaça, como no relato de Antônio, para quem "uma parte de segurança, que não tem, tá deixando a desejar. Raramente, você vê um carro de polícia passar na rua. Os assaltos é frequentes, são frequentes os assaltos" (ANTÔNIO, 2017: 547).

Mas mesmo essa violência que se movimenta e frequenta as ruas do Recanto das Emas tem de se haver com as táticas e astúcias de quem vive na cidade. Entre tantas formas de compor a espacialidade da cidade, a rua é espaço desses passos enunciantes das astúcias do uso de que trata Certeau (CERTEAU, 2014: 88). São essas estratégias articuladoras de uma anti-disciplina que é possível perceber na lembrança narrada por Arlete:

– Não, fui perseguida, mas eu achei, eu tava perto de casa já e, eu tava a pé, o cara de carro, aí, eu, como eu conhecia os becos e as ruas, eu fiz que ia pra uma rua e travessei na outra e voltei, fiz uma manobra ali. Quando ele conseguiu me pegar de novo, me achar, eu já tava entrando no portão de casa, entendeu? Mas, graças a Deus, não cheguei a ser assaltada (ARLETE, 2016: 490).

Considerações finais

*Maria, Maria
É o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri
Quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta*

*Mas é preciso ter força
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria*

*Mas é preciso ter manha
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida*

Milton Nascimento e Fernando Brant - Maria, Maria

Talvez, o objetivo hoje em dia não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos. Temos que imaginar e construir o que poderíamos ser para nos livrarmos deste "duplo constrangimento" político, que é a simultânea individualização e totalização própria às estruturas do poder moderno.

A conclusão seria que o problema político, ético, social e filosófico de nossos dias não consiste em tentar libertar o indivíduo do Estado e de suas instituições, mas de nos libertar nós mesmos do Estado e do tipo de individualização que está ligada a ele. Temos de promover novas formas de subjetividade ao recusar o tipo de individualidade que nos foi imposta durante vários séculos.

Foucault, O sujeito e o poder, p. 239.

A espacialidade marcada pelas manobras de quem conhece "os becos e as ruas" (ARLETE, 2016: 497) do Recanto das Emas, como a moradora Arlete, que faz que vai, atravessa, é, enfim, mais uma possibilidade de acessar a historicidade da cidade. É um eixo-temático onde se destaca a sensibilidade da memória involuntária, essa memória que escapa e aparece "carregada de afetividade" (SEIXAS, 2004: 47), como o grito de um cobrador de transporte pirata que anuncia o ponto da parada, "ó o Potiguar", o que repõe, recria a presença de um não mais presente Mercadinho Potiguar por um momento em meio às inúmeras possibilidades da narrativa. Um espaço que evoca esse chegar em casa, os sons familiares da cidade. A espacialidade também é (re)construída por essa memória involuntária, plena de afetividade, pelo prazer de lembrar das crianças na rua, como fez a moradora Maria Alcinda, ao contar que "aí, começaram a brincar, ave Maria, bom demais naquele tempo, Nossa Senhora" (MARIA

ALCINDA, 2016: 446). As escolas, os supermercados, as ruas, todo e qualquer espaço lembrado e narrado pelas moradoras entrevistadas vai sendo puxado e tecido pela memória, voluntária e involuntária, em processo que recria a possibilidade do real (Cf. SEIXAS, 2004: 51), que dá a ver e a ler a espacialidade vivida, que faz parte da história da cidade do Recanto das Emas.

As diversas formas de imaginar o espaço permitiram-me atentar para as táticas e estratégias de suas moradoras, para viver, lembrar e esquecer momentos e experiências de suas histórias de vida. Elas igualmente permitiram-me perceber a operação de adensamento realizada pelas entrevistadas no ato em que lembram e narram. Entre tantas possibilidades de narrar e conferir visibilidade ao Recanto das Emas e às suas moradoras, tanto que foi esquecido, silenciado, negado, recontado, optei por ouvi-las e busquei (re)construir histórias dessa cidade emaranhadas nas histórias de vida de quem viveu e vive esse espaço e, portanto, apropriou-se dele, o saturou de sentidos. Isso ocorre até mesmo quando, como alerta Benjamin, "a cidade como ajuda mnemotécnica do passeante solitário evoca mais do que a sua infância e juventude, e mais do que a própria história dessa cidade" (BENJAMIN, 2015: 206). O autor destaca, portanto, a dimensão involuntária da memória, esse algo mais que transborda, que escapa ao controle de quem lembra e se apoia nas pedras da cidade (Cf. BOSI, 2010: 439).

Os questionamentos e objetivos que guiaram meu vagar e meu perder-se pelo Recanto das Emas, que me trouxeram até aqui e permitiram tecer a presente narrativa dentre várias outras possíveis, de produzir esse "relato bricolado" (CERTEAU, 2014: 168), tiveram início muito antes da elaboração do projeto acadêmico para a seleção do doutorado e se estenderão para além da finalização da presente tese. A tese nasceu de meus questionamentos à minha prática em sala de aula em escolas do Recanto das Emas, corresponde ao esforço de buscar respostas, envolve o desafio de desconstruí-lo e reconstruí-lo com e para minhas alunas e alunos. Estes, ao contrário de mim, habitam esse lugar e fazem dele um espaço todos os dias.

Esse exercício transformou as vivências dessas educandas e educandos, bem como as do professor de história delas, pois permitiu explorar os relatos das histórias de vida de outras moradoras, suas avós. Uma experiência coletiva que valorizou essas experiências particulares: aproximou a sala de aula, enquanto espaço de ensino-aprendizagem, dos espaços de morar dessas pessoas; abriu espaço para o diálogo entre duas gerações, a das avós e a das netas; teceu redes de possibilidades para a divesas

leituras e narrativas sobre a cidade; problematizou o que parecia dado, imutável, naturalizado, o espaço urbano, permitindo às pessoas envolvidas se perceberem como sujeitos ativos no processo de (re)configuração da cidade. Essa tese é mais um passo importante nesse sentido, mas não é o último.

Acredito que é fundamental, depois da elaboração da tese, ir além dos eixos-temáticos aqui eleitos e desenvolvidos – a cidade-satélite, o espaço de morar, as expectativas, a violência, o sertão periferia, o espaço político, os cantos de memória, a espacialidade –, que deram a ver e a ler algumas possibilidades para contar as histórias do Recanto das Emas. É fundamental desenvolver um PPP articulado a tais temas, que seja capaz de reverberar tais possibilidades de minha pesquisa entre os sujeitos desta cidade. Mais uma vez, valorizando e indo além do espaço da sala de aula, acredito que todo o conhecimento produzido por meio do presente estudo ganha mais sentido quando articulado aos sujeitos nele envolvidos, direta e indiretamente, que viabilizaram sua produção. No entanto, esse PPP não pode ser algo verticalmente imposto à comunidade, com a arrogância acadêmica de acreditar-se superior ou acima das experiências desenvolvidas pelos sujeitos do processo. Pelo contrário. O primeiro passo na elaboração desse PPP é o retorno e o diálogo com avós, estudantes, professoras e professores, secretárias escolares, gestoras e demais membros da comunidade escolar do Recanto das Emas.

Existem elementos fundamentais na elaboração da presente tese sobre a cidade do Recanto das Emas, traçada em meio às histórias e memórias de suas moradoras, que podem ser indicados como constituintes do que pretendo desenvolver no PPP. O primeiro deles é reafirmar a importância do desenvolvimento do ensino de história através da pesquisa em história¹⁹³. Isso me parece fundamental para viabilizar,

¹⁹³ O debate sobre a importância da pesquisa no ensino de história ganhou visibilidade ao menos desde o processo da redemocratização política no início dos anos 1980, com o fim da ditadura militar. Em meio ao amplo debate sobre a reformulação dos currículos e das escolas, do qual a historiografia não se ausentou, com grande envolvimento de associações de professores de história como a ANPUH, autoras e autores como Elza Nadai, Marcos Silva, Circe Bittencourt, Selva Fonseca, entre outras, debateram e lutaram por essa questão. A pesquisa em salas de aula de ensino fundamental e médio possui particularidades e dinâmicas próprias, que exigem não só um redimensionar da prática de pesquisa, como seu desenvolvimento articulado ao processo de formação dos conceitos científicos das educandas e educandos (Cf. VIGOTSKI, Lev. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2008). Não se trata simplesmente de transpor os métodos de pesquisa historiográfica para as alunas e alunos, mas sim desenvolver com elas as possibilidades de pesquisa articuladas aos seus horizontes formativos. Sobre a prática de pesquisa articulada ao processo de ensino-aprendizagem em aulas de história de ensino fundamental e médio ver: NADAI, Elza. "A Escola Pública Contemporânea: os currículos oficiais de história e o ensino temático". In: *Revista Brasileira de História*, v. 6, n. 11. São Paulo: Marco Zero, 1985; BITTENCOURT, 2004; SILVA, Marcos & FONSECA, Selva. *Ensinar história no século XXI: em busca*

junto às educandas e educandos, a filosofia crítica da história analisada por Paul Ricoeur (Cf. RICOEUR, 2012: 300), no espaço escolar e para além deste. Não deveria haver mais lugar para pensar e praticar um ensino de história apartado da pesquisa, não cabe mais uma prática docente que separe e distinga entre um ensino memorizante e vulgarizado para as escolas de ensino fundamental e médio e uma pesquisa circunscrita ao espaço privilegiado e especializado da academia. Trata-se de hierarquização que, apesar das críticas, se mantém.

É preciso trabalhar ensino e pesquisa em história como dimensões indissociáveis da disciplina histórica. Instigar as alunas e alunos a (re)escreverem a própria biografia, a pesquisarem, entrevistarem e (re)escreverem a biografia de suas avós, permitir e potencializar a problematização desses relatos de vida e suas relações com a cidade são, certamente, um caminho possível para quebrar a lógica dicotômica que opõe ensino e pesquisa de história, que reafirma as universidades como local de produção do saber e as escolas de ensino fundamental e médio, como o de reprodução. Dessa forma, ensinar e aprender história pesquisando e pesquisar história aprendendo e ensinando me parecem os melhores caminhos para praticar o que postulava Elza Nadai: “deve-se menos ensinar quantidades e mais ensinar a pensar (refletir) historicamente” (NADAI, 1992: 159).

Necessário, portanto, romper com a lógica totalizante, europeizante e quadripartite que orienta as diretrizes curriculares e informa práticas de ensino de história reprodutórias da concepção que valoriza o conhecimento histórico como "A Grande Marcha Progressista da Civilização Ocidental" (Cf. SANTOS, 2009). Problematizar os conteúdos curriculares e não apenas acrescentá-los ou cortá-los. Em minha dissertação de mestrado (SANTOS, 2009), analisei a permanência de tal lógica nos conteúdos dos livros didáticos de história, assim como minha experiência como professor identificou-a nas práticas de tantos colegas. Romper essa lógica, desnaturalizá-la pode ser possível pela valorização das experiências dos sujeitos, pela história local (Cf. BITTENCOURT, 2004) e a percepção crítica do conhecimento, que sempre envolve sua escrita e reescrita (Cf. FREIRE, 1982).

Outro elemento fundamental é fazer do ensino-aprendizagem de história uma possibilidade de desconstrução também das relações de poder, de investimento na resistência, na (re)construção das subjetividades, de valorização das táticas e estratégias,

do tempo entendido. Campinas: Papirus, 2007; MONTEIRO, Ana Maria (et al) (org.). *Pesquisa em ensino de história: entre desafios epistemológicos e apostas políticas*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2014.

enfim, de exercício de uma prática docente cidadã em uma escola cidadã, que assegure a toda pessoa o direito a ter direitos. Enfim, a aprendizagem de um saber histórico que se articula, dialoga, transforma e é transformado pelos sujeitos. História que (re)pensa a memória e o esquecimento, que se (re)orienta a partir deles, ao mesmo tempo que exerce a crítica cuidadosa das possibilidades de lembrar e esquecer, contar e silenciar, tornar visível ou ocultar.

É preciso, portanto, uma história que valorize a experiência dos sujeitos, seus percursos, suas lembranças, suas sensibilidades, suas subjetividades, suas narrativas, seus esquecimentos, seus silêncios, suas lutas, seus sonhos. É importante um ensino de história como experiência que possibilita aos envolvidos aprender, como espaço aberto para a pesquisa, para a crítica, que respeita a diferença, que investe, enfim, nas múltiplas possibilidades do ser humano, bem como as múltiplas formas de ver e dar a ler as pessoas, as cidades, as sociedades e o mundo¹⁹⁴. Afinal, de acordo com as reflexões de Stuart Hall, esse sujeito pretensamente fixo, "o sujeito do iluminismo, visto como tendo uma identidade fixa e estável, foi descentrado, resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas, do sujeito pós-moderno" (HALL, 2006: 46). Trata-se, enfim, de uma prática historiográfica – de ensino-aprendizagem e de produção de discursos –, que alinha-se à concepção defendida por Durval Muniz:

Um discurso historiográfico que, como redemoinho, atravesse os monturos da memória social, os faça serem postos em movimento, relançando-os para novas agitações, para adquirirem novas configurações. É preciso um discurso historiográfico que revolva os depósitos, os repositórios, os lugares de memória, e faça desmanchar aquele relevo já cristalizado, revelando os ciscos e os vermes que os trabalham e os habitam. Uma história capaz de descobrir beleza no pequeno, no ínfimo, no pobre, no traste, no abandonado, no trapo, no vil, no chão (MUNIZ, 2007: 94).

Finalmente, o PPP a ser construído e a tese aqui concluída se encontram em uma última questão. Pensar o Recanto das Emas como mais uma cidade-satélite de Brasília, como um lar, como múltiplos sentimentos, como violência, como a lonjura próxima, mas à margem, como relações de poder, como um espaço a se contar ou não,

¹⁹⁴ Nara Araújo defende que "em tempos pós-nacionais, de migrações e diásporas, de desterritorialização e reterritorialização, de entre-lugares e interstícios, de contaminação entre o local e o global, o espaço latino-americano já não se inclui em um conceito fixo de geografia, nem em uma temporalidade linear, mas sim em uma dispersão rizomática. E a cultura, como nos recorda Stuart Hall, sempre trabalha numa área de deslocamento, pois sempre há algo descentrado em relação à linguagem, à textualidade e à significação, que sempre escapa às tentativas de enlaçá-la (ARAÚJO, Nara. "Desterritorialização, posdisciplinaridade e posliteratura". In: MASINA, Lea (et al.). *Geografias literárias e culturais: espaços/temporalidades*. Porto Alegre: UFRGS, 2004: 22). Busco, nesse sentido, tais deslocamentos, essa "dispersão rizomática", que rompe essas pretensões de fixidez, seja do espaço ou do tempo, da memória ou da história, dos sujeitos ou das cidades.

ou mesmo, como o espaço (re)apropriado de uma cidade, não tem qualquer valor intrínseco. O que confere sentido e densidade a todas essas possibilidades de análise e as reflexões que suscitaram são justamente as incontáveis experiências e histórias que envolvem e são envolvidas por tais reflexões. Perceber e contar as histórias do Recanto das Emas em sua multiplicidade é praticar o respeito à diversidade, o elogio da diferença, é reconhecer as múltiplas intercessões de classe, raça, gênero, idade, ocupação, formação, entre tantas outras, que compõem a identificação e localização dos sujeitos no mundo, individual e coletivamente. Pensar o Recanto das Emas, essa cidade que é tantas cidades, permitiu-me desconstruir e reconstruir as múltiplas possibilidades que os sujeitos dos processos de ensino-aprendizagem, enquanto cidadãos, tem diante de si e para si. Espero que tenha possibilitado aos demais envolvidos na pesquisa experiência similar.

O ato de repensar as cidades e suas moradoras e moradores pode ir ao encontro do que propõe Jean-Pierre Vernant, para quem "é na cidade que se encontram em todos os cantos pessoas sobre as quais não se sabe nada. Mas é ali também que cada loja tem seus clientes, cujos gostos e hábitos ela conhece" (VERNANT, 2009: 155). Ou que cada escola tem seus estudantes, cujos desgostos e comportamentos busca conhecer. Enfim, "isso é a cidade, isso é a sociabilidade" (VERNANT, 2009: 155), conclui o autor. Jorge Luis Borges vai além da questão da sociabilidade e do (re)conhecimento do outro em suas reflexões, para ele é a própria "identidade cambiante" dos sujeitos (e, para nós, das cidades), que merece destaque, ainda que algo permaneça naquilo que muda. Segundo este autor:

Somos, portanto, algo cambiante e algo permanente. Somos algo essencialmente misterioso. Que seria de cada um de nós sem a memória? É uma memória em grande parte feita de ruído, mas que é essencial. Não é necessário que eu recorde, por exemplo, para ser quem sou, que vivi em Palermo, em Adrogué, em Genebra, ou na Espanha. Ao mesmo tempo, tenho de sentir que não sou eu que fui nesses lugares, que sou outro. Este, o problema que nunca poderemos resolver, o problema da identidade cambiante. E talvez a própria palavra "cambiante" seja suficiente. Porque se falamos que algo está cambiando, não estamos dizendo que algo é substituído por outra coisa. Dizemos: "A planta cresce". Não queremos dizer, com isso, que uma pequena planta deva ser substituída por uma maior. Queremos dizer que essa planta se transforma em outra coisa. Trata-se, pois, da ideia de permanência no fugaz (BORGES, 2002: 69).

Enfim, reconhecer e respeitar a diversidade, dimensão que vai sendo tecida permanentemente por tudo que é fugaz, sejam sujeitos ou cidades. Esse foi o caminho escolhido e trilhado para dar a ver e a ler o Recanto das Emas e suas moradoras, caminho cuja expectativa é a de que se desdobre em novas possibilidades em minha

prática de sala de aula inscrita no PPP a ser desenvolvido. Se por vezes meu texto pareceu exaustivo e enredado, quase excessivo, em um "eu falo viu..." (MARIA JOÃO, 2016: 386), esse lembrar e narrar, todavia, pareceu-me indispensável. Afinal, tal como Riobaldo, narrador de Grande Sertões, também peço desculpas pelos excessos: "desculpa me dê o senhor, sei que estou falando demais, dos lados. Resvalo. Assim é que a velhice faz. Também, o que é que vale e o que é que não vale? Tudo" (ROSA, 2015: 127). São exercícios, enfim, atentos a esses contares, ao ir e vir, seja dos percursos, seja dos relatos, que tanto (re)contam o Recanto das Emas como quem vive nele, que dão um livro, como me avisou a moradora Dasdores:

– Hoje, eu vivo na benção, não é? Mas já passei muitos pedaços, a Denise diz que se admira de mim e eu contar minha história, dá pra escrever um livro, que eu acho que muita gente se ler vai chorar.

– Eu vou por no meu livro.

– Mas tem história maravilhosa, é, assim, voltando um pouco atrás de casa de família, que eu gosto de contar, professor Jorge (DASDORES, 2016: 361).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*. Brasília: EdUnB, 1963.
- ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- _____. *Ouvir contar. Textos em história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.
- ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Campinas: Unicamp, 2007.
- ANDRADE, Antônio Carlos de. *Joaquim Roriz: A Força do Populismo entre os Eleitores do Distrito Federal*. Brasília: Unilegis, 2008.
- A NOSTALGIA da luz. Direção: Patrício Guzman. Produção: Patrício Guzman. Santiago: 2010. 1 DVD.
- ARAÚJO, Nara. "Desterritorialização, posdisciplinaridade e posliteratura". In: MASINA, Lea (et al.). *Geografias literárias e culturais: espaços/temporalidades*. Porto Alegre: UFRGS, 2004, p. 19-34.
- AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.
- _____. "Sobremodernidade: do mundo tecnológico de hoje ao desafio essencial do amanhã". In: MORAES, Dênis (Org.). *Sociedade Midiatizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- AZANHA, José Mário. "Proposta pedagógica e autonomia da escola". In: *Cadernos de História e Filosofia da Educação*, v. II, n. 4. São Paulo, 1998, p. 11-21.
- BARROS, José d'Assunção. "Cidade e Cultura – considerações sobre uma relação complexa". In: *Revista de História Regional* 16(1). Ponta Grossa: UEPG, 2011.
- _____. "Cidade, Espacialidade e forma: considerações sobre a articulação de três noções fundamentais para a História Urbana", In: *Lusíada. História*, n.º 4, 2007, p. 121-137.

BASSALO, Lucélia. "Relações de gênero e o papel da escola". In: STEVENS, Cristina (et al.). *Gênero e feminismos: convergências (in)disciplinares*. Brasília: Ex Libris, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e Medo na Cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BENJAMIN, Walter. *Baudelaire e a modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

_____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *Obras Escolhidas II*. São Paulo: Brasiliense. 2004

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERTRAN, Paulo. *História da terra e do homem no Planalto Central: eco-história do Distrito Federal*. Brasília: UnB, 2011.

BÈU, Edson. *Os filhos dos candangos: Brasília sob o olhar da periferia*. Brasília: UnB, 2013.

BHABHA, Homi K. "Interrogando a identidade". In: BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2003, p. 70-104.

BITTENCOURT, Circe M. F. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Còrtez, 2004.

BITTENCOURT, Roberto J., HORTALE, Virgínia A. "Intervenções para solucionar a superlotação nos serviços de emergência hospitalar: uma revisão sistemática". In: *Cadernos de Saúde Pública* [online], 25(7): jul. 2009, p. 1439-1454, acesso 26 jul 2017.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BORGES, Antonádia. *Tempo de Brasília: etnografando lugares-eventos da política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

BORGES, Jorge Luís. *Cinco visões pessoais*. Brasília: UnB, 2002.

_____. "Funes: o memorioso", In: *Obras completas de Jorge Luis Borges*, vol. 1. São Paulo: Globo, 1999.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010.

BOURDIER, Pierre. "A ilusão biográfica". In: FERREIRA, Marieta & AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 183-192.

BRECHT, Bertold. *Aos que Virão Depois de Nós*. São Paulo: Contexto, 2002.

BRESCIANI, Maria Stella. "A cidade: objeto de estudo e experiência vivenciada", In: *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. 6, n. 2. São Paulo: EdUSP, 2004, p. 9-26.

_____. "Cidade, cidadania e imaginário". In: SOUZA, Célia F. de; PESAVENTO, Sandra Jatáhy (Org.). *Imagens Urbanas: Os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre: UFRGS, 1997.

BUARQUE, Cristovam. *Bolsa-Escola: história, teoria e utopia*. Brasília: Thesaurus, 2012.

BURKE, Peter. *A escola do Annales (1929-1989)*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. "História como memória social". In: *Variiedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CALDAS, Alberto. "Transcrição em história oral". In: *Caderno de Criação*, ano VI, nº19. Porto Velho, 1999.

CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo. Companhia das Letras. 1990.

_____. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

CARIA, Alcir de Souza. *Projeto político-pedagógico em busca de novos sentidos*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2011.

CASA CIVIL. *Caderno das Cidades*. Brasília: Casa Civil, 2013.

CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001.

CEBALLOS, Viviane. *Memórias, tramas e espaços: a história de Brasília construída pela fala dos moradores de Sobradinho-DF* (Tese de doutorado). Campinas: UniCamp, 2014.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. *A invenção do cotidiano*. São Paulo: Vozes, 2014.

CERVI, Emerson Urizzi. "As sete vidas do populismo. In: *Revista de Sociologia e Política*, n. 17. Curitiba, Nov. 2001. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782001000200012>, acesso em: 28 set. 2017.

CLDF. *Parques do Distrito Federal*. Brasília: CLDF, 2000.

COMPANHIA DE PLANEJAMENTO DO DISTRITO FEDERAL (CODEPLAN/NEP). *Recanto das Emas: relatório de pesquisa - 1996*. Brasília: CODEPLAN/NEP, 1997.

COSTA, Cléria B. & MACHADO, M. S. (orgs). *Imaginário e história*. Brasília: Paralelo 15, 1999.

COSTA, Cléria B. "Uma história sonhada", em: *Revista Brasileira de História*, vol. 17 n. 34. São Paulo: Scielo, 1997.

_____. (org). *Um passeio com Clio*. Brasília: Paralelo 15, 2002.

_____. *Brasília: amor à cidade e cidadania*. Recife: 2010. Disponível em: <http://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1270413259_ARQUIVO_BRASILIAversaoRecife.pdf>. Acesso em 10/07/2014.

_____. No palco das rememorações: Brasília – entre a modernidade e a memória afetiva. In: *Revista Latino-Americana de História*, vol. 2, nº. 7. São Leopoldo: UNISINOS, 2013.

COSTA, Cléria B. & RIBEIRO, M. (orgs.). *Fronteiras móveis: culturas, identidades*. Goiânia: PucGO, 2013a.

COSTA, Everaldo & PELUSO, Marisa. "Imaginário urbano e situação territorial vulnerável na Capital do Brasil". In: *Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales*, vol. XXI, n. 1.151. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2016.

COSTA, Graciete. *As Regiões Administrativas do Distrito Federal de 1960 a 2011*. Brasília: UnB, 2011.

COUTINHO, Eduardo. 7 de outubro. Direção: Carlos Nader. Produção/ Carlos Nader. São Paulo, 2013. 1 DVD.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Brasília: EdUnB, 1963.

DELACROIX, Christian, DOSSE, François, GARCIA, Patrick. *Correntes históricas na França – Séculos XIX e XX*. São Paulo: EdUNESP, FGV, 2012.

DISTRITO FEDERAL (Brasil). Secretaria de Estado de Educação (SE-DF). *Regimento Escolar das Instituições Educacionais da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal*. Brasília: Subsecretaria de Educação Pública, 2006.

DOSSE, François. *História e ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 2004.

_____. "História do tempo presente e historiografia". In: *Tempo e Argumento*, v. 4, n. 1. Florianópolis: jan/jun. 2012.

DUTRA, Eliana. *A memória em cena e cenas da memória*. Florianópolis: XXVIII SNH, ANPUH, 2015 (Comunicação oral).

_____. "A memória em três atos/ deslocamentos interdisciplinares". In: *Revista USP*, n. 98. São Paulo: USP, jun./jul./ago. 2013, p. 69-86.

FARGE, Arlette. *Lugares para a história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

FARIA, Daniel. "Do modernismo a Brasília", In: *Humanidades*, nº 56. Brasília: UnB, dez. 2009.

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DO DISTRITO FEDERAL (FE-DF). Departamento de Pedagogia. *Projeto político pedagógico da escola candanga*. Brasília: FE-DF, 1997.

FERREIRA, Aurélio. *Novo dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FERREIRA, Marieta & AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

FICO, Carlos. "Algumas anotações sobre historiografia, teoria e método no Brasil dos anos 1990". In: GUAZZELLI, Cesar A. B. e outros (orgs.). *Questões de teoria e metodologia da história*. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

FONSECA, Cláudia. "Ser mulher, mãe e pobre". In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

_____. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007a.

_____. "O sujeito e o poder". In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. (Org.). *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense/Universitária, 1995, p. 231-249.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2000.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. Rio de Janeiro: Cortez, 1982.

GAMALHO, Nola Patrícia & HEIDRICH, Álvaro Luiz. "Paisagens vividas e imaginários urbanos: memórias e paisagens nas narrativas de jovens do Bairro Guajuviras (Canoas/RS)". In: AZEVEDO, Ana Francisco e REGO, Nelson. *Geografias e (in)visibilidades: paisagens, corpos, memórias*. Porto Alegre: Compasso, 2017, :217-242.

GANDON, Tânia R. "Entre memória e história: tempos múltiplos de um discurso a muitas vozes". In: *Proj. História*, nº 22. São Paulo: EdUSP, 2001.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOMES, Ângela de Castro. *História, memória e temporalidade*. Florianópolis: XXVIII SNH, ANPUH, 2015 (Comunicação oral).

_____. "O populismo e as ciências sociais no Brasil". In: *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1, nº. 2, 1996, p. 31-58.

GONÇALVES, Maria da Conceição. *Favelas teimosas: lutas por moradia*. Brasília: Thesaurus, 1998.

GONÇALVES, Paula Renata. *As cidades satélites de Brasília: registro histórico*. Brasília: UnB, 2002.

GONTIJO, Rebeca. "José Honório Rodrigues e a invenção de uma moderna tradição". In: NEVES, Lucia Maria B. P., GUIMARÃES, Lucia Maria P. & outras (orgs.). *Estudos de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2011.

GONZALES, Suely. "As Formas Concretas da Segregação Residencial em Brasília". In: PAVIANI, Aldo (org.). *Brasília, Ideologia e Realidade*. Brasília: EdUnB, 1985.

_____. "A gestão urbanística do espaço habitado: o objeto e o método no caso do Distrito Federal". In: PAVIANI, Aldo (et al.). *Brasília 50 Anos: da capital a metrópole*. Brasília: EdUnB, 2010a.

GOUVÊA, Luiz Alberto. "A capital do controle e da segregação social", In: PAVIANI, Aldo (org.). *A Conquista da cidade: movimentos populares em Brasília*. Brasília: EdUnB, 2010.

_____. *Cidade Viva*. São Paulo: Nobel, 2008.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL — Departamento de Urbanismo. Plano de Ordenamento Territorial do Distrito Federal — Secretaria de Obras e Serviços Públicos - Brasília, 1992.

____ IPDF - Plano Diretor de Ordenamento Territorial do Distrito Federal — documento técnico. Brasília. 1997 e Lei Complementar Nº 17, de 28 de janeiro de 1997.

____ - SEDUMA - Plano Diretor de Ordenamento Territorial do Distrito Federal, Lei Complementar Nº 803, de 25 de abril de 2009: documento técnico da redação final. Brasília, 2009.

____ - SEDHAB - Plano Distrital de Habitação de Interesse Social. Brasília, 2012.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL-SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES (GERGS-SPM). *Manual para uso não-sexista da linguagem*. Porto Alegre: GERGS-SPM, 2014.

GUIMARÃES, Manoel L. S. "A cultura histórica *oitocentista*". In: PESAVENTO, Sandra (org.). *História cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

____. "Escrever História, Domesticar o Passado". In: LOPES, Antônio (org.). *História e Linguagens: texto, imagens, realidade e representações*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

____. "Entre as luzes e o romantismo: as tensões da escrita da história no Brasil oitocentista". In: *Estudos sobre a escrita da história: Anais do encontro de historiografia e história política*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006a.

HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Félix Alcan, 1925.

____. *Memória coletiva*. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARTOG, François. *Evidência da história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

____. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HOLSTON, James. *A Cidade Modernista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

HUYSSSEN, Andreas. *Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas de memória*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

ICHIKAWA, Elisa & SANTOS, Lucy W. "Vozes da história: contribuições da História Oral à pesquisa organizacional". In: *O que é a história oral*. ANPAD, 2003. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/enanpad2003-epa-0186.pdf>>, consultado em 16 jun. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) - *Censo Demográfico*, 2000. Brasília: IBGE, 2000.

____ (IBGE) - *Estatísticas de gênero: uma análise dos resultados do censo demográfico 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2014.

____ (IBGE) - *Pesquisa Mensal de Emprego*. Brasília: IBGE, 2008.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS (INEP). *Censo Escolar, 2015*. Brasília: MEC, 2015.

IWAKAMI, Luiza. "Vila Paranoá; a Luta Desigual pela Posse da Terra Urbana". In: PAVIANI, Aldo (org.). *A Conquista da cidade: movimentos populares em Brasília*. Brasília: EdUnB, 2010.

JATOBÁ, Sérgio. "Crescimento urbano na metrópole de Brasília", In: PAVIANI, Aldo [et al.] (org.). *Brasília 50 anos: da capital a metrópole*. Brasília: UnB, 2010.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo*. São Paulo: Ática, 1995.

LANG, Alice. "História oral: uma visão entre outra", In: COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Caminhos da História: coletânea de trabalhos apresentados no Simpósio Internacional Os Rumos da História*. São Paulo: Xamã, 2006, p. 455-463.

- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, Ed. Unicamp, 2003.
- ___ & NORA, Pierre. *História: novos problemas, novos objetos, novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- LEITÃO JR., Artur Monteiro. "As imagens do sertão na literatura nacional". In: *Terra Brasilis*, 2012, posto online em 05 nov. 2012, acesso em: 31 ago. 2017. URL : <http://terrabrasilis.revues.org/468>; DOI: 10.4000/terrabrasilis.468.
- LEMINSKY, Paulo. *Ensaio e anseios críticos*. Campinas: Unicamp, 2012.
- LEVI, Giovanni. "Usos da biografia". In: FERREIRA, Marieta & AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 167-182.
- LORIGA, Sabina. "A tarefa do historiador". In: GOMES, Ângela de Castro & SCHMIDT, Benito Bisso. *Memórias e narrativas (auto)biográficas*. Rio de Janeiro: Editora FGV; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, pp. 13-37.
- ___ . *O pequeno x: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- LOUSADA, Maria Alexandre. "Espacialidade em debate: práticas sociais e representações em Lisboa nos finais do Antigo Regime", In: *Ler História*, n. 48, 2005. Disponível em: https://www.academia.edu/3684018/Espacialidade_em_debate_pr%C3%A1ticas_sociais_e_representa%C3%A7%C3%B5es_em_Lisboa_nos_finais_do_Antigo_Regime>, acesso em: 13 out. 2017.
- MAGALHÃES, Marcelo. "História e cidadania: por que ensinar história hoje?". In: ABREU, Martha & SOIHET, Rachel. *Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003, p. 168-185
- MANNHEIM, Karl. "O problema das gerações". In: *Sociologia do conhecimento*, vol. II. Porto: RES, 1993, p. 115-176.
- MATOS, Ralfo. "Migração e urbanização no Brasil", In: *Geografias*. Belo Horizonte 08(1), jan.-jun. 2012, p. 7-23.

MEIHY, José Carlos. *Canto de morte Kaiowá: História Oral de vida*. São Paulo: Loyola, 1991.

_____. "Os novos rumos da história oral", In: COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Caminhos da História: coletânea de trabalhos apresentados no Simpósio Internacional Os Rumos da História*. São Paulo: Xamã, 2006, p. 443-454.

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e Vida Severina*. São Paulo: Ática, 1994.

MIGUEL, Salim. *Velhice e outros contos*. Florianópolis: FCC/IOESC, 1981.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). *Política Nacional de Atenção às Urgências*. Brasília: MS; 2006.

MONTEIRO, Ana Maria (et al) (org.). *Pesquisa em ensino de história: entre desafios epistemológicos e apostas políticas*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2014.

MONTEIRO, Maria Therezinha de Lima. "O impacto social do Programa Bolsa-Escola no Distrito Federal". *Estudos em Avaliação Educacional*, nº 22, p. 37-91, jul.-dez. 2000.

MONTENEGRO, Antônio T. *História, Metodologia e Memória*. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 2013.

MOTTA, Márcia M. "História, memória e tempo presente". In: CARDOSO, Ciro F. & VAIFAS, Ronaldo. *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

MOTTA, Rodrigo. "História, Memória e as disputas pela representação do passado recente". In: *Revista Patrimônio e Memória*, v. 9, n.1. São Paulo: Unesp, jan.-jun. 2013, p. 56-70.

_____. *O lugar da História na sociedade brasileira: desafios*. Florianópolis: XXVIII SNH, ANPUH, 2015 (Comunicação oral).

MOURA, Cristina Patriota. "'Condomínios' no DF: clubes, favelas ou cidade?'. In: PAVIANI, Aldo (et al.). *Brasília 50 Anos: da capital a metrópole*. Brasília: EdUnB, 2010.

MUNIZ, Diva do C. G. "Mulheres, cultura e cidadania: memória e história". In: COSTA, Cléria B. & RIBEIRO, M. (orgs.). *Fronteiras móveis: culturas, identidades*. Goiânia: PucGO, 2013.

_____. G. & SENA, Ernesto. *Nação, civilização e história: leituras sertanejas*. Goiânia: PUC, 2011.

_____. "Sobre gênero, sexualidade e O Segredo de Brokeback Mountain". In: STEVENS, Cristina & SWAIN, Tânia. *A construção dos corpos: perspectivas feministas*. Florianópolis: Mulheres, 2008.

MUNIZ NETO, Alcebíades. "Uma casa para Maria", In: MEDINA, Cremilda (org.). *Narrativas a céu aberto: modos de ver e viver Brasília*. Brasília: UnB, 1998, p. 137-144.

NADAI, Elza. "A Escola Pública Contemporânea: os currículos oficiais de história e o ensino temático". In: *Revista Brasileira de História*, v. 6, n. 11. São Paulo: Ed. Marco Zero, 1985.

_____. "O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectivas". In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH, 1992.

NASCIMIENTO, Elimer & AGUIAR, Marcelo. *Bolsa Escola: história e evolução*. Paris: IIEP/UNESCO, 2006.

NORA, Pierre. "Entre memória e história: a problemática dos lugares". *Projeto História*, n. 10. São Paulo: Educ, 1993.

O'DWYER, G. "A gestão da atenção às urgências e o protagonismo federal". In: *Ciência Saúde Coletiva* [online], v. 15(5): Ago. 2010, p. 2395-2404, [acesso 20 jun 2017].

OLIVEIRA, Saionara Nunes (et al). "Unidade de Pronto Atendimento - UPA 24h: percepção da enfermagem". In: *Texto, contexto, enfermagem*. Florianópolis, 2015, p. 238-244.

PAVIANI, Aldo (org.). *A Conquista da cidade: movimentos populares em Brasília*. Brasília: EdUnB, 2010.

_____. *Brasília: A Metrópole em crise*. Brasília: EdUnB, 2010a.

PESAVENTO, Sandra . "História, memória e centralidade urbana", In: *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [Online], Debates, posto online no dia 05 Janeiro 2007, acesso em 14 nov. 2017. url: <http://nuevomundo.revues.org/3212>.

POLLAK, Michael. "Memória, esquecimento e silêncio". In: *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3. Rio de Janeiro: 1989.

_____. "Memória e identidade nacional". In: *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10. Rio de Janeiro: 1992.

QUINTANA, Mário. *Nova antologia poética*. Rio de Janeiro: Codecri, 1981.

QUINTO, Luiz de Pinedo & IWAKAMI, Luiza Naomi. "O canteiro de obras da cidade planejada e o fator de aglomeração". In: PAVIANI, Aldo (org.). *A Conquista da cidade: movimentos populares em Brasília*. Brasília: EdUnB, 2010.

RAMINELLI, Ronald. "História urbana". In: CARDOSO, Ciro F. & VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

REVEL, Jacques. *História e historiografia : exercícios críticos*. Curitiba : Ed. UFPR, 2010.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2012.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Brasília: Fund. Biblioteca Nacional, 1909.

ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ROUSSO, Henry. *La hantise du passé*. Paris: Textuel, 1998.

SANTOS, Jorge Artur Caetano Lopes dos. *Concepções de história e cidadania nos livros didáticos e nas diretrizes curriculares: leituras e sentidos (1996-2005)*. Dissertação de mestrado em História. Brasília: Universidade de Brasília, 2009.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado – cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Cia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

_____. "Cultura e política indissociáveis: entrevista". *Revista de história da Biblioteca Nacional*. Entrevista concedida a Alice Melo e Ronaldo Pelli., Abril de 2014.

SCHVASBERG, Benny. "Do Plano Piloto a Brasília: considerações sobre planos diretores e planejamento metropolitano". In: PAVIANI, Aldo (org.). *A Conquista da cidade: movimentos populares em Brasília*. Brasília: EdUnB 2010, p. 253- 280.

SCOTT, Ana Sílvia. "O caleidoscópio dos arranjos familiares". In: PINSKY, Carla & PEDRO, Joana Maria. *Nova história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012.

SEIXAS, Jacy. "Percursos de Memórias em terras de História: problemáticas atuais". In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Unicamp, 2004.

SEAWRIGHT, Leandro. Um passeio pela história oral: entrevista. [janeiro de 2017]. Café História. Entrevista concedida a Bruno Leal. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/historia-oral-entrevista/>, posto online no dia 16 jan. 2017, acesso em 14 nov. 2017.

SILVA, Marcos & FONSECA, Selva. *Ensinar história no século XXI: em busca do tempo entendido*. Campinas: Papirus, 2007. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XXVIII, 2015. *Caderno do evento*. Florianópolis: ANPUH, 2015.

SIRINELLI, Jean-François. "A geração". In: FERREIRA, Marieta & AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 131-138.

SOIHET, Rachel. "Mulheres pobres e violência no Brasil urbano". In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

SOUSA, Nair Heloísa. "O movimento pró-fixação e urbanização do Núcleo Bandeirante: a outra face do populismo janista". In: PAVIANI, Aldo (org.). *A Conquista da cidade: movimentos populares em Brasília*. Brasília: EdUnB, 2010.

TEIXEIRA, Carmen. *Saúde da família, promoção e vigilância: construindo a integralidade da atenção à saúde no SUS*. Salvador: UFBA, 2006.

TERRACAP. *Estudo de impacto ambiental: avaliação das ocupações irregulares na bordas da cidade de Ceilândia, vol. 1, tomo 3*. Brasília: TERRACAP, 2009.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

THOMSON, Alistair. "Histórias (co)movedoras: História Oral e estudos de migração". In: *Revista Brasileira de História*, v. 22, nº 44. São Paulo, 2002, p. 341-364.

TRINDADE JR., Saint-Clair. "Espacialidades e temporalidades na dinâmica das formações urbanas", In: *Cidades*, v. 1, n. 2. São Paulo: Unesp, 2004, p. 241-258.

VALLADERES, Lícia de Prado. *A invenção da favela: do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

VERNANT, Jean-Pierre. *A travessia das fronteiras. entre mito e política*. São Paulo: USO, 2009.

VICENTINI, Albertini. "O sertão e a literatura". In: *Sociedade e Cultura 1* (1). Goiânia: UFG, jan./jun. 1998, p. 41-54.

VIDAL, Laurent. *De Nova Lisboa a Brasília*. Brasília: EdUnB, 2009.

VIGOTSKI, Lev. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

WIZISLA, Erdmut. *Benjamin e Brecht: história de uma amizade*. São Paulo: USP, 2013.

Jornais

Onde não há referência do link acessado, se está referenciando um jornal impresso. Para mídia televisiva, se acrescentou a sigla “TV” ao final da citação. No que se refere à mídia da Internet, os acessos se deram entre os meses de junho e outubro de 2017 – a não ser que haja informação adicional com data diferente.

Jornal Correio Braziliense (CB), 1961, 14/7: p. 8.
Jornal Correio Braziliense (CB), 1999, 15/09: p. 10.
Jornal Correio Braziliense (CB), 1999, 16/09: p. 8.
Jornal Correio Braziliense (CB), 2000, 05/04: P. 24.
Jornal Correio Braziliense (CB), 2003, 07/11: p. 4.
Jornal Correio Braziliense (CB), 2003, 11/11: p. 6.
Jornal Correio Braziliense (CB), 2003, 24/12: p. 5.
Jornal Correio Braziliense (CB), 2004, 01/02: p.26.
Jornal Correio Braziliense (CB), 2004, 27/08: p.21.
Jornal Correio Braziliense (CB), 2004, 13/02: p.27.
Jornal Correio Braziliense (CB), 2005, 26/02: p. 30.
Jornal Correio Braziliense (CB), 2005, 24/06: p. 30.
Jornal Correio Braziliense (CB), 2005, 15/02: p. 5.
Jornal Correio Braziliense (CB), 2007, 23/06: p. 27.
Jornal Correio Braziliense (CB), 2007, 23/04: p. 5.
Jornal Correio Braziliense (CB), 2007, 26/09: p. 27.

Jornal do Brasil (JB), 1985, 12/7: p. 14.
Jornal do Brasil (JB), 1993, 9/4: p. 14.
Jornal do Brasil (JB), 1993 04/03: p. 15.
Jornal do Brasil (JB), 1993, 19/2: p. 12
Jornal do Brasil (JB), 1993, 03/03: p. 14
Jornal do Brasil (JB), 1994: 23/04: p. 9.
Jornal do Brasil (JB), 2003: 07/11: p. D3.
Jornal do Brasil (JB), 2003: 12/11: p. D7.
Jornal do Brasil (JB), 2003: 13/12: p. D3

Jornal do Brasil (JB), 2007, 23/06: p. D5

Jornal do Brasil (JB), 2007: 19/02: p. D3

Jornal do Brasil (JB), 2007: 23/06: p. D5

Jornal do Comércio do Amazonas, 1995, 29/01: p. 10.

Jornal do Comércio, 1996, 22/12: p. 6.

TV GLOBO, DF TV 1989, 16/4 [TV].

TV GLOBO, Bom Dia DF 2013, 12/03 [TV] .

Sítio do Correio Braziliense, 2009, 20/12, http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2009/12/20/interna_cidadesdf,162070/index.shtml.

Sítio do Correio Braziliense, 2011, 03/03, http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2011/03/03/interna_cidadesdf,240751/arquitetos-ambientalistas-e-lideres-comunitarios-debaterao-novo-pdot.shtml.

Sítio do Correio Braziliense, 2012, 03/10, em http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2012/10/03/interna_cidadesdf,325932/incendio-atinge-escola-publica-de-madeirite-no-recanto-das-emas.shtml.

Sítio do Correio Braziliense, 2012, 23/05, em http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2012/05/23/interna_cidadesdf,303727/erguida-em-2000-escola-classe-410-do-recanto-das-emas-sera-reconstruida.shtml.

Sítio do Correio Braziliense, 2012, 12/12, http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2012/12/12/interna_cidadesdf,338887/clinica-da-familia-do-recanto-das-emas-sera-inaugurada-nesta-quinta-feira.shtml.

Sítio do Correio Braziliense, 2013, 08/04, http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/ensino_educacaobasica/2013/04/08/ensino_educacaobasica_interna,359211/estudante-explode-rojao-em-sala-de-aula-no-recanto-das-emas.shtml . Acesso em vinte e quatro de fevereiro de 2017.

Sítio do Correio Braziliense, 2013, 10/07, <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2013/07/ultima-escola-de-madeira-do-df-e-demolida-no-recanto-das-emas.html>.

Sítio do Correio Braziliense, 2013, <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2013/07/ultima-escola-de-madeira-do-df-e-demolida-no-recanto-das-emas.html>.

Sítio do Correio Braziliense, 2015, 29/08, http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/08/29/interna_cidadesdf,496538/justica-absolve-policiais-acusados-de-participarem-do-massacre-da-estr.shtml.

Sítio do Correio Braziliense, 2016, 30/11, http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/ensino_educacaobasica/2016/11/30/ensino_educacaobasica_interna,559461/governo-fara-mudancas-na-escola-parque.shtml.

Sítio do Correio Braziliense 2016, 20/01, http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/01/20/interna_cidadesdf,514552/pais-madrugam-em-frente-as-creches-publicas-por-vaga-para-os-filhos.shtml. Acesso em 23 de mar. de 2017.

Sítio do Jornal de Brasília, 2013, 25/07, <http://www.jornaldebrasil.com.br/cidades/recanto-das-emas-comemora-20-anos-no-proximo-domingo/>.

Sítio do Jornal de Brasília, 2013, 27/04, <http://www.jornaldebrasil.com.br/cidades/recanto-das-emas-ganhara-24-mil-casas-pelo-morar-bem/>. Acesso em 03 de mar. de 2017.

Sítio DF em Destaque 2011, 01/08, Recantenses festejam seu 18o aniversário, <http://dfdestaque.blogspot.com.br/2011/08/recantenses-festejam-o-seu-18.html>.

Sítio R7, 2013, 27/04, <http://noticias.r7.com/distrito-federal/noticias/24-mil-casas-serao-construidas-no-recanto-das-emas-ate-2015-20130427.html> . Acesso em 03 de mar. 2017.

SÍTIO R7, 2013, 18/09, <http://noticias.r7.com/distrito-federal/segunda-clinica-da-familia-e-inaugurada-no-recanto-das-emas-18092013>.

Sítio G1, 2015, 23/03, <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/03/justica-do-df-cancela-quatro-editais-do-morar-bem-no-recanto-das-emas.html> . Acesso em 03 de mar. de 2017

Sítio do G1, 2012, <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2012/07/pronta-desde-2010-upa-do-recanto-das-emas-e-inaugurada.html>.

Sítio G1, 2015, 18/11, <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/11/fiscais-do-gdf-derrubam-barracos-em-invasao-no-recanto-das-emas.html> . Acesso em 24 fev. de 2017.

Sítio do DF TV, 2015, 18/03, <http://g1.globo.com/distrito-federal/videos/v/gdf-elabora-projeto-para-retirar-invasores-do-recanto-das-emas/4045373/>. Acesso em 24 de fev. de 2017.

Sítio do Blog da Redação do Jornal Mais Comunidade, 2006, 21/06, <http://blogs.maiscomunidade.com/blogdocallado/2010/06/21/os-herdeiros-de-roriz/>

Sítio do Metrópolis, 2016, 09/01, <http://www.metropoles.com/distrito-federal/lancamento-de-moradias-populares-em-2016-esbarra-em-decisoes-judiciais>>. Acesso em 03 de mar. de 2017.

Sítio da Carta Capital, 2010, 04/03, <https://www.cartacapital.com.br/politica/roriz-o-pai-de-todos>.

Sítio de A Gazeta do Povo, 2010, 24/10, <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/eleicoes/2010/no-df-terra-e-fe-explicam-o-fenomeno-roriz-0h7f5maurxnzw1uore4s78lq>.

Sítio da Folha de São Paulo, 1994, 15/11, http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/11/15/caderno_especial/42.html, acesso em: 03 mar. 2017.

Sítio Congresso em Foco, 2015, 02/06, <http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/roriz-e-o-ex-governador-mais-bem-avaliado-pela-populacao-do-df>.

Sítio do Diário Grande ABC, 1999, 24/01, <http://www.dgabc.com.br/Noticia/111984/invasoes-crescem-no-governo-de-roriz-no-df>.

Sítio do Coletivo, 2010, 02/08, <http://coletivo.maiscomunidade.com/conteudo/2010-08-02/politica/2170/AGNELO+VISITA+CRECHE+NO+RECANTO+DAS+EMAS.pnhtml>

Sítio do Contas Abertas, 2014, 12/09,
<http://www.contasabertas.com.br/website/arquivos/9596>.

Sítio do Político do Cerrado, 2017, 16/06,
<https://politicadocerrado.wordpress.com/2017/06/16/o-palhaco-chocolate-e-a-parede-a-historia-do-ilustre-roberto-da-ema/#comments>.

Blog do jornalista Carlos Honorato, 2008, 01/06,
<http://www.carloshonorato.com.br/index/noticias/data/01-06-2008>.

Sítio da Controladoria Geral da União (CGU), 2001, 06/12, <http://www.cgu.gov.br/>.

Sítio do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Território (TJDFT), 2003,
<https://www2.tjdft.jus.br/noticias/noticia.asp?codigo=3438>.

Sítio do TCDF, 2007, semdia/09, em http://www.tc.df.gov.br/web/tcdf1/tcdf-na-midia/-/asset_publisher/M34f/content/em-condicoes-precarias.

Sítio da DRE REC EMAS, 2014, <https://drerecanto.wordpress.com/2014/03/28/escola-classe-401-um-novo-tempo>.

Sítio da SE-DF, 2017, <http://www.se.df.gov.br/servicos/dados-e-indicadores-educacionais.html>.

Sítio da SE-DF, 2017a, <http://noticias.se.df.gov.br/noticias/ultimas-noticias/conheca-a-origem-de-alguns-nomes-curiosos-de-escolas-publicas-do-df/>

Sítio do Perfil do CEF 101, 1998, https://www.facebook.com/pg/CEF-101-Recanto-das-Emas527513150736298/about/?ref=page_internal.

Blog da EC 401, 2008, <http://ec401.blogspot.com.br/>.

Blog do Dourado, 2011, 15/09,
<https://blogdowashingtondourado.wordpress.com/2011/09/15/no-recanto-das-emas-tem-escola-de-madeirite-ha-11-anos>.

Jornal do Paranoá 1988, mês de agosto, acessado na referência:
<http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PJPARDF081988001.pdf>.

Vídeo Gente de Brasília - YOUTUBE, 2016, <https://www.youtube.com/watch?v=odp6Yx414Yc&spfreload=10>

Legislação

Lei nº 5861/72.

Lei nº 510/93.

Lei nº 15046/93.

Lei nº 804/94.

Lei nº 668/94.

Lei nº 15463/94.

Lei nº 1188/96.

Lei nº 17722/96.

Lei nº 19040/98.

Lei nº 353/98.

Lei nº 2427/99.

Lei nº 4020/07.

Decreto nº 11746/89

Decreto nº 2710/98

Decreto nº 3445/98

Licitação DER DODF, 2009: 76 em

<http://www.radaroficial.com.br/d/5273360401432576>.

Projetos de de lei: 7180/14; 7181/14; 867/15; 1859/15.

Medida Provisória (MP) nº 746/16.

Lei Complementar nº 94/98.

ANEXO 1 - Entrevistas

Maria Eustáquia Figueira Baltazar, 03 de dezembro de 2015

- O nome completo da senhora... Quando a senhora veio pra cá. Por que a senhora veio pra cá?

- Meu nome completo é Maria Eustáquia Figueira Baltazar. Eu vim pra cá em 72. Quando eu casei eu vim direto pra cá. Em 72, eu casei e vim pra cá. Aí morei aqui até... não sei se foi 2000 e... 72, 79... por aí, 90 mais ou menos... aí eu fui pra Anápolis... não foi mais... eu fui pra Anápolis em 1998 parece, que eu fui pra Anápolis, fiquei lá oito anos. Aí vim pra cá de novo. Já tem doze anos que eu tô aqui. Meu esposo ele veio a adoecer lá em Anápolis, ele deu câncer né, então a gente fez o tratamento, começou o tratamento lá, e... Mas ele veio terminar o tratamento aqui em Brasília e ele veio a falecer aqui também em Brasília. Então tem doze anos que ele faleceu e tem doze anos que eu tô aqui no Recanto mesmo né, porque assim que ele faleceu, no mesmo ano eu mudei pra cá, comprei uma casa, essa casa aqui e vim pra cá.

- E a senhora veio da onde?

- Eu vim de Ceres, Goiás. Nasci lá em Ceres né, eu casei lá mesmo. Morei lá...

- A família da senhora era toda de lá?

- Não, minha família, a minha mãe mesmo é de Minas né, meu pai também é de Minas, e meus irmãos, só quatro que veio de lá assim sem, que não era, que não nasceu em Minas, o resto nasceu em Goiás mesmo né, então a gente fala que é goiano porque nasce em Goiânia, mas a gente diz que é, a gente é filho de mineiro, então a minha procedência, o meu jeito, a minha comida como se diz assim é tudo de mineiro mesmo né, mas nasci mesmo em Goiás, Ceres mesmo. Sou de uma família assim que veio onze filhos, minha mãe teve onze filhos né, mas só oito vingou, oito viveram, mas já perdi, assim depois que perdi minha mãe, aí logo em seguida, um mês e dois dias mais ou menos perdi meu esposo né, então foi assim uma coisa muito, muito difícil pra mim, depois de dois anos perdi um irmão, depois de mais um ano perdi uma irmã, tudo com câncer né, minha mãe não, minha mãe não morreu com câncer, mas meu esposo foi e meus dois irmão e a gente vem né lutando com essa dificuldade.

- E a primeira vez que a senhora veio de Ceres pra cá, a senhora morou aonde?

- Eu morei no Gama. Eu morei no Gama Leste.

- E ficou até ir embora morando lá?

- Não, fiquei cinco anos lá, morando lá, aí nos mudamos pra Ceilândia. Eu morei em outros lugares, eu morei quinze anos de aluguel. Depois que a gente teve nossa casa né. A casa da SHIS, nós ganhamos a casa da SHIS. Mas assim...

- Aqui?

- É. Não. Lá no P Sul. Nós ganhamos lá. A hora que saiu aquelas casas lá do P Sul, nós ganhamos lá. Morei lá na Ocidental também dois anos né, que eu ganhei também uma casa lá também, mas moramos lá. De lá foi que nós viemos pra cá, pro P Sul que nos ganhamos aqui e viemos pra cá. Lá do P Sul foi que nós moramos, fomos pra Anápolis, ficamos lá oito anos e voltamos pra cá de novo.

- Quando a senhora veio pra cá já tinha casa aqui ou veio pra morar de aluguel?

- Não, quando eu vim, eu vim pra aluguel. Eu comprei a casa em Anápolis, aí deixei alugado lá e vim morar aqui em Brasília. Só que eu vim morei na casa que era do meu sogro, que ele já tinha falecido, minha sogra também né, então nós morava na casa que era deles. Quer dizer, meu sobrinho morava na casa da frente e nós morava nos fundos. Mas logo, assim que meu esposo faleceu, aí eles venderam a casa, que era herança né, aí eles venderam a casa, porque assim enquanto ele tava vivo, ele não deixava vender, queria se manter né. E mas assim que ele faleceu, com uns dois meses que ele tinha falecido, eles venderam a casa. Mas logo em seguida que eles venderam, eu também vendi a minha em Anápolis e comprei essa aqui. E tudo assim, tudo providência de Deus mesmo né. Na nossa vida e na vida dos dois. Tenho três filhos.

- E quando a senhora veio pra cá eles ainda moravam com a senhora?

- Meus filhos? Dois já moravam comigo ainda, que é os dois solteiros né, o mais velho já tinha casado. Já tava já tinha casado, já tinha uma filha já. Não, quando eu mudei, ele... pra cá, voltei pra cá, ele ainda não tinha filho ainda. Ele ficou seis anos sem arrumar filho. Igual minha caçula também já tem... já vai fazer seis anos também ainda não teve um filho né.

- O mais velho é o pai da Aline?

- Não, ele é o do meio, o pai da Aline é o do meio. Aí tem o mais velho que mora lá na Samambaia, tem o pai da Aline que é o Marcos que mora aqui e a minha filha que mora aqui na frente. E, assim, a gente nessa vida, nós vem lutando, mas toda vida, toda vida eu gostei de Brasília né. Um lugar assim que eu sempre morei, sempre gostei, não tenho vontade de sair daqui. Aí quando eu comprei aqui também, nossa, aqui foi muito difícil, foi muito difícil, que tava assim, tinha o que? Acho que uns cinco ou seis anos que tinha começado né, assim, o povo tinha saído da invasão e tinha vindo pra cá. Então, quer

dizer, ainda tinha muitas pessoas aqui ainda da invasão ainda. Então tinha assim muitos marginais, muita coisa, coisa ruim mesmo. Inclusive até minha filha não queria mudar pra cá de jeito nenhum, ela até ficou. Ela trabalhava né, e ela ficou morando de aluguel e não quis vir pra cá. Veio assim né, depois de muito tempo, tinha já o que? Uns cinco, seis, cinco anos que eu já tava aqui, que eu morava aqui com meu filho, com o pai da Aline né. Aline nasceu na minha casa, nasceu junto comigo, criei. Depois de cinco anos foi que eles saíram daqui, moravam comigo aí saíram, aí veio minha filha morar comigo aqui. Morar comigo não, aí ela fez a casa, uma casa nós fizemos duas casas. Aí tem a casa dela e tem a minha, então independente assim, independente uma da outra. Só é bom a companhia, que a gente vive muito né. Então é companhia pra gente.

- Mas quando a senhora chegou a maioria ainda tava construindo ainda né?

- Tava. Quando eu mudei pra cá não tinha asfalto, asfalto só aqui na minha porta. Foi assim (risos), eu vou te contar a história dessa casa. Quando eu vim, quando eu vendi a casa velha de Anápolis, eu falei “Jesus, eu quero, eu quero comprar uma casa pra mim, mas eu quero assim uma casa com, com três quartos, sala, cozinha. E falei pro Senhor, e ainda quero com asfalto na porta, Jesus, não quero casa assim como né”, já morei em muitas casas sem asfalto, muita lama, muita terra e eu pus isso né, pedi ao Senhor que ele me desse. Então, assim do jeitinho que eu pedi ao Senhor, ele me deu a minha casa, só que eu não pedi o Senhor se a casa era assim né, num pôs os detalhes, mas do jeito que eu pedi o Senhor me deu. Tanto é que quando eu cheguei aqui pra comprar essa casa, quando eu entrei na porta da sala, que a porta da sala era a entrada lá, o Senhor falou “essa é a sua casa”. E aquilo eu tomei aquele amor sabe na casa. Agora eu tenho que ver se meu dinheiro da pra comprar, aí quando eu comecei, conversei com a mulher... Ainda comprei na época, comprei de treze mil e quinhentos essa casa ainda. Na época de 70... 74... Pra doze anos, é?... 74...

- 86... Doze anos depois de 74?

- Foi.

- 86...

- 86 né quando eu comprei aqui. Não... eu quero dizer... não eu comprei aqui em noventa e...

- Doze pra trás de agora? 2003...

- Dois mil e... Ah é.. 2003 quando eu comprei aqui. Então era assim. Aí só tinha asfalto aqui nessa rua. Não tinha mais asfalto. Só tinha aqui nessa rua e se não me engano parece que nessa rua aqui, essas duas ruas de cima o asfalto aqui também. Eu ainda fui

lá embaixo, vi, ele me mostrando, o corretor me mostrou umas casas lá embaixo. Mas a primeira casa que ele me mostrou foi essa e eu gostei. E também tinha uma igreja né, que é a Igreja Ebenezer, que ficava bem pertinho. Aí eu falei eu quero bem pertinho da igreja. Então, eu gostei, assim teve isso também né, que Deus pôs até na porta da igreja também. E... eu fui, desci lá embaixo, olhei as casas, aí falei “não, vamos voltar naquela lá, naquele lugar primeiro”. Foi e voltou. “Vamos ficar com essa aqui mesmo”. Aí já tinha visto o preço né, inclusive foi até do mais barato que as outras lá embaixo e... e vim nesses anos todos construindo, arrumando, pelejando, tô aqui...

- Já tinha energia, água? Isso tudo normal?

- Já, já. Já tinha normal. Aí que assim cada um pessoas que compravam, que ganhavam os lotes, ganhavam só os lotes né. Essa mulher mesma aqui, ela foi a primeira dona dessa casa aqui. E ela construiu, só que ela fez a casa com pré-moldado né. Aí eu tive que tirar tudo né, as paredes com pré-moldado e fazer tudo de novo, porque eu achava assim uma casa muito insegura né, e também assim muito quente, achava assim, aquele lado era muito quente, é até hoje né. E mas assim era muito mais quente, era bem baixinha, ela descia aqui, ela só tinha, aquela fiada lá eu fiz, eu tive que aumentar mais cinco fiada de tijolo e mais uma cinta que foi colocada na casa toda, porque não tinha cinta. Ela era bem baixinha mesmo, quando ela descia aqui a altura dela era aqui da porta. Então, ela era muito quente, era daquela telha ainda fininha também. Ficava muito abafado. Aí antes deu mudar eu pedi o pedreiro, ele veio aqui, arrumou, levantou as telhas e foi muito difícil pra mim, porque a gente morava lá na Ceilândia e ele trabalhando aqui. Inclusive até o primeiro material que eu coloquei aqui pra construir a casa, eles entraram aqui e levaram tudo, não ficou nada. Só não levou o cimento que eu acho que não deram conta né. Ainda bem que eu pedi aqui o meu vizinho aqui pra colocar o cimento na casa dele né, as outras coisas que tinham ficado, um pouco de ferragem que tinham ficado ainda, acho que foi só isso, uma pia, que era da cozinha mesmo ela ainda, eu lembro que tinha, mas assim mesmo ainda carregaram, porque a porta era bem aqui ó, a porta da cozinha, aqui era uma área de serviço. Aí eles entraram, eles pularam esse muro, que o muro era mais baixo também e nesse fundo aqui, nesse lote que é fundo com meu lote num tinha, num morava ninguém, era inva... era, tava abandonado né, tinha só um cômodo, mas era que tava abandonado, ninguém morava ninguém. Eles entraram, subiram aqui pelo muro, passaram as coisas tudo pelo muro. Assim, meus vizinhos aqui viu né, mas como era muito arriscado, até eles mesmo falaram né. Depois com o tempo, com os anos, depois que eu mudei pra cá, foi que eles

foram falar, foram contar né, que eles tinham roubado, falou até quem que era. Falei "ah", eu entreguei para o Senhor. Deixei na mão do Senhor. Que Deus me deus condições...

- Era gente aqui mesmo em volta?

- Gente aqui mesmo em volta mesmo, vizinhos mesmo aqui perto. A pessoa assim... aqui era terrível, então não podia mesmo deixar nada assim. E a gente... Como ficou três dias né, até que eu achei que demorou pra roubar. Que ficou três dias sem ninguém aqui. As coisas daí. Meu menino não tinha como vir dormir aqui, porque ele trabalhava era a noite, trabalhava em posto de gasolina né, Marcos, porque ele já morava comigo, o Marcos também. E, então, assim foi muito difícil, mas graças a Deus nós vencemos as dificuldades.

- Mas era muito inseguro aqui no começo?

- Era muito inseguro.

- Hoje em dia, a senhora acha que já melhorou bastante?

- Melhorou muito. Melhorou muito mesmo. Tem ainda as suas... suas... assim, seus roubos, essas coisas, mas, graças a Deus, melhorou muito.

- Agora tem a escola aqui perto...

- Tem a escola aqui pertinho, que não tinha. Era só na 510 né que tinha. Aline mesmo estudava lá, era muito difícil quando a mãe dela trabalhava, nos dias que a mãe tava trabalhando, eu tinha que levar, que buscar né, isso era todos os dias, e... o Marcos também trabalhava, então eu tinha que ficar levando ela e buscando. Primeiro ano dela não, primeiro ano ela estudou particular, naquela, esqueci o nome da escolinha que ela estudou, estudou quase dois anos lá. Aí ela saiu, na hora que ela saiu ela foi lá pro colégio, aí quando ela foi lá pro colégio ela não tinha quem leva né, mas foi bom... assim né...

- A vizinhança, as pessoas... Mudou muito? Tem muita gente da época que a senhora chegou aqui?

- Mudou. Inclusive quando eu comprei, fui comprar aqui, o rapaz, o corretor falou assim pra mim assim, ela falou: "Ó Dona Maria, não preocupa não. É lá tem assim... Claro que todo lugar tem muito bandido, lá tem muita marginalidade, mas, mas é assim, isso é pouco tempo". Ainda falou assim pra mim, eu lembro disso como se fosse hoje assim ele falando. "A pessoa que é, eles não ficam muito tempo no lugar. Ou eles morrem ou eles saem fugidos né", ele falando assim. Ai ele falou assim: "quando, quando eles começam a vender as casas, é claro que quem que vai comprar, quem vai comprar as

casas não é pessoa ruim, não é pessoa da marginalidade né, as pessoas que vão comprar são pessoas que tem né condições de comprar, pessoas de bens igual que eu tava falando”. Aí assim daquilo assim parece que me deu aquela tranquilidade né, porque quando eu desci aqui , meu Deus do céu, aqui era só mato, só tinha essa, essa, essa fila de casa aqui, ali embaixo não tinha casa, ali era tudo mato ali, né, aqui era tudo mato aqui, não tinha essa, as rotas era só aqui que o ônibus, e essa, que essa pista que descia aqui não passava ônibus, só naquela lá de cima mesmo. Só naquela lá. Aquela lá era a principal mesmo. Aqui era mato, aqui era assim, aquela, como é que a gente fala, é assim quando mina água?

- Nascente?

- Nascente, parecia até que tinha até nascente de água ali, onde é o asfalto agora, parecia que tinha nascente de água, era muito esses postes mesmo assim de água assim ó. Eu falei, meu Deus, onde que eu vim morar? Bem no brejo né... Mas foi pouco tempo, foi assim foi, faixa assim de 3 anos, uns 3 anos a 4 anos, não, foi assim, rapidinho eles passaram o asfalto aqui. Desceram o asfalto aqui nas outras ruas né. E fizeram o asfalto por tudo ali. Colocou a... quer dizer, o terminal sempre foi ali mesmo. Aí eles arrumaram o terminal ali também. E foi... foi arrumando. Foi aguentando e já foi gostando daqui. Achando bom morar. E agora tô achando melhor ainda, que né, valorizando cada vez mais né. As casas valorizam. As pessoas que vem entrando, igual ele falou mesmo, sempre pessoas de bem mesmo né, meus vizinhos são muito bons. Aqueles que não são também, o Senhor logo atira também né. Então, estamos aqui...

- Hoje em dia a senhora acha que falta coisa pra melhorar? Algo que tá faltando?

- Precisa. Com certeza. Terminar ali o terminal que eles começaram e não terminaram né. Parou quando tava terminando. Precisa também aqui assim de muita, assim, eu creio assim, mais mercados né, é... É... Como é que fala assim, um banco, mais perto pra gente né, porque é tudo lá em cima. Mais difícil né pra gente ir lá. Tudo é lá né. Mas assim, tudo agora aqui tudo que coloca também é muito difícil, porque fica pouco tempo, eles roubam muito né aqui. Roubava né. A gente fala assim roubava, porque pra ver se Deus não deixa tanto. Mas é muito difícil. Às vezes coloca farmácia aqui mais perto, mas logo eles tem que fechar. Eu penso assim que se tivesse mais policiamento aqui né, é como tinha ali o posto, o posto fiscal... Como é que é? O posto de polícia ali né, aquele postinho. Eles ficaram ali pouco tempo. Já saíram, com três dias que eles tinham saído, eles puseram fogo lá né. Mas assim, eu penso se eles permanecessem

mesmo, ficassem mais mesmo, pusessem mais posto espalhado aqui mais pra baixo né, eu penso que melhoraria mais né.

- Sente mais falta da segurança.

- Com certeza, a segurança é o que mais precisa né. Porque assim, se tivesse mais segurança, as pessoas tinham mais vontade de descer, de fazer as coisas aqui embaixo né. Então eu creio que as pessoas não vem e não faz por conta disso né.

- Os vizinhos ainda são mais ou menos os mesmos?

- Uma parte. O senhor aceita algum coisa. Água? Suco de abacaxi?

- Não, obrigado.

- Tem um pessoal mais antigo. Umas conhecidas da igreja. Elas sabem contar melhor como era aqui no começo.

Maria Eustáquia Figueira Baltazar, 24 de julho de 2016

- De novo, eu agradeço muito pela disponibilidade, porque eu sei que 'as vezes é sempre bom a gente conversar também né.

- É, é bom.

- Contar um pouco de história. É, aí, eu queria saber assim, da outra vez que eu estive aqui se teve alguma coisa assim, que a senhora lembrou, que falou "oh, eu podia ter contado isso e não lembrei" ou...

- Eu...

- Porque eu lembro que a senhora, eu lembro, assim, da entrevista toda, depois lendo para escrever, eu fiquei só com uma dúvida.

- Hum?

- Que a senhora falou que se mudou pra cá quando seu esposo faleceu, doze, uns trezes anos atrás agora já, porque ano passado eram doze.

- Uhum, é.

- Mas a senhora falou que antes, a senhora morou aqui primeiro na casa do seu sogro, que seu sogro tinha falecido e vocês tinham vindo pra cá primeiro ficar na casa do seu sogro. Onde que era a casa?

- Lá na Ceilândia. Ceilândia Sul, Norte.

- Ah tá...

- Lá na norte da Ceilândia Sul. Da Ceilândia Norte.

- Aí era um terreno que morava a senhora, seu marido e mais um monte de gente. Lembro que tinha a história de um sobrinho.
- É. Tinha uma casa nos fundos, casa da frente que era onde meu sogro morava né. Quando ele faleceu, meu sobrinho, que era sobrinho do meu esposo né, ficou morando na frente e nós ficamos morando nos fundos.
- Ah, tá. Aí, só com a venda de lá que a senhora veio pra cá?
- Não.
- A senhora foi pra Anápolis.
- Vendi em Anápolis e comprei essa aqui.
- Entendi.
- Isso. Então, foi assim, assim, eu já tinha morado aqui, eu já tinha... Trinta e dois, acho que tinha trinta e dois anos que eu já morava aqui.
- Aqui em Brasília?
- Casei e mudei pra Brasília, só que eu morei em muitos lugares né. Então aqui no Recanto das Emas tô esse tempo que eu fiquei aqui. E ficou assim, lá foi só, não chegou a ficar nem um ano. Lá na casa do meu sogro. Porque logo ele faleceu né, meu esposo, e assim que ele faleceu, eles venderam a casa.
- Entendi.
- Aí, nós tivemos que...
- Se mudar?
- Se mudar, Ainda moramos de aluguel acho que uns três meses até eu conseguir vender lá em Anápolis. Quando eu consegui vender.
- E a outra coisa que eu tinha pra perguntar, porque assim, quando a senhora chegou aqui essa parte tava começando né, tinha pouco tempo da invasão?
- Tinha quatro, acho que era quatro ou cinco anos que tinha começado né.
- Então a senhora me falou que ainda tinha muita gente da época da invasão aqui, que era muito difícil aqui ainda.
- Tinha, uhum. Era muito difícil, muito difícil mesmo, da gente, até quando eu cheguei aqui, não tinha asfalto ali né, o asfalto era só nessa rua aqui.
- Nessa aqui da frente?
- Dessa aqui da frente. Foi assim, eu, eu falei até com o Senhor assim, que, é igual fala assim, a gente tem que saber pedir as coisas pro Senhor, você fala assim, que saber pedir, que Ele vos dá né, então Ele nos dá aquilo que a gente pede, sabendo pedir, o Senhor nos dá do jeito que nós pedimos. Aí, eu pedi essa casa aqui pro Senhor, quando

eu disse "eu quero uma casa de três quartos, sala, cozinha, banheiro", assim, mas não falei se era rebocada ou se era né. Se era terminada a casa. E quando eu cheguei aqui, é que eu pus o pé no portão dessa casa aqui, não era desse jeito aqui não, que eu mudei ela toda. E o Senhor falou pra mim assim no meu coração, falou assim "essa é sua casa". Então, aquilo ali, assim, eu apossei, eu tomei posse daquilo né, e nós fomos até ver outras casas aqui pra baixo, mas eu não, eu não gostei das outras casas ali e voltei, pedi pro corretor me trazer aqui de novo, falei "não, me leva lá, naquela casa, aquela primeira casa que nós fomos". Aí quando chegou aqui, o Senhor tornou a falar comigo de novo né, essa é a minha casa. Porque, ah sim, mais um detalhe, que eu tinha pedido pro Senhor que eu queria com asfalto na porta né, eu falei assim, eu fui em tantos lugares, mas assim aquela terra, aquela lama, quando não era lama, era muita terra né, assim, era seco e eu falei com o Senhor... Só um minutinho... Então vai lá. Deixa os meninos. Depois vocês voltam tá. Depois vocês voltam. Eu tô dando uma entrevista aqui que eu não posso interromper, depois vocês voltam, tá bom? Essa bagunça...

- Menino tem muita energia né...

- Ah Deus...

- Quantos netos a senhora tem?

- Eu tenho três.

- Três.

- A minha caçula é a Aline.

- Uhum.

- Tem que mora em Anápolis, a outra mora aqui na, em Taguatinga e a Alice voltou pra cá de novo né. Tava longe.

- Ah, que bom.

- Então, a gente tava falando sobre a casa. Então, foi assim, essa compra dessa casa foi dessa maneira, né.

- Ah, e assim, é, já tinha, a senhora falou, tinha asfalto só aqui na porta, que ainda tinha pouco tempo que o pessoal da invasão tinha vindo pra cá, mas, assim, como cidade, melhorou muito?

- Melhorou muito, como cidade melhorou muito. Assim, eu posso até dizer, assim, que melhorou oitenta por cento né, da época que eu vim pra agora. Melhorou muito mesmo. Assim, tanto em termo de casa como em termo de vizinhança né. Porque é igual o menino mesmo falou "hoje a senhora acha ruim aqui, porque tem muitas, assim, coisas que não é bom", né, mas ele falou "olha, esse povo que veio da invasão, poucos ficam, a

maioria vende as casas, os que vem são pessoas que querem mesmo morar, que querem ter uma comunidade". E realmente eu tenho visto isso. E eu coloquei isso na minha mente e fiquei, sabe, assim, pensando, então, toda vez que há uma mudança, eu penso nisso, eu falo "realmente, ele estava certo", né. Porque houve mesmo, na época foi muito difícil aqui mesmo, quando eu mudei pra cá, teve roubo aqui na minha casa. Porque eu comprei a casa, eu tive que levantar ela, arrumar, então, eu comprei todo o material e deixei dentro de um quarto que tinha aqui, era o único, assim, que tinha porta no quarto era ela né. E eu deixei os materiais todos ali dentro daquele quarto, eles roubaram, levaram tudo, só não levaram os cimentos e os tijolos né, assim, mas até aquelas grades que eu comprei pra poder fazer as colunas né, eles levaram também. Então, assim, foi um prejuízo muito grande e eu fiquei até com vontade de voltar né, de não comprar mais, de vender até aqui e comprar em outro lugar, mas eu falei "ah, eu já comprei e vou ficar aqui mesmo". Aí eu comprei tudo de novo e Deus abençoou que eu consegui né.

- Mas assim, quando aqui começou, esse pedaço, o pedaço aqui mais debaixo do Recanto já era mais antigo né. Dependia muito de lá?

- Isso.

- Agora depende menos, a senhora acha?

- Agora depende menos.

- Tem o comércio, as coisas por aqui?

- Tem, hoje tem mais comércio do que ali. Inclusive aqui valorizou mais do que ali, do que onde já era mais habitado.

- Ali nas 300s?

- É, porque ali tinha casa até baixo, meio aquelas casas ali já tinha, quando eu mudei pra cá né. E aqui era um brejo, não tinha, era muito, não tinha mesmo, não tinha estrutura nenhuma, assim, para asfalto, nem nada assim né, era só aquela pista principal, que é onde passam os ônibus né, mas aqui não tinha nada, nesse limpa aqui só tinha essas casas da frente e essa daqui né, não tinha mais nada, ali pra baixo não tinha mais nada, era só mesmo onde é o esgoto ali né, onde eles fazem a doação do esgoto. Então, ali só tinha aquilo e só, e aqui pra baixo também não tinha muita casa também. E aqui aumentou muito, tem muita casa aqui pra baixo, tem muito comércio né, o que falta mesmo aqui é só um banco mesmo, diferente né.

- Assim, aqui cresceu muito rápido né, parece.

- Cresceu rápido, muito rápido.

- De quando eu cheguei na escola em 2010 pra cá, que são seis anos, já cresceu bastante, eu acho.
- Pois é, não tinha essas barracos, aqui, que é a invasão, essa frente ali, essa frente que fica aqui, dessa igreja, ali embaixo, é, ali só tem acho uma quadra, que era quadra mesmo que eles doaram né, pra poder fazer, o resto tudo era invasão e agora tudo é casa né, então quer dizer, os invasores.
- Mas na época que a senhora chegou já não tinha invasão mais não ou ainda tava acontecendo?
- Não, só teve ali.
- Ainda teve aquele pedaço?
- Ainda teve aquele pedaço ali ainda, mas assim já tava já quase evitado, entendeu? Teve poucas invasões, tinha muitos barracos, então assim, que era coisa assim, como se tivesse acontecido há pouco tempo, menos de um ano de quando eu vim pra cá né, aqui era muito agitado, era bem, assim, quase, ninguém gostava de descer pra cá.
- Mas assim, a senhora, eu conversando com algumas outras pessoas, assim, pro trabalho da pesquisa, elas falaram que na parte de lá tinha muito problema, porque assim, esse pessoal que recebeu o lote né, às vezes, aí tinha muito problema de , às vezes, a pessoa invadir o lote que era de outra pessoa. Então assim, tinha uma pessoa que era o dono, mas a pessoa vinha e não conseguia morar porque tinha outra pessoa morando no terreno dela ou, então, povo que ameaçava os moradores, tinha a violência disso? Aqui a senhora não pegou isso não?
- Eu não cheguei, eu não peguei isso não, mas eu ouvi muitas histórias sobre isso mesmo. Nesse barraco aqui mesmo que eu tô falando de invasão, tem lote até hoje ali que tem três donos. Invadiu, invadiu e ficaram né, foram invadindo e foram ficando, então assim, é, eu falo porque a mulher que morava lá, ela que me contou né, que ela mesma era uma das invasoras que foi que invadiu primeiro e cada um foi invadindo, foi invadindo e pegando um pedacinho. Então, eles ficaram com uns lotes bem pequenininhos né. Mas eu creio assim, se algum dia for fazer mesmo a divisão, dois vão ter que perder.
- Dois perdem, não tem jeito?
- Né, porque não tem como assim e ela foi, ela até saiu de lá, ela era primeira e saiu, vendeu a parte dela e vendeu né e saiu, ela não mora mais aqui, ela mora lá embaixo, conseguiu comprar uma casa pra ela lá embaixo. Mas então assim, mas eu não cheguei a pegar essa...

- Essa fase?
- Essa fase não, viu.
- Quando a senhora comprou aqui já tinha escritura, já tava tudo documentado?
- Não, não tem escritura, eu fiz agora, eu que fiz né.
- Ah, então a senhora comprou um...
- Eu comprei só na, só da... Como é que é? Da CODHAB? Acho que é CODHAB que fala.
- Mas a senhora precisou ir lá na CODHAB? Ou resolveu tudo...
- Não, a dona dessa casa, que ela disse que era a primeira dona, ela era a primeira dona, né, então ela já me deu os documentos da casa, todos certinhos, né, da CODHAB, tal, já tava tudo certinho. A única coisa que não tinha pago era só o IPTU, que não tinha pago ainda, mas eu creio que nenhum dos moradores ainda tinha pago né, é tanto que quando veio o IPTU pra nós pagarmos, ele veio muito caro né. Aí até teve um, eu esqueci o nome dele, um político que teve, e ele orga... Assim, ele resolveu pra nós. Então, quer dizer, três mil ficou para nós por oitocentos reais, né, para cada morador, praqueles que correram atrás, né.
- Isso era dos anos anteriores?
- Dos anos anteriores. Esses cinco anos que ficaram, acho que eram cinco anos mesmo, exatamente, porque era a época, ela morou cinco anos aqui, a mulher né. Então, esses cinco anos de IPTU que ficou, é, nós tínhamos que pagar eles todos, ia ter que pagar todos de uma, assim, de uma vez não, ia ter que parcelar né. Muitos pagaram esse valor né, mas, graças a Deus, eu corri atrás e consegui pagar menos, né. Mas já fiz a escritura também, tô só esperando eles trazerem.
- E a senhora, o governo pra cobrar imposto, ele é rápido né, a senhora acha que ele dá retorno?
- Com certeza. Dá não. Eu não vejo assim o retorno, você fala assim da?
- Na cidade, assim.
- Da cidade, não, aqui mesmo não tem não. Porque o retorno daqui, que eu vejo assim, a estrutura que tá fazendo aqui é mais dos moradores mesmo né. Você ver, precisa de uma estrutura aqui, esse aqui mesmo era pra fazer uma, era pra ser uma praça, já colocaram, já invadiram aqui com essa igreja católica né, já foi invadido aqui tem vários anos, né. Aquela lá de cima, era uma praça também, mas já tá loteando pra vender. Então, quer dizer, é assim uma coisa que, uma coisa que o governo fez, mas não tá mantendo né.

- Mantendo?

- E não fez ainda. Aqui, ainda bem que de vez em quando eles limpam. Ali em cima, o pessoal joga muito lixo ali, muito mesmo. Ontem mesmo, eles limparam ali né, esse aqui perto da igreja católica, limparam. Essas casas, esses lotes que eu falei para você que é invasão, dizem que ali ia ser uma praça também, não, ia ser um, não sei se é um posto de saúde, não sei que que eles falaram que iam fazer, tem no projeto, eu porque não lembro como que, como que eles falaram, porque ali não podem ser casas né, aonde eles invadiram, aonde que eu falei pra você que eles tinham invadido, que eu creio que parece que são duas quadras né, assim, dois quarteirões né, q ali não são quadras, dois quarteirões, igual esse aqui, um quarteirão, né, todo. Então, ali é um quarteirão, foi invadido.

- Fica faltando espaço para as crianças correrem, brincarem?

- Exato. Isso, não tem né. E, assim, mas poucas coisas também, mas eu vejo assim também. É falta também de educação também, eu falo assim da comunidade, porque eles colocaram, né, aquelas academias de rua. A primeira que eles colocaram foi aqui perto da, na quinhentos e... 511 mesmo, mas assim abaixo aqui do colégio né. Menos de dois, menos de um mês, eles já tinham destruído a academia. Então, é por isso que eu falo né, a comunidade não ajuda. Os pais não ajudam as crianças, porque aquilo ali a gente vê que foram as crianças, crianças que a gente fala assim, adolescentes né.

- Jovens.

- Esses jovens, eles não né, então assim, eles estragaram, acabou o mês todo, a que nós estamos mantendo mais ou menos é aquela ali, perto da né, perto da parada, e uma lá em cima que é perto de um, do negócio lá de futebol lá que eles jogam.

- Aquele campo sintético?

- É, aquele sintético né.

- Ah, ali perto da escola.

- Isso, pois é, é o que mantém aqui né, o que tá mantendo, assim, e assim mesmo ainda quebraram alguma coisa, mas pelo menos a gente tá mantendo. Então, assim, eu vejo assim que o governo, às vezes ele quer fazer alguma coisa, mas a comunidade às vezes não ajuda. Eu falo, eu vejo assim que é falta mesmo até de educação mesmo, assim, falta de ensinar né. Que creio também, se o governo também aplicasse mais na educação, né, das pessoas, principalmente desses jovens que tão vindo agora, eles ajudariam né, manteriam né.

- A senhora acha que tem muito menino por aqui que fica a toa?

- Tem. Ih...
- Que não vai pra escola?
- Tem. Muito. Muito mesmo.
- Porque eu sempre que venho aqui, que eu passo por aqui, que eu desço por aqui por algum motivo, eu acabo vendo uns ex-alunos, geralmente os que eram piores alunos, os que não queriam nada com nada, sempre circulando, zanzando por aí, com cara de mala.
- Exatamente.
- Tem muito?
- Tem muito, muito mesmo. Infelizmente, todos mexem com drogas, mexem né, e, eu fico com muita dó, muita dó mesmo, essas pessoas desses meninos, jovens né, criança mesmo, você vê criança aí de dez, nove anos né, se drogando. Porque eu vejo aqui, até aqui mesmo que é, aqui era um, essa do lado aqui era, era né, um ponto de droga, continuam os mesmos moradores, mas graças a Deus, pelo menos isso a polícia, né, tirou, prendeu, então, acabou, pelo menos pra isso, mas continuam usando, né. Mas e, assim, isso tudo assim, eu vejo falta mesmo, assim de, não sei, ajuda dos pais, os pais ajudarem, o governo também.
- Porque assim, a senhora falou uma coisa no começo, que quando a senhora mudou pra cá era muito difícil, não tinha estrutura, só tinha o asfalto aqui na frente, ainda tava crescendo, ainda tava desenvolvendo. E que tinha, a senhora, o corretor até falou pra senhora essa coisa de que esse primeiro povo da invasão, eles vão vendendo, mas...
- E vão saindo.
- E a senhora não acha, aí vieram os moradores, compraram, tiveram os filhos, mas tem uma parte dos meninos que acaba caindo no mesmo...
- No mesmo lugar, na mesma violência.
- Na mesma violência, na mesma criminalidade. Fica meio assim perdido nessa vida né.
- É.
- Tem uma parte do pessoal que continua, mesmo assim que mude um pouco as pessoas, sempre tem um pessoal que tá nesse universo né.
- Sempre tem né, é verdade.
- Eu falo porque eu vejo isso muito lá na escola né. Eu que conheço muito os meninos, enfrento muito isso lá na escola né, o problema de indisciplina, sendo que esses pelo menos tão indo pra escola né, mesmo que vão pra escola pra dar trabalho lá, mas pelo menos tão dentro da escola, assim, vão no começo, mas depois quando querem mandar no próprio nariz já não aparecem lá mais.

- É verdade.
- Bom, eu acho que é isso, Dona Maria Eustáquia, o que eu tinha pra perguntar mais assim de esclarecer, eu acho, da outra vez, era mais isso. A senhora, tem mais alguma coisa que a senhora quer contar para mim. Da cidade, de ser avó...
- Ah, de ser avó, eu sou feliz. Eu tenho três netas maravilhosas, muito boas, minhas netas são maravilhosas mesmo né, não é porque a genética, não é puxando porque eu sou avó não, mas realmente os pais tão sabendo criar né, a Aline já vai fazer treze anos né, já tem doze anos, a outra já tem quatorze, vai fazer treze, vai, já fez treze né, e a outra já tem treza, quatorze, a mais velha, que é irmã da Aline, parte de pai só né, ela mora em Anápolis, essa já tem quatorze anos, ela faz quinze já ano que vem né. Então, eu tô muito feliz assim por ser avó.
- A Aline, a senhora é um pouco mãe, né?
- É, criei mais perto né, sempre mais perto né. Comigo, ela ficou cinco anos né, depois que ela nasceu ficaram cinco anos comigo ainda, depois que cortaram né. Saíram, ela tava completando seis anos já.
- Minha filha fez, tá com um ano e dois meses agora né, que ano passado quando eu vim aqui, ela tava bebezinha de tudo, agora já tá andando.
- Andando, mexendo...
- Mexendo nas coisas já, ninguém segura mais, agora você piscou o olho, já tá...
- Desse jeitinho...
- E eu vejo que a pessoa que ela mais ama no mundo, assim, mais do que eu e minha esposa, é a avó, a avó tá lá quase todo dia, e denga, e mima...
- É porque geralmente eles fazem o que querem. Eu falo assim, os pais são pais, eles educam, eles fazem e a vó vai lá e tira tudo. Eu não sou muito assim não, de tirar né, a autoridade dos meus filhos, não tiro não né, mas eu falo assim, a gente acaba fazendo uns mimos, alguma coisa né, os pais às vezes não fazem né.
- O pai tá preocupado em controlar, né?
- É verdade.
- O vô e a vó tão preocupados em aproveitar né?
- Em aproveitar. Exatamente, ainda mais a gente que tá com mais de sessenta, a gente já quer aproveitar bem os netos.
- Deixa eu perguntar uma coisa agora sim, só de curiosidade mesmo. A senhora conheceu seus avôs, suas avós?
- Só conheci um avô meu por parte de minha mãe.

- Qual a lembrança que a senhora tem dele? Boa assim?
- A lembrança que eu tenho dele, não, quando eu conheci ele, já tava com cento e dois anos.
- Nossa, já era bem...
- Assim que eu conheci ele, que quando ele veio pra cidade que nós morávamos, em Santa Tereza, no Goiás, eu tava com... Eu não sei se eu tinha três, quatro anos, eu acho que eu tinha de quatro, não, tinha seis anos, eu ia fazer seis anos. Então, eu lembro dele assim muito pouco né, mas eu lembro dele, que ele era assim um velho muito bom, sabe, um velhinho assim muito bonzinho, ele já tava cego, ele não enxergava, então, quer dizer, ele não tinha o prazer nem dele me ver, né.
- Mas ele viveu muito né, cento e dois anos.
- Viveu muito né, cento e dois anos, ele morreu com cento e dois, cento e três anos, ele morreu com cento e três anos. Então, ele viveu assim muitos anos né. Ele, e eu lembro dele assim que ele era um senhor, assim, bem saudável, sabe. Ele não tinha assim, ele não era assim, pra dizer assim uma pessoa doente né, eu acho ele assim bem saudável. Minha avó, eu não conheci, porque quando ela, quando eles vieram, moraram lá em, era em Santa Tereza, a minha avó já tinha falecido, ele já morava com outra pessoa, com outra mulher né. Que eu chamava de vó também, porque era casada com ele né, então, eu chamava de vó também. Aí ela, eu, assim, a lembrança dela também muito pouca que eu tenho dela também, dessa segunda vó.
- Isso do lado da mãe, e do lado do pai?
- Do lado da minha mãe, do lado do meu pai eu não conheci nenhum, só conheci os irmãos dele né. Avô não conheci.
- É porque assim, as gerações vão mudando né, a relação vai mudando também.
- Exatamente.
- Eu olho, eu falo pros meninos, por exemplo, eu cresci, eu cresci muito na casa da minha avó. Minha avó tinha onze filhos, meu pai e mais dez, e todos, meu pai, meus tios, todo mundo largava os netos lá. Então, eu tenho vinte e sete primos e o povo largava tudo na casa da minha avó e eu lembro da minha avó no maior amor, assim, naquela alegria com os netos e tudo. Então, a gente, às vezes, meu pai me largava lá na quinta-feira e ia buscar na terça-feira, a gente ficava assim, uma semana, dez dias.
- Ai que coisa boa.
- Aí, eu, muito, os meninos hoje em dia, às vezes não tem essa proximidade, tanta, às vezes o avô, a avó mora em outra cidade.

- Uhum.

- Não tem essa, um pouco do trabalho que eu falo é isso, pra eles conhecerem a história do avô, da avó, saber quem é a pessoa, as dificuldades que passou, pra eles darem valor.

- Com certeza.

- Porque eles tem tudo de mão beijada e, às vezes, não dão o valor que merece.

- Exatamente. Isso eu falo muito assim pra elas né, pras minhas netas. Pra saber também, é eu já falei mesmo, pra elas terem, saberem dar valor nos avós que elas tem hoje. Porque nenhuma das delas, nenhuma delas três conheceu o avô né, que é meu esposo. Que quando ela, quando a Vilma nasceu, a Vilma tinha um, no dia que a Vilma fez um ano, ele foi internado. Aí, a Vilma tava com um ano e três, um ano e um mês, ele faleceu. Que ele, nem no dia do aniversário dela de um aninho, ele não pode ir, porque ele tava, ele tava em casa, tava muito ruim. Aí, nós tivemos que levar ele de imediato, nós levamos pro hospital, ela já ficou internado né, lá no HUB né, já não saiu mais, lá mesmo ele faleceu. Então, ele ficou trinta dias lá no hospital né, então, por isso que eu falo, né, que ela já tinha um aninho e um mês né, quando ele faleceu. Então, ficou assim muito marcado assim as coisas. Então, eu falo pra elas assim, pra elas conhecerem né, cada um conhecer os seus avós. Igual, assim, a Aline, ela é mais apegada comigo, por que? Porque a avó dela mora longe, mora no Piauí né. A avó, o avô dela também já faleceu também. Mas ela já conheceu, chegou a conhecer o avô, conheceu a avó né, conhece a avó. E a Vilma, que é a do meu filho mais velho, Lucas, ela já tem os dois avós né, que é o pai da mãe dela né, o pai e a mãe da mãe dela. Então, quer dizer, ela tem mais convívio com eles do que comigo. Né, por que? Sempre a mulher né, a gente puxa mais né.

- Puxa mais a família da mãe?

- Tem mais. Meus dois filhos homens que tiveram filho primeiro, a minha moça, minha menina ainda não teve ainda, né, mas, assim, e eu me alegro muito por causa disso, porque a primeira não morou comigo, já mora com a outra avó né, lá em Anápolis, mas já tive o prazer que a Aline já veio morar comigo né, então, isso pra mim foi muito bom.

- Agora eu lembrei de uma outra coisa que eu não perguntei pra senhora. A senhora falou que a primeira vez que a senhora veio pra Brasília, a senhora veio de Ceres?

- Eu vim de Jardim Pau... é, de Jardim Paulista.

- Ah.

- Ceres mesmo, é, porque ele fica mais, porque Jardim Paulista já é município de Ceres, uma cidadezinha.

- Na época, qual foi o motivo de vocês largarem a vida lá e virem procurar a vida aqui?
- Não, porque eu casei e vim pra cá.
- Seu marido veio trabalhar aqui?
- Veio, ele já morava aqui.
- Ah, ele era daqui e tava lá?
- Ele morava lá, aí nós namoramos sete anos. Aí ele veio pra cá.
- Ele trabalhava com o que?
- Ele trabalhava de tudo, ele era frentista né, mexia com posto de gasolina, ele mexia com, fazia móveis, que o pai dele era carpinteiro né, ele fazia móveis também. Inclusive, nossos móveis foi ele que fez né, guarda-roupa, estante, mesa, tem aquela mesa que eu te mostrei aquele dia que você me entrevistou, da época do meu casamento ainda, quando nós casamos, só a cadeira que não. Então, assim, ele fez quase todos os nossos móveis, cama, foi rede que fez, mas ele sempre mexia com tudo, ele já foi chaveiro, ele já foi, ele já mexeu com rosa, roça também, né, ele também.
- O que precisava?
- Tudo que precisava, ele fazia, ele era assim, fazia de tudo, igual o pai da Aline, tudo ele faz, tudo ele mexe, o Lucas também é o mesmo estilo assim do pai também né. Então, assim, eles, muito, então, tudo ele gostava de fazer e tudo ele fazia e gostava de aprender né, ele gostava muito de aprender as coisas.
- Aí nessa época, ele ficava ainda aqui?
- Aí, ele tava aqui já tinha dois anos, que eles tavam morando aqui, antes de nós casarmos. Ele veio, ficou aqui, com o pai dele, que o pai dele já tinha mudado pra cá também. Aí, eles ficaram aqui, o pai dele pôs uma marcenaria, ele foi trabalhar com o pai dele.
- Lá no Gama?
- Eles moravam no Gama, depois foram pro Núcleo Bandeirante, eles mudaram, eles ficaram muito tempo, muitos anos no Núcleo Bandeirante, eles ficaram mais tempo. Lá no Gama, parece que eles ficaram acho que uns três anos parece. Eu sei que quando nós casamos, ele já tava no Núcleo Bandeirante, já morava lá. E ele veio pra cá primeiro, aí quando nós casamos, eu casei em 72 e já vim pra cá também. Aí passei oito anos lá em Anápolis, que eu fui, fiquei lá morando lá, foi onde eu comprei a casa lá, fiquei lá né, comecei a mexer com lavanderia lá. Aí eu vendi, quando meu esposo adoeceu, assim mesmo, ainda fiquei ainda oito anos ainda fazendo, ele fazer tratamento lá em Goiânia

né. E, aí, depois nós resolvemos voltar pra cá, quando meu sogro faleceu, aí nós resolvemos, né, voltar pra cá, foi quando nós fomos morar na casa dele.

- Tá. Acho que é isso, dona Maria Eustáquia.

- A história é essa mesma né, então.

- É porque assim, a gente lembra às vezes de uma coisa lá atrás.

- É, a gente vai lembrando.

- Memória é um negócio engraçado.

- A gente vai falando, vai lembrando né. Mas eu acho que é tudo isso mesmo, sabe assim. E sobre aqui, e eu gosto muito daqui viu, gosto mesmo. Eu não gostava daqui assim, quando eu vim pra cá, que eu nos dias que eu cheguei aqui, meu Deus do céu, eu falei "meu Pai, onde é que eu?" A minha filha não queria vir pra cá de jeito nenhum, ela falou assim "eu não vou pra aquele buraco, eu não vou prali não, aquilo ali é ruim demais".

- Ela tava acostumada com Anápolis?

- Não, ela morava na, na Ceilândia.

- Ah, na Ceilândia.

- É, e ela queria ficar por lá mesmo né. Inclusive, ela morou, ela morou, eu acho que esses cinco anos que o Marcos morou comigo, la morava sozinha.

- Na Ceilândia?

- É, na Ceilândia. Ela morou na Ceilândia, morava no Setor O, ela morou em muitos lugares ali, mas sempre, mas assim, não ficava aqui em casa né. Aí, foi quando ela resolveu vir pra cá, aí o Marcos teve que sair né, procurar um aluguel pra ele, mas e, ela num, mesmo assim ela não queria vir não, mas aí quando não teve jeito né. Não tinha mais dinheiro pra pagar, saiu do serviço, demorou a arrumar emprego, aí veio pra cá e gostou.

- Aqui já tava melhor já, cinco anos depois, já tava bem melhor?

- Já, e nossa, já tava era bom, eu já tinha reformado minha casa, já tava muito boa a casa né.

- Bom, eu não vou mais tomar...

Dasdores da Silva Sales, 16 de abril de 2016

- Ficou muito bom...

- Ficou um pouco né, mas tinha alguma coisa mais que eu não lembrei, filho, aí a gente vai, a memória vai falhando e eu lembrei alguns dias e deve ter mais coisa, mas eu não me lembro, mas faltou alguma coisa pra lhe dizer e depois vou lhe dizer nessa, sabe.

- O importante do trabalho é perceber o lugar onde a senhora mora.

- Sim.

- Eu queria só pra começar que a senhora falasse pra mim seu nome completo, de onde a senhora veio.

- Tá, tá. Posso começar?

- Pode.

- O meu nome é Dasdores da Silva Sales. De onde eu vim? Eu sou do estado do Belém do Pará. Eu cheguei aqui em Brasília em 1976. Em dezembro de 1976.

- E a senhora mudou do Pará pra cá por que?

- Sim, eu vim assim, professor Jorge, uma coisa muito linda né, o nosso destino é Deus quem domina, então, foi tão bom pra mim, porque aqui as portas pra mim se abriram, graças a Deus, como se abre pra muita gente. Eu vim pra cá, eu tinha... eu, ainda nem só, os meninos viram pra mim né, mas eu cheguei aqui em 1976, hoje eu estou com sessenta e quatro anos, com quantos eu cheguei eu tinha, professor Jorge? Se a sua cabecinha tá boa?

- Com quinze, dá uns trinta e nove anos atrás né.

- É, né, filho, então, justamente, eu tô com trinta e nove anos aqui em Brasília. Agora minha idade. Eu batuquei, falo, meu filho, já nem me lembro, eu faço aniversário, mas nem faço, porque sabe, faz de criança, de velho não. Então, tô com sessenta e quatro anos aqui. Eu tinha quantos anos quando eu cheguei aqui?

- Vinte e cinco.

- Vinte e cinco, cheguei novinha, né?

- Bem novinha.

- Novinha. Aí, meu filho, eu vim assim, minha história é muito bonita. Eu vim, eu sou evangélica, eu vim com uma irmã da minha igreja, eu trabalhava na minha terra de doméstica. Foi uma honra pra mim e até hoje ainda é uma honra, eu acho lindo, eu se Deus não tivesse me aberto essa porta de ouro, que eu gosto de profetizar que é de ouro, eu estaria numa casa de família, porque eu sei trabalhar, gosto de trabalhar, minhas

patroas me amavam e eu também sinto saudade hoje, que eu não tenho muita força, trabalhar em casa de família, trabalhei muito né. Dá assim tudo né, sei cozinhar, sei lavar, sei passar né, cuidar de criança e de tudo né. Mas Deus me abriu essa porta da Fundação, eu tô aqui até hoje né. Então, eu vim de lá assim, essa irmã evangélica, um dia, eu trabalhava na casa dela, ela falou "irmã Dasdores". Ela tinha uma filha, ainda tem que tá viva, essa menina era Dalila, ela tinha problema físico, nasceu com problema nas pernas né, não podia andar. E lá naquele exame que como vai ter agora, tem o Sarah, o hospital Sarah é um hospital de primeira linha, que trata dos ossos. Então, essa criança, ela não tinha, ela não sei quantos anos tinha, ela era novinha. E os médicos de lá mandaram pra cá, pra tratar aqui em Brasília e ela perguntou "Dasdores, você não quer ir comigo para arrumar um emprego lá, quem sabe?" E eu, novinha, nessa idade, cabecinha também né com essa idade, não tinha nem conhecimento de nada, muito trabalhar e eu digo "eu vou". "Eu pago sua passagem, pode deixar cê vai". Me levou, me trouxe, professor Jorge. E foi assim uma luz de Deus, foi um mandado de Deus, porque eu vim aqui, aqui eu tenho minha casa, já tive quatro lotes, hoje só tenho um. Graças meu Deus, muita gente não tem, eu sem marido, eu não tive de marido não. E, aqui eu tive meus filhos né, conheci uma pessoa, o pai dos meus filhos, eu tive três filhos rapazes, três homens. E vivi com o pai dos meus filhos dez anos, assim, não me casei né, que hoje sou mãe e vó solteira e sou feliz e separei né, por besteira. E então aqui Deus me abriu, depois aí sim cheguei aqui em Brasília em 1976, em dezembro de 1976, com ela e nós fomos morar na W3, porque o povo de lá vinha assim, morava no albergue porque não tinha onde ficar no hotelzinho né, mas lá na W3, não sei se o professor sabe, era naquele tempo pousada, não sei se ainda tem agora ainda.

- Até hoje tem muita pousada lá.

- Tem né. É né, muita pousada. Então, ela veio e ficou lá, nós ficamos. E a minha história foi assim muito bonita, que eu acho linda, foi começando linda. Eu, eu fiquei com ela lá nessa casa e ela tratando a criança e eu já, a mulher que era dona da pousada já me pegou pra ser babá das crianças da filha dela. Aí eu fui morar no Guará com a filha dela, era um casal, tinha uma menina né. Aí eu ficava com a criança, ela tinha 2 anos, aí já foi pra lá, porque não precisava ficar lá né, a irmã disse "não Dasdores, vai trabalhar que cuido". Aí aquilo foi uma porta boa pra mim, minha patroa boa, já trabalhava, cozinava, fazia bolo, ela ia trabalhar não sei onde e eu ficava. E depois trabalhei muito aqui em Brasília, muito né em casa de família, que eu amava e eu entrei

na Fundação Educacional em 89. Mas isso eu já tinha passado por muitas patroas boas, maravilhosas né.

- Cada uma em um lugar diferente ou tudo no Guará?

- Sim, aí depois saí, passei um ano assim, mudei de família, fui para outra casa e trabalhando, trabalhando, em 89, 1989, Deus me abriu essa porta na Secretaria de Educação, que eu já tinha até meus filhos também né, já tinha os meus filhos. E também muito boa, eu morava no Park Way com o pai dos meus filhos, eu já tinha todos os meus filhos né e, um dia, tava em casa de família por lá, meus filhos, eu trabalhava sempre também em casa de família, aí eu fui morar com ele no Park Way, morei lá muito tempo né, gostava demais dali, eu gosto demais. A minha patroa vendeu a chácara grande né, e nós moramos lá um tempão, tudo pequenininho. E aí tinha a Granja do Ipê, não sei se você conhece...

- Conheço.

- Conhece. Aí meus filhos estudavam ali e eu trabalhava em casa de família lá mesmo, lá, lá perto das mansões, que é muita mansão, inclusive a mansão do doutor Joaquim Roriz é lá perto e eu trabalhava ali numa daquelas mansões. E um dia fui levar meu filho, já tinha anos lá, a diretora da escola Granja do Ipê, é, perguntou assim pra mim, uma luz de Deus né "Dasdores, você não quer trabalhar na Secretaria de Educação", nesse tempo era Fundação Educacional né. Eu não sabia de nada, aquelas de casa de família, não sabia de nada, onde que fica secretaria, não sabia de nada. Eu disse "eu quero". Ela "você não tem vontade?" Eu disse "quero, quem sabe". Ela "vai ser melhor para você, né, você vai ganhar mais, Dasdores, e seus filhos tão aqui". Um anjo de pessoa, uma diretora maravilhosa né, a Giselda. Aí eu, ela disse "olha vai", eu disse, aí eu não sabia de nada né, ela disse "vai abrir o concurso", que abriu em 89 para 90, uma coisa assim né, foi nessa época. Aí ela disse "vai abrir, eu vou lhe dar o papel", porque eu não sabia de nada, ela botou tudo no papel, uma moça de Deus, foi uma luz de Deus para mim né. Meu caminho, professor Jorge.

- Deixou tudo encaminhado?

- É, meu filho, meu caminho é muito iluminado, sou um ser muito iluminado. Aí, professor Jorge, ela disse, uma pessoa maravilhosa, ela é diretora, uma jovem solteira, tava pra casar, uma moça muito fina, muito fina, muito fina mesmo. Sabe o que é, é que eu trabalhei tanto em casa de família, aprendi com minhas patroas gente fina, digo que trabalhei com advogado, com médico, né, então, ela, uma moça muito fina essa Giselda. E ela era da igreja presbiteriana, e deve ser ainda, tocava tudo que era instrumento da

igreja dela né. E aí, muito educada, uma moça de Deus. Aí ela, eu disse "tá, Giselda, doutora, diretora". Ela assim "então eu vou botar no papel tudo direitinho para senhora, para você. Como vai ser. Você vai pagar isso no banco, vai dizer que quer vir para Granja do Ipê, zona rural né e zona rural", que era o bairro principal, tinha que botar. "E você vai pagar, depois eles vão lhe chamar para você fazer uma prova escrita". E nesse tempo só tinha, acho que eu só tinha o quinto ano, o antigo né, parece. Depois que eu estudei mais. Aí já tirei meu segundo grau, fiz pró-funcionário né, que era num, lá na, lá na Ceilândia. Graças a Deus, subi mais. Aí, era uma moça maravilhosa, então meus filhos estudavam lá e ela fez tudo isso foi pra mim, essa bondade que eu digo, essa recompensa, eu devo a duas pessoas, primeiro Deus, depois essa moça, que foi, eu tô aqui por causa dela né, foi uma dádiva de Deus, professor Jorge. Aí, bem, eu, foi, ela disse "você vai pagar, vai fazer uma prova escrita, depois fazer uma prova oral e você já pede para a Granja do Ipê". Eu digo "tá bom", tudo indicado por ela, eu não sabia nada. Fiz essa prova, passei, fui chamada, eu fiz em abril, maio, junho, agosto, setembro, com quatro meses me chamaram, eu entrei, em setembro, dia 20 de setembro, agora dia 20 de setembro eu faço vinte e seis anos aqui na Secretaria, então pra mim é uma honra muito grande né. E bem, nesse tempo, eu morava, eu ainda tava em casa de família, vou lhe contar a história muito linda. Eu trabalhava pra um rapaz no Lago Sul, atrás do Gilberto Salomão, esse moço eu não posso esquecer era o Lucas, era solteiro. Eu fui para essa casa trabalhar porque a minha colega que era uma jovem evangélica ia casar e nós nos conhecemos, eu e ela e ela "Dasdores, fica com Lucas, boa pessoa, é só ele". Eu digo "tudo bem". Fui trabalhar com o Lucas, trabalhei quase um ano. Só que esse moço tinha umas histórias assim meia coisa, não é bom falar, tudo bem, mas ele é uma pessoa muito boa pra mim, muito boa. Esse moço era professor de artes plásticas, fazia umas artes lá, você sabe né, que tem, ele tinha muita coisa lá na sala dele, ele tocava, tinha bateria, moço rico, atrás lá, na QI 5, atrás do Gilberto Salomão. Bom, aí trabalhei lá com ele, quase, acho que mais de um ano, Aí quando me abriu esse concurso, eu falei "Lucas, eu passei na Fundação, vou trabalhar numa escola". Ele "não, Dona Dasdores, não me deixa", ele falou "não me deixa, não me deixa", você, eu disse "vai ser", era, parece que era à tarde, eu entrei para tarde, sempre à tarde, e "não, você vai fazer o seguinte, você vai de tarde, você de manhã faz minha comida, arruma minha casa aqui", né, que era só ele, aquela coisa, "e vai e volta e vem dormir aqui, no outro dia, de novo a mesma coisa, vai e volta até tudo". Acabou que foi assim com ele de novo, né, um tempo e o destino dele também foi outro, que ele foi embora pra Espanha parece, fazer,

subir pra lá né, como você vai subir, né filho. Então, ele foi melhorando, quando ele viajou foi embora de vez, a casa não sei, eu saí, não sei o que. E aí foi que eu saí de uma vez né, tudo bem, fiquei mais livre. Aí, eu tô até contando para Denise, um dia, ela assim "mas ficava pesado, cansativo", eu digo "não, era só ele, não ficava não". Ele não quis me deixar e eu ia fiquei trabalhando, quer dizer, eu ganhava com ele e ganhava do meu trabalho, mas foi assim uma vida muito, muito abençoada, sabe professor Jorge. E aí eu tô aqui. Aí, bom, depois eu fui morar no Valparaíso, que eu comprei um lote lá, muito grande, igual uma chácara de oitocentos metros.

- Depois que a senhora saiu da casa dele?

- Depois da casa dele, eu já tava na Fundação né, e apareceu um corretor, tal e aí eu fui comprar esse lote lá. Comprei. E eu morava lá e vinha pra Granja do Ipê, que você sabe aquela pista que vai embora né, 040 tal, que era praqueles lados, que ainda é, meu filho mora até lá, um outro que é casado. Aí eu fazia minha trajetória todo dia, ia e vinha, a Granja do Ipê e a Granja do Ipê, assim, você sabe, aquele, aí nós ficávamos ali pai... Pra subir ali, meu Deus, era um bomb... Mas aí me acostumei, trabalhei lá doze anos né. De lá, eu saí, não que eu quis, entrou uma diretora lá, e as escolas que eu lhe disser que eu saí, graças a meu Deus, não foi por briga, nem violência, nada. Cento e um motivos, mas só que de lá eu saí porque uma diretora nova entrou lá e quis me botar, mas eu dei graças a Deus pro Núcleo Bandeirante. Aí as professoras tudo lá "Dasdores, você não tem que sair, você não tem que sair", "mas ela quer", Dasdores, você não tem que sair", né. Mas aí bom, eu saí, mas perdi o meu dinheirinho, minha gratificação, q zona rural a gente ganha né, era boa e minhas colegas ainda ganham né. Tudo bem, fui pro Núcleo Bandeirante, amei trabalhar lá, trabalhei lá quase mais de doze anos, inclusive a Lívia foi minha colega, trabalhou lá comigo. E eu amo aquelas escolas dali, quando eu sempre vou lá abraçar a diretora, que é a Sílvia, e as outras que nunca saíram e elas nem queriam que eu saísse. A Hilda me disse assim "piolho que vai pela cabeça dos outros, cê vai quando quiser". Quando é da minha cabeça, eu vim né, meu filho, mas é o destino da gente, né Jorge, a gente às vezes, a gente não sabe nem o que faz mais, é o caminho, é o trilho que a gente tem que trilhar nessa vida e vai. Aí eu vim de lá pro Riacho Fundo II. Com esta menininha que era ainda pequenininha, eu peguei ela com três meses, a minha neta. Eu sofri com Joana Vitória, antes levava ela pro Núcleo Bandeirante, peguei ela com três meses, lá do Valparaíso, no início era do Gama. Aí, eu vinha com ela... Lívia, como era o nome da nossa escola? É a Escola Classe 1?

(Lívia) - Qual?

- A da Sílvia. Era a antiga 1?

(Lívia) - Antigamente era o Jardim de Infância 1.

- Jardim de Infância 1.

(Lívia) - Do Bandeirante, agora é o Centro de Educação Infantil.

- 2 né? 1?

(Lívia) - Não, Centro de Educação Infantil do Bandeirante.

- 1?

(Lívia) - É.

- Tá. Então foi, era uma, os meninos saíam das outras, eram escolas velhas.

(Lívia) - Centro de Educação Infantil 1 do Bandeirante, do Núcleo Bandeirante, que tem o Centro Educacional Infantil da Candanga.

- Então é. Aí fomos pra lá né, e de lá, a Joana Vitória, essa aqui sabe também, que ela era pequenininha, ela ficava na porta lá, ela andava por lá, graças a Deus que a escola me aceitava com ela, né, e pequenininha ia por lá e tudo, tinha onde ela ficava, brincava, comia na porta da cantina lá com um pratinho, metia a mão e comia né, assim eu fui criando. Mas eu que sofri mais, porque o carrido chegava 06:30h, de lá nós saíamos, depois limpava, corria que a escola tinha que ser um brinco né, na escola, escola fina, porque ali, ali eu gosto até de falar que não é, tem nas escolas de lá filho de juiz, tem filho de advogado, eles vistoriam e eu acho isso muito bom, professor Jorge, sabe, isso é muito bom. Essa escola aqui eu amo, porque, eu fiquei com saudade de você sair, mas Deus vai mandar outro com a sua garra, com sua natureza maravilhosa, que eu amo você. E a escola tem que ser assim, pessoa de pulso firme.

- Tem que cuidar né.

- Se deixa, meu filho, faz, como diz o outro, não pode, então lá, as escolas tem filho de juiz, advogado, professor, cuida muito e vigia a escola, que que as crianças comem, como é limpa a escola, como é feita. Então, a diretora lá é uma pessoa fina também, a Sílvia, eu amo ela, aquela mulher é moça maravilhosa e ela me ensinou muito, em todo lugar que eu vou, eu aprendo. Um dia, ela disse pra mim "Dasdores, nós vamos, essa escola, eu vou botar ela um brinco". Quando eu entrei pra lá, era outra diretora, mas logo saiu. Ela me chamou assim longe, nós, "Dasdores, eu vou botar essa escola um brinco". A nossa salinha que era nossa, aqui não tem infelizmente, eu fico pra um lado, pro outro, só isso que falta, mas eu gosto daqui porque o diretor é uma benção, eu amo ele. Então, a nossa salinha tinha geladeira, até berço pra neném tinha, é mesa, é fogão, tudo tem assim, uma sala fina, porque ela dizia "eu vou botar essa escola um brinco" e

ela sabia ganhar dinheiro. E ela disse "eu vou ganhar dinheiro e você vai ver", com o que? Vendendo latinha. Essa aí sabe, eu, comprou um bocado daqueles aparelhos que amassam latinha e ainda tinha um depósito lá, que ela, ela mandava menino trazer latinha que bebia e nós também. E aquilo foi dando dinheiro e ela botou a escola um brinco e tá bonito. Ela sabe, aquela é uma moça fina, sabe como é. Aí, eu fiquei lá, mas eu amava, ali a gente comia bem. Muito trabalho né, porque vigiado pelos juízes todos. Festa lá, nós ganhávamos dinheiro fora do nosso salário, porque ali a escola, ela alugava e aluga sempre pra evento, aniversário, festa, mas ela já exige que cada um venha, traga seu pano de chão, cera, tudo e nós ganhávamos um dinheiro, ela chamava, e as pessoas que vão fazer esse evento lá, é direto, é direto, ela sabe, contratam a gente mesmo, funcionários, pra trabalhar à noite com eles, ganhar nosso dinheiro, "quanto vocês querem ganhar", então nós ganhávamos dinheiro, tudo isso uma experiência da escola, sabe professor Jorge, e é muito bonito. E porque a gente... E essa aqui gostava também de ganhar o dinheirinho dela lá. E nós comíamos bem também, era uma coisa muito boa, então, a Silvia ainda tá lá, eu sinto saudades de lá, mas só eu, digo, agora eu já tô pra me aposentar, não vou mais pra longe não, é aqui mesmo, eu termino por aqui né. Mas foi assim essa luta, tudo, tudo de lá, da Granja do Ipê eu saí pro Núcleo Bandeirante, aí já vim andando de lá com essa colega, que elas diziam "você foi pela cabeça igual piolho, Dasdores". Aí eu vim pro Riacho, que minha colega morava aí, e o Roriz inaugurou a escola, o Jardim de Infância na 8 em mil novecentos e... Não sei em que ano, fez nova, essa escolinha lá, nós entramos pela nova, aí ela " Dasdores, vai ser bom para nós", a minha colega, mas foi bom pra ela, porque ela mora lá mesmo, agora, pra vir aqui pro vizinho, meu filho, que ali é um vizinho né, aqui é um vizinho, não sei se você sabe, é só a divisa dali. Mas pra vir pra cá, professor Jorge, é o maior sacrifício, agora que tá melhorando de ônibus. Eu vinha com essa menina, eu vinha muitas vezes a pé pra ir pra passarela pra pegar ônibus pra vir pra cá. Então, foi um sofrimento, eu me arrependi muito, eu digo "pronto, eu vim pra perto e agora, eu sofrendo". E assim, bem, passei acho que uns dois anos, três anos ali no Riacho, de lá pedi minha remoção, saí, vim para 103, que eu amei de novo, era Eustáquio ali.

(Joana Vitória) - 102...

- Hein? 102 é... 102. Tem uma escola 101 que é a primeira e tem a 102, que era a do Eustáquio. Eu fui para lá, que eu não achava vaga, fiquei lá.

- Mas nisso a senhora ainda morava no Riacho ou morava aqui já?

- Não, aí, meu filho, não, eu não morava no Riacho não, eu já tinha saído do Riacho, é, eu já não tava mais também lá no...

(Joana Vitória) - A gente morava aqui no Recanto aqui na casa, aí a gente ia pro Riacho, aí a gente saiu de lá e foi pro 102, porque lá ficava mais perto, depois do 102, você pediu pro 113, 113 pediu pro 308.

- Foi, aí fizeram minha cabeça. aí vim, as tias dali, se você chega lá, meu filho, no 102, toda vez que eu chego lá pra visitar "voltou Dona Dasdores?" Todos os professores, meu filho, graças meu Deus, essa luz brilha em mim, "voltou Dona Dasdores?" Eu digo "não, minha filha, não voltei". Tá só, o Eustáquio "sua vaga tá aqui", eu digo "mas é porque dessa menina, eu tenho que chegar mais perto da minha casa". Saí do 102, mas eu me arrependi tanto de vir para esse 113, que você não tem uma, não gosto nem de falar dessas coisas, professor Jorge, não gosto, pessoa de bem, ô meu Deus do céu, sabe, não é desfazendo, mas a diretora ali, olha, uma coisa horrível, horrível, sabe, essa escola aqui, um dia, há muitos anos, eu ouvi de uma professora também assim "Dasdores, uma escola só é boa quando tem um bom diretor, uma boa equipe, professores". Essa aqui eu achei, meu filho, agora ali, não é desfazendo das pessoas, mas a equipe ali, a diretora, Deus me perdoe, sabe, Deus me perdoe. Saí, graças a Deus. Ela. Quis sair duas vezes já, ela um dia disse pra mim assim "Dona Dasdores, o que que eu lhe fiz que você quer sair daqui". Mas eu já saí já aproveitando uma, uma situação que houve com a Sônia, uma funcionária de lá, Sônia foi bater na diretora e eu disse "eu também não fico" e eu era porteira dos carros, tinha duas portarias, frente e a de trás. Eu quando entrei pra lá fui pros carros, e lá tinha essa Sônia e mais outra colega minha que ainda tá lá. E a Sônia teve uma desavença lá com a diretora e aí eu aproveitei, eu digo "ah, eu também não vou ficar aqui, eu vou sair daqui, você não fica, eu não vou ficar", saí e Deus me trouxe pra cá. E ela não quis ficar aqui, porque a gente não passou pra trabalhar, não quis, eu digo "eu vou ficar", tô aqui, mas amei, tô amando, gosto daqui né. E, bom, nessa altura, eu já tinha saído do Valparaíso, já tinha vindo morar no Recanto, porque no Recanto, eu já tenho, eu já tenho, já tem vinte e dois anos nessa cidade aqui e eu tenho mais ou menos uns quinze anos, por aí, que eu moro aqui.

- Desde o ano 2000 mais ou menos?

- Por aí... É, por aí, 98, por aí... Noventa e... Por aí, é, quinze anos.

- E quando a senhora chegou, como era por aqui?

- Aqui no Recanto? Não, esse lote foi um presente de novo de Deus. Eu ganhei não é como tá a lei agora aí, que esse governador tá vendendo o lote pras pessoas e não dá, e

fala "a Caixa vai dar", a minha casa, minha atribuição, que agora tá sendo, não é mais. Eu ganhei de presente de Deus, foi da mão da esposa do doutor Joaquim Roriz, ganhei assim, conversando com ela numa mesa né, numa mesona. Foi, eu ganhei, em 93, meu filho, não, em 92. Em 92, eu trabalhava lá né, na Granja do Ipê, ainda, que eu entrei em 89, fui pra lá, aí ela mora logo na frente, não sei se você sabe, a residência dele, cê sabe, pois é, nós, eu conheço por ali, eu não sei se ainda mora. Aí nesse 92, a diretora que era a Esmeralda, que já aposentou, chegou com todos nós e disse assim "olha, a esposa do doutor Joaquim Roriz vem aqui trazer umas roupas, o exército vai trazer um caminhão, vai trazer umas roupas pras crianças", que ela doava muito, ela ajudava muito por detrás, ninguém sabia, mas ela fazia muito esse lado humano, né, ninguém via muito, mas ela fazia muito essas roupas e eu sabia que ela fazia. Aí atrás, "ela vai trazer roupas pras crianças, cobertor e tudo mais", que naquele tempo, as crianças eram filhos dos caseiros de lá, sabe, depois acho que já melhorou mais. "Aí vocês aproveitam, quem quer seu lote aproveita que ela vem aqui", eu digo "ai meu Deus", já tinha um tempo que eu tinha inscrito né, mas não tinha recebido, eu digo "é minha vez". Quando ela chegou, eu fiz o meu pedido, mas ela foi tão simples né, que foi rápido. Ela sentou e a diretora veio "doutora dona Weslian né, dona Weslian", muita alegre, muito humilde, meu tamaninho ela, mas uma bonequinha, ela era muito linda né. Aí disse assim "as minhas funcionárias aqui da escola tão querendo lote, querem ganhar um lote que elas não tem". Aí sentou "então vamos". Eu fui a primeira. Eu disse que eu tinha meus filhos, já tinha né e eu não tinha onde morar, morava de aluguel. E aí, ela com um papelzinho desse tamaninho, ela escreveu o nome dela, acho que eu nem me lembro, só sei que no outro dia eu fui na SHIS, que era a antiga SHIS, é, e já meu nome tava pronto, passou 93, saiu meu lote saiu no jornal. Então, já tava tudo prontinho, já tava, não paguei nada né. Não sei se eu fui em cartório, acho que foi, ah, sei que eles tiraram DF, foi, só eles fizeram, pronto, já tava com meu lote aqui no Recanto, mas eu não vim logo.

- Em que quadra que era o lote?

- O meu lote é aqui na 308, nessa direção, não, aqui, qual o lado que sai a pista? Professor Jorge? Eu acho que é ali, meu filho.

- Pra lá...

- Prali, é prali. O meu é logo ali, meu lote é de esquina, um lote muito bom né, que me deram, mas eu conversando com as crianças aqui naquele dia, eles fizeram assim umas perguntas pra mim que eu queria que eles entendessem. Quando eles fazem o

loteamento né, eles já devastam, já limpam né, já vão, não tem mais mato, eles tiram os matos, se é fazendo, eles fazem. Então, aqui era desse jeito, tinham limpadão, só que tem uns lados aí que eu ainda vou falar. E aí eu ganhei meu lote na noventa e, é, 308, aqui perto da escola. Mas aí eu não podia vir logo e invadiram meu lote. Invadiram, porque tava num tempo de invasão terrível né, aqui era foi assim, muito, houve muita violência aqui nesse Recanto, porque vieram invadindo os lotes, pessoas, eu não tinha força pra botar ninguém, mas eu, violência, caso de polícia, pancada, gente batendo, matou, sei lá, gente aí, porque invadiram os lotes né, as pessoas não podiam vir, invadiram. O meu invadiram, mas graças a Deus a polícia tirou. A polícia tirou, veio com a pessoa e eu tinha meus documentos aqui, "eu quero que desocupe", graças a Deus, quando eu vim, vim dentro do carro da polícia, desci e tirou a pessoa né. Aí, eu fiz um barraco e botei uma pessoa, uma família e, inclusive, essa família que eu botei foi essa família que, você sabe, que estudou aqui, Roberto, Roberto estudou né, não é o professor Roberto não, um menino Roberto, que estudou.

- Um loirinho?

- É, o Bida, que era o Felipe, que era o Cardeal, essa famí... Você sabe que a violência que mataram eles né, você tá sabendo? Não sabe?

- Não.

- Você não sabe, filho? Pois é, foi ano passado. Eles estudaram todos aqui. O Marcos sabe. Aí a mãe, mataram a mãe, ano passado, em abril mataram primeiro esse Bida, que o apelido era Bida e quando foi uns seis meses, por aí, de novo, tá, mataram outro, na rua mesmo de casa lá.

- O Cardeal?

- Alguém chamado Cardeal, eles estudaram todos aqui.

- Pelo nome, assim, não tô lembrado não, às vezes foram meus alunos.

- Você não sabe não. Mas o nome dele era Felipe, o Cardeal, Felipe não sei o que, que estudaram todos aqui.

(Joana Vitória) -.Depois mataram uma menina.

- Foi. Foram todos assim, pessoas de má-índole, que não quiseram ser um bom menino, que tinham uma escola boa pra ensinar eles, não aproveitaram porque não quiseram aproveitar né, mas oportunidades tiveram. Eu ouvi, uma vez, você dizer "perdendo oportunidade", os meninos tão perdendo porque querem, a pessoa não pode perder oportunidade boa né, mais nessa escola que eu acho que é muito boa, eu gosto daqui. Aí, professor Jorge. Bom, minha casa ficou lá e eu dei pra eles morarem. Moraram um

tempo, depois eles faziam assim, eles saíam e mandavam outras pessoas sem eu saber. Aí saía e entrava outro, sem eu saber. Por fim, eu quando cheguei, eu tinha luz, tinha água, tudo que eu não podia nem pagar, de tantas dívidas que eles faziam, gambiarra, sei lá o que. Aí foi que eu tomei a frente e vim né, e comecei a morar no meu barraquinho, foi devagar e hoje minha casa tá pronta.

- Mas veio a senhora sozinha ou veio a senhora com os meninos?

- Eu vim, veio, vieram dois, ficaram dois lá, porque, ficaram dois lá, veio com um, que são três né. E eu trouxe essa menina, não, essa menina, pagava uma pessoa lá pra olhar ela e, no final de semana, ela vinha pra cá.

(Joana Vitória) - Você tá esquecendo do Paulo, seu filho que morreu lá no Valparaíso.

- Sim, esse daí é outro caso. Foi... Foi... Morreu numa danceteria, filho né.

(Joana Vitória) - Você veio com o Renan, com meu pai e comigo, não ficou lá.

- Não, o seu pai não veio. O seu pai não veio. Primeiro, veio eu e o Renan. Você não se lembra, que você era pequenininha, é claro. Aí professor Jorge, um barraquinho né, de madeira, que era tudo aberto, era perigoso aqui sabe. Mas o meu lote seria grande, era de esquina, bandidagem tinha demais e Deus me, sim, e Deus me guardava, porque me guarda, nos guarda né. E depois eu fui fazendo, depois fui trazendo de lá devagar né, e tenho um filho que é, um filho casado, que são quatro, agora são três né, e ele casou lá e olhava minha casinha lá. Aí, eu vim devagar, tudo e foi fazendo minha casa. Casinha né, mas eu também passei uma luta muito grande, é porque eu ainda tô lutando né, pra poder murar todinha, cercar ela de grade, que já tá, a minha casinha todo mundo acha bonita, que ela é grande né. Mas foi uma luta e eu tô aqui no meu lote, que foi um presente de Deus, que eu ganhei da esposa do Joaquim Roriz, não foi comprado, nada, foi dado.

- E aos poucos a senhora foi construindo?

- E aos poucos, meu filho, foi construindo, minha casa tem de tudo, até, a Denise sabe onde é, alguns colegas sabem né, essa aqui conhece. Então, é uma benção minha casinha, é muito bom.

- E a maioria dos moradores, dos vizinhos, são também moradores antigos ou tem muita gente nova hoje em dia?

- É... Eu... Tem alguns antigos, né, Joana Vitória. Tem a Clarice. A Clarice, seu Ilário, que é a Waldete, que é o casal. E essa família que morreu, que agora a casa tá vazia assim e entra uma pessoa lá, passa um mês, vai embora, porque a situação não...

(Joana Vitória) - Vó, tem a Darci também.

- Não, o seu Lúcio, que é do meu lado. O seu Lúcio faleceu, é dono da, meu vizinho que não é de esquina, o meu de esquina, o dele daqui, dá na rua aqui assim, sabe.

(Joana Vitória) - E a Darci?

- Não, a Darci? Veio de longe. A Darci, a filha dela comprou essa casa lá agora. Então, vizinhos não tem muitos não, porque já foram embora. E outro vizinho do meu lado, também o dono vendeu essa casa para uma pessoa, um homem do DETRAN, né, um fiscal, que ele era, andava com carro, daí ele se aposentou e ele aluga essa casa e essa casa não é bem vista pra mim, meu filho, eu tenho um pouquinho de nervoso na minha casa, tenho vontade de vender, mas eu digo "meu Deus, isso foi um presente de Deus, o meu lote", é muito bom, eu tenho um pé de manga que já tá ando manga, manga de qualidade, se você, um dia, eu vou trazer, se você aparecer aqui, eu vou trazer manga muito boa.

- Com o maior prazer, porque eu adoro manga.

- Adora, né? E a manga é uma benção, meu filho, eu vou trazer pra esse povo aqui. Aí, essa casa aluga, professor Jorge, e é prostituição, é droga, sabe, é uma coisa séria. Mataram também o irmão dessa mulher que mora lá, lá no 113, sabe a bomba? A bomba que soltaram lá?

- Uhum.

- Foi esse camaradinho que mataram. Cê soube né?

- Essa da bomba eu soube...

- Uma bomba que estouraram lá. Eu ainda tava lá, que os estilhaços, os vidros, não cortaram ninguém, mas fez um grande barulho. E eu tava lá ainda.

- Estilhaçou tudo. Eu lembro dessa história.

- É, estilhaçou. Cê lembra, então, era o irmão dessa criatura, que não se sabe direito o nome, nesse caso, sei lá, é uma vida muito desnorçada. E a casa é muito mal vista.

- E, assim, quando a senhora, porque, assim, em um primeiro momento, é, a casa ficou, o lote ficou ocupado, mas a senhora ainda não tava aqui. Quando a senhora veio, já tinha o asfalto, a água, luz, é, policiamento, essa coisa da...

- Não.

- Demorou muito?

- Demorou, demorou, no, assim, a água, como eu disse, quando eles faziam loteamento, a gente vai na CAESB e pede, eles vem, claro que eu fui né. Não, ou já tinha pedido, mas foi quando eles fizeram essa, e fazia essas gambiarras ou roubavam dos outros, não sei, só sei que eu tive que pagar um preço grande devido multa na CAESB, que não tava

nem no meu nome, sim, eles fizeram até uma traição, cê vê o que é o ser humano mal. Eu não sei se foi a luz ou se foi a água que eles botaram no nome deles, agora veja, o lote era meu, propriedade minha e eles conseguiram botar no nome, não sei se foi a água ou se foi a luz, né, uma coisa assim, mas depois eu levei o documento, tirou né, amostrei tudo. Foi na CAESB, na CEB e puxei também o padrão, botei direitinho no meu nome né, tudo direitinho, porque era tudo descontrolado e assim fui fazendo a minha casa. Mas sim, mas as ruas, a rua já tinha asfalto, já tinha asfalto, só não tinha água, cada um puxava a sua, mandava ir na CAESB, porque não tinha, a rua tava feia né, mas agora aqui tá, vai melhorando, você sabe que a cidade vai crescendo devagar né?

- Uhum.

- E cresceu. E cada um faz a sua benfeitoria no seu lote. Foi, fui eu fazendo no meu, mas passou um tempo que eu ainda fiquei com meu barraco né. Sujeita a bandido né, porque era de maderite. A polícia um dia passou lá, eu tava sozinha dormindo na minha casa, só os bichos dormiam lá, tinha vezes que vinha né, eu ficava sozinha, porque eu trabalhava, eu tinha que vir ver meu barraco pra não invadirem. Que que eu dei pra esse povo e, um dia, eu botei de tudo, cama, fogão, eles roubaram tudo, sabe, levaram, e foi obrigada eu vim, essas histórias assim eu até esqueço, fui obrigada a vir. E um dia, era de madrugada, a polícia passou e bateu na minha janelinha que era pequenininha, aí eu fiquei, essa história eu tô contando só pra você que eu nunca contei, contei pras minhas colegas, mas pras outras eu não contei. Aí bateu na minha porta, na minha janela, perguntou se tinha gente lá, porque bandido se escondia em barraco. Aí, eu com medo, falei e "tem gente aí?" E eu acordei, disse "tem, tô eu e minha filhinha", não tinha não, era só eu, sabe, fiquei com tanto medo, "é a polícia", sabe, eu sabia, aí quando eu olhei assim pela brecha, né, que era um barraco, sem saber que eram coisas, a brecha só entrado parecia, eu vi que era a polícia. Então, são coisas assim, né, perigosas, e, mas bandido tinha e Deus me livrou no meio dessas coisas, é a vida, a vida de cada um tem que chegar onde tem que chegar em uma... Hoje, eu vivo na benção, não é? Mas já passei muitos pedaços, a Denise diz que se admira de mim e eu contar minha história, dá pra escrever um livro, que eu acho que muita gente se ler vai chorar.

- Eu vou por no meu livro.

- Mas tem história maravilhosa, é, assim, voltando um pouco atrás de casa de família, que eu gosto de contar, professor Jorge, que antes de eu ir para essa casa desse rapaz, que foi a última do Lucas, que eu fiquei e vim pra Secretaria de Educação, eu passei por

uma casa de família na Asa Norte, que essa história eu não conto porque não tem, mas eu conto pra alguém e não tem, essa moça era espírita, era um casal, gente rica né, gente rica, gente de bem, eu não sei o que que ele era, mas gente de bem. Ela tinha um filho chamado Luciano, pequenininho assim, aí eu fui pra lá trabalhar lá, lá, não sei nem em que quadra era, até já esqueci. E, um dia, ela disse pra mim, essa moça, um caso meio desagradável, mas um dia ela disse pra mim assim, antes de eu sair de lá, ela disse "Dasdores, toda empregada que entra aqui na minha casa, quando sai vai pra um emprego melhor". Eu não sabia em que ano eu veria essa porta aberta, de ouro, que eu tô aqui, vinte e seis anos, viria, mas ela falou isso para mim. E essa moça, ela, Júlia, não esqueço também o nome dela, porque essas coisas marcam a gente. Ela escrevia livros, ela escrevia livros, sabe? Ela recebia mensagens de não sei, igual o Chico Xavier.

- Psicografava.

- Sim, sim e escrevia livros e ela falou isso pra mim, "Dasdores", e eu depois, se um dia visse ela, eu ia dizer "realmente, você adivinhou".

- Acertou?

- Acertou, porque ela disse "toda pessoa, toda empregada que entra aqui na minha casa, quando sai daqui, vai para um emprego melhor", mas eu ouvi aquilo, né, mas depois eu gravei. Aí, foi a última, foi o Lucas né, que eu vim, graças a Deus, mas aí professor Jorge, é, era assim, a minha vida muito, muito boa, sofri muito, mas venci. Eu sou um ser que eu não conheci meu pai nem a minha mãe, também, essa história, eu não tive, eu posso dizer quando eu vim ao mundo, com a ajuda de Deus, não tive pai, minha mãe morreu de parto, eu era pra ser a... Eu fiquei sendo a última, que não era pra ser, porque a minha mãe morreu de parto de outra criança, aí foi que eu fiquei sendo a última, né.

- E a criança morreu também?

- A criança morreu com a minha mãe e eram sete irmãos, sete irmãos todos né, sete irmãos e eu fiquei sendo a última. Alguns dos meus irmãos já morreram né, meus irmãos. E meu pai, eu conheci esse meu pai, eu acho que eu tinha cinco, quatro anos, por aí, que ele morreu naquele tempo em Belém do Pará, muitos anos né, eu nasci em 51, tinha muito essa doença febre amarela, muito, não tinha cura né, agora já tem, graças a Deus.

- Agora já tem vacina.

- Tem vacina, mas ele morreu porque ele era pescador e, de madrugada, ele ia pescar e trazer a comida pra nós do rio. E meu pai, como muitos, não sabem, não tem o conhecimento que, de noite, os bichos, os animais, os insetos são perigosos né, se de dia

já são, imagina uma. Então, meu pai pegou essa doença febre amarela dos mosquitos e morreu e eu era criança. Eu me lembro que uma família lá me pegou para criar, muito rica também, pra me ajudar, que era conhecida do meu pai e ela, ela me contou quando eu não vi o corpo do meu pai, porque ela disse pra mim que eles abriram ele. Naquele tempo, eles abriam o corpo pra poder estudar, né, e naquele tempo estudavam o corpo igual não sei o que, que hoje eles estudam né. Então, abriram meu pai, mas eu não vi meu pai, não vi, porque era criança né, ela me disse que foi de febre amarela. Então, eu fui me criando assim, sabe.

- Mas a senhora perdeu contato com seus irmãos? Ou separou todo mundo?

- É. Não. Não, naquele tempo, justamente, aí nós morávamos no interior do Pará e, depois, viemos pra capital, pra Castanhal, uma cidade que agora é igual como o Gama, uma cidade-satélite daqui, agora, Belém, eu já sei que é lá. Nunca mais voltei lá, na minha terra, né, mas me contam, uns parentes lá, tão lá alguns meus irmãos, alguma, uma família, parente assim do Deus me livre, e dizem que Castanhal, Ananindeua, que tá no meu registro, é como uma cidade aqui do Gama, uma cidade-satélite, só que não dá esse nome, dá uma cidade próxima assim né. Aí, eu fui trabalhando em casa de família, trabalhando em casa de família, criança, lutando né, é uma vida meio perigosa né, jovem, sem pai, sem mãe, mas o melhor de tudo é que hoje, nessa data de agora pra 2016, que nós estamos, né, já estamos, eu tô aqui já nesse emprego de Deus, que muita gente, eu digo "a hora que eu me aposentar, minha vaga tem mil pessoas atrás de mim pra entrar". Tá difícil né.

- Deixa eu perguntar mais uma coisa pra senhora, dona Dasdores. Aqui, assim, a senhora foi pro Valparaíso, mas lá no Valparaíso era um lote, esse lote a senhora não tem mais?

- Também, era, não, eu comprei um que era grande, eram oitocentos metros, veja bem, grande né?

- Uhum.

- Eu fui morar lá com meus filhos, separei, fui morar lá.

- Ah, então, quando a senhora foi pra lá foi porque a senhora se separou do seu marido?

- Foi, do companheiro, que não me casei, pai dos meus filhos, ainda é vivo, né, não casei, sou uma mãe e vó solteira. Aí, fui pra lá, esse chão era grande né, plantei muita, muita planta boa, que eu trabalhava na Granja do Ipê, de lá os meus colegas que, que tem o viveiro da Novacap, era lá pertinho, ainda tem, fazia o pesto todo, nós pedíamos planta, eles me levavam, me davam e eu tive muita plantação lá, abacate, sempre planto.

Mas, no final, eu vendi a metade, depois eu vendi a outra metade né e quando eu vendi a última metade , eu saí de lá, foi que eu saí pra cá pro Recanto, né, pra não, não tinha como.

- E hoje em dia, os filhos da senhora tão onde?

- Tão tudo grande, graças a Deus, tudo velho, já grande, eu digo assim velho não né que é rapaz, tem três. O Márcio, era o Rena... O Andrei, o Danilo, mas o Andrei, o Danilo faleceu, meu filho, né, numa danceteria, essa história até eu não gosto de falar, faleceu com vinte anos né, aquele exame lá foi em 98. Aí ficou Márcio, Andrei e Renan, o Renan é o último.

- Que é o pai da Joana Vitória?

- Que é o pai da Joana Vitória. Pai solteiro, tem uns solteiros, né? Que o Márcio é o do meio, casou, mora lá, tem três filhinhos.

- Mora no Valparaíso?

- Mora no Valparaíso ainda.

- E o Renan?

- O Renan morava comigo, mas ele é pizzaiolo, é padeiro, tudo, ele sempre tá assim, um dia, ele mora na Asa Norte, outro dia, ele mora no, agora arrumou um emprego lá na, em Taguatinga, né Joana? Saiu da Asa Norte, tá em Taguatinga, disse que parece que vai arrumar uma quitinete pra lá, pra morar lá perto, eu digo "vai", aí só mora o pai dela comigo e ela.

- E além da Joana Vitória, a senhora tem quantos netos?

- É... Eu tenho três...

(Joana Vitória) - Isabela, Gisley, Danilo, Gustavo e eu.

- Cinco netos.

(Joana Vitória) - É, cinco netos. Cinco.

- E essa coisa de ser avó? Porque assim, ser mãe é o que as pessoas, eu tô com a experiência de ser pai agora, é uma alegria muito grande, mas a gente tem também uma trabalhadeira. Mas a senhora é vó e meio mãe também, né?

- Sim. Meio mãe. É séria, a história né... E não posso, né... Então, é, é mãe, eu digo pra todo mundo até que eu sou mãe mesmo, né, porque peguei com três meses e foi uma luta muito grande, muito grande, ainda tô, tenho né, porque esse problema que ela tá em tratamento, ontem foi lá pro hospital e tomou remédio, hoje ela tá meio passando mal, porque dá vontade de vomitar, sempre vai direto, né. Mas é uma benção, professor Jorge, porque é muito bom, os meus netinhos e eu amo eles. O Danilo, que tem doze

anos, a Isabela e Gustavo, meu filho né e moram lá. E eu trato eles assim, eu falando ontem pra Marcos, que eu, digo, que eu tô com uns homens ali cuidando da minha casa, eletricitista, e eu disse "Marcos, eu tô com a minha cabeça quente, meu filho, olha uma lista que eu trouxe pra comprar e eu vou lá e eu tenho que ir lá. E eu carrego a minha casa na minha cabeça, a minha aqui, e tenho que carregar a casa lá do meu filho também na minha cabeça. Mas eu dou conta". Ele "a senhora é uma guerreira, dona Dasdores". Digo "eu sou, meu filho". Isso eu sempre falo, que eu sou mesmo. Eu não sei, os meus cabelos não ficam brancos e eu já vi que eu tenho muita energia, eu tenho muita energia.

- A senhora acha assim, que de lição assim, de coisa que a senhora tem pra passar pra esses meninos, qual que é a coisa mais importante?

- Pros netos?

- Pros netos.

- Pros netos, professor Jorge, e pros filhos também, porque eu falo direto na minha casa, que eu sou o espelho deles. Eu digo, eu puxo logo lá debaixo assim. Quando eu tô bem aborrecida com eles, com o Renan, ontem eu tava, quando ele fica lá em casa alguma coisa, eu digo "rapaz, veja a minha vida, eu sou o seu espelho. Nesse mundo só não presta, dá pra ser bandido, marginal, gente que não vale nada, se quiser, porque a pessoa que presta, ele já nasce, e ele não precisa nem ficar a experiência dos outros não, ele nasce, ele luta, ele tem coragem, ele vence, porque eu sou o seu espelho", eu falo pra ele, "eu sou seu espelho dentro de casa. Eu não tive pai, nem mãe, nem ninguém pra me dar comida, passei fome, passei muita luta, veja o que é", eu falo pra eles assim "eu fui, uma menina, uma mulher né, criança, se eu fosse homem eu não sei, mas a menina tá mais arriscado. Mas eu tô aqui pra lhe contar a história da minha vida, não tive pai, nem mãe e lutei, lutei, em casa de família, que era meu emprego, amava minhas patroas, elas me amavam, me ajudaram muito"... Inclusive, outras histórias, professor Jorge, também, quando eu era mais nova, na minha terra, não tinha filho, né, trabalhei, eu fui trabalhar na casa de um médico, doutor Evaldo, não esqueço, gente boa também, todas as pessoas boas mesmo eu não esqueço, doutor Evaldo e doutora Flávia, era, doutora Flávia, ela não era doutora não ela, ela era dona de casa mesmo. O doutor Evaldo, naqueles anos, ele, médico também, na minha terra, eu jovem, juvenzinha né, fui trabalhar, ela tinha dois filhos, o doutor Evaldo tinha dois filhos, dois meninos. Tanto que o nome do meu filho Márcio Sandro, é o nome desse do meio, eu botei porque era um dos filhos do doutor Evaldo. Eu peguei o nome do Márcio, do Marcinho, e botei no meu né, só que o

Maurinho era Mauro Sandro, eu que errei depois, era Márcio Sales, aí eu botei Márcio Sandro, mas tá bom.

- Ficou bonito.

- É. O doutor Evaldo, eu era criança, ainda não tinha, não chamava novinha, não tinha filho não. Ele, médico, pediatra, muito bom, achei gente boa no meu caminho, mesmo sofrendo como você vê, uma criança sem pai, sem mãe, veja bem, calcule né, calcule. Porque quem tem mãe, tem pai, não sei, esses jovens não querem aproveitar.

- Não dão valor?

- A benfeitoria que Deus tá dando, a oportunidade de ter pai, sua mãe que trabalhe, no fim, eles querem ser marginais, ladrão, assaltante, ter uma vida suja. Mas eu, mas eu digo que quem nasce, a pessoa pra ser bem já nasce, do bem, eu nasci, porque não tive pai, nem mãe, nem ninguém pra me dar nada, mas tô aqui, eu sou um exemplo, eu posso contar a minha história pra todo mundo, inclusive pra menino até assim. E fui trabalhar na casa do doutor Evaldo e eu cuidava das crianças, lavava, cozinhava, então, era apartamento. Eles gostavam tanto de mim, tinham cuidado de mim, que a irmã do doutor Evaldo era moça de laboratório, como é que dá o nome? Ela era formada nisso, em fazer exames de fezes.

- Farmacêutica?

- Ela era farma, é, fazia exames de fezes, sangue, urina. Ela era desse tipo, como é? Tem um nome isso, né, porque ela formou nisso. E de seis em seis meses, ele mandava ela fazer, eu fazer exame de sangue, fezes, urina. Era um cuidado comigo, sabe, porque eu tinha oportunidade. Então, era uma pessoa muito boa. E ele era médico pediatra, só que não trabalhava na cidade de Belém capital, porque naquele tempo muito difícil, ele ia pra cidade do interior, dar serviço lá, porque era o emprego dele, tinha que ganhar né. E a mulher e só vinha no final de semana, também, sofria muito, você vê que que é homem casado né, os dois filhos, os bichinhos, um tinha sete, o outro tinha oito e nós ficávamos lá no apartamento, eu que trabalhava lá, olha, era uma pessoa muito boa pra mim, muito bons, muito bons. Cuidavam de mim e tudo. E a minha vida foi assim né, saí trabalhando nas casas de família, depois o destino me trouxe pra cá. Aqui que eu vim arrumar meus filhos.

- Deixa eu perguntar mais uma coisa para senhora. Assim, pra para terminar, porque eu já tomei muito tempo da senhora, né.

- Sim, sim, filho, é, e quer que eu fale da cidade.

- E, não, e porque assim, logo a primeira vez que eu falei que eu ia entrevistar a senhora, a senhora falou que queria me contar da história do nome da cidade.

- Daqui do Recanto.

- Do Recanto.

- Do Recanto tem mais uma coisa que eu quero lhe lembrar, eu não sabia, eu não sabia, eu lembrei, é o que eu falei com os meninos eu lembrei, é a cidade começou assim né, aos poucos vai crescendo né, porque a cidade, toda cidade tem que crescer. A Vargem da Benção ainda não tinha, a Vargem da Benção, ainda não tinha, né, que é lá do outro lado, você sabe que ali que começa, do lado de lá que vão fazer casas que o governo já tá, minha casa, minha renda né, vai começar.

- Minha vida...

- É, minha vida, minha luta, minha... Vai ser de lá que ainda não tem prédio, mas já tá limpo tudo pra esse plano. Mas quando eu entrei aqui no Recanto, não tinha as 400s, não tinha as 800s, era cerrado, pra lá era cerrado mesmo né, mas o meio era aqui mesmo, o foco ainda, claro, que o governo começa assim, né professor, você sabe, uma cidade não cresce de um dia pro outro. Então, não tinha as 400s, eu não falei com os meninos isso, não tinha as 800s, ou eu falei, mas muito mal, então ainda era matagal, que era o criatório de galinhas, tinha a Só Frango, era lá, aquelas coisas, né. Depois que já devastaram e já tem pra lá outras quadras né, as 800s e tal. Mas era só aqui o meio. E tinha essas chácaras, que tem agora, mas também eram bem escondidas, ainda não tinha o final do ônibus, que a gente chama rodoviária, mas aqui ainda não tem rodoviária, tem só o final, como é que chama? Ponto final?

- Ponto final.

- Que ainda tão fazendo, ainda vão fazer, acho que rodoviária né, que a tal sede tem que fazer né e não tinha falado isso pros meninos. E lá é chácara. E essa chácara, não falei também pros meninos que eu lembrei, tinha o criatório do... A ema tem... Qual é o marido da ema?

- A avestruz?

- A avestruz. Eu esqueci de falar pros meninos que eu não lembrei. O Canhedo, sabe o Canhedo que era da empresa de ônibus?

- Do ônibus? Wagner Canhedo.

- Wagner. Eu conhecia pelo jornal, pela televisão, né, sempre tem uns parentes né. Esse homem tinha um criatório de avestruz, que as emas vem né, as bichinhas. Então, esse criatório de chácara foi desfeito né, foi desfeito por devido à cidade estar crescendo e

como desmata, o povo vai desmatando, o que é uma pena né, mas o povo faz essas coisas porque tem que fazer, é a lei do homem e é maldosa, só vai fazendo mal para nós, né, desmatando, mas pra que? Pra isso e os bichinhos sofrem, todos nós sofremos, porque sem planta, sem a natureza natural, doença, tanto mais. Então, tinha o criatório do Wagner Canhedo, que era desse bichinho, como é o nome?

- Avestruz.

- Avestruz, que é das emas. A fêmea ema.

- E o macho avestruz.

- E o macho avestruz. Então, ainda se ouvia, naquele tempo, naqueles anos, os bichinhos, as emas, dá um sinal, né. É tão bonito, o senhor já ouviu ema, já um bocado de coisa?

- Já, eu...

- Pois é, não sei se é ela ou se é o macho...

- Que canta, que grita.

- Que grita, é, voando, correndo né. Então, já ouvia, eu ficava assim "ah, meu Deus, que pena, o povo vai pegar, vai matar". E os ovos também, que são muito valiosos, né. E tudo foi sumindo né, aos poucos, e hoje ainda tem chácara, tem muita chácara aqui, o governo tá tudo em ordem, sei lá né, e tinha, mas era, foi desativar né, você sabe né, a situação do país, vai vendendo, homem vai vendendo, vai saindo, vai melhorando. E também, o córrego. Tem um córrego do lado direito e tem um córrego do lado esquerdo, que é o Taubaté que o povo fala.

- Taubaté.

- O Taubaté que naquele tempo ainda não tinha. Não tinha o nome Taubaté, porque ainda não tinha a invasão, era só um córrego grande, que era perigoso também, cheio de mato né, que devastaram também, devido à invasão vir e o povo, aí pois é. Mas o córrego é um do lado direito, um do lado esquerdo. Eu não sei se cerca.

- O Taubaté, a senhora se lembra em que época mais ou menos que começou?

- Vixe, professor Jorge, o Taubaté, meu filho? O Taubaté, eu acho que noventa e... 98... Acho que em 2000, por aí.

- Começo dos anos 2000?

- É, por aí, sabe, porque a cidade, como eu lhe disse, não cresce de afogo, vai devagar, o povo invadiu né, e depois que o governo vê que tá tudo e toma todas as providências né. E aí fizeram esse Taubaté, que até pouco tempo também, vim saber, que o Taubaté, a história do Taubaté é porque "tábua até", era tanta da tábua que barraco só se acha com

tábua e maderite, era meu barraco né, também aqui né, era meu barraco, aliás sou eu. E eles lá era só de tábua mesmo, coitadinhos.

- É o que os meninos me contam.

- Era só de tábua porque, aí o povo gosta de fazer essas coisas né, essas histórias, falam as tábuas, Taubaté, ficou de Taubaté, mas que hoje já está muito bonito e o povo não gosta que chame de Taubaté, porque não tem mais tábua quase né, é casa de alvenaria né. Mas tá bonito. Que é as 500s pra lá, começa das 500s pra lá.

- Assim, quando eu ando pra lá, melhorou muito, dá pra ver. Mas comparando aqui com as 300s, ainda precisa melhorar mais.

- Mas sim, muito, porque aqui era a principal, aqui é a principal né, lá ainda tá né, mas, mas vai melhorando, já melhorou muito e vai melhorar, porque a cidade vai crescendo, o povo vai comprando, vai saindo algumas pessoas, compram e aí melhora, né. E é assim. Mas o povo já não gosta que fale de Taubaté. Porque primeiro era muita violência, muita violência, sabe, muita mesmo, matavam gente assim igual cachorro, de um dia pro outro era três, quatro, a gente ficava sabendo, né. E a polícia nem entrava lá, de dez horas da noite, nem entrava lá, porque tinha medo de morrer também, sabe.

- Entendi.

- Agora não. Agora já tá, como diz, por cima né, aviões, aquelas coisas. Mas tá melhorando. Mas sim, também é onde começa a avenida Monjolo, né, que dá o nome, a Monjolo. Agora essa Monjolo eu não sei porque Monjolo, eu ainda não sei porque. Se... Sim. E depois disso já vem crescendo, vem fazendo, você sabe, tem a, que ontem foram pra lá, pra onde foi, que o povo foi, os meninos daqui? Que foi o? Onde foi, Joana Vitória, que a tia Denise tá pra lá? Pras, ali a UPA, que tem que foi o evento daqui foi pra onde?

(Joana Vitória) - Feira de ciências?

- Sim, feira de ciências, que foi no? Que foi lá na?

(Joana Vitória) - Vila Olímpica.

- Na Vila Olímpica, que agora a cidade vai, você sabe, cresceu né, professor Jorge, então essas coisas, meu filho.

- Vai fazendo praça, posto de saúde?

- Sim, sim, vai fazendo praça, a cidade vai crescendo, posto de saúde, é. É prali praqueles lados, 400s, 800s né. Mas sei que isso aí vai crescer. Eu me lembro bem que, como eu te falei, que as 800s, as 400s, ali, quem saía do Recanto, pra lá, só via mato, muitas árvores de eucalipto, eles podaram tudo, você sabe né, ainda tem algumas lá,

mas abriram pra fazer cidade, então lá ainda era mato, madeira grande né. E aí, primeiro era o centro aqui, que foi onde eu ganhei o meu.

- Dona Dasdores, muito obrigado, tem mais alguma coisa que a senhora quer falar?

- Não, meu filho, era só isso do criatório do coisa que eu não lembrava, tinha esquecido.

Maria João Gonçalves Pinheiro, 2 de junho de 2016

- Bom, eu queria, assim, na verdade, eu não vou ficar perguntando, eu queria mais escutar a senhora contar as histórias né. Então, eu queria assim, que a senhora me contasse como veio morar aqui no Recanto das Emas, assim, ou se a senhora achar necessário contar da onde a senhora saiu, mas assim, meu trabalho é sobre o Recanto das Emas.

- É sobre o Recanto das Emas.

- Então, as minhas informações principais sobre aqui. Mas a senhora fica livre pra contar o que a senhora achar que precisa contar...

- Não, eu, eu vim morar no Recanto, porque a gente precisa, todos nós precisamos de um local próprio né. E na época, eu me inscrevi, quando os meus filhos eram pequenos, porque eu já morava de aluguel, eu me inscrevi aqui no, no, na IDHAB né, é IDHAB hoje? É IDHAB também, continua né, e fui classificada com esse lote aqui, eu fiquei muito feliz, meus meninos tavam na adolescência e como eu morava na Ceilândia, eu achei melhor deixar eles com a minha mãe, meu pai morava lá, meus irmãos, e vim pra cá, só, praticamente só, num barraquinho, que não tinha condição de fazer uma casa, eu fiz um barraquinho de maderite mesmo, daqueles bem pequenininho mesmo, porque não tinha dinheiro pra comprar maderite. Então, eu vim. O Recanto desenvolveu logo. Eu trabalhava em Taguatinga. E vir pro Recanto era uma expectativa de ter a minha casa, eu não sabia como e nem quando, mas era uma expectativa né. E eu trabalhava no comércio, eu vinha, eu descia ali onde é o posto de saúde hoje, e de lá pra cá eu descia a pé, aqui onde essa moradia aqui, era uma cerca, era pra lá era chácara e tinha uma cerca branca. Então, me identificava pelo início da cerca branca e vinha descendo até achar meu lote. Aqui, em cima do barraco, eu botei um pau bem grande com uma sacola amarrada na ponta, que era pra saber né. Teve época que ao invés de descer, que tava escuro né, muito escuro, num tinha lua, num tinha nada, o tempo tava nublado, num tinha nem as estrelas né, que a luz era só das estrelas mesmos, e aí eu fui parar lá na 306 pra lá. Ai me deparei lá com uns homens com umas 20s né...

- Nossa...

- E eu sozinha. E eu "olha, eu sou da paz, tô procurando a 309". E eles me indicaram. Mas o bom é que logo o Recanto evoluiu né. Aqui num tinha água, aí passou a ter água. Aqui não tinha energia, passou a ter energia. Com dois anos, a gente já tinha uma linha de ônibus aqui é, porque já podia dizer uma linha, porque de primeira era só um ônibus

que vinha de manhã e voltava de tarde né. E num era, só vinha, como eu falei, até ali onde é o posto de saúde. Aí nós passamos a ter uma linha de ônibus mais frequente, que era de manhã, meio-dia e de tarde. Os alunos, as pessoas que moravam aqui poderiam estudar em Taguatinga ou em qualquer outro lugar né, indo de ônibus. E nós vimos, eu, por exemplo, vi o Recanto crescendo né. Crescer de um ponto que hoje nós temos eu não sei calcular quantos moradores tem no Recanto, mas são muitos. O Recanto cresceu, desenvolveu, numa condição até que assustadora né. Morando aqui, quando eu comecei, uma história muito interessante, eu não sei se vai valer pra sua pesquisa, mas uma vez que eu cheguei aqui dentro do meu barraco, não sei porque eu saí mais cedo do trabalho, cheguei tinha bandido dentro da minha casa...

- Nossa...

- Tinha dois né. E eu corajosamente, eu botei eles pra correr né, botei eles pra correr pra valer mesmo. Então, eu tive muita coragem, tive que ter muita coragem pra ficar aqui.

- Nesse primeiro momento a senhora veio sozinha?

- Eu vim sozinha. Eu já namorava meu atual marido né, que não é o pai dos meus filhos. O pai dos meus filhos, eu era separada dele há muitos anos já. E, nisso, que eu vim pra cá, que eu deixei meus filhos com minha mãe e meus irmãos lá na Ceilândia, eles resolveram ir morar no Gama, com o pai, que já eram adolescentes né, e isso eu acho que foi uma tragédia na minha vida, mas eu não olho pra trás, eu costumo olhar só pra frente né. Já perdi um, uma morte, matado, porque se envolveu com droga, e tem o mais novo, que também é envolvido com droga, que qualquer hora eu posso receber uma notícia que também não é boa. Mas eu agradeço a Deus, que eu tenho um, que realmente é um homem de verdade né, que é o pai do Wellington né, tem a família dele, tem a estrutura, então eu vi que o erro não foi meu né.

- A senhora teve três filhos?

- Eu tive três filhos. E quatro com a Sandra. E cinco com o Marcos agora. Então, e criei outros dois netos, que é a Luana e o Wellington, que você foi professor da Luana também né. Todos esses eu considero como filhos, porque são meus filhos. E voltando a falar do Recanto, à medida que ele foi desenvolvendo, eu também fui desenvolvendo meu barraquinho, sabe? E fui vendo o Recanto crescer, desenvolver e tudo. Em 99, a Sandra nasceu, eu já tinha o meu barraco. Em noventa e... em 2000, eu ganhei a Sandra né, me deram a Sandra de presente, que você conhece muito bem já.

- Demais da conta...

- Então, é assim. A minha vida, ter vindo aqui pro Recanto, eu acho que foi de muita ajuda, ter um canto, eu pude acolher pessoas, eu pude acolher neto, eu pude acolher parente, hoje minha família toda mora aqui em Brasília, por parte de mãe, e de pai também, quase toda né. Em relação a irmão, sobrinho, moram todos aqui...

- A família da senhora é de onde?

- Do Goiás. Eu vim do Goiás em 1981. Agosto de 1981. Engraçado que eu já vim pra trabalhar para o Seu Eli né, e depois quando eu separei do pai dos meus filhos em 85, eu saí e num quis voltar pra Pioneira e passou muito tempo quando eu resolvi voltar e tô lá até hoje. E minha história, professor Jorge, é complicado, do Recanto o que eu sei te falar é isso, que foi o lugar que me deu uma estabilidade, porque hoje você morar de aluguel é instável. Na época em que estamos vivendo, se a gente não tiver o seu canto para você ir e vir, é como se você não tivesse nada né. Eu acho que é como um passarinho fora do bando. E o senhor pode perguntar, eu quero saber o que que o senhor quer saber também.

- Tá. Mas assim, a senhora falou que ganhou, se inscreveu no IDHAB...

- É, ganhei...

- E recebeu o lote. A senhora esperou muito? Assim, esse processo de inscrição?

- Esperei, esperei, olha, eu acho que esperei uns 8 anos pra poder receber isso aqui.

- E esse tempo todo morando na Ceilândia?

- Eu morei, eu morei em Taguatinga Sul, morei na Ceilândia, morei no P. Sul, que é Ceilândia também, quando eu vim pra cá, eu tava morando mesmo no P. Sul né. Morava na 32 do P. Sul.

- De aluguel?

- De aluguel. E aí, por último, eu já tava morando num barraco, que aí minha mãe já tinha mudado do P. Sul, tava morando na Ceilândia. Aí como a casa deles era grande, aí eu falei "não, então eu fico num barraquinho e os meninos já ficam com a senhora pra estudar", botei eles tudo pra lá pra estudar, só porque, filho adolescente com avô, com tio, com avó não dá certo. Aí, conclusão, eles, o meu, esse menino do meio, ele muito determinado, o outro tinha se envolvido negócio que ia ser modelo, tinha fugido, ele era de menor, tinha fugido pro Mato Grosso, pra ser, eu não sei se ele foi aliciado, como é que foi que ele conseguiu ir, porque a gente que é a mãe, sozinha, pra criar três filhos, e eu sempre gostei de dar do bom e do melhor pros meus filhos, na medida do possível lógico, dentro da honestidade. Nunca precisei de fazer nada desonesto, me envolver em nada desonesto pra criar meus filhos, tanto que eu ensino eles a ser honestos e eles são

honestos, mesmo os que se envolveram com droga, eles, eles nunca fizeram coisa assim de dizer assim, foram assaltantes, foram né, não, nunca, nunca fizeram isso. Então, eu acho que a questão de eu ser uma mulher de garra, de trabalhar, de lutar pelos objetivos, eu tive esse privilégio, que mesmo eles que se envolveram com droga, eles não foram pessoas de mau caráter, bandido.

- Tiveram um exemplo...

- Bandido, não foram bandido né. Porque tem a pessoa, tem o drogado, o usuário, e tem o bandido né. Meus filhos, eles não foram, não foram bandidos né. Em hipótese alguma, nunca se envolveram com coisas, com tráfico, com assalto né, assalto a mão armada, essas coisas, eles nunca se envolveram com isso. Apesar do mais novo né, morar na rua hoje, mas ele, às vezes, ele aparece por aqui, pede comida...

- Ele mora aqui pelo Recanto mesmo?

- É, mora, fica aqui pelo Recanto mesmo. Ele já ficou no Plano, ficou pra todo lado, mas acho que é um vício tão desgraçado né, que a pessoa não consegue se dominar. Já fiz de tudo, até internar eu já internei, professor, e não dou conta, então...

- Vai destruindo a vontade da pessoa...

- É igual, eles não tem estímulo nenhum. Eu botei nesse barraco aqui, ficou sete meses, eu falei tudo, dei até emprego. Já botei na empresa comigo, trabalhou oito meses, era assim, dentro desses oito meses, eu dei o aviso dele três vezes, todas as três vezes, ele rasgava, a gente conversava com a gerente, então todo mundo querendo ajudar, mas a pessoa mesmo não se ajuda.

- O que eu mais aprendi sendo professor é que você pode querer ajudar o tanto que for...

- Se a pessoa não quiser...

- Se a pessoa não quer ajuda, ninguém consegue ajudar.

- É. Ele até fala que quer e tudo, mas eu acho que não tem força, eu não sei o fato, tem dia que chora, que fala que tá cansado dessa vida, quer mudar, mas... Então, eu espero qualquer hora, inclusive eu tô sabendo que mataram um rapaz aqui no Recanto e que ele parece que entrou no mercado com uma faca e o cara, tipo assalto, eu falei "não é meu filho", porque nunca fez isso, só se, né, extrapolou as coisas agora né. E eu acho que não é não, porque foi no domingo e até agora a polícia não me ligou, e isso eles fazem né. Porque quando mataram o outro, que esconderam o corpo, é, a polícia chegou até mim, no segundo dia né. Então, eu acho que não foi esse meu filho. E também já to preparada pra isso.

- E quando a senhora chegou aqui, que a senhora falou que ainda tavam só os barracos né...

- Só tavam os lotes. Isso aqui era um morro, assim, sabe, cheio de capim, de picão. Aí eu olhei e pensei "o que vai ser de mim"?

- A senhora lembra que ano era?

- Em 1993.

- Bem no comecinho mesmo...

- Bem no começo, no começo, mil e novecentos... junho de 93... Aí eu mudei pra cá em julho de 93 né. Aí, o barraco era tão pequenininho e aí eu fiz um buraco assim né, botei um cano de dentro, fiz uma divisorinha, assim que era o banheiro né, e a fossa era a céu aberto né. Aí foi que eu arrumei umas tábuas e coloquei, porque eu ficava muito preocupada, um animal cair ali dentro né. Então, eu tampei com tábua e tudo, botei terra. Esse rapaz que hoje é meu esposo, ele falava "eu não vou pressa merda", "eu não moro num lugar desse nem morto". Eu falava "você não precisa vir, você não é nada meu, você não precisa vir". Um ano depois que a gente né, ele me ajudou a fazer o barraco né, aí que ele viu o barraco, que ele viu água, luz, ônibus, aí ele apaixonou pelo Recanto também, tanto que quis casar comigo.

- Então foi o Recanto que terminou de conquistar?

- O Recanto que terminou de conquistar ele né. Aí, muito engraçado né. Ele falava que não vinha de jeito nenhum pra cá né. Eu falei "mas é assim, quando a gente fala que não vai, aí que a gente vai né". E, olha, eu vim pra cá, meu pai já tava morando aqui, tava doente, e meu pai e esse meu filho que hoje mora na rua que capinaram, nós capinamos aqui, tem até as fotos da minha sobrinha, do meu irmão pequeno sabe, da gente todo mundo aqui, o meu irmão que era caçula, meu filho caçula e meu pai, acho que meu pai não tá não, da minha sobrinha, gente, com os pés cheios de terra no barraquinho, sabe, pequeno, e capinando sabe, tentando derrubar o morro, porque era um morro mesmo, sabe. Eu falei "como é que eu vou? Eu não tenho dinheiro pra pagar um trator pra fazer isso".

- Pra nivelar?

- Pra nivelar. Onde é o meu portão ali, ali era uma grotta. Você sabe o que é uma grotta que eu falo né?

- Uhum.

- É um córrego. Quando chovia não tinha nem como a gente passar, sabe. Interessante que quando começou a construir o Recanto, teve, deu uma tempestade muito grande no

Recanto. Um dia, eu cheguei, nesse dia, o Fernando veio comigo, que é meu atual marido hoje, que era meu namorado na época. E eu agradei muito a Deus ele ter vindo comigo, porque tava tudo escuro, muito escuro, muita chuva. Eu só escutava os pintos piando, os cachorros latindo e as pessoas chorando. Aqui, essa casa aqui, que é de dois andares, a mulher tava, tinha levantado, não tinha coberto ainda, ficou no chão, os tijolos, desmanchou tudo. Aí, essa casa da esquina, era uma igrejona, sabe, eles tinham feito uma igrejona, tinha o nome aí, então, também caiu tudo. Do meu vizinho aqui do lado, encostado aqui também né, ele tava construindo, as paredes caíram tudo, ficou tudo no chão. E eu, meu barraco de maderite, eu pensei "não deve de ter nenhuma telha em cima". Quando eu abri e, abri, a porta tava emperrada, não abria de jeito nenhum. E eu falei pro meu marido, que hoje é meu marido né, falei "bate aí, mete o pá, que já vai tá tudo molhado aí mesmo, quebra logo isso". Que ele abriu a porta, tudo sequinho, eu chorei, professor, chorei.

- Só o seu que salvou?

- Só o meu barraco se salvou, sabe. Aí, eu fiquei assim, falei "não, isso é Deus e é porque realmente eu sou uma mulher abençoada, sabe". E aí eu fiz uma janta, eu lembro como hoje, eu fiz uma janta, fiz um arroz com legume dentro e peito de frango pra gente comer e eu chorava o tempo todo fazendo essa comida e lembrando né. As outras pessoas, escutava as crianças chorando, mas não tinha como a gente sair, era tudo muito escuro, tudo muita lama sabe, muita lama mesmo. Essa, esse lugar que eu falo que era a grotta aí na minha porta, eu carregava pedra no fim de semana e enchia. Eu acho que tem muita pedra que eu carreguei lá. Carreguei muita pedra mesmo, muita pedra, todo fim de semana eu pegava um carrinho que eu tinha, um carrinho de mão, foi até meu irmão que me deu esse carrinho de mão, que a primeira coisa que eu comprei pra cá foi uma enxada, o cabo da enxada e o que mais, meu Deus? E um facão. E meu irmão me deu esse carrinho né, quando eu comecei a construir o barraco, ele me deu esse carrinho. Ele me emprestou e depois ele deixou aí, num quis vir buscar, as tábuas e os carrinhos, ele deixou aqui, nunca buscou. As tábuas eu emprestei pras outras pessoas que iam construir, todo mundo queria construir os seus barracos e eu fui emprestando. Tanto que era um caminhão de tábuas, eu não fiquei com nenhuma mais, porque emprestei tanto, eu emprestei até pra Samambaia, teve pessoa que veio aqui buscar para construir em Samambaia e levaram, porque eu gosto de ajudar as pessoas e eu acho que é por isso que Deus me abençoa, que eu ganhei o lote aqui no Recanto e tô aqui até hoje. Já fui assaltada duas vezes né, três vezes, que uma foi dentro do ônibus né, mas nunca nada

muito grave. Minha casa foi roubada uma vez, mas também nunca levaram tudo. Dessa vez que eu cheguei, que os ladrões tavam dentro da minha casa... dentro do barraquinho, eles tinham amarrado tudo no meu cobertor, que eu tinha trazido um fogão, uma cama e o cobertor e um filtro, umas panelinhas, coisa pouca, num tinha, num tinha onde botar né, só tinha que ter a cama mesmo, e tinha que vir dormir aqui, porque era aqui que eu sabia que eu tinha que ficar né, eu não tinha, meus pais não tinham recurso, meu pai tava doente e eu trabalhava, todo e cada um pra se manter né. Então, e eu tinha os filhos, mesmo que eles não estivessem né comigo e já tavam trabalhando, dois já tavam trabalhando, mas eu tinha que mantê-los né, manter de, de material escolar, essas coisas, sempre gostei. Tanto que depois, eles vieram, moraram comigo, um veio um tempo, depois outro veio um tempo.

- Em algum momento todos os três moraram aqui?

- Em algum momento? A maior parte da vida deles depois que eu tô aqui no Recanto, todos moraram comigo, já teve vez de estarem os três comigo e saíram, porque quando eles crescem, eles têm a vida deles, não tem jeito né. Sai, volta, já... o do meio saiu, quando ele voltou tinha a menininha né, ele não trouxe a menininha, mas ele arrumou uma mulher, quando voltou, já voltou com o filho, que é o Wellington né. Eu que criei o Wellington, até pouco tempo, porque o meu filho casou, que foi morar pros lados de Águas Claras, então eu que criei, o Wesley veio pra cá com um aninho, ele não tinha, eu acho, que um ano e um mês que veio morar comigo, mas antes disso eles moraram aqui no Recanto bem pertinho, e ficavam mais aqui em casa do que fora né, quando ele era bebezinho mesmo. Então, todos moraram aqui, eu acolhi, já acolhi irmão, já acolhi outras pessoas, todos na, todos da minha luta e essa benção grande foi eu ganhar esse lote no Recanto né. Engraçado, o Valmir Campelo, não sei se você se lembra, foi administrador de Taguatinga. Uma vez, eu trabalhava numa loja, era gerente da Rosa de Ouro e ele me ofereceu, ele era muito amigo do meu patrão e ele me ofereceu um lote na Santa Maria. Ele falou "ah, você só precisa ir pra lá e ficar lá uma semana, acampar lá uma semana, eu te dou um lote". Eu falei "não, não vou". Aí o Juscelino então até falou "mas você precisa, você paga aluguel, tudo", eu falei "não, quando sair meu lote, legalmente, eu vou né". Essas coisas assim de... Eu não nasci, eu falei "eu não nasci pra invadir propriedade de ninguém", minha criação que meu pai me deu foi essa, se essa caneta não é minha, não adianta que né tem que devolver, se é sua, tenho que devolver ela pra você. E meu pai falava "oh minha filha, que rouba um boi... quem rouba uma agulha, rouba um caminhão, quem rouba um boi, rouba uma boiada". Então, eu criei

com essa, com esse princípio, que é justo até hoje, por isso que eu não tive, não tive riqueza, não tive muitas coisas, porque eu não quis, eu quis assim uma coisa legal, sempre legal e o Recanto me proporcionou isso né, me deu.

- De quando a senhora chegou aqui, a vizinhança, os vizinhos, é mais ou menos o mesmo povo hoje em dia ou mudou muita gente?

- Não. É mais ou menos o mesmo povo. Esse aqui tá aqui desde o início, a Dona Joelma também que é ali da esquina, que é onde era a igreja né, que eu acho que o homem que morava ali, não sei, eu não sei, mas eu acho que já era da Dona Joelma mesmo, acho que ele montou a igreja, ela fez o barraquinho e ele montou a igreja na frente né, mas é a Dona Joelma, o pessoal aqui também vi os meninos nascerem e crescerem, o Marcos, que hoje tão tudo drogado, esses meninos, dá pena, que eu vi tudo bebezinho, e ver eles tudo drogado hoje, morro de pena, a avó, a Cacilda, que é a dona do lote, ela até mudou, entregou pros filhos, pros netos, porque ela é sozinha né, e aí ela mudou, acho que mora lá pros lados de Planaltina pra lá, porque ela é funcionária do Hospital de Base, ela era da limpeza, mas eu acho que ela passou a ser dentro da portaria lá né, ela lutou né também pra conseguir as coisas dela. Então, quando ela veio pra cá, ela tinha uma filha casada né, e acho que ela ganhou nenê já tava aqui, é o Marcos já nasceu aqui no Recanto. Já deu vinte anos já? Se ver tem 93 pra 2016, quanto anos?

- Vinte e três anos.

- Vinte e três anos! Vinte e três anos que eu tô aqui no Recanto. Eu tô velha viu. Tô velha.

- Tá experiente né.

- Eu tô velha mesmo viu. Tô velha, professor, sabe. E é isso. Pode perguntar o que o senhor achar que faz parte.

- Então, mas esse povo do começo, a senhora mesmo falou que deu tábuas aí pra muita gente pra ajudar, era mais ou menos todo mundo ajudando todo mundo?

- Todo mundo ajudando todo mundo, sabe. Todo mundo ajudando todo mundo, tinha um pessoal.

- Não tinha uns vizinhos ruins, que atrapalhavam não?

- Assim, um teve uma vez, eu nunca muito fui de me ligar em vizinho, assim, tratava bom dia, como vai, a pessoa chegar até mim, saber o nome, por exemplo, eu sei, o senhor Abílio, a Cacilda, os filhos dela que é a... Qual o nome da menina dela? Moço, esqueci? Sei que o marido é Marcos, que o neto é Júnior, é Marcos mas chama de Júnior né. A Gláucia que mora ali na outra esquina, a Dona... Ai meu Deus, Dona Cotinha, que

essa casa de andar aqui também, ela não veio pra cá no início, no início, mas começou a construir a casa dela, ela fez assim também um barraco no fundo, mas como ela era funcionária do ministério e aposentou, ela tem um casarão aí, mora sozinha no casarão, então as pessoas me conhecem, eu posso às vezes não conhecer todo mundo, mas as pessoas me conhecem, porque tem um senhor... Eu hoje eu sou testemunha de Jeová, eu comecei a estudar a bíblia em 95... É... Aí, me tornei uma testemunha de Jeová. E eu um dia pregando aqui na quadra 310, um senhor me atendeu, recebeu e disse assim "eu acredito que a bíblia muda mesmo as pessoas", aí, eu falei "ah, mas muda", fiquei toda empolgada né, falei "mas muda mesmo", ele disse "é, pra quem conheceu a senhora dando tiro em bandido e vê a senhora hoje pregando a palavra de Deus, eu só tenho que dizer que a bíblia muda as pessoas". Eu falei... aí eu fiquei com uma vergonha danada, sabe porque, isso é uma coisa né. Aí eu falei "olha, naquela época eu era muito ignorante, hoje eu não sou totalmente sábia, mas hoje eu tenho um pouco de compreensão né, aquilo era estupidez. Não aconselho ninguém a fazer isso". Ele disse "não, pois eu vejo na senhora uma mulher de guerra". Então, o pessoal me conhece né, as pessoas me conhecem, porque viram que eu vim pra cá, nunca, nunca me viram como diz do lado errado né, que tem pessoa que morou aqui de frente que era do lado errado, pessoa que né, bagunçou, que hoje num mora mais aí já, passou o lote prum pessoal aí mesmo de frente é vizinho que eles mudaram há pouco tempo pra cá, mas as primeiras pessoas que moraram aí eram terríveis, né, mas sempre me respeitaram, nunca me agrediram, nunca porque eu nunca né, nunca dei ousadia, é "oi", "oi", "tudo bem, como vai?" "Precisa duma água? Toma, enche um balde de água né". "Ah, cortou minha água, tem um né? Tem um pacote de arroz"? "Não, não tenho um pacote de arroz, mas eu posso te dar um pouco de arroz, né". Então, eu sempre vivi assim. Eu não vou lá na casa do vizinho, se o vizinho vier até eu, eu tô pronta pra servir. É, e Dona Cotinha, ela mudou pra cá em 95, 96 né... Seu Abílio veio também, já tinha ônibus, já tinha água né, mas quando ele, não, ele veio, ele construiu o barraco dele né, que foi o que caiu e ele teve que dar um tempo, porque a pessoa não tem dinheiro né, aí teve que dar um tempo, depois ele levantou, mas são os mesmos vizinhos. É, quem morava ali? Em cima? Que aqui era a cerca. Aonde aquele que é um bar, uma igreja hoje ali, indo pro 308 aqui tem uma igreja aqui né, quer dizer, tem várias né, mas uma mais próxima daqui, é acho que, o senhor até, não sei se o senhor conhece, Seu Edson, ele tem problema, ele tem uma perna mecânica.

- Não.

- O filho dele até já morou nesse barraco aí. Mas acho que era ele, a turma dele, eles gostam de bar, de cantar violão, de bebedeira, essas coisas. E um dia, eu tava aqui na porta, aí eu de noite cheguei a lua tava clara, eu falei "eu vou capinar aqui", capinei, que o mato crescia assim de uma hora pra outra né, aí capinei, capinei, juntei o mato, e onde é essa casa aí da frente, era uma cerca, mas tinha uma árvore caída bem grande, um pauzão bem grande, aí eu cheguei o lixo pra cá do pau e juntei assim e botei fogo. E aí uma muiezada lá, uma farra danada, bebendo e eles falavam que eu ia botar fogo nos pastos do homem, num sei o que, e eu vigiando o fogo com as latas, preparada assim, pra não voar faísca né, juntando assim e tomando cuidado né, porque não podia pegar porque era pasto né, pra lá era pasto, mas eu juntei bem pra cá e queimava. Aí eles saíram de lá né pra apagar o fogo, aí vieram três homens e eu sozinha. Ê professor Jorge, pensa numa mulher que passou medo, mas os homens ficaram mais com medo de mim do que eu deles.

- A senhora enfrentou eles?

- Enfrentei. E as mulheres "vai nela", "apaga o fogo dela", eu era bonitinha, rapaz, eu tinha o corpinho da Sandra assim ó, era miudinha que nem a Sandra. Aí eu só entrei dentro e (faz gesto de arma na cintura), me preparei, falei "agora vocês vem e honrar as calças de vocês, vocês vem e molha aí", sabe. Não veio nenhum. Mas acredito que naquela época talvez eu precisasse ser assim né. No dia que eu cheguei que tinha dois bandidos aqui dentro, um era bem mais alto que o senhor e o outro menor, e tinha uma poça de lama ali na esquina, ah mas eu só me escondi atrás de dois tambores de água que eu tinha, eu tinha dois tambores de água, comprei os tambores, mandei encher, tinha vezes que eles passavam e não botavam água, diziam que os caras davam água pros cavalos nos meus tambores, fui a mais besta, eu não bebia a água, eu fervia a água todinha pra poder beber. Eu tenho uma garrafa aqui que ela é mais velha do que essa época aqui, que quando eu morava no P. Sul, agora ela tá lá na distribuidora do meu filho, é, eu comprei pro Wesley e o Edílson venderem suco e pão de queijo e pastel de manhã né, pra ajudar nas despesas, eu levantava de madrugada pra fazer isso né. E depois eu ia trabalhar, e eles chegavam, quando eu chegava o dinheirinho tava lá, mamãe ajeitava tudo. E... que era eu, mamãe que eu falo era eu mesma. Sempre ensinei eles a trabalhar também. Aí conclusão, eu chegava de noite, eu pegava a água, coava e fervia, porque eu ficava pensando "será se alguém fez xixi aqui dentro, será que alguém né, enfiou alguma lata suja aqui dentro?" Então, eu não bebia. Eles pensavam que eu bebia a água, resto do cavalo, mas eu não bebia, porque eu fervia a água, então matava

todas as bactérias, eu tinha um filtro de barro, matava né. Aí o dia que eu cheguei que os caras estavam aí atrás, eu fui chamar o vizinho aqui, Seu Silva, esse mudou já, era uma barbearia ali, ele cortava cabelo e tudo, ele tinha duas meninas pequenas e tinha dois rapazinhos. Que que você taí?

- Tô vendo só quanto tempo...

- É né. Então, eu fui lá e chamei "Seu Silva, tem dois, tem ladrão dentro da minha casa, minhas coisas, a porta tá arrombada e eu quero que o senhor me dê cobertura", aí a mulher dele começou a gritar e ele foi caçar o facão primeiro pra poder ele me dar cobertura, e eu "não precisa de facão não que eu tô armada", aí ele disse assim, a mulher dele "ai, você não vai não, que você vão te matar, não sei o que, ele é pai de família e tem filho pra criar". E eu falei não, quis nem saber, essa mulher gritando desse jeito os caras vão fugir né, quando eu vi o cara só, eu falei assim "sai de dentro da minha c...do meu barraco seu ladrão sem vergonha". No que eles apontaram eu falei "sai fora, se não eu mato vocês", no que eles viram que eu tava armada, o cara correu e eu pá.

- A senhora atirou? E aí eles fugiram?

- Fugiram.

- Largaram as coisas e correram?

- Largaram as coisas tudinho e fugiram. Acertei a perna de um.

(Sandra) - Como que não foge?

- Acertei a perna de um.

- E a senhora era boa de tiro? Já tinha atirado antes?

- Já. O meu padrinho era do exército, ele me ensinou a atirar eu tinha oito, nove anos de idade. Às vezes, eu saía mais meu, o que hoje é meu marido, e a gente fazia pontaria e eu acertava né. Aí ele me deu um revólver, você ver, quando eu vim pra cá, ele tinha, naquela época os taxistas andavam armados né, aí ele me deu, doido não era? O cara era doido.

- Até hoje tem uns taxistas que andam né? Os que andam de noite, assim?

- Não, o policial né... os taxistas mesmo se forem pego com um facão, eles perdem é a placa, perdem a permissão, eles não podem ter um facão no carro, você sabia disso? Nem canivete, nem nada, se tem uma, tiver uma faca de mesa se for de ponta, eles são chamados na concessão. Num pode, hoje num pode ter nada.

- Nada.

- Nada, nada, nada... Se tem e pegar é ilegalmente, sabe. E alguns que são policiais aposentados, eles com certeza eles tem né, porque eles tem porte de arma né, mas na

época num tinha né, e o sargento daqui, o sargento era André, ele sabia né, ele sabia, quando eu fui assaltada, ele me dava essa cobertura, às vezes ele passava a viatura, aí se o Fernando estivesse aqui, eu oferecia chá pra eles, mandava eles entrarem, eles papeavam aí na porta do barraco, porque o barraco tinha nem como chamar ninguém pra entrar porque não cabia, era só a cama e o fogãozinho mesmo. Depois, eu estudei a bíblia, aí eu pedi a ele pra destruir, não quis mais. Eu vi que era um erro, mas na época foi, posso dizer assim, que foi uma ignorância que eu tive que enfrentar, mas que serviu de alguma forma né, hoje, hoje eu não aconselharia isso pra ninguém, eu considero isso sendo uma ignorância das terríveis.

- A senhora acha que esse problema da violência melhorou?

- Piorou...

- Piorou?

- Piorou muito. Porque a tendência, professor Jorge, da violência é piorar mesmo, primeiro, eu como estudante da bíblia, eu vejo as profecias se cumprindo né, então, a bíblia já fala claro, que os últimos dias seriam tempos difíceis, críticos, difíceis de manejar, hoje a gente tá vendo isso né. O senhor Jesus quando ele esteve na Terra, ele alertou também sobre essa crise do final da época né, ele alertou lá no final de Jerusalém, ele falou como que as pessoas deviam proceder para não serem mortas, lá em Jerusalém, ocorreu exatamente como ele falou e a bíblia também relata pro nosso tempo, os nossos dias. Se a gente observar os acontecimentos mundiais e inclusive a gente vê que tá bem próximo esse, esse, esse clima, por que? O assunto governamental né. Você vê, o que que os governos tão fazendo hoje? Né, eles tão se atacando literalmente né. Mas, isso tudo eu vejo como cumprimento de profecia. E é como a bíblia diz, sabe: a tendência é piorar. Até chegar o ponto final pra poder melhorar né. Que é onde vai se cumprir a oração do Pai Nosso. O senhor já rezou a oração do Pai Nosso?

- Já.

- Já né. Pois é a oração do Pai Nosso é uma profecia. Quando se cumprir ela, vai ficar ruim aquele momento ali, mas depois vai ficar bom, porque Jesus disse que "Pai Nosso que estás no céu, santificado seja o vosso nome", indicou que Deus tem um nome, "venha teu reino", ou seja, venha o teu governo, "realiza tua vontade, aqui na terra como no céu", então, Jesus deixou claro que Deus vai fazer a vontade dele aqui na terra. Imagina o senhor, com a sua, como é o nome da sua filha?

- Ana.

- Ana. Com a Ana, vivendo numa terra sem violência, sem injustiça, sem governo corrupto, vai ser bom ou vai ser ruim?

- Vai ser bom, com certeza.

- Vai ser muito bom. E é isso que eu espero, eu espero pra mim, pro senhor né. Então, aquela ignorância que eu tinha, se eu tivesse continuado nela, hoje eu não tinha uma filha excelente, um neto sabe, com comportamento excelente, que a professora falou que ele tá de parabéns, por que? Porque eu desenvolvi outro conhecimento sem ser o que eu tinha anteriormente, porque meu pai era muito honesto, mas ele dizia assim "se chutar sua canela, você tem que quebrar a canela do outro", e a violência gera violência né. O meu esposo, ele tinha esse conceito, "ah eu não mexo com ninguém, mas se mexer comigo, tem que...", cara olhasse torto pra ele, ele já tava né, em ponto de pegar. Hoje, graças a Deus né, e o conhecimento da bíblia, ele é uma outra pessoa né, uma outra pessoa, às vezes a pessoa xinga ele, tudo, sabe, ele uma vez bate no carro dele, ele tem uma certa prudência né. Ainda não é assim igual eu gostaria que ele fosse não, mas é... as pessoas...

- Mas já tá melhor já...

- Meu Deus do céu, conhecer ele como eu conheci, e ele me conhecendo também como ele me conheceu, que ele sabia assim que se eu falasse que ele tinha que beber lama, ele tinha que beber ou se eu falasse que ele tinha que ir embora, ele tinha que ir né, então eu era desse tipo de pessoa. E hoje me considero uma pessoa branda, em vista do que eu era né. E morando no Recanto, eu fiz muito bem em mudar, porque nós estamos rodeados de pessoas más, pessoas que não tem dó, pessoas ruins, sabe, que a gente vê as pessoas matando.

- A senhora falou assim, que no começo o Recanto desenvolveu muito rápido...

- Desenvolveu muito rápido...

- Mas aí a senhora tá falando do asfalto, da luz, da água?

- Do asfalto, da luz e da quantidade de moradores também né. Por exemplo, isso aqui não era, era uma fazenda, aí virou uma cidade aí, as 500s né. Você vê, era tudo lama, poeira, tudo mato, hoje a gente vê prédio né, vê boas escolas, vê, até fórum o Recanto já tem né, tem fórum. O Recanto só não tem um hospital, mas eu acho que logo, logo, nós vamos ter um hospital. Tem restaurante comunitário.

- Tem a UPA né.

- Tem a UPA. Inclusive é só uma ou são duas? Não, é só uma né, porque aquela outra de lá...

- A outra é Clínica da Família.
- É Clínica da Família né, perdeu, tem duas Clínicas da Família né?
- Duas.
- Pois é, duas Clínicas da Família, tem posto de saúde né, e tem, tem aquele outro posto lá em cima, posto 1 e posto 2 né, quer dizer dois postos de saúde, tem delegacia, tem atendimento à mulher, tem faculdade. Olha, pra quem veio pra cá, que não tinha nem ônibus, não tinha nem água, para ver hoje faculdade né, ó, nós temos quantas faculdades aqui? Nós temos a... a... aquela lá em cima que eu nem sei qual o nome dela.
- Eu lembro que tinha a Faculdade da Terra, mas que fechou.
- Faculdade da Terra. Fechou, a Faculdade da Terra fechou.
- (Sandra) - Tem a JK.
- Tem a JK, é, tem a JK, e tem aquela outra lá em cima, como é o nome dela? É a? É JK e tem uma que tá aqui pra baixo, aonde era um mercadão ali pra baixo.
- (Sandra) - Essa é a JK, a da Terra fechou.
- A da Terra fechou? E aquela que é lá perto da clínica onde a Valdete trabalhava? Que é perto da CAES... da CEB, subindo ali pro rumo da UPA? Tem uma faculdade ali.
- Não conheço...
- Não né. Eu não sei, mas eu acho que ali ou é um curso né, um curso assim que faz curso assim esses negócios assim, então muita coisa, ó, mercado, padaria né, tudo. A... a... como é que a gente fala quando desenvolve uma cidade? Infra-estrutura né...
- Uhum.
- Desenvolveu muito rápido né, desenvolveu muito rápido aqui em vista né. E bom, porque, por exemplo, pros meus netos, isso é muito bom, ver a Sandra terminando o ensino médio aqui no Recanto né. Ela começou no Recanto e tá terminando no Recanto. Quem sabe o ano que vem já tem uma faculdade aí pública né, para ela fazer aqui no Recanto também.
- Eu quero encontrar com ela lá na UnB ano que vem.
- Na UnB? É professor, tem, ela tem que fazer muitos pontos aí, porque as condições financeiras parecem cada dia ficam mais apertadas né.
- Tá mais apertada.
- É. Então, ela precisa mesmo fazer uma faculdade, a gente sabe que precisa, mas eu falo pra ela "olha, minha filha, se não conseguir fazer uma faculdade, não desanime, porque a faculdade é muito necessária, mas tem pessoas hoje com faculdade que não tem emprego".

- Sim.

- Não é? Então, a gente precisa fazer um curso técnico, de angariar um emprego né, de um meio de vida né e até porque eu, nem o pai dela, já tamo velho, não temos condições de bancar uma faculdade pra ela. E a faculdade não é fácil, os trabalhos e tudo, ela vê aí, ela tá terminando o inglês, esse ano ela termina, e termina o ensino médio e eu falei "minha filha, infelizmente você vai ter que procurar trabalho assim para poder ingressar na faculdade, pra poder né, pra poder crescer mais e fazer concurso né". Hoje, um funcionário público é o único, aqui no Distrito Federal, é o último meio mais viável né pra pessoa dela ter uma garantia, porque as empresas são muito rígidas, muito você ver, eu trabalho numa empresa há muitos anos, que o dono me conhece de muitos anos, porque quando eu vim pra cá em 81 já foi pra empresa dele, pra trabalhar pra eles né, porque o pai dos meus filhos já veio fichado, eu não né, eu entrei depois na empresa dele. Mas, você ver, a gente tinha duas horas de almoço, hoje a gente só tem uma, baixou pra uma e meia, hoje a gente tem uma hora de almoço. A gente podia dar atestado, dava uma febre, uma gripe, você podia dar um atestado, hoje você não pode dar um atestado, se você der o atestado, no segundo atestado seu aviso tá batido, e mesmo quem tá lá muitos anos, num quer dizer que porque a pessoa tá lá muitos anos tem essa regalia, num tem, por que? Porque as coisas estão apertando. Tão apertando pra mim que sou financeiramente pequena, mas pra quem tem muito também tá apertando mais, não é? Porque pra quem tem muito, professor, as coisas são mais difíceis ainda, não é? Você concorda, que o dono de uma empresa que tem que bancar, vamos supor, trinta funcionários, os impostos, por mais que o prédio é dele, não é difícil?

- Sim, é muita responsabilidade.

- É muito difícil né. Então, a gente que tá precisando de emprego, a gente tem, eu falo pra minha filha "ó minha filha, a hora que for trabalhar, se não for o concurso pra você ter uma mordomiazinha a mais", porque até isso hoje exige né, pontuação, tudo, de primeiro funcionário público não batia ponto, ia no serviço dia que queria, hoje não é mais assim né, hoje tem regra e tem que ter mesmo. Eu acho que tem que ter, eu acho que as coisas tem que ter regras mesmo, não é? Então, é isso né. E o senhor tem mais perguntas?

- Deixa eu perguntar, acho que já foi bastante coisa, quantos minutos tem aí?

(Sandra) - Quarenta e cinco.

- Já?

- Deixa eu perguntar só mais umas coisinhas...
- Eu falo viu...
- Pra gente terminar. Bom é assim, bom é quando a pessoa vai emendando um assunto no outro. É... quando a senhora, tinha muito mato, a senhora falou que era uma chácara aqui, um sítio ainda e tal, tinha uma aqui quando a senhora mudou?
- Tinha. Olha, um dia, eu cheguei a ver elas ali, correndo, as bichinhas, sabe. E elas cantavam, elas cantam bonito demais né. Principalmente quando tá perto da chuva né. Eu ainda cheguei.
- É um bicho muito bonito né.
- Muito bonito né. Eu já conhecia, não foi um animal estranho pra mim, porque lá no Goiás, eu conhecia uma, na fazenda do meu pai tinha, de vez em quando a gente via uma lá né e eu cheguei a ver um dia aqui. Eu fui caçar, fiz uma horta aqui, aí fui pegar esterco de vaca, era um domingo à tarde né, e tava assim nublado, assim elas cantando ali, aí eu vi elas correndo assim, eu achei tão bonito, sabe. Então, Recanto das Emas tinha uma.
- Tinha uma né.
- Tinha uma, tinha.
- Hoje em dia cresceu tanto né...
- Cresceu tanto que as bichinhas sumiram.
- Espantou as bichinhas?
- Espantou.
- Foi destruindo o cerrado?
- Eu acho que elas tão pra lá do Gama já. Eu acho que elas tão pra lá do Gama, é.
- Assim, pra terminar mesmo. Assim, o que que a senhora acha da cidade do Recanto das Emas hoje? Assim, precisa o que precisa para melhorar? Ou se tem como melhorar, se não dá pra melhorar?
- Olha, professor Jorge, eu acho que tudo no mundo tem como melhorar né. Por exemplo, eu acho que a questão da segurança aqui, as pessoas falam "ah, não tem segurança, não tem". Mas agora mesmo eu tava vindo, eu vi uma viatura, a gente vê as viaturas, passou pelo outro, depois eu tava descendo aqui, uma tava, então, tem segurança. A melhora mesmo é se os governos, eles encarassem a população né, com respeito, né, porque quando eles vão pedir voto, pedir essas coisas assim, eles não ficam fazendo um monte de promessa? Fazer isso, fazer aquilo, né. Então, era isso. Como eu sei que eles não vão fazer isso, eu sei que a melhora, a tendência é piorar talvez né.

Questão da violência, é como eu falei pro senhor, é uma profecia e é isso né, vai cada dia se agravando mais. Mas melhoria de infra-estrutura pode fazer. Por exemplo, um viaduto ali na saída do Recanto, não é? Tá necessário. Por que? Porque ali tem acontecido muitos acidentes né. Ou um semáforo né, daqueles que vai lá... como é que fala aquele semáforo que tem aquelas muitas bolinhas, que ele começa amarelo, verde, até...

- Vai baixando...

- É, baixando. Ou pelo menos um semáforo daquele pra dar tempo dos carros transitarem. Porque são vidas que tão em jogo né, são vidas. Por exemplo, a nossa né, as dos nossos filhos tão em jogo ali naquele pedaço, tão em jogo no trajeto todo, mas aquele pedaço ali é o pior.

- Por exemplo, esse pedaço aqui da 309, é, quando eu cheguei aqui no 308, na época em que eu fui dar aula pra Sarah em 2010, é, quase todo mundo que estudava na escola era aqui do entorno da escola né. Acho que 90% dos alunos eram alunos que moravam aqui em volta. Hoje em dia, ano passado quando eu saí de lá, quase já não tinha mais alunos daqui né, os alunos daqui agora vão pro 113, vão pro 115 e a maioria do pessoal que a gente atende hoje em dia é das 500s: da 509, da 510, da 511. E, por exemplo, a situação lá digamos tá mais atrasada que aqui, eu acho.

- Exatamente, apesar que as 500s, foram quadras: 508, 509, 510 e 511, foram umas quadras que elas tiveram saneamento básico mais rápido do que nós aqui né, por exemplo, a 309, nós demoramos mais ter o saneamento básico, foi o que, a água e a energia, eles foram mais rápido. Mas eu acho que pela questão de as pessoas que vem prali, são mais pessoas, mais pessoas mais carentes mesmo. Acho que parece que quanto mais pra baixo fica, as pessoas são carentes e isso né desenvolve uma clientela, uma sociedade carente, vamos dizer assim né, então isso pode ser que venha trazendo problemas pra cidade também, eu acho que essa questão da carência financeira. Mas em questão de saneamento básico, as 500s foram atendidas com menos tempo que as 300s, sabe. Então, desenvolveu, assim, desenvolveu uma população grande com uma situação de carência, vamos dizer assim né.

- Muito concentrada?

- Muito concentrada, é pra vir pra cá, por exemplo, porque aí não tem, não tem é escola né, o posto de saúde é aqui.

- Uhum, quase tudo é pra cá.

- É, então, as 500s, o fluxo das 500s é grande, mas ficou né, veio tudo, então acho que acumulou muito nas 300s, no 308, no 115, e por isso teve que tirar os alunos do 308 pras outras escolas, mais pra lá, vão como que empurrando né. Então, isso também é falta de, de, de estrutura governamental né, porque, por exemplo, porque não uma escola boa nas 500s? Não é? Acho que agora tem na 510 tem uma escola...
- Fizeram uma escola boa lá, eu fui lá visitar...
- É, tem a 510 agora né.
- Mas é só até o quinto ano só.
- Só até o quinto ano né, pois é, mas as pessoas com certeza precisam de ensino fundamental também, não é? Porque aí por ser uma sociedade carente, eles não podem se estender pra outras né, pro entorno, vamos supor. Eles tem que ficar aqui por perto né, aí isso acarretou o 308, aqui as 300, o 115, isso acho que por isso.
- Uma coisa que eu esqueci de perguntar, que eu até fiquei com a pergunta na cabeça na hora que a senhora tava falando do começo daqui, não teve muito problema de gente invadir os lotes aqui não?
- Aqui na área das 300s, aqui das 300s?
- Assim, por exemplo, da senhora ter que ficar aqui porque se o lote ficasse sem ninguém vinha outra pessoa e tomava o lote?
- Ah, vinha. Ah, diz que vinha, vinha. Eu como eu já tava mesmo doida pra ganhar o lote, que não tinha mesmo pra onde ir mais, já tava, eu já tava, antes as coisas já tavam muito difíceis né, então, mas tinha, se as pessoas saíssem, as pessoas invadiam mesmo né, invadiam os lotes né, isso era comum. Inclusive as 500s aí, acho que a maior parte foi invasão né. As pessoas invadiram e aí foi loteado. Também lá pras 800s, também parece que foi assim, teve.
- Aqui foi mais com escritura, com documento?
- Aqui foi, aqui foi né. Aqui da 101 até a 311 foi tudo documentado, tudo, foi loteado né, loteado e ganhado né, foi a pessoa recebeu, tanto que o meu lote é escriturado né, escritura. Eu acho que aí pras 500s ainda não tem escritura ainda, não sei, só se foi esse ano, mas até o ano passado não tinha.
- Algumas pessoas me falaram, assim, uma pessoa que eu entrevistei me falou, e umas pessoas lá da UnB com quem eu conversei, do departamento de arquitetura, que quando a pessoa recebia o lote aqui, ela também recebia uma planta de como construir a casa...
- Isso. Eu recebi, mas por eu fazer o barraco aqui, tanto que eu não sei como é que eu consigo, foi até bom o senhor falar, quem sabe o senhor não me ajuda. Eu, eu ganhei a

planta da minha casa, não era pra ser assim não. Era três quartos, com a garagem, com a área e o quintal era aqui. O quintal e tudo né. A casa do meu sonho. E hoje eu moro nesse barraco.

- Do jeito que era pra ser?

- Do jeito que era pra ser. Mas aí, quando eu fiz esse barraco aqui, eu desmanchei o barraquinho, e fiz assim tipo, aí foi na época que meu marido resolveu morar comigo e a gente fez um barraquinho que era pra garagem, só que um dia choveu e eu tinha deixado as cai..., toda vida eu gostei de tudo dentro do armário, tudo muito organizado né, hoje eu sou mais relaxada né. Então, eu botei, fiz uma tábua assim, botei uma prateleira, enchi, botei as caixas e botei a danada da planta dentro dessa caixa e molhou tudo, rapaz. Deu uma chuva aí uns dias, sabe, molhou demais, a maderite molhou tudo. Quando eu fui, cadê a planta? Não tinha mais a planta, inclusive uma poupança do Bradesco dos meus três meninos, lá onde é como é, lá do Goiás, eu perdi esse dinheiro. Eu tinha uma poupança, que eu era merendeira lá, então era func... praticamente era uma funcionária pública lá no Goiás né, e eles tinham poupança e as carteirinhas, e eu lutei pra reaver esse dinheiro, não teve como.

- É mesmo? No Bradesco?

- No Bradesco. Porque eu tinha ficado um tempo sem depositar, sem movimentar e como eu perdi as carteirinhas, eu perdi esse dinheiro.

- E eles confiscaram o dinheiro da senhora?

- Confiscaram o dinheiro. Esse dinheiro era um dinheiro que eu sempre, desde que eles foram nascendo, que eu comecei a trabalhar, eu comecei a botar no meu segundo filho, eu comecei a botar esse dinheiro no Bradesco, que era o único banco que tinha lá né, pra quando eles fossem estudar, fazer uma faculdade né, tanto que pra Sandra eu não fiz isso, eu falei "eu não fiz porque a gente não sabe o sistema, o governo vem aí, confisca e tudo, a gente vai ter que fazer uma faculdade com a cara e a coragem, porque a gente vai comer e vai sobrevivendo. Mas, pra eles eu tinha feito isso, a gente que é mãe, a gente pensa no futuro dos filhos. Ver os filhos estudados.

- Minha esposa fez uma pra Ana também.

- Formado. A gente pensa. Com certeza a sua mãe fica feliz de ver você fazendo o doutorado.

- Vixe, demais da conta.

- Pois é, então é isso é que mãe pensa, mãe que é mãe né, tem mãe que não é mãe não né, mas as mães de verdade, elas pensam isso pros filhos e eu perdi isso, perdi a planta

da minha casa e eu tenho vontade de ir à administração saber como é que eu posso readquirir essa planta. Eu não sei, quem sabe um dia, a Sandra num concurso público aí, vai ganhar bem né, vai ser uma magistrada aí... aí...

- Aí faz uma reforma aqui?

- Não, a gente derruba e faz tudo de novo né. O meu filho já falou "Mãe, eu vou, quando a, quando eu ganhar na loto aí...", esse que é casado.

- O pai do Wellington?

- O pai do Wellington... "eu vou derrubar aqui. Vou fazer pra senhora embaixo, pra mim em cima, mas eu quero com elevador, que eu não vou ficar subindo escada, não sei o que". Eu falei "ah, meu filho, tem a planta, a planta até que dava pra fazer assim e levantar, mas eu sumi a planta e uma planta é muito caro".

- E ninguém aqui da rua seguiu a planta? Ou tem alguma casa aqui que é mais parecida com a planta?

- A da esquina ali da irmã Gláucia é na planta... é... é na planta. A casa dela é os três quartos, apesar que ela fez um barraco onde era pra ser quintal, hoje ela tem um barraco lá né, mas é na planta. Eu acho que a maioria foi barraco igual o meu.

- Todo mundo foi fazendo como dava?

- É. Essa aqui também. Todo mundo fez como dava né. Essa aqui da esquina também foi na planta né, que era um bombeiro, mas ele, no final ele acabou vendendo e mudando daí, nunca mais eu vi né, que era o Pedrinho e a... esqueci o nome da mulher dele, meu Deus, a Dora, Dora, acho que era Dora mesmo... Dora ou era Dolores, sabe, então é assim. Agora, se você sair e perguntar pros vizinhos quem sou eu, acho que todo mundo me conhece. Mas eu, assim, eu pouco sei de vizinhos, eu sei que eu falo bom dia pra todo mundo, eu converso com todo mundo né. Mas eles lá e eu cá.

- Tá certo. Dona Maria José, eu acho que é isso. Eu acho que foi bom demais da conta.

- Foi bom demais da conta?

- Eu agradeço demais à senhora. Tem mais alguma coisa que a senhora quer?

- Eu agradeço o senhor ter sido professor da Sandra, professor do Wellington né. E quem sabe o senhor fazendo o doutorado e voltar pro 308.

- Vou falar pra senhora o que eu sempre falei pro Wellington, que o problema do Wellington era preguiça né.

- É. Pensa num moleque preguiçoso.

- Wellington era preguiçoso, demais, falava pra ele "sua prima foi a melhor aluna que eu já tive, sabia o que queria, fazia os trens bem feitos, tinha garra, corria atrás das coisas".

- Essa aí corre, ela puxou pra mim.
- Ele era numa moleza...
- Aquele é morgado...
- Gostava de brincar demais. Teve até uma época que ele...
- Deu uma reagida...
- Deu uma reagida, melhorou um pouco e tudo mais, mas assim, que a senhora tava falando dos meninos, que o do meio fez a senhora ver que o problema não era a criação, aquelas outras coisas, eu digo que da criação que eu conheço, que é da Sandra mais e do Wellington, a senhora tá de parabéns.

Maria Joana de Deus, 29 de setembro de 2016

- Bom, assim, a entrevista, na verdade, o que eu queria saber, assim, é de onde que a senhora veio, como é que a senhora chega no Recanto das Emas. Se a senhora puder começar falando seu nome, de onde a senhora veio, como a senhora veio pra cá.

- Assim, desde o começo de quando eu saí de onde eu nasci?

- Uhum. De onde a senhora nasceu?

- Eu nasci no interior de Minas, Urucum em São Romão. Eu vim de lá e de lá eu vim, eu morei em vários lugares.

- Uhum.

- É. No tempo que eu tinha minha mãe, eu morei junto com minha mãe. E depois eu passei a morar em chácara de favor. E aqui no começo do Recanto, uns vinte anos atrás, foi que eu cheguei aqui, graças a Deus, Deus me deu essa benção de morar aqui, viu? Aí no caso, eu tinha que falar meu nome primeiro, né?

- Uhum.

- Maria Joana de Deus, é o meu nome, viu? Aí sim, eu, no começo aqui foi muita luta, muita batalha, não tinha água, não tinha luz, não tinha asfalto, não tinha nada. Só alguns barraquinhos, aí, a gente tinha que, é, vivia atrás da água dos carros-pipa né, trazia as águas para nós.

- Quando a senhora chegou aqui tava só a senhora? A senhora com os filhos? A senhora e sua mãe?

- Eu vim com minha mãe e com dois, deixa eu ver, meu irmão, a minha irmã que é gêmea comigo e minha irmã mais velha, os outros ficaram no interior. Veio duas irmãs e um irmão, comigo quatro, somos quatro, viemos quatro. Assim, minha irmã mais velha de todas era solteira, nós todas solteiras, né, e além disso, ainda era jovem, ainda era criança pela idade que nós, quando nós perdemos nosso pai, nós viemos pra cá. Aí começamos, é, aí, a minha mãe registrou a gente aqui em Brasília né, e pôs a gente na escola, estudamos um pouco. Aí como a gente não teve a oportunidade, assim, de estudar muito, a gente estudou foi pouco, e ganha, é, como é que se diz? Tinha que trabalhar né, pra poder manter o pão de cada dia, né, e aí nesse caso, a gente estudou pouco, e outros patrões prometiam que iam dar à gente trabalho e estudo e, no fim, a gente perdia o ano, não estudava, eles não deixavam a gente estudar, aí acabou a gente perdendo o ano né, sem estudar, estudando pouco. E aí depois, passamos a morar em chácara de favor, foi até que minha mãe lutou muito, conseguiu um lugarzinho de

morar, numa invasãozinha, de lá deu um lote lá em Brazlândia, de Brazlândia nós voltamos pra chácara de novo e, aí, quebramos a cabeça no mundo aí, morando em vários lugares. Até que Deus, é, fizeram um loteamento, deram um barracinho numa chácara perto de Brazlândia e lá eu, foi preciso eu vender, porque o vizinho queria mandar, mandar no meu lugar lá, eu vendi os direitos de lá, cada, deixava eu com as crianças todas até sem água. Aí, deixei, eu, peguei e pedi a Deus pra conseguir vender os direitos de lá e sair de lá com uns trocadinhos, mas é como se diz aquela história, "nem lugar de morar e nem dinheiro", porque aí tudo acaba né. Aí, depois, eu fui, não tive muita sorte com casamento né, tive o primeiro marido, fui perseguida, como se diz, padrasto né, fui ficando mocinha, fui seguida por um padrasto, o padrasto tava interessado em mim, aí foi que eu resolvi, não gostava nem de namorar, aí resolvi namorar. Nesse caso, eu até tive o caso com um rapaz, quando foi um bocado de tempo, mas como ele era muito agressivo, muito violento, fui obrigada a largar e a separar dele e aí tive um casal, três filhos, Deus permitiu criar dois, aí foi que eu arrumei um senhor já de idade, que mais velho que eu dezesseis anos, aí tive mais um casal e graças a Deus foi só mais esse casal mesmo, operei que eu tava com problema de sangue, aí não tive mais filho não.

- E nessa época a senhora ainda tava em Brazlândia ou já tinha saído de Brazlândia?

- Nessa época, tava em Brazlândia. Nessa época, eu tive um casal de filhos, aí morei em chácara com esse casazinho de filhos também, aí que eu conheci esse senhor mais velho que eu dezesseis anos, aí tive mais um casal, foi no tempo que ganhei os direitos desse lugar de morar lá. Aí, vendi, fizeram um levantamento, minha mãe ganhou uma chácara no INCRA 7, e lá mesmo ela viveu pouco tempo também, Deus levou ela, um problema de derrame cerebral né, aí ficou lá meu irmão e meu irmão pegou e vendeu lá também, tá aí até hoje, morando agora é de aluguel, quebrando a cabeça com isso também. Aí, tive os quatro filhos, criei os quatro filhos, é assim, quase que dizer que sozinha né, trabalhando debaixo, debaixo de sol, porque os maridos não tinham responsabilidade né, bebiam cachaça, larguei, passou, larguei o primeiro, larguei o segundo, aí tive no terceiro não tive filho porque já era operada, tentei a sorte até o terceiro, do terceiro pra cá eu parei, não quis mais saber não. Aí, que, fui lutando debaixo de chuva, debaixo de sol, fui criando os filhos, hoje, graças a Deus, tão aí os filhos todos aí criados, graças a Deus, e acabando de criar os netos aí, pois é, muita luta né, muita, como se diz, agora hoje em dia como tem esse problema de coluna não aguento nem trabalhar muito, mas mesmo assim ainda corro atrás de alguma coisa. Com

a força de Deus né, pois é, foi muita luta e se eu for contar o co, do começo da minha vida até agora é muita coisa.

- É muita história?

- É muita coisa, só que a gente vai chegando a certas idades e vai esque... Vai dando apagões na cabeça da gente, a gente esquece de muita coisa, né?

- Uhum.

- É, passamos por muitas coisas boas também né, porque Deus sempre dá força, sempre ajuda, Deus não desampara os filhos dele não, né. Pois é, meu filho, aí tamos no assunto aí.

- E como é que a senhora veio pro Recanto das Emas? O que que aconteceu que a senhora veio morar aqui?

- É, eu, eu tinha uma inscrição em Brazlândia pra ganhar um lugarzinho de morar né, aí eles, sempre né, eles vieram com esse negócio, com esse problema de estar sempre renovando a inscrição, aí, na época de, eu fui lá pra renovar e era por ordem de letra, né, pela ordem da letra do nome né, aí eu não tive, eu pagava passagem nessa época, não tive como, é, dinheiro pra eu ir renovar. Aí, pra eu não perder o direito de ganhar um cantinho para eu morar com os quatro filhos pequenos. Aí, eu fui lá num, nesse lugar lá da W3 norte lá, um lugar lá que eu até esqueci o nome, é, INDHAB, esqueci o nome do lugar lá.

- IDHAB?

- SHIS, num sei lá cadê o nome.

- SHIS?

- Eu sei que eu fui lá e conversei lá, contei minha história, minha situação, aí eles pegaram e, as meninas pegaram e falaram pra mim que eu tinha que escrever uma carta, aí eu não sabia como escrever essa carta, meu estudo é pouco né. Aí, foi que ela escreveu a carta pra mim, assinei, tudo, apresentei meus documentos, aí, ela pegou essa carta e meus documentos e, foi passando o tempo, foi passando o tempo, eu continuei correndo atrás e pedindo a Deus, aí foi que Deus ajudou que aí veio o papel da escritura né. Aí, no papel da escritura, aí eu fui correr, sempre tomando alguma informação, alguma coisa, eles me encaminharam, disseram que eu ia ganhar um lote lá em Santa Maria, mandaram eu ir lá na administração do Gama né. Aí, eu fui lá nessa administração do Gama, sempre correndo atrás, aí, nesse época, eu trabalhava por dia, por diária né, aí, é, eles pegaram e falaram que, acho que deu algum problema lá, não sei como foi lá, que parece que eu ia ganhar era no Recanto das Emas, aí eu sei que, eu

correndo atrás, eles lá nesse lugar lá na W3 lá, eles pegaram e me deram um documento para eu receber no, aqui no Recanto das Emas, deram o endereço da 605. Aí deu, sei que deu muito problema, foi muito impedimento, mas eu fui lutando e lutando, correndo atrás, até que Deus, que Deus falou, me deu a vitória. De lá, eles mandaram, me deram um papel, uma procuração para eu receber na, acho que é na, foi na 405, que a área lá tava toda invadida e era área verde, aí, aí quando foi um belo dia, é, não tinha telefone nesse tempo, não tinha como entrar em contato né. Aí, tá, a minha, a Aline começou a trabalhar, já crescendo, ficando mocinha já, jovem, começou a arrumar um empreguinho lá na, pro lado da vizinha lá e lá tinha telefone residencial, aí lá ficou trabalhando nesse serviço lá que tinha o telefone e eu passei lá praquele lugar lá da inscrição lá. Aí, quando foi eu trabalhando, chego em casa cansada, assim, como se tivesse vontade de desistir né. Aí, Deus, chegou uma notícia boa, que eu viesse aqui no Recanto das Emas, não falou aqui na regional, aqui num lugar, não era nem na regional, nesse tempo não tinha essa regional, um lugar, um salão que tinha aí, eu até esqueci o nome do lugar também, que a gente tinha isso aí que eles iam entregar o lote né. E aí, falta, como se diz né, a falta de sorte né, aí o papel da inscrição, eu revirei a casa todinha e não achei o papel da inscrição. Aí, mas aí eu vim com a minha identidade, vim e expliquei minha situação, aí teve uma reunião, só entregando o lote das pessoas, porque tinha que apresentar a identidade e o papel da inscrição e eu não trouxe o papel da inscrição, não tive como receber. Aí, ainda andei mais três dias, aí eles mandavam eu, conversei, expliquei a minha situação, eles mandaram eu ir lá no lugar lá da inscrição lá, aí fui, ainda andei três dias ainda, saindo seis horas da manhã até seis horas da tarde, correndo atrás e lutando, e conversei, e expliquei a situação, que eu tinha meus quatro filhos pequenos, que eu precisava de um cantinho pra morar, aí foi que Deus abençoou que eu consegui o cantinho, lá eles me deram o endereço, o endereço eu passei direto pra aqui no Recanto e peguei o endereço, saiu na 603. Aí, vim, eu vi o endereço todo direitinho, algumas casas, aí cheguei lá e contei pro pessoal lá onde eu morava lá, o pessoal lá, graças a Deus, todos gente boa. Aí, o povo lá reuniu, é, lá onde eu morava lá o pessoal lá todo é um bocado de irmão, uma família grande, aí não cobraram o frete, cada um ajudou com uma madeira, cada um ajudou com um arame pra cercar, ajudou com uma telha, com um maderite e reuniu, o pessoal ajudou lá e acabaram, os meninos trouxeram pra cá e eu fiz um quartinho do tamanho de um banheiro e vim só com a cara e a coragem, só eu e Deus. Aí, os meninos não, tavam estudando, não podia trazer eles pra cá porque estavam estudando, a Aline e o Fábio, os

dois mais novos, o mais velho já tava trabalhando e a mais velha que é a mãe desse rapaz aí, já tinha me abandonado, já tinha me largado, que ela saiu de casa com dez anos de idade.

- Nossa.

- Me abandonou, cedo, sabe, e eu fiquei desesperada, é, eu corri atrás da casa das minhas irmãs, da minha família, do pessoal conhecido, pra saber notícias dela, pra saber onde ela tava. Aí, às vezes, eu achava ela, trazia pra dentro de casa, mas não tinha jeito, quando, antes do dia amanhecer, era só a gente dormir, ela sumia de novo. Aí, foi até que eu entreguei nas mãos de Deus, não digo que, eu tinha que trabalhar pra tratar dos dois mais pequenos, não podia, tinha que ter responsabilidade né, ficar aí correndo atrás dela com os dois pequenos. Aí, eu fiquei correndo atrás de, fui trabalhar, entreguei nas mãos de Deus, de noite ainda tinha uns pesadelos assustados, preocupada se como ela tava, né, porque mãe é mãe né. Aí vai contar a história pra ela, ela fica é rindo. Aí, hoje ela é mãe né, ela deve saber como é.

- Essa preocupação?

- O sofrimento de uma mãe né. Aí, Deus me deu força, pedi que Deus me desse muita saúde, me desse força para eu trabalhar, trabalhe é, era de bucho pela boca, grávida, de resguardo, operada, tudinho lutando debaixo de chuva, debaixo de sol nas roças, mas Deus me deu a vitória e hoje tá tudo criado, graças a Deus, graças a Deus tá tudo criado. Aí, eu falei pros meus filhos, eu disse "é, meus filhos, vocês já tão criados, agora, é o seguinte, eu não posso ficar sem comer, sem dormir, preocupada com vocês não, preocupar eu não vou deixar de ficar preocupada, só não posso eu me acabar, eu morro e vocês ficam de boa aí".

- É verdade.

- "Aí, cada um, agora é vocês terem responsabilidade e não botar filho no mundo não, porque se vocês chegarem a ponto de por, vocês assumam a responsabilidade, porque na hora de por é facinho de por, agora na hora de assumir que é o duro".

- É verdade.

- Aí, isso aí, aconselhei meus filhos, pelejei com meus filhos, viu, mas é assim mesmo né, Deus sabe o que faz né, não sabe o que fez nem o que diz, né.

- Esse primeiro ano que a senhora chegou, então, primeiro ano, a senhora ficou aqui sozinha, depois que os meninos vieram?

- É, depois que os meninos vieram.

- E, assim, aí os vizinhos ajudaram a senhora a construir esse barraquinho, esse quartinho?

- É, os vizinhos ajudaram a fazer meu barraquinho. E eu continuei trabalhando de diarista no Núcleo Bandeirante, no Plano e lá na chácara mesmo. Eu trabalhava durante o dia lá e de noite eu vinha pra casa. Tinha vezes que eu era obrigada a arrumar um cantinho e passar a noite lá, porque às vezes tava chovendo, às vezes tava muito tarde, que é perigoso pra vir à noite e muitas vezes eu saí, quando eu não saía de lá debaixo de chuva, chegava aqui na época de chuva, porque naquela época chovia muito, chegava aqui debaixo de toró de chuva. Eu cheguei a ponto de ficar tão ruim, tão cansada, que eu não, cheguei queimando de febre, queimando de dor, cheguei na porta da minha casa, não aguentei entrar pra dentro, as vizinhas que abriram a porta, fizeram um chá, me deram e eu deitei. No outro dia, foi que Deus, graças a Deus, cortou a febre, aliviou mais a dor e eu melhorei.

- Os vizinhos ajudavam bastante a senhora? Todo mundo se ajudava um pouquinho?

- Ajudavam, graças a Deus. Todo lugar que eu morei, graças a Deus, nunca tive má-carência com vizinho nenhum, só esse lá do Baiano, esse negócio dessa chácara. É porque ele mesmo implicava com, por causa do negócio da água, porque eu sofri com meu ex-marido debaixo de um solzão quente igual tá hoje, trincando o sol quente, na mina de água, nós fizemos um buracão bem fundo, um poço bem fundo pra trazer a água na porta, porque mais embaixo tinha o córrego né, mas ficava longe né. Aí, a gente lutou pra ter água assim na porta, aquela bicona de água de mina, aquela água sadia né. Aí, como o vizinho morava do lado assim, aí cortava a água e deixava eu com as crianças sem água. Eu passava dois, três dias sem meus bichinhos, sem água.

- É um absurdo isso.

- Viu. Mas isso aí, Deus que dê um bom lugar, Deus sabe, como se diz, Deus sabe o que faz. É, aquele lá era assim, a minha mãe vendeu o lote, vendeu não, ela deu de graça naquele tempo, ela vendeu, meu irmão ficou aconselhando pra ela vender e ela pegou e vendeu e acabou nem o lugar de morar e nem a chácara. Eu disse que era pra ela vender pra pegar o dinheiro e arar a terra e plantar. Aí, acabou não fazendo nada. Aí, eu fiquei com minha mãe na chácara, aí, eu com, nesse tempo, com o pai dos meus filhos mais velhos lutando pra conseguir esse buracão lá e puxamos a água. Aí, o meu cunhado casado com a minha gêmea comigo, a minha irmã gêmea comigo, é, morava no lote da, acho que da irmã dele, eu sei que da família dele lá. Aí, pegou e resolveram vender o lote, aí, ele foi e conversou com a minha mãe pra morar uns tempos lá até Deus dar

condição dele comprar um lugarzinho de morar. Aí, ele começou a plantar lá, trabalhar lá, eu até trabalhei até com ele e tudo. Aí, o que ele fez? Ele pegou o, de certo, não sei se combinou com a minha mãe, que eu não sei, Deus é quem sabe as conversas particulares deles lá, deve ter combinado com a minha mãe, pegou a metade da chá... Onde ele morou lá, pegou a metade da chácara e vendeu pra esse vizinho, esse vizinho queria tomar conta de tudo. E lá implicou que queria, aí, o meu, o pai dos meus filhos mais velhos no... Ve... Dessa menina que mora aqui, pegou e falou que mandava em mim, mandava dentro de casa, mandava nele, mandava em todo mundo lá. E eu grávida dessa menina, querendo plantar né, porque a gente morava na roça, tinha que plantar alguma coisa e ele pegava e falava que eu tava perdendo meu tempo, que eu tava plantando na terra dele. Aí, teve que apelar pela justiça. Porque foi assim, minha mãe morava e eles fizeram o levantamento que não podia ficar lá e deu o lugar pra minha mãe, só que a minha mãe foi embora e eu fiquei, por causa de eu ficar, Deus me deu o direito de eu ganhar um cantinho, sabe? Por causa que eu tinha os filhos pequenos.

- Claro.

- Os quatro filhos pequenos. Só que aí pra eu sair, eu tive que sair vendendo os direitos de lá, uns trocados de lá.

- Entendi.

- Porque é pra onde é que eu ia morar com os quatro filhos pequenos. Aí, ele pegou, o homem pegou, queria tomar conta de tudo lá. Cresceu os olhos, queria tomar conta de lá. Agora, diz que virou evangélico, diz que Deus já levou, aí quem mora lá são os filhos. Você ver como são as coisas, os direitos que eu vendi para uma pessoa, a pessoa vendeu para outra pessoa e a outra pessoa que comprou é minha comadre. E agora ela tá vendendo, ela tá interessada no meu lote e eu não vou vender por causa desse vizinho Baiano lá, porque morar na roça é gostoso demais, na beira de um rio, rapaz, dentro de um rio, fica bem pra baixo, assim, naquele tempo era fogão de lenha.

- Mais qualidade de vida? Mais tranquilo?

- Viu, mais qualidade de vida, água gostosa, agora lá tem fruta, casa construída, viu, tem água, luz, meu filho. Aí, dava pra morar eu e os meus filhos, eu ficava despreocupada, os dois mais velhos que não tem lugar de morar, que moram de favor quebrando a cabeça no mundo, cada um faz o seu cantinho lá, ia plantar e viver a sua vida.

- Não fosse esse vizinho lá a senhora voltava?

- Não fosse esse vizinho do lado lá, porque é filho desse tal de Baiano, viu. Mas diz que tem bons trens lá, não sei, ela disse que ia me levar lá pra eu passear lá e visitar lá, viu, porque dizem que a gente roda o mundo todo e vai parar no mesmo lugar.

- No mesmo lugar. Que o mundo da volta, da volta e para no mesmo lugar.

- Pois num é? Da volta e vai parar no mesmo lugar. Os dois filhos mais velhos tão nem sabendo, porque se souber, meu filho, ave Maria, bota fogo para eu vender. Pra você ver que interessante, meu filho disse que não ia morar comigo aqui na cidade, que não era pra eu vir, que era perigoso, que, como é que se diz, que tava matando, tava roubando, que ia me, que eu vir pra cá ia me matar, não sei o que, acontecer alguma coisa comigo, Deus me livre e guarde, graças a Deus, Deus sempre me protegeu. Aí, quando ele veio morar já não queria sair, pra tirar ele, eu tive que fazer assim ó...

- Aqui no Recanto?

- Porque ele bebe e é agressivo, bruto, ignorante, o meu filho mais velho. Pois é, e pra sair de dentro do lote teve que fazer isso aqui ó, os dois, o mais novo que reuniu e pagaram aluguel pra ele lá no Goiás e arrastou ele, arrumou um frete.

- Pra tirar ele daqui?

- O meu menino trabalha nesse negócio de produtor de fruta, de verdura, o mais novo aí, trabalha na Ceasa, trabalha com um produtor aqui na Ceilândia, foi que arrumou um caminhão lá da onde carregam as verduras. Pegou as mudancinhas dele e ó, levou, para me deixar em paz, viu. Porque esses dois mais novos são mais compreensivos, mais calmos, mais tranquilos.

- Ajudam a senhora?

- Me ajudam, sabe? Essa mãe do Fernando também, ela agora, ela parou de fumar, de beber.

- Sossegou um pouco?

- Mas como ela tá de boa, uma parte a gente tem que falar do que é né, não pode falar do que não é né. Ela é uma menina muito caprichosa, guerreira, trabalhadora, viu, mas assim, cresceu revoltada, com uma revolta, viu. Mas aí a pessoa tem que compreender, o que nós temos pra passar nessa vida, ninguém vai passar no nosso lugar.

- É verdade.

- Porque o destino da gente, já vem traçado, já veio do jeito que Deus quer. Agora, nós temos é que compreender e entender, não é? O que ela passou, o que ela sofreu, o que ela quebrou com a cara, com a cabeça, é porque foi o destino que Deus quis, viu, ó, não, como se diz, não há vitória sem luta.

- Claro.

- A gente tem que lutar pela, não é? Não é não? Agora, tem que compreender, os dois mais novos como tiveram paciência, sofreram junto comigo, tiveram os padrastos ruins, tiveram as pessoas ruins, não porque, eu lutei, eu fiz o que eu podia fazer, mas eu nunca abandonei eles, nunca desprezei eles e nunca judiei deles porque causa, nem, e fiz o possível pra ninguém que judiasse também, viu, mas aquilo que a gente tem pra passar, não tem como a gente evitar né. Aí, ele, essa mais velha é revoltada, porque eu trabalhei na escola rural um ano e três meses, aí, eu desgostei, porque é, eu trabalhava no meu serviço e ele chegava lá bêbado com ciúme, que, por causa, ele tinha ciúme até da sombra. Por causa que o meu serviço lá era de faxina, né, de merendeira, né, aí o que que ele fazia? Ele pegava, bêbado, e chegava lá no meu serviço com ciúme de mim. Mas por que, meu Deus? Por causa que se lá, se quebrasse alguma coisa no banheiro, na cozinha, alguma coisa, aquilo lá era serviço para homem, não era meu serviço. Então, se convidava as pessoas pra arrumar lá, aí ele ficava com ciúme e aquilo foi me desgostando, você sabe. Você sabe, assim, quando você tem, eu tenho quatro filhos pequenos e tô agoniada pra terminar ali pra cuidar da casa, cuidar dos meninos pequenos, era a hora que ele me atrapalhava, me atrasa a vida.

- E ele arrumava confusão com o povo lá?

- Arrumava confusão, aquilo ali, meu filho, aquilo ali foi me dando desgosto. Aí, eu fui, acabei pedindo as contas do serviço.

- Um hora a senhora cansou?

- Uma hora eu cansei.

- Mas primeiro a senhora largou do serviço, depois que a senhora largou dele?

- Os dois juntos.

- Ah tá.

- Os dois juntos. Pedi as contas, peguei o dinheiro e fui quebrar cabeça lá na Bahia com os quatro filhos pequenos, foi por isso que a menina se revoltou.

- Ah, aí a senhora saiu aqui de Brasília, foi pra Bahia...

- Não, fui assim pra um passeio, viajei só.

- Ah tá, entendi.

- Ó, eu fui lá e não voltei logo, porque o dinheiro que eu fui só deu pra ir, não deu pra voltar. Aí, como Deus me deu, eu vendia, além do meu trabalho, do meu serviço, eu trabalhava particular assim de vender tapete, vender um bocado de coisa, de coisa de revista, como as pessoas não me pagaram, eu fiquei com aquelas coisas, colchas de

crochê, tapete, jogo de tapete, coisa mais linda. Então, eu fui com as malas, eu fui com muita, eu tinha muita coisa, graças a Deus. Aí, eu peguei, deixei uma parte com ele, eu separei deixei as coisas com ele e uma parte de coisa pequena, eu carreguei. Aí, lá eu fui, vendi de graça lá, vendi baratinho pra pegar o dinheiro e voltar, o muito que eu aguentei lá foi quinze dias, foi só o prazo de eu vender as coisas, arrumar o dinheiro pra voltar e voltei. Aí fiquei pra cá, voltei pra Brasília de novo.

- Entendi.

- Só que eu fiquei quebrando com a cabeça também, morando de favor acolá, o homem me enganou, dizendo que tinha separado da mulher e vivia comigo, a mulher com quatro filhos, olha que cabeça, isso é coisa? Não é coisa, coisa ruim da mente, a cabeça da gente é fraca. Aí, quando chega aqui, o que que ele faz? Ele pega, pede pra eu cuidar dos filhos dele pra mulher trabalhar e acabou colocando a mulher com os filhos todos dentro de casa. E achou pouco e colocou mais uma, três.

- Ele tinha três mulheres?

- Ele tinha três mulheres numa casa só.

- A senhora e mais duas?

- Mais duas. Aí, eu fui, sabe o que que eu fiz? Eu tinha um problema no esôfago, um problema que tudo que eu me alimentava, eu botava fora. Não é assim, não é aquela comida que a gente come que é estragada não, que fica o gosto ruim não, era comida que eu acabava, botava a primeira colherada e botava pra fora. Aí, deram conselho pra gente ir pra igreja né, naquela igreja Deus e Amor. Aí, fizemos, começamos a fazer uma campanha lá, morávamos no INCRA 9, ia pra Brazlândia, viu, da, lá da chácara ia até o trevo, a pé, do trevo pegava o ônibus pra Brazlândia, e a gente ia a pé, ia fazendo campanha, campanha é assim, por exemplo, ia toda quarta-feira, se começar numa quarta, vai toda quarta-feira, até completar sete quartas-feiras. Eu fazendo a campanha, aí Deus me deu a vitória, me deu essa cura, lá, é, até a revelação, e lá eu fiquei boa disso. Aí, comprou pão, comi bem, graças a Deus, não senti mais nada, desse tempo pra cá, graças a Deus, não senti mais nada. Aí, e sempre era tendo uma briga, desavença, uma discussão entre as mulheres e ele, tudo, e eu trabalhando. Aí, quando a outra mulher, a mais velha trabalhava também, aí eu fui fazendo essa campanha e pedindo a Deus, sabe? Ajoelhada no chão, assim, chorando pedindo perdão a Deus, que se, que Deus me arrancasse daquele lamaçal, daquele pecado, que ele me desse uma vida, uma paz, derramasse uma paz pra mim. Aí, fui lutando, fui lutando, até que um dia, Deus me abençoou, que eu separei dele. Peguei e falei pra ele que isso não é normal, que isso não

é vida pra ninguém, que ele, que se ele quisesse viver com as duas mulheres, ele podia viver, mas que eu já tava cansada e que eu quero, eu não quero essa vida pra mim, nem pros meus filhos. Aí, ele veio com negócio de facão, com negócio de arma, usando aquelas coisas ruins, que ele era negócio de espiritismo, sabe. Aí, eu falei "ó, eu vou falar a verdade pra você, eu não quero mais viver com você. Você pode querer viver comigo, mas eu não quero, eu não quero, eu não quero essa vida pra mim". Aí, quando eu tava com, aí, o meu filho mais velho, os meninos todos revoltados, pegou e falou, meu filho pegou e falou "mãe, a senhora quer mesmo separar dele?" Eu disse "claro, eu não quero viver mais com ele". "Então eu vou arrumar um canto pra nós vivermos". Aí, até nós moramos, ele morou numa chácara assim na, que eu morava, que mudei pra um barraco assim, sabe, outro, no vizinho assim, foi até um barraco que ele ficava, que o dono da chácara arrumou, ele fez o barraco lá, aí mudou pra cá e tinha esse barraco vazio lá. Aí, conversei com o dono, o dono deixou eu morar lá. Só porque ele fez o barraquinho lá, ele ficava, eu dormindo tranquila com os filhos, quando era dez horas da noite, tacava essas coisas ruins, onze horas da noite, tinha que levantar com corpo quente debaixo da coberta e sair com os meus filhos, dormir no meio do mato com os meus filhos, dentro de uma cova, uma lacraia, um escorpião, qualquer bicho morder, dormia no meio do mato. Aí, foi essa luta. Aí, o meu menino, eu falei pro meu menino, o mais velho, que foi crescendo, ficando rapaz, falei que eu não queria mais, que eu não queria mais, e pisei duro e falei que não queria mais, aí ele falou "então, tá bom, vou arrumar uma chácara lá no antigo lugar que nós moramos". Aí, arrumou e eu mudei, quando foi com um ano, quase dois meses, eu acho que foi um ano e sete meses, sei que foi um ano e pouco, aí, Deus deu a vitória, deu o cantinho para eu morar de novo.

- Aí, a senhora veio pra cá era mais ou menos o que? 96? 97? A senhora lembra?

- Rapaz, não lembro o ano que foi não, eu tinha que olhar, tinha é que olhar nos papéis, eu sei que tem quase vinte anos. Quando eu mudei pra cá, eu nem sonhava em ser avó, nem sonhava em ser vó, as meninas, a Aline tava com dezesseis anos nessa época, viu, ela tava com dezesseis anos, aí então, ela tá com trinta e poucos anos, ela vai fazer agora não sei se trinta e três ou trinta e quatro, agora mês de outubro, viu.

- Então, tem uns dezessete anos mais ou menos? É quase isso?

- É, mais ou menos isso. Não. Tem mais, porque a, eu nem sonhava em ser vó. Assim que eu ganhei aqui pra cá, Deus, no ano que eu ganhei, no outro ano a menina, a Aline tava grávida, descobrimos que ela tava grávida no outro ano. Aí, a menina, a mais velha já tem dezoito anos, fez agora em setembro dezoito anos, quer dizer, tem uma faixa de

dezenove anos mais ou menos. Por isso, que eu tô falando, tem quase vinte anos, se não tiver vinte, tá perto.

- E, assim, eu sei que valeu a pena pra senhora, que ia ter o canto seu pra poder ficar com seus filhos, mas como é que era aqui a cidade, valia à pena vir morar aqui? A senhora falou que seu filho não queria vir, né, por causa da cidade.

- É, não, não, os meninos não queriam vir. O mais interessante é que ele falou que não acreditava que eu ia ganhar o lugarzinho de morar não, que, é, como é que fala, só o dia que a galinha criasse dente. Que eu não ia ganhar, esse negócio de governo, que governo não dá nada, não sei o que, aí eu disse "pois meu filho", é, eu pegava às vezes o dinheiro de eu comprar alguma coisa para comer né, ou às vezes até pra eles mesmos né, eu deixava de comer e deixava de comprar alguma coisa pra eu comer pra correr atrás. Aí, eu andava, às vezes, andava até o dia todo sem comer nada, porque o dinheirinho era só da passagem né. Aí, as águas corriam nos olhos né, fazer o que, tristeza né. Aí, mas Deus me deu força, corri atrás, até que Deus me deu a vitória. Aí, depois que eu ganhei, aí o que que ele fez? Ele fez isso aqui ó, para eu vender, na época era três mil só o terreno, três mil naquela época e ele queria que eu vendesse, eu disse "eu não vou vender", eu falei pra ele "no dia que Deus me abençoasse, que eu ganhasse um lugarzinho de morar, ou debaixo de chuva, ou debaixo do sol, debaixo do tempo, eu ia morar no que era meu, o que Deus me der, eu vou morar". Aí, Deus me deu a vitória.

- E não tinha, assim, eu entrevistei outras pessoas já, que me falavam que nessa época, às vezes, as pessoas invadiam os lotes das outras.

- Invadiam. Se eu ganhasse o lote e eu não viesse tomar conta, vinham outras pessoas invadir e tomar conta. Tomava conta e aí, eu acho que ficava difícil tirar, viu. Aí, eu, não, eu ganhei o meu cantinho, os meninos arrumaram, rapidinho fizeram meu barraquinho, eu caí dentro, não saí mais não. Mas eu fui assaltada, eu fui, invadiram o meu cantinho, viu. Mas aí, assim que Deus abençoou, que eu fui construir meu cantinho lá, o vizinho dos fundos também já fez o barraquinho e já mudaram pra lá. Eu consegui a luz até numa gambiarra do vizinho, viu.

- Eu ia perguntar isso, essa parte da água, da luz.

- Pois é, aí, a estrada de chão, na época que chovia, o carro pipa atolava lá, não tinha, como é, não tinha como nem deixar água pra gente, porque o cara, o carro atolava. E a luz era, foi através de gambiarra dos vizinhos nos fundos, água é, eu não me preocupava muito com água, né, porque eu almoçava no meu serviço, passava o dia todo trabalhando, almoçava lá e não, às vezes, os vizinhos me davam uma janta ou, às vezes,

tomava um lanchezinho que era só eu mesmo. Aí, graças a Deus, foi nessa luta aí, não tinha asfalto, não tinha água, não tinha rua, não tinha nada, casa? Tinha algumas casas, podia contar as casinhas que tinha, era bem pouquinho, viu. Aí, fui lutando, lutando, foi aumentando gente, aumentando gente, até que Deus, graças a Deus, aí veio a instalação da água, ah, o banheiro era esgoto né, os lá de fora assim tinham um buracão fundo, que furou pra poder coisar o banheiro, a instalação do banheiro. Aí depois, fizeram os esgotos né, fizeram a encanação da água, viu, mas foi luta, foi luta, foi, não, foi muito tempo, pouco tempo não, foi muito tempo mesmo.

- Aí a senhora foi construindo de pouquinho em pouquinho?

- Fui construindo de pouquinho em pouquinho. Aí, como eu tava separa... Quando eu vim pra cá, só eu e meus filhos, aí, primeiro eu vim sozinha, depois os meus filhos resolveram vir. Aí depois que os meus filhos resolveram vir, pra não me deixar sozinha e a Aline grávida, eu falei "agora você não vai estudar e nem trabalhar, você vai ficar junto comigo". Eu disse pra ela, eu dei apoio né, junto comigo em casa. Aí, ela, depois que ela ganhou a menina, ela começou, conheceu esse, esse aí, ela conheceu ele, aí foi que ela, eu falei, tinha a invasão, aí ela foi pra essa invasão e voltou e Deus abençoou que ela ganhou esse cantinho dela aqui, viu. Aí, eu fiquei sem trabalhar.

- A invasão era aqui no Recanto das Emas?

- Aqui no Recanto, no Recanto, lá em cima, na 602, ali onde é o ponto final lá.

- Ah tá.

- Onde construíram a rodoviária lá, era lá, a invasão, ela tava lá naquele cantinho lá. Aí, deram um bocado ali nas 805, né, ali perto daquele mercado Euro lá, deram em vários lugares, aí deram aqui, aí, ela, deram o cantinho aqui pra ela. Ela era até de menor, fui eu, juntamos eu e o pai dela. Aí, assim que eu ganhei pra cá, como veio os meus filhos, aí veio eu, aí meus filhos ficavam pedindo esse pai deles, aí descobriram o pai deles numa fazenda lá perto de Padre Bernardo, tal de, é Currálinho? Eu sei que praquelles lambe lá. Aí, o dono da fazenda lá vendeu lá, aí eu peguei, trouxe o pai dos meus filhos pra cá, dei apoio pra ele, dei, apoiei ele, ele ainda bebia nessa época. Depois ele, depois ele passou uns tempos aqui com a menina, aí parou de beber, né. Deu problema de próstata, problema de saúde e aí fui cuidando dele até quando Deus levou, né, porque por mau ou ruim, ele é pai dos meus filhos, né, meus dois filhos mais novos. Aí, cuidei, né, parou de beber, tava, pediu perdão né.

- Ficou mais tranquilo?

- Ficou mais tranquilo. Aí, deu foi problema de saúde, né, mas a gente, o que a gente pudesse fazer né, eu fiz até quando Deus, né, Deus levou, mas também Neto viveu até setenta anos, viu. Cuidei, teve problema de próstata, teve que usar sonda, aí operou, fez tudo que é exame, operou, viveu mais uns tempos, aí teve um problema de, dele vomitar sangue né, que eu não sei se foi por causa da bebida, né. Aí, sei que ele morreu numa poça de sangue no hospital, né, obrando sangue e vomitando sangue, nossa, é horrível demais, é triste você ter que ver esse tipo de coisa, mas é assim mesmo né. A gente, a pessoa não pensa enquanto tá novo, num, depois quando vai pensar já é.

- Depois a vida cobra?

- Depois a vida cobra.

- E essa parte de escola, posto de saúde, isso demorou muito pra chegar? A senhora acha?

- Chegou, demorou, demorou muito.

- Por exemplo, a senhora falou que no ano seguinte, os meninos vieram, quando os meninos vieram já tinha escola pra eles estudarem aqui?

- É, tinha, mas a menina passou um tempo sem estudar, porque aí assim que ela teve a Lorena, a menina mais velha, que é diferença de dez meses, ela engravidou da outra menina.

- A Gisele?

- Da Gisele. Aí, ficou a Lorena e a Gisele, a Lorena ficou comigo. Ela ficava, ela apegou comigo, além de ser a primeira neta né e a menina novinha, sem experiência, aí ficou comigo. Eu fiquei com a menina e ela acabou pegando a outra menina. Aí, quando a menina já tava com seus cinco anos, já tava grandinha, que ficou em dúvida, dividida entre eu e a mãe. Aí, a mãe pegou e falou "não, você vai ficar é comigo". Porque aí, ela foi tendo os outros meninos e ela se apegou muito em criança, porque criança sempre gosta do outro, né?

- Uhum.

- Aí, ela ficou com a outra irmã dela, aí veio o irmãozinho, veio o outro irmão, que agora são quatro né, e ela ajudou, acabou a ajudar.

- Ajudou a cuidar?

- Criar, cuidar dos mais novos né. E aí, agora, já com dezoito anos né, dizendo ela que ainda vai morar comigo, não sei quando, que agora... Aí, depois dela ter, não sei se foi só os três, que ela passou a estudar o supletivo, ela estudou, terminou o estudo dela, eu acho que o primeiro e o segundo grau, que aí anda mais rápido né. Ela passou a estudar,

que eu até fui até na formatura dela, viu. Aí, graças a Deus, ela conseguiu o estudo, viu. Já fez curso de socorrista e brigadista né, mas como emprego tá tão difícil né, coitada, aí venceu e ela tornou a fazer de novo e aí, tá aí. Ela trabalhou em um, acho que foi seis anos num cinema, Cinemark né, lá na, em um, esqueci o nome lá, não sei o que 21.

- Pier 21?

- Isso. Ela trabalhou lá seis anos. Aí, como tava muito assim, o marido dela achando ruim né, que às vezes tinha que trabalhar à noite, às vezes, tinha que trabalhar no final de semana. Aí, ela pegou e fez um acordo lá e saiu lá, saiu de lá. Aí, depois ela montou um sacolão ali no, de frente do Riacho Fundo 1, aquele lugar ali no, esqueci o nome do lugar lá, ela passou uns tempos lá. Aí, quando viu que tava enfraquecendo, o comércio com essa crise não ia dar muita coisa, aí ela pegou e vendeu o cantinho, os direitos lá, que era aluguel né, vendeu as coisinhas lá e passou, acho que, dois anos desempregada, emprego tava, agora começou, graças a Deus, Deus abriu a porta esse ano pra ela trabalhar, agora ela tá trabalhando.

- Ela arrumou outro emprego?

- Graças a Deus, tá trabalhando aí em um, é, esqueci o nome do lugar que ela falou que tá trabalhando, parece aí que é ali no Taguaparque, de frente do Taguaparque, né, Taguatinga Norte. Aí, graças a Deus, que tá trabalhando.

- É bom que é mais perto também?

- É, mais perto. E é só de segunda a sexta né.

- Ah, melhor.

- Às vezes, no sábado, assim, é só na parte da manhã, né. Aí, tá sempre em casa, cuidando da casa, dando uma faxina em casa, cuidando dos filhos.

- E as meninas tão lá no 111? A Gisele e a Lorena?

- Tão lá no 111, as duas. É, tão, elas tão estudando.

- A Lorena termina esse ano, né? As duas terminam esse ano?

- Eu acho que termina esse ano ou esse ano.

- É que eu estava conversando com uns alunos que terminam esse ano e eu acho que elas são dessa época já. Acho que elas estão no terceiro ano já, não?

- Se eu não me engano, eu acho que sim. Ou é esse ano ou é ano que vem, não sei, eu acho que é, deve estar terminando, porque eu sei que elas estudam de manhã, trabalham à tarde, elas tão nesse, aprendiz né?

- Jovem aprendiz.

- Estagiário, né? Estagiário né. E fazem curso no final de semana.

- Ah, que bom.
- Fazem um curso aí, não sei qual o curso, não sei se é informática, viu. Sei que elas tão no cursinho também.
- Mas bom que já estão ganhando o dinheirinho delas então também.
- É, e Deus há de abrir as portas de um bom emprego pra elas, pra ajudar a mãe.
- Ah, com certeza.
- O menino disse que o ano que vem, se Deus quiser, também tá querendo entrar no estagiário, o Iago.
- O Iago?
- É, o Iago.
- Mas tem uma coisa, tá ainda, ele ainda, ele tá o que? Ele tá no oitavo ano ainda? Ele ainda tá no, se bem que ele já pode, nessa época já pode, ele tá com quatorze anos já? Quatorze, quinze?
- Eu não tô nem lembrada. Eu tô com a memória tão ruim que não, eles falam, eles falam hoje, amanhã eu já esqueci. Se me der um recado aqui, quando chegar ali, se eu me distrair conversando com a pessoa, hora que chegar em casa, eu já não sei o que me falaram, viu.
- Já não lembra?
- De tanto os meninos judiarem da minha mente. Também eu tive uma crise assim, que mataram meu pai de frente, quando eu era criança né, tiraram a vida do meu pai. Isso aí é uma vida triste demais, por isso que eu tô falando, se eu for contar.
- Isso lá em Minas Gerais ainda?
- Lá em Minas, é, diz que, cada um tem uma versão né, cada um conta uma história né, os pais dele contam uma história, os pais da parte da minha mãe contam outra história, que eu não sei, até hoje que não sei qual é a história. E agora Deus já levou todo mundo e aí que não vou saber mais nada. Entregar nas mãos de Deus. Diz que a briga era por causa de um tear, um tear, uma coisa que minha mãe fazia roupa, fazia, tecia roupa, pano, entendeu? Parece que meu pai queria vender pra comprar, pra beber cachaça, diziam que meu pai bebia. A família dele dizia que tinha ciúme demais da minha mãe, minha mãe era farrista, não perdia uma farra, que naqueles interior né, faziam aqueles do povo vir né, faziam aquelas festas de, festa de Santos Reis, São João, São Pedro, sabe? Aí, diziam que meu pai tinha demais ciúme dela. Aí, não sei qual é a novidade mesmo, o que que aconteceu. Eu sei que minha mãe era guerreira, até no ano que Deus levou ela, ela colheu um saco de amendoim e alho, ela plantava o alho pra manter a

casa, nunca precisou comprar alho, sabe, uma roçona de alho dela lá que ela plantava. Ela faleceu com sessenta e cinco anos. Hoje, se você visse ela não dizia que ela dava nem cinquenta. Mulher guerreira disposta.

- E ela criou quantos filhos?

- Ela foi mãe de quinze.

- Quinze? Nossa.

- Mãe de quinze. E os dois partos derradeiros foram gêmeos. O meu irmão mais velho, mais velho que eu dois anos, gêmeos, só que só escapou ele, não sei se nasceu morto ou se morreu depois, e gêmeos eu e a minha outra irmã, que nós somos as caçulas das mulheres. Aí, um bocado Deus levou. Ela em vida ainda, Deus levou quase, acho que bem a metade, ela em vida ainda, porque lá no interior, você sabe como é né, não tem os recursos lá, é diferente, pois é. Ela já foi parteira dela mesma, que o marido dela foi trabalhar e esqueceu o dia que ela ia ganhar, o negócio de passagem, que antigamente tinha esse negócio de passagem de, não sei como é lá. Aí, ele só ela e Deus mesmo. Eu fui parteira uma vez também.

- Aqui já no Recanto? Lá em Brazlândia?

- Lá na chácara. Na chácara. Veio a visita visitar a chácara, aí não deu tempo de ir pro hospital, peguei a criança. Nasceu um garoto grandão.

- Deu tudo certo?

- Deu tudo certo, graças a Deus. Eu não tenho contato com ele até hoje, porque a mãe tem ciúme. Ciúme dos pais. É, o menino se apegou comigo, o menino queria saber de ninguém, queria era eu, porque eu tenho sangue doce, menino, criança pra apegar comigo, pode estranhar no primeiro dia, se for criança que estranha, mas depois pronto, se apega comigo.

- Depois gosta?

- É, aí eu trabalhei um ano cuidando de uma senhora idosa, ganhava um salarinho bom, sabe? Mas eu cuidava dela não é porque eu recebia o dinheiro não, era porque eu gostava do trabalho. É, engraçado, e ninguém parou nessa casa, eu fui a única que, trabalhei, morei, trabalhei, cuidei da mulher, da senhora lá até que Deus levou. A família, menino, todo mundo falava, que o que eu tava fazendo por ela não era nem pelo dinheiro, era porque eu tinha amor, carinho, cuidava dela igual cuidava de um bebê, cuidava direitinho dela e ela se apegou comigo. De noite, queria que eu dormisse lá, mas eu tinha menino pequeno, eu tinha que ficar em casa cuidando dos pequenos, era a Aline e o Fábio, os dois meninos mais novos, eles estudando e em casa, nós estávamos

todos em casa, sabe? Aí, a gente chamava ela de Vó. Aí, tinha dia, minha folga era domingo, ficava em casa descansando e com as crianças, aí, mas mesmo assim, eu ia lá visitar ela, ver como ela tá. Ah, chegava lá, a filha dela falou "Maria, você caiu do céu". Eu disse "por que?" "A Vó tá aí que ninguém chega perto dela". Aí, eu chegava lá, conversava com ela de boa, pra ela não ficar nervosa, se não prejudicava a saúde dela e tudo, se ela tava precisando de alguma coisa, se ela queria comer alguma coisa, beber alguma coisa, daqui a pouco ela tava lá cantando, toda feliz.

- Coisa boa.

- É, meu filho. Ó, eu não quero me gabar não, professor, mas se eu tivesse alcançado um estudo, eu, hoje, eu tava fazendo, eu tava, talvez, tava salvando até vida. Porque eu trabalhei dois meses no aeroporto aqui de Brasília, no aeroporto de Brasília, eu era jovem. Aí, a minha mãe deu apoio a uma mulher, que ela engravidou, aí, acho que ela não tinha família ou se a família morava longe, não sei como é que é. Minha mãe deu apoio, que a minha mãe sempre foi assim, era benze... Ela benzia, ela benzia e fazia muita bondade, muita caridade, você entendeu? Ela, ela pegou e deu apoio pra ela, sabe, num barraquinho, num comodozinho e deixou ela lá. E ela conheceu um rapaz, no dia dela ganhar a crian.. No dia que ela conheceu o rapaz, o rapaz levou ela pro hospital pra ganhar a criança, ganhar uma menina. Aí, esse pessoal mudou pra um lugar lá no aeroporto, aí me chamou pra cuidar, trabalhar lá, sabe, que me pagavam um trocadinho e eu fui, minha mãe me deixou e eu ia, fui. Lá o, não sei o que que aconteceu lá que o irmão do patrão e o patrão sofreram um acidente, o carro capotou acho que três vezes assim.

- Nossa...

- Sofreu um acidente lá. E o irmão dele saiu ileso e ele rasgou o braço assim ó, daqui até aqui rasgou o braço, isso aqui. Aí, aquilo tem que estar cuidando, porque se não carcoma cresce, fede, chega tava fedendo. Aí, naquela época, ele, não sei quem deu conselho lá, inventaram de ir pra um tal de Vale do Amanhecer, aí nós fomos, tomamos uns passes lá e tudo. Aí, lá explicaram como era pra cuidar, sabe, que tinha que lavar com água morna, lavar as mãos, passar álcool, tudo, entendeu? Explicou tudo direitinho. Aí, quando chegou em casa, a mulher ficou com nojo, a mulher não quis cuidar do braço dele. Ele pegou e falou assim, se eu tinha coragem de fazer aquilo, falei "é pra já". Oxê, eu preparei a água morna lá, preparei o álcool, a tesoura, arrumei tudo direitinho lá e cortei os pontos disso aqui até aqui, costurando aqui, tirando os pontos

todinhos, limpei tudinho, tudo direitinho, depois passou o remédio, oxê, rapidinho o homem tava trabalhando.

- A senhora ficou de enfermeira dele?

- Nossa, eu fiquei como enfermeira. Nossa, ele ficou feliz demais, até me deu uns trocadinhos escondido da mulher, como medo da mulher brigar, viu. Ah, é minha filha que tá ligando. Me dê licença aqui...

- Pra gente terminar aqui, que eu já tomei muito tempo da senhora. Assim, nesse tempo todo que a senhora tá aqui, a senhora acha que a cidade melhorou muito ou que precisa melhorar ainda?

- Ai, graças a Deus, tá bom demais, água encanada dentro de casa, é, tem esgoto, tem tudo agora, agora, eu nunca tive vida boa igual eu tenho agora, porque depois de tanto quebrar cabeça no mundo e, graças a Deus, agora eu tenho meu canto. Eu vou é pra descansar o resto dos dias, de vida que Deus me der. Eu falei pros meus filhos assim que eu mudei pra cá, eu falei pros meus filhos "meus filhos, não tem uma vida melhor, melhor do que que a que eu tô vivendo agora, eu sozinha, na minha, no meu cantinho", porque tem o ditado, é melhor viver sozinho do que mal acompanhado.

- É verdade.

- Então, graças a Deus, tô bem melhor, viu. Falei que agora que a vida de solteira é bom demais.

(Visita) - Tudo bom com a senhora?

- Tudo bom, meu filho.

(Visita) - Bem. Olá.

- Tudo bom.

(Fernando) - E aí, Rute...

- Então, que graças a Deus. Então, você me perguntou e eu não respondi. É, aí, assim que o meu velho veio lá da fazenda, aí o patrão ainda passou a perna nele, deu pouco dinheiro pra ele, mas dava pra ter dado uns trocadinhos bons pra ele dependendo dos anos que ele trabalhou lá. É, mas deu uns trocadinhos, era, eu peguei o dinheiro, coloquei na Caixa né, depusitei na Caixa e fui pegando aos poucos e fui construindo um barraquinho nos fundos, o qual eu nunca pude, consegui, tive mais condições de rebocar, mas foi tudo construído, uma casinha de alvenaria nos fundos, é, três cômodos e o banheiro. Aí, depois que esse filho mais velho morou lá, que fez mais um puxadinho do lado assim, que tô até querendo mudar pros na... Por isso que eu falei que tava maior coisa lá e a menina, é, como, é, mexendo com reciclagem, né, é, garrafa pet, um bocado

de coisa lá pra vender. Aí, pois é, aí foi como eu construí o barraquinho lá, mas graças a Deus, agora tá uma maravilha, antigamente, esse negócio de ir no mato, é, mato, lapon de cobra assim, que era fogão de lenha né. Água que era difícil demais, tinha que lavar as roupas nos rios, ah, hoje tá uma benção, hoje tá bom demais, graças a Deus.

- Ônibus melhorou? Essas coisas?

- Ônibus? Só tem dificuldade os ônibus né, porque agora diminuiu né, os ônibus né? E lá onde eu moro é meio assim, meio contramão né. Aí, mas graças a Deus.

- A senhora mora no mesmo lote que a senhora ganhou até hoje?

- Tô morando lá até hoje, graças a Deus, viu.

- Os vizinhos ao redor são as mesmas pessoas ou muita gente vendeu?

- Ih, a maioria vendeu, a maioria, uma parte na frente do meu lote ainda é a mesma dona, mas a maioria saiu.

- A vizinhança mudou muito?

- Não tá, não tão os vizinhos todos lá mais não. Até minha vizinha que nós mudamos juntas, que mora nos fundos do meu lado, mudou, agora tá lá alugada, a casa tá alugada. Mas, graças a Deus, eu não tenho mal dos meus vizinhos lá não, graças a Deus, eu me dou com todo mundo lá.

- A vizinhança é boa?

- Graças a Deus. Até o lugar, todo lugar que eu já saí, até hoje eles me procuram, porque eu, porque que eu não vou lá, pra eu passear lá, passar um dia lá, passar dois dias lá, se eu for na casa de um e não for na casa dos outros, as outras começam a reclamar. Graças a Deus, em todo lugar. Lá em Brazlândia, minhas comadres lá, minhas amigas lá, que eu morei uns tempos lá e tudo, minhas visitas todas reclamam, "vai, você sumiu", "vem aí, aparece aí", "um final de semana aí", tudo, até minhas primas, meus primos, minhas sobrinhas, viu. Eu vim descobrir uma prima que mora aqui na 106 aqui no Recanto das Emas, viu. Parente esparramado no mundo afora aí, parente que eu nem conheço ainda, pois é, graças a Deus, agora eu posso dizer que tô bem, graças a Deus. Não fosse esse problema de saúde, problema de coluna.

- Mas assim, e hoje em dia, qual a senhora acha que é o maior problema que tem aqui no Recanto das Emas hoje?

- Rapaz, o problema são os ônibus, é o problema de saúde, que aqui não tem hospital, tem a UPA, mas não tem médico, é, o posto de saúde, a gente tem que sair, tem que levantar, arriscar a vida e levantar de madrugada pra conseguir uma consulta, conseguir uma senha e dificuldade também e os problemas da violência, que tá tendo roubo

demais, violência demais, viu. É, a gente não pode mais, é, nem sair, a gente sai de casa, mas não sabe se volta. É um bocado de coisa de dificuldade que tá tendo nesse Recanto, aliás não é só aqui, tá no mundo inteiro.

- A senhora falou que a senhora já foi assaltada lá no começo.

- É, fui, fui assaltada.

- Foi a única vez? Ou a senhora já foi assaltada outras vezes?

- Numa semana só fui assaltada duas vezes numa semana só, como eu quase não tinha nada pra eles roubarem, eles roubaram, antigamente, tinha um sonzinho comprido assim que era um toca-fita e rádio né, eles roubaram esse, o bujão e esse toca-fita. Depois, é.

- Roubou, não tinha ninguém em casa?

- Não tinha ninguém, não tinha ninguém, que eu tava trabalhando né, eles roubaram, quebraram o cadeado lá, entraram e roubaram. Depois, eles não tinham mais nada o que roubar, roubaram um martelo e um facãozinho, um facãozinho assim, minhas ferramentas, eles roubaram. E eles tentaram roubar lá comigo lá dentro de casa, mas não conseguiram, por causa que por certo a vizinhança viu né, ou foi cachorro, ou alguma coisa assim, que às vezes eles pensam, muitas vezes eles jogam pedra, parece que não tem ninguém né, pra poder ter possibilidade deles roubarem. Meu muro era baixo, aí eu altiei o meu muro, sabe, agora tá mais alto, tá mais difícil deles invadirem. Mas eles, que eles já tentaram invadir lá, já tentaram, que pra mim, até os vizinhos me falaram, minhas vizinhas mais, mais de confiança lá, duas vizinhas mais de confiança lá, viu. A do lado assim da minha casa assim já roubaram, uma senhora lá, tinha acabado de sair pra trabalhar, entraram lá, roubaram o botijão dela, roubaram o botijão cheio de gás, roubaram a televisão dela, caixa de remédio e caixa de não sei de que lá, que ela falou, acho, pensou que tinha jóia, de coisinha de pulseirinha, de colarzinho dela lá, roubaram lá.

- E, quando, assim, porque o povo fala pra mim, eu já escutei outras pessoas contarem, até os meninos contam, que o nome do Recanto das Emas seria porque tinha muita ema aqui antes.

- Até hoje.

- Quando a senhora chegou tinha muita ema? Porque tinha mais mato né, tinha mais cerrado.

- Tinha mais mato, cerrado.

- Depois a cidade vai crescendo.

- Mas a gente escuta até hoje as emas cantando.

- É?

- É. Nessa beira aí, saio eu *cantando* latinha aí, eu escuto elas, bem cedinho, elas cantando. Até hoje tem elas na beira desses matos ainda tem elas, viu. Mas sempre quando a gente mudou pra cá, direto a gente ouvia elas cantando, agora tá mais difícil, mas ainda a gente vê, ouve elas cantarem ainda.

- Por que a cidade cresceu, né? Afastou as bichinhas.

- É, afastou as bichinhas.

- Que bom que ainda tem né.

- Tem, tem, a gente escuta. Eu já vejo, bem cedinho, a gente escuta elas cantando ainda, é porque afastou as bichinhas, né? No começo, no começo, a gente cantava, a gente, nossa, a gente ouvia, só ouvia a cantoria delas.

- No começo era mais só chácara aqui?

- Era mais pouca casa né, mais pouca gente, aí, as bichinhas apareciam cantando. Ver, ver, não vi não, mas só escutava as cantigas delas.

- Dona Maria Joana, muito obrigado mais uma vez.

- De nada, tamos aí, qualquer coisa que precisar.

- Eu quero agradecer muito, porque assim, eu até falo isso pra algumas pessoas, é, pra fazer minha pesquisa, eu quero contar a história do Recanto, mas eu tô, através da história da vida da pessoas né. E a gente contar a história da nossa vida pros outros nunca é algo fácil né.

- É.

- Eu queria agradecer muito pra senhora.

Maria Alcinda Figueira da Silva, 25 de novembro de 2016

- Pra gente poder começar, eu queria que a senhora falasse seu nome todo, da onde que a senhora veio e aí que a senhora fosse me contando da vida da senhora, mas dizendo com é que a senhora chegou aqui no Recanto, como é que era aqui quando a senhora chegou.

- Hmmm, é coisa que nem, é coisa demais. Meu nome é Maria, é, eu cheguei aqui em Brasília tem mais de trinta anos...

(Marido) - 81.

- 81? Acho que foi em 80 que nós chegamos aqui. Porque seu colega foi de 81 né e... Daí pra cá, eu fui vivendo a minha vida né, aí...

(Filha) - Você é de onde, mãe?

- Eu sou do Pará, lá de Tucuruí. E de lá eu fui pro Maranhão, que é, com o meu esposo, aí de lá, a gente veio pra cá e tamo aqui até hoje.

- E o que que fez vocês saírem do Maranhão para virem pra cá?

- É procura de melhoria né. Porque lá as coisas muito difíceis, aí a gente veio pra cá pra caçar melhoria e tamo aqui até hoje, pelejando pra sobreviver, como os outros lá né.

- Uhum.

- Aí, tamo aqui, aí, a gente ganhemos esse pedacinho de chão, aí construímos essa casinha e tamo aqui.

- Assim, quando vocês saíram do Maranhão já tinham os filhos já ou os filhos nasceram...

- Não, meus filhos são tudo daqui, são tudo candango, né.

- Uhum.

- E agora já veio neto, agora bisneto, tudo daqui.

- Todo mundo daqui?

- Todo mundo daqui.

(Filha) - Fala, mãe, tenho quatro filhos...

- Tenho quatro filhos e... É pra dizer os netos também?

(Nora) - Não né, neto não precisa não, Dona Maria.

- Precisa não, né minha filha. Porque ela tá falando quanto filhos, porque assim, precisa dos netos...

(Marido) - Pega uma cadeira, Valéria...

- A família tá grande?

- A família tá grande, né.

(Nora) - A senhora veio, quando veio foi pra Ceilândia, né?

- Foi, foi pra Ceilândia, da Ceilândia.

(Nora) - Foi pra Samambaia...

- Foi pra Samambaia, da Samambaia, aí viemos pra cá, ganhamos o lote e tamos aqui até hoje.

- Mas esse processo pra ganhar o lote, como foi? A senhora fez inscrição?

- Fiz inscrição, a gente fez inscrição, ele fez a inscrição, a gente morava na Ceilândia, aí da Ceilândia foi para, foi morar na Samambaia, aí virou, saiu o lote e a gente veio pra cá, porque naquela época tinha mais facilidade de ganhar, né. E agora tá difícil, né. Aí, a gente conseguimos por aqui, pelejando.

- Que ano mais ou menos a senhora chegou aqui no Recanto?

(Filha) - 97.

- 97.

(Nora) - Não. Nós chegamos em 96, em março de 96 e vocês já tavam aqui.

- E nós já tavamos aqui, hein Biu.

(Nora) - É.

(Marido) - Foi mais ou menos 96.

- Foi. Eu nem sei direito, homem, mas tem um bocado de anos né.

(Nora) - É.

(Filha) - Eu tinha treze anos, eu ia fazer treze anos.

- E aí vocês vieram já pra morar nesse lote aqui?

- Já viemos pra morar nesse lote.

- E como era por aqui quando a senhora chegou?

- Aqui só tinha, quando nós chegamos, aqui só tinha, é, os lotes vazios, só barro, não tinha ninguém aqui, nós somos os segundos moradores, aqui nessa quadra somos nós, quando nós chegamos não tinha ninguém.

(Filha) - Um monte de eucaliptos.

- Um monte de eucaliptos. Tinha muito eucalipto ainda né.

(Filha) - A Só Frango, não era?

- A Só Frango.

(Filha) - As casinhas.

- As casinhas da Só Frango. Os galpões, né? A Só Frango, aí de lá pra cá, ..

- E o pessoal aqui em volta, é mais ou menos as mesmas pessoas? Mudou muita gente, o povo vendeu? Ou a maioria das pessoas tá aqui até hoje?

(Marido) - As mesmas pessoas.

- As mesmas pessoas. Aqui do nosso conjunto aqui, as mesmas pessoas, que a gente ganhou todo mundo junto na época, aí uns foram construindo primeiro e os outros foram mais atrás né, mais depois. Nós mesmos, quando recebemos mesmo, dormimos aqui mesmo. No mesmo dia que recebemos, nem saímos daqui mais, até hoje.

(Marido) - Seis meses...

(Filha) - A gente ficou morando embaixo de uma lona.

- Debaixo de uma lona até construir isso aqui.

(Filha) - Até construir.

- E nessa época tinha os filhos já?

- Já. Já tinha os filhos. Já tinha os quatro filhos já. Já era tudo já nascido já, a mais nova, o mais novo era o meu caçula, tamo aí até hoje.

- E tá todo mundo morando no Recanto hoje?

- Todo mundo morando no Recanto.

- Entendi. Que mais que eu posso perguntar pra senhora. Assim, vocês trabalham por aqui? Trabalham pro Plano? Taguatinga?

- Eu pra te falar a verdade não tô trabalhando em lugar nenhum agora. Tô desempregada, meu esposo também, tô com problema de saúde, de coluna. Aí, o médico falou para mim que não é pra eu trabalhar né, porque diz que é perigoso e eu tô aí. Não aguento também mesmo também mais né. Aí, tô aí pelejando aí, como Deus quer.

- Nessa época, por exemplo, pra sair daqui pra ir pro...

(Marido) - Pra ir pro Plano...

- Trabalhava no Plano.

- No Plano?

- No Plano. Uhum.

- E tinha ônibus? Tinha?

- Tinha. Tinha. Já tinha ônibus já.

(Filha) - Tava melhor que hoje.

- Tava melhor que hoje, que era direto, outro lado dali andava vazio, agora é só espremido. Muito bom, graças a Deus.

- Da cidade, a senhora acha que melhorou, que piorou, que precisa melhorar mais?

- Tá boa, tá melhor, em vista do que tava tá melhor, mas se tivesse como melhorar melhor, mais, ficava melhor ainda.

- E o que a senhora acha que precisa melhorar mais?

- Ah, eu acho que precisa de muita coisa. Primeiro, segurança, primeiro é transporte, porque tem, mas só anda lotado.

(Filha) - Saúde...

- Saúde. Que não tá tendo, de jeito nenhum, tanto faz pra adulto como pra criança não tá tendo, os postos de saúde aqui estão fechando, que não tá tendo médico nem pra criança, nem pra adulto, tão se acabando tudo. Se você vai na farmácia pegar um remédio, não tem remédio, se você vai pegar dois remédios, só tem um, se você vai pegar três, só tem um do mesmo jeito. Então, tem que melhorar muita coisa aqui no Recanto das Emas.

- Entendi. Quando a senhora veio pra cá, no primeiro momento, foi, eu imagino, uma alegria?

- Ah, como foi, que eu morava de aluguel, passei mais de vinte anos pagando aluguel. Aí, quando eu vim pra cá, a melhor coisa que eu achei foi ter ido pro meu lugarzinho, ou ruim ou bom no início, mas era meu, né. Era muito difícil, como hoje tá sendo difícil do mesmo jeito, mas era, achei muito melhor do que ficar pagando aluguel né. Que hoje em dia é muito difícil.

- Demorou muito de quando a senhora ficou sabendo que ganhou o lote até receber ou foi rápido?

- Não, foi rápido. Isso foi numa semana, quando foi na outra a gente já recebeu o lote, não foi Er? Foi. A gente recebeu a carta numa semana, quando foi na outra semana vieram entregar os lotes aqui e a gente veio. Demorou não, graças a Deus.

- Precisou fazer coisas, capinar, ou já tava?

- Já tava aradado, só tava os troncos dos eucaliptos, mas aí não precisou mais a gente é, só mesmo, é, arrumar umas madeirinhas, uns pauzinhos, pra poder comprar as lonas, pra enrolar, pra poder ficar dentro pra ir trabalhar, se a gente trabalhar, os fios ficavam em casa e a gente tinha que trabalhar, aí passei uns seis meses, não foi Er? Debaixo da lona, aí enrolada de lona aí, ia trabalhar, pedia a Deus pra chegar logo em casa, porque menino já sabe, né? Ficava sozinho em casa, muito preocupada, é, não tinha sossego, enquanto não chegava em casa pra não ver de tava todo mundo bem. Não tinha água na época, não tinha luz, não tinha nada. Era carro-pipa que vinha deixar água pra gente e tamo aí até hoje.

- E passava todo dia o carro-pipa? Ou passava...

- Não, passava duas vezes na semana. Duas vezes na semana. Se, naquele dia, estivesse com vasilhames tudo limpinho, vazio, eles enchiam, se não, eles iam embora e deixavam nós sem água. Aí, como eu trabalho, só chegava de noite, ficava na responsabilidade deles aí, das crianças, "vocês lavam as caixas, os galões", sei lá como é que chamava aí, "pra quando o carro-pipa vir colocar água pra gente".

- Saíam a senhora e o seu esposo pra trabalhar e ficavam os quatro meninos tomando conta?

- Ficavam os quatro meninos, é, os outros iam estudar, quando chegava o outro ía, porque sempre foi assim, estudava dois de manhã e dois de tarde, né. Aí, assim, ia trabalhar e eles ficavam aí.

- Nessa época, assim, eu conversei com algumas pessoas que eu já entrevistei e elas me falaram que, nessa época, por exemplo, tinha que chegar e tinha que ficar no lote, porque se não vinham outras pessoas e tomavam.

- Eu tô falando, foi assim que a gente fez. Porque quando chegou aqui e falou assim "ó", que foi marcado, "esse aqui que é o de vocês", nós não saímos mais, porque se saísse e se alguém entrasse, não saía mais não. Aí, nós já fiquemos aqui, eu digo "não, a gente tem a ficar". Aí, nesse dia, a gente recebeu à tarde, aí meu esposo foi e falou assim "nós vamos dormir logo lá" e pegamos um tapete, aí forremos no meio do, do coisa aqui do, do barro e dormimos aqui, porque não podia sair, porque se saísse e alguém entrasse, já era. A gente perdia o lote.

- A senhora sabe de alguém por aqui que aconteceu isso? Algum lote que o povo tomou aí?

- Ah sim, é, que a gente...

(Marido) - Esse prédio aqui.

- Esse prédio grande aí, né?

- O povo pego e...

- Não saiu.

(Marido) - A polícia foi que tirou.

- Aqui era assim, você tinha que receber e tinha que ficar logo dentro, porque se saísse, quando chegasse, se tivesse alguém, já não queria mais sair né, podia dar confusão, né? Aí, como a gente esperou muitos anos pra receber, eu digo "ave Maria", se fazer isso né, "vamos ficar logo aqui", aí fiquemos. Aí, no outro dia, fui trabalhar, meu esposo foi

comprar as lonas, umas madeiras pra poder fazer o cercadinho pra poder ficar dentro, porque se não o pessoal tomava conta.

- A senhora falou que vocês ficaram seis meses debaixo, com a lona?

- Foi. Da lona.

- Depois passou pro que?

- Aí, depois, aí, a gente foi arru... As telhas, as madeiras e a gente, ele foi construindo devagarinho, devagarinho, aí foi.

- O senhor mesmo que foi fazendo tudo?

(Marido) - Foi.

- Sozinho e Deus. Não tinha com quem esperar, nem pagar ninguém, porque não tinha condição né. Aí, ficava trabalhando aqui sozinho, ia trabalhar pra poder comprar as coisas pras crianças comer.

- E foi fazendo de pouquinho em pouquinho?

- Foi fazendo de pouquinho em pouquinho, de pouquinho quanto é que dava, um mês fazia de todo, um mês não fazia nada, entendeu? Deus abençoou, não tá ainda do jeito que eu queria não, mas tá melhor do que eu pagando aluguel. Do jeito que tá aluguel, muito caro.

- Então, até hoje, vocês ainda tão arrumando um pouquinho?

- Arrumando aos pouquinhos, aos pouquinhos, se Deus me ajudar, com fé em Deus, um dia eu faço do jeito que eu quero, vou terminar minha casinha.

- Entendi. E o que que a senhora acha que a casa precisa pra ficar boa mesmo?

(Filha) - Tudo.

- A minha tá precisando, tudo, pra ficar melhor tá precisando de tudo, a vista do que tava, tá melhor, tá melhor que tá debaixo, como é que fala? Enrolado de lona aí ou então pagando aluguel, tá muito melhor, mas se, melhor se tivesse melhor ainda, se tivesse condições de fazer melhor, a gente faz melhor, mas tá bom.

- Algumas pessoas que eu entrevistei me falaram também que quando elas receberam o lote, elas também receberam uma planta de como elas, da casa que elas deveriam fazer, com quarto, com quintal. Todas me falaram que nenhuma conseguiu fazer. Mas que elas receberam a planta.

- Nós. Nós mesmos, nós mesmos, nós mesmos fomos um.

- Vocês receberam essa planta?

- Mas não fizemos do jeito que era pra fazer.

(Filha) - Todos aqui da época receberam a planta.

- Não fizemos do jeito que era pra fazer, porque, na época, ficou muito, é, só eu trabalhando na época, ele desempregado na época, aí ficava muito difícil né, pra fazer do jeito que era pra fazer, aí a gente fez do jeito que a gente pode fazer, porque se fosse pelo jeito que era pra fazer, era melhor né, mas como a gente não teve condição, a gente fez do jeito que pode.

- Entendi.

(Marido) - Isso, foi acrescentando né.

- Aí, eu queria assim né...

(Filha) - A da cumadre também foi pela planta.

- Foi né. É difícil ter algum que fez pela planta né. Mas sempre quem tinha, né.

(Nora) - Mas, na época, um caminhão-pipa vinha, né Dona Maria?

- É, eu acabei de falar pra ele, um caminhão-pipa que vinha deixar água pra gente e tudo.

(Nora) - De oito em oito dias, né?

- Não, acho que era dois dias na semana, que eles vinham deixar, porque era muita gente, assim, todo mundo recebia, começou o pessoal a morar logo, aí era muita gente. O custo foi receber, mas depois que recebeu também, foi rapidão.

- Nessa parte da água vinha o caminhão-pipa. Demorou muito até chegar a água encanada?

- Demorou, demorou bastante, pra vir água encanada pra cá demorou, só não lembro o tempo, mas demorou bastante. Acho que a luz chegou primeiro do que a água, não foi Er? Foi. A energia chegou logo, mas a água demorou demais, ficar nessa pelenga de carro-pipa.

- E escola para os meninos?

- Escola, meus meninos, sa época, a gente veio pra cá, um, eles estudavam na... Na...

(Filha) - Samambaia...

- Na Samambaia, de lá...

(Filha) - Foi pra Taguatinga...

- Foi pra Taguatinga. Aí, eles iam pra Taguatinga, daqui pra Taguatinga.

- Pegavam o ônibus?

- Pegava o ônibus e ia para Taguatinga estudar, aí era assim.

- Nessa época, nem tinha ajuda do governo para ônibus?

- Tinha ajuda do governo não, tinha ajuda de jeito nenhum, ajuda que tinha mesmo só era de Deus. Ensinava onde que era pra descer, onde que era pra pegar pra vir embora,

aí só Deus mesmo, pra levar e pra trazer, porque não tinha ajuda de ninguém também. No dia que tinha dinheiro, ia pra escola, no dia que não tinha, não ia pra escola, os que pagavam passagem, os que não pagavam passagem, não pagavam, tava de boa, os que pagavam, a gente.

- Essa parte de segurança, por exemplo, tinha o povo que invadia os lotes, seu marido disse que a polícia, às vezes, veio aí pra desocupar. Como é que era? A polícia era presente? Ou só aparecia, por exemplo, com ordem da justiça pra fazer alguma coisa?

(Marido) - Só com ordem da justiça.

- Só com ordem da justiça. Porque é assim, como a comparação, esse lote hoje, aí eu não ficava aqui dentro, passava dois, três dias sem vir aqui, aí alguém chegava e tomava de conta. Aí, se você chegasse e falasse "ah, o lote aí é meu", aí falava "daqui eu não saio, só saio se justiça vier, se polícia vier", aí alguém tinha que ir atrás da polícia pra poder desocupar seu lote. Porque não saía de jeito nenhum.

- Eu digo assim, pra lidar com a bandidagem, às vezes, com os malandros que podia ter.

- Aqui não tinha.

(Filha) - Na época, não tinha.

- Não tinha. Sabia?

- Não, era bem tranquilo.

- Na época não tinha de jeito nenhum, assim que, é, que entregaram isso aqui, não tinha. Acho que foram os tempos mais que a gente tinha mais segurança era nesses tempos, pra ser assim, é que não tinha, é, estrutura, não tinha muita gente morando assim, mas era muito melhor do que agora. Hoje que tá desse jeito. Não tinha. Você podia sair, deixar suas coisas, tudo dentro de casa, ir trabalhar, chegava em casa, tava do mesmo jeito. Hoje em dia, é tudo fechado, você sai, quando chega, nem sabe se acha nada, era muito melhor naquele tempo.

- Vocês nunca foram assaltados?

- Graças a Deus, e nem quero ser assaltada, ele já foi, uma vez, vindo do serviço, ele já foi.

- Mas, assim, nunca entraram aqui na casa?

- Não, graças a Deus.

(Filha) - Não.

- Graças o meu bom Deus, nunca.

- Mesmo antes de ter muro?

- Antes de ter muro, nosso muro era umas tabinhas assim ó.

(Filha) - Umas ripinhas.

- Uma ripinha assim ó, passamos foi anos e anos, a ripinha caía, a gente ia lá, pegava outro preguinho de novo, pregava, porque tinha que essa de botar o portão, fazer o muro, mas nunca entraram aqui em casa, graças a Deus.

- Entendi. Coisa boa, né?

- Coisa boa, eu agradeço muito a Deus.

- E as outras benfeitorias da cidade demoraram pra chegar? Escola?

- Demorou...

- Praça? Quadra de esporte?

- Ixi, demorou, demorou bastante. A praça, essa foi que demorou mesmo.

(Filha) - Tem pouco tempo.

- Demorou muito mesmo chegar aqui.

(Filha) - Mas escola nem tanto.

- Escola nem tanto, porque como...

(Filha) - Nem o posto de saúde.

- Porque como é rapidinho, é, evoluiu né, aí, muita gente, muitas crianças pra estudar né e a escola foi o de menos, foi rapidão a escola aqui. Aí, os meninos, aí de lá transferiu pra cá pra 401, estudava pra cá, a escolinha de madeira, tudo bem, mas tava estudando. Aí, depois disso, aí foi evoluindo, aí foi vindo, é, saúde em casa, foi vindo, é, posto, começaram a fazer o posto, primeiro foi o lá de baixo, aí por último foi esse daqui, o número dois, mas tudo bem.

- O asfalto demorou também? Ou foi rápido?

- Não, demorou muito também não, depois que começou, é, todo mundo morar, foi rapidão, demorou muito não, eu pensava que ia demorar mais, mas não demorou tanto assim, foi rápido.

(Nora) - Acho que o asfalto foi em 2001, né? Ou em 2002?

- Ou em 2003. à vista do que, né.

- Mas a senhora acha que a cidade cresceu rápido?

- Cresceu. E como tá crescendo, até hoje né. Cresceu e tá crescendo cada vez mais.

- Hoje em dia, o Recanto já está com uns cem mil habitantes mais ou menos. Então, pra uma cidade que tá com vinte e três anos, já tá maior que muita cidade aí que tem em volta de Brasília.

- Que tem mais anos, né.

- Que tem mais anos que ela.

- É, evoluiu demais aqui, né.
- É. Deixa eu aproveitar, que no começo a senhora falou que o nome da senhora é Maria. Qual que é o nome completo da senhora?
- Maria Alcinda Figueira da Silva.
- Alcinda Figueira da Silva. Quando a senhora saiu do Pará pro Maranhão primeiro, a senhora falou que saiu do Maranhão pra cá...
- Foi.
- Pra procurar vida melhor. E do Pará pro Maranhão foi o que?
- É porque ele trabalhava pra lá, eu conheci ele lá.
- No Pará ou no Maranhão?
- No Pará.
- Ah, no Pará.
- Ele trabalhava pra lá, né. Aí, a gente se conheceu lá e daí, a gente embigolou os bigodes lá, né, e fomos pro Maranhão, lá pra cidade dele.
- Entendi.
- Aí, moramos um tempo lá. Aí, de lá, a gente veio pra cá.
- A família da senhora é toda do Pará?
- Toda do Pará. Eu não conheço meu pai, não conheci pai, só conheci mãe.
- E quantos filhos a sua mãe teve?
- Que eu lembre só era eu e outra. São duas irmãs.
- E essa irmã a senhora tem contato ainda?
- Não e nem com a mãe.
- Ficaram lá pro Pará?
- Ficaram pro Pará. Aí, depois, meu esposo foi lá, disse que eles tinham mudado de lá. Aí, nem eu sei se ela é viva, nem elas sabem se eu sou viva. Nunca mais.
- Perdeu o contato mesmo?
- É. Uhum. Até hoje.
- Entendi. A senhora falou que foi 80, 81?
- Eu acho que foi em 80, por aí, a gente veio pra cá.
- Aí vocês vieram primeiro e foram morar na Ceilândia?
- Foi, a gente veio direto pra Ceilândia, morar lá na Ceilândia.
- A Ceilândia era bem nova nessa época?

- Era menor e outra coisa, lá, na época, era mais fácil pra gente, né. Aí, a gente veio pra lá, morou lá um tempo lá, aí de lá foi pra Samambaia e de lá tamo aqui, nosso lugarzinho.

- Quando vocês foram pra Samambaia, já tava distribuindo lote lá também ou vocês foram morar de aluguel?

- Fomos morar, é, de favor.

- Ah tá.

- No lote do irmão dele, morar de favor. Que ele ganhou o dele lá primeiro, pra Samambaia né, lá pra expansão, aí a gente foi morar lá de favor.

- A família do senhor mora toda aqui? Em Brasília?

- Maranhão.

(Marido) - Maranhão.

- Toda no Maranhão? Só esse irmão que mora aqui? Ou esse irmão voltou pro Maranhão?

- Tá pra lá pro Maranhão.

- Voltou pro Maranhão?

- Voltou pra lá.

- Mas ele que já tava aqui primeiro e falou pra vocês virem pra Brasília?

- Aham. Não. Nós viemos juntos, viemos juntos, aí, só que o dele saiu primeiro, lá pra Samambaia, o lote dele, que todo, porque assim que a gente chegou, passou um pouco de tempo, aí tava fazendo inscrição, aí a gente aproveitou e fez. São três irmãos, era ele, mais o outro irmão dele, a outra que morreu, aí fizeram a inscrição todo mundo junto, aí o dele saiu primeiro pra Samambaia.

- Mas porque saiu primeiro ninguém sabe?

- Não sei? Ninguém sabe. Aí, o dele saiu pra lá primeiro. Aí, o meu, o nosso e o da irmã dele era pra sair pra cá pro Recanto mesmo, já tava já, acho que o pessoal já sabia pra onde que ia sair, né, o lote, que ia distribuir o lote, aí o nosso tava pra cá, aí a gente conseguiu pra cá.

- Entendi. Bom, aí vieram. A senhora lembra mais ou menos o que eles pediram na época da inscrição? De documento, se precisava comprovar alguma coisa?

- Eu acho que não, só documento, não foi Neto? Foi tu que fez né.

(Marido) - Eu acho que era três anos de...

(Nora) - De Brasília.

- Três anos de DF né.

(Marido) - É.

- Eles pediram pra comprovar que morava aqui e os documentos pra saber quem era a pessoa?

- Uhum. E os documentos. Uhum.

- Não pediam pra comprovar quantos filhos?

- Não.

- Nada disso?

- Não. Na época, isso não tinha.

- Algumas pessoas falaram que na época de distribuir os lotes, eles davam preferência para quem tinha mais filho, por exemplo, homem solteiro não ganhava, geralmente era casal, pessoal com filho. Mas não pediram?

- Não, naquela época, assim, pra nós aqui, naquela época, eles não pediram nada não, só pediram isso lá na inscrição e aí a gente fez e aí, quando foi receber os lotes que eles pediram os documentos tudo né.

(Filha) - Aí já tinha os meninos.

- Aí já tinha os meninos, aí já pegou tudo e levou.

(Nora) - É porque também teve uma invasão na 406, né seu Deusmar? Que eu acho que aí que eles pediram. Porque já era mais recente agora, né? Acho que foi em 97, 98...

- Mais recente, é.

(Nora) - Que aí, eles davam preferência pra quem tinha mais filho.

- Mais filho.

(Nora) - Essas coisas, quem era solteiro.

- Ia ficando pra trás, porque ia né.

- Mas não é muito perto daqui não, onde teve essa invasão?

- Não, na 405.

(Nora) - Na 406.

- 406?

(Nora) - É, 406.

(Filha) - Nós moramos lá.

- Nós moramos lá.

(Nora) - É.

(Filha) - Antes da gente vir realmente morar aqui nesse lote, a gente morou nessa invasão.

(Nora) - É, teve uma invasão que distribuíram pras 500s, muitos lotes das 500s foi dessa invasão.

- A invasão, foi pra lá...

(Nora) - 202 né? Alguns lotes aqui foram entregues da invasão.

(Filha) - É. A gente morava. Porque a gente morava no lote do meu tio, aí, ele humilhava muito a gente, sabe, minha mãe ia trabalhar mais meu pai, aí eles humilhavam muito a gente.

- Esse tio de Samambaia?

- É. Aham.

(Filha) - Aí, meu pai tinha uma irmã, que eles eram muito apegados, eles dois também, aí essa irmã do meu pai morreu, foi, morreu, ela foi atropelada, aí ela morreu. Aí, meu pai não quis mais ficar lá, porque a gente morava eles três, os três irmãos nesse lote, o dono do lote e eles dois né.

- Tudo na mesma casa?

(Filha) - Não.

- Tudo no mesmo lote.

- Uma casinha?

- É, uma casinha.

- Cada um tinha uma casinha no lote?

(Filha) - Cada um tinha um barraquinho.

- A gente foi pra lá e fez o barraquinho da gente.

- Entendi.

(Filha) - Aí, depois que essa minha tia morreu, meu pai não quis mais ficar lá, no lote, aí ele ficou sabendo dessa invasão, que tinha aqui na 406. Aí, ele foi e chamou minha mãe, se minha mãe queria ir, invadir pra sair de lá né, do meu tio, até o lote sair, como já tava perto pra sair, que já tinha um né.

- A inscrição.

(Filha) - Já tinha a inscrição e tudo, já sabia que ia sair, aí minha mãe falou "então vamos". Aí, a gente veio pra essa invasão, aí a gente ficou morando lá, acho que um ano? Não, não foi nem um ano né.

- Não foi um ano não.

(Filha) - Foi uns oito meses, nove meses, por aí. A gente ficou morando nessa invasão. Aí, de lá saiu o lote, aí a gente veio pra cá, da invasão pra cá.

- Mas o fato de vocês estarem na invasão não ajudou ou atrapalhou a ganhar o lote aqui?

(Filha) - Não, porque já ia sair.

- Já ia sair. É porque a gente não quis ficar lá mesmo.

(Filha) - A gente não quis ficar mesmo no lote do meu tio.

- Era humilhação demais. Os meninos não podiam nem abrir a torneira, que era xingando os meninos e era humilhando os meninos, digo não, isso não é vida pra mim não.

- E aí como vocês sabiam que vinha pro Recanto mesmo, vocês vieram pra mais perto?

- Uhum.

(Filha) - É, a gente veio pra mais perto.

- Entendi.

- Aí, acho que não foi nem com oito meses, a carta chegou lá na casa do, do irmão dele, pra gente receber o lote. Aí, eu tava no serviço quando me ligaram, "ó Maria, chegou aqui a carta pra vocês irem pegar o lote". Aí, ave Maria, no mesmo dia, eu já pedi logo pro chefe lá, "chefe, eu vou embora, porque chegou a minha carta lá do meu lote, amanhã eu nem venho trabalhar". Aí, eu vim, tudo bom, quando foi no outro dia, tava o mutirão aí pra receber os lotes, aí a gente recebeu, já tava aqui mesmo, aí recebi o meu.

- Entendi. Mas o pessoal da invasão, a maioria foi pras 500s?

- Foi. Uhum.

(Nora) - Foi.

(Filha) - Foi.

- Aí, separaram um bocado pras 500s, outro bocado não sei pra onde.

(Filha) - Saiu dividindo.

- Saiu dividindo os lotes pra quem tava.

(Nora) - Essa 600, 600s, ali era tudo da invasão, a 800.

- A 800 também né?

(Nora) - Aqui na 202 e as 508 até a 511 foi da invasão.

- Eles distribuíram um tanto pra cada lado?

- Uhum. Tiraram aquela muvuca da invasão né, que era um apregado no outro.

(Nora) - Isso.

- Aí, tiraram aquela, foram separando, separando, dividindo os lotes, dividindo os lotes, aí tá todo mundo com a sua moradia hoje em dia. Os que não tem, problemas deles, né Valéria, que venderam, né minha filha?

(Nora) - É.

(Filha) Ele tá com calor, abre essa janela aí.

- Abre aí, Valéria, essa janela aí, que a menina tá cozinhando aqui, a outra.

(Filha) - Porque tava chovendo.

- Porque tava chovendo, minha filha, daí molha aí, nós fechamos.

- Assim, nessa época da invasão, vou perguntar de dois momentos.

- Hum.

- Primeiro, antes, da invasão, já que vocês chegaram aqui antes de ter o lote na verdade então.

- Antes de ter o lote, uhum.

- Lá na invasão, o pessoal se ajudava ou era meio cada um cuidando da sua vida, cada um cuidando do seu pedaço?

(Filha) - Ajudava, eram muito amigos.

- Eram muito amigos. Como era, acho que todo mundo tinha que precisar do outro mesmo, que era negócio de invasão, todo mundo, um ajudava o outro, outro ajudando o outro, todo mundo lá era amigo, sabe.

- Tem gente dessa época que a senhora conhece até hoje, dessa época da invasão?

- Não, porque todo mundo, todo mundo separado.

- Espalhou?

- Espalhou todo mundo né. Aí não tem, que eu conheço mesmo agora por aqui não tem não.

- Quando chegou aqui, aqui também o pessoal se ajudou muito no começo, eram vizinhos próximos ou não?

- Aqui não, aqui era cada qual por si e Deus por todos.

(Nora) - É porque também tinha pouca gente né.

- Tinha pouca. Quando nós viemos pra cá mesmo, nós mesmos. Só foi nós mesmos aqui e essa vizinha do fundo na época. Só era nós duas pessoas, que ganhou e já ficou logo aqui, que foi eu e dona Luana, depois que foi chegando as pessoas. Aí, nós, não tínhamos muita intimidade não, nessa época não, era cada qual por si. Quem podia fazer alguma coisa, fazia, quem não podia, ficava sem fazer.

E pra essa coisa do tempo mesmo? A senhora falou que vocês ficaram seis meses morando com a lona, vocês trouxeram essas coisas da invasão ou não? Na invasão era lona também?

- Não, lá na invasão, nós deixamos tudo lá, que veio nosso foi só nossas coisinhas mesmo, mas o resto.

(Filha) - Lá era restinho de madeira.

- Na época, na época que a gente veio pra cá, nem nossas coisas veio tudo, ficou lá no lote do irmão dele, lá no barraquinho lá que era nosso, ficou todo lá fechado lá, assim mesmo, só as coisinhas mesmo de uso mesmo.

(Filha) - Só o fogão.

- Foi o fogão, largou uma roupinha e pronto. O resto ficou lá trancado pra lá.

(Marido) - Aí o trabalho meu quase todo.

- Aí, depois que a gente construiu aqui é que a gente foi trazendo devagarinho as coisas.

- Como é que fazia, por exemplo, quando chovia? Quando dava umas chuvas dessas?

- Quando mandava umas chuvas dessas aí, só Deus na causa, viu. Tinha que, a gente pedia muito a Deus pra não chover grosso, pra não molhar tudo né, mas aí depois, passou muito tempo não, acho que Deus é tão bom, que nesse tempo acho que nem choveu muito assim pra nós ficarmos muito apertados, aperridos né.

(Filha) - A nossa cama era em cima de uns troncos.

- A nossa cama era em cima de uns paus, fazia as forquilhas, botava uns paus ali, fazia as camas.

(Filha) - Porque se chovesse, não molhava.

- Era pra não molhar?

- É. Se chovesse, não molhar.

- Então, problema de chuva não teve? Nem de poeira?

- Não. Agora, de poeira tinha.

(Filha) - De poeira tinha um bocado, viu.

(Nora) - Poeira tinha. Era só um barrão vermelho.

- E não era poeira não, era barro mesmo.

(Marido) - Era lama.

- Era lama. Aqui, quando chovia, se nego pisasse no lugar errado, ficava atolado.

- Outra coisa pra perguntar pra senhora. Na época que vocês mudaram pra cá, tinha uma aqui ainda?

(Marido) - Tinha não.

- Tinha não, tinha mais não.

- Vocês nunca viram uma aqui?

(Marido) - Na verdade, ainda tinha veado, tatu ainda tinha.

- Ainda tinha veado e tatu. Mas uma mesmo vocês nunca viram?

- Não, não vimos não.

- Só as lá da entrada da cidade, as estátuas?

- Só. Uhum. Nós não vimos ema não, não chegamos a ver isso mais não, aqui não. Porque logo o pessoal meteu o trator, foi derrubando tudo, desmatando tudo, né?

- Derrubou o cerrado todo?

(Marido) - Aí, tatu ainda tinha muito ainda, ainda tinha muito.

- Agora, ema nós não vimos não.

- E já era tudo casa, não tinha chácaras mais?

- Não, só era, não tinha.

(Marido) - Era tudo loteado, tudo loteado.

- Só era os lotes, não tinha mais.

(Marido) - Não tinha casa mais não.

- Não tinha casa mais não, assim, era os lotes mesmo ali.

(Nora) - Era demarcado.

- Já demarcado ali, colocado seu lote, não tinha mais casa, e os, como é que fala? Os galpões que tinha era mais pra frente né, era os galpões né?

(Filha) - Lá pra beira da pista.

- Na beira da pista, na beira da pista lá tinha os galpões, que era onde eles, que acho que criava as coisas pra lá, né. Aí, mas pra cá mesmo, nós não vimos isso mais não.

- Galpão da Só Frango?

- É.

(Filha) - Era.

- Galpão da Só Frango.

- O pessoal me fala desses galpões.

- Aham. Galpão da Só Frango.

- Mas que já tavam aqui?

- Já tavam aqui.

- Bem antes do Recanto das Emas?

- É. Bem antes. É. Foi que salvou nós também foi esses galpões, porque como eles derrubaram tudo né, tinha lá as madeiras e tinha água, né. Aí, como a gente, quando não tinha, quando o caminhão não vinha deixar água, a gente ia buscar nesses canos pracolá quebrado né, até a começar a eles vir botar água pra gente todo, assim, nos dias certos assim, tinha que pegar água.

- Mas os galpões já estavam desocupados então?

- Já tavam desocupados.

(Filha) - Já.

- Uhum. Já tavam desocupados já. Aí, como já tinha água encanada e tudo pra lá né, a gente pegava água lá, lavava roupa pra lá, a gente lavava roupa, né Valéria? Você lembra, né? Tinha uns canos lá estourados pra lá, que estourou e ficava derramando água direto, a gente ia lavar roupa, ia tomar banho pra lá, ia pegar água pra lavar alguma coisa em casa, pra lá.

- Mas era longe?

- Não, não era muito longe não.

(Filha) - Era ali nas 200s. Que é hoje ali na, ali na...

(Nora) - 202 né? Do lado de cá.

- É.

(Filha) - Pró-DF né que fala né?

- É.

(Nora) - É.

(Filha) - Onde é o Pró-DF hoje em dia.

- É, pracolá. Ficava na beira da pista pra lá né, até hoje né, aí como tinha água pra lá, a gente ia lá pegar.

(Filha) - Por isso que é um cascudo né.

- Entendi. Eu acho que a gente já falou de tudo, assim, mais picado né. Tem alguma história marcante, alguma coisa que a senhora ou a família, que alguém viveu aqui no Recanto, que vocês lembrem, que ficou na memória, algo assim?

- Não, eu não lembro não. Tu lembra?

- Alguma festa?

(Nora) - Ah, tinha o Faremas, quando as Casas Bahia inaugurou, era novidade né, era uma coisa muito diferente né, vinha o artista né, eu lembro da Sheila Carvalho. Então, pra mim foi marcante né, não sei pra dona Maria, mas assim, porque era...

(Filha) - Não tinha nada, né.

- Não tinha nada.

(Nora) - É, não tinha nada, quando vinha algo assim, circo né, uma vez veio um circo, então era muita novidade, que a gente não conhecia.

- Não tinha muita opção do que fazer?

- Muita opção, né.

(Nora) - Não.

- E comércio também não tinha muito?

(Nora) - Não tinha.

- Quando aparecia alguma coisa aqui, era novidade
- (Nora) - É. Tinha um Mercadinho Potiguar, que ficou até o nome da avenida. Que eu acho que foi o primeiro supermercado.
- Aham. Uhum.
- (Nora) - Não foi, seu Deusdete? E aí era a única referência que tinha, "ó o Potiguar", que era o único supermercado que tinha.
- Mas acabou? Não tem mais?
- (Nora) - É.
- Hoje em dia, não tem mais.
- (Filha) - Só ficou o nome lá.
- Só ficou o nome mesmo.
- (Nora) - Só ficou o nome da avenida.
- (Filha) - Avenida Goiaberas Potiguar, por causa desse supermercado.
- Entendi. A administração não é muito longe daqui?
- Não.
- Alguma vez vocês precisaram ir à administração, reclamar ou alguma vez veio gente de lá cobrar alguma coisa, falar alguma coisa?
- Também não. Graças a Deus, não. Acho que a gente foi lá uma vez, Dete, lá na administração pegar terra, não foi não? Pedir terra?
- (Filha) - Pra subir terra, pra aterrar o papiche.
- Aterrar o lote. Graças a Deus, num.
- E eles deram a terra?
- Uhum.
- (Filha) - Deram.
- Era só pedir, ir lá, que eles mandavam o caminhão?
- Era. Uhum. Mandava o caminhão.
- (Filha) - Ficavam mandando terra.
- Isso me falaram outras pessoas, que quando precisavam, iam lá e solicitavam, que o administrador mandava. A senhora lembra quem era o administrador? Ou não falava com o administrador?
- É. Uhum.
- (Marido) - Era o Chico. O Chico, como é o nome dele? Eu sei que era o Chico.
- Eu não lembro dele. Mas quando a gente precisava...

(Marido) - Quem entregou o lote pra nós, o Chico, sempre era o Chico, agora não sei como era o nome dele, o sobrenome.

- Mas era acessível lá?

- Era.

- Era só chegar?

- Se você, por acaso, se você precisasse, porque tudo era mais fácil mesmo antigamente, diz que hoje em dia que tá difícil, né? Se precisasse de alguma coisa e fosse lá, eles tivessem como ajudar, como mandar, eles ajudavam, hoje em dia é que tá difícil, mas, sempre, quando a gente precisou.

- Assim, hoje em dia, vocês...

- Nunca fui lá não. Hm, hm.

- A senhora fala difícil de que? Posto de saúde?

- De tudo né. Hoje em dia, aqui tá difícil né. Posto de saúde, segurança, tudo né. Hoje em dia, tá tudo ferrado.

(Marido) - Posto de saúde aqui não tem.

- Posto de saúde tem, meu filho, só não tem é médico. Deixa aqui, que nós tamos precisando mesmo e não é pouco não.

- Assim, do jeito que a senhora tá me contando, a impressão que eu tenho é que teve uma dificuldade grande no começo.

- No começo.

- Que não tinha nada...

- Não tinha nada.

- Mas com o passar do tempo foi melhorando. A cidade foi crescendo, foi evoluindo, como a senhora mesmo disse.

- Foi. Uhum.

- Mas mesmo evoluindo, na verdade, as coisas foram piorando?

- Foram piorando. É porque, quando era naquele tempo, você tava vendo que ali era um começo, aí sempre no começo é mais difícil, né. E agora que já tá passando já do meio já, não é nem do começo mais, tá difícil do mesmo jeito. Aí, isso entendo.

- Mas a senhora tem mais saudade do jeito que era antes?

- Ah, eu tenho.

- Ou prefere do jeito que tá hoje?

- Eu tenho, porque antigamente era mais fácil.

(Filha) - Tem as partes boas e as partes ruins.

- É. Mesmo jeito, né. As partes, antigamente era melhor.

(Filha) - Antes era bom porque tinha segurança, assim não tinha muito esse índice de violência, né. Hoje em dia, é porque a cidade cresceu demais, o índice de violência aumentou mais, mas em compensação ficou tudo melhor, mercado perto, padaria, banco, a cidade, o que tá ruim mesmo é só a segurança e a saúde, tirando isso.

(Nora) - Que são os grande os problemas públicos.

(Filha) - É. Tirando isso, tá bem melhor.

- Problemas como morte, assalto, aqui nesse pedaço tem muito?

(Filha) - Não.

- Até que nessa quadra aqui.

- Lá na, eu sou mais acostumado, eu conheço mesmo o pedaço lá perto da escola. Eu trabalhei no 111 um ano, depois, desde então, desde 2010, eu tô no 308.

- Uhum.

- Então, eu conheço ali mais o entorno da escola, aquele pedaço ali perto da delegacia, do bombeiro, da feira, aquele circuito ali que eu faço. E o pedaço das 500s, eu tava falando pra Valéria, que como eu tenho muito aluno que vem das 500s, muitas vezes eu já fui levar aluno em casa, que o aluno falou "não, professor, os meninos querem me bater", eu falei "não, então vamos lá ver essa história de quem quer bater em você, que eu quero ver quem é essa pessoa", aí, assim, acabo circulando por ali. E ali no pedaço das 300s até que não tem muito problema, tem muito problema lá pras 500s, que é uma área mais nova, vocês disseram que o pessoal veio da invasão e tudo mais. Tem mais problema de mala, tem mais problema de droga, tem mais problema, não que na 300 não tenha, mas na 500 tem mais.

(Filha) - Tem mais.

- Por aqui tem? Problema de droga?

(Marido) - Aqui nessa área pra cima.

- Aqui...

(Filha) - Aqui é tranquilo.

- Aqui essa quadra nossa aqui, a 204, a 203, acho que a 201 também, acha que é as quadras melhor é essas, é as quadras melhor que tem é essas quadras aqui, não tem muito assim, agora foi pracolá, pro rumo da 600 e pouco, 800 e pouco, pracolá, já é mais difícil.

- Então, esse pedaço aqui da 100, da 200, a senhora acha que é o melhor pedaço?

- Eu acho o melhor. Uhum.

(Filha) - Tranquilo.

- Mais tranquilo.

- Essa parte do comércio, essa coisa da estrutura boa que vocês estavam falando, a maioria tá por aqui?

- É. Uhum. No arredor.

- O pessoal de lá tem que descer pra cá?

- Tem que descer pra cá. Uhum.

(Filha) - Ou então o lá debaixo tem que subir pra cá. A gente ficou praticamente no centro da cidade. A gente tá perto de tudo, de mercado, de banco, de farmácia.

- De tudo né.

(Filha) - De tudo. A gente ficou bem no centro mesmo.

- Ficou uma das quadras melhores é essa aqui.

- A senhora me falou da construção do lote, já me falou como recebeu, falou que morava de aluguel antes. Eu tô só tentando ver se tem mais alguma coisa.

- Pode tentar.

- Eu perguntei da planta, perguntei das emas. Eu pergunto pra todo mundo, porque o povo gosta de contar.

(Nora) - Eu acho que nunca viram essas emas.

(Filha) - Alguém já viu?

- Dos que eu entrevistei já.

- Já né.

- Mas é uma pessoa que chegou aqui em 93, quando ainda na primeira leva, essa pessoa fala que ainda viu as emas.

(Filha) - É que quando a gente chegou, já tinha essa parte de baixo aí.

- Já tinha essa parte de baixo ali já.

(Nora) - Disse que tinha um cuidador de emas lá pra baixo.

- Tem uma pessoa que me falou que o Wagner Canhedo tinha um criatório de avestruz. Aí, ela achava que isso tinha haver com as emas, mas, na verdade, avestruz, apesar de ser parente, não é o mesmo bicho.

- É, não é o mesmo bicho não, é, eu nunca vi não, nós chegamos aqui, não vimos não.

(Marido) - Aqui era da Só Frango, antigamente, essa área todinha, esse Recanto todinho era da Só Frango.

- Eles devem ter recebido um dinheiro bom né.

(Marido) - Foi o Roriz.

- Pra desapropriar isso aqui?

- É. Uhum.

(Marido) - Foi o Roriz. Que desapropriou tudinho.

- Graças a Deus, que naquela época tinha o Roriz pra dar lote pros pobres né.

(Nora) - Pra roubar também né...

- É. Tem nada não, roubou mas deu também né. Porque o tanto que o pessoal falam que ele roubou, mas o tanto de gente que ficou com a sua moradia e que não tinha onde morar né. Agradeço a ele né. Pessoal fala, fala...

(Marido) - Pior esse que tá aí roubando e não tá dando nada, pior é esse aí.

- Pior é esse que tá roubando e não está fazendo nada por nós, né. Ele não, roubou, mas pelo menos alguma coisa ele fez, porque tanta gente que morava de aluguel e tal e tem onde morar hoje. Por causa dele né? Roubou, mas deu também um bucadinho.

- A senhora acha que ele foi importante pra...

(Filha) - Pra nós foi.

- Pra nós foi, moço, eu não sei pros outros. Agora, pra mim mais pra minha família foi, porque acho que se não fosse por ele, acho que eu nem tava mais em Brasília, porque fazendo o que? Das coisas do jeito que tá, com quatro meninos, olha, mas rapaz. Falo mesmo. Agradeço muito, primeiro a Deus, segundo lugar a ele.

- Aproveitando, quando vocês chegaram tinha igreja já por aqui?

(Filha) - Não.

(Marido) - Não.

(Filha) - Tinha nada.

(Marido) - Tinha nada aqui. Não tinha nada.

- Pelo menos aqui na quadra nossa.

- Vocês falaram que tinham as quadras, que aqui pra baixo já tinha.

- É, lá pra baixo, na 101, 102...

(Filha) - Mas a gente não andava pra lá.

- Mas a gente não andava pra lá. Eu mesmo...

(Filha) - A gente não conhecia lá.

- A gente nem conhecia pra lá. Eu mesmo só era do serviço pra casa. Trabalhava, aí pedia a Deus pra chegar lá na parada pra ir pegar o ônibus pra ir trabalhar, e pedia a Deus pra chegar em casa, porque teve uma vez que eu até peguei o ônibus errado, fui parar na Santa Maria. Fui deixei os meninos em casa e preocupada com os meninos e doida pra mim vir embora e preocupada com os meninos. Acho que na parada eu tava

tão preocupada, que eu nem olhei lá pra onde que o ônibus ia, entrei dentro. Quando eu dei fé, tava lá na Santa Maria, de noite, perdida na Santa Maria e eles aqui, em casa, sozinhos, e Deus, agoniados. Preocupados comigo e eu preocupada com eles.

- E como a senhora fez?

- Porque não tinha luz, não tinha nada. Aí, quando eu entrei na Santa Maria, que eu olhei, não, esse lugar aqui, eu nunca passei aqui não, aí eu perguntei ao cobrador, "cobrador, aqui é aonde mesmo, me fala". Ele falou assim: "moça, a senhora tá na Santa Maria, a senhora ia pra onde?" Eu digo "lá pro Recanto das Emas", ele falou assim "pois já passou há muitos anos", aí eu falei assim "moço, e agora? Como é que eu faço?" Aí falou assim "você atravessa a pista aqui e pega o ônibus que vai pro Setor O, daquele lado ali, que aí você desce lá na pista lá perto do Recanto, aí você vai se embora". E assim eu fiz. Perdida. Quando eu cheguei, tava todo mundo aqui em casa chorando, preocupado comigo.

- Desesperados?

- Desesperados. Preocupando comigo, pra onde eu tava. E eu preocupada com eles lá perdida.

- Mas tirando esse, teve outro perrengue?

- Não, não teve outro perrengue não. Graças a Deus.

- E os meninos sempre gostaram daqui?

- Sempre.

- Cresceram aqui?

- Cresceram aqui né. E outra coisa, eu não sei se é porque também eu já ia saber que era o meu lugarzinho, ia ser meu, gosto demais daqui, Nossa Senhora, desde quando falaram "esse lote aqui é o que é de vocês", Nossa Senhora, eu gosto demais daqui.

- Mas então se oferecesse pra senhora mudar daqui, a senhora prefere ficar?

- Oxe. Meu marido chegou um dia "marido, vambora trocar a casa em outra casa num sei aonde", eu digo "pode ir, eu não vou não. Pode ir sozinho pra lá, pra outra casa". Já falei pros meninos, daqui eu só saio só se for pro cemitério, não saio. Passar vinte anos pagando aluguel não é vinte dias não, aí quando você ganhar seu pedacinho de chão, pra vender, pra, não. Eu conheço gente aí que vendeu o seu lugarzinho disse pra comprar outro em tal lugar, taí sofrendo de aluguel pra cima e pra baixo, pra cima e pra baixo. Muita gente mermo já vendeu aqui, se arrependeu já de ter vendido, por isso que eu não vendo o meu e nem saio, porque papai Roriz não tem mais não, pra dar não.

- A senhora falou que a maioria dos vizinhos não são os mesmos?

- São os mesmo, mas tem gente praí presses outros lugares que já venderam, já se arreponderam. Espie mesmo esse prédio bem aí, o vizinho vendeu.

(Filha) - É. Esse aí não é o dono.

- Esse aí não é o dono.

(Filha) - Esse branco aqui também foi vendido.

- Esse branco também foi vendido.

(Nora) - Acho que poucas pessoas venderam.

- Esse aqui também debaixo da 203 também foi vendido, depois se arreponderam também de ter vendido. Aí, assim, pra vender pra depois se arreponder, guento não.

- O pessoal me contou muito isso, o pessoal lá da 500, que saiu da invasão, que disse que tinha um povo que invadia pra ganhar pra vender.

- E vender, uhum.

- Pra invadir em outro lugar.

(Filha) - É. Acontece.

- Aconteceu isso mesmo. É por isso que eu falei, é por isso que eu falei.

(Filha) - Lá na invasão mesmo tinha muito. Ganhou, a gente morava lá embaixo na invasão, invadiu, ganhava, vendia, aí voltava pra invasão de novo pra ir ganhando.

- É. É por isso que eu falei, quem ganhava o seu mesmo que queria, tinha que ganhar e ficar ali, se plantar ali, porque se saísse, se entrasse outro, aí já, o que, se não fosse pra fincar ali mesmo, já ia invadir pra vender proutro lá na frente. Aí, quem ganhava ali, tinha que ficar ali, porque se saísse, já era.

(Nora) - E era muito baratinho o lote.

- E era tudo baratinho, naquela época, lote, que eles invadia aqui e vendia pra outro lá barato. É por isso que era assim, tinha muita gente que invadia, ficava ali e pronto, porque se saísse alguém da área, tinha vezes que nem queria ficar ali, era só pra vender lá na frente. Aí, quem seguiu mesmo seu lote mesmo tinha que chegar e ficar ali. Ficar ali.

- A senhora acha que tinha problema dos moradores anteriores com o pessoal que invadia? Tinha discriminação?

- Não.

- Tinha não?

- Não. Un, un.

(Filha) - Dos que ganhou com os que invadiram?

- É.

- Não.

- Todo mundo se dava bem?

- Todo mundo se dava bem.

(Filha) - Muitos invadiram porque precisavam mesmo.

- É.

- A maioria?

- É.

(Filha) - É. Mas tinha muitos que invadiam pra ficar vendendo.

- Pra ficar vendendo.

(Filha) - Mas o que precisavam mesmo ali, invadiam e ali permaneciam.

- É. Ficavam ali e pronto.

(Nora) - E aí só a polícia pra tirar.

- Só a polícia pra tirar, né Valéria? Que teve muitos mesmo que aconteceu isso aqui, né? Invadiu, não queria sair, o dono querendo fazer alguma coisa, querendo entrar e eles não, não saía, aí tinha que ir atrás da polícia pra poder tirar.

- Eu também escutei em algumas das entrevistas que, às vezes, a pessoa não podia vir, mas ela colocava uma outra pessoa.

- Outra pessoa, uhum.

(Filha) - Pra ficar morando.

- Pra ficar morando, enquanto ela não podia vir, mas depois, quando ela vinha, a pessoa...

- Aquela própria pessoa talvez não queria mais sair.

- Não queria sair também. Às vezes acontecia isso?

(Filha) - Aqui na frente teve isso.

- Aqui na frente teve.

(Filha) - A própria irmã. Ela não podia, que ela já, ela tinha, ela morava na barragem, tinha um lotinho lá né, e ganhou esse daqui, aí ela separou do marido, veio morar, aí ela, quer dizer, ela tinha criança pequena, aí ela não podia vir, aí ela deixou, a irmã dela pagava aluguel na Ceilândia, aí ela deixou a irmã dela vindo na frente, pra sair do aluguel né, pra ajudar a irmã e, enquanto ela resolvia vir né, aí a irmã ficou morando muito tempo. Aí, quando a dona do lote resolveu vir, quis o lote, a irmã quis tomar o lote dela.

- Foi.

- E no fim tomou?

(Filha) - Não.

- Não.

- No fim, a outra recuperou?

- A outra venceu, né.

(Filha) - A outra recuperou.

- A outra venceu.

- A escritura, hoje em dia, vocês já tem?

- Já.

- Já?

- Já.

- Demorou muito pra ter a escritura ou foi rápido?

(Marido) - Demorou.

- Agora a escritura, demorou bastante.

- Quanto anos mais ou menos, a senhora tem ideia?

(Marido) - Uns quatro anos.

- Uns quatro anos mais ou menos.

- Lá pro ano 2000 que vocês foram ter a escritura?

(Filha) - 2000 e pouco...

- 2000, 2001?

- Por aí assim. Demorou.

(Marido) - Foi aí.

- A primeira mesmo, assim, que a primeira vez que a gente pagou que era pra ir pegar, aí deu uma enrola danada, aí não conseguimos pegar, aí depois teve que pagar de novo pra nós podermos pegar.

- No primeiro momento, qual o documento que eles deram pra vocês, a senhora lembra? Pra dar a posse do lote?

- Só um papel, um papelzinho mesmo de garantia.

- No nome do seu esposo?

- É no nome dele. De garantia né, que tinha recebido, porque tinha dado o lote né. Aí, nós ficamos, acho que tem até hoje o papel aí. Aí, a gente conseguiu.

(Marido) - Tinha a assinatura.

- É. Com a assinatura, com a assinatura de quem distribuía os lotes, um bocado de coisa lá, que me deram a garantia pra nós.

- Era no IDHAB ou era SHIS ainda?

- Era SHIS.
 - Ainda era SHIS?
 - Uhum, na SHIS, tempo da SHIS ainda.
 - Na época do Roriz ainda era SHIS, acho que IDHAB virou depois.
 - É. Uhum, foi, na época do Roriz era da SHIS. Aí, deram esse papel pra nós, aí demorou uns quatro anos pra lá foi que deram a escritura e nós já temos, graças a Deus.
 - Tem gente até hoje que não tem escritura? Tem algumas partes, lá nas 500s, por exemplo, quase ninguém tem.
 - É. Uhum. Quase ninguém tem, né. Pois é, a nossa demorou, mas veio.
 - E vocês pagaram duas vezes?
 - Foi, porque a primeira vez, eu, é...
- (Filha) - Eles sumiram o comprovante.
- Eu paguei no banco, aí naqueles papelzinho né, coloquei no bolso da blusa e guardei aqui dentro do guarda-roupa. Aí, no dia que passaram aqui, aí pediram esse papel, que era pra pegar né, aí eu fui, que eu fui no guarda-roupa lá no bolso da blusa, que eu peguei o papel lá no bolso da blusa, que cheguei ali fora que abri, tinha sumido tudinho os números.
 - Ah, apagou o papel?
 - Apagou tudinho, ficou, não ficou, limpo, limpo, limpo. Aí, não conseguimos pegar, aí ela foi e falou que era pra nós procurarmos onde nós tinha pagado, aí paguei no BRB aqui, mas não consegui pegar. Aí, tivemos que pagar tudo de novo pra poder pegar.
 - Nossa.
 - Na época foi quanto? Foi cento e pouco né. E agora foi cento e pouco de novo, cento e noventa e pouco, quase duzentos, pra vir a outra escritura, mas conseguimos.
 - Dona Maria, as coisas que eu tinha pra perguntar eram mais ou menos essas. Se a senhora quiser contar mais alguma coisa.
 - Perguntou, né? Não, tenho nada pra contar mais não. Tá bom. Eu acho que tá bom.
 - Só pra fechar, porque a entrevista foi com a família, né, não foi só com a senhora, deixa eu só perguntar o nome da sua filha...
- (Filha) - Claudimar.
- E do seu esposo?
 - Deusmar.
 - Deusmar. Porque, no fim, eu vou ter que falar que todo mundo participou. Então, a Valéria também, que todo mundo participou da entrevista.

- Junto e misturado né.
- Bom que a memória de um eu acrescento com a dos outros né.
- Né? É. Tá bom demais.
- Memória, às vezes, a gente não tá lembrando de uma coisa direito, mas outra pessoa lembra, aí a gente lembra mais um pouquinho e vai encaixando.
- Oxe, é igual a Yara. "Vó, meu professor disse que é pra senhora ir lá pra entrevistar a senhora", eu digo "ai meu Deus do céu, mas é o que ele vai perguntar pra mim? Aquele tanto de coisa que eu falei pra tu, Yara, eu acho que não lembro nem a metade mais". E ela "não, nó, a senhora não se preocupe com isso não". Aí, foi domingo, foi domingo que vocês vieram aqui de novo, foi? Aí ela, "vó, que dia que a senhora vai lá conversar com meu professor?" Eu digo "ah menina, fica tão difícil pra eu ir lá, Yara". "No dia que a senhora quiser, a senhora fala que meu pai vem buscar a senhora pra senhora conversar com ele", eu digo "Yara, mas tu sabe mais ou menos o que ele vai perguntar", aí ela "não, vó, não sie não", eu digo, "ah, minha irmã, pois o monte de coisa que eu falei aqui pra tu, que eu não sei nem por onde começar". Aí ela "não, vó, não se preocupe não, que é de boa ele, é de boa, que vai conversar com a senhora, a senhora fique com vergonha não, que ele vai perguntar coisa simples pra senhora".
- Eu tava falando com a Valéria, eu gosto muito dela, porque ela é muito caprichosa, muito atenciosa. Eu fui professor dela ano passado, mas vi que ela tem, acho que ela tem um destino muito bom pela frente, porque todo mundo que eu conheci que faz as coisas com capricho igual ela faz, na minha opinião, vai longe.
- Vai longe né.
- Porque quando a gente faz as coisas bem feitas, a gente sempre se destaca.
- É. Uhum.
- E ela é muito boa nas coisas que ela faz. Tava lá na escola agora lá, arrumando as coisas agora lá pra festa do halloween que vai ter. Então, eu tinha falado com ela na internet, ano passado, quando eu falei pra ela que eu ia entrevistar as avós, ela falou "ah professor, minha vó vai querer dar entrevista pro senhor, ela mora aqui no Recanto, ela vai dar entrevista com o maior prazer". Aí, esse ano que eu comecei as entrevistas, eu falei com ela: "Mychelle, e a sua avó?" Daí ela "vou falar com ela, professor, aí eu aviso o senhor". Aí, deve ser por isso que ela ficou no pé falando.
- É, foi, ela falou.
- Mas eu tinha falado pra ela "é só você avisar que eu vou lá na casa da sua avó, entrevisto, não tem problema". Acho que ela queria vir também no fim das contas.

(Nora) - É, mas aí ela tava ocupada, aí ela pediu pro Maicon, aí o Maicon também tinha que fazer lá o negócio, aí eu falei "não, Yara, fala que eu levo ele lá".

- Bom, é isso então. Eu agradeço demais, dona Maria, pela entrevista. Só vou pedir agora pra senhora assinar aqui o papel.

- Sim, não assino muito bem não, mas dá pra mim riscar aí um pouquinho aí.

- Não só fazer uma marquinha aqui e dizer que é sua assinatura. Eu vou assinar esse aqui, que esse aqui é o meu que fica com a senhora, não sei se a senhora vai querer guardar.

- Claro, mas rapaz, por que não? Não pesa.

- Esse aqui é o meu. Aí, a senhora assina pra mim aqui?

- Rapaz, não é peso não, pra guardar não.

- A senhora sempre trabalhou em casa de família?

- Não, eu sempre, é, eu trabalhava fichada. aí depois, eu comecei, é, aí depois que eu saí, eu trabalhei em casa de família.

- E quando a senhora trabalhava fichada era com o que?

- Eu trabalhava na limpeza, eu era serviços gerais, que fala né.

- Em qual empresa?

- Ah, eu trabalhei em tanta empresa já, bem umas três já. Aí, depois eu saí, fui trabalhar em casa de família, aí depois, eu fiquei com esse problema de coluna né. Fui fazer o tratamento aqui no posto de saúde, aí o médico foi e falou assim pra mim, que não era muito bom eu trabalhar de diarista não, porque puxa coisa, bota coisa no lugar, aí disse que era bom eu dar uma paradinha, porque quando eu fiz um exame deu coluna, coluna lombar né. Aí depois, eu continuei trabalhando né, porque sabe que nós temos que trabalhar né?

- Tem que sobreviver né?

- É, tem que sobreviver. Aí, comecei a trabalhar de novo, aí sentindo muito mal, sentindo muita dor. Aí, fui no posto de novo, entendeu, botei o encaminhamento, pedi outro exame, aí quando foi, deu bico de papagaio né, aí falou assim que era bom eu ir dar uma paradinha trabalhar de doméstica, né, e eu não sei ler, não sei escrever bem, pra mim trabalhar num serviço que, né, aí o jeito que tem é eu parar. Falou assim "ou você para ou você vai ficar em cima de uma cama ou cadeira de roda", porque coluna não é brincadeira.

- É, coluna...

- Aí, continuei ainda fazendo umas faxininhas, mas depois veio mesmo sábado, não aguento mais não, aí começou a dar dor na mão, dar dor aqui na mão, aí começou a inchar tudo, aí começou, diz que tudo é da coluna, não sei né. Aí, fui no médico, o médico diz que tudo é da coluna, aí "é bom a senhora parar viu", aí eu fui e parei, tô em casa ainda, fazendo nada.

- E o esposo da senhora trabalhava com o que?

- Meu era pedreiro. Era não, é, que não morreu ainda.

(Marido) - Tô vivo.

- Então, pra construir a casa ficou fácil nisso? Já tinha quem entendia do serviço.

- Não ficou lá essas coisas não, não ficou lá essas coisas não...

(Filha) - Não era tão fácil assim não.

- Porque logo foi no início assim, não sabia nem muito bem né, mas nós tamos morando aqui sem pagar aluguel né, né não? O importante é isso, né?

(Filha) - Aqui é a famosa...

- Ele ainda tava virando pedreiro de mão cheia?

- Ele ainda tava começando a virar um pedreirinho né.

(Nora) - Ele virou pedreiro aqui.

- Depois disso, né Valéria?

- Porque construiu aqui?

(Filha) - Aqui é a famosa história...

- Aprendeu na prática aqui?

- Aprendeu fazendo no que é dele, querendo fazer o que é dele mesmo né.

(Filha) - Aqui é a casa de ferreiro, espeto de pau.

- Entendi.

- Aí, eu, mas tamos aqui né, o importante é que nós não tamo pagando aluguel, que nem eu falo né, não é lá essas coisas não, mas tudo bem né, não tô pagando aluguel né? Já pensou se eu tivesse pagando aluguel?

(Filha) - E aluguelzinho hoje é caro, né?

- No preço que a vida tá hoje.

- No preço que a vida tá.

(Filha) - Um barraquinhozinho hoje é seiscentos reais.

- Seiscentos, setecentos conto, aqui não tô pagando nada, só mesmo minha água, minha luz.

- Aqui já é mais antigo, é tudo alvenaria já? Não tem mais barraco aqui não?

- É. Uhum. Tem mais não.
(Filha) - Não. Tem não.
- Pra cá, que eu visse, não tem mais não.
(Filha) - Tem mais não.
(Marido) - Nunca teve barraco de madeira aqui nesse...
- Pior, né Deusmar?
(Marido) - Nesse loteamento.
(Filha) - Acho que quando começaram a construir...
- Começaram a construir já foi logo de tijolo mesmo, aqui não teve isso mesmo. Quando começaram...
(Nora) - O que é, dona Maria?
- É, barraco de madeira, minha filha.
(Nora) - Teve, dona Maria.
- Qual?
(Marido) - Muito pouco.
- Muito pouco.
(Nora) - Aqui teve muitos.
- Mas foi pouco, minha filha.
(Nora) - O da minha mãe, da dona Luana...
- Mas foi pouco, minha filha. Eu tô falando assim, porque ele tá perguntando assim, se ainda acha ainda por aí, não acha mais não.
- Sua mãe morava aqui também?
- Nos fundos.
(Nora) - No mesmo conjunto, só que aqui é casa 13, ela morava na casa 7.
- Entendi.
- Na outra rua, é.
- Sua mãe chegou um pouco depois?
- Foi.
(Nora) - Foi, acho que um ano, né dona Maria?
- Foi, quando ela chegou, a gente já tava.
(Nora) - É.
- Você conheceu seu esposo de vizinhança aqui?
- Foi.
(Nora) - Foi.

(Filha) - Atentando aqui.

- Atentando aqui.

(Nora) - Eu era do tamanho de que, menino? Eu tinha o que? Seis anos.

- Aí, começaram a brincar, ave Maria, bom demais naquele tempo, Nossa Senhora.

- O seu esposo é o mais novo, o mais velho?

- Mais velho.

(Nora) - O mais velho.

- É o mais velho.

(Nora) - E o mais bonito dela.

(Filha) - ãhn, se o mais bonito for o esposo dela, não queira conhecer o mais feio não.

- Meus filhos todos os quatro são bonitos, Valéria.

(Nora) - Escapou nenhum.

- Como é o nome dele?

(Nora) - Só o nome que eles não souberam muito...

- Foi ele ali ó. Bote culpa nele aí.

(Nora) - Cleudimar.

- Cleudimar?

- É Cleudimar, Claudimar, Cleisson e Jemerson.

(Nora) - E Deusmar.

- E Deusmar. Ó o nome.

- Então é Cleudimar, Claudimar, Cleisson e Jemerson. O último que não teve haver com os outros.

- A madrinha dele que não quis mais com nada de "c" mais no meio.

(Nora) - Aí acabou com a...

- Aí, ela que ti, ela que escolheu esse nome.

- Que era a tia?

- Que era a tia. Uhum.

(Nora) - Pra felicidade dele.

- Ela tinha moral pra falar pra mudar o nome?

- É. Aí, como era a madrinha dele e tudo né, ela foi a madrinha dele, aí ela que colocou o nome.

- Dona Maria, ó, foi bom demais da conta. Eu só tenho a agradecer à senhora.

- Pois é. Foi né.

- Agradecer à família toda.

Maria das Benções Santos Nunes da Silva, 07 de dezembro de 2016

- Se a senhora puder começar me falando o nome completo da senhora, da onde a senhora veio, como é que a senhora chegou aqui no Recanto.
- Ah, eu cheguei aqui no Recanto. Eu morei no Guará, do Guará eu morei nas QNHs, das QNH mudei pra cá pro Recanto.
- Assim, qual é o nome completo da senhora?
- É Maria das Benções Santos Nunes da Silva.
- E a senhora veio para Brasília em que época? A senhora lembra?
- Agora eu não me lembro não.
- Faz muito tempo já?
- Faz muito tempo que eu vim pra Brasília.
- E a senhora veio de onde?
- Eu vim, eu vim lá de, de Redenção.
- Redenção? Fica no? Piauí?
- Fica no Piauí.
- Piauí. E a senhora veio a senhora era pequena? Veio com a família, veio só a senhora?
- Eu vim com a mulher que me trouxe, eu trabalhava com ela.
- E essa primeira vez que a senhora veio foi pra onde? Foi pro Guará?
- Foi... Deixa eu ver... Foi pro Guará.
- A senhora trabalhava em casa de família?
- Foi, como eu tava falando, no dia, a mulher me trouxe para trabalhar com ela em casa de família.
- Esse pessoal a senhora ainda tem contato até hoje?
- Tenho não, tenho não.
- Perdeu o contato?
- Perdi o contato.
- Entendi. Aí, a senhora ficou trabalhando com essa família muito tempo?
- Fiquei trabalhando com essa família muito tempo, depois, eu casei, depois nós arrumamos esse lote aqui e viemos pra cá, viemos do Guará pra cá e aqui nós, hoje tô aqui e daqui acho que só saio quando Deus me levar, porque eu ganhei o lote aqui.
- Quando a senhora veio pra cá, então a senhora já tava casada?
- Não, eu casei depois que nós mudamos aqui pro Recanto.
- Ah tá.

- Foi.
- Então, quando a senhora ganhou o lote aqui, a senhora ainda era solteira?
- Não, eu já gostava dele, mas não era casada ainda com ele não.
- Já tava juntada, mas não tava casada?
- Já, não, não.
- Entendi, mas já tinha filhos já?
- Não, filho dele mesmo eu não tenho nenhum não. É que ele faleceu né. Ele tá com, parece que é quatorze anos que ele faleceu.
- Isso foi o primeiro ou o segundo esposo da senhora?
- Foi o segundo. Foi.
- O segundo. Entendi. Então, quando a senhora trabalhava lá no Guará, a senhora já tinha tido o primeiro marido?
- Já.
- Entendi. E ele trabalhava por lá mesmo?
- Ele trabalhava, mas ele era aposentado, aí só vivia doente, vivia doente, aí com, vivendo aqui no Recanto, adoeceu, adoece, aí foi que Deus levou ele, aí tamos aqui hoje aqui.
- E como a senhora ganhou o lote aqui? A senhora lembra?
- Eu ganhei o lote aqui através do... Do... Como é, meu Deus?.. Do Roriz. O Roriz foi que deu esses lotes pra gente.
- Mas a senhora teve que fazer alguma inscrição?
- Não, eu fiz uma inscrição no tempo... No tempo, que eu já não aguentava mais pagar aluguel. Aí, nós, eu tava nas QNHs, aí, não, o eu, "amanhã vai sair uns lotes lá no, no, aqui no Recanto". Eu não sei se eu vou, eu não sei se eu não vou, tinha saído meu nome. Aí, quando você for ver, a gente pegou o ônibus lá e dentro do ônibus tinha um rapaz que, com o jornal. Aí, ele falou "vê se tem o nome dela aí", aí olhou no jornal, "ih, o nome dela tá aqui" e aí foi a razão que eu vim pra cá. Chegamos aqui, arrumemos é que o Roriz deu esse lote aqui, aqui era uma roça de milho, era uma roça de milho. Aí, a gente já tinha comprado uns pré-moldados, lá no Guará, aí quando a gente ganhou o lote aqui foi que nós fizemos esses pré-moldados e o filho dele que foi que fez essa casinha aqui pra nós.
- Então, quando a senhora chegou aqui não tinha nada aqui ainda?
- Não tinha nada, só era a roça de milho, era no mato mesmo, no mato mesmo.
- Não tinha nenhuma outra casa?

- Não tinha não. Aqui não tinha era nada nesse tempo aí.
- Entendi. Então foi bem no comecinho mesmo?
- Foi bem no começo.
- 93?
- Por aí.
- Por aí. E a senhora, veio a senhora e esse primeiro marido da senhora ainda?
- Foi, esse que morreu, esse que morreu.
- Veio muita gente? Ou nessa época veio só...
- Não, nessa época, o ônibus veio cheio de gente, pra receber os lotes aqui, isso aqui tudo era roça de milho, isso aqui tudo.
- E tem muita gente que mora por aqui que é dessa época?
- Tem, tem, tem.
- Não mudou muita gente?
- Não, esse pessoal aqui mesmo é tudo, foi da época que eu, em que eu ganhei o lote também.
- Aí, a senhora falou que pegou uns pré-moldados, já tinha...
- Foi, aí eu já tinha comprado lá na dona Dulce do Guará, aí já tava esperando esse lote, mas a gente foi e comprou uns pré-moldados, porque às vezes, quando a gente, às vezes quando a gente ia receber esses lotes aí não tinha nem o dinheiro e nem os pré-moldados pra comprar né? Aí, foi como a gente comprou e deixou lá na dona Dulce, aí quando a gente ganhou o lote aqui, a dona Dulce mandou deixar o material aqui.
- Entendi. Dona Dulce era?
- Era a dona da madeira lá no Guará.
- Ah tá. E não teve muito problema de invasão aqui? Pessoa invadir o lote de pessoas que ganharam?
- Não, não, não, teve não. Porque quando a gente tava esperando pra receber esses lotes, a gente já tava no sufoco, de aluguel caro, aí quando todo mundo recebeu, todo mundo já veio, já capinou, aí já fez um barraquinho e já mudou pra dentro, porque o aluguel tava caro demais.
- Então, todo mundo já chegou e já ocupou já?
- É, já ocupou. Essa, esses lotes aqui tudo foi dos que eu recebi.
- Tudo é dessa mesmo época.
- É, é.
- Essa quadra aqui toda? Até a 115 aqui?

- Até a 115. Só que esse lote aqui e esse ali, que o senhor tava parado lá, esses lotes aí já foram vendidos, foram vendidos.

- Ah, tá. O primeiro morador já passou pra frente?

- Já, já.

- Mas a senhora já tem a escritura aqui já?

- Já tenho a escritura, já passei a escritura. Nessa época, eu paguei setenta reais na escritura do lote.

- E demorou muito tempo pra ter escritura?

- Não, não demorou muito tempo não.

- Foi rápido?

- Foi.

- E as outras coisas, água, luz?

- Água a gente tá pagando a água. Água e luz.

- Nessa época, no começo, ainda não tinha?

- Não, não tinha não. Não tinha nem água nem luz não.

- Demorou pra chegar?

- Demorou um pouco.

- A água era como? Passava caminhão?

- A água era de caminhão-pipa.

- E quanto tempo passava, a senhora lembra, se era todo dia?

- Era todo dia, né Renata?

(Neta) - Vó, nesse tempo, eu era recém-nascida, cê acha que eu tinha três anos, não lembro não.

- É...

(Neta) - Tem um chafariz ali moço, ó, na esquina.

- É... Como é?

(Neta) - Chafariz.

- Tinha um chafariz.

- Tinha um chafariz, mas nós pegávamos água aqui nos tambores que o caminhão-pipa vinha deixar.

- E enchia os tambores?

- É, enchia o tambor aqui, aí fazia tudo.

- Entendi. E luz? Demorou?

- A luz demorou um pouco, também.

- E asfalto?
- Asfalto demorou.
- Asfalto foi o que demorou mais?
- É, pra poder fazer isso aqui.
- Mas hoje em dia já cresceu bastante? Já tem escola?
- Hoje em dia, o Recanto tá tomado de gente já.
- Cresceu muito?
- Cresceu muito. Desde lá do começo até aqui.
- E a senhora acha que a estrutura hoje tá boa, de escola de posto de saúde?
- Posto de saúde não tá bom, porque eles nunca fizeram um hospital aqui. Que eu, já, que eu queria mesmo era um hospital aqui no Recanto. Os homens prometeram de fazer um hospital aqui no Recanto e até hoje. Só quis ganhar, né, o voto da gente, só quis ganhar. Até hoje ele não fez nada.
- Mas a senhora acha que teve algum que fez ou todos só prometem e não fazem?
- Só promete e não faz. Só o Agnelo foi que fez essas clínicas aí, melhorou mais bastante, né.
- Ajudou?
- Ajudou.
- O governo do Agnelo fez as clínicas, mas a senhora acha que, por exemplo, o governo do Roriz foi quando ganharam os lotes?
- Foi, o governo do Roriz foi quando ele deu os lotes pra gente. E falou assim "esses lotes não é pra vender, você morrer, deixa pros filhos".
- Ele veio aqui? Entregar? Nessa época dos lotes?
- Ele veio aí lá no Rorizão ali.
- Ah, tá, no restaurante?
- É, no restaurante. Todo mundo ficou alegre nesse tempo, que recebeu esse lote, porque a gente tava no sufoco de aluguel.
- Era muito difícil? A senhora falou que tava na QNH? Era Ceilândia lá?
- Nas QNH. Era. Nas QNH, do Guará, eu mudei pras QNHs, das QNHs, mudei pra cá pro Recanto.
- E nesse tempo todo a senhora sempre trabalhou em casa de família?
- Esse todo sempre eu, eu trabalhei em casa de família, assim, quando eu, quando eu vim do Piauí. Depois que cheguei aqui, que eu casei com ele, aí eu não trabalhei mais, né.

- E o esposo da senhora fazia o que?
- Ele era aposentado.
- Ah tá.
- Ele era aposentado.
- Mas assim, quando ganhou o lote, quem ganhou o lote foi ele ou a senhora?
- Fui eu.
- Foi a senhora. Então, tá tudo no nome da senhora?
- Tá tudo no meu nome.
- E a senhora criou os filhos aqui? Os netos também?
- Tudo aqui.
- Hoje em dia, todo mundo mora no Recanto?
- Tá tudo aqui mais eu.
- Ah, tá. Ubiratan mora aqui também?
- Mora aqui também.
- Encontrei com ele no 111 outro dia, que ele tava lá na escola fazendo coisas.
- Aham.
- Gosto muito dele, tenho muito orgulho dele.
- Pois é.
- Dos meninos lá da escola, assim, quando eu conheci ele, cabeça quente lá, que os meninos mexiam com ele lá, aí ele ia lá e dava um sopapo nos meninos e eu conversava com ele "não pode, Ubiratan. Você tem que vir e contar pra gente, que aí a gente castiga só os meninos, mas se você der os supapos, a gente tem que castigar junto". Mas ele melhorou demais da conta. Aí foi, passou de ano.
- Melhorou. Todo dia era, era a gente recebendo negócio do telefone, que ele aprontava, não sei o que, aí eu ia lá, conversava com a... O... O...
- O Marcos?
- O Marcos. O diretor lá. Mas melhorou bastante ali.
- Melhorou, tomou um rumo, né? Depois que toma um rumo vai mais fácil.
- É, é, pois é.
- Quantos filhos a senhora teve?
- Eu só tive quatro. Esse aí é neto.
- Não, eu sei, o Ubiratan é neto.
- É, o Ubiratan é neto, essa aqui também que veio aqui também é neta, é, a que mora aqui no fundo que é minha filha. Tem o Danielzinho também que é neto.

- Todo mundo aqui junto da senhora?
- Todo mundo aqui junto.
- Entendi. Bom, voltando a falar da cidade, assim, que que a senhora acha que a cidade, a senhora falou do hospital, por exemplo, que mais que a senhora acha que a cidade precisa pra melhorar? Aqui, o Recanto?
- Ah, precisa pra melhorar é muitas coisas, remédios, que a gente vai na, na fila, no posto de saúde não tem remédios, e a gente, pinga um salário, o dinheiro não dá pra comprar os remédios. Remédio é caro, né? Eu tomo remédio pra diabetes, tomo remédio pra osteoporose, tomo remédio pra esporão, tomo remédio pra pressão... Coluna também, remédio pra coluna.
- É muito remédio.
- É.
- Problema de violência por aqui?
- Problema de violência aqui é demais.
- É muito?
- É. Quase todo dia amanhece um morto aí. Na, praqueles lados ali do Taubaté.
- Ali pros lados das 500s?
- É. De roubo. Ontem, eu tava no posto de saúde, a menina, nós távamos lá pra esperar, pra fazer, lá pra marcar consulta, a menina foi, a menina foi almoçar, quando chegou perto do meio, um moleque, um moleque, um pivete, "passa o celular pra cá", com uma faca. A menina chegou toda chorando e tremendo, aí ela, uma, ela sentou lá, a mulher pegou um copo d'água e deu pra ela, foi que ela acalmou mais. O pivete tomou o celular dela. Tá, tão roubando é de dia mesmo.
- Mas a senhora acha que o problema da violência aumentou agora ou tem desde o começo do Recanto?
- Eu acho que aumentou mais foi agora.
- Foi agora?
- Foi.
- Nesses últimos tempos?
- Nesses anos, é.
- No começo tinha muito problema de violência?
- Não.
- Ou era todo mundo ajudando todo mundo?
- Era gente roubando aí adoidado aí, matando.

- Por exemplo, a parte ali das 500s, ela veio depois, né?
- Foi, depois, que nós ganhamos aqui, depois foi que eles deram aquele loteamento lá pras 500s lá.
- A senhora lembra dessa época, quando fizeram as 500s?
- Lembro. Nesse tempo, nós ganhamos aqui primeiro, depois eles deram os lotes pra eles lá.
- Por que naquela parte lá ainda era de sítio e fazenda?
- Era.
- E depois loteou lá? Porque me falaram que o pessoal que foi pra lá, foi um pessoal que tiraram de uma invasão...
- De uma invasão lá na Estrutural, né?
- Me falaram que tinha uma invasão ali nas 400 também.
- Oi?
- Que aí tiraram o...
- Porque eu ouvi falando que disse que essa invasão lá da Estrutural, veio um bocado pra cá, né?
- Veio gente pra cá também?
- Veio um bocado pra cá, só não veio tudo, mas veio um bocado.
- Entendi. É porque, assim, essa parte ali das 500s, quando eu, eu já, eu tenho muito aluno que mora lá, né, então quando eu ando por lá, lá ainda não tá tão bom quanto aqui, me parece.
- É.
- Só tem uma escola lá, então os alunos todos tem que vir aqui pra baixo pra estudar.
- É.
- Então, lá a situação me parece um pouco mais complicada. Mas a senhora acha que depois que fez lá, que aumentou a violência aqui?
- Foi. Foi, depois que fez lá aumentou mais.
- Entendi. E nesse começo, quando vocês chegaram aqui, a senhora era muito amiga dos vizinhos? Todo mundo se ajudava ou era cada um cuidando da sua vida?
- Não, cada aqui cuidando do seu, né?
- Não tinha essa coisa de emprestar uma tábua pro outro?
- Não, não, não. Aqui era na base que a gente tivesse o dinheiro pra pagar pra fazer, né. Aí, o filho dele, desse do finado, foi que fez essa, que botou essas telhinhas aqui, que

fez isso aqui . Os pré-moldados nós já tinha feito aqui já, só era ele que veio botar essas telhas aqui em cima.

- Do jeito que ele deixou tá até hoje ou a senhora ainda mexeu mais um pouco?
- Não mexi mais não.
- Mais não, do jeito que ele deixou ficou?
- Ficou, porque o dinheiro, um salário mínimo não dá pra nada não.
- O pessoal da Administração ajudava nessa época?
- A Administração ajudou só umas caçambas de terra, que a gente, que eu fui lá, pedi eles lá pra arrumarem umas caçambas de terra, pra gente poder aterrar aqui, pra gente poder fazer o piso aqui.
- E aí eles davam sem problemas? Era só ir lá e pedir?
- Nesse tempo, eles davam mas agora não tá, dá mais não.
- Hoje em dia, a senhora ainda vai lá ou só nessa época?
- Não, eu não vou lá mais não.
- Só naquela época do começo?
- Foi, foi.
- Entendi. Até porque é longe, né? A Administração daqui.
- Até que não é muito longe não.
- Não?
- Não. Fica ali, não tem o Euro ali, lá em cima? É descendo assim do Euro, assim, pro lado de baixo.
- Só ir reto pra baixo?
- É.
- Eu tentei ir ali outro dia, mas eu não achei, é ali perto nas chácaras, ali embaixo?
- É, ali descendo, lá pros lados do mato.
- Eu acho que é porque eu comecei a descer, aí eu vi uma clínica assim, aí acabou e eu desisti, aí eu voltei pra trás.
- Pois é, lá embaixo a Administração.
- Entendi. E essas quadras aqui, as 100s foram as primeiras?
- Foi?
- Ou as 300s foram junto?
- Não, as primeiras foram aquela parte lá de cima, aquelas lá na cima, aquelas quadras pra lá.
- A 101, 102?

- Foi, foi as primeiras que o pessoal recebeu o lote. Depois que o pessoal recebeu tudo lá, aí continuaram recebendo aqui. Quer dizer que lá é mais velho do que aqui.
- Primeiro foi lá e depois foi esticando até chegar aqui?
- Foi.
- Mas, assim, quando a senhora chegou até aqui, a 113, essas todas tavam dando os lotes?
- Tavam.
- Hoje em dia, essa parte do comércio, de banco, tem tudo por aqui, a senhora acha?
- Tem.
- Ou a senhora precisa ir lá pro meio?
- Tem, não. Tem a loteca aqui, tem o BRB aqui, tem o mercado aqui perto, tá bom.
- Então, tudo a senhora faz por aqui mesmo?
- É, tudo eu faço por aqui.
- Quando a senhora chegou tinha muita igreja por aqui já?
- Tinha muita igreja não.
- Não?
- Não, não.
- Hoje em dia, tem?
- Hoje em dia, já tem muita igreja por aqui já, tem católica.
- A senhora acha que polícia precisa mais? Tá bom?
- O policiamento tá, lá em cima ali no bombeiro tem duas delegacias, né? Então, tá bom, né?
- Tá bom?
- Tá.
- Eles passam por aqui?
- Passam.
- Mas mesmo assim tem bandido?
- Mesmo assim, acho que eles não tem medo dos policiais não, os bandidos não.
- Não se intimidam?
- Não.
- A senhora foi assaltada alguma vez aqui?
- Ah, tentaram, quando meu marido era vivo, eles já tentaram, que era arrombar essa porta aqui. Aqui na janela, aí nós veio com o lampião, aí meu marido falou assim, é, "vocês podem entrar, mas vocês vão morrer aqui dentro". Aí foi que assim que ele falou

assim foi que eles deixaram, saíram e foram embora. Aí, nunca mais aconteceu mais não. Mas eles queriam entrar mesmo.

- Nessa janela aqui?

- Nessa janela aqui e nessa porta aqui.

- Não tinha muro?

- Tinha não, tinha muro ainda não.

- Primeiro seu esposo fez a casa e depois que fez o muro?

- Foi, foi.

- Demorou muito pra fazer o muro?

- Demorou porque a gente com um salário mínimo que ganhava né.

- Mas foi ele que fez o muro?

- A gente pagou o rapaz pra fazer.

- E depois do muro?

- Aí, não aconteceu mais não. Porque sempre agora quando eu já comprei um cadeado, uma corrente, quando eu, de noite, eu tranco isso aqui com a chave, com a corrente, com o cadeado, tranco ali com o cadeado do beco e aqui é na chave aqui, melhorou mais.

- A senhora convive muito com os vizinhos aqui hoje? Ou é cada um cuidando da sua...

- Não, vizinho aqui, poderia dizer que eu quase não tenho vizinho, porque os vizinhos só querem aproveitar da gente aqui. Essa parede aí, eu reboquei essa parede aí, me pediram pra subir aí, pra arrumar as paredes deles lá em cima, aí o pedreiro foi e botou um uê de pau aí em cima da casa ali. Aí, pra tirar foi eu obrigada ir lá na dona Maria, falar pra ela pra tirar. Aí, eles tiraram. Aí, o rapaz falou que ele ia, o que eles tirassem aí eles iam limpar, aí fizeram, não limpou, não tirou nada, quebrou as telhas aí, ainda hoje tá ali, quando chove é o mesmo que tá no meio da chuva ali ó. Encostadinho na parede assim.

- Eles estragaram e não quiseram arrumar?

- Estragaram e não arrumaram. O cara falou que o que ele quebrasse aí ele ia arrumar, mas o que ele falou, ele não cumpriu. Só fez quebrar, rebocou as paredes dele aí e não arrumou nada.

- E a parede é grudada? Da casa da senhora?

- A parede é grudada, é.

- Entendi. Mas esse vizinho aí é o que vendeu já? Que a senhora falou.

- Esse vizinho aí já é outro, o dono mesmo, o dono mesmo foi o que vendeu pra eles aí.

- Entendi. Dos dois lados? Do lado de lá e do lado de cá também?
- É.
- E com lado de cá a senhora não tem problema?
- Não. Também não converso com eles muito também não.
- Entendi. Bom, tem alguma história? Assim, de alguma, a senhora falou que nesse começo, quando o Roriz deu os lotes, tava todo mundo feliz de sair do aluguel, que aí ele foi lá no Rorizão, falou. Tem alguma lembrança assim que a senhora tem do Recanto, de alguma festa, de alguma coisa importante que aconteceu aqui e ficou na memória da senhora?
- Rapaz, eu não tô, eu não tô lembrada não. Só mesmo a festa, quando é a festa do Recanto, que eles dizem que fazem aí dez dias de festa, mas, eu fui lá quando meu marido era vivo, a gente foi lá vender umas balinhas, mas depois que ele morreu, nunca mais eu saí de casa.
- A senhora fica mais só nesse pedaço?
- Fico mais só em casa mesmo.
- A senhora acompanha as coisas pela televisão?
- É. Comprei essas televisões aí, comprei uma pra minha menina aí também. Nas Casas Bahia.
- Naquela Casas Bahia lá do começo?
- É.
- Me falaram que foi a primeira loja maior que teve aqui foi essa Casas Bahia lá.
- Foi as Casas Bahia mesmo, que ela é a maior que tem. A loja maior que tem é ela.
- O que a senhora diria que o Recanto significa pra senhora? Ter vindo pro Recanto, qual a importância do Recanto na vida da senhora?
- O que é, Renata? Que eu não tô lembrada.
- (Neta) - É o que, vó?
- Vem cá.
- (Neta) - Vó, quem fala é a senhora.
- Não, é porque eu não tô lembrada do que é pra mim falar.
- (Neta) - Uai, que a senhora gostou de vir pra cá, que aqui é um lugar bom de se morar.
- É, aqui é um lugar bom.
- (Neta) - A senhora fez sua história aqui no Recanto.
- Aqui é um lugar bom pra se morar aqui.
- (Neta) - Vem, Iara.

- A senhora acha que aqui é o melhor lugar onde a senhora morou?
- É.
- Por exemplo...
- É o melhor lugar que a gente já morou, porque aqui é meu. O antigo lugar que eu morava não era meu, eu morava de aluguel, não era meu, né? Mas aqui agora eu posso dizer que é meu, que eu ganhei, né.
- A senhora tem na lembrança como era a vida no Piauí? Se era muito difícil?
- A vida lá no Piauí era difícil.
- Muito difícil?
- Difícil. A gente não tinha casa, não tinha o lugar de morar mesmo, tinha o lugar de morar assim, mas era dos outros, o chão era dos outros lá, dos proprietários lá, né.
- E a senhora falou que veio com uma família pra cá?
- Foi.
- E a família da senhora? Ficou toda lá?
- A família, a minha família, meu pai já morreu, a minha mãe também, eu vim, eu vim mesmo só com, foi uma mulher que me trouxe lá de Correntes.
- E os irmãos da senhora, a senhora perdeu contato?
- Meu irmão veio praqui pra Brasília, até hoje eu não sei aonde que ele tá.
- Ah, ele veio pra cá também.
- Foi.
- Mas ele veio em outra época?
- Ele veio primeiro que eu.
- Ah, tá.
- Mas até hoje eu não sei aonde que ele tá.
- Nunca mais encontrou?
- Nunca mais encontrei não.
- E é só esse irmão que a senhora tem?
- É, eu só tenho, só ele, só esse.
- Só esse irmão?
- Eu tenho uma irmã que mora lá no Brejão, lá na, ali, perto de Redenção.
- Mas essa ficou lá no Piauí?
- Essa ficou lá. Não sei se ainda é viva, não sei se já morreu.
- Perdeu o contato?
- Perdeu o contato, nunca mais fui lá.

- Bom, dona Maria, eu acho que é mais isso mesmo. A senhora tem alguma coisa que a senhora quer me contar? Alguma coisa do Recanto?
- Não, só isso mesmo, que eu tô satisfeita e feliz porque ganhei o lote aqui, não tô pagando aluguel. Uma casinha simples assim, mas é melhor do que a gente tá pagando aluguel, né? Porque eu não tenho condição de arrumar ela.
- Querendo ou não, a história da família da senhora toda tá aqui, né?
- É.
- Então, é um lugar abençoado.
- É. Tá todo mundo aqui morando nessa painha véia aqui.
- A senhora falou, por exemplo, que achava que pra melhorar aqui no Recanto precisava do hospital...
- Do hospital. Mas aqui, eles, vai chegar nos quatro anos e eles não, não faz nada aqui.
- E casa? Aqui? Se a senhora pudesse melhorar? Se a senhora tivesse condição? Pra melhorar, o que que a senhora faria?
- O que eu fazia era derrubar ela e fazer.
- Derrubar e fazer tudo de novo?
- É, tudo de novo.
- Tudo de novo?
- Tudo de novo.
- Quando a senhora ganhou o lote, a senhora recebeu uma planta pra construir a casa? Porque pessoas que eu entrevistei me falaram que quando elas vieram, elas não tiveram como fazer, porque elas tiveram que fazer o barraquinho, foram construindo devagarzinho. Mas que o governo deu uma planta do jeito que devia construir a casa. A senhora recebeu essa planta?
- Eu não sei se, eu não sei se eu recebi essa planta... Eu não me lembro... Se eu recebi essa planta.
- Disso a senhora não tem recordação?
- Não, tenho não.
- É porque quase todo mundo me falou assim "não, a gente não tinha como fazer, fez do jeito que dava pra fazer", mas disse que o governo tinha dado essa planta, que era pra ajudar, que até falou "é caro fazer a planta" e tudo mais.
- Porque aqui, o Zé mandou fazer aqui, eu não sei se ele tinha planta, eu não sei, eu sei que ele pagou o pessoal aqui pra fazer.
- Ele entendia de obra, seu esposo?

- Ele entendia, que ele era pedreiro.
- Ah, ele tinha sido pedreiro.
- Era.
- Então, aí já era mais fácil. Tinha conhecimento de levantar as coisas?
- É, pois é.
- E ele era pedreiro bom?
- Era pedreiro, mas só que ele não tava aguentando fazer, porque era pressão, coração, a próstata que ele tinha, né. E aí, depois chegou na idade, a doença também avançada, aí ele não aguentou mais fazer mais mexer com, com negócio de pedreiro mais não.
- Pelo menos ele tinha o olho bom pra vigiar, entendia das coisas, sabia se os caras tavam fazendo direito ou não tava, né. Já é um adianto, porque hoje em dia não é todo mundo que entende dessas coisas.
- É.
- Bom, dona Maria, então acho que é isso. Só se a senhora quiser me contar mais alguma coisa. Ou alguma história da casa, ou do Recanto, ou da senhora, ou da família, ou dos netos.
- Não, os netos aqui tão bem, tá aqui tudo comigo aqui, é. Não tem pra onde ir mesmo, tem que estar tudo aqui, né?
- Eu tô vendo que ela estuda aqui no 115.
- Ela estuda aqui no 115.
- Eles estão estudando aqui pra baixo? Tão mais no 308 não?
- Não, o 308 não tem ninguém daqui que estuda lá não. O Ubiratan estuda na 111, o Daniel estuda no cento e...
- (Neta 2) - 113.
- 113.
- (Neta 2) - E eu na 115.
- E essa aqui estuda na 115.
- Mas por que é mais perto que eles estudam aqui?
- É porque eles bota, o, o Ubiratan no 111, Danielzinho é na 113 e essa aqui no 115. É porque é mais perto.
- Você gosta da 115?
- (Neta 2) - Gosto.
- É bom? Você sempre estudou lá? O 115, eu fui lá uma vez, mas faz muito tempo. O 113, eu acho um pouco bagunçado ali, né. Eu gosto, assim, eu sou suspeito, porque eu

sou professor do 308, mas eu gosto mais ali do 308. Aquele pedaço ali do 308, eu acho bem tranquilo.

- É.

(Neta 2) - De quem de lá da escola eu acho mais chata é a Albene, a Juscélia, não, a Juscélia é legal, só a Albene.

- Isso são as professoras? Entendi. Você tá em qual série?

(Neta 2) - 3°.

- 3°. Tá bom. E o Daniel tá em qual série?

- Daniel tá em qual série, Débora?

- Daniel é o que tá no 113, não é isso?

- É. Chame sua mãe pra ela ver que ela não ouviu não.

- Porque o Ubiratan tá no 2° ano já, né? Do ensino médio. Ano que vem ele termina.

- Já. Acho que ano que vem ele termina.

- Ele termina. Coisa boa. Até porque já tá um homem, né?

- Já.

- Grande daquele tamanho.

(Neta 2) - 6°.

- 6° ano.

- É, 6° ano.

- Tá começando ainda, ainda tem muito ano pela frente.

- É, o Ubiratan, ele já tá com, parece que é vinte e dois anos que ele tem, que vai ficar.

- É, quando ele saiu da escola lá, ele já tava com dezenove anos, acho que é isso mesmo, é vinte e dois.

- É.

- E o Ubiratan, os netos nasceram todos aqui já?

- Tudo aqui.

- Bom, dona Maria, eu não vou tomar mais o tempo da senhora, eu acho que já foi bom demais, assim, deu pra me ajudar a ter informação desse pedaço aqui. Ah, uma última pergunta, que eu faço pra todo mundo, às vezes o povo até acha um pouco de graça, mas eu tenho que perguntar. Como a cidade chama Recanto das Emas, quando a senhora veio pra cá tinha uma aqui ainda? A senhora viu uma aqui alguma vez?

- Não, mas ó, depois que o Roberto botou essas emas aí. Lá no começo.

(Neta) - Mas tem um significado, né.

- Não as estátuas lá do começo. Mas eu digo, por exemplo, passeando, os bichos aqui pelo mato, a senhora viu alguma vez? Porque a senhora falou que chegou era só mato aqui.
- Era só mato, aqui era roça de milho.
- Tem algumas pessoas que eu entrevistei, que falaram que viram ema aqui ainda ou que escutaram as emas cantando de longe. A senhora viu alguma vez?
- Não vi não. Isso aí não vou falar pro senhor que eu vi, que eu não vi, né.
- Nunca viu?
- Não.
- Eu digo, assim, porque tinha muito bicho aqui quando a senhora chegou ainda, ou não?
- Tinha não.
- Ou já tinha tirado o cerrado todo.
- Já tinha e tava só aquela roça de milho, aquela roça aqui. Aí foi que a gente foi e limpou aqui. Só tinha mais era milho.
- Tá. Aqui já era uma chácara? Já tava plantando coisa?
- É. Era.
- E a senhora não sabe de quem era essa chácara?
- Não sei de quem era não.
- Só sabe que o governo tomou e dividiu pras pessoas?
- Foi. Só sei que o governo, só sei que o governo dividiu isso aqui pra todo mundo, com os lotes aqui.
- Mas tavam os lotes marcadinhos quando a senhora chegou?
- Tavam, já.
- Tinha uma cerquinha, uma cordinha?
- Ficavam uns tocos assim.
- Uns tocos marcando?
- É, marcando.
- E era fácil de achar?
- Não, foi fácil.
- Foi fácil?
- Foi.
- Essa rua aqui de cima já tinha quando a senhora veio? Essa que passa aqui é a central, a avenida? Ou não?

- Não, tinha não, isso aqui tudo era mato.
- Mas o ônibus deixou a senhora aqui ou deixou lá no começo e a senhora teve que vir andando?
- Nós descemos aqui.
- Vieram, já chegaram aqui perto mesmo?
- Foi, foi.
- E já trazendo os pré-moldados já nessa primeira vez?
- Foi, na primeira vez, a Dona Dulce já arrumou uma caçamba lá, que mandou trazer os materiais pra cá. Aí, a gente veio. Aí, chegou aqui, deixou as coisas aqui, os materiais aqui, aí o rapaz foi embora. Aí depois, a gente foi, pegamos lá as enxadas e viemos pra cá pra capinar aqui.
- Teve que limpar o terreno?
- Teve que limpar.
- Bom, é isso...
- Ah, diga aí, a gente sofreu hein, sofreu demais pra limpar isso aqui.
- Deu muito trabalho?
- Deu.
- Mas compensou?
- Mas compensou, pelo menos a gente não tá pagando aluguel caro.
- É verdade. Bom, então tá bom, dona Maria, eu já vou parar o negócio aqui.

Ana Albuquerque do Rosário, 16 de dezembro de 2016

- O principal que eu quero saber, na verdade, assim, através da história da vida da senhora, da onde a senhora veio, como a senhora chegou aqui no Recanto, que aí através disso eu vou saber um pouco como é que o Recanto foi começando, como é que ele foi se formando. Aí, pra começar, se a senhora puder falar seu nome completo, da onde a senhora veio.

- Tá bom. Minha história, nossa, é longa.

- Ótimo.

- Eu... Eu fui criada sem mãe, sem pai. Aí, uma amiga minha, quando eu ia já tinha dezessete anos, me trouxe pra Brasília né, pra poder eu trabalhar, porque eu sou de Tocantins, Palmas, mas o nome do lugar daonde eu nasci, eu fui registrada em Aurora do Norte, que hoje é Tocantins, né. Aí, uma amiga minha, eu tava com dezessete anos, me trouxe pra trabalhar e eu vim pra Brasília trabalhar, né. Aí, aqui eu comecei a trabalhar, não tinha filho nenhum, né, nessa época, comecei a trabalhar de empregada doméstica. Sofri muito, porque não tinha ninguém, não conhecia ninguém, né, não sabia trabalhar bem, aí aos poucos eu fui aprendendo, né. Aí, depois de muitos anos, eu casei. Tive meus quatro filhos. Meu, meu filho mais velho, que é o pai da Velma e pai da Luzia. Aí, eu tenho essa casinha aqui no Recanto, geralmente eu conheci aqui o Recanto era só mato. Porque quando eu passava na BR, que eu ia pro Gama, é, Samambaia era só mato, Recanto era só mato. Aí, eu comprei uma casinha aqui e construí aqui, mora eu e minhas filhas e minhas netas, quando tá de férias vem pra cá o final de semana, vem pra cá e o que mais que eu tenho que falar?

- Ah, bom, vamos assim então. O nome completo da senhora?

- Ah, meu nome é Ana Albuquerque do Rosário.

- Quando a senhora saiu de Tocantins, por exemplo, na época era Goiás ainda?

- Era, Goiás.

- E a senhora veio pra cá?

- É, vim pra cá.

- A senhora foi morar, assim, quando a senhora chegou, a senhora foi morar onde primeiro?

- Eu trabalhava em casa de família e morava.

- Morava na casa?

- Na casa.

- E onde era esse primeiro emprego da senhora?
- Ó, o primeiro emprego meu foi na QI 21 no Lago Sul.
- No Lago Sul?
- Aham. Na QI 21.
- E era uma casa boa, os patrões eram bons?
- Não, a casa, o pessoal lá era muito bom, porque eu fiquei lá bem uns cinco anos.
- E foi lá que a senhora aprendeu a trabalhar em casa?
- Foi, foi lá que eu aprendi. Vai procurando porque eu vou esquecendo.
- E por que a senhora saiu de lá?
- Bom, eu saí de lá porque eu engravidei do meu filho mais velho e ela já tinha empregada, arrumou uma empregada pra ficar direto. Aí, eu fui pra outra casa, trabalhar.
- E também morando na casa?
- Morando na casa.
- Mesmo com filho agora?
- Não, é, com filho, só que eu pagava. Naquela época, no tempo do João Figueiredo era muito difícil pra empregada doméstica, não ganhava quase nada, sabe, qualquer coisinha a mulher era criticada, a empregada, e se percebesse que tava grávida, botava pra rua. Nessa época, era assim.
- E sem ter direito a nada?
- Sem ter direito a nada.
- Então, a senhora não tinha nem carteira assinada nessa época?
- Não, não tinha carteira assinada, nessa época, eu tinha carteira, mas não tinha carteira assinada.
- Então, a senhora chegou em Brasília no final dos anos 70 mais ou menos?
- Foi, foi no tempo do João Figueiredo.
- Entendi.
- Que ele era presidente.
- Aí, a senhora ficou morando nas casas de família, mas quando é que a senhora teve a primeira casa da senhora, que a senhora morou?
- Ó, aí, eu não sei na época que eu casei, eu sei que meu filho tava com quatro anos, quando eu...
- O pai da Velma?

- É, o pai da Velma, tava com quatro anos, eu casei, fiquei morando de aluguel em Ceilândia, eu morei em Ceilândia Norte, morei em Ceilândia Sul, o último aluguel que eu morei foi em 90.

- Que foi em Ceilândia ainda?

- Foi em Ceilândia, que eu morava com meu companheiro de aluguel. Aí, foi a gente, mas eu já tinha o meu filho mais velho, já tinha o meu outro filho, né, e tinha essa daí, já tinha três, quando eu ganhei lote através do Roriz.

- Ah, a senhora ganhou lote aqui da inscrição?

- Foi, foi, só que esse aqui eu comprei.

- Ah, tá.

- Né, porque ganhar, ganhei mesmo foi em Samambaia, na 108, em 90.

- Aí, a senhora saiu do aluguel e foi morar lá?

- Foi, sai do aluguel e fui morar lá, né, em Samambaia.

- E a senhora morou muito tempo lá?

- Aí, morei com meu companheiro lá bem uns... Uns doze anos, doze pra treze anos, que eu morei lá em Samambaia, fizemos uma casa muito boa, né. Aí, eu não dei certo com ele. Aí, foi, aí, a gente separou, dividimos né, ele ficou com a parte dele, eu fiquei com a minha parte e fiquei com os quatro filhos. Trabalhando muito, sozinha. Trabalhei aqui só.

- Os quatro ainda eram menores de idade?

- Era tudo menor, tudo menor. O mais velho era o pai da Velma, acho que ele tinha dezessete anos, né Brenda, quando a gente mudou praqui?

(Filha) - O Adriano?

- Foi.

(Filha) - Sim.

- A gente mudou praqui foi no dia 25 de março, no dia de aniversário seu e dele.

(Filha) - É. Tava fazendo dezessete anos. Aham.

- É, o mais velho era ele que era dezessete anos, mas tudo era menor.

- E ele era de que ano, que ele nasceu?

- Ele é de 83.

(Filha) - 83.

- 83. Ah, então, foi no ano 2000, então, quando vocês mudaram pra cá?

- Foi no ano 2001.

- 2001?

- Foi em 2001 que a gente mudou pra cá.
- Entendi.
- Aí, mudei pra uma casa... Você pergunta agora.
- Aí, vocês ficaram doze anos lá em Samambaia, aí venderam, dividiram, aí com a sua parte a senhora comprou esse, essa casa aqui?
- Foi, foi, comprei aqui, era um barraquinho de nada.
- Foi mais pelo terreno?
- Foi mais pelo terreno.
- Essa casa aqui a senhora que construiu?
- Foi, era dois barracos, eu peguei, derrubei tudo e construí essa casinha aqui.
- Já tava, assim, já tinha asfalto aqui? Já tava urbanizado?
- Não, quando eu mudei praqui não tinha asfalto.
- Essa parte aqui do Recanto é mais nova do que ali debaixo, né?
- É, aham. Não tinha asfalto, só era buraco.
- Ainda tava começando aqui?
- Tava, era muito novo aqui e os caminhos eram só buraco e muita pedra.
- Muita poeira?
- E muita poeira.
- Mas mato já tinha tirado ou ainda tinha muito mato?
- Mato já tinha tirado. O único mato que eu encontrei foi do lado dali que é em frente a minha casa, que não tinha casa ainda. Aí, com o tempo, fez loteamento, que já tem casa, não tem mato mais.
- Aí, os quatro filhos vieram morar aqui com a senhora?
- Foi, morou, e veio morar comigo.
- E os quatro moram no Recanto até hoje?
- Só três, que moram no Recanto. O pai da Velma tá morando na Águas, ele comprou uma...
- (Filha) - Águas Lindas.
- Casa da Caixa na Águas Lindas. É. Aí, ele tá morando lá.
- E os outros três tão aqui? Mas os outros três moram aqui com a senhora?
- Só duas que moram comigo, o meu mais novo casou, mas mora aqui pertinho.
- Mora aqui nas 800s também?
- É... Mora nas oito... É 800s, Brenda? Acho que é, né.
- (Filha) - O Pablinho? É 605.

- Ou é 605, né.
- (Filha) - É.
- Ali do outro lado.
- Ele aluga lá ou ele comprou?
- Não, ele não comprou, ele mora lá de aluguel.
- De aluguel.
- É.
- Só uma coisa, também, essa inscrição, a senhora pra ganhar o lote lá em Samambaia, a senhora se inscreveu? Demorou muito tempo? Foi rápido?
- Ó, foi no tempo do Roriz, a gente inscreveu, eu acho que foi rápido.
- Foi rápido?
- Foi rápido que a gente ganhou.
- Na época, a inscrição tava no nome do seu companheiro ou da senhora?
- Eu fiz duas inscrições, ou ele fez uma inscrição, eu fiz outra né, porque como nós não éramos casados. Aí, saiu o meu nome, saiu o nome dele. Só que, o dele, bom, no jornal, porque era, saiu num jornalzinho, né.
- Uhum.
- Aí, saiu o nome dele e saiu o meu nome. Aí, na época, eu tava grávida, tive que ir pra Tocantins ganhar a minha filha mais nova, aí ele foi, correu atrás do dele, eu como fui pra Tocantins, que eu tinha que ligar da minha filha mais nova, que tem vinte e seis anos agora né, aí eu perdi a minha inscrição.
- Mas o da senhora, que a senhora perdeu era em Samambaia também?
- Era em Samambaia também, que saiu.
- Aí, como não foi atrás?
- Foi.
- Não sabe? Aí, então, o outro que a senhora morava era no nome dele?
- Era no nome dele.
- Entendi.
- Era no nome dele.
- Mas quando separou foi tudo tranquilo? Não deu briga então não?
- Dá sempre dá, né. Dá umas brigas. Sempre dá umas brigas.
- Mas resolveu? Dividiu?
- Mas eu saí com a melhor, porque saí com quatro, com os quatro filhos.
- Tinha que cuidar dos meninos?

- É. Tinha que cuidar.
- Bom, a senhora viveu muito tempo na Ceilândia, aí na Samambaia e depois aqui no Recanto das Emas, então, assim, três cidades que foram crescendo muito nos últimos tempos.
- Foi, foi.
- A senhora acha, nesse caminho que a senhora foi percorrendo por essas cidades, até hoje, a senhora vê que as coisas estão melhorando ou que as coisas só estão mais difíceis? Que, por exemplo, a senhora falou que ganhou o lote na época do Roriz, a senhora acha que hoje o governo está ajudando? Que hoje em dia o governo não está ajudando?
- Ó, hoje em dia, eu acho que tá muito difícil as coisas, muito difícil, muito difícil mesmo. É pra trabalho, as coisas muito caras. Porque eu trabalho de segunda a sábado pra poder ter uma vidinha melhor, né. Porque se não fosse, eu acho que tá ficando é pior.
- A senhora ainda trabalha em casa de família?
- Eu sou diarista hoje em dia.
- Ah. Trabalha em várias casas?
- É, em várias casas.
- Tudo lá pro Plano?
- É. Uma na, dois dias na Águas Claras, três dias no Sudoeste e um dia no Plano, na 502 sul.
- A vida foi ficando mais difícil, mas a cidade aqui, a senhora acha que tá melhorando?
- Foi. Eu acho que quando eu comecei a morar aqui, eu acho que tá melhor assim. Porque morei aqui, num sei se foi dois anos, logo dois anos, três anos mais ou menos, assim, mais ou menos uns quatro anos, asfaltou, né. Aí, fez uma quadra ali, não sei se o senhor que quando viu, quando veio viu?
- Ali perto da escola?
- É.
- Vi.
- Aqui. Aqui pertinho aqui já na esquina. E achei legal também porque fez uma escola muito boa, né.
- A escola aqui é boa? O 804?
- É, é.

- Eu conheço só de ouvir falar, nunca fui lá não, mas passei na frente e achei muito bonita.
- É boa, né Brenda? Porque minhas duas filhas chegaram a estudar lá, né.
- Ah, tá. Assim, e foi fazendo escola, foi trazendo asfalto, mas quando a senhora chegou já tinha água e luz?
- Tinha, água e luz.
- Água e luz?
- Água e luz e esgoto. Só isso que tinha.
- Porque tem um pessoal que eu entrevistei, que chegou na época que ainda era carro-pipa passando pra entregar água.
- Não, nessa época eu peguei foi lá.
- Lá em Samambaia?
- Em Samambaia, de carro-pipa, chafariz, essas coisas. Se quisesse dar banho em criança, lavar roupa, tudo, tudo, tudo, tinha que carregar na cabeça ou então o carro-pipa encostava perto e a gente pegava.
- Mas esse lugar lá da onde a senhora saiu lá de Samambaia, tava melhor desenvolvido que aqui? Ou tava mais ou menos igual?
- Tava, tava bem melhor lá, desenvolvido.
- Estrutura tava melhor?
- Aham, aham.
- Tinha quadra, escola, também, essas coisas?
- Tinha, perto de casa.
- Entendi. Tanto que a senhora pegou metade do dinheiro lá pra comprar aqui?
- Aham.
- E pra construir a casa, deu muito trabalho? Os meninos ajudaram? Como é que foi?
- Deu. Mais mais, fui eu, né. Por isso que eu optei de trabalhar por diarista, porque ganha mais, porque se fosse trabalhar por mês, não dá nada. Aí, os filhos ajudaram, né, cada um ajudou como pode, né, mas a maior parte aqui fui eu.
- Assim, a senhora foi contratando pedreiro e tal ou vocês mesmo que foram pondo a mão na massa?
- Não, contratei, tive que comprar os materiais, aí, aos poucos eu fui comprando os materiais, aí, contratei o pedreiro e paguei, o pedreiro.
- Até hoje a senhora ainda tá fazendo alguma coisa ou a senhora acha que já tá pronta?

- Não, tá pronta ainda não, porque falta pintar a parede e eu quero jogar um reboco, mas isso aí eu já tô mais tranquila.

- Do jeito que tá dá já pra levar? Tá tranquilo?

- É, do jeito que tá, é, tô tranquila.

- E de quando a senhora chegou aqui, os vizinhos são mais ou menos o mesmo povo? Mudou muito?

- Não, os vizinhos dos dois lados não são os mesmos, porque quando eu cheguei, a dona dessa casa aqui, essa casa já foi vendida umas três ou quatro vezes. Essa casa aqui já foi vendida umas cinco vezes. Agora que parou, né. Os donos por último é que parou, dos dois lados, mas era sempre vendendo, vendendo e entrando vizinho novo. Só que daqui, eles compraram, moram no Gama e alugam, né. E daqui, comprou e quem mora aí é o filho da dona.

- Mas a senhora conhece a vizinhança? O povo é tranquilo aqui?

- É pouca pessoa aqui que eu conheço, porque mas é pro trabalho e quando eu não tô no trabalho, é dentro de casa, quando eu saio é pra longe.

- Entendi. Assim, essa outra parte, de segurança, aqui é tranquilo?

- Ó, de segurança já não é. Eu não acho, porque nossa, quando eu mudei praqui, eu ficava apavorada. Todos os dias era uma morte aqui. Meus filhos eram pequenos, né, e eu ficava apavorada, porque eu saía, tinha que deixar eles pra poder ir pro colégio, né. Eles iam sozinhos e voltavam sozinhos, o meu medo era esse. Era morte direto, morreu muita gente por aqui. Aí, quietou. Aí, quando, tem mais ou menos uns dois anos, né Brenda? Aqui embaixo? Tem um vizinho ali, que faz umas festas aí loucas e junta muito...

- Muito malandro?

- Muito vaga, fala assim, vagabundo, né. Junta vagabundo demais. Já aconteceu quatro mortes, não foi Brenda, aqui?

(Filha) - Aham.

- Nessa rua aqui, descendo, ali embaixo, já aconteceu quatro mortes de menino novo, de menino menor, assim, dezesseis, dezessete, quinze anos, que morreu. O último que morreu, morreu dentro da casa dele, né. Tinha o que, dezessete anos, Brenda?

(Filha) - Uhum.

- Dezessete anos que ele tinha. Acho que o muito que tem é um mês.

- Mas a polícia passa?

- Passa, mas não faz nada. Faz nada.

- Só da uma voltinha?
- Só dá uma voltinha.
- Fizeram daqueles postos policiais por aqui perto?
- Não, tem um posto policial, mas é muito distante, é distante daqui.
- O que eu já escutei de algumas pessoas é que essa parte aqui das 800s, os primeiros moradores vieram de uma invasão que teve nas 400s.
- Eu ouvi dizer.
- A senhora já escutou essa história? Dos vizinhos?
- Já, ouvi dizer, é, que essa parte aqui do Recanto é da invasão. Agora, eu não procurei daonde, né.
- Assim, o que eu ouvi falar é que tinha na época as 100s, as 200s, as 300s, aí um pessoal invadiu o que é ali, mais ou menos, a 405, que tem um parque ali. Aí, que tiraram o pessoal de lá, uma parte veio pra cá, pras 800s, e outra parte foi ali pras 500s.
- Não foi, não foi na minha época. Eu nem...
- Que isso é antes um pouco dessa época. Mas pela época que a senhora tá me dizendo, essa pessoa que vendeu pra senhora, a senhora sabe se era o primeiro dono?
- O primeiro dono. Não. O segundo dono.
- O segundo? Então, ele já tinha comprado de outra pessoa?
- Foi. O primeiro dono, não sei se ele comprou aqui ou se ganhou. Era dele. Aí, um outro rapaz foi e comprou. Aí, por último, eu comprei e tô até hoje.
- Entendi. E hoje em dia, a senhora já tem escritura?
- Não, não tenho escritura ainda não.
- E qual documento a senhora tem daqui?
- Ó, eu só tenho, só tenho os documentos de compra e venda, passado no cartório, só, que eu tenho.
- Porque teve uma época aí que teve uns mutirões de escrituras.
- Eu fiquei sabendo, mas eu não fui chamada.
- Não chamaram a senhora?
- Não, não.
- Porque eu encontrei, o pessoal ali das 300s, geralmente, a maioria já tem escritura, mas um pessoal mais antigo.
- Uma vez, eu fui no cartório, tava até querendo mexer com isso, mas aí na época, eu não podia. Era acho que mil e duzentos ou mil e trezentos, né, pra poder eu pagar, aí, eu não tinha condições na época.

- É, porque esse pessoal do mutirão me falou que foi cem reais, cento e poucos reais. Aí, eles tiraram a escritura.
- Mas particular, que eu fui tentar no cartório de Samambaia, eles me cobraram, na época, foi mil e duzentos ou mil e trezentos, mais ou menos isso.
- Que é muito salgado?
- É. Aí, eu vou tentar a partir de 2017 pra ver se eu consigo. Porque é bom a gente ter escritura, né?
- É uma segurança?
- É uma segurança.
- E falando em segurança, o que a casa aqui representa pra senhora?
- Nossa. Representa... Eu, hoje em dia, nossa, eu tô no céu. Porque quando eu vim praqui, isso aqui não era nada, nada, nada, nada. Hoje em dia, a minha casa, em vista do que era, tá boa, tá grande, tem ventilação pra todo lado, né?
- É bem fresquinho aqui mesmo.
- É. Então, pra mim tá ótimo.
- A senhora falou que pra melhorar a casa, a senhora ainda queria pintar, por um reboco...
- É.
- E da cidade, pra melhorar mais? Que que a senhora acha que a cidade precisa, aqui o Recanto, precisava pra melhorar?
- Ó, eu acho que pra melhorar mais, acho que tinha que dar mais valor nos professores, tinha que dar mais professores. Eu não tenho mais filho mais que estuda, né, mas já tenho já as minhas netas, né. E acho que tinha que investir mais no professor, em segurança. Em médico...
- (Filha) - Em saúde.
- Na saúde. Nossa, a saúde, quem adoecer, tem que rezar pra não adoecer, porque...
- (Filha) - Vai morrer.
- Porque morre. Se não tiver dinheiro, morre.
- Aqui não tem aquelas Clínicas da Família aqui pra perto não, né? Que a mais perto é lá pra baixo.
- (Filha) - Isso.
- Clínica da Família assim? Como assim?
- Que é tipo um posto de saúde.
- Que atende os idosos?

- Uhum.
- Tem, tem.
- Tem um aqui perto?
- Tem. Não fica muito perto, mas tem. Ali, do lado do corpo de bombeiro que eu me consulto, Brenda?
- (Filha) - Você tá falando do que? Da UPA? No sentido da UPA ou mais cá embaixo?
- Não, não é na UPA não. Que eu tenho as receitas, que eu mandei você pegar lá.
- (Filha) - Ah, sei, aquele lado do postinho lá.
- Mas só que agora tá sem médico lá.
- Não tem nenhum médico?
- Não.
- É, por que, assim esse governo tá enrolado?
- Tem bem um ano que eu não me consulto lá, porque a minha médica disse que pegou atestado, disse que não ia voltar mais, disse que ia por outra substituta, mas até o dia que eu fui lá, não tinha, não tinha, nem pra poder, é, mudar a receita pra gente, pra dar, pra dar uma nova, né. Não tinha.
- A escola, pelo menos, a escola é aqui do lado, tem quadra, a senhora falou, o posto de saúde já é mais afastado?
- É, afastado.
- E essa parte de comércio tem aqui ou tem que ir tudo lá pra baixo?
- Ó, o que tem aqui, só é, só é supermercado pequeno. Aí, se precisar de comprar eletrodoméstico, essas coisas, tem que ir lá pro centro pra lá.
- Pra ir ao banco?
- É. Tudo.
- Tem que ir pra lá?
- Tem.
- Entendi.
- Porque por aqui não tem nem, nem uma lotérica. E faz muita falta, né? Porque tudo que a gente tem que pagar tem que pegar ônibus ou ir andando pra poder chegar até lá. Tudo é perto do, das Casas Bahia, só lá que tem. Por aqui não tem.
- Essa parte de ônibus aqui é fácil ou tem pouco ônibus?
- Tem pouco ônibus. Esse negócio de ônibus, nossa, é muito ruim de ônibus.
- As linhas passam aqui perto? Ou tem que ir pra...

- Passam, aqui, porque é assim, passa aqui na 804, da 804 pega o pessoal do Riacho Fundo 2, né, pra poder a gente chegar no trabalho. Então, os ônibus tudo cheio, a gente vai sempre em pé e pouco ônibus.
- Então, ele passa aqui primeiro e depois que ele vai pro Riacho?
- É. Pro Riacho Fundo 2 pra pegar o pessoal das paradas.
- E na volta é o contrário? Passa lá no Riacho primeiro e desce aqui por último?
- É. E aqui por último, vai deixando as pessoas, é assim.
- Eu passei ali no meio, tem um terminal ali nas 400s, mais ou menos?
- É, bem pra lá, tem. É novo.
- Ah, eu cheguei, ele é novo? Não tem muito tempo não?
- Ele é novo.
- A senhora também acha que essa parte do ônibus podia melhorar?
- É, podia melhorar.
- Porque hoje, o povo, tem uma época que tava todo mundo comprando carro. Acha que o governo deixou pra lá essa história de ônibus?
- E às vezes quem salva a gente é os piratas, né, porque ônibus é pouco. Aí, chega na hora da gente resolver alguma coisa ou ir pro trabalho, os piratas passam, a gente entra, tem que pegar, né. Eles falam pra não pegar, mas é a única opção.
- Não tem jeito? Tem que chegar no trabalho?
- É. Tem que chegar, né.
- Entendi. Tanto pra ir quanto pra voltar?
- É, tanto pra ir como pra voltar. Ou às vezes, os ônibus passam cheios demais, né? Aí, a gente opta pelo transporte que está vazio, aí é o pirata que a gente pega.
- Quando eu vim aqui, porque primeiro eu passei reto, eu subi, fui lá no conjunto 20 lá, que foi quando eu encontrei o...
- O carteiro?
- O carteiro que falou "não, você tá, é mais perto da escola. Sai aqui", aí ele falou, "sai aqui na borda e volta, aí você entra de novo, que aí você vai achar" e no fim eu achei. Mas eu passei ali numa área grande ali, que parecia uma chácara. Tem umas chácaras por ali? Um sítio? Ou era, eu vi uns barracos, umas casas?
- Eu sei dizer que tinha umas invasões por aqui.
- Ah, tinha um pessoal que tinha invadido ali?
- É, aí eles, um monte de invasão. Aí, tava tirando, né.
- Ah, o governo tava vindo e tirando?

- É, agora eu não sei se voltaram de novo.

- Entendi.

- E prali que parece uma chácara, como que chama lá, Brenda?

(Filha) - Um?

- Prali que parece que é uma chácara, como que chama lá?

(Filha) - Não sei, qual é o nome Carla?

(Filha 2) - Lá embaixo ali?

- Que parece chácara.

- Ali perto da rua Monjolo, ali da avenida Monjolo.

(Filha 2) - Ah, eu não tô lembrada mais.

- Que a gente foi, que disse que tava saindo lote lá.

(Filha 2) - Eu lembro, mas eu não tô lembrada o nome não.

- Gente, como é que chama? Ponte Alta!

(Filha 2) - Isso.

- Ah...

- Ponte Alta!

- Que é a parte nova que tão loteando?

- É, é, prali, que tem umas casinhas, que eu conheço é essa Ponte Alta.

- Como eu vi essa parte aberta aqui, uma coisa que eu pergunto pra todo mundo, eu acho que não deve ser o caso da senhora, a senhora chegou a ver ema aqui alguma vez?

- Não.

- Nunca viu não?

- Nunca vi não.

- De ema só o nome do Recanto das Emas?

- É e aquelas que tem ali na entrada.

- Na entrada, no balão né. Entendi. Porque tem um pessoal que eu entrevistei que é bem do comecinho, de 93, de 94, que quando chegou aqui fala que viu as emas aqui ainda, porque era cerrado ainda.

- Eu lembro do cerrado, mas não cheguei ver ema não.

- Quando a senhora chegou ainda tinha muito cerrado?

- Não. Quando eu era solteira, que eu ia passear pro Gama.

- Ah, sim, passava por aqui?

- Aí, passava na BR, a gente via que essas partes aqui só era cerrado, mas tem muitos anos isso.

- É por que aqui antes de virar era parte do Gama?
- É.
- Aqui o Recanto?
- É né.
- Samambaia também né?
- É.
- Assim, tem alguma história aqui que aconteceu com a senhora aqui, que a senhora lembra? Que marcou a senhora aqui? Às vezes, boa ou ruim, de alguma festa ou de alguma comemoração, ou às vezes alguma coisa ruim, igual a senhora lembrou dos meninos que foram assassinados aqui?
- A única coisa que não trás boa recordação são as mortes, que eu vi morrendo muito jovem aqui. E, uma vez, tem muito tempo isso, que eu é vinha do trabalho e me aconteceu um assalto dentro do ônibus, só isso, já na entrada do Recanto, né. Porque ele saiu, né, o ônibus saiu do Riacho Fundo 2, né, aí faz um balão já pra entrar aqui na ema, que todo mundo foi assaltado, só isso.
- Foi a única vez que a senhora foi assaltada?
- Aham, foi, depois que eu tô aqui em Brasília, a única vez e aqui no Recanto também.
- Aqui na casa da senhora...
- Não.
- Nunca tentaram entrar?
- Nunca, nunca, nunca.
- Até é bom eu perguntar isso também, porque algumas pessoas me falam que na época que elas chegaram, tinha muito problema de pessoas invadirem o lote ou a casa dos outros. A senhora não sabe aqui de ninguém que a casa foi invadida não?
- Não, não sei.
- O problema de violência é mais esse de morte?
- É, de morte.
- De droga?
- De droga.
- Mas de invadir casa não?
- De balada, não, de invadir casa não. Eu sei lá em Samambaia, né.
- Uhum. Ah, por exemplo, lá em Samambaia, quando vocês ganharam o terreno lá, não teve problema de gente invadindo o terreno dos outros?

- Não, não teve problema, porque a gente morava de aluguel, já fizemos logo um comodozinho, já passamos pra dentro pra poder se livrar do aluguel. Então, por isso que não invadiu, né, mas as pessoas que ganharam e fez corpo mole de não ir pra lá e os lotes, alguns, foram invadidos.
- E depois pra tirar?
- É, pra tirar, nossa, deu, foi, precisou ir foi pra justiça.
- E lá em Samambaia, vocês chegaram a ter a escritura?
- Não.
- Não? Vocês também passaram um compra e venda no cartório?
- Foi um compra e venda no cartório, igual aqui.
- Lá, vocês construíram um barraco primeiro?
- Foi.
- Um barraquinho, um cômodo?
- Foi.
- E também foram crescendo, fazendo aos poucos?
- Aham.
- E quando vocês venderam lá já era casa?
- Era casa de laje já, quando a gente vendeu.
- E aqui, quando vocês compraram, a senhora falou que tinha dois barraquinhos aqui, que a senhora derrubou.
- Era, barraquinhos ruins.
- Mas era porque morava uma pessoa e ele alugava o outro?
- Bom, era, diz que o dono morava na frente e essa parte daqui diz que alugava.
- Eu vi também muito, que aqui nessa parte o pessoal fazia muito isso, de aproveitar o terreno, às vezes morava família grande, aí ficavam os filhos casados numa, os pais na outra.
- É, aham.
- Bom, o ex-companheiro da senhora é vivo ainda?
- É vivo.
- E ele mora, mora em Brasília? Ou foi embora?
- Eu, eu comprei aqui na 804 e ele com a parte dele, ele comprou na 803.
- Ah, ele veio pro Recanto também?
- Veio. Aí, ele casou de novo, já tem dois filhos e tá morando no Sem Terra. Vendeu aí a casa dele e tá morando no Sem Terra.

- Pra ver se ganha outra coisa?
- Porque lá, diz que o lote lá, os loteamentos parece que é do INCRA, é daquela pessoa só enquanto aquela pessoa tá fazendo aquele benefício lá, né. Aí, ele pegou e mudou pra lá, mas as terras não são dele.
- Entendi, mas ele trabalha com agricultura?
- É, ele trabalha, é, plantando, com plantação, essas coisas assim lá.
- Entendi. Mas ele sempre mexeu com isso? Ou foi mexer com isso agora?
- Não, ele, ele mexeu, veio mexer com isso depois que ele passou pra cá e casou, aí ele foi pra lá.
- Bom, acho que já foi muita coisa já. Só pra eu também me situar melhor. A senhora falou que veio com dezessete anos pra Brasília, que ano que a senhora nasceu?
- Eu sou de 59.
- 59. Então, a senhora veio em 76?
- Foi mais ou menos isso, em 76.
- Mais ou menos essa época? E a senhora disse que foi com uma amiga que veio?
- Foi.
- Essa amiga trabalhava na casa onde a senhora foi trabalhar?
- Não, ela já trabalhava aqui há muitos anos. Aí, numa casa que eu tava lá, não ganhava nada, não tinha nada, aí, ela fez essa proposta, de me trazer pra cá, que se eu fosse trabalhar, eu ia ganhar meu dinheirinho, eu ia ganhar minhas coisas, né. Aí, eu peguei e vim.
- E a senhora tem contato com essa amiga até hoje?
- Não, tenho mais não.
- Perdeu o contato?
- Perdi o contato.
- E lá no Tocantins, a vida da senhora era muito difícil?
- Lá é muito difícil.
- A senhora falou que não tinha pai, nem mãe mais, mas tinha irmão ou era só a senhora?
- Eu tinha uma irmã, que morava em Goiânia. Faleceu. Tem uns quatro anos, mais ou menos, que faleceu. Aí, meu pai, meu pai casou com a minha mãe, né. Aí, ganhou eu e minha irmã. Só são duas, né. Aí, ele separou da minha mãe, aí, logo minha mãe morreu, que eu quase nem conheci minha mãe. Quando ela morreu, eu era novinha. Aí, ele

casou de novo, com essa última mulher, eu sei que ele teve dois filhos, mas só um que eu conheço e, hoje em dia, se eu ver, eu não conheço mais, porque tem muitos anos.

- Mas a senhora falou, por exemplo, que quando a senhora foi ganhar a terceira, a quarta filha, que a senhora voltou pra Tocantins pra ter.

- Voltei, porque minhas cunhadas moram lá e tem prima que mora lá. Então, é assim.

- Então era pra assessoria da família?

- Aham.

- E a senhora foi com os meninos ou os meninos ficaram aqui com seu esposo?

- Não, eu levei a Brenda e levei o Adriano e fui com a Carla na barriga e deixei só o mais novo com a tia na M Norte, na 38 da M Norte.

- Uma irmã do seu companheiro na época?

- É, é, que até faleceu também.

- Entendi. Esses familiares dele já tavam aqui em Brasília também antes dele ou a família dele veio toda junta pra cá?

- Não, ele, ele tem família aqui. Depois que o meu marido tava aqui é que veio uns irmãos, né, mas irmão só por parte de pai, não é irmão por parte de mãe não.

- Mas a família dele é grande então?

- É grande. Aí, os outros moram lá em Tocantins. Porque, inclusive, uma cunhada minha trabalha dentro dum hospital e foi muito fácil, né, pra mim ganhar e ligar. Porque se eu fosse ficar aqui, acho que eu já tinha bem uns três ou quatro mais.

- E quatro tava bom já?

- É, já, quatro tava ótimo.

- Eu tenho uma, queria ter quatro também, mas minha esposa falou "nada disso, quatro é filho demais". Chama Ana também minha filha.

- É, né. Às vezes, hoje em dia, eu olho pros quatro, falo assim "meu Deus, como eu fui corajosa de ter quatro filhos".

- Aí, são dois meninos e duas meninas?

- É, duas meninas. Porque não é fácil não, viu. E hoje tá ainda mais pior ainda. Eu acho.

- Tá mais difícil?

- É, mais difícil.

- E netos a senhora tem quantos?

- Netos eu tenho... Quatro. Eram pra ser cinco, morreu um.

- Ah, morreu?

- É, do Adriano.

- Ah, não sabia, a Velma nunca me contou essa história.
- Só do Adriano, o Adriano com o que morreu, o Adriano tem quatro, né. E o meu filho mais novo tem um.
- O que casou agora?
- É. Não, tem tempo que ele casou.
- Quem mudou?
- mas só que agora, que ele, depois de quase trinta anos, que ele foi fazer um filho. Tem acho que nove meses ou é oito, o filhinho dele.
- Minha filha tá com um ano e sete meses também, eu também demorei mais de trinta anos pra ter.
- Aí, o Adriano, o Adriano com dezessete anos foi pai e a mãe da Velma com quinze.
- Com quinze?
- Tudo criança.
- Tudo novo?
- Aí, só sobrou pra mim.
- Mas a senhora foi mãe nova também, não?
- Não.
- Não?
- Não.
- Quando o Adriano nasceu a senhora já...
- Foi e não foi, porque eu pra mim, eu tinha vinte e quatro ou era vinte e cinco anos.
- É, já não era tão nova não.
- Eles ainda eram adolescentes ainda.
- (Filha) - Credo, então, tô velha.
- Tá nada. Tá é nova.
- (Filha) - Meu Deus.
- Bom, acho que do que eu precisava saber mesmo, dona Ana, acho que a maioria a senhora já me contou. Tem mais alguma coisa assim que a senhora acha que vale a pena, que as pessoas precisam saber sobre o Recanto das Emas, das pessoas que moram no Recanto das Emas?
- É, igual eu te falei. Segurança, melhoria pros professores e mais médicos, né, porque tão todo mundo morrendo.

- Ah, mais assim, por exemplo, as pessoas que a senhora conhece no trabalho, aqui fora, quando a senhora fala que mora no Recanto das Emas, qual a impressão que a senhora acha que as pessoas tem do Recanto das Emas?

- Normal, normal. Eles falam é assim que "feliz é de quem tem uma moradia", né, eles falam desse jeito. E que eu sou muito corajosa, deu correr atrás e ter feito o que eu fiz.

- Entendi. Porque eu, por exemplo, eu comecei a trabalhar aqui no Recanto em 2009, eu passei no concurso pra professor, aí fui ser professor no 111, trabalhei um ano lá no 111, depois fui pro 308, aí tô lá no 308 até hoje. Mas eu nunca tinha vindo aqui no Recanto, foi lá no dia, a mulher falou "ó, tem esse, esse, esse lugar aqui, pra onde você quer ir?" Aí, eu tinha, os mais perto da minha casa eram Samambaia ou Recanto. Aí, a mulher falou pra mim assim "rapaz, vai pro Recanto, que o Recanto, Samambaia é grande demais, Recanto é menorzinho, o pessoal é mais família, você vai gostar mais de lá". Aí, eu vim. Tô aqui até hoje. Assim, eu moro lá na Asa Sul, morava no Cruzeiro, né. E tô aqui desde então. Mas antes se me perguntassem o que era o Recanto das Emas, eu não tinha nem ideia.

- Nem noção, né.

- Nem sabia direito onde ficava, né, fui descobrindo.

- E você mora longe, no Cruzeiro.

- Morava no Cruzeiro. Todo dia trinta quilômetros pra vir e trinta quilômetros pra voltar.

- Nossa. Aí, você é o professor da Velma?

- Sou. Assim, hoje em dia, eu não sou mais, né. Fui professor dela no 6o ano, fui professor dela no primeiro ano em que ela reprovou, de preguiça.

- É, ela é muito preguiçosa.

- Porque o problema dela era preguiça. Era, ela achava, eu falava isso com ela, porque às vezes ela achava que ela não dava conta, mas o problema não era que ela não dava conta, era que ela nem tentava fazer por causa da preguiça. Aí, no segundo ano, no ano passado ela já melhorou muito. Porque a gente colocou, pegou, colocamos ela numa sala. Eu falo pros meninos assim, "aluno comigo só reprova uma vez, porque no segundo ano, eu já conheço o aluno, então, eu já torço o pepino é desde o começo logo.

- É, aham.

- Aí, não tem tempo ruim. Aí, no ano passado, ela já estava com outra postura, já tava mais pró-ativa, já sabia as atividades, já sabia melhor que ela dava conta, aí ela começou a fazer os negócios melhor e começou a render mais. Aí, eu dei aula pra ela até ano

passado. Dei aula pra ela em 2014 e 2015. Aí, esse ano eu encontrei com ela na escola, por causa dessas coisas do natal, dos presentes, das atividades que a gente faz lá pra eles. Mas no fim das contas, a Velma mora em Águas Lindas então?

- Não, porque o Adriano é separado da mãe.

- Ah, ela mora com a mãe?

- É, ela casou de novo e o meu filho casou de novo. Aí, meu filho com essa mulher agora teve um filho e uma filha. O filho morreu. Aí, tem uma menininha de um ano e um mês, né. Aí, ele foi pai muito cedo, que tem a Velma, com a Ana Patrícia, e a Lúcia. Agora, a Lúcia é muito esperta.

- Lúcia eu não conheço.

- A Lúcia nunca reprovou. A Lúcia é danada como o pai, porque o pai delas nunca me deu problema em colégio, sabe.

- Era bom aluno?

- Ixe, o Adriano era muito bom. O Adriano pegava muito rápido, pegava no ar as coisas.

- Que eu me lembre, eu só dei aula pra Velma. Assim, às vezes, eu fui professor dela também, mas assim de nome, eu não tô lembrado não. Acho que não fui, porque se eu tivesse sido, a Velma ia...

- A Lúcia estuda em qual colégio?

(Filha) - 111 agora, que ela tá no ensino médio, no 1o.

- Não, então, se ela tá no 111, ela foi minha aluna também, então.

(Filha) - Acho que antes ela estudou no 308 também.

- Se antes ela estudou no 308 também.

- Se antes ela estudou no 308, ela deve ter sido minha aluna.

(Filha) - Isso.

- Hein, Brenda. A Velma tá naquele colégio que eu arrumei pra ela?

(Filha) - Isso.

- Ainda tá lá ainda?

(Filha) - Tá.

- É 308?

(Filha) - Isso.

- 308.

- Ah, foi eu que arrumei lá pra ela.

- A senhora deve ter falado com o Marcos pra arrumar, que é o diretor.

- Não. É. Como que foi? A Ana Patrícia mora de aluguel, né?

(Filha) - Isso.

- Aí, pra onde ela ia, o colégio mais perto que eu consegui, que eu morro de medo dessas meninas, nossa, eu fico preocupada, né? Assim, quem vai pegar, quem vai levar, porque eu era assim com os meus filhos. Levantava bem cedo, arrumava, deixava no colégio, aí eu pedia pro irmão mais velho ou pro pai ir pegar. Eu era desse jeito.

- Isso é fundamental, porque o diretor lá da minha escola, o Marcos, ele fala muito, ele tem uma frase que ele adora falar, que "porta de colégio é que nem curva de rio, tudo que não é bom vai parar lá".

- É.

- O que a gente quebrava a cabeça com os malas que iam pra porta da escola lá.

- Sobre isso, eu me preocupo muito com elas.

- Hoje em dia, melhorou, porque hoje em dia tem um posto da PM dentro da escola, né.

- É?

- Aí, os malas sumiram de lá, né, porque com a polícia lá dentro da escola, aí eles não param mais lá. Mas na época que eu cheguei na escola, assim, até 2012, 2013 assim, era demais. O que eu já saí na porta daquela escola pra bater boca com mala, a senhora não faz ideia.

- E o pior é que é até perigoso, de marcar a gente, esperar a gente em algum lugar, né, porque... Eles não tão nem aí, pra matar ou pra morrer, né?

- A minha sorte, é porque assim, eu já briguei muito lá com o povo lá na frente da escola, fora, já fui tirar aluno de roda de maloqueiro, assim, já fui no meio da roda arrancar aluno já. Mas a minha sorte é porque como a comunidade me conhece mesmo de, os pais, todo mundo me conhece mesmo, os meninos que eu brigo, que eu dou pito, que eu puxo a orelha, é porque eu me importo, porque eu gosto, então assim, mesmo assim os meninos não ficam com raiva de mim.

- É, né.

- Eu fui entrevistar uma avó lá na 509, deve ter uns dois meses. Aí, eu entrevistei ela, saí da casa dela, tava indo de carro embora, aí no que eu tava indo de carro, eu vi um aluno meu, a avó, ele tava com a avó, a avó tava brigando com ele no meio da rua, porque ele é difícil mesmo esse menino. Aí, eu vi eles, eu não via eles tinha tempo, parei pra falar com eles. Falei "oh, dona Maria, Fernando" e tal, fui falar com eles. Aí, no que eu tava conversando com eles, passou um carro cheio de mala, mas cheio de mala assim, que eu falei "ai, agora tô lascado". Mas aí quando os malas pararam, abaixaram aqueles vidros fumês do carro, tudo aluno meu, tudo "e aí professor e tal",

que eu falei, eu olhei assim e falei "que que vocês tão dirigindo? Vocês não tem idade pra dirigir não".

- Aí, você se aliviou né.

- "ah, professor, isso aqui não tem problema isso não". Eu falei "oh, meu Deus do céu". Mas assim, já passei uns sustos assim, mas tirando isso nunca tive problema não, maior, brigo e tal, mas depois a gente resolve.

- Quando eu tinha filho no colégio, eu conversava muito. "Ó, sua mãe não fica em casa, sua mãe tem que trabalhar, então você tem que obedecer o professor, tem que obedecer a diretora". E falava pros professores, "qualquer coisinha, me avisa", eu era desse jeito, né. Tem mãe que não gosta que os professores dão ordem ou dão um puxãozinho de orelha, né, não gosta, né. Agora, eu não, sempre eu conversava com os professores, então eu nunca tive esses tipos de problemas. E minha filha mais nova é que sempre estudou particular, o pessoal que eu trabalho é tão bom, que deu tudo, tudo, tudo, tudo.

- Ah, que coisa boa.

- Começou no JK, né. No JK do Guará, acho que é Guará 1, né, na beira da pista?

- Uhum.

- Aí, ela não quis estudar lá mais, aí veio estudar aqui no Reação. Aí, ela parou, não quis mais estudar lá, faltando um ano, era dois anos pra ela terminar, aí ela terminou aqui.

- Veio pro 804?

- É, terminou aqui.

- Que bom, né.

- Então, ela teve muita sorte.

- Eu falo também muitas vezes lá, porque os alunos que o pai e a mãe acompanham a educação dos filhos, você vê a diferença dos meninos que os pais só largam na escola e não tão nem aí, deixa solto, porque aí os meninos fazem o que querem.

- É. E a coisa que eu tinha mais medo, professor, era de um filho meu dar pro que não presta, tá polícia atrás, tá polícia batendo, tá polícia na minha porta. Ah, isso aí, eu sempre ajoelho. E sempre converso com minhas netas também sobre isso.

- Nisso, ela, não, a Velma pelo menos, que é a que eu conheço bem, assim, problema de comportamento, de bagunça, nunca teve.

- Mas eu tenho medo, assim, de achar alguém.

- Da má influência?

- É. Que coloca na cabeça isso assim, assim, sabe? Porque tem aluno que vai pela cabeça do outro.

- Sim, muito, nessa idade, menino muito novo, é muito influenciado. Então, e mistura muito as idades, menino repetente, mais velho.

- É, é.

- Mas eu também já tive experiência com muito aluno que era difícil, problema, que tava desencaminhando, aí a gente apertou, trabalhamos todo mundo junto, conseguimos. Não são todos, né. A gente consegue ajudar alguns, tem uns que não tem como.

- É, não tá nem aí, né. Porque eu sempre fui o pai e a mãe dos meus filhos. Aí, eu pensava assim, "ah, meu Deus, se meus filhos não der pro que não presta, o que será de mim?" Sempre eu pensava isso, mas graças a Deus.

- Todos saíram bem encaminhados?

- É, bem encaminhados.

- Que bom, coisa boa. Ô, dona Ana, deixa eu agradecer pra senhora. Vou só pedir pra senhora assinar o documento aqui ó, eu vou assinar o meu aqui ó, pra deixar com a senhora.

- Tá.

- Hoje é dia 15?

- É.

- Ou é 16 já? Hoje são 16.

- Já é 16. Vamos ver se eu dor conta de assinar que eu tô quase cega.

- É só a senhora fazer um rabisco aqui, o que a senhora achar mais fácil.

- Ano que vem, eu vou correr atrás de tratamento das minhas vistas, que eu quase não tô enxergando nada. Só o nome tá bom?

- Só o nome só tá bom.

- Ah tá. Quase, essas letras assim, não enxergo nada, nada, nada, nada.

- A vista vai ficando cansada?

- É, mas é porque eu acho que eu tenho problema de catarata.

- Ah.

- Eu tenho que fazer cirurgia. Porque já tá tampando no preto já.

- E quando tinha aquelas carretas que passavam fazendo mutirão?

- Pois é, trabalhando muito, não corri atrás.

- Porque esse é uma boa pra senhora.

- É, aham.

- Porque normalmente marca consulta, aí vai pedir exame, nesses faz tudo em um dia só.

- Aham.
- Eu vou até, porque minha esposa é médica, só que ela é médica de posto de saúde, ela trabalha aqui em Samambaia. Eu vou perguntar pra ela se tá tendo, que aí eu mando pela Velma pra ela avisar a senhora.
- Tá bom.
- Porque aí, mesmo que perca um dia de serviço, o que economiza de dor de cabeça.
- É, não, mas eu, mas eu já avisei pra todo mundo. O ano passado, eu fiquei muito envolvida aqui na casa, porque era um paga-paga, paga-paga, né, eu fiquei doida. Só pedreiro só, eu tinha que pagar dez mil, né.
- Pedreiro é um trem...
- E os materiais? Mas o pedreiro, eu acho mais caro que os materiais.
- Hoje em dia, pagar um pedreiro bom tá caro demais. E é difícil de achar.
- E assim mesmo, ainda teve trabalho por fora, não foi ele que fez tudo. Então, eu paguei dez mil.
- Mas ele não dava muita dor de cabeça não? O pedreiro?
- Não, ele não deu não, porque era conhecido. Foi com todo mundo aqui dentro, porque eu não podia sair, não podia pagar aluguel, porque aí já era o dinheiro de eu comprar o material ou pra pagar o pedreiro, né? A gente construiu primeiro foi a frente, Brenda? Não, foi atrás. A gente construiu primeiro atrás, maior poeira, maior confusão, que nossa, mas eu tinha que ficar calma, porque era o jeito, né, não tinha dinheiro.
- Aí, apertou todo mundo lá atrás?
- É, apertou todo mundo lá atrás. Aí, fez... Não, como é que é? Derrubou, não, derrubou foi na frente, Brenda.
- (Filha) - Oi?
- Fez a frente, aí terminou aqui a gente passou pra cá, aí que foi derrubar aqui tudo atrás.
- Entendi. Primeiro, a senhora derrubou só o barraquinho da frente?
- Foi.
- E vocês ficaram morando no barraquinho de trás?
- Foi, foi.
- Aí, quando terminou a parte da frente da casa, vocês vieram morar na frente?
- Foi, morar na frente pra terminar atrás.
- Entendi. É um processo?
- É.
- Faz parte da luta?

- É, faz parte da luta, né.
- E depois vira história pra contar?
- É.
- Beleza, esse finalzinho é bom, que tem o processo de como foi fazendo a casa.
- Mas se a gente não fazer isso, a gente não consegue nada.
- É verdade. Mas que bom que a família tá toda aí crescendo, né?
- É.
- Ô dona Ana, obrigado por me contar um pouco da sua história.
- É, não, a gente nunca conta tudo, né.

Arlete Lago da Silva, 19 de dezembro de 2016

- Só pra gente começar, a senhora pode falar o nome completo da senhora, de onde a senhora veio?

- Aham. É, o meu nome é Arlete Lago da Silva, eu tenho cinquenta anos, eu vim da Bahia, interior, sertão da Bahia. Eu cheguei aqui em Brasília, eu fui direto pra Ceilândia, casa de conhecidos, não eram parentes, que eu não tinha parentes. Eu vim recém-separada também do primeiro casamento. Passei muitas dificuldades, né, mas venci, graças a Deus. É, eu morava na Ceilândia na, na data que o Joaquim Roriz tava cadastrando os loteamentos, né, lá. Eu fiz o cadastro sem esperança de ganhar, pouca esperança, mas Deus abençoou que eu consegui, saiu primeiro pra Samambaia, lá pra expansão. Só que veio dois no meu, no meu documento veio dois, no meu lote veio duas pessoas com um endereço só, né.

- Entendi.

- Aí, o pessoal perguntou se eu esperava pra vir pro Recanto, que ia sair uma etapa no Recanto. Eu falei "eu prefiro no Recanto", eu nem conhecia, né? Mas era lá na expansão, eu falei "não, eu prefiro no Recanto, que vai ser no início". Aí, realmente, saiu, graças a Deus, lá no início, na 204, e, eu, tava separada, os bacurizinhos pra cuidar, né, os cinco meninos, então, a minha vida era muito difícil.

- A senhora já tinha todos os filhos já?

- Já, quando eu ganhei aí já, quando eu ganhei o lote.

- Quantos filhos a senhora tinha?

- Eu tenho cinco, só que um morava, ficou com o pai na Bahia.

- Ah tá.

- Então, comigo eu tinha quatro, o mais velho ficou lá.

- Entendi.

- Aí, eu tinha quatro.

- E isso foi, a senhora lembra o ano mais ou menos?

- É, do, eu acho, deixa eu ver... Tem vinte e um anos, então foi...

- 95?

- 95.

- Então, foi bem no começo do Recanto?

- Foi bem no início, né, ali na 204 ali, só tinha mesmo ali aquelas casinhas do início, a parte das 100, né. Aí, quando logo dos novatos moradores dali.

- E, assim, entre quando a senhora fez a inscrição e ganhar o lote, demorou muito ou foi rápido?

- Demorou uns três anos.

- Entendi.

- Demorou uns três anos.

- Porque eles dizem que um dos critérios pra ganhar era ter um tempo de Brasília?

- É, eu já tinha bastante tempo, eu cheguei em Brasília, eu tinha dezoito anos de idade, né. Então, eu já tinha bastante tempo morando em Brasília.

- Nessa época que a senhora foi morar lá na Ceilândia?

- É, eu vim, eu vim pra Brasília, eu tava com dezoito anos, fui morar na Ceilândia, aí de lá que eu ganhei aqui no Recanto. Aí, ganhei na 204, aí, trabalhava, só dava pra, pra comprar comida, na marra, pros meninos, não dava pra pagar, é, IPTU, as despesas dele. Aí, com o tempo, eu vendi lá, porque eu não tinha condições de construir. Aí, eu digo, "vou vender aqui e comprar mais embaixo já construído, né". Era mais fácil botar meus filhos debaixo de um teto. Aí, eles foi crescendo também, graças a Deus, uns foi tomando de conta da sua vida, que, que eu ajudo mais é essa aqui, né, a mãe da Mychelle mais do Maicon, porque é a que tem mais filhos. Aí, eu dei a prioridade pra ela ficar morando aqui, tem outro que tem só uma filhinha, já tem a casinha dele também, tem outro que mora de aluguel, tão espalhados por aí, mas eu não posso reclamar...

- Mas eles tão todos aqui em Brasília ou estão em cidades diferentes?

- Todos aqui, só tem um que tá em Minas, que é o caçula também que já tá casado, tá em Minas.

- Na mesma cidade da senhora?

- Tá, ele mora comigo mesmo, casou, mas não larga minha...

- Não sai da saia da mãe?

- Debaixo da saia não. E é assim.

- E a senhora lembra como era no começo quando a senhora chegou lá na 204?

- Ah, eu lembro, da 204, era cerrado, assim, tinham limpado, né, tinha aquele monte de pau ainda, era madeira pra todo o lado, queimado. Eles falam assim "ah, seu lote é aqui", mas você olha e não via nada, né. Então, era só estampado, "mas aonde?" Aí, tinha um fiscal que entregava a gente, media, tava tudo medido, né, "ó, é aqui, só que vocês tem que decifrar onde que é, vocês tem que marcar quando vocês voltar pra ocupar vocês sabem onde é". Porque tava as ruas, mas como a gente não conhecia o

lugar que era, não tinha nada, né? Então, a gente marcou. Aí, eu também não, por necessidade, é, ganhei como hoje a tarde lá no IDHAB e como amanhã já mudei, já fiz um barraco, passei dentro, já trouxe com tudo.

- No dia seguinte já ocupou?

- No dia seguinte, já ocupei. Aí, eu falei "eu preciso", né? Então, eu morava de favor, mas era assim, na parte das 100, lá onde era construído, tava bonitinho, mas depois quando começou a construção, foi muito sofrimento no início, como toda cidade no início, que não tem nada, é, água era no carro-pipa, né, quando chovia era lama pra todo canto, era sofrido, mas só em você saber que é seu, nossa, era gostoso. A gente, eu mesmo passei por aquilo, mas assim, eu venci naquelas, as dificuldades disso pra mim foi até uma maneira, pra mim foi bom. É, é, uma dificuldade que, pelo que eu já tinha passado, foi tipo um advertimento, já vencer na vida, mas sabia que eu tava sofrendo por uma coisa que era meu, né. Então, era bom, era assim, não era bonito, porque não tinha nada, mas logo logo também foi barraquinho prum lado, casa pro outro, pra outro e rapidinho o Recanto... Evoluiu.

- Levantou?

- Levantou, né, foi construído.

- E quantos anos a senhora passou lá na 204 antes de vender? A senhora tem ideia?

- Eu passei na 204, uns... Uns dez anos.

- Uns dez anos. E isso no barraquinho?

- No barraquinho.

- Que a senhora falou que não tinha condições de construir?

- No barraquinho. Aí, depois, veio um rapaz lá, um conhecido da gente lá da Samambaia, que ele propôs pra mim, que é ele fazer um barraco de fundo e fazer um ponto de supermercado na frente pra ele. Pra ele morar por cinco anos. Aí, eu trabalhava na casa de uma senhora, que ela trabalhava numa imobiliária, aí, ela falou "não, não faz com cinco anos que você perde, você perde o direito do seu lote, você faz com quatro". Aí, eu fiz, ele fez um barraquinho pra mim nos fundos e fez na frente. Aí, eu arrumei um casamento lá, o homem tinha pouco juízo, não gostava muito de trabalhar, só não era bandido, graças a Deus, mas... Ficava em casa mais com os meninos e eu ralando, o dinheiro não dava pra gente melhorar e tinha que fazer as coisas. Aí, eu decidi "não, vamos vender aqui e vamos pra lá". Não é que aqui é melhor, aqui, é bom também, em todo lugar que é seu é bom, né, mas todo mundo prefere morar no centro do que, né,

mais pro final. Mas graças a Deus, até hoje, nunca aconteceu nada de ruim com ninguém aqui também, graças a Deus.

- E na época que vocês venderam lá, foi na época que tava começando aqui as 500s?

- Não, já tinha.

- Já tinha? Tinha um tempo?

- Já tinha bastante tempo já.

- Entendi.

- Já tinha.

- Aí, vocês compraram essa casa aqui?

- É.

- Já tava mais ou menos assim ou vocês mexeram muito?

- Não, tava só, só no reboco, né. Aí, colocamos cerâmica, terminamos. Eu fiz esse barraquinho aqui do lado, que era pra ela, eu vim morar aqui com meus outros, que eu tava com dois meninos, né. Os outros tavam casados, eu tava com dois. Dois? O Gerson tinha casado? Tinha. Não. Eu tava com três.

(Neta) - Tinha.

- Tava com três. Era o Jonas.

(Neta) - Meu tio ia casar, né?

- É. Ele não tava casado ainda não. Aí, eu tava com três, minha menina com os menininhos dela, tinha uns três também. Aí, eu fiz aqui pra ela, na época, ela tava separada do pai deles, depois que voltaram de novo. Aí, eu fiz pra ela ali e fiz, ficava aqui. Aí, eu fui passear em Minas, aí, meu menino ficou aqui, casou, depois foi que ele comprou uma casinha dele. Aí, ela passou praqui, já tinha mais menino, né. Aí, ela passou praqui.

- E a senhora foi pra Minas por que?

- É, o pai do meu último menino mora lá. Ele é de lá, aliás, ele é de lá, mas ele tem treze anos nos Estados Unidos já. Foi pros Estados Unidos e até hoje não voltou. Só se for expulso de lá agora.

- Entendi.

- Aí, ele tá lá. Casou pra lá também, construiu outra família.

- Entendi.

- Eu também já casei pra cá, graças a Deus, tô realizada.

- E a senhora quando foi lá, conheceu lá, gostou de lá?

- Conheci lá e gostei e tô até hoje. Fui com uma mochila só com meu menininho pra ver minha ex-sogra, que ele já conhecia ela. Pra mim, ela é muito gente boa. Até hoje, é uma mãe, uma irmã, uma prima, uma amiga, tudo de bom na vida ela é pra mim. Aí, eu fui, cheguei lá, não, quando eu falo de vir embora, ela dana a chorar, o marido dela zanga com ela, porque ele diz "então, vai embora morar com a Arlete, você gosta mais da Arlete do que de mim". Aí, eu venho passear assim, ela fica doidinha, alguém tem que ficar lá pra ela não achar que eu não vou voltar.

- Entendi.

- Aí, eu fui passear lá e gostei. Lá é gostoso também. Só que vai indo com o tempo, a gente tem saudade de um lugarzinho da gente, né. Porque eu considero o Recanto, como meu, minha origem mesmo como se fosse daqui, porque eu sou baiana, mas eu já convivi mais tempo aqui do que na Bahia, né. Então, quando, eu tava falando com meu esposo na hora que nós vinha, quando eu entro no território de Brasília, já me sinto em casa. Eu falo "ah", já sinto "ah, parece que já tô em casa".

- Na Bahia, a senhora voltou depois disso?

- Voltei. Já voltei muitas vezes.

- Ainda tem família lá?

- Tenho.

- Aí, de vez em quando vai lá visitar?

- Inclusive, semana agora, quero ver se no próximo final de semana ou lá no outro dou um pulo lá. Tenho irmãos.

- Entendi, mas aí o lugar que a senhora entende como o lugar da senhora é aqui?

- É aqui. Aqui quando eu chego, eu tô em casa.

- Entendi. Tem as lembranças?

- Tem as lembranças.

- Tem os meninos perto?

- Os meninos, irmãos que moram por aí, primo, sobrinho, então...

(Neta) - Netos.

- Metade da Bahia mora por aqui, que é família, né, minha família é muito grande, nós somos em oito irmãos, né, e metade lá e metade aqui. Somos unidos, graças a Deus, somos unidos.

- E nesse processo de vir pra cá, sair da Bahia, que a senhora falou que não veio pra casa de parentes. Foi meio assim? Veio uns primeiro, depois iam vindo os outros e todo mundo se ajudando? Era mais ou menos isso?

- É, e, foi. Eu vim, fui pra casa de conhecidos, aí depois, eu fui, aí, trouxe minha mãe pra passear, depois trouxe minha irmã. Aí, minha irmã apaixonou por um cara aqui, casou, depois, ela voltou depois que casou, né. Veio, depois fui trazendo. Daí pra cá, os irmãos foram vindo, aí, foi vindo parente, os ajudantes vem pra casa da gente, porque não tem onde ficar, né, no início, vinha. Hoje não, já virou rotina, caminho de roça. Mas antes, eles vinham pra casa da gente. A gente dava uma força, né, até conseguir um emprego e se virando.

- Alguém mais fez inscrição, ganhou lote por aqui?

- Aqui mesmo, eu não conheço não, eu conheço na Samambaia. Aqui eu conheço assim, só o pessoal lá de cima mesmo da 204, foi onde eu convivi mais, lá eu conheço muitas pessoas, mas aqui... Aqui tem uma.

- A senhora fez amizade com os vizinhos lá, ou por aqui?

- É, eu sou fácil de fazer amizade, mas não sou muito fácil, muito difícil assim, eu converso com todo mundo, sou amiga, mas eu não sou de, de ir na casa da pessoa. A gente faz amizade, igual na 204, tem uma pessoa que nós super amigas, eu não, eu não conheço a cor da cerâmica da casa dela, se é na cerâmica, se não é, nem ela na minha. Assim, a gente, porque cidade grande igual nem é aqui, o dia-a-dia é muito corrido, aí, eu não tinha tempo. O tempo era trabalhar, sair cedo, chegava tarde, chegava, aquele monte de menino, eu tinha que fazer comida, eu tinha que fazer isso, fazer aquilo. Então, não tinha tempo. Aí, sobrava o que pra mim? Sobrava o domingo, finalzinho de sábado à tarde e o domingo pra arrumar a casa, pra arrumar as coisas dentro de casa. Então, não tinha tempo. Mas fiz, graças a Deus, tem muitas amizades. A amizade, a maioria das amizades justamente no caminho do trabalho. De casa pra parada, da parada pra casa, dentro do ônibus, né. Tem muita amizade, graças a Deus.

- E, assim, não sei se a senhora vai lembrar, mas a senhora acha que a maioria do pessoal que ganhou o lote naquela época da senhora continua por lá ou eles também foram vendendo?

- É, a maioria continua, mas teve muitos que venderam. Dos conhecidos que eu tenho, teve muitos que venderam, mas a maioria mesmo ainda tá.

- Entendi. E o que a senhora mais gostava aqui no Recanto? Qual era a coisa que a senhora achava, a senhora falou que gostava muito por ser seu, de ter, mas, assim, da qualidade do lugar, qual era a principal que a senhora achava?

- É, eu me sentia mais segura do que lá na Samambaia. Eu me sentia mais segura. Como até hoje, né, eu me sinto. Só que, assim, tem muitas coisas boas que eu gosto, o que eu

gostava mais também, principalmente, lá em cima, tudo era perto pra mim. Morava pertinho de tudo, era perto do colégio, era perto do mercado, era perto da parada, era perto de tudo.

- Ali tinha as coisas mais perto?

- É, lá, né, que eu morava na 204, já ficava, só tinha a 203 já, tinha faculdade de um lado, outra do outro, né, e supermercado, tudo.

- Banco?

- É, tudo, tudo.

- Toda essa parte ficava por ali?

- Ficava por ali mesmo, a gente não andava muito.

- Aqui na 500 é mais complicado?

- Aqui já é mais complicado, aqui já fica tudo mais distante, se a gente quiser ir numa loja, tem que ir lá, né, lá pro início lá.

- Ônibus aqui é mais difícil?

- Ônibus aqui é mais difícil, né. Tem uma avenida aqui, que se eles tivessem colocado, se eles colocassem o ônibus, ficava até perto pra gente, que essa aqui...

- Essa aqui? Passa aqui.

- Essa avenida aqui, até ficava, mas eles não colocaram. Parece que tem um ônibus aí por dia, que eu nem sei, nunca nem peguei. Aí então, a gente vai pegar lá na avenida do Supercei, é muito longe, pra gente descer à noite, finalzinho da tarde, é mais difícil, porque atravessa o cerrado, né, escuro. E lá tudo era mais perto, lá tudo era iluminado.

- Mas a senhora acha que a parte de segurança lá da 204 e daqui era igual? Ou aqui é mais difícil um pouco?

- É, pra mim, eu até falo que é igual. É porque, lá, é, por, eu acho que por ser no início, eu imagino assim, não sei, por ser no início, por ter mais, mais, as pessoas melhor, ter muita loja, mais loja, mais comércio, eu acho que as pessoas que, as pessoas ruins gostam mais de aproveitar do pessoal lá, né. As pessoas até mesmo trabalham, porque aqui, não sei, em todo lugar tem, né, mas assim, acho que até que nós, às vezes, do lado ou na frente ou talvez ali, só em ter, estar vendo você naquela luta ali todo dia, já passa a ter um conhecimento, que, às vezes, em vez de você ter medo da pessoa, às vezes até ele te ajuda, te protege de alguma forma. E lá num, lá num tem, lá eu fui perseguida umas duas vezes. Aqui, engraçado, né, já descii aqui nessa parada de ônibus onze horas da noite, não é questão de dizer assim, não é vantagem, não, é necessidade e, engraçado, eu nunca mexeram, não é que não tem, porque a gente vê todo dia ali, aqui, e que a

gente tem que fazer a parte da gente, né. E lá, eu via muito, na porta assim, era de dia, era, entendeu? Lá, eu achava.

- Alguma vez, a senhora chegou a ser assaltada mesmo?

- Não, fui perseguida, mas eu achei, eu tava perto de casa já e, eu tava a pé, o cara de carro, aí, eu, como eu conhecia os becos e as ruas, eu fiz que ia pra uma rua e travessei na outra e voltei, fiz uma manobra ali. Quando ele conseguiu me pegar de novo, me achar, eu já tava entrando no portão de casa, entendeu? Mas, graças a Deus, não cheguei a ser assaltada.

- E nem problema de arrombar casa?

- Não, não, nunca tive, nem lá, nem aqui, graças a Deus.

- A senhora falou, por exemplo, que lá em Samambaia saiu o lote, o mesmo para duas pessoas.

- Aham.

- Aí, a senhora preferiu esperar sair aqui.

- Eu preferi esperar sair aqui.

- Aí, quando saiu aqui, quando a senhora ocupou, a senhora já ocupou no outro dia...

- Imediato.

- Não deu problema?

- Não.

- Mas a senhora sabe de alguém que tomaram o lote da pessoa? Outra pessoa veio e invadiu?

- Conheço. Teve meu vizinho, inclusive, até, eu fui o pivô da confusão, porque quando a gente recebeu o lote, eles falavam assim "ó, vocês ocupa ou cerca, faz qualquer benefício, porque, se não ocupar com três meses, se outra pessoa invadir, com três meses, se não tiver ocupado, aí vocês perdem o direito". Só que teve gente, como a gente recebeu lá no IDHAB, a gente recebeu o documento, mas quando chegou, quem entregava o lote pra gente era um fiscal que ficava no local. Só que teve gente, assim, como o salão era muito grande, tinha muita gente, teve as pessoas que acho que tavam mais atrás, não entenderam direito. Aí, não veio. Recebeu o documento lá e foi embora e não morava aqui no DF, morava no Goiás, não sei se era em Planaltina de Goiás, era algum lugar assim. E teve um casal que recebeu o lote e foi embora. Aí, teve um conhecido que invadiu o lote deles, é até cobrador de ônibus, invadiu, tinha, ele tinha na época três menininhos, que hoje já tá um homem e uma mulher, ele invadiu. Isso aí o, foi assim, aí, o cara com seis meses apareceu, só que ainda tinha muitos lotes pra

entregar, o cara ainda tava, o fiscal ainda tava. Aí, o fiscal falou que ele tinha perdido o direito, não podia entregar mais. Aí, como meus meninos eram pequenininhos, ele fez amizade, que eu morava perto da esquina e aonde ele ficava tinha um restaurantezinho, montado pra servir as pessoas, né, e ele ficava lá, então, ele pegou amizade com os meus meninos, ele brincava muito com os meus meninos, ajudava. Aí, na época, no dia, eles foram lá e eu perguntei se eles tinham assinado, botado, o fiscal tinha assinado no documento deles. "Não, não tem que assinar", falei "tem que assinar, se não assinar, você não pode dar pra nada, vamos lá". Aí, eu perguntei, ele falou "não, você perdeu o direito". "Ô moço, não faz isso não, pelo amor de Deus, não faz isso comigo não". "Não, uai, o prazo, o prazo máximo é noventa dias, já tá em seis meses, você perdeu". Aí, o homem começou a chorar. Aí, eu falei "não, moço, entrega o lote pra ele. É pai de família também, não sabia". Aí, eu entendi o lado dele, porque lá no dia ele não entendeu direito, né. Ele olhou assim e falou assim "ó, você agradece né o Roriz não, vai é agradecer é ela, viu. E é por causa desses menininhos".

- Aí ele sensibilizou?

- Aí, ele sensibilizou, que eu pedi, ele falou "ó, você agradeça o Roriz não, você agradeça ela aqui". Aí, ele assinou pra ele. Aí, ele falou assim "a senhora aceita eu cercar o meu lote pegando o lote da senhora?" Eu falei "aceito", porque, na época, nós cercamos de arame, não tínhamos condições, né, o importante era estar sinalizado. Aí, ele cercou, o dele lá junto com o meu. Aí, botamos um portãozinho, só tinha um portãozinho, era um portão só, só a entrada. Aí, ele ficou, ele aliás vendeu o lote, mas não veio avisar que tinha vendido, quando ele chegou tava invadido, o cara invadiu. Ah, e já tinha mais de ano. Aí, o cara invadiu. Quando ele chegou, aí, ele vendeu prum policial, o policial até hoje mora lá. Aí, o policial chegou nele, viu invadido, nervoso, achou assim "já era, perdi", aí, ficou nervoso, queria matar o cara. O cara tava abrindo a cisterna, a fossa lá, aí, ele falou "vou te matar, aí, aí, vai ser sua cova vai ser aí dentro mesmo". E aí, eu sei que foi uma confusão danada. Aí, depois, eu falei "o que que eu vou fazer?" Aí, o cara mal-educado, a namo, a irmã do cara veio me xingando achando que eu era mulher do cara que tinha invadido. Aí, eu sou boazinha, mas também fiquei nervosa na hora. Eu falei "ó, antes de você começar a agredir as pessoas, você tem que saber quem são". Aí, ela foi, ela, altona né, aí eu naniquinha, acho que ela pensou "ah, essa aqui é fácil deu dar uma, uma gravata nela, aí, é rapidinho ela tá no chão". Eu falei "não, minha filha, não é assim não". Aí, peguei no braço da mulher do cara, a mulher chorando, eu falei "vamo ali". Aí, fui ver se tinha um posto policial, da civil, embaixo,

fui lá. Aí, eles falaram "não, ele não pode fazer isso. Por lei, ele até já perdeu o direito do lote, mas vamos conversar". Eu digo "não, é porque eles tão muito nervosos lá, eu tô com medo dele matar alguém". Aí, falei "não". Aí, quando eu cheguei, ele tinha ido embora, aí falou "ó, vou dar cinco minutos pra você sair", e tava na hora do cara trabalhar e ele não matava serviço. Ele tomou banho, quando ele tá saindo no portão, menino, apareceu umas quatro viaturas da, militar assim, parecia que ia vinha pegar um marginal mais, né.

- Nossa.

- De metralhadora na mão, ele foi entrando e botou a arma no peito dele assim, na hora que ele ia saindo, e escorou ele pra dentro. Aí, eu falei "ó, você tá errado. Eu não te convidei pra você entrar aqui não. Isso aqui me pertence, isso aqui não te pertence". Aí, ele falou "uai", aí, olhou pro cara "ué, o que você tá fazendo? Isso aqui não é dele?" Eu falei "não! Dele é lote pra lá, moço. É só você medir a distância aí, tem a divisa aí, você tá no que é meu e você tá errado". Aí, o outro bateu na mão dele, "vamos sair". Aí, saíram, discutiram lá e tal. Aí, acertaram depois. Aí, ele pagou, aí, depois, ele veio com calma, aí, pagou aluguel pro cara, levou ele e tal. Aí, eu fui falar, conversar com ele. Aí, ele ficou com medo, queria ir embora na hora, ficou com medo. Digo "não, meu filho, não é assim não, você vai largar suas coisas aí? Num é, num é certo invadir, num é certo. Mas não invadiu por grandeza, invadiu por necessidade, né? Mas, o que acontece, espera. Espera ver o que a justiça vai fazer. Não é que você quer, vai querer nada dele. Mas tem que ter um tempo pra você tirar seus filhos daí, tirar suas coisas", que ele construiu um barraquinho de madeirite e tudo. "Tirar suas coisas". Aí, ele arrumou o aluguel, o cara, no outro dia, já veio com sangue-frio, conversado, né. Aí, arrumou, pagou o aluguel pra ele três meses e fez a mudança dele. Aí, também ele deu azar, tadinho, que até hoje eles não receberam não. O deles eles não conseguiram receber, até hoje.

- Entendi.

- E eles moram na Ceilândia.

- E esse policial militar tá lá até hoje?

- Ta lá até hoje. Mas também daí pra cá, num, meu menino brincando um dia, ele xingou o meu menino e eu tava trabalhando, cheguei de sangue quente. Meu menino falou que ele tinha chamado ele de filha da puta. "Ah, mãe, o policial me chamou de filha da puta". Falei "que?" Aí, meu menino falando baixinho, né, ele olhou, tava até carregando uns tijolos, aí, eu falei "não", ainda falei besteira, com sangue quente, falei

"não, meu filho, ele não é filho de puta não, que ele não, você não é filho de puta não, que você não é filho da mãe dele não". Ainda xinguei a coitada da mulher, que não tem nada haver. Aí, falei, pensei, ele olhou assim e entrou pra dentro, falei "foi pegar o revólver". Eu botei os meninos tudo embaixo da cama. Falei "meus filhos, ó, ele vai matar a mamãe, vocês ficam quietinhos aí, depois que ele for embora, vocês saem pra fora e correm lá pra casa da Maria". Que a Maria é a outra avó da Yara, né.

- Aham. Que as famílias eram amigas já?

- Já. Quando nós mudamos pra lá, nós começamos a amizade. Foi a primeira amizade foi ela. Nós éramos de fundo uma com a outra. E os filhos, menininhos, tudo de um tamanho só e todo mundo batalhando, né, pra sobreviver, aí, ficamos amigos. Aí, se tornamos uma família só. Aí, engraçado, ele também não falou mais nada não. Depois, ele, um dia, ele foi lá, aí pediu se podia passar por dentro pra rebocar, eu falei "não, à vontade, pode passar". Também não tivemos mais atritos não, engraçado, né, num recupera.

- Nunca virou amigo, mas não ficou...

- É, mas também, é.

- Entendi.

- E, assim, a vida da baiana sempre foi, a história de Recanto pra mim foi boa, graças a Deus. É boa.

- Por exemplo, tem essa história, tem a família da Maria que juntou com a de vocês.

- Da Maria, que juntou com a nossa, se tornou uma só.

- A Valéria tava me contando que eles eram crianças, que brincavam junto...

- Brincavam junto. Aham.

- Um puxava o cabelo do outro e tal, mas quando cresceu, né.

- Quando cresceu...

- Se enamoraram um do outro.

- É. Verdade.

- É, isso, de coisa, isso acaba virando história boa pra contar, né?

- Com certeza.

- E, assim, de coisa que faltava, por exemplo, a senhora falou que não tinha água, que era caminhão-pipa.

- Caminhão-pipa.

- Asfalto demorou muito?

- Demorou, bastante tempo.

- Luz?
- Não, a luz foi mais rápida. A luz até que foi rápida.
- Foi a primeira coisa que teve?
- Foi a primeira coisa que eles providenciaram foi a luz.
- Escritura? A senhora chegou a ter escritura?
- Não.
- Passou foi aquele direito de compra e venda?
- Isso.
- Entendi. Comércio já tinha?
- Já tinha.
- Que era ali perto? A escola já tinha por ali?
- Tinha, tinha, tinha uma escola na 101, acho que é 101, bem de frente.
- Porque hoje em dia tem uma escola ali mais perto, né?
- É aquela mesma. Hoje em dia tem uma mais perto, antes tinha.
- Acho que é o 206...
- 206?
- (Neta) - 102...
- É o 102, né Mara? Que é de frente, aí? Onde eles primeiro estudaram foi ali. Aliás, a Valéria mais o Jóbson continuaram estudando na Samambaia assim por um bom tempo.
- Ela me falou isso, que eles iam de ônibus pra Samambaia pra estudar.
- É, eles iam de ônibus. Era. Aí, até chegar o tempo da inscrição, né, pra eles não perderem o final de ano. Aí, eu.
- E nessa época nem tinha ajuda do governo pra passagem.
- Pra nada.
- Pra nada?
- Não tinha nem do marido, que era onde podia, eles não tinha, não tinha era nada. Os bichinhos sofriam, tadinhos. E eles iam, não tinha dinheiro pra passagem, que eles já pagavam, aí, tinha que ser humilhado, porque tinha os motoristas que entendiam, tinha outros que não. Chegavam atrasados no colégio, porque, às vezes, o motorista não levava, quando o outro passava e levava, já né.
- Entendi.
- E eu não tinha dinheiro pra pagar passagem pra eles, foi sofrimento.
- E a senhora ia trabalhar todo dia e os meninos ficavam?

- Ficavam. Uns cuidavam. Um cuidando do outro. O maior, o menor cuidando do maior, porque cada um era menor que o outro.
- Mas no fim deu tudo certo?
- Deu tudo certo, graças a Deus. Ela e o meu outro menino são evangélicos, graças a Deus, é uma alegria muito grande pros pais, né. Os outros, tem dois, os outros três não é, netas também, graças a Deus, nenhum chegou a usar porcaria, até hoje, graças a Deus e Deus há de permitir que daqui pra frente como já tão.
- Todos pessoas boas? Construíram família?
- Construíram família.
- Quantos netos a senhora tem hoje em dia?
- Nove.
- Nove? Nove netos é um família boa já?
- Já tá né. E é porque só tem, só tenho, eu sou mãe de cinco, né. Só três tem filho ainda, dois ainda falta começar a produzir. Quando todos tiverem filho, eu acho que eu vou ganhar uns vinte, por aí, né, minha esperança é de eu alcançar ao menos um bisneto, por aí.
- Eu sou de uma família, eu tenho vinte e sete primos de um lado e vinte e cinco do outro. Então, eu tenho primo assim...
- Ah, eu também. Se eu for contar os primos, dá bastante. Dá demais.
- Eu sou de duas famílias grande também.
- A minha também é.
- Aí, juntava todo mundo, era uma farra só.
- Uma farra só, né.
- E, geralmente, na casa da avó. Uma coisa que eu falo pra eles, que eu faço o trabalho de entrevistar as avós, porque eu falo pra esses meninos, a coisa melhor do mundo que tem é vó, né.
- É gostoso vó, né?
- Às vezes, a gente tem uma relação muito boa com o pai e a mãe da gente, mas o pai e a mãe tem que dar bronca. Vô e vó podem aproveitar mais.
- Pode passar a mão na cabeça, né.
- Pois é.
- Engraçado, né.
- Hoje, que a senhora já foi pra outra cidade, mas volta aqui bastante, o que a senhora acha que ainda precisa melhorar mais no Recanto?

- No Recanto? É, segurança, né, primeiro. E... Eu acho que de urgentemente, saúde, segurança, né. É, a educação também, a gente sempre precisa, não vai dizer que não, porque cada vez mais, melhor. Mas, as coisas invés de tarem melhorando, às vezes até tá dificultando, né, piorando pra gente, tá saindo mais difícil a gente cuidar dos filhos da gente, porque neto é filho, duas vezes, né, então, a gente preocupa muito. Eu, no meu ponto de vista, assim, segurança. Segurança tem que melhorar bastante pra gente, porque é uma, vai ajudar muito, ajuda, a segurança ajuda até na educação dos filhos da gente, né, então, eu acho que é mais.
- Nessa época que a senhora foi lá pra 204, a Maria, a outra avó dos meninos, me falou que eles chegaram a ir pra uma invasão, que tinha na época na 405.
- Ele foram. É. Eles moravam na invasão.
- Mas que eles ganharam, que o lote deles saiu, não foi pela invasão.
- Não.
- Foi porque eles tavam sem, foram pra lá.
- Porque já tinha, eles já tinham a inscrição.
- Logo depois, saiu e eles já foram lá pra 204.
- Já tavam lá perto.
- A senhora lembra dessa invasão?
- Lembro.
- Da 405?
- Eu lembro, quando eu cheguei lá ainda tinha essa invasão ainda lá. Inclusive até o pai da Valéria, o vô deles, morou na invasão.
- Chegou a morar na invasão? Algumas pessoas me contaram que uma parte desse pessoal que tava na invasão veio aqui pras 500s...
- Isso.
- E uma parte foi pras 800s, 804, aquela parte ali de cima.
- É, realmente.
- Mas a senhora lembra, na época de ter problema desse pessoal da invasão?
- É, a gente sempre ouvia falar, acontecia com vizinho próximo, mas comigo mesmo, nunca aconteceu, né. Às vezes, eu ouvia falar "ah, aconteceu isso, pessoal da invasão invadiu ali a casa de fulano, beltrano", né, então, foi muito assim, era muito agitado. Mas, graças a Deus, comigo nunca teve nada. Eles também nem tinham coragem de entrar lá, porque se eles entrassem lá era pra ficar com dó e me ajudar, né.
- Não tinha o que levar?

- Porque não tinha o que levar, era só aquele barraquinho de madeirite, então, ia entrar ali pra que? Ia perturbar o que, né? Eu penso assim. Graças a Deus, nunca tive problema assim, de, às vezes, menino, criança, criança também, né, andam, aí, essas coisas, acontecer alguma coisa de errado. Graças a Deus, não.

- Algum problema assim, por exemplo, de precisar de médico, essas coisas, nunca teve ou teve?

- Deus é muito bom pra mim. Acho que eu costumo falar assim, eu acho que eu nem mereço tanto, porque, sem mentira nenhuma, por esse solzinho que tá iluminando, meus filhos não precisaram de médico e viviam assim ó, eram criados pelo tempo. Porque eu saía pra trabalhar, hoje em dia, você ver, a gente tá aqui, toda hora tá "entra pra dentro, fecha o portão, entra pra dentro", e lá não tinha portão, a gente morava num barraquinho de dois cômodos, né, e eles moravam é na rua, ali, no meio da rua, porque não tinha, onde sair de dentro do barraquinho era rua, né. Então, eu saía pra trabalhar, deixava uma criança de oito cuidando dos outros de até dois anos, até um ano e meio de idade, né. O de oito cuidando de uma de sete, que era, de seis, que era Valéria, que era uma pimenta malagueta, e mais um de três anos pra quatro e um de um ano e meio e ele é quem cuidava.

- O de oito que olhava todos?

- Criança de oito anos. Tanto é que eu saía pra trabalhar, às vezes, eu deixava a sopinha prontinha, o horário na televisão, que era o horário da comida, o menino e tal. Eles eram tão criança, que iam brincar e não davam comida pro menino, ele só dava banana, aí, teve anemia, deu problema assim, porque deu anemia, mas eu levei no médico, aí, "não, é falta de alimentação", aí, tive que parar de trabalhar, saí do emprego, fazia um bico de vez em quando, né? E fui levando assim. Mas aí, graças a Deus, a única dificuldade que, a única doença que apareceu foi essa mesma e daí pra cá, mais nada.

- E a senhora sempre trabalhou em casa de família?

- Sempre trabalhei em casa de família. Só teve uma firma que eu trabalhei durante quatro anos só, aí abriu falência, tive que sair. Mas o resto foi tudo casa de família.

- Era como diarista ou era como empregada doméstica?

- Não, eu trabalhava como mensal mesmo, como doméstica, e de vez em quando, eu trabalhava como diarista. Meu cunhado mora em Samambaia mais minha irmã, de vez em quando ele arrumava uma faxina pra mim fazer, "ô cunhadinha, arrumei uma faxina pra você, você quer?" "Quero". "Tem o dinheiro pra vir? Chega lá, você fez, a patroa te dá o dinheiro pra você voltar, porque você terminou, ela já te paga". Falei "tenho não,

mas eu arrumo". Aí, corria no vizinho, tomava emprestado e ia e não sabia nem pra que rumo ficava, ele só falava assim "pega o ônibus tal, tal, você desce na quadra tal, tal". Ali, eu pegava, procurava o cobrador, descia e ia procurando o endereço até que chegava.

- Então, a senhora trabalhou em Samambaia?

- Trabalhei, eu trabalhava mais pro lado do Plano.

- Pro lado do Plano?

- É. Taguatinga, eu trabalhei pouco também, Samambaia não trabalhei não, trabalhei mais fora assim, porque trabalhava pra eles, que sempre trabalhou pra ele, a irmã dele, trabalhava pra lá, então, os conhecidos quando queriam faxina, eles arrumavam pra mim. E fui levando assim.

- E os meninos sempre estudaram? Ou depois que eles cresceram começaram a trabalhar pra ajudar a senhora?

- Não, sempre estudaram. É. A Valéria é a que menos estudou, porque quando, engravidou muito cedo, né, saía pra ir pro colégio, mas ela fazia outras coisas ao invés de estudar, né? E aí, como eu ia saber, né? Não tinha como. Aí, ela engravidou, parou de estudar. Aí, uns dois anos pra cá, tá botando na cabeça.

- Tá estudando de novo.

- Tá estudando. Tá ali trancada no quarto.

- Ela falou.

- Disse que só um furacão ia tirar ela de lá. Ela "não, mãe", ela atendeu você?

- Uhum. Ela veio aqui falar comigo. E no dia da outra entrevista, como ela foi me levar lá na 204 e depois eu vim deixar ela aqui, a gente conversou bastante também.

- Aí, graças a Deus, eu tenho muito orgulho dos meus filhos, graças a Deus. Agradeço a Deus todo dia.

- Eu conheço mais dos meninos, eu conheço o Maicon e a Yara, porque fui professor deles ano passado. A Yara é um fenômeno de inteligente, né. Ano passado, elachegou, acho que ela tava viajando no começo do ano.

- É, ela tava lá comigo.

- Aí, ela ainda perdeu, acho que uns dez dias de aula no começo, depois, chegou como se não tivesse perdido nada, sabia de tudo, correu e tal. O Maicon, de vez em quando dá umas preguiças no Maicon, que aí ele não rende tanto. Mas aí, como a irmã ajuda, ele vai bem. E os dois do coração muito bom, isso a gente percebe rápido.

- Só, ela, acho que ela, ela não te responde não?

- Nenhum dos dois, assim, de problema de comportamento, nenhum dos dois nunca teve não. Eu até dei uma bronca neles no começo do ano passado, justamente por causa desse trabalho. Porque quando eles foram fazer o trabalho, os dois fizeram o mesmo trabalho.

- Ah, você não imagina o trabalho que deu eles fazerem aquele trabalho. E a briga que deu aquilo.

- Aí, eu dei zero pros dois. Falei que não queria trabalho copiado, que era pra cada um fazer o seu. Aí, depois, a Valéria já me contou, depois a Yara fez de novo. Mas aí, o Maicon ficou com a nota dele e ela ficou com a nota dela, porque eu corrigi. Eu falo pra eles, "eu prefiro que você faça o pior trabalho do mundo, mas é seu, do que você copiar o do outro, porque aí não foi você que fez". Mas, no fim, os dois fizeram.

- E deu tudo certo.

- A turma deles era uma turma muito boa, eu gostava muito deles, então, sempre rendeu muito bem. Eu falo pra eles também, assim, que a gente vê muita diferença da família, quando a família acompanha os meninos, se preocupa, dá atenção...

- Dá atenção.

- Quando você sabe que eles chegam em casa, alguém cobra deles, conversa com eles. Dos meninos que não tem uma assessoria, não tem uma preocupação. Então, eles a gente via rápido que a família tava presente, se preocupava com eles. Porque eles eram duas pessoas, duas amizades boas. Porque às vezes, você também tem lá na escola, o menino que é bom, mas tem umas amizades suspeitas, que vão desencaminhando os meninos. Então, eles nunca deram nenhum problema, sempre foram uns meninos muito bons. Deixa eu perguntar mais uma coisa pra senhora, isso eu pergunto pra todo mundo. Como a senhora chegou bem no começo aqui, a senhora falou que ainda era bem cerrado quando a senhora chegou lá. A senhora chegou a ver ema aqui no Recanto das Emas alguma vez?

- Não.

- Nunca viu ema?

- Vixe, meus meninos viram.

- Viram?

- Mas eu não vi. Porque eles brincaram, brincavam, nós pegávamos lenha, como não tinha... Não tinha energia, aí, a gente fazia igual lá na Bahia. Pegava lenha ali na beira daquela BR, naqueles eucaliptos ali, ali eles cortaram, muita árvore, pra limpar, né, e ficou aqueles galhos assim. Aí, todo dia, a gente pegava. Aí, um dia, eles foram pegar,

mas eu não fui, aí, chegaram gritando e rindo, que tinham visto a ema. Eu não vi. Mas eles que viram, porque saíram correndo dizendo que tinha visto, mas eu não cheguei a ver não.

- A maioria das pessoas que eu entrevistei disse que nunca viu.

- Eu nunca vi não.

- Só viram as estátuas das emas que tem lá no balão.

- Eles dizem que viram.

- Mas algumas pessoas que eu entrevistei desde o começo disseram que chegaram a ver as emas. Que nessa época tinha mais cerrado.

- Tinha, tinha bastante cerrado. Não tinha ali no Riacho Fundo, ali aquela frente, ali não tinha casa, né, era tudo cheio de cerrado.

- Mas depois cresceu muito.

- Cresceu, né, aí sumiu tudo.

- Como tem esse nome de Recanto das Emas, fica essa história de emas.

- É, da emas.

- Tem uma pessoa que me fala que tinha até um criatório, um sítio que criava emas aqui, mas só uma pessoa que fala isso, as outras falam que era solta no cerrado mesmo.

- Aí, eu não sei. O que eu vi, assim, tinha uma, acho que tinha uma Só Frango, que eu acho que até hoje ainda tem, né, aqui pra baixo assim algumas casinhas. Na época, tinha mais, eles derrubaram muito pra esse negócio do, justamente por causa do pessoal da invasão. Eles fizeram muita casa pra lá e teve muito, eles limpavam aquele negócio que tava abandonado já, né. Aí, eles, tinha, tinha abatedor de frango, parece, pra lá, não sei, tinha negócio da Só Frango.

- O pessoal me falou até que ia buscar água lá.

- Tinha.

- Que, às vezes, aproveitava que tava abandonado, mas...

- Tinha mesmo. É. Tinha muita casa. E eu falava até assim "uai, podia ter dado uma dessa pra mim morar".

- Já tava mais estruturado?

- É, já tava, uai, já tava prontinha.

- Geralmente, eu pergunto pras pessoas o que gostaria de fazer na casa. A senhora já não tá morando aqui, mas a senhora tem planos de voltar pra cá?

- Eu tenho, nem sei se eu ainda vou voltar pra lá. Eu tenho, eu venho embora, porque lá também as coisas tão, tão difíceis, ficou mais difícil, né. E meu filho também já cresceu,

já casou e eu sou muito, assim, família. Aí, eu quero ficar perto da minha filhota e dos meus netos.

- Então, a ideia da senhora é voltar pra cá?

- É voltar pra cá.

- E aqui na casa, o que a senhora gostaria de fazer ainda?

- Meu sonho, o meu sonho, é, fazer uma estrutura nela aqui, fazer igual a ela, como se tem que botar uns tubolões, bater uma laje, fazer uns quartos lá em cima, porque é muito menino. E, mesmo que não seja eu aqui, mas eu tenho esse sonho de fazer isso.

- Não sei se a senhora vai lembrar, mas algumas pessoas me falaram que bem no comecinho, quando elas ganharam o lote, que elas também receberam uma planta, de como era pra construir no lote. Que era um modelo...

- Um modelo?

- De como era pra ser a casa.

- É, eu não recebi não.

- Até quem me disse que lembra falou que "não deu pra eu construir desse jeito, porque na época só deu pra fazer um barraquinho e tudo mais", mas tanto tem pessoa que me falou que "não, eu recebi", e gente que falou "não, não ganhei nada".

- Mas, é, agora que você falou, eu tô lembrando. Quem quisesse, tinha mesmo, quem quisesse pegava na Administração, que ficava lá embaixo no cerrado. Na parte de baixo, da 203. Pegava lá e... E, acho que, pagava uma quantidade, eu acho que sim, eu não sei bem, mas pegava lá pra construir. Eu nunca peguei, porque eu não tinha condições de construir. Se eu tivesse, eu tinha pego também.

- Mas a senhora tem lembrança de alguém ter pego isso?

- Não, não tenho. Se tinha alguém, porque os que eu conheço, todo mundo fez assim, barraquinho, igual aqui, fez por conta própria, igual a Maria lá, começou fazendo o barraquinho, foi crescendo aos poucos, aí, fez a casinha, mas fez sem planta mesmo. O único que, o meu vizinho, que era o meu vizinho mesmo, fez, que tem uma casa de andar, não sei se você percebeu, que tem uma casa nos fundos de andar?

- Acha que eu lembro de uma casa maior.

- É. Colado assim um pouco. Minha casa é encostada naquela maior, pro lado de lá. Só que ele, ele mesmo fez a planta, porque trabalha com isso, né, ele mesmo fez isso pra ele. Não, porque, então, planta assim, não conheço ninguém que fez.

- A Administração dava alguma ajuda nessa época?

- Na época, a única coisa que eles davam pra gente era sopa e verdura. Tinha o dia, igual, de vez em quando, hoje, não sei se ainda tá dando aqui, mas o ano passado quando eu vim, dava. Esse pessoal dava sopa pronta, né, pro pessoal. É a única ajuda que eles davam lá era essa.

- Entendi. Mas tinha que ir lá na Administração?

- Tinha que ir na Administração.

- Porque ela é meio lá, ela é bem lá...

- Lá pro... Pelo...

- Naquelas chácaras lá embaixo.

- Tinha gente, que o CRAS, acho que era o CRAS, que dava, que eles davam umas cestas, mas? Davam. No natal mesmo eles davam. Eu ganhei uma no natal. Mas, eles, dizem que eles davam, mas eu corri muito atrás, nunca consegui. Ficavam em fila, fazia ficha e lá, senha aqui, senha ali, senha. Igual a Valéria, Valéria fez inscrição daqui, do lote pra ela, nunca conseguiu ganhar nada, né. Igual o Bolsa Família, eu, na minha opinião, ela poderia estar ganhando. Hoje não, o marido dela tá trabalhando, mas a fa, a despesa é grande. Mas e quando ela tava sozinha? Né? E senta ali, nunca deu certo dela receber. Eu recebia, o meu Bolsa Família, eu recebia, tanto é que meu, o meu, eu dei o cartão pra ela, porque eu ficava com dó dela, que eu passei o meu cartão pra ela, porque eu ficava com dó dela, que eu passei meu cartão pra ela por causa dos meninos. Até que venceu, né, meu menino cresceu, ficou de maior, aí, venceu. Aí, eu falo com ela, mas tempo atrás, ela corre igual eu antes, na época, eu corria atrás de uma cesta, corria, corria, mas nunca ganhei. Não ganhava nada.

- A senhora ganhou o lote na época do Roriz ainda?

- Uhum.

- A senhora acha que tem alguma diferença dos governos? Que algum governo foi melhor ou que era tudo igual?

- Olha, hoje, tá meio assim, não tá tão fácil eu responder essa pergunta, porque por eu não estar convivendo aqui, né, não tô morando aqui no dia-a-dia, não tá muito, não tô muito por dentro.

- Eu digo da época, por exemplo, os dez anos que a senhora passou na 204, pegou uma época do Roriz? Acho que a senhora deve ter pego uma época do Cristovam, depois voltou uma época do Roriz de novo?

- Outro de novo.

- A senhora vê diferença?

- Eu convivi com o Roriz e o Cristovam. O Cristovam, eu gostei do governo dele também. O de hoje, eu já acho, pras pessoas humildes, tá mais difícil. Porque antes, se bem eu não posso nem, que, isso aí eu não posso te garantir, porque eu não sei como é que tá a correria das pessoas aqui, como, se corre atrás e se ganha, né? Se eles ganham ou não. Eu, eu te falo, eu tive pouca, mas, eu tive pouca não, graças a Deus, a maior ajuda que eu tive foi ganhar o lote, porque eu tinha muita dificuldade com meus filhos, né, mas ajuda assim, eu não tinha sorte pra ganhar. Minha maior sorte, graças a Deus, foi eu ter recebido o lote, porque hoje eu não sei onde taria com eles. Aonde que a gente ia tar na Bahia, passando necessidade mais do que aqui, porque aqui é difícil. Cidade grande é difícil? É! Mas se a pessoa tem disposição pra trabalhar, quer vencer na vida, ela vai ali, na sua casa, bate sua porta, "me dá sua roupa pra mim lavar, moço, você me dá um prato de comida ali pro meu filho", mesmo que você não queira dar, mas quando fala que é pra dar a comida, seu coração amolece na hora, cê vai lá e dá na hora, "tudo bem". Agora, lá no sertão é difícil, então, assim, foi muito bom, agora, a questão de eu ganhar alguma coisa assim.

- Qual a cidade que a senhora veio da Bahia?

- Pilão Arcado.

- Pilão Arcado. Fica onde mais ou menos? Perto do que?

- Fica, perto de Pernambuco já.

- Ah, já é bem pro norte da Bahia?

- Lá pro norte da Bahia, lá bem no sertãozinho mesmo, lá perto de Petrolina.

- E a vida lá era muito difícil?

- Era. Como era. Lá era difícil demais. Hoje não, hoje já tá fácil em todo canto já tá mais fácil. Não é que é fácil, porque a vida da gente. E eu acho assim, a vida da gente, a gente tem que fazer também, Deus "faz por onde que eu te ajudarei", e a gente tem que correr atrás, tem que sofrer, tem que passar por sofrimento pra poder dar valor à vida. Que a gente vem, tudo que vem fácil, a gente não dá valor, não sabe nada. Mas no sertão é o bicho.

- Era vida na roça?

- Na roça. Eu, só pra você ter uma ideia, eu fui criada com os outros, meu tio, na casa de outro, por que? Porque na casa do meu tio, eu comia todo dia, na casa do meu pai, eu não tinha comida todo dia. Então, era muito difícil. Muito difícil, criança assim.

- Escola também não tinha?

- Escola? Menino, eu chorava pra ir pra escola. Era tão difícil, que eu, só pra você ter ideia, eu mãe, separada, que eu separei lá, minha vida foi muito complicada, né, foi muito difícil minha vida lá. E quando eu cheguei em Brasília, eu tinha dezoito anos, já mãe de dois filhos, separada. Eu não, eu morava atrás de um colégio, quando eu via o pessoal saindo do colégio, eu ficava doida pra estudar, mas eu pensava que só quem podia estudar ali quem tinha dinheiro. Eu não tinha ninguém pra me instruir, falar assim "não", isso aí, eu comentava assim com, até com a tia dela, que eu vim pra casa da tia dela. Aí, falava "nossa, é tão bom estudar, né". Ah, se ela falasse assim "não, Arlete, você pode estudar", eu tinha corrido atrás, mas eu ficava todo dia, eu ficava olhando aquele pessoal saindo do colégio, com uma vontade de ir pro colégio, que eu gostava de estudar. Eu não aprendi muito não, mas o pouquinho que eu aprendi, a professora, eu não tinha idade mais, porque lá no sertão, só estudava de sete a dez anos. Aí, eu com dez anos, eu fui pra casa do meu tio, eu queria estudar, mas eu não tinha mais idade. A cunhada dele me botava num cantinho, só porque eu ficava, diz ela que ficava com dó de mim, porque eu queria estudar, e o pouquinho que eu aprendi, foi porque ela me ensinou assim, me botou lá no cantinho e o resto quem me ensinou foi a vida.

- É, eu falo pra esses meninos, às vezes, porque tem muitos que não dão valor à escola aqui perto.

- É. Eles aqui são testemunhas também, eu contei, eu conto, às vezes, eu conto, não a minha história toda, que nem a minha filha não sabe da minha vida, minha história ainda toda, como que, o que eu passei na vida, nem ela, nem minhas irmãs, né. A minha vida foi muito sofrida. E eu pego a parte que eu posso contar pra eles hoje, ainda são crianças, eu conto pra, assim "meu filho, abra a mente. Ó, a vovó falou que passou por isso, por isso, por isso, entendeu? Assim, eu faço de tudo, fiz de tudo e faço se precisar pra não ver vocês passarem pelo que eu passei, né. Não ver sua mãe passar com vocês pelo que eu passei com ela, se, fo, um, né, aquele desespero, graças a Deus só nunca roubei, nem pedia também. Era ali, sofria e chorava, no outro dia, eu botava o joelho no chão, no outro dia, aparecia uma faxina, eu corria lá e fazia e fui vencendo. Mas, eu falo pra eles, eu dou, eu falo pra eles, tudo que é exemplo na vida que vocês quiserem, eu não dou de fulano, de beltrano ou da televisão não. Vocês me perguntem, que eu dou de mim mesma, de bom e de ruim, eu dou exemplo de mim pra vocês. Aí, pego eles, converso, converso. Esse aqui. Eles são assim danadinhos, mas é muito emotivos. Aí, fica, aí fica com dó, "é mesmo, né vó?" "É, meu filho, você tem tudo na mão, aproveita, é a única coisa que vocês podem adquirir que ninguém toma de vocês, né. Então, vovó

não teve oportunidade de estudar, a sua mãe também não teve, por que? Porque sem juízo, mas ainda tá em tempo, ainda tá, né, correndo a, começou a correr atrás, porque viu que é prejuízo. Então, toma o exemplo, né. Se fosse bom ficar sem estudar, sua mãe não tava correndo atrás, que ela já sabe o que é bom, o que é ruim. Então, vai. Mãe nenhuma quer o mal pro filho. Então, ó, vai, faz o que que a mamãe falar, mais o papai falar, faz o que a vovó fala, que vocês, pra frente, você vão agradecer. A gente ensina, a gente conversa, eu converso muito com eles, quando eu chego aqui. Eu vejo eles brigando, eu choro, que eu não, eu não, nós não brigávamos mais meus irmãos, nós não brigava, né. Eu falo com eles, "eu não quero ver vocês brigando. Eu não gosto de briga". A irmã deles, a Valéria mais o meu menino que mora lá em cima também, ele é assim, ele é meio na dele, ele não é nervoso, não era nervoso, mas também não gostava de zoada, não gostava e ela, a mãe dela era muito erreira, a Valéria era muito danada, fazia raiva nele, aí, ele se enraivava, quando ele batia nela, aí, eu pegava os dois, falei "não, eu não quero ver vocês brigando". Aí, pegava, fiz, botava eles pra abraçar um ao outro, passava uma cordinha assim ó e deixava. O castigo deles era esse. Enquanto tivesse bicudo com raiva, não desamarrava, "só vai desamarrar quando vocês tiverem acabado a raiva. Vocês são irmãos. Vocês saíram dum lugar só". E fui falar, falava assim, até quando, ave Maria, ele era mais durão, né. Aí, ela, até que amolecia, "tá bom, mamãe". Tá, agora desamarrava, "pede desculpa". "Desculpa, Jóbson", "desculpa". "Agora, beija ele", beijava "beija ela", beijava. "Abraça", abraçava. "Tá bom, agora pode ir brincar". Então, assim, o castigo que eu dava, as coisas que eu ensinava eram assim.

- Às vezes, eu dou uns pitos desses lá na escola, de fazer um pedir desculpa pro outro, abraçar.

- É, tem que fazer, porque, é, a pessoa pode estar com raiva do outro do jeito que for, se ele abraçou, parece que aquilo ali já diminui aquele nervoso, a raiva vai, passa mais. Então, a melhor forma de, da pessoa unir um com o outro é mandar é abraçar mesmo. É à força, mas tem que abraçar, tem que beijar. Esse de bater e bota de castigo abraçado um no outro, pra ver, rapidinho acaba a raiva.

- Melhora o sentimento.

- Não é?

- Eu também acho.

- Melhora.

- E a própria coisa de pedir desculpa, de entender que você pode estar no lugar do outro.

- Verdade.
- É importante. Eu também acho.
- Verdade.
- Eu acho que eu perguntei tudo que eu tinha pra perguntar pra senhora. Tem mais alguma coisa...
- Eu tô à disposição.
- Tem mais alguma história assim, que tem haver com o Recanto, que a senhora lembra? Que a senhora queira contar? Assim, pra gente terminar.
- Assim, de, de repente assim, não lembro, né. Às vezes, depois a gente lembra, "ah, eu podia ter falado isso". Mas assim...
- Memória é um negócio engraçado, né.
- É.
- Tem hora que a gente fala uma coisa e aquilo dispara.
- É verdade.
- Vai lembrando das coisas. E tem hora que a gente quer lembrar...
- Eu amo o Recanto, não vou mentir.
- Se a senhora, se qualquer dia a senhora lembrar e falar "ah, devia ter falado isso pro professor", pode falar pra Yara m avisar, que eu corro aqui pra senhora me contar.
- Tá bom.
- A senhora fica aqui até quando?
- Ah, agora eu não tô pretendendo ir embora agora não. Talvez até fevereiro, por aí, eu tô por aqui ainda.
- Entendi.
- Se a gente conseguir um trabalho por aqui também, aí, é igual eu falei, se meu esposo conseguir um trampo por aí, nós não voltamos agora não. Porque a profissão dele é mexer com pedreira, né, é tirar aqueles blocos de pedra. Só que a perspe, serviço tá difícil em todo canto, as pedreiras lá na região que nós távamos, fecharam. Aí, ele tá desempregado, mas ele faz de tudo também. Tudo que...
- Que aparece?
- Que aparece, ele faz. Então, se aparecer alguma coisinha pra ele fazer, né, aí, nós vamos ficando por aí.
- Entendi.

- Mas minha vontade mesmo é de vir embora. Só que meu menino é muito apegado comigo e eu também com ele, que eu não vou mentir. Se, ele não queria vir pra aqui, não queria vir embora e sair de lá não, de Minas não, ele gosta muito de lá.

- E a mulher dele é de lá também?

- E agora ele arrumou, é, ele arrumou uma mulher, mas ela quer vir. Não sei se é só curiosidade pra conhecer, né? Aí, falei com ela "ó Nalva, lá é bom", que ela é novinha, só tem dezesseis anos, ele tá com vinte e um, ele vai fazer vinte e dois agora em junho do ano que vem. Aí, eu falei com ela "lá é bom, minha filha, você pode fazer um estágio, lá, você pega em loja, né, coisa assim, você vai, começando a trabalhar e, aqui não tem futuro, porque lá é desse tamanhinho, é cidade pequenininha de interior, num tem mesmo. Lá só tem prefeitura, serviço de prefeitura, aposentado, é o dinheiro que entra, a prefeitura, aposentadoria e leite. Aí, essa seca danada que teve, que morreu muito gado, não tinha quase leite, desempregou muita gente. O pessoal lá, a maioria foi embora pros Estados Unidos, tá indo, né. Mesmo o homem falando que se ganhasse ia deportar o pessoal, mas eles não tão ligando não. A coisa em Minas tá tão, assim, difícil, que eles tão indo, do mesmo jeito, todo dia vai gente.

- Como tem muito mineiro lá, o povo vai recebendo e ajudando?

- Uhum, uhum.

- Eu mesma só não fui...

- E a sogra da senhora, se a senhora vier? Como é que vai ficar?

- Uhn?

- E a sogra da senhora lá?

- Ah, ela vai ter que ficar ou então ela vem embora, a filha dela mora aqui, ela tá lá só. Ela diz que só não vem por causa da mãe dela, né, que ela ainda tem mãe. Mas nada, é porque ela também gosta de lá. Mas aí, ela fica, eu falo "não, depois eu venho passear". Que a gente tem que fazer o melhor também todo mundo.

- Bom, acho que é isso.

- E o Recanto, eu, eu amo o Recanto. É tanta coisa demais, eu gosto, eu gosto do Recanto mesmo. A Valéria tá de prova, um dia, ela falou "ah, eu queria ter um dinheiro, eu ia comprar uma casa no Lago, tal". "Minha filha, se eu tivesse dinheiro, se eu arrumar um dinheiro, minha esperança ainda, é de sair daqui, mas ir voltar lá de onde eu vim, 204, entendeu?" Eu gosto. Eu gosto de lá.

- A senhora até mudava, mas ia ficar dentro do Recanto?

- Mudava, mas eu queria dentro do Recanto.

- Entendi.
- Entendeu. Eu queria dentro do Recanto.
- E pra voltar lá pra quadra lá do começo?
- Lá pra do início, pra lá. Aí, eu queria. Queria não, ainda pretendo. Se Deus permitir, né. Com a vontade de Deus, a gente vai com a certa.
- Bom. Ah, só uma coisa, que a senhora falou que a senhora é evangélica?
- Não. Os dois filhos.
- Que dois filhos da senhora são evangélicos.
- É, a Valéria e o Jóbson.
- Porque igreja é uma coisa que tem muito aqui, né.
- É.
- A senhora acha que é uma coisa importante para ajudar as pessoas aqui?
- Acho. Eu acho.
- Dá estrutura?
- Dá estrutura. A igreja nunca ensina, leva a pessoa pelo mal caminho. Só guia a pessoa pelo bom caminho. Eu acho assim, na minha visão, pastor é que nem um pai de família. Ele, é, ele fala assim "faz o que eu mando, não faz o que eu faço". Ele começa, eu costumo falar isso com os meus meninos, que eu aprendi com a minha mãe, "faz o que eu mando, não faz o que eu faço". Quer dizer, a gente, às vezes, a gente pode errar, mas a gente não quer que o filho da gente erre, né. Então, se eu não vou pra igreja, mas eu falo "não, meu filho, vai pra igreja". Ele pode até cobrar de mim, quer dizer, eu que tenho que ir levar, né. Ele pode cobrar de mim, "mas a senhora não vai", "não, mas faz o que eu mando, não faz o que eu faço". E assim, cada um, cada um tem uma forma de educar, de ensinar os filhos, né. Eu ensino assim, porque, eu tô relaxada pra igreja, toda vida eu fui, não vou mentir pra você não, eu sou realista. Toda vida, eu vou na igreja, mas eu sou visitante. Eu vou na igreja, visito a igreja evangélica, visito a igreja católica. Quando a minha mãe era viva, eu frequentava mais a igreja católica. Depois, as coisas passam, que a gente fica assim desgostoso de algumas coisas, não é culpa da igreja, não é culpa de Deus, é culpa é do ser humano mesmo. Então, a gente fica assim, meio por fora, mas aí é da gente, isso aí eu admito que eu que tô errada mesmo. Tem que ir.
- Eu como professor lá na escola, eu também não tenho hábito de ir à igreja não, mas muitas vezes é um caminho que eu vejo pro menino passar tempo com a mãe. Bom, dona Arlete, muito obrigado...

Maria Clara dos Santos, 07 de março de 2017

- Se a senhora puder me falar seu nome completo, como a senhora chegou aqui no Recanto, como a senhora veio pra cá. De vez em quando, eu vou até fazer umas perguntas, mas pra mim o ideal é mais escutar a senhora mesmo.

- Certo. Bom, quando, foi assim, eu vim pelo Recanto, porque eu vim pra Brasília fazer uma cirurgia de coração. Aí, separei do meu esposo, que é o pai da minha filha, né, que tava tendo caso com outra mulher, casada, né, separei. Aí, nisso, porque eu morava lá no Pará, não podia ficar lá por causa do calor, né?

- Uhum.

- Muito quente. Aí, vim pra Brasília com a coragem, só eu e ela e Deus. Aí, morei...

(Filha) - Isso tem mais de... Vinte e sete anos.

- É. Aí, morei em Brazlândia, nove anos, aí, de lá, conheci outro também, mas outro sem futuro. Aí, tinha, já meu, inscrição né, no IDHAB. Aí, eu fui no IDHAB, doida pra sair o terreno, não tinha condição, trabalhava em casa de família, ainda tinha feito cirurgia do coração e aqueles problemas todos. Aí, peguei, o chefe do IDHAB falou "Maria, se você não procurar uma invasão, você não ganha sua, seu lote". Eu falei "mas eu tenho tanto medo, invasão é perigoso". Ele falou "não, mas só sai se for assim". Aí, tinha uma no Riacho Fundo 2, eu vim, nós ainda fez, ah, passaram a noite, né, em vigília, aí, eu vi aqui, pensei "hmmm, isso é uma história. Esse trem não vai sair". Saía pra um, pra outras não. Aí, surgiu uma invasão no Recanto, eu, ali perto do Euro...

(Filha) - Na 400.

- Na 400. Eu peguei "ah, é aqui mesmo". Aí, tava morando de favor na casa de um senhor e cuidando dele, lá em Brazlândia, numa chácara. Aí, me arrisquei, falei "seja tudo que Deus quiser". Vou, peguei ela, deixei com a amiga lá numa chácara. Quando eu falei "Maria, eu não posso ficar mais com a Vanessa, porque eu vou..."

(Filha) - Mudar...

- Mudar, ter que sair. Aí, teve uma irmã dela lá no Sobradinho, "Maria", e eu não querendo levar ela pra invasão, por causa muito perigoso, né. E eu trabalhando também. Aí, peguei ela, levei lá pra Sobradinho, pra casa dessa amiga e deixei ela lá. Aí, só vinha em casa no final de semana e nada. Passei dois anos nessa invasão, foi sofrimento. Água, luz, ainda peguei, levei uma amiga minha, foi, deu trabalho também. O marido dela ficou cego. Aí, foi esse sofrimento todo, aí, passei dois anos e meio lá nessa invasão, a gente pulava por cima de defunto, inclusive matou até o guarda que era do

colégio lá nessa época. Aí, um dia tinha água, outro dia não tinha. Outro dia, era, era, chegava, a gente já chegava pensando "hoje, eu não vou encontrar nada dentro de casa". Mas Deus, eu não sei se é porque eu rezo muito, peço muito a Deus, o meu barraco mesmo, o que eles levaram foi só o tapete e as lâmpadas, e as minhas coisas eram tudo novinhas. E cheguei um dia, só levou mesmo o tapete e eu falei "ô, meu Deus, muito obrigada". E aí, foi, né. Aí, foi até que saiu, foi em 2000.

(Filha) - 2000.

- 2000. Aí, eles pegaram, o Roriz, aí, falou "não, vou tirar vocês desse sofrimento", aí tirou né. Ele limpou essa área aqui e passou nós. Aí, foi e...

(Filha) - Na época, foi tudo, 500...

- Pôs chafariz, pôs tudo...

(Filha) - 404, 406 e 407.

- Aí, bom, aí, a gente veio pra cá. Aí, pôs, não tinha água, mas eles pôs chafariz, buscavam as águas. Aí, essa aqui, engravi, teve que arrumar um namorado aí, engravidou muito nova, com quinze anos e ganhou com dezesseis e aquilo foi minha revolta, "meu Deus, porque eu tô passando isso?" Aí, peguei, abandonei ela, passei uns quinze dias, mais de mês, né? Ela ganhou neném, o médico "dona Maria, sua filha, se a senhora não vir buscar, a senhora não tira ela, que é de menor, ela vai pro", falei "vai pro juizado, na hora de fazer o filho, fez e num..." Queria que ela tasse estudando, não era pra fazer isso. Aí, depois, eu peguei e resolvi, falei "ah, tem que ser eu mesmo, tem que encarar", aí, fui, busquei, trusse, falei "agora se vira, ó, eu vou pro meu trabalho". Aí, morou comigo um tempo, aí, vi que o marido dela não queria nada com nada também, era outro que queria só explorar. Aí, nessa época, eu trabalhava com um engenheiro do Luiz Estevão, aí, construindo, que é essa casa aqui, maior sofrimento. Aí, assalto também aqui também parece que era um atrás do outro, eu mesma fui assaltada aqui, ela também já foi. O que eu acho do Recanto é isso, né, segurança, muito pouca segurança, e os políticos, que eles não olham pra cá não. É, transporte também, muito ruim. Quinta, quinta-feira retrasada, antes da, da, do carnaval, o cara chegou a arma em nós, foi em mim, nela e na Thalita. Já chegando aqui. Aí, fui, indo a gente, ela chega uma hora da manhã, do trabalho, eu falei "vamos buscar ela, Thalita". Aí, quando nós vem vinha, que vem vinha descendo, o cara, aí, põem, eu pus elas, falei "vocês vai na frente", que eu já tinha percebido que eles vem vinha. Aí, elas passou na minha frente, aí, eles chegaram, só apontou a arma no meu peito, "corre!" "Eu vou correr pra onde?" "Corre!" Falei "não, eu não vou correr". Aí, ele abaixou, aí, ele pegou e apontou no

rumo da Thalita. Aí, falou pra mim de novo, aí, quando ele apontou no rumo da Thalita, só virei e abri os braços. "Corre, cê corre!" Falei "não vou correr", aí, foi aonde, aí, que eu falei mais alto, ela não viu, até a Vanessa "que que foi, mãe?" Aí, eu falei "não, nada". Aí, ela viu, aí, a Thalita tava com capuz na cabeça, tirou também e virou, aí, ele sorriu assim sem graça, baixou a arma, aí, correu. Quando chegou lá em cima, deu cinco tiros e a Thalita começou a chorar, "vamos correr", eu falei "não adianta, não corre não, se correr é pior". Aí, quando entrou aqui no portão, aí, era um pranto de choro. Mas chorou, chorou. Mas... E também, né, não tem o hospital, muito difícil pra população. Então, não é fácil, a gente até tava até pensando em vender aqui, porque não tá fácil aqui, principalmente aqui pra baixo, né. As coisas aqui não é...

(Filha) - Mais esquecido.

- Mais, muito mais esquecido.

- A senhora acha, por exemplo, que aqui a situação das 500s é mais difícil que a das 300s? Ou é mais ou menos a mesma coisa?

(Filha) - Ná, eu acho que sim, é mais difícil.

- Mais difícil.

(Filha) - Tem mais preconceito.

- E eles não olha presse lado de cá.

(Filha) - Por ter sido, é, por ser esse pessoal que veio da invasão. Hoje em dia, nem todo mundo que tá aqui mais é da invasão, a maioria das pessoas que ganhou, vendeu. Se você andar em dez casas aí, vai encontrar uma, no máximo umas duas, que são os donos do começo.

- Os vizinhos aqui, a maioria vendeu?

(Filha) - Sim, a maioria.

- Vendeu, a maioria.

(Filha) - Essa rua aqui se tiver uns três ou quatro, que ainda é lá de 2000, de quando entregou, o resto tudo vendeu. E assim, a maioria, só que ainda existe preconceito, o próprio povo das 300 ainda apelida aqui de Taubaté, porque quando aqui, assim que o pessoal chegou aqui, né, foi tudo assim, chegou lá na invasão, vai mudar hoje, não dava tempo de construir algo de alvenaria de um dia pro outro, tinha que construir de madeirite. Aí, como era tudo de tábuas, apelidou "tauba até que não acaba mais" e ficou o apelido, até hoje existe e, existe preconceito, até mesmo na igreja, a gente frequenta a igreja católica, é, o pessoal lá da igreja, aqui da São Rafael ali de cima, apelida aqui de Taubaté. Quando fala que vai ter algum evento na casa de alguém aqui, aqui pra baixo,

é, aquela coisa "ah, não vou não, porque aí é perigoso". Tudo de ruim joga nas 500s, como se nas 300s na da acontecesse.

- Como lá no 308, vem muito aluno aqui das 500s, eu vejo os próprios meninos meio que já naturalizando. Eles mesmos chamam de Taubaté, né.

(Filha) - Sim, já, naturalizaram já o nome. E ficou.

- É e ficou. Não...

(Filha) - E isso já passou o que? Já tá na, pode se dizer na segunda geração daquele povo que veio e continua. E parece que vai passar, vai ficar mesmo o apelido. E o preconceito, né, que eles acham lá na 300s, tudo, lá, eles abafam o que acontece pra lá, não aconteceu nada, pode assalto, morte. Mas quando é nas 500s parece que rende mais a conversa, "não, é porque na 500 é normal acontecer isso, que na 500 só tem gente que não presta" e daí por diante.

- E também, né, tem os jovens...

(Filha) - Muitos jovens...

- Que foi crescendo também, muitos sem futuro, muitos sem interesse. A gente fala, quando tem uma manifestação, "gente, vambora, gente, vamos brigar pelo nosso lugar, gente, vamos fazer isso". "Ah, não, não adianta, não vai adiantar, vai ficar é pior, eu não vou fazer nada porque não adianta, eu tenho meu salário, não preciso disso". Mas ganhando um salário, às vezes, "minha gente, vamos, tem que ter uma melhora no nosso lugar". "Não, não vou mexer com nada não, que é pior, vamos largar isso de mão", é desse jeito. Igual aconteceu o negócio da Thalita, né? Da 308. Eu mesma fui e falei "gente, tem duas opções", chamei os alunos. Conversei com o advogado "olha, dona Maria, primeiro a senhora tem que ver, se foi só uma matéria, ele tá errado. Hoje, o aluno não pode re, o professor não pode reprovar o aluno só em uma matéria, ele tem que conversar com o aluno, ele tem que saber o que tá passando com o aluno. Então, tem três opções pra senhora. A senhora pode, igual ela falou, pode dar essa, pagar essa aula pra ela e pode também, a senhora...

(Filha) - Entrar com um recurso.

- Entrar com recurso contra o professor.

(Filha) - Pedir o conselho pra fazer uma revisão da nota.

- É. E pode, "a senhora pode entrar na justiça contra o professor. E tem esse direito também". Aí, falou "mas pra isso tem que ter mais aluno". Aí, fui chamar os alunos, teve uma menina que reprovou, ele reprovou ela por um décimo só na matemática. Fui falar, "não, nós não vou mexer não, que vai ficar pior, aí quando for no outro ano, a

gente reprova de novo, então, nós não vamos mexer com isso não". Aí, falei com outro, ele "não, eu vou ficar também, não vou mexer, porque vai ser pior pra gente". Falei "ah", aí, sabe, aquelas, eles põem tudo dificuldade.

(Filha) - A gente achou dez alunos que reprovaram por notas baixas.

- Por pouco ponto?

- É, por pouco ponto.

(Filha) - É, por décimos. Aí, dos dez, só a Thalita e mais uma, a gente, da Thalita e mais uma outra aluna que queria correr atrás, aí, falou assim "ah, já que é só duas pessoas, então, não vamos mexer". Vamos optar até por pagar a matéria na Unicanto e ela não perderam o ano e os outros tão lá reprovados até hoje.

- Entendi.

- Então, é muito difícil esse lugar pra poder.

- Deixa eu só perguntar uma coisa. Quando a senhora veio do Pará, , então, qual foi o primeiro lugar aqui em Brasília onde a senhora veio morar?

- Eu morei primeiro não foi nem em Brasília, foi em Planaltina de Goiás.

- Ah, Planaltina de Goiás. Foi primeiro pro Entorno?

- Foi.

- Aí, depois foi se aproximando?

- Foi. Aí, eu vim pela Radiobrás, morei nove anos...

(Filha) - Setor de chácaras...

- Setor de chácara na Radiobrás de Brazlândia. Aí, de lá, fiquei nove anos, aí, foi aonde surgiu essa invasão aqui...

(Filha) - Lá era pra ser um condomínio, só que aí foi grilagem de terra. Todo mundo que pagou, perdeu o dinheiro e nada. E aí, quando ela viu que não ia dar nada lá, aí, foi a opção de procurar alguém do IDHAB, aí, a pessoa do IDHAB que orientou, "vai pra invasão, todo mundo que tá ganhando sua moradia tá sendo na invasão". Aí, em 98, ela foi pra invasão". Aí, o Recanto já tinha, né, essas quadras mais velhas, já existia, só que ninguém tinha escritura ainda também, porque ainda era recente também. Aí, ela foi pra invasão e foi onde saiu. Em 2000, o Roriz falou que ia acabar com todas as invasões e acabou, entregou pra todo mundo.

- E lá no Pará, a senhora é de onde? Qual o nome da cidade de onde a senhora veio?

- Não, eu morei, só ela que é paraense, eu sou do Goiás, Córrego do, perto de Goiânia.

- A senhora é aqui de Goiás, foi pro Pará...

- Fui pro Pará, casei lá, aí, tive ela lá, de lá vim pra cá pra Brasília.

- E a senhora saiu de Goiás pra lá por que?

- É porque, foi assim, eu não fui criada com os pais, fui criada com vó. Aí, meu pai foi o primeiro, né, pra adquirir terra pra lá, ele ficava nas terras de parente, de, aquele sofrimento, né. Porque meu pai foi desses que fez os filhos, mas não criou não. Ele só fez, pôs no mundo e...

- E quantos filhos foram?

- Foi sei, foi sete, que o menino morreu, né.

(Filha) - Seu Divino tem cinco.

- Hoje em dia é seis, seis meninas-mulher.

(Filha) - Seis mulheres.

- Aí, todos a avó da senhora que criou?

- Não, as outras foi com ele. Foi assim, adoeceu, né, na época, sarampo, era difícil, que naquela época, muito difícil, né, médico só pra quem tinha dinheiro mesmo. E aí, então, foi assim, deu sarampo em todos. Aí, deu que o menino, entre eu e uma outra, faleceu, e aí, ficou eu e as outras. As outras recuperou, ele já tinha, o que ele tinha, tinha gastado, né, pra tratar das outras. Aí, ficou eu. Morre, não morre, morre, não morre. Fiquei entre o couro e o osso. Aí, falou "mãe, eu sei que a Maria vai morrer, eu não tenho condição, se a senhora quiser ela pra senhora, a senhora pode pegar". Aí, minha avó "ah, eu quero". Aí, falou "pois é", aí, pegou e entregou, né, e minha vó já tinha separado também do marido dela. Aí, ela andou, menino, nessa época, ela andou... Como daqui, mais longe, na época, como daqui no Plano, de pé, atrás de condição pra me levar pra cidade, pra me levar pro hospital. Mas na época, não tinha roupa, não tinha nada, eu era pequenininha, só me embrulhou num lençol e com um tio meu, "vambora". Aí, meu tio pegou e disse que gritando e chorando com medo deu morrer, aí falou "mãe, deixa", ela falou "não, meu filho, seja tudo que Deus quiser". Aí, dizendo ela, que quando eu entrei no ônibus, diz que eu fedia, com sarampo recrudado, fedia, fedia. Só Deus, meu filho. Aí, dizendo ela, que quando eu entrou no ônibus, que eu só arregalei o olho e ela falou e ela falou "morreu". Aí, chegou no hospital, internou, o médico, "ó dona Ditinha, eu não sei o que que fazer não, só reza muito, porque aqui só por milagre de Deus. Aí, foi, foi, ela ficou uns três meses comigo internada, aí, acho que não era mesmo, né, tinha que passar por isso tudo. Aí, escapei. Aí, pegou, nós viemos embora, quando eu, ela. Aí, fiquei morando com ela. Aí, tinha meu avô, que é pai da minha mãe também. Aí, ca, minha avó faleceu, ficou uma moça solteira e esse pessoal antigo é muito sistemático, né. Aí, falou "dona Ditinha, eu vim atrás da Maria pra ficar comigo até a minha filha casar,

porque eu não vou ficar com ela só dentro de casa". Aí, minha avó "você vai Maria?" Eu comecei a chorar, não queria ir. Aí, ela "não, vai ficar com seu avô". Aí, peguei e fui. Aí, lá a minha tia casa...

(Filha) - Voltou pro Goiás.

- Não, nós já morávamos mesmo no Goiás.

(Filha) - Mas...

- Numas fazendas lá dos parentes lá deles. Aí, peguei...

(Filha) - Só o vovô que tinha ido pro Pará, a senhora tinha ficado no Goiás.

- Meu pai, não, essa, ele, meu pai morava ainda também lá no, nessa fazenda do meu tio.

(Filha) Em Goiás, Córrego do Ouro.

- Aí, ele pegou e falou, aí, deu que a minha tia casou, foi um ano mais ou menos, pega e casa. Aí, ele pegou, pra não ficar comigo, minha avó já tava morando longe, já tinha mudado de local pra outro, né. Aí, falou "vambora, morar agora com meu, com a, com meu filho", que ele até já faleceu. Ele e a esposa dele. Aí, nós pega e foi. Chegou lá, ela mexia com negócio dessas farinhagem, né, carro de boi, que enchia esse caminhões, era fazendeiro, aí, com mandioca, aí, nós passava a noite todinha, menino, descascando mandioca, ralando, imprensando, torrando farinha, mexendo com, lavando pra tirar massa de polvilho. Aí, deu que eu tinha passado a noite todinha, "vambora", eu torrando farinha, ela falou "Maria, vai lavar as louças". Eu falei "tia", eu tinha o que? Na época? Dez anos. "Vou não, tia, porque eu tô muito quente" e minha avó já tinha comentado, né, que a gente tá quente de fogo, não podia pegar chuva, nem molhar.

- Sabedoria, né.

- É. Aí, ela, "cê vai sim", aí, pegou um chicote, "cê vai, cê não quer é trabalhar, sua", ela me chamava, que eles eram tudo branco, né, a família, "sua nega, preta, você vai ou você apanha até morrer". Eu peguei, né, quando ela me deu uma lapada, eu peguei e larguei o tacho e fui lavar as louças. Era muito, na época, eles falavam era peão, muito peão trabalhando na fazenda, era vaqueiro. Eu peguei, e tinha a filha dela, que era mais velha do que eu, invés dela mandar a filha dela ir lavar as louças, não, ela pôs eu. Cheguei lá, a bica d'água me molhou tudinho, aí, veio chuva. Aí, menino, como eu, quando ela do jeito que a chuva caiu em mim, eu fiquei, toda manchada. Quando eu fui pra dentro de casa, já gritando de dor, dor, dor e fui pra cima da cama e as juntas foi inchando todinhas. Aí, pronto, aí, meu tio que trabalhava lá de vaqueiro, meu tio caçula, que faleceu também, morreu matado. Aí, ele chegou lá "mãe, vai buscar Maria, Maria

tá, Maria vai morrer, mãe. Tá doente, ela só fica na cama e se a senhora não for buscar ela, ela vai morrer". Aí, minha vó deu que foi e me levou no farmacêutico, falou "ó dona Ditinha, essa aqui só Deus, ela não vai ter mais recu, condições não, ela vai ficar pra vida inteira...

(Filha) - Sequelas...

- Com sequelas. Ela vai ter febre reumática. E ela vai ter que ficar a vida inteira em uso de remédios". Aí, minha vó começou a chorar "poxa, como fez isso com a menina". Aí, pronto, aí de lá pra cá, né...

(Filha) - Vocês foram pro Pará.

- Aí, minha vó pegou, meu pai já tinha ido, a gente foi pro Pará. Aí, chegou lá no Pará, meu pai... Não. Ela ficou, aí, falou "não, Maria, você vai na frente", eu já tinha o que? Doze anos. Meu pai já tinha mandado recado. "Você vai na frente e a gente não vai agora, porque, é, eu tenho que arrumar as coisas pra mim poder ir. Mas você vai, depois eu vou". Aí, fui, fui, que eu não gostava de largar minha vó pra nada, pra mim que ela que era minha mãe, que é a mãe do meu pai. Aí, fui na frente. Cheguei lá, menino, umas barraquinhas, umas cidadezinhas, tudo de palha, eu falei "meu Deus do céu, onde eu tô?" Aí, meu pai no meio do mato e as meninas tudo pelo mundo, as mais velhas, que era Erineia, a Geni,, a, aí, tudo pelo mundo. Aí, foi até que a mais velha pegou, ainda chegou com filho, jogou lá nas costas dele. Aí, eu fiquei com ele. Aí, ele pegou, derrubando, né, mato, pra fazer roça, fazer plantação. Aí, vem ele. Ele. Nisso, parei aqui, a gente escuta, né, quando derruba um pau escuta o barulho. Quietou. Eu falei "ué, que que meu pai tá fazendo que ele quietou? Será o que que foi?" Aí, eu fiquei curiosa, aí, já tinha outra mais nova do que eu, falei "cê fica aí, eu vou atrás do meu pai". "Não, não vai não, que você não dá conta ir por lá". Falei "dou, eu vou lá". Que eu chego lá, ele, a metade do corpo dele enterrado debaixo do pau. O pau tinha caído em cima dele. E ele gritando, gemendo e eu cheguei lá, menino, e eu punha tanta força pra mover, eu, eu, né, querendo tirar o pau de cima dele, mas não dava conta. Aí, fui lá no barraco, chamei a outra, a outra veio, nós pegamos lá, não sei, nem me lembro que que era, não sei se foi machado, que que era, nós conseguimos cortar esse pau e tirar de cima dele. Aí, acho que machucou ele demais, aí, ele escorou em mim, nós saímos pulando, levei ele. Aí, fui chamar um homem do outro lado pra levar um cavalo, coisa qualquer, pra levar ele pra cidade. Aí, foi sofrimento também no Pará. Aí, nós, ele, aí, deu nisso, que ele fez a roça, tudo, assim que ele terminou a roça, minha vó chegou também, aí, voltei pra casa dela, onde eu morava. Aí, ele "ah, miha filha, cê tem que morar", até hoje ele

lembra, "cê tem que morar comigo", falei "não, pai. Eu num fui acostumada, num fui criada, gosto muito da minha vó, não vou ficar não". Aí, peguei e voltei pra minha vó. Aí, nisso, depois as meninas foi saindo, foi abandonando ele, foi largando eles também.

(Filha) - A senhora cresceu, casou.

- Eu cresci. Aí, arrumei um namorado lá, casei no Pará. Minha vó faleceu. Aí, minha mãe também adoeceu, a mais velha foi lá, trouxe ela, trouxe pra Goiânia e ca, mas trouxe assim, só pra trazer, jogar no hospital e ela saiu pro mundo. Eu tenho pra mim, que ela morreu mais à míngua, né. Quando eles me falaram, já tinha mais de dois anos que ela tinha falecido, que foi até na época daquela eleição do Fernando Collor, eu fui pra votar, eu nem lembro em quem eu votei, eu já tinha problema já no coração, aí, só vi que quando eu acordei, eu tava no hospital.

(Filha) - Aí, teve filhos, aí, os problemas de saúde.

- Quando a mãe da senhora faleceu, a senhora estava no Pará? Ou já tinha vindo pra cá?

- Não, tava no Pará.

(Filha) - Foi com essas mortes que ela veio pra Brasília, que aí arrumou o problema de saúde. Que aí, ela teve filhos, não poderia ter, né, por causa do problema de coração. Só que até então, não sabia que era problema de coração, achava que era só consequência lá da febre reumática. E aí, teve os problemas de saúde, começou, aí foi quando des, perdeu meu irmão mais velho, e também foi quando ela soube que perdeu a mãe, a mãe tinha morrido aqui em Goiânia. Aí, acarretou tudo, a emoção já tava fragilizada.

- Quantos filhos a senhora teve?

- Olha, o total, primeiro, é, que eu tive, foi gêmeos, um casal. Aí, como eu era matuta, né, o pessoal, antigamente, não falava nada, né, sobre isso aí, sobre gravidez, era tudo, né, tinha vergonha de falar, não falava o que que acontecia nem nada. Eu descí pro córrego pra lavar uma roupa, aí, tinha, uma gente, tinha um morrinho, eu descí pra ir lavar essa roupa e os meninos ficavam brincando, né, da minha cunhada, de escorregar, jogava água e ficava. Aí, eu não sabia que eles tinham jogado água, quando eu descí, eu pá, caí sentada. Aí, quando eu chego em casa, terminei, estendi a roupa, que eu tomei banho, que eu faço janta e nem quis jantar, aí, começou, aquela dorzinha, dorzinha no pé da barriga e foi, foi. Aí, fui lá, a minha, era parteira, que era minha sogra, aí, fui lá pra casa da minha sogra, que a dor foi só apertando. Cheguei lá, tinha uma leira de pé de limão. Fui lá no pé de limão, peguei uns seis limão, espremi no copo e tomei. Aí, eu peguei, saí, fui pro, pra privada lá e minha cunhada ficava gritando e eu ficava caladinha e ela gritando, gritando. E eu, nossa, numa raiva dessa cunhada minha, que ela só

ficava, aí, foi uma hora "cê cala a boca, Isabela, eu não morri não, eu tô aqui, é dor de barriga besta, mulher, para com essa, ficar me gritando". Aí, o ir, o marido dela tava pra espera negócio de caçar bicho pra lá e chegou "não, vou atrás da minha mãe, a Maria não tá certa não". Aí, a mãe dela, a mãe dele chegou era uma hora da madrugada. Aí, chegou "Maria, que que você tem?" Aí, minha cunhada dizia e a dor só ia apertando, apertando "tu vai é morrer", e a mulher que tinha um monte de filho, "tu vai morrer com essa dor, tu vai é morrer".

- Ninguém tinha entendido?

- Não. Aí, eu tentei chorar, quando ela chegou, eu tava chorando, aí, minha sogra "que que foi, Maria?" Falei "ah, é uma dor no pé da barriga, que nada passa, já tomei limão, já tomei". "Cê não podia ter feito isso não, isso cê tá", aí, foi que ela falou, "cê tá é querendo abortar, Maria, os meninos. Que que você fez?" Aí, eu contei pra ela que tinha caído. Aí, ela falou "pois é". Aí, ela fez um banho lá caseiro, eu tomei, aí, também, foi rapidinho, os meninos nasceram. Quebrou isso aqui tudinho, a nuca, a cabeça, suando da queda, né, caiu sentada. Aí, minha avó falou "pois é", ainda nasceu vivo os meninos, mas como não tinha recurso, não tinha nada, aí, faleceram todos dois. Aí, bom. Aí, foi aonde, depois disso que o médico descobriu que eu tinha problema de coração por causa da febre reumática. É que eu engravidei do outro menino, da idade dela, mais velho do que ela três anos. Aí, foi que o médico falou "olha, você não podia ter filho", eu falei "ah, doutor, mas eu não sabia, com esse problema", ele falou "pois é, então todo, é, gravidez sua você vai ter que ficar de repouso absoluto".

(Filha) - Nos três, né.

- É, aí, pronto, ainda tive três. Eu falei "não, mas eu tinha que ter ao menos três". Aí, veio um menino, aí, eu falei "não, tem que ter uma menina mulher". Aí, foi essa luta. Na hora que eu tava assim grávida, eu não sentia nada, né, mas depois que eu ganhava, aí pronto. Aí, eu ficava mais no hospital do que em casa. Aí, eu tive um menino, o menino morreu com oito anos, porque eu tava internada, com febre reumática também já no, em Concei, em Redenção, em Conceição do Araguaia. Aí, passei um mês, aí, o pai dela na roça. Aí, eu cheguei, tinha uns três dias, o menino com disenteria, acho que deu infecção, né, intestinal. Comeram lá amendoim, com a, na casa da avó, com carne de porco, que lá, o pessoal, na roça, só comia carne de porco, essas coisas, só eu que não comi, nunca gostei. Aí, ele na roça, eu falei, chamei ele, falei "ó, o menino tá muito ruim". "É, faz chá caseiro", eu falei "ó, não adianta não, a sua mãe disse que já deu e não adianta". Falei "olha, se você não quer ir, bem, se não quiser ir, eu vou dar um

jeito". E eu sem poder, não tava aguentando nem andar. E a cidade era como daqui... Mais longe do que o Plano, né, Floresta, bem longe...

(Filha) - Bem mais longe. Acho que duas horas de carro de Floresta pra lá.

- Tinha que ir de pé, não tinha carro, não tinha nada. Aí, eu falei "não, eu vou pra casa", que era do padrinho dele, que era mais, que tinha uma condição melhor. Aí, peguei o menino, aí, tinha um rapaz lá muito conhecido da gente, falou "não, Antônio, se você quiser descontar meu dia, você desconta, ou se você quiser cobrar de novo, você cobra, não vou deixar essa mulher ir sozinha com esse menino não, a mulher não tá aguentando, ainda pra carregar esse menino". Aí, ele pôs eu na garupa da bicicleta e o menino, nós foi. Aí, chegou lá, o filho desse compadre meu saiu gritando, ele tava pro pasto lá, buscando gado pra poder apartar um bezerro. Aí, ele largou lá com o filho dele e veio e arrumou a carroça e pôs nós na carroça e foi. Quando nós tava faltando, acho que uns cinco quilômetros pra chegar na cidade, o menino falece. Aí, pedi, ele clamou pra não deixar ele morrer, o compadre meu falou "comadre Maria, vai buscar", ele já sabia que eu tinha problema do coração, "vá buscar uma água ali pra mim", aí, eu fui. Quando eu fui pra voltar pro quarto, ele "comadre Maria, não venha agora não". Aí, eu já pensei logo, falei "é o menino que tá acabando de falecer". Aí, ele veio, já "comadre Maria, não se assusta, não teve jeito, o menino morreu. Que que a senhora acha? Nós volta ou segue?" Eu falei "uai, compadre, já que já faleceu, não vai ficar lá mesmo, né, lá o cemitério lá também é igual aqui, então, vamos voltar pra trás". Aí, nós voltamos. Também só vi a hora que voltou. Quando chegou lá também, não vi o enterro do menino, não vi ninguém, passei mal o tempo todo. Aí, no ou, já me tiraram pra Conceição, não foi nem pra Conceição, foi pra Rio Maria, sabia que o doutor Carlos tava em Rio Maria, chegou lá o médico falou "pois é, Clara. O que que aconteceu?" Aí, eu falei. Aí, também falei as partes. Aí, já não vem mais. Aí, ele falou "ó, não tem mais condições. Vou mandar fazer uma carta"...

(Filha) - Tem dois tratamentos...

- Falou pra uma irmã minha...

(Filha) - Brasília ou Goiânia?

- É, "ela tem que ir pra Goiânia ou Brasília". Aí, procurou pra onde queria ir e foi minha irmã, que tava em Rio Maria. Ela falou "ai, é melhor, acho que... Em Brasília pra ela, porque..." Não foi nem uma irmã, foi uma vizinha minha que foi comigo, falou "olha doutor, eu não sei". Aí, o doutor falou "não, eu vou mandar pra Brasília, aí, qualquer coisa, quando ela melhorar, se ela quiser, ela vai pra Goiânia".

(Filha) - O Hospital de Base, na época, era referência em cirurgia do coração na época. Aí, ele falou "vou mandar pra Brasília, porque o Hospital das Clínicas em Goiânia tá superlotado, então, eu vou mandar pra Brasília, como o Hospital de Base tá num momento, tá numa fase de, de referência de cirurgia, só que tem um problema, tô te mandando, não sei se volta", porque, na época, tava de greve.

- Tava a greve no Hospital de Base. Aí, cheguei, aí, ele mandou pra Brasília. Direto.

(Filha) - Ela já veio do Pará, direto na maca, de avião.

- Já mandou pra cá. Foi direto com um ex, ex não, ex que é casado com a ex sobrinha dele, que é o doutor Carlos Carrusca, na época, ele era chefe da equipe do Hospital de Base. Aí, ele pegou a carta, leu, falou "ó, só que tem um porém, nós vamos mandar ela pra Sobradinho e de lá, eles trazem ela de ambulância, porque não pode internar direto, porque tá de greve". Aí, foi esse enfeite, aí, mandaram pra Sobradinho, quando foi à noite, eles me trouxeram de ambulância pro Hospital de base. Aí, no Hospital de Base, eu fiquei um ano e quatro meses.

- Internada direto?

- Internada direto.

(Filha) - Conhecía ninguém. Como ia sair?

- Não tinha, não...

(Filha) - Final de semana podia sair, mas...

- Final de semana, eu podia sair, não tinha, né. Fui pra casa de uma ex, ex não, um irmão de uma cunhada minha, cheguei lá, ele não aceitou. Me olhou assim, porque eu, acho que, acho que ele pensou que eu tinha uma doença muito grave, né, que eu era só o couro e o osso. Aí, chegou lá, já chamou a mulher pro quarto. Aí, conversou, conversou e a mulher já chegou falando comigo chorando, falei "não, tudo bem", aí, eu fiquei, só fiquei triste, aí, comecei a querer chorar também, aí, veio uma amiga dela, falou "mulher, que que você tem?" Aí, eu contei pra ela. "Não, lá em casa tá em reforma, o que eu comer, eu como, até você estabilizar, conhecer alguém..."

(Filha) - Ah, eles eram prefeito, ele era prefeito de Planaltina de Goiás.

- Não, nós fala é amiga da outra mulher lá. Não tinha, essa hora não tava o prefeito.

- Pensei que era o seu Marílson.

- Aí, nisso, eu tinha um telefone de um prefeito, um vereador de Planaltina, né. Mas eu muito ruim, mas eu nem lembrava, que eles passaram isso pra mim lá no Hospital de Base, eu nem lembrava. Aí, eu falei...

(Filha) - Que você tava cuidando, acho que era da irmã dela, né, que tinha câncer?

- Não, ela mesmo, que tinha problema no. Aí, eu peguei, falei "gente", depois, que eu fui lá pra mulher, que eu me tranquilizei, eu falei "não, tem um endereço aqui de um pessoal". Aí, fui, ela falou "Maria, sabe que aqui não tem telefone". Eu falei "não, eu vou no orelhão". Aí, ela foi comigo, eu liguei, ia até acabar, ele falou, aí, contei a história, "Maria, mas eu não falei pra você ligar direto pra mim quando ganhasse alta, que eu ia te buscar?" Falei "ah, seu Marílson, eu nem lembrava, porque, é, depois que eu cheguei aqui, no outro dia seguinte, que eu fui lembrar". Falou "pois, tem como você ir pra rodoviária, eu vou te buscar agora". Aí, falei com a mulher, "não, eu vou te deixar lá". Aí, nós, ela pegou, me deixou e me buscou. Aí, eles, esse foi um pai e uma mãe pra mim. Aí, depo, comecei, eu, mas o pai dela veio me fazendo raiva, aí, no outro, saiu, eu peguei, dava parada cardíaca, eles me levaram correndo pro Hospital de Base, quase morre. Aí, eu, nessa de eu dar parada cardíaca, eles falaram "não, agora você não vai sair daqui do hospital não, só quando ficar boa e fizer cirurgia". Aí, fiquei, um ano e quatro meses. Lá, eu fazia crochê, vendia, pros próprios médicos, mandava as coisinhas...

- E a Vanessa no hospital de acompanhante?

- Não, a Vanessa era o que?

(Filha) - Eu tinha dois anos.

- Tinha dois anos.

- Era pequenininha.

- É

(Filha) - Isso foi antes. Eu tô com trinta e três. Foi há trinta e um anos atrás.

- Tinha até a fotinho aí. Aí, ela pegou, ficou com a madrinha dela. Aí, eu fazia coisa, mandava pra ela, roupa, calçado.

(Filha) - Acompanhei agora, na segunda, que ela fez, acompanhei, eu já tava com vinte e, tem quatorze anos, tava com dezenove.

- Aí, ela, ele pegava...

- Esse coração tem muita história, hein.

- Tem. Aí, o pai dela estava, ele se envolveu com uma mulher casada, né, e', o negócio dele era ficar com essa mulher. Aí, pronto, aí, fiquei...

(Filha) - Mas aí voltando pra moradia...

- É...

(Filha) - Mas o seu Marílson deu uma estrutura pra ela até ela poder voltar a trabalhar, ter condição de seguir a vida dela. Aí, assim que ela teve, depois do pré-operatório...

- Esse é o prefeito de Planaltina de Goiás?

(Filha) - Isso, foi prefeito de Planaltina.

- Ele não era prefeito, ele era vereador.

(Filha) - Vereador. Aí, assim que ela teve uma estrutura, teve, pode voltar a trabalhar, voltar às atividades dela, aí, ela foi me buscar, ele arrumou passagem, arrumou casa, arrumou tudo pra ela, comprou, ajudou a comprar as coisas e, aí, ela voltou a trabalhar, aí, foi me buscar, aí, depois que ela foi me buscar, ela foi pra Brazlândia.

- Aí, vocês foram tentar a chácara lá em Brazlândia?

- Foi.

(Filha) - Aí, ela foi pra cozinhar pros poceiros, que na época, lá, o pessoal fazia muito poço. tava vendendo os lotes, aí, ela foi cozinhar lá e cuidar desse senhor, que tinha problema de saúde, um senhor que morava sozinho num sítio. E aí, foi como começou a entrar no DF. Eu já tinha uns dez anos...

- Quando eu vim pra cá, você já tinha doze, doze anos quando eu vim pro Recanto.

(Filha) - Aí, tentou lá e não deu certo. Comprou, gastou uma grana na época, ainda era o Cruzeiro.

- Tirei uma economia que eu tinha juntado a vida inteira.

- A inscrição no IDHAB? A senhora fez em que época? A senhora lembra? Foi perto de quando veio pra invasão ou logo que a senhora veio pra Brasília?

(Filha) - Não. Bem antes...

- Foi antes, já tinha uns seis anos que eu tinha inscrito.

(Filha) - Não foi logo assim que chegou não, assim que ela foi pra Morada dos Pássaros com o Rodeador.

- Foi.

(Filha) - Acho que foi mais ou menos em 94.

- 94?

(Filha) - E, aí, fez essa inscrição e nunca saía. Aí, foi quando, ela começou a vir pro Riacho Fundo com a cooperativa, não era nem invasão.

- Era cooperativa.

(Filha) - Ela veio acho que uns três, quatro meses. Vinha direto nas reuniões. Às vezes, não tinha condição de voltar, que, na época, transporte era bem menos que hoje. Dormia naquele relento. O Riacho Fundo, não tinha casa nenhuma ali, só tinha beirando a Administração, só um miolinho bem pequenininho. Aquilo tudo ali era uma terrona, granu, uns, como é que fala? Branquearam, aí, dormia aquele monte de gente naquela

frente ali. E aí, foi, o pessoal do IDHAB, uma vez, veio nessa reunião, o diretor mesmo do IDHAB, foi ele que falou "ia pra invasão ou não tinha previsão", né, porque, o governador, na época, era o Roriz.

- Ah, então, ele falou pra todo mundo?

- Não, ele só falou pra mim e ainda pediu pra eu não falar pras pessoas.

(Filha) - Foi pra todo mundo não, pra algumas pessoas que ele comunicou. Aí, dormia lá, porque não tinha condição de voltar, o ônibus onde a gente morava em Brazlândia era três vezes por dia, então, dormia não só ela, mas um monte de gente ali.

- Eu cheguei, contei a história pra ele. Falou "ô dona Maria, a senhora tem que ter o lugar, eu sei que a senhora merece, é a única pessoa que vai dar valor. Porque a maioria recebe, vem pra Brasília, recebe, vende e vai embora e vem pra invasão de novo pra poder". Eu falei "não, eu acho isso errado, não é justo". Porque depois que tem, né, tem que deixar pra outros que não tem, né, mas aqui não, quanto a pessoa mais tinha, queria vender, outras alugavam, já queria tomar a vez de outro, era desse jeito.

- Ele falou da invasão, a senhora mesmo sem querer...

- Sem querer...

- Foi tentar...

- Fui tentar...

- Passou quase dois anos lá?

- Foi dois anos e meio.

- Mas, no fim, a senhora acha que adiantou? A senhora falou que foi o Roriz, que quando entrou no governo?

- Foi.

(Filha) - Eu acho que na época adiantou.

- Foi quem tava na invasão que ganhou?

(Filha) - Era a invasão que tava resolvendo.

- É.

(Filha) - Ele se propôs em acabar com as invasões dessa forma.

- Essa invasão que a senhora tava era a que o pessoal chamava de Invasão da Área Verde?

(Filha) - Isso. Na 206.

- Na 206.

- Algumas pessoas já mencionaram essa invasão pra mim.

- Aí, tirou nós de lá, que era pra nós ficarmos lá, né, e trouxe pra cá.

(Filha) - Nesse mesmo local, já tinha tido quatro invasões, tanto que tinha várias numerações. A última numeração era essa Verde.

- Os outros moradores do Recanto tinham preconceito com o pessoal da invasão?

- Tinha, muito.

- Os que já tinha chegado antes? Tanto lá, eu digo, tanto lá, porque aqui vocês falaram que quando chegou tinha, mas lá também tinha?

- Tinha, tinha. Preconceito.

(Filha) - E até hoje, né. Cê vai pro Plano, Guará, ainda não é bem visto, né.

- Ainda tem.

(Filha) - O Roriz é condenado e criticado por causa disso, né, que disse que ele povoou Brasília desordenadamente, desestruturou Brasília, porque deu várias moradias pra esse povo de invasão.

- O Cristovam, na época, batia nos inva, mandava bater nos invasores, isso aí, não foi, às vezes...

(Filha) - Teve uma chacina na Estrutural por causa disso, né?

- Às vezes, a pessoa fala é mentira, mas não foi não, ele tanto bateu, mo, é, jogou, mandou jogar bomba de gás na época. Portanto, eu mesma fui uma, que quando saiu a primeira Bolsa Escola, ela tava no programa. Uma mulher foi agradecer, ele foi, aí, eu fiquei assim tão assim, não falei nada, mas eu fiquei assim, eu falei "como é que pode a pessoa ser assim, né, porque pensa que tem as coisas", mas ainda pensando "tem hoje, mas amanhã não sabe nem, que Deus pode tirar tudo, né?" Aí, ele pegou e falou pra mulher, falou "ah , obrigado, que a senhora da Bolsa Escola", ele falou "não, cê não tem que agradecer não, que nós, se fosse pra nós tirar do nosso bolso, não ia sair do nosso bolso, isso aí são os impostos que vocês tão pagando", falei "vai". Falou bem alto e ainda...

(Filha) Mas eu sou contra esse Bolsa Escola...

- Na maior educação, falta de educação com a mulher.

(Filha) - Acho que tinha é que dar emprego pro povo, não Bolsa Escola.

- Bom...

(Filha) - Eu nunca recebi da minha filha, graças a Deus, nunca precisei.

- Aí, foi dois anos lá. Quando a senhora veio pra cá, pras 500s, teve problema de invasão aqui? Porque algumas pessoas me contam, por exemplo, que se a pessoa demorava pra vir pegar o lote dela...

(Filha) - Mas isso foi falado na hora.

- Outra pessoa ocupava o lote e depois, pra tirar dava muito trabalho.
- Teve.
- (Filha) - Isso foi falado na hora que preenchia o papel...
- Teve. Tem uma amiga minha.
- (Filha) - "Tem que mudar agora, tem que ocupar agora".
- É porque eles tavam entregando pras pessoas que queriam morar e tinha gente que recebeu, não morou, tava era vendendo né, passando pra outras pessoas e vendia baratinho, por dois mil na época, era...
- (Filha) - O preço de uma carroça e um cavalo.
- Que dinheiro tinha mais valor, aí, dava o lote numa carroça com cavalo e foi assim.
- E quando vocês vieram pra cá pra ocupar? Qual foi, a senhora veio, que que a senhora construiu? Já veio pra dormir?
- (Filha) - Eu que vim.
- Ela que veio, eu só vim ajudar a trazer as coisas...
- (Filha) - Assim, ele chegava, preenchia o, como era o nome daquele documento?
- Os dados.
- (Filha) - TC?
- TC.
- (Filha) - E era só aquele documento. Se perdesse, então. Era um dos motivos, que desaparecia, entendeu? Por mais que o IDHAB teve organização, tinha o TC. É, teve gente que não mudou, aí o que aconteceu? Aconteceu essa invasão, teve gente que invadiu mesmo, que reclamou lote de gente aí, porque entrou, pegou o lote vazio ali, construiu, fez benfeitoria e depois, ganhou por usucapião de quem não ocupou. E eles falou, na hora lá, ele falou assim, "ó, você tem que mudar agora", tinha gente tinha que mudar no meio da hora, eles já encostavam a caçamba lá, caminhão, porque vieram, com a Administração, com os caminhões, derrubava o barraquinho que tinha lá na invasão e trazia com tudo, as famílias, com os móveis, com tudo e jogava no lote, "o seu lote é esse, fica aí".
- Mas tavam marcados os lotes?
- Tavam.
- (Filha) - Tavam todos marcados. E aí, tavam todos com piqueta, todos demarcados certinho. E aí, quando chegou no da minha mãe, eles falaram "não, só amanhã de manhã, o caminhão encosta sete da manhã", porque já tava derrubando a invasão e

passando trator pra ninguém mais invadir lá de novo, porque lá já tinha a quarta invasão no mesmo lugar.

- É, não, lá, a gente queria ficar era lá. Mas eles tirou nós pra cá e trouxe de Taguatinga e puseram lá.

(Filha) - Porque não tinha condição de fazer a demarcação com o pessoal lá.

- Entendi. Eles abriram a área tirando vocês e aí, depois que abriu, trouxeram outras pessoas pra lá?

(Filha) - Isso. Pessoal de Taguatinga que tava ali próximo do metrô, uma invasão próxima ao metrô. E aí, eu vim no outro dia, sete horas, derrubamos o mesmo barraquinho que tinha lá, trouxemos, compramos um pouco mais de madeirite, fizemos um maior aqui. E aí ficou, acho que uns dois anos no madeirite...

- Não, não chegou dois anos não.

(Filha) - Ela ganhou, ganhou não. Meu vô ligou, entrou em contato de novo...

- Ele já tinha dinheiro...

(Filha) - Ele falou que tinha vendido umas terras, que era herança da minha vó, mãe dela. E ela pegou esse dinheiro e construiu aqui.

- Eu já tinha dinheiro também da empresa que eu trabalhava, já guardado.

(Filha) - Aí, ela pegou o dinheiro da empresa...

- Então, no barraquinho vocês ficaram pouco tempo?

- Ficou.

- E aí já começou a construir?

(Filha) - Sim. E aí, também, ela pegou empréstimo com o patrão dela, que era engenheiro e, aí, construímos.

- Porque tem gente que ficou no barraco aqui ainda, até hoje ainda vê um ou outro.

- Muito tempo.

(Filha) - Tem algumas pessoas...

- Por isso, eu não concordo, sabe, pessoas ficar assim.

(Filha) - Até hoje, ainda tem, aqui na 11, ainda tem uma invasãozinha.

- Ali pra baixo?

(Filha) - É, eles pegaram um conjunto, que era vazio, que acho que é comercial...

- Tem pessoas que fala...

(Filha) - E invadiram.

- Tem pessoa que fala...

(Filha) - Pra lá, depois da igreja, da São Mateus.

- Uma pessoa que eu entrevistei me falou disso.

(Filha) - Lá tá até hoje, eles demarcaram lá e tá até hoje, até acho que tem uns dez anos.

- Tem pessoa que fala "eu não consigo as coisas", eu não acredito não, porque a pessoa que quer, ele não precisa ter nada, consegue sim, é só ir à luta. Não é fácil, mas consegue.

(Filha) - Hoje em dia, facilita o financiamento.

- É uma palavra muito feia, "ah, eu não dou conta, eu não faço isso, porque eu não dou conta", dá! Todos nós dá e todos nós temos capacidade de chegar no que quer. Cê ver, eu construí isso aqui, trabalhava em casa de família, ganhava pouco e fiz, saiu, construí rápido. Todo mundo ficava assim, ficava com inveja e até hoje, o pessoal tem inveja, porque era só a gente mulher. Mas sempre eu fui à luta e corri atrás e nunca pedi nada a ninguém, graças a Deus, e nem roubei e nem deixei essa aqui num usar. Todo mundo falava "ah, se você criar sozinha, vai ser uma usuária", falei "não vai", falei "eu tenho fé em Deus que não vai, só porque vocês querem, mas", aí, sempre dei o mesmo caminho pra ela, "olha, cuidado com sua filha, conversa, aconselha, que bater não adianta". Às vezes, ela ia pra cima, que eu falei "não adianta bater, é conversar, às vezes, uma palavra dói mais do que você dar um tapa". E assim foi, né.

- E, hoje em dia, a senhora tem escritura aqui já?

- Já dei entrada. Mas tenho o direito a posse, o papel já.

- Teve uma época que eles fizeram um programa pras pessoas terem?

- Foi.

(Filha) - É mais sorteio, esses programas.

- A maioria não tem não, ainda não, agora eu, corri atrás, ainda peguei o direito a posse.

(Filha) - Tem programa pra pagar um valor menor, nesse que ela deu entrada.

- Também me contaram uma história. O pessoal veio pra cá, depois de uns anos vieram cobrar o IPTU de uns anos anteriores, teve essa história?

- Cobrou, teve, a gente pagou.

- Uns cinco anos de IPTU? Que teve que pagar de uma vez.

(Filha) Foi 2000, que eles entregaram, ficaram até 2008, sem cobrar o IPTU.

- Que foi na época do Roriz, né, ele não aceitou pagar IPTU.

(Filha) - Mas assim, não foi o valor de cinco anos, eles fizeram tipo um cálculo e cobraram um valor só. É porque, o que que aconteceu, teve muita gente que tá pagando caro, o IPTU caro, porque declarou uma área, metragem muito grande, que construiu, ou que construiu o lote todo. Aí, eles calculam o IPTU aqui, não sei se pra todo lado é

assim, é, em cima da área, da metragem construída. Aí, teve gente que construiu o lote todo, é, tá pagando muito caro hoje em dia, em torno de trezentos, trezentos e pouco.

- Entendi. Eu digo, porque, assim, aí, o governo mandou, depois começou a cobrar imposto, mas e as benfeitorias? E o retorno do imposto?

- Nada.

- De praça? Segurança? Escola?

- Assim, depois que eles colocaram água, luz, fizeram o asfalto, pronto, fez mais nada.

- Até hoje...

- Aí, só depois que colocaram o postinho, o colégio da 510, que aí depois, fizeram o o da 11, de tanto reclamarem, de tanta bagunça que fica ali, até de agressão com professores, de alunos armados, de tocarem fogo no 510, até que resolveram construir o da 11.

- Que ficou bom, né? Eu fui lá já, é uma escola muito boa.

(Filha) - É, mais seguro. E aí, pronto, ficou nisso só. Transporte e nada. Fizeram uma linha, mas passa raramente aqui, quando passa. Circular funcionou só uns tempos, que passava aqui na frente também e hoje não passa mais, é raro passar.

- Até essa limpeza de rua vem uma vez por mês e olhe lá.

- No geral, a senhora acha que melhorou? Melhorou muito, melhorou pouco, melhorou quase nada?

- Em vista do que entregou, melhorou, né, não foi, não melhorou lá essas coisas que é pra ser melhor igual é, mas não, né, teve uma melhora muito pouco, mas teve.

- E o que a senhora acha que precisa mais pra melhorar?

(Filha) - Parece que melhora só de dez em dez anos, assim, só um pouquinho.

- Ou só em época de eleição?

- É. E olhe lá. Tem vezes que nem em época de eleição. Pra mim, pra melhorar, o hospi, aqui no Recanto, principalmente, tinha que ter um hospital, né. E segurança também, né. E as escolas, que as escolas, eu estudo à noite, as escolas andam muito sem segurança, falta de respeito com professor, que eu vejo lá.

- A senhora estuda à noite onde?

- Lá no 113.

- Ah, porque quando eu cheguei aqui no Recanto pra dar aula, primeiro ano, antes de eu ir pro 308, eu dei aula no 111 à noite. Aí, trabalhava muito ensinando adulto lá, né. Eu até achava bom, porque apesar de ter os adolescentes que iam pra noite, porque não queriam nada com nada...

- Lá, então, continua assim.

- Tinham muitos adultos interessados, tavam correndo atrás, que queriam estudar, eu tive uma experiência muito boa com isso.

(Filha) - Eu acho que, aqui no Recanto, tinha que ter algo assim, um projeto, alguma coisa que trabalhasse muito com esses jovens. Os jovens aqui desistem dos estudos muito, muito cedo, e aí, vai pro caminho das drogas, não tem um lazer, não tem nada. Se não tiver um dinheiro pra ir prum parque da cidade, prum Nicolândia, prum cinema, fica só aqui, aqui, aqui e aí...

- Tem pouco lazer aqui?

(Filha) - Só vai se enturmando com os outros, essas festinhas, bebida, droga, eles acham que é uma diversão.

- Na minha sala, tem muito aluno. Aí, o professor, teve, um dia, esses dias, falou "ah, professor, eu já vou", professor "uai, se você quer ir, quem sou eu pra te segurar, você já é de maior", "e eu vou sim, ninguém me manda, nem meu pai me manda", eu falei "que absurdo". Aí, teve outro professor que teve que sair de lá, que foi até ameaçado por maloca. Então é...

(Filha) - Quer soltar não...

- Vai ter que tirar sem soltar então.

- Mas a senhora gosta lá do 113? A escola é boa?

- É, eu acho, eu gosto.

- Eu fui lá só uma vez.

- Não, muito bom.

(Filha) - De vez em quando, jogam umas bombas lá.

- Teve a história da bomba lá que é famosa.

- Teve. O João Carlos da aula lá.

(Filha) - O João Carlos saiu do 308?

- Não, assim, pelo menos até o ano passado, ele tava lá.

- Esse ano ainda não vi ele não, que ele, ele tem uns problemas, né? Também...

- É que ele mora em Anápolis na verdade, né.

- É.

- Então, ele fica um tempo em Anápolis, um tempo aqui. A mulher dele, filho tá lá, né.

- Esse ano ainda não vi ele lá não, é ele e o menino...

(Filha) - Roberto.

- Roberto. Nenhum dos dois eu vi. Saíram muitos, transferiram muito professor de lá esse ano, tá mais, a maioria novato.

(Filha) - Ah, esse negócio de menor infrator...

- Porque juiz tá mandando muito de menor...

(Filha) - Faz o que faz e depois o juiz fala, "vai pra sala de aula", aí, o professor tem que aguentar esses meninos, não sei não. Se funciona bem assim não.

- Mandaram muito de menor que foi preso pra lá e eles não querem nada com nada, vai pra lá pra usar drogas. Dia desses teve que chamar a polícia pra lá.

(Filha) - Segurança, né. Acho que, hoje em dia, o que a sociedade mais precisaria é isso, porque a gente tenta trabalhar, ir pra faculdade.

- Então, aqui o pessoal me fala que sente falta da época do posto, quando colocaram o postinho.

- Foi, foi uma época que foi muito bom, que tinha mais segurança. E agora voltou tudo de novo.

(Filha) - Quando colocaram, meteram tiro nuns policiais lá, pensaram que os policiais iam intimidar. Tem um policial que eles atirou nele, que tá até hoje, eles tão esperando o menino sair.

- Bom, eu acho que o que eu tinha mais pra perguntar, dona Maria Clara, era mais ou menos isso. Tem mais alguma história que a senhora lembre, mais alguma coisa que a senhora queira contar? Da vizinhança, a senhora falou que mudou bastante...

(Filha) - Mas assim, mudou, mas parece que continua, que a mesma índole continua e mesma coisa. A maioria das pessoas é sem instrução, sem educação, é, fazem festa, é som até tarde, então, não respeita os vizinhos.

- A convivência com a vizinhança é difícil?

- É difícil. Esse aqui do lado mesmo, os filhos mexem com coisa errada.

(Filha) - Faz festa, vai até de madrugada, até amanhecer o dia.

- Esse sobrado aqui do lado. Aí, alugou uma loja ali de essas coisas, mas só disfarçada, quando dá meia-noite é som automotista.

(Filha) - Eles chegam assim, sai um, vem outro pior.

- Entendi. E não adianta reclamar?

- Minha filha ligou pra polícia, "não, você tem que ir na delegacia, registrar ocorrência, não sei o que, não sei o que".

(Filha) - Falei "quem é que vai?" Registrar ocorrência, por cara a tapa pra poder depois eles vir com represália. Ninguém vai.

- Não, é porque eu não coloquei farinha de trigo, agora que eu lembrei, na forma.

(Filha) - Uai, mas não é massa pronta.

- Mas tem que por pra não grudar.

(Filha) - Ah tá. Suco ou café, Jorge?

- Eu vou tomar um suco, porque tá quente hoje. Agora, eu quando venho pra cá, quando eu desço aqui pras 500s, não sou acostumado, né, acabo dando umas voltas com o carro, sempre vejo muito menino à toa, vagando, com cara de mala.

- E tem. Se vai...

(Filha) Não é só menino não. Até adulto você vê.

- Tudo.

(Filha) - As mulheres aqui costumam, poucas costumam trabalhar.

- Sentam nesse meio fio aí, só pra tar falando da vida dos outros.

(Filha) - Vivem mais desse Bolsa Família. Por isso, eu sou contra, eu acho que tinha que ter emprego, sabe. Se acomodam, ganham, tem quatro ou cinco filhos aí, ganham seus quatrocentos, quinhentos reais, não quer mais trabalhar, vivem só disso. Às vezes, ainda põe os meninos pra pedir, quando são menores. E vive desse jeito. E acabam tendo, né, tendo ajuda do governo, tendo ajuda dos vizinhos, tendo ajuda da igreja. E vai, leva a vida desse jeito.

- Quando vocês vieram pra cá, você estudou em qual escola? Já tinha o 308?

(Filha) - Já. Eu terminei, não, eu terminei o ensino médio não foi aqui não, foi lá em Taguatinga.

- Mas já tinha o 111?

(Filha) - Já tinha o 111 e o 115.

- Você ia pra Taguatinga por que a escola lá era melhor?

- É, eu fiz a 8ª série no 115 e fui terminar o ensino médio lá em Taguatinga. Lá no 12 de Taguatinga.

- E era boa a escola lá?

(Filha) - Era muito boa lá. Muito rígida na época. É tanto que eu dei um pause, um tempo no ensino médio, justamente por causa disso. Eu engravidei, eu era assim, uma das primeiras alunas grávidas no colégio, aí, era aquele auê, "nossa, você tá grávida". Aí, começou a ter palestra e tudo me envolvia, eu me senti incomodada com aquilo, eu peguei e desisti, dei um tempo do ensino médio.

- E essa vida de vó? Como é a relação da senhora? A senhora disse que em um primeiro momento ficou brava?

- Foi, mas depois, depois aceitei, né.

- Como foi essa vida de criar junto?

- Foi bom.

- A senhora mesma foi criada pela sua avó.

- Foi.

(Filha) - Veio de um lado muito rígido, ela baixou mais a guarda. Hoje, ela é mais tolerante que eu.

- Neto amolece o coração da gente?

- É.

- Eu digo porque, eu não tenho neto, mas eu vejo minha mãe, minha sogra, depois que minha filha nasceu.

- É outro filho e é outra responsabilidade também.

(Filha) - Porque ela quer um filho com açúcar, é mais adoçado. Mas hoje ela conviver, tem hora que dá umas brigas aí, mas convivem muito bem.

- E a cabeça é muito diferente? Esse jovens de hoje em dia, já crescem com a modernidade, já nascem com o celular na mão.

- É o que a gente fala, é assim, "é sim", "não", aí teima, "não, vou fazer assim", aí, só pra quebrar a cara. No dia que a gente foi mesmo, eu falei "Thalita, não vai", "não, eu vou de roupa de mala pra eles ficar com medo", "Thalita, não vai, porque eles tem rixa, vão confundir você". Aí, foi dito e certo. Falei "aí, tá vendo, até eu".

- Mas a coisa que eu mais aprendi como professor lá com os meninos, é que às vezes tem que deixar quebrar a cara, porque não aprende com o erro do outro, né, tem que fazer o erro pra ele, o jovem, aprender.

(Filha) - Eu mesma, aprendi assim, porque ela me deixou assim, quase dois anos, sem falar comigo. Depois que eu ganhei a Thalita.

- Eu dei o desprezo.

(Filha) - Eu morava no Paranoá, no Itapoã, com meu ex-marido. E, lá no Itapoã, a gente teve lote.

- Mas você conheceu ele aqui?

(Filha) - Sim, a gente teve um lote e aí, depois vendemos. Aí, eu fui morar com ele, nesses dois anos, eu aprendi, que, aí, eu acordei pra vida. Foi onde eu vi que ele não queria nada, não queria, não queria crescer, queria ficar nessa mesmice, até hoje ele tá lá, na casa da mãe dele. Depois que nós vendemos no Itapoã, ele veio morar com a mãe dele aí na 605 e tá até hoje na casa da mãe.

- Eu falava...

(Filha) - O cara vai fazer quarenta anos, não mudou nada...

- Eu falava pra ela.

(Filha) - E aí, esses dois anos foi onde eu acordei pra vida, observei e vi tudo que minha mãe me falava, acontecia, era verdade. Aí, quando eu falei, "chega", eu vivi ainda sete anos e meio com ele, falei "deu, não dá mais, vou seguir minha vida". Aí, hoje eu vivo bem, mais ela e a Thalita.

- Aí, desde que você separou dele, você veio morar com sua mãe?

(Filha) - Sim, aí, reformei aqui, que aqui ficou alugado esse tempo todo, minha mãe, ficou alugado. Aí...

- Ficou alugado? E a senhora tava onde?

(Filha) - Ela morava em outra casa.

- Eu morava em outra casa.

- Pegava o aluguel daqui?

(Filha) - Não, ela não pagava aluguel não. Morava, morava mesmo de favor. O menino deixou ela...

- Trabalhava também, né, ficava mais no serviço do que...

(Filha) - Ela praticamente olhava a casa pra um outro pessoal, aí, ela morava na outra casa.

- E era onde essa outra casa?

(Filha) - Aqui, no conjunto 12. Aí, até que eu ainda morei lá um ano, aí, foi quando o pessoal pediu a casa e a gente...

- Veio pra cá?

(Filha) - Aí, teve que reformar, porque aqui ficou alugado dez anos. Aí, gastei uma grana pra reformar, reformar, aí, vai fazer dois anos que a gente voltou a morar aqui.

- Mas era aqui na 510?

(Filha) - Era.

- E como foi isso dessa casa?

(Filha) - Isso é um rolo. Teve esse homem, mas ele não era o dono. Quem era a dona era outra, mas ela não podia vir ocupar o lote e ele fez um acordo com ela. Ela pediu pra ele na época.

- Ele era sozinho?

(Filha) - Sozinho, até hoje ele é sozinho. Ele tem uma filha, mas mora lá em Belém, ele é divorciado. Aí, ele pegou. Aí, onde começa a corrupção, né, até na própria pessoa, a

gente fala dos governantes, mas a população acaba sendo corrupta também. Aí, ele pegou, quando a mulher ganhou o lote, ele passou pra dentro, ele não pagou nada ela, só que ela entrou na justiça, ele entrou também, ele ganhou cinquenta por cento com direito de usucapião e os outros cinquenta deram, por cento é dela, só que aí também, ela largou de mão, ela se cansou, não quis mais brigar...

- Mas tá lá...

(Filha) - Porque ele ameaçou ela. Aí, não quis brigar, não quis correr atrás mais ela e ficou, tá lá, assim, não falou nada.

- Mas tá lá, ele nem vende, ele nem passa pra outro, porque o PC é no nome dela. Aí, pra ele...

- Ficou um trem mal amarrado no fim das contas.

(Filha) - Ficou, tá meio bagunçado, mas acaba achando quem compra, porque as pessoas, às vezes, quer comprar, né, e não olha a situação do imóvel, aí, às vezes, ele vende por um valor mais baixo, a pessoa acha que tá se dando bem, não sabendo o rolo que tá se metendo. E aí, eu reformei aqui e a gente tá aqui. Aí, depois de tanto tempo, a gente tá aqui.

- E a senhora já viu uma por aqui?

(Filha) - Não, nunca vimos.

- Bom, faltou a senhora me falar o nome completo da senhora, o ano que a senhora nasceu?

- O meu nome é Maria Clara dos Santos e fui nascida em 27 de novembro de 61.

- Quase da idade de Brasília.

- É.

(Filha) - Cinquenta e?

- Cinquenta e quatro.

(Filha) - Cinquenta e cinco.

- Bom, muito obrigado às duas. Acho que é isso e...

Antônio Nascimento Conte, 06 de junho de 2017

- A minha ideia de trabalho é o senhor me contar um pouco da história da vida do senhora mesmo, como o senhor chegou até aqui, como o senhor construiu a casa e tudo mais. E através da história da vida do senhor, eu vou encontrando onde é que o Recanto da Emas vai aparecendo.

- Certo.

- Então, pra gente começar, se o senhor puder falar o nome completo do senhor?

- Meu nome é Antônio Nascimento Conte.

- E o senhor veio da onde?

- Eu vim do Maranhão.

- Do Maranhão.

- Do Maranhão, sou maranhense, certo, e cheguei em Brasília, e, mudei pra Brasília em 1991. Eu sempre vinha, mas vinha e retornava, né, então, em 91, eu mudei, casei no Maranhão também, que minha família é toda de lá e, nesse de 1991, eu mudei diretamente pra Brasília.

- Já veio a família toda?

- Aí, já veio, aí, já veio a família toda, é, porque lá tava meio complicado, entendeu?

- O senhor é de onde no Maranhão?

- Eu sou, eu nasci numa cidadezinha bem pequena, cidade de município que é Pirapemas no Maranhão, mas só que eu me criei na capital, minha infância toda foi em São Luis, mesmo, Maranhão. Aí, casei, aí, vim embora pra cá.

- A esposa do senhor é de São Luis?

- É de São Luis, ela.

- Aí, o senhor casou, mas mudou pra cá sem filho ainda?

- Não, todos os meus filhos são, são maranhenses também, todos.

- E quantos filhos são?

- Tem seis.

- Seis. E todos com a mesma esposa?

- Todos com a mesma esposa.

- Entendi. Aí, o senhor casou, teve os seis filhos lá ainda...

- Isso, os filhos foram todos nascidos lá, só que vieram pra cá pequenos.

- Entendi, mas o senhor falou que já vinha pra cá antes, quando o senhor vinha antes era pra fazer o que?

- Eu vinha trabalhar, que eu tinha uma irmã, que morava aqui na época. E aí, eu sempre entrava em contato com ela e como as coisas lá tavam difíceis, porque, eu, eu era PM no Maranhão, entendeu? Eu sou ex-policial. Então, foi a época que eu saí da polícia, tava meio complicado a parte de trabalho, porque até então, eu não sabia fazer outra coisa a não ser a função que eu exercia que era policial. E aí, eu vindo pra cá, aí, eu comecei a trabalhar nas obras, entendeu, trabalhei em algumas empresas aqui e foi isso aí, tô aí.
- Essa irmã do senhor morava onde?
- Ela morava na Samambaia.
- Samambaia?
- Ainda hoje, existe essa casa lá, só que ela foi embora pro Maranhão, ela voltou. Ela voltou e eu morei lá nessa casa, lá, até inclusive, na época que eu vim, em 91, lá ela recebeu esse lote lá também, né, porque ela, ela morava no, ela morava acho que era no, não lembro se era no Cruzeiro ou em Taguatinga, na época, que ela morava. Foi a época que saiu esses lotes, ela ganhou esse lote lá. E foi bem na época que eu entrei em contato com ela, ela me chamou pra vir, entendeu, que aqui tava bom, tinha trabalho. Inclusive, na época que eu cheguei aqui tinha, tinha muito emprego mesmo, hoje é que tá mais difícil.
- Entendi. Ela morava primeiro de aluguel, aí, recebeu o lote, foi pra Samambaia...
- Isso, aí foi pra Samambaia, foi a época que ela me chamou.
- Entendi. Aí, vocês construíram lá?
- Aí, ela pegou, foi a época também que ela se separou do marido. Inclusive, quem construiu lá fui eu. Eu que construí, ela me deu, passou o lote pra mim construir, eu construí no lote. E saí e deixei a casa lá. Foi a época também que eu...
- Vocês venderam a casa?
- Não, não, a casa continua sendo dela ainda. Ela foi embora pro Maranhão, mas tem um irmão, um outro irmão nosso que mora lá na casa lá.
- São quantos irmãos?
- Nós somos quatro irmãos, dois homens e duas mulheres.
- Todo mundo veio pra Brasília?
- Todo mundo veio, inclusive, só ela que tá no Maranhão. Ela retornou, porque ela casou-se novamente, né, com, inclusive, o esposo dela é funcionário da Terracap aposentado, aí, já tá tranquilo, né, voltaram, retornaram, ele é, ele é goiano, o marido dela é de Goiânia, de Goiânia.
- Mas eles tão em São Luis agora?

- Aí, eles foram, voltaram pro Maranhão, não sei bem se ela tá morando em São Luis ou se ela retornou pra cidade natal da onde a gente, nós fomos nascidos.

- O senhor veio, ficou em Samambaia até?

- Até foi a época, que eu fiquei na Samambaia, aí, a gente tinha um vizinho, que na época, ele tinha uma amiga que morava numa invasão no Parque Onoyama. E ele, ela tinha uns barracos lá e ela queria vender o barraco pra, pra ele, ele falou que não interessava, porque ele já tinha uma inscrição, é, numa associação pra receber o lote e perguntou se a gente não queria. Eu disse "ó, eu compro, tô precisando, a gente tá precisando mesmo". Aí, fui, à época, comprei o barraco lá, foi na época do governador Roriz, então, ele pegou e... Com treze dias que a gente tinha comprado esse barraco lá, foi feito o remanejamento e nós recebemos esse lote aqui.

- Então, o senhor ficou só treze dias lá?

- Treze dias.

- Entendi. Aí, o senhor comprou dessa pessoa?

- Isso.

- E todas as pessoas que saíram de lá vieram pra cá?

- É, a maioria sim. Bom, os que eu conheço, vieram pra cá. Tem uma vizinha aqui que é fundo comigo aqui, que era de lá também. Tem a outra, inclusive essa senhora que vendeu o barraco pra gente, vendeu a casa dela aqui, parece que foi embora pro lado de Goiás, foi pro Goiás e vendeu a casa.

- O senhor tem ideia de que época foi isso mais ou menos?

- Ra... Eu não lembro, eu não lembro, eu não lembro, porque, eu era até, inclusive, não sei se vai fazer parte dessa entrevista, porque eu era uma pessoa que tinha uma memória até muito boa, entendeu, assim, em termo de, é, mas eu depois que houve uns acidentes comigo, eu fiquei assim meio esquecido, entendeu? Fiquei esquecido pra ca, às vezes, acontece as coisas, tem coisa que eu vou pegar uma coisa dentro de casa, quando eu chego ali, eu esqueço o que eu ia fazer.

- Acidente do que, que o senhor teve?

- Ó, aconteceu dois acidentes bem graves comigo. O primeiro, fui vítima de disparo de arma de fogo num assalto dentro do ônibus. Eu vindo pra cá, foi a época que eu tava construindo aqui e eu tava vindo pra cá e entrou uns assaltantes dentro do ônibus, dentro do ônibus e... Porque eu não sei, eles vieram pra cima de mim e o cara me deu um tiro à queima-roupa, foi porque desse tiro, eu fiquei cinco dias em coma. Entendeu? E o outro

acidente, eu caí dentro do ônibus também, fiquei três meses internado, quebrou costela, perfurou pulmão, lesionou meu baço, fiquei daquele jeito, entendeu.

- Nossa. E as duas vezes vindo do trabalho pra casa?

- A segunda vez que eu caí dentro do ônibus, eu tava vindo do trabalho, pra cá, eu já morava aqui.

- Entendi. A primeira ainda tava construindo?

- A primeira eu tava construindo aqui ainda.

- Entendi. Mas quando o senhor ganhou era só o lote?

- Só o lote. Era só o lote, não tinha nada.

- A área toda das 500s tava começando?

- Tudo, tudo, era só, começando. Tudo foi início. Inclusive, quando nós viemos pra cá, as primeiras quadras que foram entregues foi lá embaixo na 511, aí, vieram de lá pra cá.

- Então, essa parte mais pra baixo já tava...

- Não, foi na mesma, foi assim, falou "vamos mudar amanhã. Vamos fazer o rema, o remanejamento amanhã". Então, as primeiras pessoas que foram retiradas foram levadas pra lá.

- Entendi.

- Entendeu? Só que como não deu pra gente ir no mesmo dia, nós viemos no dia seguinte, aí, ficamos aqui.

- Mas essa parte aqui debaixo, das 300s, já tinha tudo?

- Tudo, é não, tudo é a mesma época, tudo é novinho, tudo é do mesmo tempo que eu vim pra cá. Não tinha nada essa parte aqui, isso aqui foi tudo da época do governador Roriz. A única coisa que tinha aqui é uma parte aqui da 508, que era do conjunto 1, foi umas que fizeram pra, até foi a Caixa Econômica que fez essas casas, que era pros policiais, militares, pra militar, só que alguns militares não quiseram, receberam e venderam as casas.

- Entendi.

- Entendeu?

- São as primeiras?

- As primeiras de cá beirando a pista, aqui subindo pra cá.

- Perto ali do campinho?

- Isso, daquele campinho pra cá.

- E deu muito trabalho pra construir aqui?

- Deu, deu trabalho, porque, na época, inclusive, na época que eu tava construindo aqui, eu co, eu comecei, né, porque como eu sabia, sabia não, sei, ainda hoje sei, só que eu não posso mais fazer, tudo que eu faço, depois que houve esses acidentes comigo aí, eu passo mal, enquanto eu tô me movimentando, tudo bem, depois que eu deito, que o sangue esfria, eu fico passando mal, né, não tenho mais condições de fazer serviço pesado nenhum. Aí, mas, deu trabalho.

- O senhor falou, por exemplo, tava vindo no ônibus pra mexer aqui, a família do senhor ficou em outro lugar?

- Tava na Samambaia, morava na Samambaia. Aí, eu vim, inclusive, eu perdi o primeiro ônibus. Aí, eu passei, voltei em casa, falei pra minha esposa, falei "ó, arruma o almoço aí, quando for onze horas eu tô em casa". Porque eu tava trabalhando na época, em Á, na época, tava trabalhando em Águas Claras, aí, teve um vizinho meu de frente aqui que fez um serviço pra mim aqui, inclusive, eu vinha trazendo o dinheiro pra ele, um pouco de dinheiro pra ele. Só que, não sei se você lembra, tinha umas pochetezinhas, aquilo lá, e eu gostava muito de usar aquela pochete, eu usava ela aqui. E a minha esposa sempre falava assim "rapaz, para de andar com isso, isso vai chamar muita atenção", "ah, quem vai mexer nisso aqui? Aqui não tem nada, só carrego meus documentos". E, acho que o cara foi em cima de mim por esse motivo. Aí, ele pegou, ficou puxando a pochete, eu tentando tirar, mas não tava conseguindo, eu acho que ele entendeu que eu não queria entregar, aí, ele pegou e me deu um tiro à queima-roupa.

- Isso já aqui dentro do Recanto?

- Não, lá na Samambaia.

- Lá na Samambaia?

- Eu peguei numa parada, na outra parada eles entraram.

- Ah, logo depois.

- Foi.

- Entendi. E a família do senhor ficou morando lá em Samambaia e o senhor foi construindo aqui devagarinho?

- Isso, foi devagarinho, até que terminei e mudei pra cá. Eu não lembro bem a da, a época em que eu mudei pra cá, eu não lembro quando foi que eu mudei pra cá, eu não lembro.

- Já tava mais ou menos do jeito que tá hoje?

- Não, não, quando eu mudei pra cá, ela tava só rebocada e no contra-piso. Aí, depois que eu mudei, que eu fui fazendo. Inclusive, essa parte aqui da frente, tava o, você tá

vendo como é que tá a bagunça aí, porque eu tô começando a terminar agora, tá aqui tudo.

- Ainda tem umas coisinhas?

- Ainda tem umas coisinhas pra mim fazer, entendeu?

- E, hoje em dia, mora aqui todo mundo com o senhor? Ou os filhos já tão...

- Não, só tem um filho que mora comigo, o caçula. Ele, os outros tudo já tem família. E mora meu filho e quatro netos que moram com a gente aqui, porque um, a mãe mora no Santo Antônio, aí, o ensino lá é muito fraquinho, aí, esse ano ela veio pra cá, aí, tá estudando, tá morando aqui e estudando aqui também.

- Entendi. E a Ana Clarice?

- Ana Clarice tá aqui.

- Ela é uma das que mora aqui com o senhor?

- Ela tá aí pra dentro aí.

- O pai dela mora onde?

- Rapaz, o pai dessa menina, ele desapareceu de um jeito que ninguém não soube mais nem notícia dele.

- É mesmo?

- É. Muita gente fala que disse que acha que ele foi pra São Paulo, aí, não sabe se assassinaram ele, não sei como é, ninguém sabe.

- Ele é um dos seis filhos do senhor? Ou é a mãe?

- Não, é a mãe é que é minha filha. A minha filha, hoje, ela tem outro marido, aí, ela mora na Ocidental.

- Entendi. Então, cada filho tá em um canto? Tem nenhum que tá morando no Recanto tirando o que mora aqui?

- Não, tem, um filho meu que mora de aluguel aqui atrás, na outra rua de trás.

- Tá aqui perto?

- Tá aqui perto.

- Mas todo mundo passou por aqui? Morou aqui um tempo?

- Todo mundo passou aqui. Todos. Tem duas que moram no Santo Antônio, tem uma que mora na Samambaia e o outro que mora aqui e um que mora conosco aqui.

- No geral, o senhora tá satisfeito? Gosta daqui? Acha que melhorou? Precisa melhorar mais?

- Não, o Recanto, bom, tá bom, mas tem que melhorar algumas coisas, né. Uma parte de segurança, que não tem, tá deixando a desejar. Raramente, você vê um carro de polícia

passar na rua. Os assaltos é frequentes, são frequentes os assaltos. Eu, graças a Deus, depois que eu mudei pra cá, eu fui assaltado uma vez só. Eu tava, inclusive, quando eu tava saindo do hospital e eu tava indo levar um resultado de exame e fui assaltado. Tava eu, tava bem, bem, bem abatido mesmo, bem fraquinho, que nem podia...

- Fazer nada?

- Nada, nada.

- Foi aqui perto do posto de saúde?

- Foi, não, foi naquela igreja, não tem uma igreja do lado de cá? Uma igreja...

- Uhum.

- De quem vai subindo da esquerda?

- Sei.

- Atrás daquela igreja ali.

- O senhor tava passando?

- Tava eu e minha esposa. Aí, quando ela passou, passou um, um cidadão pela gente e ela pegou e falou "você viu o jeito que esse cara olhou pra minha bolsa?" Quando eu virei pra trás pra olhar, ele já tava em cima com revólver já "entrega, entrega", aí, pedindo meu celular, aí, eu não entreguei não, ele veio tomar no meu bolso e tirou, mas eu mesmo pra, não tirei pra entregar não.

- Mas aqui na casa o senhor nunca teve problema de tentarem entrar?

- Não, aqui não. Não, uma vez, eu não sei porque, eu tava trabalhando, a Ana Clarice me falou, que na época, que esse corredor aqui era aberto, você viu esse portãozinho aqui, né?

- Uhum.

- Teve um cida, disse que uma pessoa entrou aí e ficou olhando lá pela porta e ela ficou disse que muito nervosa, aí, ainda bem que, nisso, o carteiro bateu no portão e ele, inclusive, tem até umas marcas pretas no muro ainda ali, acho que foi da, da, da botina, ou se ela tava pisando. Bem no cantinho aqui da coluna. Aqui do lado.

- Uhum.

- E ele subiu e pulou pra cá pro corredor de novo.

- Entendi.

- Mas também foi só isso. De lá pra cá não aconteceu mais, também.

- Essa parte de segurança, o senhor acha que precisa melhorar, mas, por exemplo, e essa parte de saúde?

- Saúde, ixi, a saúde mesmo é que tá, tá mais complicada. A saúde no DF acabou. Não tem, não tem, não tem saúde, segurança, acabou tudo. Entendeu?
- E essa parte de escola? O 308 aqui, o senhor gosta?
- A parte de escola, pra mim, pra mim tá bem bacana. Inclusive, aqui o 308, o 306 também agora melhorou, porque veio uma pessoa, um outro diretor, que eu esqueci até o nome dele, como é que é? Não sei o nome dele, o Marcos até me falou já o nome dele, mas eu, num, esqueci, eu não sei, não lembro o nome dele.
- No 306, eu só ia lá na época que a regional tava lá, né. Depois que tiraram a regional de lá...
- Inclusive, onde era a regional, hoje é o CIL que funciona, né.
- Uhum.
- Pois é.
- Agora, eu trabalhei no 111, primeiro ano que eu cheguei aqui no Recanto, eu trabalhei no 111, à noite, aí, no ano seguinte, eu já vim aqui pro 308, então, eu tô aí com o Marcos desde então, né.
- Pois é.
- Mas a escola aqui é boa, né?
- É boa.
- Ajuda, participa, o Marcos é bem pulso firme.
- E, e, sempre que eu tô de folga, eu tô no colégio. Hoje mesmo, à tarde, eu vou lá, que tem que resolver um negócio lá, que é, que aconteceu uma episódio lá com a Ana Clarice lá e eu tenho que resolver isso, porque, já conversei com ela, não é essa educação que eu dei pra nenhum deles. E a Denise me ligou, me reclamando dela, e eu tenho que ir lá resolver isso hoje, à tarde, porque ela está estudando à tarde, então, eu tenho que ir lá pra ver esse negócio aí.
- Eu dei aula pra ela em 2015, foi no ano que eu entrei de licença, foram as últimas turmas que eu peguei foi o ano dela e ela era a aluna mais tranquila da sala.
- Pois é, até a Denise me ligou e achou estranho a atitude dela. Falou, ó, seu Antônio, eu tô estranhando a Ana Clarice, nunca tinha acontecido uma coisa dessa e ela falou isso pra mim". Eu "não, mas tudo bem, pode deixar que eu vou resolver isso aí", e hoje eu vou no colégio, à tarde lá, eu vou lá, que eu tenho que resolver isso.
- Vai chegando a adolescência também, né, menino vai ficando mais...
- Mais, não, mas, é, é, mais rebelde, mas não é esse tipo de, assim, eu pelo menos eu não aceito essas coisas, não aceito mesmo. Falo pra eles como é que funcionam as

coisas, entendeu, não é assim que tem que ser, tem que, pois é, e eu tenho vou lá à tarde eu tô indo lá, porque é o horário que ela tá estudando, eu tenho que ir lá pra esclarecer esses negócios lá.

- O mais importante que a gente vê lá na escola, é quando a família tá acompanhando, né, porque se deixar os meninos soltos, aí, eles vão fazer o que querem.

- É e eu sou o seguinte, eu sempre que eu tô em casa, tô de folga, eu vou. Acho que o Marcos tem hora que até abusa da minha cara, porque tem vez que eu vou lá duas vezes no dia, quando eu tô em casa, né? Eu vou lá na parte da manhã, vou à tarde, porque tem um que estuda de manhã lá.

- Quem é?

- O Tales. Tales Daniel. Acho que você não deu aula pra ele não.

- Assim, de nome assim eu não tô lembrando não. Ele é mais novo ou mais velho do que a Ana Clarice?

- Ele é o mais velho.

- Ele é o mais velho.

- Mais velho ele.

- O nome não me é estranho de todo não. É capaz, se ele tá numa série mais avançada que ela, é capaz de eu ter sido professor.

- Ele é um menino assim, ele, eu converso, eu converso muito aqui dentro de casa, do jeito que eu criei os meus filhos, eu tento educar ele também. Então, eu, eu já perguntei pra ele o que que ele quer ser na vida, porque interesse em estudar, ele não tem, porque ele ficou um ano reprovado e eu falei pra ele "e tu vai reprovar de novo". Entendeu? No 9o ano ficando reprovado, já reprovou uma vez, vai reprovar de novo. Eu sentei com ele ali e falei "ó Tales, me diz o que tu quer ser pra gente poder te ajudar. Diz o que é uma carreira que tu quer seguir que a gente vai tentar te ajudar, mas tu fica calado, tu não fala nada, estudar tu não quer", vai pro colégio, eu tava vendo o caderno dele, se tiver cinco, é, folhas escritas é muito. Eu digo "rapaz, tu tá fazendo o que no colégio?" "Não", eu digo, "tu tem um computador na cabeça? Porque pra tu não escrever tem que ter o computador, na, dentro da cabeça, pra decorar tudo". Entendeu? Então, é assim, e é porque eu não deixo eles à toa. Ele, assim, uma semana, nós arrumamos um menor aprendiz pra ele, ele tá trabalhando, essa semana agora ele tá indo, vai pra lá, né, e na outra semana ele vai pro SENAC, tem um curso no SENAC, ele tá lá também. Então, é uma semana lá, o dia que ele sai do colégio, vai pro SENAC, na semana que ele tá no menor aprendiz, pra não ficar à toa, mas assim mesmo, ainda da... Acho que...

- Ainda é difícil?
- Ainda é difícil ainda.
- Tem muito problema de mala aqui, de má-influência?
- É, até que aqui próximo de mim aqui não tem não, mas mais pra baixo aí tem, viu. O que é vê falar é de bandidagem, pra cá da 510 pra 511, aí é lotado.
- A gente tinha muito problema que iam pra porta da escola, mas desde que colocou o posto policial melhorou bastante.
- Pois é. Melhorou. Inclusive, eu tive lá, porque tinha um moleque lá que tava ameaçando a Ana Clarice de morte. Ela até pegou umas coisas aqui dentro de casa, levou pra dar pra ele. Aí, eu peguei e falei "ó, não é assim que funciona, você tem que chegar, você vai, fala com o diretor e me avisa, que você não pode pegar nada aqui dentro de casa pra dar pros outros". Aí, o professor viu ela chorando dentro da sala, perguntou o que que foi, ela contou, né, falou que o menino deu prensa nela, ela pegou e deu as coisas do irmão dela pro moleque lá. Aí, o Marcos chamou na direção lá e mandou chamar a mãe, explicou a situação e ela fez ele devolver. Inclusive, ele saiu até do colégio aí, não tá mais no colégio não.
- Era um mala que estudava dentro da escola?
- Pois é.
- A gente tem umas peças dessas lá mesmo, mas é difícil. É como o senhor falou, né, eles tem que procurar a gente, ou a direção, ou os professores, que a gente sempre tenta ajudar. O senhor falou, então, que saúde e segurança é o que precisa mais melhorar.
- Precisa bastante.
- Quando o senhor chegou aqui já tinha asfalto? Já tinha luz?
- Não.
- Água?
- Não, é, bom, quando eu mudei pra cá já tava tudo instaladinho isso aqui já, só não tinha o asfalto. Mas a luz, a água, já tinha. Inclusive, quando eu mudei pra cá, eu tive que ir na CEB, ir na CAESB, pedir pra suspender o fornecimento, porque tava tudo instalado, mas não tinha ninguém morando, tinha só o barraquinho, eu tava construindo, aí, foi a época que eu dei uma parada e pedi que suspendessem o fornecimento, porque eu estava pagando as taxas, né. Não tinha consumo, mas vinha as taxas e eu ficava pagando. Aí, eu fui lá e pedi pra suspender o fornecimento, aí, eles fizeram isso. Aí, depois, quando eu precisei de novo, fui lá, pedi pra religar tudo, aí, retornou, mas aí, o asfalto veio depois.

- Demorou?
- Demorou. Até que o asfalto aqui foi bem mais rápido do que nessas quadras de cima aqui na 308. Porque quando eu mudei pra cá, na 308, não, tinha algumas ruas que não tinha asfalto ainda. Essa principal mesmo aqui não tinha. E eu ouvia até muito comentário, quando ia pra parada, o pessoal revoltado, porque, porque eles chamam aqui embaixo de Taubaté, né. Porque eram uns barracos de madeira. Revoltado, falando "é, porque o Taubaté começou agora e foi asfaltado primeiro do que pra gente aqui em cima". Mas é claro, tem que começar de baixo pra cima, né? E eu ouvia sempre esses comentários na parada, quando eu ia pegar ônibus, eu ouvia eles comentando isso, ficaram revoltados, porque asfaltou primeiro aqui pra depois subir.
- O senhor acha que tinha muito problema do povo de lá com o povo daqui nessa época que vocês mudaram?
- Não, até que não, a gente ouvia só comentário assim, mas nunca teve esse negócio de problema, porque geralmente, tem algumas cidades, que você mora numa quadra, não pode ir na outra, porque são, tem rixa, né, negócio de gangue. Não tem, é. Esses dias mesmo no trabalho, eu ouvi falar, ouvindo uma pessoa lá comentando, que em Planaltina tem umas quadras lá que uma não pode ir na outra, porque... Será que é aqui? Não, foi aqui embaixo. Porque vai, eles matam. Então, aqui nunca teve isso não. Aqui, graças a Deus, nunca teve.
- Era mais só essa coisa de quem chegou primeiro?
- É só comentáriozinho, é, chegamos primeiro, era só comentário mesmo, mas nunca teve negócio assim de briga, assim, eu nunca nem ouvi falar que tivesse isso aqui não.
- Quando o senhor chegou, então, estavam os lotes já marcadinhos?
- Tudo marcadinho.
- O senhor falou que a parte lá da 511 pra lá foi recebendo primeiro.
- Foi.
- Mas o cerrado, o pessoal já tinha derrubado tudo?
- Aqui já tava tudo, como é que diz? O terreno todo preparado. Tudo, tudo planadinho, tudo, até onde tinha que aterrar, aterrado, bacaninha mesmo. Tudo com os piquetezinhos. Tava tudo, só.
- Entendi. E não teve problema de invasão não? De gente invadir os lotes de quem recebeu?
- Não, que eu fiquei sabendo, é que tem um lote aqui do lado que ele foi invadido esse lote. Só que, inclu, ele foi invadido, mas, depois, um dos filhos da mulher, que era,

inclusive, era até um, era um presidiário, com o tempo foi solto, inclusive, até a mãe desse, desses dois rapazes, ela faleceu num orelhão ali de frente o 308, que tinha um mercado de frente lá, um supermercado, e na época, era só orelhão que tinha aqui, não tinha telefone fixo ainda, não tinha nada. Aí, o que que acontece. Ela, ligaram pra ela, e aqui era assim, ligava alguém, avisava, vinha, chamava. Aí, o pessoal veio dar o recado pra ela que o filho dela tinha sido solto. E nessa, nesse telefonema que ela recebeu lá, ela morreu lá mesmo, deu problema, quer dizer, ela ficou emocionada, que ela faleceu, não aguentou, morreu, quando soube que o filho tava, foi solto. Aí, ficou só esses dois rapazes, um aí, ficou, aí, depois prenderam um novamente, o outro ficou morando na Samambaia, que eles moravam pra lá, e aí foi a época que, aí, mataram um desses, ficou só um. Aí, ficou só esse morando na Samambaia e tal, ele pegou e passou o lote prum, prum rapaz aí construir e ficar morando. Aí, o que que acontece, ele faleceu também.

- O outro? Da Samambaia?

- O outro, aí ficou.

- Sem dono?

- Sem dono. Aí, o cara pegou, construiu e vendeu. Segundo informação que eu fiquei sabendo, eu não posso afirmar, porque pra mim mesmo ele não, é, ele não chegou pra mim e falou, eu soube comentários por boca de outras pessoas. Mas o lote não era dele não, e ele vendeu o lote mesmo, então, foi isso aí, vendeu, pegou e vendeu.

- E vocês tem a escritura aqui hoje em dia?

- Não, eu, nós temos só o... O... Como é que chama? Esqueci o nome do documento que eles dão agora, de... Como é que é, meu Deus do céu? Esqueci, rapaz, como é que esquece assim? É o documento que quando eles te entregam o lote, pra você, é, você fica, é como se fosse o dono mesmo, entendeu?

- É o termo de posse?

- É, isso, termo de posse, do lote.

- Entendi.

- Pois é. E essas escrituras, eu já dei até entrada, inclusive, eu tenho que ir na Administração, que eu já fiz esse pedido, tem, tem um, acho que já deve ter uns cinco anos, que eu fiz, dei entrada lá, eu tenho que ir lá ver esse documento tá pronto.

.- Essa parte de imposto, IPTU, isso tudo eles já cobram aqui?

- Tudo cobra, não, tudo aqui, é tudo co, tudo a gente paga todo ano, isso aqui, todo ano paga.

- O senhor falou que tem uma vizinha aqui de trás que é da Onoyama...

- É.
- Teve esse caso aí desses vizinhos que morreram...
- Isso.
- Mas, no geral, o senhor acha que a vizinhança é mais ou menos a mesma ou o senhor acha que venderam muito?
- Não, esse aqui do lado mudou, que ele comprou esse lote aí também, esse e o se, o outro de lá foi comprado também. Não. Aliás, deixa eu ver, um, dois, três. Foram vendidos. Esses três lotes do lado de cá, depois de mim foram vendidos. Foram vendidos, é. Não é mais os mesmos donos não.
- Entendi. Mas o senhor acha que muda muito a vizinhança?
- Não, mudou até pouco.
- Mudou pouco?
- Foi, pelo que aqui na rua mesmo, só teve esses dois, três casos, aí que venderam, mas aqui os outros são os mesmos, aqui a de frente. Assim, esse outro vizinho meu daqui também comprou, o de cá, vizinho daqui comprou. Esse outro ali que o pessoal mora, também, eles, é invadido esse lote, eles invadiram o lote, só que quando o IDHAB vinha pra reaver o lote novamente, pegar o lote de volta, eles arrumavam meio mundo de menino e colocavam dentro da casa, porque eles, eles tiveram lote, tinham casa na Samambaia na época do Roriz, que doou também esses lotes, eles pegaram e venderam, então, quem vende é porque não precisa, né? Então, o IDHAB veio aí algumas vezes aí, só que, já tem muitos anos, aí agora, parou, não vieram mais.
- Foi ficando, foi ficando?
- Foi ficando, foi ficando e taí até hoje. Mas os outros é tudo, é mesmo, a da esquina de lá, foi vendido. A da esquina aqui, porque aí já é cinquenta por cento, esse de frente aqui com a gente é 509, daqui pra cá é 508.
- Entendi. O senhor falou, por exemplo, que o senhor tinha há uns dias lá comprado o barraco, que o senhor tava em Samambaia, mas o senhor já tinha inscrição?
- Não.
- O senhor nem tinha inscrição?
- Eu. Nem tinha inscrição. Na época, quando eu cheguei aqui, ainda tava fazendo aquele negócio das inscrições, né, só que, eu não ligava muito pra essas coisas não, eu diga "ah, num vou fazer não, tal", trabalhava, eu digo "vou comprar um lote pra mim, uma hora, eu vou, se entrar um dinheiro, eu vou comprar". Só que a gente vai, passando, vai pegando dinheiro e vai gastando e vai esquecendo daquilo. Quando a gen, quando eu

quis abrir os olhos, aí, já não tinha mais jeito, foi a época que acabou aquele negócio de inscrição, entendeu, era só pra quem já tinha inscrição, e aí, e aí, eu come, aí, foi a época que apareceu o barraquinho lá, eu digo "não, eu vou comprar". Aí, nós compramos e, graças a Deus, quer dizer, não foi bem doado, porque pra gente conseguir aqui, teve que comprar, né, mas, inclusive, eu agradeço até muito, o ex-governador Roriz, porque, na época, se não fosse por ele, a gente não tava aqui hoje.

- Então, mas e, o senhor recebeu o lote já era na época, já era no governo dele?

- No governo do Roriz.

- E a sua irmã também recebeu o lote em Samambaia no governo dele?

- No governo do Roriz também.

- Mas, só pra eu tentar, ela recebeu na época do primeiro? Aquela época de 90, 91?

- Isso, exatamente, foi, dos primeiros.

- Aí, teve um governo do Cristovam, que foi até 98. Aí, o senhor já recebeu nessa segunda época, 99, 2000, quando ele voltou?

- Foi por aí. Quando ele voltou, exatamente. Foi até na época que era a secretária de habitação era a Ivelise.

- A Ivelise?

- Ela era secretária de habitação, entendeu. Inclusive, teve a reunião lá com a gente lá no Onoyama, reuniu todo mundo, ela teve, o governador também teve.

- Ah, ele foi lá conversar com vocês?

- Foi, foi conversar com a gente, falou "ó gente, eu queria tirar vocês", porque até então, eu comprei lá, porque eu achava que ia ficar lá.

- A localização era boa?

- Boa. Eu fiquei empolgado, falei "não, caramba, aqui é muito bacana", peguei, então, comprei. Só que depois, quando, quando, ele, na época que ele foi fazer a reunião com a gente lá, aí, ele falou "ó gente, eu queria tirar vocês daqui pra colocar, porque aqui é um, é área de prevenção ambien, é, né, de preservação ambiental aqui e tal, então, não pode ter moradias aqui. Então, eu tava querendo levar vocês pro Areal, mas lá não tem mais como, porque já tem um outro loteamento que foi feito, que foi assentado lá, mas arrumei um local muito bom pra vocês no Recanto das Emas". Aí, quando ele falou assim, eu, caramba, me deu uma tristeza grande. Mas aí, tudo bem, é lá? Vamos pra lá. Hoje, eu tenho arrependimento de não ter vindo há mais tempo.

- Mas o senhor já tinha ouvido falar do Recanto das Emas nessa época?

- Já, inclusive, eu vinha, que tinha uns vizinhos meus lá, que tinham lote aqui, eu vinha de lá. A gente vinha aqui no lote deles, na época que eles tavam arrumando também, que tudo foi na época do Roriz, que foi doado também. Só que pra lá foi primeiro, né.
- O desses seus conhecidos era aqui nas 500s também?
- Não, lá na 307.
- Ah, na 307.
- É, eu sempre vinha, sempre vinha lá na casa, no lote deles lá.
- Então, o senhor já acompanhava, já conhecia o Recanto.
- Já, já, já, só que, como eu morava, meu primeiro local que eu fui morar foi na Samambaia, eu gostava muito da Samambaia, eu não queria vir pra cá. Inclusive, quando eu recebi esse lote aqui, eu tentei vender ele. Só que não consegui. É porque Deus faz as coisas de acordo, tudo certinho, né?
- Escreve certo por linhas tortas?
- Porque tinha que ser. É. Então, é, na época, eu quis vender ele, não consegui. Aliás, não consegui e vou, hoje em dia, ave Maria, pra mim é bom demais.
- Hoje, o senhor tá muito satisfeito?
- Muito satisfeito, tô bem.
- O senhor falou que ainda tem algumas coisinhas que o senhor tá mexendo, mas, no geral, o que essa casa significa pro senhor?
- Rapaz, essa casa, pra mim, significa tudo, viu, na minha vida, aqui, eu posso falar isso, assim, porque, se eu não tivesse essa casa aqui, talvez eu não estaria mais nem aqui, porque, na época, quando eu vim pra cá, eu vendi a mi, nós vendemos a nossa casa lá no Maranhão, pra voltar já ia ficar mais complicado. Talvez, eu poderia até ter voltado, porque viver aqui de aluguel, é, é bem complicado. Tudo bem, que até hoje eu ainda tô trabalhando e eu acho que com esse governo aí ninguém vai aposentar não, se for aprovada aí essa lei aí que ele quer, ninguém vai conseguir, ninguém vai aposentar não. Porque, eu até cheguei a comentar no meu trabalho, falei "rapaz, do jeito que é esse plano do governo aí, o menino tem que estar na barriga da mãe, carteira registrada, pra poder conseguir aposentar".
- Quer que as pessoas aposentem com sessenta e nove anos de idade, quarenta anos de serviço.
- Quem é? Não tem condições. Porque, hoje em dia, o primeiro emprego é com dezessete anos, dezesseis aliás, né, então, que é esse menor aprendiz, né, que eles falam aí. Agora, você vai, confere a um trabalhador com dezesseis anos o primeiro emprego

dele, com quanto anos é que ele não vai tá, é, com quarenta anos de previdência? Pagando quarenta anos?

- Na minha opinião, ainda tem um problema grave, porque eles pensam assim "ah, quarenta anos, mas as pessoas tão vivendo muito", mas eles tão pensando no cara que tá sentado de gravata no escritório, não tão pensando...

- No trabalhador.

- Na pessoa que tá carregando pedra, arando chão...

- Puxando enxada...

- Que um idoso, fazendo esse tipo de serviço, já não tem saúde mais...

- Pois é...

- Eles não pensam, que é a maioria, né, na maioria das pessoas, eles pensam mais no caso deles. Porque o Temer mesmo aposentou com cinquenta e poucos anos.

- Pois é, ele tá lá, mas tá aposentado. E vai sair e acho que pega mais uma aposentadoria, né, porque quando, eu não sei se funciona assim, eu não sei como é que funciona, mas é, você veja bem, né, o político, se ele passar, botar por baixo, dez dias no poder, quando ele sai de lá, ele já é aposentado. E quer dizer que o trabalhador rala a vida inteira e pra se aposentar, morre e não aposenta com essa previdência que ele quer mudar aí, não tem condições. E se a gente ficar parado, ué. Mas só que o negócio não tá bom pra ele também não, ele vai, o pessoal não tá mais querendo votar, então, vamos ver o que vai acontecer, né.

- O senhor falou que o senhor era policial militar lá no Maranhão, o senhor era funcionário público, tinha...

- Era, era, só que eu não tinha, rapaz, a gente quando é novo. O senhor toma café, professor?

- Eu tomei um café já, muito obrigado.

- Não, é porque eu tomo café demais.

- Se o senhor quiser fazer uma pausa... O senhor estava falando que o senhor era policial militar.

- Aí, até, então, eu quando eu vou chamar o pessoal, os filhos meus, esses meninos que moram comigo, quando eu vou chamar pra dar conselho pra eles, a primeira coisa que eu falo, é sobre a minha vida também, né. Eu falo "ó, eu tô falando isso pra vocês, porque essa fase de vocês, eu já passei por ela. Então, muita coisa, hoje, que tá acontecendo comigo, não era pra estar acontecendo, porque, já era pra mim estar aposentado, era pra mim ter me aposentado com o que, com meus quarenta anos, de

trabalho. Então, eu falo pra vocês por esse motivo, essa fase que vocês estão passando, eu já passei por ela também e ela é bem complicada. Então, muitas vezes, vocês podem até me achar, que eu seja chato, mas não é que eu seja chato, é porque eu já passei por ela, então, eu não quero que vocês passem pelo que eu tô passando, entendeu?" Então, eu sempre fiz muito, assim, batalhei muito pros meus filhos todos estudarem, né. Inclusive, tenho um só que é formado. Os outros, tem o mais velho, que tá fazendo, é, o EJA, né. Então, agora ele começou "não, agora vou, tenho que terminar, tenho que terminar, fazer faculdade". Pois é, "tiveram toda a oportunidade do mundo e não quiseram, então, agora é com vocês". Não moram mais comigo, também, já é pai de família também, então, aí, agora já se arrependeram, né, falou "é, não quis, agora tenho que já depois, nessa idade tem que estudar novamente".

- Só uma curiosidade, os pais do senhor, lá no Maranhão. Quando vocês vieram pra cá, seus pais ainda eram vivos lá?

- Não, minha mãe morreu bem novinha, minha mãe morreu, faleceu com trinta e seis anos. Aí, inclusive, meu pai, nós não fomos criados com pai. O meu pai, ele separou da minha mãe, eu era, sei lá, bebê de colo, porque eu não lembro da época que ele separou, eu lembro, às vezes quando ele ia me olhar, que eu chorava, chorava era muito, né. Mas, nós não fomos, o pai da gente não nos criou não, fomos criados com a mãe.

- Com a mãe só e ela faleceu muito nova?

- Faleceu muito nova.

- E aí a família que ajudou a cuidar de vocês?

- Aí, ficou...

- Ou separaram os irmãos?

- Aí, aí, começamos, separamos, né. Teve uma irmã minha, que essa que tá no Maranhão agora, ela foi morar com um tio da gente, entendeu? E eu, eu sempre fiquei mais com meus tios também, né, a gente morava e a minha, quando faleceu, deixou a casa, né, a gente morava.

- Isso lá na cidade de vocês?

- Isso lá ainda. Aí, também foi a época logo que eu comecei a sair, né, e ir pra São Luiz, aí, fiquei morando lá, com uns parentes também. Fiquei lá.

- Aí, foi se virando?

- Fui me virando. Comecei, aí, comecei a trabalhar na obra, aí, foi a época, que, eu, é, teve o concurso da polícia, aí, eu fiz e graças a Deus, eu passei, né. Aí, fui.

- O senhor foi policial quanto tempo?

- Rapaz, eu não lembro.
- Mas foram vários anos?
- Foi, um bom tempo.
- E o senhor gostava de ser policial?
- Isso que eu ia te falar, então, eu tô nessa hoje, por quê? Até minha esposa, às vezes, fala "ói, tá acontecendo isso contigo, por quê? Porque você quer".
- Oi, Ana. Tudo bom?
- (Neta) - Tudo.
- Tá grande hein.
- Tá. Aí, ela sempre, sempre passa, sempre fala isso pra mim, "ó, tu tá nessa aí porque quer, porque era pra tu tá aposentado hoje". Mas, eu digo, "ah".
- E, na época, que o senhor largou a polícia lá, pra vir pra cá, ela não achou ruim não, sua esposa?
- Não, porque a gente tava tudo mais, mais, mais novo, né, e aí, ela não me reclamava não, hoje, ela reclama, hoje, ela me fala essas coisas aí assim, né. E eu falo "rapaz, é, é", às vezes, eu fico calado, nem comento nada, nem comento, porque eu vi, eu vi que eu vacilei mesmo, fiz besteira, né? Saí, hoje, até às vezes, mesmo eu fico pensando assim.
- Mas não era muito perigoso lá não, ser policial?
- Não, não, porque , na época, na época era bom demais, uai. Não existia ho, como tá hoje, porque hoje, antigamente, na época que eu fui policial, o cara via a gente fardado, o cara respeitava, hoje, você vê aí o que acontece. Bandido matando policial e ainda tem, é, a justiça nossa, ela é muito branda pro bandido. Ela dá mais, eu digo que ela dá mais apoio pro bandido do que propriamente pro policial, porque quando acontece do policial tirar a vida de um bandido, a repercussão é grande demais, a imprensa bate em cima até que o policial perde o emprego dele. O bandido mata o policial e só falou naquela hora ali e parou, ninguém fala mais nada.
- Entendi. Voltando aqui pro Recanto, é porque eu saí um pouco pra ver a história de vida do senhor até aqui, né. E sua esposa gostou de vir pra cá?
- Ave Maria, ela gosta daqui do Recanto demais.
- Mas ela só veio quando já tava a casa?
- Só quando já tava a casa? Inclusive, nós mudamos pra cá, na época que eu mudei pra cá, foi, eu tava bem ruinzinho mesmo ainda, que quando foi pra mim mudar pra cá, tinha uns amigos meus que trabalhavam na parte, em obra e tal e falou "bicho, nós vamos te dar uma força lá", que eu não podia mais tá faze, não dava conta de fazer nada,

nem podia pagar também, porque foi a época que, que eu trabalhava em Águas Claras, mas eu não era em carteira registrada não, trabalhava particular, ganhava mais né. E, "não, nós vamos lá te ajudar". Aí, foi que vieram, cobriram pra mim aí, colocaram portal, tudo, porta, tinha uns caras que trabalhavam de marcenaria, né, vieram e colocaram tudo aí pra mim. Eu lembro que até na época, eu tava com o dinheiro, eu fui dar pra eles depois, eles acharam até ruim, né. Falou "não, isso que você tá fazendo com a gente é, desculpe, mas é sacanagem. Nós falamos que vinha te ajudar e tu quer pagar a gente? Não. Se tu fizer isso, nós vamos ficar com raiva de ti". Aí, digo "não, então, beleza, valeu aí, muito obrigado", aí, ainda deixaram, eu só passei aí pra dentro, tranquilo. Já tava, como eu falei, tava rebocado e no contra-piso.

- E o senhor trabalhava com o que em Águas Claras?

- Eu era com, na obra mesmo, trabalhava lá.

- Pedreiro também?

- É, trabalhava na obra.

- E eles eram colegas do senhor lá?

- Não, eles trabalhavam em obra também, só que eram vizinhos meus, era colega assim, vizinho, que morava na mesma rua que eu em Samambaia, só que eles trabalhavam em empresa, carteira registrada, eu não queria, né. Porque você trabalhando no particular, ganha mais, né.

- Pensou naquele momento?

- Só, que aí, é onde que vem os problemas, né, porque, quando houve esse negócio do assalto, que eu fui baleado, que eu fiquei sem condições de trabalhar, quem era que podia me amparar era o INSS, como é que, aí, eu fiquei de que jeito?

- Não tinha carteira, né?

- Ainda bem que a minha esposa trabalhava, né. Aí, eu fiquei um tempão aí sem fazer nada.

- E a esposa do senhor trabalhava de que?

- Ela numa empresa de nome, é, Formatos Engenharia, ela trabalhava na copa lá, de copeira.

- E ela tinha carteira assinada?

- Tinha. Ela trabalhou quinze anos na empresa lá, ela saiu, porque ela pediu pra sair.

- E os filhos do senhor, nessa época, já tavam trabalhando?

- Tavam não, só estudavam. Tudo nas cos, tudo ela aguentando e segurando a onda ali.

E eu sem poder fazer nada.

- Esse período que o senhor ficou se recuperando, sua esposa que ficou responsável por tudo?

- Ficou, ela que fazia tudo. Conta, conta a, ela que pagava tudo, era bem, um negócio bem complicado.

-Uma coisa que eu perguntou pra todo mundo, eu ia perguntar na parte do cerrado, mas emendou outro assunto. O senhor quando mundo pra cá, nesse começo que tavam só os lotes marcados, o senhor alguma vez chegou a ver ema por aqui?

- Não.

- Nunca viu?

- Nunca vi. Eu ouço muito o canto da siriema, porque tem um outro lado aqui, né, que, às vezes, eu não sei qual a época que ela fica cantando, porque desses tempos pra cá, eu não vi mais. Sempre tem o tempo que ela canta pra caramba do outro lado, porque tem umas chácaras aqui pra cá, do outro lado do córrego ali, e eu ouço só ela cantando, agora ema mesmo, eu nunca vi aqui não.

- Mas ainda dá pra escutar pelo menos o canto da siriema?

- É.

- Entendi.

- A siriema canta bem.

- Tem algumas pessoas que eu entrevistei, que são, assim, de 93, bem do comecinho do Recanto, que falam que ainda viram ema, que ainda tinha muito cerrado na época ainda.

- É, eu acho que foram as primeiras, porque o pessoal acha que o Recanto começou lá. O Recanto começou da entrada da Fazendinha pra cá, as quadras eram pequenas. Eu lembro que, quando eu vinha visitar o lote com o pessoal aqui, a gente entrava, tinha, você via uma parte de mato alto praquela banda de lá, tinha muito cerrado pra lá. Então, acho que naquela parte de lá deveria ter ema, né, mas eu mesmo nunca cheguei a ver não.

- Outra coisa, a Administração ajudou vocês aqui com alguma coisa na época que vocês ganharam o lote?

- Não.

- Deram o lote e depois disso não teve mais ajuda nenhuma?

- Não.

- Era cada um por sua conta?

- Até, inclusive, eu precisei aterrar esse lote aqui, porque eu fiz os vigamentos dele altos, aí, precisou de aterro, né? Aí, eu tentei conseguir até um cascalho na Administração, mas não foi possível, aí, eu tive que comprar. Comprei pra poder aterrar.
- Tiveram alguns moradores que me falaram que ganharam terra para aterrar o lote.
- Eu não consegui, comprei, inclusive, foi até a época que eles tavam encascalhando as ruas, aí, eu fui lá onde ficava o depósito do cascalho, aí, falei com o motorista, ela falou, "ó, você tem que falar com o encarregado aí", aí, eu fui, falei com o encarregado lá, o cara da, aí, ele falou "ó, se ele quiser levar". Aí, eu falei pra ele, eu lembro que na época eu comprei... Foi três caminhões de, não, dois caminhões de cascalho, paguei vinte reais. Cobrou dez reais em cada um. E é um cascalho bom, né, o aterro aqui todo o cascalho é bom, é cascalho de asfalto. Aquele bem, bem bom mesmo.
- Outro tempo, né.
- É.
- Essa parte de comércio, o senhor acha que por aqui tá bom?
- Comércio, o comércio...
- Ou precisa ir tudo muito pra lá?
- O comércio aqui, mercado, tá mais ou menos, agora tem que, teria que ter mais coisa aqui pra baixo, tudo que você quer tem que ir lá em cima, no início. Porque o comércio mesmo forte é lá, agora, aqui pra baixo, tá funcionando mesmo é só mercado, supermercado. Outros tipos de comércio...
- Farmácias?
- Farmácia também tem, tem, tem, só que teria que ter mais, né, pra ter concorrência, porque você, ou você se não quiser cair aqui, você tem que ir pra lá.
- Banco?
- Banco teria que ter mais aqui pra cá, porque tem Banco do Brasil só lá em cima, Caixa também.
- E essas lojas maiores?
- Não tem, Casas Bahia, Ricardo Eletro...
- Tudo pra lá?
- Tudo pra lá. Eu sei, que, bem, que, eu acho que eles não botam pra cá, porque não sei, porque eles achando que ou lá é melhor, ou porque é próximo, fica bem próximo, deve ser por isso, não sei.
- O senhor falou que teve dois assaltos no ônibus, né, mas fora essa violência que acontece no ônibus, de ônibus, tem muito ônibus, tem pouco?

- Ônibus tá uma porcaria. Tá deixando a desejar. Sábado mesmo, eu fui trabalhar, eu tive que pegar outro ônibus, porque o ônibus que eu pego na linha não passou. Ele passa cinco e cinco, eu tive que pegar um de cinco e vinte, descer no trecho 1 do SIA e atravessar de a pé. O ônibus aqui, ele é bom pro Plano Piloto, Setor O... P Sul, W3 Sul, 813.2, essa linha que vai pelo SIA aqui é a pior que tem, só tem dois ônibus que fazem essa linha pra lá. Se você perder um, já era.
- Então, tem algumas linhas que até que são boas?
- É, Plano é uma beleza, agora pro, Setor O é ônibus demais, é praticamente de cinco em cinco minutos passa um. Já pra onde é mais distante.
- Até construíram uma rodoviária nova aí?
- É, o terminal, que fizeram um terminal aqui pra baixo.
- É bom?
- Que tem um aqui e outro, nunca fui nesse terminal não. Tem um lá e um outro lá pro lado das 800s, 600s, pros lados de lá.
- Então, precisava melhorar muito?
- Precisa.
- Precisa de mais ônibus?
- Precisa de mais ônibus. Precisava não, precisa, tá precisando.
- Os ônibus tão novos ou velhos?
- Os ônibus são ônibus bons, né, mas nessa parte aí, deixam a desejar, porque. Aí, eu fico pensando, você vê na televisão, a imprensa batendo em cima de pirata, porque que tem pirata? Porque não tem coletivo, se tivesse o coletivo pra rodar, não tinha pirata. Porque é quem é que vai querer pegar o pirata, estar se arriscando no pirata que não tem seguro de nada? Então, eu acho que...
- Falta o governo fazer a parte dele?
- Teria que fazer. Eu até comento aqui, "rapaz, olha, eu gostaria até que esse pessoal, eu encontrasse com esse pessoal, um dia, pra eles me entrevistar e perguntar que que eu achava, que eu ia falar 'não, porque tem é de vocês estar perseguindo os piratas, vocês tem que ir nas garagens das empresas e mostrar a quantidade de ônibus, que tem lá dentro, parado, e passageiros nas paradas sem ter ônibus pra pegar". Porque eu, pra ir pro serviço, eu chego no serviço cedo, porque, eu pego o primeiro ônibus, se eu pegar o segundo ônibus, eu chego atrasado. Pra vir do trabalho pra cá, eu pego dois ônibus, porque não, o outro não passa, você não sabe o horário que ele passa. Teve um dia desses, que eu peguei o ônibus lá, eu digo "eu vou ver, só quero ver que horas esse

ônibus vai pagar". Eu peguei o ônibus lá oito e quarenta da noite, vinte horas e quarenta minutos. Cheguei aqui em casa umas nove e quarenta, por aí, quase de horas.

- É difícil?

- É complicado.

- Bom, seu Manoel, a maioria das coisas que eu tinha pra perguntar pro senhor, como é que era aqui no começo, como é que o senhor foi construindo. O senhor falou que fez o barraquinho primeiro nesse tempo que ainda tava levantando?

- Foi, eu foi um barraquinho e tal, guardava o material, pra ir construindo, porque, eu até me arrependo, depois que eu fiz essa casa assim, que eu peguei de trás, porque o lote aqui é pequeno demais, que eu deveria ter deixado uma área lá atrás, eu não deixei.

- O senhor diz tipo um jardinzinho, um gramadinho?

- É, era pra mim deixar, eu fiz essa área aqui, quando eu tava fazendo isso aqui, eu comentei com a minha esposa, falei "não, ó, nós vamos ter que cobrir isso tudo", ela "não, tem que me deixar minha área aqui no meio, pra mim estender minha roupa". Eu falei "tá bom". Na primeira chuva que deu, aí, depois ela "é, não vai dar certo aqui não". A água cai ali, vai passar aqui por dentro, que que adiantou fazer a área praqui?

- Entendi.

- Não adiantou, porque chove...

- E a água desce.

- Isso aqui desce tudo pra cá pra dentro, aí, ela, "é rapaz, ó, é, tá ruim assim", eu digo, "não te falei". Aí, agora, vai ter que cobrir.

- Entendi.

- Vai ter que cobrir. Até chamei um rapaz pra fazer um orçamento pra mim aí, porque eu quero cobrir aí, mas eu quero deixar é claro no meio ali, então, eu vou ver se eu coloco aí o policarbonato.

- Pra passar a luz?

- Pra passar a luz. Aí, vai ficar bom.

- Bom, e assim, seu Manoel, e afora isso, tem alguma história, tem alguma coisa que aconteceu com o senhor aqui, que o senhor acha que é importante falar? Sobre o Recanto? Ou sobre a vida do senhor e da sua família aqui?

- Não, não, o que eu tenho pra falar da minha vida e da vida da minha família é que, depois que nós mudamos pra cá pro Recanto, mudou, assim, não vou dizer que ficou cem por cento, mas ficou noventa e oito, por aí, ficou, entendeu? Ficou muito bom pra gente, porque na época que nós morávamos na Samambaia era bem complicado, bem

complicado, porque depois, o pessoal dono do lote também quiseram uma parte da frente, quiseram mudar, aí, a gente ficou mais complicado pra gente, entendeu.

- O lote lá em Samambaia era maior do que aqui? Ou era mais ou menos o mesmo tamanho?

- Eu acho que, eu acho que se for calcular em termo de metragem, acho que deve dar, acho que a mesma metragem, que lá pare, é sete e meio por... Por quanto, meu Deus do céu? Não sei se é sete e meio por dezesseis ou é por dezoito?... Eu não lembro, eu acho que, se eu não tô enganado lá é menor do que aqui, parece que é sete e meio por quinze, aqui é, é, sete e meio, não? Lá é, seis, seis, eu esqueci a metragem de lá, mas e for calcular, lá é menor do que aqui, o lote.

- E daqui é quanto a metragem?

- Esse aqui é quinze por sete e meio.

- Quinze por sete e meio.

- É.

- Entendi. E lá era menor, um pouco menor...

- Eu acho que era um pouco menor do que aqui.

- E aí, tinha a casa e o pessoal ainda fez outra?

- Fez outra na frente, aí, ficou bem complicado pra gente, entendeu, bem ruinzinho, aí, depois que nó mudamos pra cá, maravilha, graças a Deus.

- Mas o senhor falou que mesmo assim, o senhor gostava muito de Samambaia?

- Gostava, na época, foi o primeiro lugar que eu morei foi lá. Quando eu vim, é, de mudança, foi pra lá. Então, só na Samambaia, eu morei o que? Quinze anos. Morei quinze anos na Samambaia, então, eu gostava muito de lá. Por isso, que eu tentei vender aqui, mas eu não consegui vender, então.

- De quando o senhor chegou? O senhor chegou em 91?

- 91.

- Aí, o senhor morou lá até 2006 mais ou menos?

- Foi por aí. Eu sei que foi quinze anos que eu morei lá, quinze anos. Tudo no mesmo lugar.

- Então, eu acho que é isso, seu Manoel. A menos que o senhor queira me contar alguma coisa.

- Não, não, porque, eu não tenho, assim, é, comentários, porque, o que eu tinha que comentar, era sobre o negócio da segurança, né, da saúde, que, é, tá precária, você vai no posto aqui, pra conseguir uma consulta é bem complicado, entendeu.

- É muito difícil? Até construíram essas clínicas da família aí...
- Mas não funciona.
- O pessoal me falou que não tem médico.
- Não funciona. UPA? Não tem médico. Então, é isso.
- Várias moradoras que eu entrevistei falam que precisava mesmo era um hospital aqui, né.
- É o necessário, porque tudo que você quer, hospital, exame, você tem que se deslocar do Recanto. Você tem que ir ou pra Taguatinga ou pra Samambaia, você vai, não tem médico, de acordo com a necessidade que você vai precisar, ou clínica médica, ou ortopedia, uma clínica geral. Você tem que se deslocar daqui. Aí, você chega no hospital, não tem, essas, não tem. Aí, é complicado. Teve uma época dessa aqui, que eu fiquei ruim aqui, não sei o que eu tava sentindo... Acho que foi a coluna que eu machuquei. O pessoal "não, vai pro hospital", "eu vou fazer o que no hospital? Vou ficar no hospital vou ficar é mais doente, porque não tem médico. Vou ficar em casa, vou tomando o remédio até curar". Aí, não fui no hospital.
- Tudo cheio lá?
- Tudo cheio.
- Não tem nem lugar pra por as pessoas.
- Pois é.
- Só uma coisa, que eu fiquei aqui agora, que o senhor falou que morou quinze ano em Samambaia. Então, tem mais ou menos uns dez anos que o senhor mora aqui?
- É, é por aí.
- Nessa faixa?
- De nove a dez anos que eu mudei pra cá.
- Não, seu Manoel, então...
- Eu, é porque eu não decoro bem essas coisas, a minha esposa, ela sabe tudo. O dia, a hora, acho que até a hora ela sabe de quando a gente mudou pra cá.
- Entendi, ela é mais atenta pra essas coisas?
- É, eu não ligo muito pressas coisas não. Tem hora que eu fico conversando com ela aí, "rapaz", pessoal, "seu Antônio, o senhor tem seis filhos, qual a idade dos seus filhos?" Eu digo "rapaz, nunca me atentei pra isso não", não me atento muito pra essas coisas não.

- O senhor falou, por exemplo, que o senhor começou a construir, o pessoal ainda ficou lá, esse processo aqui de construir a casa até o povo vir, a família do senhor vir, que o senhor ficou construindo, demorou mais de um ano?
- Demorou, demorou mais de ano.
- Então, tem um tempo que o senhor ainda morava em Samambaia, que a família tava lá, mas já tava morando aqui de certo modo?
- Tem. É, porque eu tava vindo, eu sempre eu vinha, às vezes, teve um, às vezes, eu dormia aqui com a minha esposa, que a gente fez um barraquinho, a gente dormia aí.
- Mas os meninos ficavam em Samambaia?
- Ficavam lá.
- Eles estudavam lá?
- Estudavam lá na Samambaia. Quando nós mudamos pra cá, ainda teve alguns, que continuaram estudando lá. Todo dia, eu ia buscar na parada. "Tô saindo daqui", aí, eu ia pra parada esperar eles.
- Então, tem quinze anos em Samambaia, dez anos aqui, mas tem um meio-campo aí de uma transição, meio lá, meio aqui.
- Tem, pois é.
- Entendi. Bom, seu Manoel, eu vou entregar o documento aqui pro senhor, eu tenho que assinar e o senhor tem que assinar. Ah, só um último detalhe mesmo. O senhor é nascido em que ano, desculpe?
- 06 do 06 de 57. Eu lembrei aqui na hora...
- Uai. Então, hoje é aniversário do senhor?
- É.
- Ué, meus parabéns, uai. Então, por isso que o senhor sabia a data certinha de que dia era hoje.
- Não, mas deixa eu falar uma coisa aqui pra você, o seguinte. Eu falei não é porque eu lembro, tem vezes que eu esqueço minha data, tem vezes que os meninos é que me lembram, já passou o que? Uma semana, eu fico olhando no celular, né. "Mensagem?" "Parabéns", não sei o que, aí que eu vou me lembrar, "vixe, ói". Aí, tem uma menina minha que sempre, no meu aniversário, trás presente pra mim, tem vezes que eu lembro quando ela trás, que eu vou lembrar, eu passo batido.
- Que coincidência boa.
- Pois é.
- É bom que eu pude dar os parabéns então também.

- Obrigado.
- Uai, seu Manoel, obrigado demais...
- Se eu lembrar de mais alguma coisa aqui...
- O senhor me avisa...
- É porque sempre, às vezes, na hora, sempre, eu lhe aviso.
- É que memória é assim, tem coisa que dispara a memória da gente.
- Tem algumas coisas que, às vezes, você fala "ô rapaz, é mesmo, eu devia ter lembrado desse negócio pra falar, tal".
- Eu não tenho palavra pra agradecer o senhor me contar um pouco da sua história pra eu poder usar no meu trabalho. Ano que vem eu tô aí de volta, a gente vai encontrar muito na escola ainda, né.
- Não, eu é que agradeço. O Marcos, o Marcos já tinha, "não, ele", eu "Marcos, obre o que é isso aí?" Professor Jorge, vamos entrar aqui pra você conhecer meu barraquinho.
- Ah sim.
- Tá meio bagunçado aqui, porque sabe como é, né? Pode, pode.
- Ah, mas é muito bonita a casa, seu Antônio.
- Tá meio bagunçada aqui ainda. Aqui é o quartinho meu mais da dona encrenca. Aí, olha como eles deixam a bagunça aqui, o quarto dos meninos aqui, o banheirinho nosso aqui.
- É três quartos a casa então?
- É, esse aí é o quarto do meu filho. E aqui é nossa cozinha e a nossa areazinha ali.
- Ah, mas tá bom demais. Bem distribuída a casa.
- Aí, pois é.
- Cozinha grande.
- A grandeza daqui é porque a mulher encrencou com aquela mesa, "não, eu não quero aquela mesa aqui mais não, bota pra lá".
- Sonho da minha esposa era uma cozinha grande, porque a nossa...
- Cê viu o tamanho do negócio do fogão aqui ó? Foi maior vacilo que eu dei foi isso aqui ó. Se tiver alguém na pia aqui, não pode passar.
- Porque ficou estreito.
- Aí, meu filho disse que não sei se vai casar, aí, quando ele, eu vou aumentar a cozinha pra cá e depois fazer dois banheiros aqui, fazer um pro quarto e outro aqui.
- E os netos todos naquele quarto ali?
- É, eles ficam lá.

- E como tá lá na escola, Ana?

(Neta) - Tá bem.

- Porque eu pretendo ainda, aqui, daí pra cá, fazer uma parte pra mim morar aqui em cima, aqui ó. Comprei a caixa, fiz o pé e não botei em cima até hoje.

- Então, o senhor ainda quer mexer naquele quarto se o seu filho sair.

- Daqui pra lá, eu vou fazer aí em cima. Dali daquela coluna pra frente aqui, já dá pra fazer um quarto e uma sala boa aí em cima aí.

- Dá.

- To pretendendo ainda, eu vou ver se...

- Então tem muita disposição pra mexer ainda.

- Eu vou ver se daqui pro ano que vem dá pra gente fazer isso aí. O próximo ano, daqui pro final do ano, ver como vai ser isso aí.

- Coisa boa.